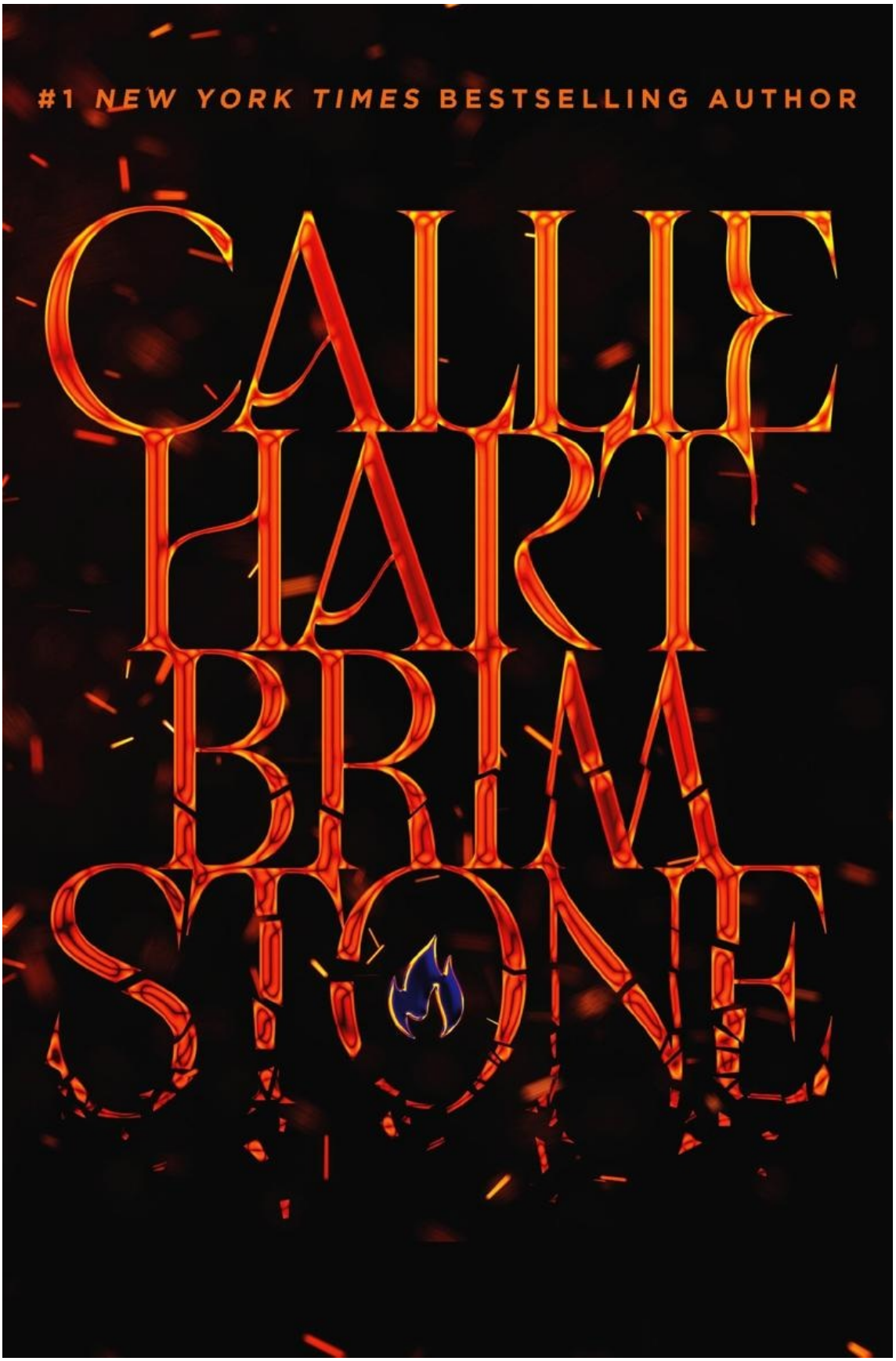
Brimstone: sequel to the addictive enemies-to-lovers romantasy global

Callie Hart


#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
CALLIE HART
BRIMSTONE

Índice

Sobre o autor

Título

Direitos autorais

Prólogo

1 Dentes do inferno

2 Salão das Lágrimas

3 doses

4 114

5 Deadstock

6 títulos

7 Casa

8 Faça as pazes

9 segredos escondidos

10 Rot

11 Paraíso dos tolos

12 Tal

13 Cidade de Prata

14. Sangue no leite

15 Vorath

16 O sangue

17 A porta escura

18 Irmão

19 Eu vou viver

20 Caçador

21 Daianthus

22 Observador de estrelas

23 Seu erro

24 Tria prima

25 Fundamentos

26 No final

27 O que está feito, está feito

28 Senescal

29 Fortunas do universo

Coleira de 30 cm

31 Vapor e fumaça

32 A questão sobre se inclinar

33 Sem arrependimentos

34 Completamente errado mesmo

35 Enxofre

36 Quem dera eu pudesse

37 Três minutos

38 Herdeiro de ninguém

39 Guardião de segredos

40 Julgamento

41 Processamento

42 Aurora negra

43 manchas escuras

44 Inishtar

45 Redenção

46 Intervalo

47 A menos que. .

48 Loucura

49 Quando mais precisamos deles

50 Cavaleiro

51 O óbvio. .

52 Promessas e esperança



Sobre o autor

Callie Hart é a autora best-seller do *Sunday Times* e número 1 *do New York* Times do fenômeno internacional *Quicksilver* , além de muitos outros títulos de sucesso nos gêneros dark romance e dark academia. Britânica expatriada, vivendo atualmente no exterior, Callie provavelmente pode ser encontrada isolada em algum canto de uma biblioteca, fantasiando sobre novos mundos empolgantes e os anti-heróis taciturnos que os habitam.

Livros de Callie Hart

Série Fae e Alquimia

Mercúrio

Enxofre

Série Pecadores Tortos

Riot House,

Regras da Revolta,

Lei da Revolta

Rebeldes de Raleigh

O Rebelde da Escola Raleigh

Vingança na Escola Raleigh

Imprudente na Escola Raleigh

Série Dirty Nasty Freaks

Aberrações Sujas

e Nojentas

Dueto Roma Royals

Rei Roma

Rainha Roma

Série Caos e Ruína

Coisas violentas,

coisas selvagens,

coisas perversas

Série Sangue e Rosas

Fratura

Desviante

Queimadura

Caída

Garantia Torcida

Série Dead Man's Ink

Resgate

Rebelde

Independentes

Rooke

Between Here and the Horizon

Calico

Vice

Requiem



Enxofre

Callie Hart

www.hodderscape.co.uk

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2025 pela Hodderscape, uma marca da Hodder & Stoughton Limited,

uma empresa da Hachette UK.

Direitos autorais © Cal ie Hart 2025

O direito de Cal ie Hart de ser identificada como autora da obra foi por ela reivindicado de acordo com a Lei de Direitos Autorais, Desenhos e Patentes de 1988.

Capa criada por Wil Stahle.

Capa © Hachette Book Group Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a prévia autorização por escrito da editora, nem ser distribuída de qualquer outra forma de encadernação ou capa que não aquela em que foi publicada, e sem que seja imposta condição semelhante ao comprador subsequente.

Todos os personagens desta publicação são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Uma ficha catalográfica CIP para este título está disponível na Biblioteca Britânica.

Livro em capa dura ISBN 9781399745475

ebook ISBN 9781399745499

Hodder & Stoughton Limited,

Carmelite House,

50 Victoria Embankment,

Londres, EC4Y 0DZ

www.hodderscape.co.uk

“O inferno esta* vazio e todos os demo,nios esta-o aqui.” — *A Tempestade,* William Shakespeare



GUIA DE PRONÚNCIA

TODOS

Saeris — Sair-iss

Rusarius — Roo-sar-ee-us

Omnamshacry — Om-nam-sha-cry

Isabail — Sim-sha-bahl

Belicon — Bell-eh-con

Oshellith — Oh-shay-lith

Taladaius — Tal-ah-day-us

Daianthus — Day-an-thus

Lorreth — Reverso

Cla- Balquhidder — Bal-kid-er (cla-)

Te Lena — Hoje Len-ah

Mundo — E bem

LUGARES

Zilvaren — Zil-var-en

Yvelia — Sim-é-sim

Cahlish — Chamado-ish

Sanasroth — San-az-roth

Gilarian — Gil-ah-ree-en

Lìssian — Liss-ee-an

Ammontraíeth –Ah-mon-tray-eth

Omnamerrin — Om-na-mer-in



PRÓLOGO

MARTIM-PESCADOR

O lobo era uma criatura versátil.

Adaptável.

Quando fazia parte de uma matilha, integrava algo maior do que si mesma. Tinha um papel a desempenhar e um lugar na ordem das coisas. Havia segurança em uma matilha.

Mas um lobo também poderia sobreviver sozinho.

Na escuridão da floresta, cercado por predadores por todos os lados, um lobo podia deslizar como uma sombra entre as árvores. Podia refugiar-se em recantos escuros, à espreita de suas presas.

Ele podia esperar que seus inimigos se acalmassem e revidar quando eles atacassem. .

Principalmente quando ele empunhava uma espada divina.

Eu estava preparada para o vampiro quando ele chegou. Ele vinha me seguindo como um fantasma pelos corredores ecoantes de Ammontraíeth desde que eu saí dos aposentos de Saeris. Eu o sentia lá fora, fervilhando. Esperando.

Ler os vivos não exigia grande habilidade. Havia aqueles que passaram séculos aprimorando suas capacidades de controlar os sentimentos. Era vantajoso manter os pensamentos e sentimentos em segredo como membro do mundo das fadas. Mas, por mais habilidosa que uma pessoa fosse em esconder seus sentimentos, seu corpo sempre acabava por denunciá-los. Era inevitável.

Emoções tingiram o sangue. Felicidade.

Raiva.

Tristeza.

Luxúria.

Cada um emanava sua própria energia. Uma vibração, por assim dizer. Da

mesma forma, cada um deles tinha seu próprio aroma. Os seres feéricos revelavam sutis indícios de seus humores, por mais habilidosos que fossem em mascarar suas emoções.

Os odores que os humanos exalavam podiam ser avassaladores às vezes. Os humanos *não eram* bons em controlar seus sentimentos. Eles sentiam tudo de forma tão rude, abertamente, sem se darem conta de como suas reações poderiam afetar aqueles com sentidos mais refinados.

Os mortos eram uma história diferente. Sem um coração pulsando, seu sangue era uma lama negra e estéril em suas veias. A única vez que um membro da Corte Sanasrothiana exalava algum odor era depois de se alimentar, quando a centelha de vida que persistia no sangue de sua vítima ainda ecoava com as emoções *que sentira* ao morrer. Como o mais tênue rastro de perfume que permanece após um abraço.

Uma hora atrás, minha cabeça estava impregnada com o cheiro de terra molhada enquanto eu estava sentada ao lado da minha companheira, ouvindo a melodia da sua voz enquanto ela bombardeava Tal com perguntas sobre a Corte de Sangue. Desde que acordara, ela estava incansável, tentando entender, se preparar, se aprontar para o que estava por vir. Os alicerces do nosso plano estavam lançados, e Saeris entendia o papel que tinha a desempenhar para executá-los.. mas estava nervosa.

Considerando que ela havia se tornado humana apenas alguns dias antes, já era muito mais habilidosa em reprimir seus sentimentos do que antes, mas meu faro era mais apurado que o da maioria. Eu pressenti sua hesitação. Era como o cheiro de pedra quente depois da chuva.

Eu estava absorvendo o cheiro dela, me afogando nela, quando detectei o *outro* cheiro.

O vampiro deve ter se alimentado de uma quantidade prodigiosa de sangue antes de se esconder, agachado na escuridão do lado de fora dos aposentos de Saeris.

Pedi licença, saí para o corredor e fui procurar a podridão.

Dois andares abaixo, adentrando as entranhas do Palácio Negro, encontrei-o com a ponta da minha lâmina.

O vampiro era belo. Possuía um rosto que poderia ter sido comum em vida, o tipo de pele que com o tempo poderia ter se tornado opaca e flácida. Mas na morte, ele havia sido preservado. Perfeito.

Maçãs do rosto altas. Um nariz aquilino régio. Seus olhos provavelmente já haviam sido azuis, mas agora brilhavam como opalas fantasmagóricas. Seus lábios se retraíram, expondo caninos brancos como osso e ferozes. Sua boca formou um " *O" surpreso* antes que pudesse emitir qualquer som.

Olhou para baixo, atônito ao encontrar Nimerelle enterrada até o fundo em seu peito.

“Você. . estragou o veludo”, ele sussurrou com a voz rouca.

Era verdade; a lâmina da espada divina havia rasgado um buraco de quase oito centímetros em seu colete de veludo preto. Dei de ombros, como que pedindo desculpas. "Um efeito colateral irritante de matar", disse com um suspiro. "As roupas do seu oponente também costumam não sobreviver ao processo. Mas você sabe bem disso, não é?"

Uma flor da morte desabrochava na frente de sua camisa, negra como tinta. O desgraçado teve a audácia de parecer ofendido ao me encarar. "Eu.. conheço esse problema, sim", disse ele com a voz rouca.

“Você não precisará mais se preocupar com isso”, eu lhe disse.

Eu já sabia, mesmo antes de ele surgir das sombras, que ele não viera em busca de briga. Com o resto do Palácio Negro ainda dormindo, ele nem deveria estar acordado. Este vampiro, em suas vestes suntuosas, com a barriga cheia de sangue inocente, viera em busca de algo que não merecia. Algo que só *eu* poderia lhe dar.

Ele se esforçou para manter o equilíbrio, tentando se agarrar a mim, mas suas mãos já estavam se transformando em cinzas. Quando falou, suas palavras eram secas como um vento do deserto. "Me desculpe. Eu simplesmente não consegui.. encarar.. "

O sol?

Fogo?

Fazer fogo não era tarefa fácil neste lugar. Um vampiro se transformaria em cinzas como um monte de gravetos secos ao encontrar uma chama. As lareiras ardiam com uma luz tênue em Ammontraíeth. As tochas nas paredes também. Esse miserável provavelmente nem conseguiria encontrar um fósforo aqui. E quem desejaria uma morte tão trágica, afinal? Não era uma morte fácil.

Tão dolorosa. Tão dramática.

As cinzas eram melhores.

Foi uma misericórdia.

“Você me salvou daquilo em que. . eu me transformei”, ele sussurrou, com a voz rouca. Havia gratidão em seus olhos. Alívio.

Inclinei-me para a frente enquanto ele se desidratava, certificando-me de que ouvisse cada palavra enquanto afundava em sua morte final. "Não faço isso por você. Faço isso por aqueles de quem você se banqueteou. Aproveite o inferno, carrapato."

Qualquer esperança de salvação que ele pensasse encontrar em mim desapareceu de seus olhos. "Eles vão. . *destruí* -la, sabe? Já.. se viu. Este tribunal. . vai.. cair.. com ela dentro." Seus lábios se contorceram, num sorriso de alívio ou num sorriso de desprezo, não consegui distinguir.

"Saeris está segura", respondi bruscamente. "Não vou deixar que nada lhe aconteça."

Mas o vampiro apenas riu. Risadas roucas e estridentes. Seu queixo ficou em brasa. Suas bochechas vieram em seguida. Sua voz se estilhaçou e falhou quando sua garganta se rompeu. Quando seus caninos se soltaram do crânio e caíram de sua boca, ele já não ria mais.

O vampiro desabou, não mais um vampiro. Seus dentes bateram no chão — *plim, plim!* — e ricochetearam para longe, escada abaixo, nas profundezas de Ammontraíeth.

Plink. .

Plink. .

Plink. .

O Palácio Negro era imenso. Eu já havia perdido a conta de quantos nobres eu havia eliminado desde que chegara ali. No início, havia pelo menos um ou dois filhos de Malcolm à espreita em cada corredor escuro de obsidiana, atraídos pelo calor do meu sangue. Contudo, os membros da Corte de Sangue logo perceberam que não eram páreo para a espada divina ou para o homem que a empunhava. Estavam dormindo agora, mas logo acordariam. E então, se soubessem o que era melhor para eles, se *esconderiam* .

“Ah! Aí está você!”

A figura ruiva estava parada no pé da escada, ofegante e sem fôlego. Ele olhou para baixo, arqueando uma sobrancelha para os dentes que pararam aos seus pés, embora não os tenha mencionado.

Voltou sua atenção para mim. "Você precisa.. vir. Rápido."

“Você não deveria estar fora dos seus aposentos, Carrion.”

O som se propagava de forma estranha ali. O ar estava denso. Zumbindo com um tom inaudível, roçava a pele. Minhas palavras saíram abafadas, mas foram ouvidas com clareza suficiente pelo contrabandista. Ele soltou um suspiro exasperado e subiu correndo os degraus, mas eu já estava me afastando, voltando pelo caminho que viera.

"Eu adoraria *estar* recolhida em meus aposentos agora, mas.. o crepúsculo está caindo. O palácio está despertando."

"Exatamente."

“Você pode *parar* com isso? Escuta. Eu estava olhando pela janela e vi alguma coisa—”

“Chama-se pôr do sol, Swift. Se quiser viver para ver mais deles, posso sempre acompanhá-lo de volta a Cahlish. Lá, poderá apreciar o nascer *e* o pôr do sol.” Eu podia manter a esperança. Ofereci-me repetidamente para levar o contrabandista para longe de Ammontraíeth — e também de Irrín —, mas o homem estava cada vez mais teimoso.

“Uma oferta tentadora, mas estou bem, obrigado.” Ele subiu os degraus correndo para me alcançar e agora estava logo atrás de mim, mantendo o mesmo ritmo.

“Ouso perguntar, mais uma vez, *por que* você insiste em ficar perambulando por Ammontraíeth como um mau cheiro?”, disparei. “Este lugar é um pesadelo.”

Carrion respondeu distraidamente: "Ah, sabe como é. Eu tenho meus motivos."

E ele podia *ter* seus motivos, contanto que nenhum deles envolvesse nutrir qualquer esperança de que Saeris fosse confessar seu amor eterno por ele. *Isso* não ia acontecer.

“Fisher, pelo amor de Deus! Vai com calma, por favor! Isso é importante!”

Soltei um suspiro sofrido, virando-me para encará-lo. "Isso é *realmente* importante, ou você só *acha* que é?" Carrion achava que todo tipo de coisa ridícula importava, quando na verdade não importava.

Ele arqueou as sobrancelhas, franzindo a testa para mim. "Não sei. Você considera a felicidade do seu parceiro importante?"

Encarei-o com um olhar frio. "Fale. Rápido."

Ele balançou a cabeça. "Precisamos.. de uma janela."

Quando a luz do sol podia matar, uma janela podia ser uma sentença de morte; não eram fáceis de encontrar. Achamos uma no andar de cima, com apenas trinta centímetros de largura e trinta centímetros de altura, o vidro fumê para bloquear parte dos raios solares.

A vista que proporcionava poderia facilmente ter sido estreita demais para revelar a origem da ansiedade de Swift, mas felizmente não era o caso. Examinei o estreito campo do horizonte, procurando. . terra queimada que se estendia entre Ammontraíeth e o rio, não encontrando—

Oh, *deuses* .

"A princípio, pensei que fosse um pedaço de neve", disse Swift.

Meu coração parou por um instante.

“Então eu vi que estava se movendo. Correndo. Rápido”, disse Carrion, ofegante.

Saí correndo a toda velocidade, ultrapassando Carrion e descendo as escadas a toda velocidade. O

contrabandista fez o mesmo. "Eu te encontrei o mais rápido que pude! Eu não sabia se. . se deveria contar a ela, ou. ."

"Cale a boca e corra!"

"O que. . o que você está fazendo?", perguntou ele, ofegante.



"O que você *acha que* eu estou fazendo?", rosnei. "Estou salvando a maldita raposa!"

Eu o deixei em Cahlish.

Não em Irrín.

Em Cahlish. *Do outro lado da montanha.*

A cordilheira de Omnamerrin era uma das mais traiçoeiras e letais de toda Yvelia. Suas encostas eram íngremes e praticamente impossíveis de escalar para um membro das Fadas. Eu só conhecia um punhado de guerreiros que haviam escalado seu pico irregular e sobrevivido para contar a história. Onyx nascera da neve e do gelo, mas nem ele deveria ter sobrevivido à travessia. Haveria avalanches. Elas o teriam soterrado, repetidas vezes. Ele teria que cavar para sair. Não teria comida.

Nem abrigo contra o vento cortante.

Ele havia deixado a segurança de Cahlish. Por *ela* .

Ele havia escalado a montanha. Por *ela* .

Ele havia se esgueirado por Irrín e atravessado o rio. Por *ela* .

E agora ele estava sendo perseguido pelos campos mortos de Sanasroth por uma horda de alimentadores. Ele devia estar cansado e pronto para desistir, mas ainda vinha. Por *ela* .

E *eu* não ia deixar aquela raposinha morrer de jeito nenhum.

Corri pelo palácio e desci correndo pelas Engrenagens — o assentamento de vários níveis que havia sido construído ao longo dos anos ao redor do perímetro do palácio. As ruas de paralelepípedos estavam vazias por enquanto, mas não por muito tempo.

Conta.

Eu precisava falar com o *Bill* .

Os cavalos detestavam Ammontraíeth. Não podiam ficar nos estábulos. Os nobres mantinham seus animais mortos lá, e um tratador faminto derrubaria uma parede com as próprias mãos para chegar à carne quente dos cavalos. Bill, Aida e duas outras éguas baia estavam alojadas em um anexo a cento e cinquenta metros do pátio principal, logo além do alto muro que cercava o nível mais baixo das Cogs. Quase arranquei a porta de metal do anexo das dobradiças para chegar até minha montaria.

Não me preocupei com freio nem rédea. Saltei nas costas nuas de Bill e o chutei para fora da baia.

Meu fiel amigo não precisou de duas instruções. Carrion nem tinha atravessado o pátio quando chegamos correndo pelas portas abertas.

"Voltem para dentro!", gritei.

" *Não!* "

"Deuses e malditos pecadores." Eu o praguejei em Fae Antigo enquanto galopava por ele, estendendo meu braço direito. O idiota agarrou meu antebraço e saltou, caindo nas costas de Bill atrás de mim.

"Você não vai perguntar onde eu aprendi a fazer isso?", gritou o contrabandista.

"Não", respondi secamente.

“Lorreth me mostrou!”

Se ele quisesse ser parabenizado, teria que esperar. Uma faixa de um quilômetro e meio de cinzas e xisto solto, na altura dos tornozelos, se estendia entre nós e a raposa. Normalmente, os cavalos tinham que escolher cuidadosamente o caminho sobre o solo instável e morto, mas não havia tempo para isso agora. Bill bufou e soprou, avançando em direção aos comedouros que se aproximavam; ele nem sequer hesitou.

“Isso mesmo. Continue”, sussurrei para mim mesma. “Obrigada. *Obrigada.* ”

Eu devia ter feito Carrion ficar para trás. Havia mais alimentadores correndo atrás da raposa do que eu havia percebido inicialmente. Vinte? Trinta? Mais do que eu poderia enfrentar sem acesso à minha magia deste lado do Deserto, e o macho era um contrabandista, não um guerreiro de sangue puro. O sol já havia se posto no horizonte. E se a luz estivesse fraca o suficiente para os alimentadores, não demoraria muito para que os nobres de Sanasroth acordassem. Sem uma escolta de volta pelo palácio, o idiota estaria morto em questão de segundos..

Estávamos ganhando terreno.

Mas os comedouros também eram.

Eles estavam sempre famintos, e provavelmente fazia uma eternidade que nenhuma criatura viva ousara cruzar as terras de Sanasroth. Os soldados irracionais de Sanasroth não deixariam essa oportunidade passar por nada.

Agora eu conseguia ver Onyx direito.

Suas orelhas de pontas pretas estavam achatadas contra a cabeça enquanto ele corria para salvar a própria vida. Ele se lançou de uma rocha, planando no ar, um raio branco contra a escuridão crescente, e então suas patas voltaram a tocar o chão firme, levantando um rastro de cinzas enquanto disparava.

"Vamos lá", sibilei entre os dentes. "Vamos lá. *Corra.* "

Menos de um quilômetro agora. A distância entre nós estava diminuindo. . mas a distância entre os comedouros e a raposa também. Ela estava cansada, eu percebia. Sua língua pendia para fora da boca, balançando como uma.. banner. O

branco dos seus olhos estava à mostra. A raposinha estava apavorada.

Eu não tinha percebido que Carrion estava agarrado às costas da minha armadura. Sem sela para se segurar, ele realmente não tinha outra escolha. Contive um palavrão irritado, inclinando-me para a frente e incentivando Bill. Ele foi mais rápido, mais rápido, sem nunca hesitar. Nem uma vez ele interrompeu o passo.

"Estamos quase lá!" bradou Carrion.

Cerrei os dentes com tanta força que minha mandíbula estalou. "Espere aí!"

Não havia como parar. Se parássemos, morreríamos. Agarrei um punhado da juba de Bill e rezei aos deuses que eu odiava pela segunda vez em menos de uma semana.

Salve a raposa.

Economize Bill.

Salve a raposa.

Economize Bill.

Por favor . . .

Uma espuma branca escorria da boca dos comedouros. Seus gritos descontrolados enchiam o ar enquanto nos aproximávamos, cada vez mais.

Salve a raposa.

Economize Bill.

Eles estavam bem em cima de Onyx agora. A um fio de distância. O mais rápido entre eles, um macho com uma camisa imunda e rasgada, avançou, tentando alcançar sua presa. Bill recuou, empinando e relinchando de terror. Seus cascos escorregaram no vidro vulcânico enquanto ele tentava desesperadamente se afastar da ameaça que se aproximava. As garras serrilhadas do alimentador roçaram o pelo da raposinha, e a raposa *saltou.* .

Carrion o pegou.

. .E então, prontamente, saiu de cima de Bill, deslizando para trás sobre os calcanhares.

Deuses e *malditos* mártires! *"Levante-se, Swift!"* , gritei. O príncipe de cabelos cor de cobre agarrou Onyx com força, tentando se levantar. Ele se moveu rapidamente, mas não seria rápido o suficiente.

Eu saquei Bil deu a volta nele, conduzindo-o em um círculo fechado, virando-o de frente para os comedouros, e o soltou de suas costas.

“Calma, amigo. Uau. Espere por mim”, sussurrei para ele. Então saquei Nimerelle, e a matança começou. A espada divina soltava fumaça negra enquanto cortava o ar. Onde eu a brandia, carne necrosada e ossos quebradiços se separavam como papel molhado em seu rastro.

" *Saque essa arma, Swift!* " gritei por cima do ombro.

Carrion estava de pé. Simon, sua espada divina, estava em sua mão. Onyx havia escapado de seus braços e agora se escondia entre as pernas de Bill, o que não ajudava muito a acalmar o cavalo. Bill, porém, permaneceu por perto, batendo os cascos e soprando, com os olhos revirando — com medo, mas querendo obedecer. A onda de alimentadores chegaria a qualquer segundo. "Cortem as cabeças deles!", gritei. "Não estrague tudo, Carrion!"

"Não vou!" Ele se posicionou ao meu lado, assumindo uma postura de prontidão, e fui surpreendido por um lampejo de surpresa. O jogo de pés estava lá. Quase. E quando os predadores famintos nos atacaram, ele não morreu imediatamente. *Chocante.*

Prata e aço feérico cortaram o ar, abatendo os desgraçados. Peguei a maioria. Os poucos que me evitaram e miraram em Carrion também caíram no chão. A maioria ainda tinha cabeça e continuava tentando matar o contrabandista, mas pelo menos ele os eliminou. Atrás de nós, Onyx soltou um guincho aterrorizado.
.

Sete alimentadores.

Oito . . .

Aos três Carrion que haviam sido abatidos, juntou-se um quarto.

Quarenta pés nos separavam da próxima leva de predadores. Agarrei Carrion pela nuca e o empurrei de volta para Bill. Tínhamos tido sorte até então, mas essa sorte não duraria para sempre.

Peguei Onyx no colo e pulei nas costas de Bill, puxando Swift para trás de mim.



Ammontraíeth erguia-se à frente — um punho cerrado com nós dos dedos no lugar de pináculos, emergindo da névoa em direção ao céu. Não um palácio, mas uma *fortaleza* .

Agarrei a crina de Bill, enviando uma última prece aos deuses, e cavalgamos como o vento.

O inferno estava desperto e rangendo os dentes quando chegamos às Engrenagens. Nobres e plebeus, todos espiavam por cima das muralhas de obsidiana que protegiam a pequena cidade aos pés de Ammontraíeth, seus olhos monstruosos cheios de julgamento e fome, enquanto Bill caminhava relutantemente de volta para o anexo. Lorreth estava lá nos esperando, braços cruzados sobre o peito, uma carranca profunda gravada em seu rosto. "Eu juro por todos os deuses. Você sai de um cômodo e diz que já volta. No instante seguinte, eu te vejo galopando pelos campos mortos, investindo de cabeça contra os mortos-vivos!"

Carrion gemeu ao deslizar para baixo, deixando Bill para trás.

"E *você* ? Está completamente louco?" Lorreth sibilou. Ele olhou para o contrabandista com os olhos semicerrados, como se pudesse realmente *enxergar* a estupidez nele.

“Não se importem comigo. Eu só matei quatro alimentadores e salvei a vida do Fisher.” Ele adotou seu tom despreocupado de sempre, mas havia uma nota de medo genuíno por trás disso agora.

Nossa experiência de quase morte havia surtido o efeito desejado nele, ao que parecia.

Eu ia matá-lo. "Você os mutilou, no máximo", disparei. "E no dia em que você *me salvar* em um campo de batalha, eu vou vestir um vestido e dançar uma giga." Ele poderia ter nos *matado* se tivesse me seguido até aqui. Ele tinha caído. Se algo tivesse acontecido com ele, o que aconteceria? Saeris teria ficado *furiosa* comigo.

Mas . . .

Onyx gemeu.

Ele tremia contra meu peito, encolhido em posição fetal, seus olhos negros e vidrados ainda cheios de medo. Seu pelo estava imundo. Havia sangue grudado em sua pelagem na pata traseira direita. Ele deu um ganido quando passei as mãos sobre o ferimento, claramente sentindo dor.

Haveria tempo para gritar com Carrion Swift mais tarde.

"Vamos lá", eu disse. "Vamos entrar logo antes que esses desgraçados resolvam dar uma mordida em um de nós." Olhei para meu amigo. "Alguma novidade sobre como encontrá-lo?", perguntei baixinho.

As narinas de Lorreth dilataram-se, um músculo saltando em sua mandíbula. "Não. Procurei por toda parte. Se Foley estiver aqui, não saberia dizer onde."

Uma pena. Precisávamos do Foley. Suspirei, reprimindo minha decepção. "Tudo bem. Bem, continuem procurando. Tenho a impressão de que não devemos desistir ainda."

"Quem é Foley?", perguntou Carrion.

Lorreth abriu a boca, a meio caminho de responder, mas hesitou, olhando para mim.

O universo poderia acabar e Carrion Swift não teria ficado sem perguntas. Mas, em seu lugar, eu provavelmente me sentiria da mesma forma. Inclinei a cabeça, desviando o olhar enquanto Lorreth explicava.

“Um amigo de outrora. Ainda um amigo. Um de *nós*. Perdemo-lo em Ajun.”

Saeris disse que Lorreth cantou uma balada sobre o Portão de Ajun, sobre a

batalha que ali ocorrera, mas que o mercúrio reivindicou a canção em troca de permitir que Avisiéth, a espada de Lorreth, fosse forjada novamente. Carrion perguntou sobre o Portão de Ajun desde então. Enquanto todos esperávamos Saeris acordar após o Beijo da Meia-Noite, Lorreth relatou muitas de nossas façanhas ao contrabandista. Ele falou do amigo que perdemos para o dragão. Só não lhe contou a história toda.

“Se você o perdeu em Ajun, então como. .” A testa de Carrion se franziu, a compreensão surgindo em sua mente. “Ah. Você o *perdeu* . Mas ele Ainda vive. Aqui?” disse ele, olhando para as paredes afiadas como navalhas do Palácio Negro que se erguia acima de nós.

— Sim — disse Lorreth. Era impressionante como uma única palavra podia conter tanta tensão. O

guerreiro pigarreou. — Vou destruir tudo se for preciso, Fisher. Não se preocupe. Eu resolvo. Vá.

Entre. Saeris estava fingindo coragem quando a deixei, mas estava em pânico. Vou dar uma mãozinha para o Bill e refrescá-lo. Mesmo enquanto falava, ele passou a mão pelo pescoço suado de Bill, dando-lhe um tapinha no ombro. Desci, tomando cuidado para não machucar muito a Onyx com as minhas botas.

Aterrissei suavemente, mas ele ainda assim gritou. Consegui sentir seus ossos através da pelagem.

Com o coração apertado, vi que suas patas estavam rachadas e sangrando.

"Você vai ter que segurá-lo", eu disse a Carrion, enquanto voltávamos em direção aos Cogs.

“O quê? Não consigo segurá-lo. Ele *não* gosta de mim.”

Rapidamente, saquei Nimerelle e girei a espada, erguendo-a para que Carrion a visse. "Quer carregar esta?", perguntei. "Você precisará das duas espadas divinas se *quiser* abrir caminho para nós de volta através das Engrenagens até o palácio."

O contrabandista empalideceu ao avaliar a espada. Na melhor das hipóteses, você acabaria com queimaduras graves se tocasse na espada divina de outro guerreiro. Na pior, poderia perder uma mão. Ou a vida.

"Vou ficar com a raposa", disse ele, olhando para Nimerelle com cautela.

Demorou mais do que eu gostaria para voltarmos aos aposentos de Saeris. Deixamos um rastro de dentes por onde passávamos, caninos correndo e ricocheteando nas ruas de paralelepípedos e depois nos pisos polidos enquanto subíamos cada andar do palácio. Quando finalmente estávamos em segurança atrás das portas fechadas do quarto de Saeris, eu já havia perdido a conta dos vampiros que matara, sangue negro manchava as roupas de Carrion e Onyx desmaiara de exaustão.

Saeris estava perto da porta, lágrimas escorrendo por seu rosto pálido e belo. Ela vestia um grosso robe preto com Bordados dourados elaborados nos bolsos. Sua expressão era de profunda angústia ao observar Onyx. "Deuses. Ele está bem?", sussurrou, como se estivesse com medo demais para fazer a pergunta por receio da resposta.

"Ele vai ficar bem", eu disse a ela. Meu Deus, como eu queria abraçá-la e tocá-la. Conhecia tão bem a curvatura de seus ombros. O jeito como as finas mechas de seu cabelo se enrolavam em suas têmporas. Conhecia a dureza e a resistência que ela ostentava como um escudo, mas ainda não havia conhecido sua dor. Era uma estranha intrusa que eu queria expulsar o mais rápido possível; sua presença no quarto me causava uma dor no peito.

Apesar dos ferimentos, a pequena raposa se contorcia nos braços de Carrion, determinada a finalmente chegar ao seu destino. Somente quando estava em segurança, aconchegada contra o peito de Saeris, a tensão pareceu abandonar seu corpo.

Ele tremia, ofegante, enquanto encarava Saeris. Ela havia amaldiçoado meu nome e mostrado os dentes a cada ameaça que enfrentara desde que a conheci. Mesmo quando a encontrei nos degraus do Salão dos Espelhos, morrendo por causa dos ferimentos que Harron lhe infligira, ela estava cheia de desafio. Agora, ela chorava enquanto embalava a raposa nos braços, e eu não conseguia suportar aquilo.

Estendi a mão para ele. "Aqui. Me dê ele", eu disse.

Os olhos de Saeris eram do azul pálido de um amanhecer de inverno rompendo sobre as montanhas.

Com o lábio inferior tremendo, ela me lançou um olhar interrogativo, mas não disse nada. Engoliu em seco, respirou fundo e me entregou Onyx.

Carrion havia sumido. Pela primeira vez, o ladrão avaliou a situação e desapareceu. Saeris me seguiu com os olhos arregalados, o coração batendo forte na garganta enquanto me observava levar a raposa até a porta que dava para a sua varanda.

Como o primeiro de todos os vampiros e rei da Corte de Sangue, Malcolm havia reivindicado estes aposentos uma vez, como era seu direito, mas não passara muito tempo aqui. Segundo Tal, ele dormia na torre acima de nós, sua paranoia o impelindo a se trancar. atrás de uma série de portas de ferro com sessenta centímetros de espessura enquanto ele dormia. Eu não conseguia imaginá-lo parado nesta varanda, ao ar livre, com o céu noturno repleto de estrelas sobre sua cabeça. Ele teria muito medo da própria sombra aqui fora..

Saeris estava radiante sob o luar. Seus cabelos chicoteavam como um estandarte na brisa fria. "Só. ."

Lágrimas brilhavam em seus olhos. "Se você precisa fazer isso, então pelo menos faça rápido."

Uma faixa de ferro apertava meu peito. Ela pensou que eu ia acabar com o sofrimento da pobre criatura. Ela pensou isso, e mesmo assim a entregou a mim. Ela confiou em mim para fazer o que precisava ser feito, para salvar seu companheiro da dor..

Balancei a cabeça, sorrindo suavemente. "Eu te disse. Ele vai ficar bem, Osha. Eu prometo."

Ajoelhei-me e coloquei a bola de penugem branca manchada de sangue no meu colo. Um par de olhos, negros e vítreos como azeviche, me encarava, arregalados e confiantes.

“A cura é uma magia pequena para mim”, sussurrei para ele. “Acho que é uma sorte para nós dois que você também seja pequeno.” Esperei que a corrente de magia aquecesse minhas palmas. Eu a usava para curar hematomas quando era uma Faeling. Usei-a para consertar um polegar quebrado, e isso quase esgotou toda a minha reserva de energia de cura. Quando era jovem, reclamava com minha mãe que meus dons de cura eram insignificantes, mas ela ria e bagunçava

meu cabelo.

“Nunca duvide dos seus poderes, querida”, ela me disse. *“Cada um deles é um dom. Cada um deles será exatamente o suficiente quando você precisar. Tenha fé em si mesma. Você* sempre será *suficiente.”*

Rezei para que ela estivesse certa enquanto segurava minhas mãos sobre a pata traseira ferida da raposa. A princípio, senti resistência — uma barreira que não cedia tão facilmente quanto aquela que se erguia entre mim e meu sombras. Mas acabou cedendo, permitindo que uma onda de dor me atingisse. Eu estremeci—

“O que é isso?” perguntou Saeris. “O que está acontecendo? O que você está fazendo?”

Onyx gemeu. Sua cabeça repousava na minha perna, seu cansaço transparecendo na conexão que eu acabara de criar entre nós. Ele estava exausto até os ossos, e sua perna pulsava de dor. Não estava quebrada, felizmente, mas fraturada. Ele vinha correndo com ela há *tanto* tempo.

“Fisher!”

“Um momento, Osha”, eu disse. “Confie em mim. Isso não vai demorar.”

Fechei os olhos e *puxei* . Alguns membros das Fadas não tinham acesso a magias pequenas. Uma magia pequena não fazia parte do direito de nascença de um homem ou mulher, como as minhas sombras. Era uma fonte de energia muito menor — uma fraca afinidade que uma pessoa poderia ter por uma linhagem específica de magia. Ao contrário da magia de nascença, a magia pequena era um recurso finito.

Minhas mãos tremiam enquanto eu buscava no fundo, procurando por cada resquício de magia curativa que ainda fluía dentro de mim. Assim que a visualizei ali, no centro do meu peito, despejei tudo em Ônix.

A raposa estremeceu e, em segundos, sua respiração ofegante começou a se acalmar. A dor que irradiava dela diminuiu até se tornar apenas uma leve pulsação na perna. Suas patas estavam curadas. O osso fraturado se consolidou. . mas não completamente. Eu não tinha magia de cura *suficiente* para curá-lo totalmente, mas foi o bastante. Ele conseguiria se recuperar sozinho.

A raposinha bocejou e depois deu um coice, querendo se livrar de mim. Seu pelo estava limpo novamente, o sangue que o manchava havia sumido. Seu mancar era quase imperceptível enquanto corria de volta para sua dona.

Os olhos de Saeris brilhavam de admiração e alívio enquanto ela se abaixava para pegá-lo. "O quê?

Mas.. como?" Ela riu enquanto a raposa se aconchegava em seu pescoço e lambia sua bochecha. "Eu não sabia que você podia se curar!"

Dei de ombros. "Não posso agora. Pelo menos não mais. Não era muito, mas dei a ele o que eu tinha."

Sua alegria diminuiu um pouco. "Mas.. se você tem magia de cura, ela não deveria simplesmente se regenerar? Como acontece com Te Léna?"

Com pesar, balancei a cabeça. "Algumas magias não funcionam assim, Osha." Eu explicaria isso a ela em outra ocasião. Ainda havia muita coisa que ela desconhecia sobre este reino, seu povo e sua magia. Mas isso podia esperar. Onyx estava muito melhor e havia parado de chorar. Por ora, era tudo o que importava.

"Então você sacrificou essa magia? Para ajudá-lo?" perguntou Saeris. Deuses, ela era tão incrivelmente linda. O luar pintava sua pele de prata, fazendo-a parecer que estava brilhando.

Assenti com a cabeça.

Ela parecia não saber o que dizer. Enterrou o rosto no casaco de Onyx por um instante, inalando seu perfume. Quando ergueu o olhar para encontrar o meu novamente, arqueou uma sobrancelha. "Por quê?", perguntou. "Por que fazer esse sacrifício?"

Antes, eu não teria respondido. Não teria conseguido mentir, então teria ficado calada. Mas tanta coisa aconteceu. Tanta coisa mudou entre nós. A verdade escapou com facilidade. "Você não sabe?

Não há muito que eu não sacrificaria para te fazer feliz, Osha. Um pouco de magia curativa é o mínimo."

Antes de Gillethrye, vínhamos flertando com a tensão entre nós há semanas. Agora, as Ligações Divinas marcavam suas mãos e seus pulsos. Estavam enroladas nos meus pulsos também. Éramos *um* do outro, ligados um ao outro, de uma forma estranha e emocionante.

Havia muito mais a ser dito.

O peso disso pairava entre nós.. mas a mulher por quem eu tinha tanto medo de me apaixonar apenas assentiu com a cabeça, tentando não sorrir. “Entendo. E eu pensando que você tinha mudado de ideia sobre Onyx.”

Tentei não sorrir também. Não conseguia desviar o olhar dela. Meu Deus, ela era incrivelmente linda. "Ah, não", murmurei baixinho. "Ainda acho que ele faria um chapéu ótimo."



1

DENTES DO INFERNO

SAERIS

O VESTIDO FOI feito para pecar.

Preto.

Sem alças.

Puro.

A fenda lateral era tão alta que não havia a menor possibilidade de eu usar roupa íntima. O tecido colava-se ao meu corpo como uma segunda pele, brilhando ao ser iluminado como se tivesse sido feito do próprio céu noturno. Longas luvas do mesmo material cobriam meus braços como se eu as tivesse mergulhado, até os cotovelos, em tinta cintilante. Aquilo não se parecia em nada com os conjuntos que Everlayne havia me vestido quando cheguei ao Palácio de Inverno. Era elegante.

Deslumbrante. *Dolorosamente* sexy.

Eu não reconheci a mulher no espelho de corpo inteiro do meu camarim. . e havia um motivo para isso. A estranha criatura que me encarava não era uma mulher. Não mais. Talvez um dia tivesse sido, mas agora era uma híbrida de fada e vampira, tocada pelos deuses.

Eu era o mesmo de sempre, e ao mesmo tempo não era. A imortalidade talvez tivesse separado a carne dos ossos dos outros, tornando-os esguios. Ela havia preenchido as partes de *mim.* que Zilvaren havia deixado morrer de fome. Minhas maçãs do rosto estavam mais arredondadas agora, meus lábios mais carnudos. Quadris, seios, bunda: eu já tinha tido os três antes, mas agora eu os tinha *de verdade* .

Como acontecia sempre que me olhava no espelho nas últimas quarenta e oito horas, meu olhar se detinha nas pontas das minhas orelhas pontudas, que despontavam por entre as ondas escuras do meu cabelo. A realidade parecia se distorcer e voltar ao normal sempre que eu as via. No fim, eu era exatamente como a mãe de Fisher havia me desenhado.

Isso foi real.

Eu era *uma fada* .

Eu era *um vampiro* .

O som de uma voz vinda do fundo da sala quebrou o silêncio. "Bem, suponho que, se ninguém mais vai dizer, então *eu* direi. Você está absolutamente irresistível, Saeris Fane."

Virei-me, com uma expressão de desagrado, já me preparando para as consequências que se seguiriam àquele comentário.

Três homens ocupavam o grande vestiário comigo, cada um deles exalando tanta testosterona que o ar parecia impregnado dela.

Junto à grande janela, os últimos raios de sol tingiam os cabelos prateados de Taladaius e delineavam seus traços em tons dourados. Eu conseguia sentir suas emoções agora. Estava conectada a ele de uma forma que não me agradava. Às vezes, ao cair da noite, eu o sentia acordar do outro lado do palácio, e sua tristeza me deixava sem fôlego. Meu criador estremeceu ao ver o homem do outro lado da sala, esparramado em uma chaise longue como se fosse o dono daquele lugar maldito. "Você está louco?", perguntou ele. "Não conheço uma única pessoa tão estúpida a ponto de dar em cima de uma fêmea recém-ligada, muito menos de uma fêmea *ligada a um Deus* . Mas fazer isso bem na frente do companheiro dela? Na frente dele *?* ", acrescentou, apontando com o queixo para o último homem encostado na parede perto da porta.

Fiz uma pausa antes de me permitir olhar para *ele* .

Parei antes mesmo de me permitir pensar em seu nome.

Martim-pescador.

Meu camarada.

Os cabelos escuros e ondulados de Fisher caíam sobre seu rosto, espetando-se ao redor das orelhas.

De alguma forma, haviam crescido mais nos últimos dois dias. Ele também se sentia maior. Mais alto, mais forte, sua presença ainda mais imponente. Estava armado até os dentes, vestido de couro, com sua gola sempre presente reluzindo em seu pescoço. Tentáculos de sombra e areia negra brilhante se enroscavam entre seus dedos, circulando seus pulsos. Desciam por suas pernas e se espalhavam pelo tapete macio como serpentes à caça, em direção à chaise.

Eles tinham chegado à cadeira e estavam subindo pelas pernas em direção a Carrion quando soltei um suspiro, cruzando os braços sobre o peito. " *Fisher.* "

Seus olhos brilharam ao ouvir minha voz. "Hum?"

"Parar."

Suas narinas se dilataram, sua mandíbula se moveu. " Não *posso* fazer nada se ele não quer viver."

Carrion se endireitou com dificuldade, quase derramando sua bebida no processo. Estava em seu quarto uísque, embora não parecesse estar em pior estado por causa disso. Tudo fazia sentido agora

— o número de vezes que ele havia embriagado os outros clientes da Casa de Kala. Os Fae podiam beber até a inconsciência se quisessem; bastava que desejassem e, em seguida, estavam sóbrios como um juiz. Desde que o conhecia, Carrion escondia sua linhagem. O encanto que o pai de Kingfisher lhe lançara quando bebê o acompanhara por toda a vida, ocultando sua verdadeira aparência. Para ser justo, ele sempre fora alto. Mas suas orelhas eram arredondadas, seus traços menos esculpidos e angulosos, sua estrutura não tão larga. A *realidade* dele estava levando um tempo para ser assimilada.

Graças ao seu encontro com Malcolm no labirinto, o encanto havia desaparecido, e o homem finalmente era seu eu natural e verdadeiro.

"E *eu* não posso fazer nada se você não está se desdobrando para elogiar sua namorada", retrucou Carrion, erguendo seu copo em direção a Kingfisher.

Meu Deus. *Isso* vai ser ruim.

Os fios de sombra e areia transformaram-se em cordas. Subiram pela chaise longue, agarrando os pulsos e a garganta de Carrion, atirando-o de volta para a almofada de veludo amassado atrás dele.

Seu uísque voou pelos ares. Fisher não fez nada para impedir que o copo atingisse o tapete, quicasse e rolasse pelo chão, derramando seu conteúdo por toda parte.

Não contente em atacar Carrion apenas com sua magia, Fisher estava com os punhos cerrados e se movia com determinação pelo vestiário, com um olhar assassino em seus belos olhos verdes.

Meu peito apertou. *"Fisher!"*

Por sorte, Taladaius interveio, bloqueando o caminho do meu companheiro antes que ele alcançasse o contrabandista. Ambos eram altos. Tão largos quanto ele.

Tão temíveis. Eram semelhantes em muitos aspectos. Mas enquanto meu companheiro era pura escuridão e introspecção silenciosa, Taladaius era leve, seu humor frequentemente mais ameno do que deveria ser. Havia contrapesos, talvez. Faces diferentes da mesma moeda? Mas também moedas diferentes.

Vampiro.

Fada.

Fabricante.

Amigo.

O vampiro colocou a mão no ombro de Kingfisher, lançando-lhe um sorriso forçado. “Posso ser considerado iluminado entre os meus, Fisher. Mas os outros que se reuniram aqui esta noite. .” Ele fez uma pausa, arqueando uma sobrancelha para dar ênfase. “ *Não são* . Derramar sangue vivo, mesmo aqui na câmara de Saeris, é pedir para sofrer muito. Garantir a sua segurança aqui já é bastante difícil.”

A expressão de Fisher era impassível. Ele não parecia minimamente preocupado com o aviso de Taladaius. Lentamente, olhou para a mão de Taladaius repousando em seu ombro, como se o ponto de contato entre os dois estivesse prestes a explodir em chamas. "Você não está *garantindo* nada", disse ele em voz baixa. "Não estou aqui por benevolência de ninguém. Estou aqui porque minha companheira está aqui. Para onde ela for, eu vou. E se mais algum dos seus irmãos quiser me atacar, acredite, estou *totalmente* a favor. Esperei uma eternidade para me encontrar na mesma sala que esses idiotas arrogantes."

Taladaius cerrou os dentes, soltando um longo suspiro antes de falar novamente. "Sabe o que aqueles idiotas arrogantes conseguem farejar ainda mais do que sangue?"

Kingfisher afastou a mão de Taladaius com um tapa, rosnando baixinho. "Não tenho *medo* , Tal."

“O medo *será* sua ruína lá fora”, disse o vampiro, rangendo os dentes. “Se você se preocupar com ela, mesmo que por um segundo, eles *saberão* e aproveitarão a oportunidade para destruí-lo.

Enfraqueçam o domínio dela. Expulsem-na—”

“Hã?” Um gorgolejo veio da chaise atrás deles, onde as sombras de Fisher ainda estrangulavam Carrion. *“Socorro?”*

“Deuses e mártires, parem com essa pose, todos vocês! Fisher, solte Carrion. Taladaius.. ” Soltei um suspiro exasperado. “Quanto tempo temos antes de precisarmos ir lá fora?”

Ajeitando o elegante paletó preto que vestia, Taladaius recompôs-se, mas seus olhos brilhantes permaneceram fixos em meu companheiro. “O sol se pôs. Eles já estão reunidos. Se não formos logo, dirão que você abandonou sua reivindicação.”

"Eles fariam isso?"

“São burocratas”, respondeu ele.

Finalmente, Kingfisher libertou Carrion do domínio de sua magia. "São *monstros* ", retrucou ele.

“São sim”, concordou Taladaius. “É por isso que temos tantas regras e por que as seguimos com tanta veemência. Nossa corte seria um caos sem elas. A tradição deve ser honrada. As leis dos cinco devem ser obedecidas. Mesmo pelas *rainhas* ”, enfatizou ele. “Só depois de colocar aquela tiara na cabeça é que ela estará em posição de efetuar mudanças. Mudanças que beneficiarão *toda* Yvelia.”

E ali estava. O ponto crucial de tudo isso.

Naquele labirinto, eu não matei Malcolm por sua coroa. Fiz isso para me salvar. Por vingança. Pelo meu companheiro. Eu não pedi para me tornar rainha desta corte odiosa. Se dependesse de mim, já estaríamos de volta a Cahlish, comemorando a morte do rei dos vampiros. Mas então, onde estaríamos? Com outro lorde vampiro ascendendo ao poder, deixando Yvelia em uma situação potencialmente pior do que já estava.

Nas últimas quarenta e oito horas, tive um curso intensivo sobre a política da corte vampírica. E, ao contrário daquela vez em que assisti a uma palestra na biblioteca do Palácio de Inverno, desta vez prestei atenção.

Cinco lordes vampiros governavam sob o monarca vampiro — os Lordes da Meia-Noite — dos quais Taladaius era um. Independentemente do sexo, eles sempre foram chamados de Lorde, e aparentemente isso não mudaria tão cedo. Eu ainda não havia conhecido os outros Lordes e, sinceramente, não tinha nenhum desejo de conhecê-los. Pelo que me disseram, eles eram selvagens, impiedosos e sedentos de poder, e qualquer um deles arrancaria minha cabeça por uma chance de tomar a coroa. Eles estavam presos à Lei da Ascensão, porém. *Precisavam* me reconhecer primeiro antes de tentarem roubar meu trono. E se me reconhecessem, teriam que me obedecer. Pelo menos por um tempo.

Isso significava que havia uma janela de oportunidade. Uma chance. Uma oportunidade para parar a guerra que assolava o país há séculos. Para pôr fim à matança. Reivindicar o trono era a maneira mais rápida de parar. O pesadelo sem uma maré de sangue manchando a terra das montanhas ao mar.

Eu não era daqui. Não nasci aqui. Yvelia não era meu lar, mas eu entendia o sofrimento e não me era estranha a morte sem sentido que se abate sobre os fracos e vulneráveis. Se eu pudesse fazer algo para ajudar a pôr fim ao derramamento de sangue aqui, eu faria. Eu tinha que *tentar* , pelo menos. E

podem chamar isso de otimismo exagerado, mas eu ainda tinha *esperança* nos membros da Corte de Sangue. Esperança de que eles pudessem ser redimidos.

"Alguém mais consegue ouvir isso?" A voz de Carrion estava rouca por causa do estrangulamento que acabara de levar. "Ou meu sangue ainda está pulsando nos meus ouvidos, ou a horda está vindo

em debandada para cá." Tirando um pouco de vermelhidão no pescoço, ele parecia ileso. Nem sequer se mexeu quando Fisher passou por ele em direção à porta, suas botas batendo pesadamente no tapete.

“Estão chamando-a para fora”, disse ele, com a voz embargada.

“Então é isso. Precisamos ir”, disse Taladaius.

Mas Fisher voltou e parou diante de mim, ignorando meu criador. Sua figura imponente preenchia minha visão. Cabelos escuros, queixo forte e belas tatuagens. Não faz muito tempo, eu sonhara com ele tão perto de mim. Meu coração tolo o desejava mais do que meus pulmões desejavam ar.. e agora que ele era meu e eu dele, minha necessidade por ele só aumentara. Ele salvara Onyx

por mim.

Arriscara a vida por mim e, pelo olhar em seu rosto agora, não hesitaria em fazer tudo de novo. As tatuagens em sua pele se moveram enquanto ele engolia em seco, os músculos da garganta se contraindo. "Você não precisa fazer isso", sussurrou ele. "Existem outras maneiras de alcançarmos nossos objetivos."

Ela está aqui. Aqui. Aqui. .

Ignorei o sussurro que invadiu meus ouvidos, recusando-me a dar-lhe atenção. Não aqui, e não agora. Não era a primeira vez que ouvia o mercúrio desde que acordara no palácio após minha transformação. Sabia que não seria a última.

Voltei minha atenção para meu companheiro, estendendo a mão e acariciando sua bochecha com a mão enluvada. O que eu não daria para sentir a aspereza de sua barba por fazer contra a minha palma. Pelos deuses. Que eu pudesse sequer *tocá* -lo assim. Que ele *fosse* meu, afinal. "Esses outros caminhos envolvem sangue, morte e fogo", respondi suavemente, uma resposta dirigida apenas a ele. Os outros podiam ouvir, é claro, mas fingiam educadamente que não.

Fisher se inclinou em direção à minha mão, fechando os olhos por um instante. "Acho que fazer esses desgraçados sangrarem seria uma boa ideia", sussurrou ele.

“Eu sei. Mas e as perdas que evitaremos dessa forma? E nossos amigos? E o povo de Cahlish? Como eles poderão retornar para suas casas se Sanasroth ainda estiver fervendo do outro lado do rio?”

Eu o tinha lá. Fisher amava seu povo. Ele odiava que eles tivessem deixado Cahlish quando Malcolm o prendeu naquele labirinto amaldiçoado pelos deuses. Se Fisher queria que seu povo voltasse para casa, eles precisavam de um lugar seguro para onde retornar. Fisher soltou um suspiro tenso, mas assentiu. "Tudo bem. Mas no momento em que você não quiser mais estar aqui—"

“Eu vou te contar, prometo.”

Ele inclinou a cabeça, desviando o olhar enquanto se virava e ia até o espelho, pegando em seguida minha espada de cima da cômoda, onde eu a havia deixado ao me trocar. Consolo era uma lâmina antiga — uma das poucas espadas divinas restantes que outrora fora imbuída de magia milênios atrás. Pertencera ao pai de

Fisher. A espada que imobilizara o mercúrio por uma era. A espada que eu retirara do mercúrio para me proteger, a qual acidentalmente reabrira os caminhos entre os mundos.

Agora estava ligado a mim. As espadas divinas eram leais e territoriais. Fisher teria arrancado a espada dela sem piedade. Ao tocá-la, ele não a tocou se não tivesse usado um pedaço de seda para pegá-la. Segurou-a reverentemente enquanto a trazia para mim.

"Você não pode estar falando sério. Isso vai arruinar *completamente* o look dela", disse Carrion, horrorizada.

“Ele tem razão.” Taladaius estava parado junto à porta, com a mão ansiosamente repousada na maçaneta. “Ela não pode sair com Solace presa à cintura. Ela precisa parecer majestosa. Não pode se dar ao luxo de demonstrar preocupação com a própria segurança.”

O olhar que Kingfisher lançou ao vampiro e ao contrabandista deixava bem claro que ele os considerava estúpidos. "Não me importo com a *aparência dela* . O que me importa é a capacidade dela de se defender."

“Então dê a ela outra coisa. Algo mais sutil. Algo que ela possa esconder. E, pelo amor de Deus, depressa.”

BOOM!

BOOM!

BOOM!

O som estava ficando mais alto, mais rápido, mais impaciente. Fisher hesitou, mas depois suspirou, colocando Solace na chaise. "Tudo bem. Ótimo." Com mãos hábeis, ele alcançou uma pequena bolsa em seu cinto e tirou um pedaço de corrente de prata fina. Enrolou-a em minha cintura, passando-a pelo meu quadril de modo que as pontas chegassem quase aos meus joelhos.

"Ela não precisa de um garrote", objetou Taladaius.

“Não é um garrote. É um cinto”, respondeu Fisher amigavelmente. Na minha cabeça, ele disse, *é um garrote.*

Tentei não rir.

Ele retirou uma de suas adagas da bainha presa à cintura e ajoelhou-se à minha frente. Levantou o olhar, nossos olhares se encontrando novamente, ardendo com uma miríade de emoções enquanto ele lenta.. cuidadosamente. . abria o tecido do vestido pela fenda, expondo minha coxa nua.

Taladaius ergueu as mãos para o ar. "Não há tempo para isso!"

“Ah, não sei. Acho que poderíamos reservar um *minuto* ”, disse Carrion.

Percebi que a irritação de Fisher aumentava, mas ele não reagiu. Seu toque deixou um rastro de fogo enquanto ele deslizava a mão pela minha coxa. Com a outra mão, pressionou a adaga contra a minha pele. A magia que fervilhava sob a superfície da minha pele registrou que, assim como a corrente que ele havia enrolado na minha cintura, a arma era de prata pura, mas não me queimava como queimaria Taladaius ou qualquer outro vampiro. Já havíamos descoberto que eu era imune aos efeitos da prata *e* do ferro. Talvez fosse porque eu não era totalmente uma coisa só — nem totalmente vampira, nem fada. Talvez fosse porque, além de tudo, eu era alquimista e ainda tinha afinidade com metais. De qualquer forma, eu era grata pela vantagem.

Fisher não tinha coldre nem bainha para a adaga, mas não precisava. Fios de fumaça negra se materializaram, deslizando sobre minha pele. Eram frios *e* quentes, e minha pele se arrepiou ao



sentir a pontada de seu poder. Ele estava desprovido da maior parte de sua magia ali — não podia abrir um portal e certamente não podia usá-la para ferir os habitantes da Corte de Sangue em seu próprio território —, mas ele *podia* fazer isso. Em um segundo, uma elaborada treliça de sombras e areia negra brilhante envolveu minha coxa, mantendo a adaga rente à minha perna. Era linda, como renda, delicada como uma teia de aranha salpicada de orvalho da manhã. Suas mãos repousavam ali, em minha coxa, fortes e calejadas, e—

Ele inspirou profundamente, balançando a cabeça enquanto se levantava. Suas pupilas estavam dilatadas quando olhou para mim. "Se algum deles sequer olhar de soslaio para você, enfie isso direto no peito deles."

"Eu sei como uma adaga funciona, Fisher." A maioria dos casais flertava trocando olhares ou elogiando as roupas um do outro. Fizemos isso discutindo a melhor maneira de assassinar nossos inimigos. Um sorriso doía nos cantos da minha boca, implorando para ser libertado. .

BOOM!

BOOM, BOOM, BOOM!

Fisher me ofereceu a mão. "Vamos lá."

“Espere. Eu—” Deuses. Havia tantas coisas que eu queria dizer, mas não tinha tido um momento a sós com ele por várias noites. Ele estava em perigo aqui. Graças às tradições arcaicas da Corte de Sangue, principalmente o seu Rito de Ascensão, *eu* estava segura o suficiente. Mas Fisher não havia matado Malcolm. As regras da Corte de Sangue não exigiam que *ele* pudesse ascender ao poder sem ser molestado. Ele era um inimigo mortal da Corte de Sangue. Milhares de vampiros de sangue nobre viviam dentro dos muros de Ammontraíeth, todos eles filhos de Malcolm, e cada um deles odiava meu companheiro com uma fúria incomparável. Se ele sequer olhasse de soslaio para a pessoa errada aqui, seria motivo para problemas. Eu queria lembrá-lo disso agora, mas ele já sabia, é claro, e nosso tempo havia acabado.

"Você. . olha, você pode se comportar lá fora?" murmurei baixinho.

Ele pareceu confuso, com uma leve covinha se formando em sua bochecha direita. "Posso", respondeu. "Mas não posso prometer que farei . "

Ao passarmos por ele e sairmos da câmara, Taladaius aconselhou: "É melhor vocês deixarem Nimerelle aqui. Eles vão interpretar o fato *de vocês* estarem portando uma arma como um ato de agressão."

“Bom.” A expressão do meu amigo escureceu, prenunciando violência. “É *mesmo* .”

"Caramba." Carrion assobiou baixinho entre os dentes. "O lugar parece uma prisão por fora. Quem diria que eles escondiam algo *tão* ostentoso?"

Era chamado de Salão das Lágrimas.

Rostos esculpidos, grotescos e com expressões de dor, nos observavam dos pilares de obsidiana que sustentavam os tetos abobadados da catedral. Tochas ardiam em apliques, a luz estranhamente calma

— tão diferente do fogo comum — projetando um brilho branco-esverdeado peculiar pelas paredes.

Cortinas de brocado dourado pendiam das enormes janelas no fundo do salão, com cenas de devassidão e todo tipo de pecado bordadas no pesado tecido de veludo. Havia mais vampiros do que eu conseguia contar, reunidos em fileiras nos flancos esquerdo e direito do salão. Não eram vampiros devoradores. Eram homens e mulheres, vestidos com belos vestidos e camisas de bata.

Uma inteligência sutil brilhava em seus olhos enquanto me lançavam olhares famintos.

Na cabeceira da sala, um trono imponente de pedra negra ocupava o centro de um estrado elevado.

Diante dele, estendia-se uma ampla plataforma de obsidiana polida, decorada com um mosaico de pedra clara representando uma estrela de cinco pontas. Um Lorde da Meia-Noite já aguardava na ponta de quatro das pontas, cada um trajado com elegância, voltado para o centro. A ponta restante permanecia vazia.. até que Taladaius percorreu o longo corredor e tomou seu lugar entre seus irmãos.

Meu criador havia tirado de algum lugar um cajado laqueado. Ele se juntou aos outros, batendo a ponta no chão a seus pés, aumentando o estrondo cacofônico *BOOM! BOOM! BOOM!* que ecoava pelo salão. O som ficava cada vez mais alto, martelando em meus ouvidos.

E então, sem aviso prévio, parou.

As cinco figuras se viraram para mim, e as expressões dos quatro estranhos se tornaram impassíveis quando perceberam que eu não estava sozinho ao pé da ampla escadaria que levava até eles.

Dois dos Lordes eram homens.

Duas eram do sexo feminino.

Uma era algo completamente diferente.

Lá estava Taladaius, é claro. Ao lado dele, um homem esguio de cabelos escuros, nariz adunco e olhos negros como carvão. Uma criatura ainda mais alta e de membros longos estava em frente a ele

— uma coisa pálida e estranha que claramente não era um membro das fadas. Vestia um manto branco imaculado. Seus olhos eram orbes negros sólidos, sua pele translúcida. Uma fenda anormalmente larga servia como boca, repleta de dentes minúsculos e irregulares. Veias negras formavam uma rede de teias de aranha no dorso de suas mãos palmadas, desproporcionalmente grandes.

As mulheres eram menos perturbadoras. A primeira usava um vestido verde vibrante. Seus cabelos eram brilhantes como ouro martelado e trançados em mechas que caíam pelas costas. Meu irmão teria se apaixonado por ela à primeira vista. Ela era exatamente o tipo de mulher bonita e delicada que chamaria sua atenção. Mas ele não teria a menor chance. Um ódio ardia em seus olhos azuis profundos, que me fez querer pegar a adaga que Kingfisher acabara de prender na minha coxa.

Estremeci ao voltar meu olhar para a última mulher, feliz por ter desviado o olhar. A última Senhora da Meia-Noite era pequena. Uma densa cabeleira grisalha caía sobre seu rosto, obscurecendo suas feições, mas eu podia ver por seus antebraços nus, pulsos frágeis e mãos nodosas que ela era velha.

“Que loucura é essa?” perguntou a vampira loira. No instante em que falou, a algazarra no salão cessou. A Senhora não havia elevado a voz, mas suas palavras ecoaram pelas paredes e reverberaram

pelas vigas. Ela ergueu seu cajado e o apontou para mim, de modo que eu pudesse distinguir a cabeça dourada e brilhante da serpente sibilante que o coroava. “ *Esta* não é a criatura que derrubou meu pai”, disse ela. “O poderoso Malcolm, que reinou sobre um continente inteiro e reduziu outro a cinzas? Malcolm, que Derrubou reis, deitou-se com rainhas e enganou a morte para que todos nós pudéssemos seguir seus passos? Derrotado por *isso* ? Acho que não.

O calor de Fisher era como uma mão reconfortante nas minhas costas. À minha esquerda, Carrion pairava no meu campo de visão periférico. Não olhei para nenhum dos dois enquanto inclinava o queixo para trás e mantinha a cabeça erguida, iniciando a longa descida pelas escadas em direção aos vampiros de

Sanasroth. “Seu pai foi derrotado pela própria arrogância. Ele era arrogante demais.

Acreditava ser invencível, e eu tive o prazer de lhe mostrar o contrário. Uma espada divina transforma qualquer um de nós em comida de verme, não importa quem a empunhe. Mas, independentemente disso”, anunciei em voz clara. “Não sou uma criança. Meu nome é Saeris Fane, e eu *sou* a sua rainha.”



2

SALÃO DAS LÁGRIMAS

SAERIS

“ELA NÃO É UMA DE NÓS. Como ela pode ser nossa rainha se eu consigo ouvir o coração dela batendo daqui?”

O trono estava frio como gelo. Não havia almofada alguma no assento, e a temperatura gélida da pedra dura penetrava nas minhas costas e nádegas. Me remexi desconfortavelmente enquanto a bela vampira de tranças douradas gritava do outro lado do salão, para que todos ouvissem.

“A nossa corte pode ser a mais jovem deste reino, mas Sanasroth sempre se orgulhou de suas tradições. Por mil anos, fomos governados pelo *primeiro* vampiro. Um homem brilhante, que construiu um lar e um futuro para seus filhos e nos garantiu o direito de pertencer. Ele não era apenas um rei. Ele era um deus ambulante entre os vivos e os mortos deste reino, e esta.. esta *garota*

”, ela cuspiu as palavras, “era humana há poucos dias. Tão fraca que um dos

nossos teve que salvar sua vida.” Ela lançou um olhar repleto de malícia crua na direção de Taladaius. “Como vamos substituir o criador de toda a nossa espécie por *isso* ?”

Ela era uma excelente atriz. Suas palavras transbordavam emoção enquanto ela caminhava ao redor da estrela, desviando-se dos outros Lordes da Meia-Noite. A maioria teria sido enganada pela. . A voz dela falhou quando ela falou sobre a perda de Malcolm, mas eu ouvi a mentira.

Seu coração não estava partido, porque ela não tinha coração. Eu sentia sua energia maligna emanando dela com a mesma certeza com que sentia o calor dos sóis na Terceira Era: qualquer alma que ela pudesse ter possuído um dia abandonara o invólucro de seu corpo há muito tempo. Uma coisa escura e cruel agora se escondia dentro dela, espreitando por entre seus grandes e belos olhos, usando sua voz para falar.

"Outros tribunais convidam a galinha ou o bezerro para se sentarem em seus tronos, trajados com elegância, para presidi- *los* ?", ela bradou.

Uma onda de gritos ecoou pelo salão, numa crescente onda de raiva. Alguns dos vampiros sentados nos bancos saltaram de pé, gritando mais alto que os demais.

"Não!"

“Eles jamais fariam isso!”

"Perversão!"

"Anátema!"

“Então por que *coroamos* uma criatura tão humilde que, há poucos dias, teria sido nosso alimento, e lhe damos o poder de nos governar? Por que nos *humilhamos* dessa forma?”

— *É Zovena* — disse Kingfisher. O som de sua voz grave em minha mente me assustou; mal consegui disfarçar a surpresa. — *Mas tenho certeza de que você já descobriu. Tal lhe deu o nome de todos eles.*

Sim , respondi. *Ela é a Guardiã das Missivas.*

Senti a aprovação de Fisher no fundo da minha mente. *Sim. Veja o anel na mão dela? A grossa faixa de ouro com a pedra roxa? Isso a identifica como uma Lorde. Todos os cinco têm anéis. São uma fonte de poder, presenteados a eles por Malcolm. Supostamente, cada um contém a mesma quantidade de magia, embora haja rumores de que o de Tal seja o mais poderoso. Zovena já foi Lìsiana, como Tal. Ele a amava. Por sua vez, acho que ela também o amava. Mas isso foi há muito,* muito *tempo.*

Observei o olhar fulminante de Zovena para meu criador e não encontrei nenhum amor ou afeto por ele em seus olhos. "Você deveria tê-la deixado morrer lá, Taladaius", sibilou a mulher. "Você poderia ter degolado o Flagelo também. Mas não. Todos nós sabemos o quanto você se importa com sua preciosa Martim-pescador do Portão Ajun, não é? Então agora você os traz diante de nós, de mãos dadas, companheiros, tentando instalar não apenas uma criança mestiça como rainha, mas também um Fae puro-sangue como rei consorte junto com ela! E não qualquer Fae. Um que atormentou e assassinou nosso povo por séculos! Você se esqueceu de que estamos em *guerra* com ele?"

Esperei que Kingfisher dissesse algo, mas não houve resposta. Olhando para onde ele estava à minha direita, percebi que ele estava bocejando.

Falei em sua mente novamente. *Talvez tenha exagerado um pouco, não acha?*

Seu olho esquerdo tremeu. *Não, não exatamente. Zovena e eu não somos as melhores amigas. Já ouvi isso tudo antes.*

O homem esguio de nariz adunco avançou de seu ponto na estrela, sulcos profundos se formando em sua testa. Parecia ter trinta e poucos anos, mas só os deuses sabiam sua verdadeira idade. "Já chega, Zovena. Fazer birra não vai mudar nada. Taladaius salvou a garota. Agora ela é do nosso sangue. Ela matou Malcolm. Portanto, ela deve ascender. É o nosso caminho. Todos nós o conhecemos. Histeria não resolve nada."

“Isto não é histeria”, disparou Zovena. “Isto é ultraje! Em nome dos meus irmãos e irmãs!” Ela gesticulou para outros membros da corte de Sanasroth, sentados em seus bancos, estendendo-se para trás na escuridão. Eles responderam com urros, acreditando em sua retórica. “Eles merecem mais. Uma mão forte. Uma rainha que—”

“Ah, então você ainda imagina uma *rainha* no trono? Uma mulher como você,

talvez?” perguntou o homem de nariz adunco.

Enquanto eles discutiam, falei novamente com Fisher. *É Ereth, suponho? Guardião da Luz Vespertina?*

Fisher respondeu imediatamente. *Sim. Ele e seus seguidores são fanáticos religiosos. Eles adoram um dos deuses demônios. Se ele conseguir o que quer, todos os seres vivos de Yvelia terão sua magia drenada e serão transformados em escravos. Todos os continentes se tornarão um paraíso devastado para vampiros, onde eles poderão caçar e matar qualquer coisa viva por esporte.*

"Parece delicioso" , eu disse.

O outro é o Hazrax. O último de sua espécie. Ele tem o dobro da idade de qualquer outra coisa que respire em Yvelia.

Taladaius fora estranhamente vago ao falar do Hazrax. Não era um Fae, mas também não era um vampiro. Ele aparecera para Malcolm séculos atrás, quando o rei vampiro ainda estava empenhado em forjar seu império, e oferecera seus serviços ao rei. Quando Malcolm perguntou se ele queria a eternidade em troca, o Hazrax jurou destruí-lo se ele tentasse mordê-lo, e Malcolm acreditou em cada palavra. Quando o rei perguntou o que ele *queria* em troca de sua lealdade a Sanasroth, o Hazrax disse que “queria observar”. Daquele momento em diante, o Hazrax se tornou o Guardião do Silêncio.

Ainda ontem, eu havia perguntado a Taladaius por que o rei vampiro permitira que a criatura permanecesse em sua corte se realmente acreditava que ela era capaz de destruí-lo. Taladaius apenas deu de ombros. "A magia do Hazrax é um mistério. Ninguém aqui sabe do que ele é capaz.. mas qualquer magia ou poder que tenha demonstrado a Malcolm o assustou o suficiente para permitir que ficasse."

"Sabíamos que o Hazrax havia entrado em Ammontraíeth há muitos anos" , disse Kingfisher em minha mente. " *Não ouvimos falar de sua saída desde então. Há rumores de que ele nem sequer sai deste salão. Não come nem dorme. Apenas observa."*

A aparência da criatura já era suficientemente aterradora, sem precisar se perguntar como ela podia simplesmente existir ali daquele jeito, uma constante. Presença inquietante. Como se pressentisse meu desconforto, Kingfisher seguiu

em frente. *A velha é Algat, Guardiã dos Registros. Ela já foi uma bruxa. Expulsa pelo próprio clã por se envolver com magia negra. Pode parecer a mais velha dos Lordes, mas na verdade é a mais jovem. Tive que lidar com ela uma ou duas vezes antes de sua transformação. O mal corre em suas veias, Pequena Osha. Não a subestime.*

Enquanto ele falava, a cabeça da velha inclinou-se num ângulo anormal, virando-se para Kingfisher, como se pudesse ouvir a nossa conversa. Não consegui distinguir muito do seu rosto com todo aquele cabelo grisalho e espesso a cair, mas vi o seu sorriso horrendo. Dentes podres e amarelados enchiam a sua boca, compridos como os de um rato. Os seus caninos eram tão alongados que perfuravam o lábio inferior, deixando o queixo vermelho de sangue.

Seus olhos nublados encontraram os meus, e—

Eu estava de volta ao Terceiro.

Eu estava discutindo com Hayden.

Eu estava de volta ao palácio de Madra, lutando para libertar minhas mãos enquanto Harron vinha para me matar.

Eu estava na cama de Kingfisher em Ballard, segura em seus braços.

Ele estava dentro de mim, e minha alma estava repleta de fogo, e—

“Você acha que eu posso fumar aqui dentro?”

Ao ouvir a voz de Carrion, levei um susto enorme.

Eu estava encarando a velha. Ela estava encarando a mim. Quanto tempo eu..

Uma sensação gélida invadiu minha cabeça. Parecia que alguém estava revirando meus bolsos. Olhei para Fisher de soslaio, mas ele estava encarando o teto, fingindo tédio, alheio a qualquer coisa suspeita que tivesse acontecido. Quando me virei para Carrion, prestes a pedir que repetisse o que

tinha dito, vi que o idiota estava com um cigarrinho na boca e procurando sua caixa de pederneira no bolso.

"Que diabos você está *fazendo* ?", sussurrei. " *Não* acenda isso."

Fisher rosnou, finalmente percebendo o que o verdadeiro herdeiro da Corte de Inverno estava tramando. Ele recuou para trás do trono e arrancou o charuto da boca de Carrion, jogando-o no chão.

“Estamos lhe escondendo algo, Alteza?” A voz rasgou o ar como um chicote.

Ereth estava no centro da estrela de cinco pontas, com a capa jogada sobre um ombro como se tivesse girado às pressas. Zovena estava tão imóvel quanto uma estátua, assim como os outros, mas eu podia perceber que ela estava se divertindo muito por dentro.

Era uma vez, eu não era o único aprendiz na forja mais notória do Terceiro Distrito. Elroy me pegou cochichando com um de seus outros alunos e ficou furioso porque eu não estava prestando atenção enquanto ele divagava poeticamente sobre diferentes técnicas de têmpera de vidro. Este momento me lembrou muito *disso* .

Eu estava a dois segundos de ser repreendida como uma criança malcomportada. Isso *não* seria bom.

Os Lordes precisavam ser controlados, não ter a oportunidade de me repreender. Eu precisava retomar o controle da situação, assumir o rumo dos acontecimentos. Meu primeiro instinto foi me desculpar pela interrupção, mas uma rainha não *se* desculpa.

Ergui o queixo e encarei Ereth, sentindo um gelo percorrer minhas veias. "Sim, Ereth. Já que finalmente se lembrou de perguntar, tenho *coisas* melhores para fazer do que ficar ouvindo vocês brigando como crianças. Me disseram que isso deveria ser uma coroação, então vamos prosseguir com os preparativos, certo?"

Um silêncio tenso pairou sobre o Salão das Lágrimas. Foi somente agora, com todos os vampiros presentes paralisados de silêncio, que percebi por que aquele lugar se chamava Salão das Lágrimas: em algum lugar, lá fora na escuridão, alguém estava chorando. Um lamento triste ecoou nas colunas e reverberou pelos nichos embutidos. —um som desprovido de esperança. Um arrepio percorreu minha espinha quando ouvi outro soluço se juntar ao primeiro, e depois outro, e outro. Lá fora, além da multidão e do estranho brilho branco-esverdeado das tochas, as pessoas estavam sofrendo.

“Minhas sinceras desculpas, Vossa Alteza.” Ereth fez uma profunda reverência, com a mão pálida pressionada contra o peito. Ele ergueu a cabeça, olhando para mim por baixo das sobrancelhas escuras, e vi o escárnio em seus olhos. “Você tem *toda a* razão. Que tolice a minha. A noite está chegando ao fim e há muito a fazer.”

“A garota precisa beber antes de ser coroada.” Foi Algat quem fez a declaração. Sua voz rouca me lembrou o vento impetuoso que costumava uivar pelas dunas e açoitar a Cidade Prateada: seco e furioso. “Como ela pode esperar governar se não estiver ligada ao sangue?”

Taladaius havia explicado que se manteria em silêncio o máximo possível durante os procedimentos daquela noite. Ele era o favorito de Malcolm — seu Guardião dos Segredos — o que significava que *não era* o favorito entre os cinco. Ele não queria fazer ou dizer nada que influenciasse as ações dos

outros, mas, ao comentário de Algat, rapidamente se adiantou. "Ela não é obrigada a beber", disse ele. "Nenhuma regra ou lei prescreve isso."

“Talvez não haja lei nem regra, mas e o bom senso?” perguntou a velha, com uma voz rouca e astuta.

“Ora, Taladaius. A moça é virgem—”

Com licença ?" Não consegui me conter. Minha indignação explodiu antes que eu pudesse reprimi-la.

"Garanto-lhe que *não sou* . ."

Algat me lançou um olhar de pena. "Não do corpo, criança." Sua cabeça inclinou-se novamente em direção a Fisher, a velocidade e o ângulo do movimento fazendo meu estômago revirar. "Nós sentimos o cheiro do sexo em você e em seu parceiro perfeitamente bem, eu garanto. Não, você é virgem de sangue. Você não se alimentou da fonte da vida dos vivos—"

“Ela ainda é uma delas”, interrompeu Zovena com evidente desgosto. “Eu já disse isso antes e ninguém se importou em comentar, mas como uma pessoa viva pode *se alimentar* de outros vivos? E

como ela pode esperar governar.. ” Sua voz foi sumindo, seus olhos se

arregalando enquanto me observava.

Eu me levantei.

E meu coração parou de bater.

Não demorei muito para dominar o truque. Taladaius sabia que seus pares se ofenderiam com a questão, então ele me ensinou a paralisar o músculo do meu peito. Era bem simples. Tudo o que eu precisava fazer era imaginar meu coração descansando, fazendo uma pausa, e era exatamente isso que acontecia.

Meu sangue parou de circular. Tudo dentro de mim ficou imóvel. Eu nunca tinha percebido que conseguia ouvir o fluxo do meu sangue se tentasse, mas conseguia. E agora que ele estava parado nas minhas veias, meu mundo interior parecia desequilibrado. Era como respirar debaixo d'água; eu não deveria ser capaz de fazer isso.

“Então ela pode *escolher* quando quer ser como nós”, murmurou Zovena baixinho. “Mas isso não a torna uma de nós.”

“Se ela beber, ela será.” Algat insistiu, aparentemente insatisfeito por eu não ter respondido à questão. “Toda esta corte sabe que você não se alimentou desde que acordou do Beijo da Meia-Noite, garota. Beba de alguém e tudo ficará bem. Colocaremos a tiara em sua cabeça e nos afogaremos em vinho até o amanhecer, celebrando você como nossa nova rainha, se assim for.”

“E se eu não fizer?”

Taladaius estava a meio caminho da plataforma, caminhando em minha direção. "Saeris."

“Escutem o que ele diz”, zombou Zovena. “ *Saeris.* Ele a chama pelo nome! E por que não a chamaria?

Ele a criou. Ela lhe deve favores . Ele a manipula como sua marionete, para que ele a controle.” das sombras. Se a aceitarem, que a responsabilidade seja de vocês. Mas saibam que estão aceitando uma representante. Saibam a quem *realmente estão* se curvando e se humilhando quando juram fidelidade.

Havia companhias de teatro itinerantes em Zilvaren que teriam cometido um

assassinato para garantir Zovena como uma de suas protagonistas; aquela mulher estava realmente começando a me

irritar. Felizmente, Taladaius parecia imune ao seu drama. "Você não precisa fazer nada, Saeris. Não é lei."

“Não é lei porque nunca precisou ser”, sibilou Zovena. “O governante da corte vampírica deveria ser um *vampiro* . Alimentar-se do sangue dos vivos deveria ser o maior prazer imaginável para o nosso regente. Eles deveriam dar vazão à sua natureza mais vil sem precisar de qualquer convencimento.”

Apesar de todos os preparativos dos últimos dias, Taladaius não previu isso. Talvez devesse ter previsto. Fazia sentido que esses monstros quisessem garantias. Eu era um intruso ocupando o palácio deles. Eu era meio fada. Era natural que desconfiassem de mim. Só os mártires sabiam como eles perceberam que eu não havia me alimentado, mas era verdade. Eu não quis. Não *precisei* .

“Minhas irmãs têm razão, Alteza”, interrompeu Ereth. “Se aceitasse um presente de coroação nosso, talvez isso nos tranquilizasse. Uma bela jovem para bebericar, talvez?” Seus olhos negros como azeviche se voltaram para Kingfisher. “Ou.. talvez haja uma solução mais simples para este dilema?”

"Não", respondi secamente. "Se não for obrigatório, então não tentem fazer de mim um espetáculo."

Em meio a tudo isso, a cabeça do Hazrax girou da esquerda para a direita, observando a cena enquanto se desenrolava. Não disse nada, suas estranhas guelras se abrindo. Com as mãos entrelaçadas dentro das mangas de seu manto branco como osso, absorveu tudo sem proferir uma palavra. Contudo, virou o corpo para me encarar, voltando sua atenção para mim. . e para meu companheiro. Kingfisher havia dado um passo à frente e se virado. Virar as costas para a assembleia foi uma demonstração de desrespeito inimaginável. Mas eu conhecia Fisher, e ele não se importava nem um pouco em desrespeitar a corte de Sanasroth. Ele queria olhar nos meus olhos quando falava comigo.

“Simplesmente faça isso, Osha.”

"O que?"

“Me morda. Beba. Engula duas vezes e pronto. Eles fazem isso para te sabotar

porque têm certeza de que você não vai fazer. Mas que se danem. Isso é fácil. A gente resolve isso e sai dessa sala.” Na minha cabeça, ele disse: *Podemos voltar para Cahlish. Voltar para Ren, Lorreth e Layne.*

“Ele tem razão”, disse Carrion.

"Você nem deveria estar aqui, Swift", rosnou Fisher, irritado. "Guarde suas opiniões para si mesmo."

Os olhos de mil vampiros me perfuravam enquanto eu espiava por trás de Fisher e observava a corte reunida. O que fariam se eu ainda me recusasse? Muitos deles morreram com magia nas veias. Ela os corrompera e se tornava negra junto com seu sangue. Alguns *eram* poderosos. A única coisa que impedia qualquer um deles de nos despedaçar era a Lei da Ascensão e o édito de Taladaius. Mas leis eram quebradas o tempo todo, e eu não queria morrer *aqui* , de todos os lugares.

Deuses.

Respirei fundo.

"Tudo bem. Eu beberei de você", sussurrei.

Ereth bateu palmas, radiante. "Maravilhoso!" Ele tinha me ouvido, naturalmente. "Maravilhoso, maravilhoso!"

Um grunhido de desagrado escapou da garganta de Fisher, mas seu olhar permaneceu fixo em mim, sem jamais vacilar. Ele começou a desatar as tiras de couro que prendiam sua braçadeira direita, desfazendo a armadura. "Ignore-os. Não dê atenção a eles. Somos só nós dois, ok?"

Agradeci aos deuses, às estrelas e aos quatro ventos porque, pela primeira vez na vida, Carrion Swift ficou de boca fechada. Se ele tivesse feito alguma piada sobre o fato de *estar* ali, bem ao nosso lado, provavelmente teria perdido os dentes da frente.

Concentrei-me no meu companheiro, determinado a não estragar tudo. Tínhamos uma única chance. Uma única oportunidade de virar o jogo nesta guerra. Se a nossa jogada tivesse que ser essa, que assim fosse. Eu manteria a mão firme, mas, céus, seria difícil. *Isto. . não era assim que eu imaginava*

, pensei para Fisher.

Ao soltar a braçadeira, seus olhos encontraram os meus, ardendo de intensidade. Um sorriso lento e intrigado surgiu no canto de sua boca. *Ah? Então você estava imaginando isso, não é, Pequena Osha?*

Meu sangue ferveu nas veias. O tom sugestivo da voz dele na minha cabeça teria feito até as garotas que trabalhavam no Kala's corarem. *Não.* Mas era tarde demais. Minhas bochechas estavam vermelhas e Fisher ria baixinho, arregaçando a manga da camisa.

Você pode realizar suas fantasias comigo, Pequena Osha. Não há nada neste reino ou no próximo que eu não lhe dê se você desejar. Tudo o que você precisa fazer é pedir.

Agora não era a hora. E com certeza não era o lugar.

Mas.. Deuses santos.

Respire, Saeris.

“Olha só para ela, parada ali. Está enrolando”, murmurou Zovena da plataforma. Olhei para trás de Fisher, uma onda de nervosismo me apertando o estômago, mas Fisher gentilmente segurou meu queixo e inclinou meu rosto para que eu olhasse para ele novamente. A tinta em sua garganta estava descontrolada; eu podia ver o traço preto se transformando e mudando sobre a gola de sua máscara.

Não havia muito mercúrio restante em seu olho, mas a pequena quantidade que restava também estava se movendo, formando formas geométricas. Formas e padrões em meio ao verde vibrante de sua íris. "Não olhe para ela. Olhe para mim. Você está bem."

E eu estava.

Quando Fisher soltou meu queixo e virou a mão, oferecendo-me o pulso, eu não pensei. Foi instintivo. O calor que se acumulava na minha garganta transformou-se num incêndio ardente.

Segurei seu braço, uma onda de prazer já pulsando na minha boca enquanto

afundava meus caninos em sua carne.

Profundo.

Tão profundo.

Eu não tinha a intenção de. .

Fiquei paralisado, sem entender a vontade irresistível que sentia de esperar..

"Beba, Saeris", disse Fisher com a voz embargada.

Não.

Não, eu precisava esperar.

"Pelo amor dos deuses, beba essa porra!", ele implorou.

Naqueles longos e inebriantes momentos, eu não havia percebido que não estava tirando nada dele.

Que, em vez disso, eu estava *dando* algo a ele.

Pisquei quando a tinta preta se moveu sob a pele de Fisher, escorrendo como água pelo seu braço.

Ela formou uma faixa em seu pulso e então desapareceu, transferindo-se para mim. Senti o formigamento frio dela se instalando bem no centro do meu peito, logo abaixo da clavícula, mas não me importei com a nova tinta.

Eu só me importava com meu companheiro.

E o *sangue* .

Quando bebi o sangue de Fisher pela primeira vez, puxando seu pulso, senti a inversão do fluxo entre nós. A mudança de maré. Assim que seu sangue tocou minha língua, uma explosão de cores e sons iluminou minha cabeça como mil fogos de artifício. O fogo percorreu minhas veias. A necessidade se acumulou entre minhas pernas, enviando uma onda de prazer tão poderosa por todo o meu corpo que. . Eu queria gritar. Mas não podia. Teria que parar de desenhar nele para fazer isso, e—

“Porra, Saeris.” Sem fôlego. Sem pensar. Desesperado. A voz de Fisher estava carregada de desejo.

Suas próximas palavras contradiziam tudo o que meu corpo implorava. “Pare, Osha. Chega.”

De repente, nos encontramos no Salão das Lágrimas.

Arranquei minha boca do pulso de Fisher, ofegando como se tivesse levado um banho de água fria.

O Salão das Lágrimas..

Mil sanasrothianos, de pé, vibrando com a minha fome. .

Meu pulso disparou, recusando-se a obedecer, recusando-se a ficar quieto.

Virei-me para Kingfisher, lábios entreabertos, outra onda de calor e prazer percorrendo-me da cabeça aos pés ao ver o rubor em suas bochechas sob a barba por fazer. Suas pupilas haviam engolido completamente a íris, banindo o verde *e* o mercúrio. Sua respiração ofegante fazia seu peito subir e descer rapidamente. Ele me lançou um olhar de soslaio, e a fome primal que vi ali me atingiu como um golpe físico. Ele mal conseguia se controlar. Se eu o tocasse—

"Nem pense nisso, ou eu te pego aqui mesmo", ele ofegou.

Sagrado.

Porra.

Deuses.

“Muito bem! Muito bem!” Ereth voltou ao seu lugar na ponta da estrela. Seus aplausos ecoaram acima da ovação estrondosa que inundava o salão. Não dei atenção ao Guardião da Luz Vespertina, porém. Eu não conseguia desviar o olhar de Fisher. Ele não conseguia desviar o olhar de mim. Meu companheiro e eu nos encaramos, ofegantes, nossos corpos tensos como cordas de arco gêmeas. A sensação que me percorria era algo que eu nunca havia experimentado. Já tinha visto isso antes. Foi além da simples vontade. Não havia palavras para descrever.

Não tínhamos dormido juntos desde que eu acordara. Eu ainda estava enjoado da mudança e dolorido por causa dos ferimentos que sofri no labirinto de Gillethrye. Mas agora..

Agora.

Porra, eu precisava dele *agora* .

“Está feito! Ela se alimentou!” Ereth encarou a multidão com as duas mãos erguidas, como uma messias profetizando. “Ela está presa pelo sangue. Ligada a ele, como todos nós. Não há mais dúvidas sobre seu compromisso com o nosso povo.”

Do que *diabos* ele estava falando?

Martinfisher estendeu a mão e passou o polegar cuidadosamente no meu queixo; ficou vermelho.

Seu peito subia e descia rapidamente. Ele ainda não tinha falado nada.

"Coroem-na! *Coroem* -na!" bradava a multidão.

Eu estava bêbado. Nadando, afundando, me afogando. Precisava me deitar.

De repente, alguém estava parado na minha frente. Desviei o olhar de Fisher e soltei um suspiro de admiração ao ver o Salão das Lágrimas novamente. Olhei para ele de verdade, como se o visse pela primeira vez. As figuras bordadas nas tapeçarias se contorciam e dançavam, cintilando à luz das tochas. Fragmentos de ouro e prata flutuavam no ar. A escuridão se dissipara, revelando móveis suntuosos, pinturas penduradas nas paredes e arranjos de flores noturnas em vasos altos por todo o salão.

De repente, de forma avassaladora, o Salão das Lágrimas se tornou belo.



3

DOSE

MARTIM-PESCADOR

Havia uma nova tatuagem em seu peito: uma fina linha preta que marcava sua pele de um ombro ao outro, logo abaixo da clavícula. Apenas uma linha simples, mas de alguma forma marcante. Ela estava deslumbrante quando se virou e encarou o salão, seus olhos brilhando como uma galáxia de estrelas. Ela era o centro daquela galáxia. Mesmo assim, me senti atraído por ela, mas depois do que ela tinha acabado de fazer — ela não tinha *ideia* do que tinha feito — meu pau estava mais duro do que nunca, e eu mal conseguia pensar direito.

Meu Deus, que *vestido horrível* . .

Enquanto Ereth subia os degraus do estrado, aproximando-se dela, observei Saeris contemplar o ambiente ao redor, com os olhos arregalados, e eu sabia o que ela estava sentindo. A euforia também percorria minhas veias. Eu deveria ter sido mais cuidadoso quando lhe disse para beber. Ela não tinha como saber o que aconteceria se ficasse imóvel com os caninos dentro de mim e não bebesse.

Foi minha culpa, porra. Eu deveria ter lhe contado. Eu deveria ter explicado. Meu pau pulsava sem parar enquanto eu me virava para encarar o salão.

Ereth alcançou o topo da escadaria e curvou-se reverentemente, inclinando-se profundamente diante do meu companheiro. Saeris mal percebeu que ele estava Ali. Minha pobre pequena Osha estava cambaleando por causa dos efeitos da mordida, mas eu não. Eu tinha anos de vantagem sobre ela. Sabia como afastar a

euforia. Fiz isso com relutância; teria sido bom flutuar naquele mar de pura felicidade com ela, mas Ereth a havia encorajado a me morder por um motivo. Provavelmente, ele esperava que a experiência a fizesse cair de bunda. Ele provavelmente esperava que, ao se alimentar de mim, Saeris embotasse meus sentidos e me fizesse baixar a guarda também. . mas Ereth não me conhecia. Ele nunca me enfrentou no campo de batalha. Nunca me visitou quando eu estava presa no labirinto de Malcolm. Ele não tinha ideia de quem eu era ou do que eu era capaz e, portanto, não fazia ideia dos crimes hediondos que eu cometeria para garantir a segurança da minha companheira.

O desgraçado de nariz adunco ergueu o diadema dourado que carregava nas mãos, colocando-o delicadamente sobre a cabeça de Saeris. Suas pálpebras tremeram enquanto ela voltava a si, e minha realidade se tornou cortante como a ponta de uma faca. Ela estava vulnerável com ele tão perto.

Vulnerável demais. Senti um arrepio na espinha, meus dedos formigando.

Paciência , sussurrou o mercúrio.

Desde que Te Léna se uniu a Iseabail para extrair o mercúrio de mim, os sussurros em minha cabeça se tornaram menos frenéticos. Mais nítidos. Mais fáceis de entender. Juntas, curandeira e bruxa alcançaram o que nenhuma delas conseguira sozinha. O fio de mercúrio que persistia dentro de mim não me fazia mais sentir como se estivesse me agarrando à minha sanidade por um fio. Pela primeira vez desde que me infectara na juventude, comecei a pensar no mercúrio mais como uma bênção do que como uma maldição. Agora, ele me pedia cautela, enquanto eu observava Ereth como um falcão.

Espere. Espere. Tenha paciência..

A paciência nunca foi meu forte. O labirinto mudou isso para mim. Mantive minha posição, dando a Ereth o benefício da dúvida. Eu sabia muito pouco sobre ele. Era improvável que ele se movesse tão rapidamente depois—

Não.

Eu estava certo.

Eu *sabia* disso, porra.

A lâmina que surgiu na mão do Lorde tinha um cabo envolto em uma tira de couro. Devia estar lhe causando um incômodo considerável durante todo esse tempo; ele a mantinha escondida dentro de sua capa, junto ao corpo. A lâmina era afiada como uma agulha e brilhava em um prateado intenso: a arma perfeita para um nobre vampiro, inexperiente na arte da luta, atravessar o tímpano do inimigo e atingir diretamente seu cérebro.

Ereth moveu-se rapidamente.

Eu me movi mais rápido.

Saeris também reagiu, o brilho atordoado em seus olhos desaparecendo. Ela estendeu a mão para a adaga que eu lhe havia dado, mas eu já estava lá, investindo contra o Lorde.

Ereth soltou um som gutural de *"guhhhhh!"* ao ser arremessado para trás, o ar escapando de seus pulmões. Ele caiu com força nos degraus do estrado. Erguendo a mão que segurava a lâmina, ele tentou arremessá-la, mas—

Estendi a mão por cima do ombro.

Minha mão se fechou em torno do cabo de Nimerelle.

Num instante, a espada desapareceu.

Eu a arremessei com toda a minha força.

O metal afiado cortou o ar, girando sem parar, descrevendo um arco no último instante e atravessando o torso de Ereth na diagonal, partindo-o ao meio.

Nimerelle aterrissou com a ponta primeiro, tremendo, a lâmina cravando-se cinco polegadas na plataforma de obsidiana.

Pá!

Pá!

O corpo de Ereth caiu no chão com muito menos graciosidade . Suas entranhas estavam negras, seus órgãos necrosados, o líquido que escorria dele espesso e com cheiro de alcatrão. A Morte havia pousado no ombro daquele monstro por

tanto tempo que não perderia tempo em reivindicar seu prêmio agora. Nimerelle *era* uma espada divina. Afinal, adornado com prata e a magia dos deuses.

Eu talvez não tenha decapitado Ereth, mas o desgraçado jazia em dois pedaços no chão. O golpe o mataria.

À minha esquerda, três nobres de sangue puro, trajando tabardos negros com dragões vermelho-sangue estampados, contorciam-se nos degraus. Ao que parecia, tinham vindo em auxílio de seu líder, apenas para serem abatidos pela mão *de outro* . Taladaius estava na base do estrado, mão estendida, expressão impassível enquanto liberava sua magia sobre os vampiros. Havia um motivo para o antigo rei desta corte ter nomeado Tal seu segundo em comando. Ele nunca ostentava sua magia, mas o homem era poderoso. Mesmo antes de sua transformação, Tal era capaz de manipular a maioria dos líquidos. Todos os líquidos, na verdade, com exceção do mercúrio. *Sangue* era um líquido. . e naquele momento, ele estava fervendo o sangue nas veias dos nobres de sangue puro.

Vapor saía de suas bocas abertas, seus gritos silenciosos enquanto morriam, e Tal observava sua passagem com um olhar de tédio cuidadosamente construído. Murmúrios escandalizados ecoaram pelo salão — usar tal magia tabu contra membros de sua própria corte era de fato raro, mas não inédito. Corria o boato de que Malcolm gostava de ver seus súditos fumarem sempre que se desviavam das regras. Saeris, porém, não havia ordenado que Tal agisse. Ele agiu por vontade própria. Haveria consequências, certamente, mas isso não era da minha conta.

Saeris estava atrás de mim.

Bastou um segundo para examiná-la em busca de ferimentos. Ela parecia ilesa, mas eu não confiava nos meus próprios olhos. Precisava ouvi-la dizer. " *Você está bem?"*, perguntei, exigindo uma confirmação.

Sim. Eu. . eu estou bem.

Meu alívio foi absoluto. *Fique aí, então. Espere por mim. Ninguém mais vai subir esses degraus.* Em meio aos gritos de horror e pânico que irromperam pelo salão, desci lentamente do estrado até a plataforma, em direção a onde jaziam os dois pedaços separados do corpo destroçado de Ereth.

"Aposto que você está se arrependendo *disso* ", rosnei.

Um líquido negro e fino borbulhou da boca do Senhor, respingando em seus lábios e queixo. "Ela é. .

anátema. Amaldiçoada", ele disse com a voz embargada. "Os deuses a denunciam."

"Sério?" Agachei-me ao lado dele. "É mesmo?" Eu ainda não tinha encontrado minha braçadeira.

Levantei a mão direita para mostrar o que minha armadura e as luvas de Saeris escondiam: as extensas tatuagens que nos marcavam — e nossa união — como divinamente ligados. Ereth já fora um Fae. Ele conhecia as histórias. Certamente ouvira contos de casais que eram ligados por Deus.

Seus olhos se arregalaram ao ver a tinta circulando meus pulsos. Tinta que se formara no labirinto, quando Saeris fora puxada através do mercúrio para o reino dos próprios deuses. "Eles não a denunciaram. Eles a protegeram." E talvez isso não fosse verdade. Uniões divinamente ligadas frequentemente terminavam em morte. Mas Saeris já havia morrido uma vez, e eu já havia morrido muito mais do que o necessário no labirinto. Para mim, a Morte já havia nos tirado o que lhe era devido. Eu *tinha* que ver as marcas como uma bênção.

Risadas borbulharam de Ereth, o som de um chocalho úmido. "Seu i-idiota. N-nós temos deuses *diferentes* ."



E então ele se foi.

Entre respirações, o corpo do monstro se desfez em cinzas.

Um grito enfurecido rasgou o ar, e lá estava Zovena, avançando não em minha direção, mas em direção à espada ainda cravada no centro do mosaico da estrela de cinco pontas que decorava a plataforma.

Levantei-me, mostrando os dentes. "Toque, Zovena. Vai, eu te *desafio* ."

A vadia parou abruptamente, mas não porque o bom senso a tivesse vencido; um

raio prateado cruzou minha visão, e Tal estava lá, derrubando a vampira no chão.

"Parar!"

O grito de Saeris ecoou pelo Salão das Lágrimas e, ao seu comando, os Lordes restantes, Tal e Zovena, e os vampiros de sangue nobre que se revoltavam em seus assentos simplesmente *pararam* .

“Eu sou a governante desta corte e serei *ouvida* !” Ela estava de pé na beira do estrado, bela e terrível como uma tempestade, o ar ondulando e distorcendo-se ao seu redor. Eu não era membro da Corte de Sanasroth, mas até meus ouvidos ressoavam com sua autoridade. Isso fez com que vários outros vampiros de linhagem nobre nos bancos da frente se ajoelhassem. “A partir deste momento, sempre que estiverem em minha presença, é assim que me cumprimentarão: de *joelhos* ! Todos os súditos da Corte de Sangue de Sanasroth estão proibidos de me ferir, atrapalhar ou matar a mim, meu companheiro ou qualquer um dos meus amigos. Além disso, a partir deste momento, nenhum vampiro subjugado a um membro de sangue nobre desta corte poderá ser usado para fins de guerra, malícia ou caos. Eu falei. Está feito!”

Uma onda de choque de energia varreu o salão, puxando as roupas das pessoas e fazendo com que elas protegessem os olhos.

Saeris havia promulgado seus próprios decretos. As primeiras leis de uma nova monarca, aprovadas com força. Os primeiros passos do nosso plano estavam em andamento.

Os vampiros de Sanasroth não tiveram escolha a não ser obedecer.

"Ela te *drogou* ? Na frente de toda a Corte de Sanasroth?"

Caminhei com dificuldade pela lama, balançando a cabeça diante da diversão na voz de Renfis. Ele estava se divertindo demais com aquilo. "Acho que você não entendeu. Eu matei um Lorde da Meia-Noite. As celebrações da coroação foram canceladas. Tive que sair de Ammontraíeth antes que um motim começasse."

Meu amigo assentiu com a cabeça, esfregando o queixo. "É. Certo. Ok. Não era *exatamente* assim que esperávamos que a cerimônia acontecesse." Mas, sinceramente, quem se importa com Ereth? Eles vão ter quórum e substituir o desgraçado. Quero saber sobre você ter sido drogado. Você arrancou as roupas

dela na frente de todo mundo?

Cerrei os dentes, soltando um suspiro pesado. "Não, eu não arranquei as roupas dela. Ela mal me tocou. Assim que percebi o que ela estava fazendo, mandei ela beber, e então—" Mas eu me

lembrava do calor do veneno dela nas minhas veias e minha cabeça começou a girar de novo. "Olha, vamos nos concentrar. Eu tive que sair de Ammontraíeth a cavalo e depois patinar até a metade da maldita Represa antes de ter acesso à minha magia. Como vou protegê-la direito se não consigo criar um portal amaldiçoado pelos deuses?"

Ren estava com as bochechas coradas. Era bom ver isso. Desde que transferimos Layne para a Ala Leste em Cahlish, seu humor estava um pouco mais animado. Minha irmã abriu os olhos ontem, o que era um pequeno progresso, sim, mas ainda assim era progresso. Ele sempre foi protetor com minha meia-irmã. Mesmo quando éramos mais jovens e ela o provocava sem piedade. Parecia que ele havia assumido a responsabilidade de garantir que Everlayne se recuperasse o máximo possível.

Ele abaixou a cabeça enquanto me seguia para dentro da tenda de guerra.

"Pelo que me parece, Saeris é um dos seres mais poderosos deste lado da vida após a morte. Ela foi coroada. Ela proferiu sua vontade e a transformou em lei."

Resmunguei, insatisfeito.

“Eles têm que obedecê-la, irmão. Faz parte da maldição da corte deles. Pode agradecer à paranoia de Malcolm por isso. Qualquer vampiro nascido da linhagem dele *deve* obedecer à coroa de Sanasroth.

Agora que a coroa está na cabeça de Saeris e ela os proibiu de machucá-la, ela é basicamente intocável. Ela não *precisa* de proteção. Eles têm que seguir os decretos. Eles não podem machucá-la.

Eles não podem machucar você. E não só isso, mas ela desativou a maldita *horda* , Fisher.”

Ele tinha razão. O que ele dizia fazia sentido. Então, por que essa sensação incômoda e persistente no meu estômago continuava? "Eles certamente estão

tentando encontrar uma solução neste exato momento. Zovena está furiosa—"

"Que se dane *a Zovena* ", murmurou Ren.

— E Algat estava sorrindo como um travesso quando saiu daquele salão, então só os deuses sabem o que *ela está* planejando.

“Ora, ora, ora. Vejam só quem está aqui. O andarilho retorna.” A tenda de guerra estava vazia, exceto por uma figura solitária sentada em um banquinho perto da fogueira, passando uma pedra de amolar na lâmina de sua espada. Avisiéth fora outrora chamada Celeandor. Pertencera a outro membro do Lupo Proelia, mas Saeris a reforjara e a colocara nas mãos de Lorreth — a primeira espada divina a canalizar magia em uma era.

"Se não tomar cuidado, você vai acabar desgastando essa lâmina até não sobrar nada", disse Ren, sentando-se ao lado dele.

“Ele fica amuado se eu não o limpar todas as noites.” O tom de Lorreth carregava um toque de exasperação. Ele nos cumprimentou com um sorriso. “A maldita coisa tem mudanças de humor piores do que um Faeling prestes a desmaiar.”

Ren riu, acenando com a cabeça para mim. "Engraçado você mencionar bolas. Pergunte *a ele* como estão *as dele* ."

Soltei um gemido, encostando-me na mesa no centro da sala. "Pelo amor de Deus, você vai contar para todo mundo?"

Lorreth franziu a testa. Abaixando-se, pegou uma caneca de cerveja do chão aos seus pés. "Diga-me o quê? O que há de errado com seus testículos?" Deu um gole.

“Ele deu a Saeris um novo pedaço de tinta. Ela precisava se alimentar dele antes de ser coroada”, disse Renfis. “E *ela* acidentalmente o medicou.”

Lorreth cuspiu a cerveja por todo lado. *"O quê?"* Ele fez uma careta para mim. "Na frente de todo o tribunal?"

Derrotado, assenti com a cabeça, soltando um suspiro. Acho que era melhor deixar que terminassem logo com isso. "Diante de todo o tribunal."

“Como você conseguiu se controlar? Você não estava.. ” Ele olhou diretamente para a minha virilha.

“Sabe. .”

“Sim, eu era mais duro do que aquele maldito aço em suas mãos. É isso que você quer ouvir?”

"Meu Deus, me desculpe", disse Lorreth. Mas ele estava rindo, o que deixou bem claro que não estava arrependido e, na verdade, aquela fofoca era provavelmente a coisa mais engraçada que ele já tinha ouvido.

Eu não estava rindo. Principalmente porque não tinha tido a chance de ficar a sós com Saeris desde a coroação, mas também por causa da situação em que me encontrava agora. Eu estava em Irrín. Meu companheiro não. Se dependesse de mim, já teríamos assassinado todos os bastardos da Corte Sanasrothiana e Saeris estaria aqui, ao meu lado. Por uma vez, eu queria ser egoísta. Queria mandar tudo às favas e colocar minha própria felicidade e a do meu companheiro em primeiro lugar. Mas o egoísmo não era o meu destino nesta vida. Como se me lembrasse do meu caminho, a tatuagem na parte interna do meu antebraço esquerdo formigava, a tinta tremendo sob a minha pele. *Sacrifício.*

Pulsava com frequência, até ardia de vez em quando, como se a tinta ainda estivesse fresca. Mas nunca mudava. Nunca descrevia um futuro diferente, menos doloroso.

O plano que havíamos arquitetado desde o despertar de Saeris parecia improvisado e prestes a desmoronar a qualquer momento. As consequências, caso falhássemos, me impediam de dormir há dias.

Se Tal não cumprisse sua parte do acordo e a mantivesse em segurança..

Se o decreto real de Saeris não fosse cumprido, ou se as sanguessugas de Sanasroth encontrassem uma maneira de contorná-lo e a matassem em sua cama..

Se ela não conseguisse encontrar as informações de que tanto precisávamos nas bibliotecas de Sanasroth. .

Se o maldito do Carrion Swift se metesse em encrenca e arrastasse o amor da

minha vida miserável junto com ele. .

Se.

Havia tantos "ses" que era difícil de compreender. Eles me bombardeavam, esmagando-me sob uma avalanche de possibilidades reais demais, enquanto eu me agarrava desesperadamente à promessa que fizera de *ter fé* . Mas ter fé era como tentar me lembrar de uma língua que eu conhecia quando criança. Não, era pior. Era como tentar correr com as pernas quebradas. Minhas pernas não

conseguiam me sustentar naquele momento, então eu me arrastava de mãos e joelhos, a palavra *fé como* uma bota na minha nuca, me empurrando para baixo na lama.

Ren e Lorreth ainda estavam rindo baixinho.

"Pelo menos, se você está tão agitado assim, estará pronto para uma briga", ponderou Lorreth, com seus olhos escuros cheios de travessura.

Uma parte de mim queria sentir raiva por eles ainda conseguirem ser tão despreocupados diante de tudo isso. Era a mesma parte de mim que estivera presa no labirinto de Malcolm por mais de um século e que gradualmente perdera a esperança. Sempre correndo. Sempre sofrendo. Sendo devorada, queimada e assombrada pelos cadáveres em chamas de uma cidade inteira que *eu* havia incendiado. A mesma parte de mim que ainda estava lá, correndo pelos corredores daquele pesadelo sombrio. A parte de mim que *jamais* se libertaria daquele maldito labirinto.

Mas o resto de mim se sentia aliviado por meus amigos ainda terem alegria na alma. Eles também haviam sofrido. Suas perdas também foram imensas. Tiveram que assistir nosso povo sendo brutalizado, devorado e transformado todos os dias. E se meus amigos ainda conseguiam encontrar forças para rir, então eu ficava feliz. Isso significava que talvez houvesse esperança para mim também.

Abaixei a cabeça, sorrindo levemente enquanto olhava para as minhas mãos. *Era* bem engraçado, pensando bem.

“Honestamente, acho que posso ser parcialmente responsável”, disse Lorreth, voltando sua atenção para a espada; o metal emitia um zumbido brilhante e

contínuo enquanto ele deslizava a pedra de amolar ao longo da lâmina. “Ela me perguntou sobre o comércio de sangue lá na taverna.” Não faz muito tempo. Expliquei da maneira que me pareceu apropriada. Em retrospectiva, só dei a ela metade da informação que provavelmente ela precisava. Mas como *eu* ia saber que ela se tornaria vulnerável e estaria em posição de *te morder* ? Imaginei que você explicaria tudo quando chegasse a hora certa, e você queria—”

"Por favor, pare de falar." Era completamente irracional — a vontade repentina que senti de agarrar o pescoço de Lorreth e apertar até que ele parasse de respirar. Mas um Fae acasalado não gostava que outro macho falasse sobre sua companheira, mesmo nas melhores circunstâncias. E eu havia acasalado recentemente. Só de ouvir que ele tinha falado com Saeris sobre o comércio de sangue, eu já queria enlouquecer e queimar aquela maldita tenda de guerra.

Lorreth deu uma risadinha, indiferente à minha resposta ríspida. Apenas balançou a cabeça, continuando seu trabalho. *Shhhhick. Hummmmmm. Shhhhick. Hummmmmm.* Sabiamente, porém, ele mudou de assunto.

“Ainda não o encontrei”, disse ele, com um semblante sério.

O sorriso de Ren também desapareceu. Ele roía as unhas, encarando o fogo enquanto falava. "Nem sabemos que ele está lá dentro."

Eu sabia de quem eles estavam falando, embora nenhum dos dois tenha dito seu nome. Nosso amigo. Nosso irmão. Foley estava conosco quando escalamos o dragão. O velho 'Shacry o sacudiu e

o lançou na escuridão. A queda esmagou seu corpo, mas foram os alimentadores que o mataram.

Eles o deixaram sem água e o destroçaram na neve. Levamos horas para encontrá-lo. Eu já estava livre das mandíbulas do dragão e a manhã havia chegado quando o encontramos, ofegante e coberto de sangue, escondendo-se do amanhecer na entrada de uma caverna.

Ele deveria ter se tornado um alimentador. Malcolm era o único de sua espécie capaz de criar outros vampiros com suas personalidades e mentes intactas. Pelo menos, era o que acreditávamos na época.

Pensávamos que era um milagre. Anos depois, Descobri a verdade: Taladaius

estivera lá naquela noite, supervisionando o ataque à montanha.

Quando lhe perguntaram, ele disse que o fizera por gentileza para comigo. Que dera seu sangue a Foley e depois o drenara, apenas para que ele pudesse escolher *entre* viver e morrer.

Foley estava furioso. Confuso. Ficamos com ele. Nosso amigo gritou por horas enquanto completava sua transformação. Ele se alimentou antes de o encontrarmos e não conseguia parar de chorar por aqueles que havia matado. O horror que sentia por aquilo em que se transformara parecia que o mataria, mas quando a noite caiu, ele nos deixou, fugindo para a escuridão, montanha abaixo e para longe.

Soubemos depois que ele havia fugido para Ammontraíeth. Ao longo dos anos, tentamos entrar em contato com ele diversas vezes, mas todas as nossas cartas ficaram sem resposta.

"Ele está lá", eu disse baixinho. "Ele não teria ido embora. Ele não confiaria em si mesmo perto dos vivos."

Nenhum de nós falou novamente por um tempo.

Shhhhick. Hummmmmm.

Shhhhick. Hummmmmm.

Mesmo permanecendo imóvel, com o olhar perdido nas chamas, a tensão pulsante de Renfis aumentava até se tornar uma quarta presença junto à fogueira, monopolizando todo o calor. "Você vai falar ou vai ficar aí remoendo?", perguntei por fim.

Ele inspirou profundamente, como se estivesse acordando de um sonho. "Não tenho nada de novo a dizer sobre o assunto."

Lorreth finalmente fez Avisiéth sentar, recostando-se na cadeira e apoiando a caneca de cerveja na barriga. "Então diga o que já disse, e nós o ouviremos novamente."

Por um instante, pareceu que Ren ia se calar, mas então ele começou. "Já se passaram centenas de anos. Quase uma era. Nós o conhecemos uma vez, mas

Foley é vampiro há mais tempo do que era Fae. Quem pode afirmar que ele ainda se parece com a pessoa com quem lutamos um dia?"

Ele tinha razão. Tanto tempo havia passado. Mas lá estava aquela palavra de novo. *Fé.* De vez em quando, ela me permitia levantar da lama o suficiente para respirar. "Ele estava ligado a nós por sangue, assim como nós a ele. Jurou proteger nosso povo, junto com todas as criaturas de Yvelia. Se você se encontrasse no lugar dele, quebraria *seu* juramento, Ren?"

Renfis não apenas assumiu o comando da Lupo Proelia quando me perdi no labirinto. Ele se tornou general de um exército. Ele assumiu de bom grado um fardo de responsabilidade que teria esmagado a maioria dos outros guerreiros, como quase me esmagou. Eu conhecia sua essência. Ele era

honesto, verdadeiro e bom. Mas ainda assim, ele foi tolo o suficiente para balançar a cabeça negativamente. "Sinceramente, não sei, irmão."

"Bem, eu acredito. Não há a menor possibilidade de você quebrar sua promessa. Prefiro acreditar que Foley também não a quebrou."

Passei horas procurando por ele, depois de ter certeza de que Saeris ficaria bem. Lorreth também.

Taladaius se recusou a me dizer onde ele estava, o que não diminuiu em nada a raiva que *eu* ainda sentia por ele. Mas, de certa forma, eu entendi.

Foley precisava construir uma nova vida para si em Ammontraíeth. Em algum momento, ele deve ter precisado aceitar sua nova vida e seguir em frente. Ele não respondeu às cartas que enviamos, o que deve ter tido um motivo. E se Foley não queria falar conosco, então era lógico que também não quisesse nos *ver* .

Há muito tempo, ele teria morrido por mim e eu por ele. Eu ainda teria dado a minha vida por ele se isso o salvasse de alguma forma. Mas o estrago já estava feito, e de todas as pessoas, *Tal* parecia ser o único capaz de respeitar isso.

“Se ele estiver lá dentro em algum lugar, quem garante que ele tenha algum interesse em ajudar Saeris?”, disse Lorreth. “Ele não tem nenhuma ligação com ela. Nenhum motivo para lhe demonstrar qualquer lealdade.”

“Além de ela ser minha companheira?”

Lorreth deu um gole em sua cerveja. "Quer dizer, honestamente, isso pode deixá-lo ainda *menos* inclinado a ajudá-la."

Dei de ombros. “Temos que ter esperança. Precisamos *dele* . O avô dele foi um dos últimos alquimistas. Foley sabe mais do que ninguém sobre magia e práticas alquímicas. Belikon queimou todos os textos dos alquimistas quando tomou a coroa. Os poucos livros que meu pai conseguiu reunir na biblioteca de Cahlish não explicam quase nada. Então, só nos resta o conhecimento que existe na cabeça de Foley. Se ele não compartilhar isso com ela.. ”

“Então Saeris nunca poderá realizar todo o seu potencial. Nunca conseguiremos destruir Ammontraíeth de vez. E nunca conseguiremos acabar com Belikon de uma vez por todas e colocar Carrion Swift no trono”, disse Ren, com um tom sombrio. “Acho que é melhor todos nós torcermos e rezarmos para que Foley mude de ideia e queira ser encontrado. Porque eu, por exemplo, adoraria *ver* a paz em minha vida.”

Hah.

Paz.

Como seria isso? Será que algum de nós saberia o que fazer? Duvidava. Distraidamente, percebi que não havia colocado minha braçadeira de volta depois de deixar Saeris se alimentar de mim. Passei os dedos sobre os dois pequenos ferimentos perfurantes no meu pulso; estavam cicatrizando rapidamente e sumiriam pela manhã. Suspirando, tirei a outra braçadeira e a coloquei sobre a mesa, depois desabotoei também a gola, livrando-me do seu peso em volta do meu pescoço. Estava arregaçando as mangas da camisa quando percebi que meus irmãos estavam me encarando.

"O quê?" Mas eu já sabia o que eles estavam olhando. Eu havia tido o cuidado de esconder as runas que manchavam o dorso das minhas mãos e envolviam meus pulsos desde que Saeris me aceitou como seu companheiro. Minhas mãos sempre foram tatuadas. As runas da *vingança* e *da justiça* estavam marcadas na minha pele há muito tempo. . mas agora havia outras runas. sobrepostas a elas.

Tantas runas, na verdade, que era impossível diferenciá-las umas das outras. As runas e a escrita que serpenteavam pelos meus braços — as Ligaduras Divinas

que combinavam com as de Saeris — eram belas e aterrorizantes, até mesmo para mim.

Olhei para tudo aquilo, manchando minha pele, e sorri com pesar. "É. É *muita coisa* ."

“Quer dizer, nós sabíamos”, disse Ren, ofegante. “Mas saber é uma coisa. Ver com os próprios olhos.. ”

“Ver isso pessoalmente é *incrível* ”, concordou Lorreth. “Isso significa que vocês dois vão. . vocês sabem. .” Ele parecia estar com dificuldade para encontrar as palavras. “Vocês vão realizar os ritos agora? Se casar?”

Uma onda de adrenalina percorreu minha espinha. Me afastei da mesa rapidamente, abaixando as mangas da camisa para cobrir a tinta. "Não. Não vamos fazer isso", disparei. "Ela não é—"

A aba da tenda de guerra se abriu e Danya irrompeu na sala. "Ren! Oh. Você está aqui." Seus olhos pousaram em mim, cheios de pânico. "Vocês precisam sair agora. Os três. Algo está errado."

Ren já estava de pé. "Alimentadores no rio?" Havia pânico na pergunta; após o decreto de Saeris, os alimentadores haviam sido chamados de volta para Ammontraíeth. Eles seriam aquartelados a uma milha do Palácio Negro, longe da fronteira de Sanasroth com Cahlish.

“Não”, respondeu Danya. “Sim. Eu.. eu não sei o que está acontecendo. Não consigo explicar. É

melhor você vir e ver por si mesmo. Depressa.”



4

114

MARTIM-PESCADOR

OITO DELES estavam enfileirados ao longo do aterro.

Eles estavam imóveis como mortos — mortos *de verdade* , não *mortos* -vivos. Não rosnaram para as fadas do outro lado do rio que os observavam. Eram como estátuas em decomposição, tão imóveis que, por um segundo, me perguntei se alguém as havia colocado ali.

“O que estamos vendo?”, perguntei.

As coisas que Danya testemunhou ao longo dos anos a tornaram tão inabalável quanto o resto de nós, mas seu rosto estava mortalmente pálido enquanto ela erguia o queixo em direção aos comedouros. "Apenas observem."

Passou-se um minuto.

Outro.

E quando eu já estava perdendo a paciência e prestes a exigir que Danya explicasse o que estava acontecendo, eles se mexeram.

Juntos, desceram a encosta em direção ao rio, movendo-se em uníssono antinatural. Primeiro o pé esquerdo. Depois o direito. Os oito escorregaram, perdendo o equilíbrio na lama. Caíram para a frente, de quatro, jogaram a cabeça

para trás e gritaram.

O som fez com que todos os pelos do meu corpo se arrepiassem.

Em uníssono, avançaram, rastejando rumo à morte, de mãos e joelhos.

"Vamos quebrar o gelo?", perguntou Danya, respirando fundo.

“Não. Vamos esperar.” Se fossem levados pela correnteza, não poderíamos inspecioná-los depois de mortos. Essas criaturas eram diferentes, e precisávamos saber o porquê. Como se lesse meus pensamentos, Ren concentrou sua magia, formando uma esfera de poder azul-esbranquiçada em suas mãos. Minhas sombras se enrolaram ao redor dos meus pés, formando poças, rondando, prontas para serem libertadas.

“Assim que chegarem à metade do caminho. .” murmurou Ren.

Lorreth já tinha Avisiéth em suas mãos. Deixei Nimerelle presa às minhas costas. Minhas sombras seriam suficientes para isso. Os alimentadores rastejaram para fora, sobre o gelo. Mais adiante. Suas mãos e pés tocaram a superfície congelada em uníssono: mão esquerda, joelho direito, mão esquerda, pé direito.

Lorreth torceu a espada em sua mão. "Não me *sinto* bem com isso."

Eu também não. Havia algo repugnante no ar. Tóxico. O cheiro das fogueiras e da comida cozinhando invadia minhas narinas, mas havia algo mais também. Inodoro, mas eu podia senti-lo subindo pelas minhas narinas e penetrando nos meus pulmões. Fosse o que fosse, não era nada bom.

Os alimentadores dispararam.

Os oito alçaram voo como veados. Correram em direção ao meio do rio, até o ponto onde nossa magia faria efeito, e então atravessaram a barreira invisível sem hesitar. No instante em que aconteceu, Renfis liberou sua magia, eu lancei minhas sombras, e fumaça e luz jorraram pelo rio. A energia de Ren atingiu primeiro. O orbe atingiu dois dos alimentadores em cheio. Desviei minhas sombras, enviando-as para a direita para atingir os alimentadores restantes, mas..

A magia de Ren não crepitou e se dissipou, deixando corpos em seu rastro como

normalmente fazia.

Ela brilhou intensamente, iluminando a escuridão, e então foi *absorvida* pelos dois alimentadores que atingiu. Eles eram homens. Sem camisa. E onde o orbe de magia atingiu seus peitos, Uma rede de magia branca brilhante se expandiu para fora ao longo de suas costelas. Os dois alimentadores estremeceram e, de repente, todos os oito exibiram a mesma convergência branca de poder.

A luz pulsava, brilhando, e os alimentadores estremeceram novamente, arqueando seus espinhos.

"Mas que diabos?" Ren sussurrou.

Invoquei minhas sombras, espalhando-as em todas as direções, oito finos tentáculos negros, cintilando com minha própria magia. *Ataquem com força* , pensei. *Acabem com isso.* Mas quando atingiram o alvo, perfurando os alimentadores através das marcas brilhantes onde a magia de Ren agora parecia estar presa em seus peitos, minha magia também foi absorvida por eles. E, céus, como eu senti. Era como respirar água gelada. O frio atingiu com força, arrancando-me o fôlego. E a solidão. A tristeza. Ela se enroscou em meu peito e apertou meu coração com tanta força que parecia que ia se partir. Em mais de cem anos presa no labirinto de Malcolm, nunca me senti tão desamparada quanto naquele instante.

Eu queria que parasse. A semente da miséria parecia estar criando raízes na minha alma. Era difícil respirar; era como se eu tivesse esquecido como se respirava. Ofeguei, finalmente inspirando uma grande quantidade de ar, mas o gosto estava completamente errado.

Tentei retrair minhas sombras, mas não consegui. Os alimentadores as absorveram e as retiveram com força. Um brilho negro metálico rodopiava no centro de seus peitos, agitando-se em meio à energia branca que haviam extraído de Renfis.

Olhei para Ren e o encontrei pálido, com uma expressão de puro horror. Estaria ele sentindo o mesmo que eu? Tudo indicava que sim. "Eles *se alimentaram* da nossa magia", sussurrou ele.

Foi muito pior do que ser mordida. Pior do que eles se alimentarem do nosso sangue. Sangue era sagrado, sim, mas nossa *magia* ? Eu queria vomitar. No

contexto geral, nenhum de nós havia gasto muito do nosso poder, mas eu ainda podia senti-lo — aquilo Um pequeno pedaço de mim que enviei ao mundo e que não recuperarei.

Os alimentadores estremeceram novamente, semicerrando os olhos; pareciam estar tomados por êxtase. Gemeram, todos os oito, passando as línguas dilaceradas pelos lábios rasgados.. e então voltaram à posição de sentido.

“Eles ainda estão vindo!” gritou Danya.

Eles corriam, trotando, com passos anormalmente longos, impulsionados pelo poder roubado.

Eles quase tinham chegado ao banco.

Firmando as botas na lama, Lorreth ergueu Avisíeth com ambas as mãos e apontou a espada com a ponta para o rosto. "Vou atingir todos eles com o Sopro do Anjo", rosnou. "Eles não sobreviverão a isso."

"Não!" Ren e eu gritamos ao mesmo tempo.

“Não!” ofeguei. “Eles estão drenando nossa energia. Se tomarem o Sopro do Anjo. .” Nem conseguia pensar nisso. Será que os tornaria ainda mais fortes? Será que. . será que conseguiriam usá-lo contra nós? Droga, minha mente estava de cabeça para baixo. Mais guerreiros de Irrín estavam se juntando a nós no banco. “Ninguém use magia!” gritei, densas nuvens de névoa turvando minha respiração.

“Usem apenas prata. Lâminas e adagas. Lá vêm eles!”

Eles se dispersaram ao nos alcançarem. Onde antes se moviam em uníssono, agora agiam independentemente, seus olhos turvos e vermelho-sangue fixando-se em diferentes membros do nosso grupo enquanto atacavam.

Será que Lorreth tinha ouvido o que eu disse? Eu esperava que sim, porra. Nenhum sopro de Sopro de Anjo rompeu a noite.

Um dos alimentadores — um sujeito alto e atarracado, com cabelo raspado e braços cobertos de runas — mostrou os dentes destruídos enquanto vinha para cima de mim. Levei a mão à adaga na cintura, mas não encontrei nada. Droga!

Eu tinha dado aquela lâmina para Saeris. Não havia como. .

Hora de pensar. Segurei Nimerelle e a puxei, num movimento amplo, assim que o alimentador atingiu o alvo.

Sem magia. Sem energia , implorei à espada enquanto a brandia. *Apenas arranque a maldita cabeça dele.*

A espada ouviu e obedeceu. Quando sua lâmina afiada como uma navalha encontrou a carne do devorador, nenhuma nuvem de fumaça ou magia irrompeu dela. O ferro penetrou fundo, afundando facilmente na carne podre e nos músculos gelatinosos, deslizando rente aos ossos. Mas onde Nimerelle cortou a carne, uma substância negra e espessa cristalizou-se na lâmina como gelo.

“Que diabos—”

Nimerelle *gritou* .

Ouvi o som na minha mente, ensurdecedor e repleto de dor. Nimerelle tremia tão violentamente que as vibrações percorreram meus braços e fizeram meus dentes baterem. O alimentador nem percebeu que eu o havia passado. Ligou, os dentes rangendo, se impulsionando ao longo da lâmina para me alcançar.

Mesmo sem sua magia, Nimerelle deveria ter causado imensa dor à pessoa que a alimentava. Ela era tanto prata quanto ferro. *Eu* só conseguia segurá-la por causa do que havia acontecido em Ajun. A parte da pessoa que um dia fora fada deveria ter se retraído diante do ferro. A parte que era vampira deveria ter sido afetada pela prata. Mas nada.

Levantei a bota, deslizando na lama, e chutei a criatura no estômago, empurrando-a para longe da lâmina. O monstro cambaleou para trás três passos, deslizando de volta para o barranco, o que me

deu tempo suficiente para me recompor. Eu não podia usar a espada novamente. Ela havia lhe causado dor. Enfiei-a de volta na bainha presa às minhas costas e saquei outra adaga da bota, pronta para quando a criatura viesse voando em minha direção novamente.

Gritos e berros rasgaram a noite.

Agora havia corpos por toda parte — mais guerreiros do acampamento, correndo para se juntar à luta. O alimentador atacou, Saltando no ar. Atingiu a garganta com uma flecha de ponta prateada enquanto descia, mas a arma não surtiu efeito. Quando o monstro pousou, quebrei a flecha e cravei o fragmento no olho do predador, mas nem isso o deteve. O predador avançou, brandindo suas garras contra mim. Onde antes havia dedos, agora havia garras afiadas curvadas em ganchos, pingando um líquido negro e viscoso. Se me arranhasse. . eu não morreria, mas seria um desastre.

Recuei rapidamente, fora do alcance da criatura. Não podia usar magia nem minha espada contra ela, mas ainda assim era mais rápida. Ela rosnou, frustrada, ao saltar novamente—

"O gelo!" Alguém gritou. "Eles estão quebrando!"

Uma sensação ruim me dizia que a água corrente sob a superfície congelada da represa não teria mais efeito algum sobre esses predadores. Havia apenas duas semelhanças entre esses monstros e os demônios com os quais estávamos acostumados a lidar: estavam mortos e famintos. Tirando isso, essas *criaturas* eram de uma espécie completamente diferente.

E, de fato, quando o gelo se quebrou abaixo da margem e um dos outros alimentadores caiu na água, não fez nenhum som. Enrolou-se abaixo da linha d'água, comprimindo o corpo na água escura como tinta, e então saltou da superfície ondulante, caindo sobre Renfis.

“ *Ren!* ” O grito ecoou sobre o mar de guerreiros. Em algum lugar, Lorreth parecia estar lutando por sua vida, e mesmo assim ele chamava por nosso irmão.

A criatura avançou como uma serpente, com a língua pendendo para fora da boca e prendendo-se nos dentes serrilhados. Girei e me virei para a direita o mais rápido que pude, cravando a adaga na lateral do seu crânio.

Eu precisava arrancar a cabeça dele, mas não ia conseguir fazer isso enquanto ele me atacava com aquelas garras malditas. "Fogo!" gritou: "Acendam as luzes!" Estávamos ficando sem opções. Se o fogo não funcionasse, estávamos perdidos.

Meus guerreiros atenderam ao chamado. Em segundos, chamas laranja brilhantes projetaram sombras monstruosas ao longo das margens do rio.

Centenas de tochas surgiram, incandescentes e cuspindo brasas. Um alimentador comum teria recuado diante das chamas, mas este simplesmente continuou vindo.

“Afastem-se, Comandante”, gritou um guerreiro alto de cabelos escuros. Ele se abaixou ao meu redor, erguendo a tocha para a frente, e eu me afastei enquanto ele arremessava a tocha contra o comedouro. O medo sussurrou em meu ouvido, ou talvez fossem os resquícios do mercúrio. .

Não vai funcionar. Não vai funcionar, não vai funcionar..

Mas o monstro pegou fogo como lenha seca assim que o fogo entrou em contato com sua carne em decomposição.

O comedouro não emitiu nenhum som ao ser engolido. Nem um pio.



Não se debateu nem fugiu. Apenas ficou agachado ali, em chamas. O tempo pareceu desacelerar enquanto o alimentador girava e rodava, voando pelo ar e pousando sobre o guerreiro que o havia incendiado.

"Não!" Me movi o mais rápido que pude, mas descobri que *não era* tão veloz quanto a criatura amaldiçoada. Era tarde demais. Ela agarrou o guerreiro, e Elroy ainda tinha um pouco de velocidade.

Ele segurou meu braço, me impedindo por tempo suficiente para olhar nos meus olhos. Suplicante, ele disse: "E se eles te encontrarem e descobrirem o que você pode fazer? O jeito que você consegue manipular metal—" cravou suas garras no crânio dele, esmagando os ossos enquanto virava sua cabeça para o lado e cravava dentes quebrados em seu pescoço.

A luta terminou num instante. O guerreiro que viera em meu auxílio teve a cabeça esmagada e o sangue drenado até a última gota num piscar de olhos. O alimentador agora era uma tocha. Parecia não sentir dor nem perceber que estava lentamente se incinerando. Arremessou-se contra a multidão reunida, caindo sobre outros guerreiros, imperturbável. Lâminas e espadas cravaram em seu peito e em sua garganta. Vi meus homens caírem enquanto ele devastava tudo.

"Ataquem por trás!" gritou alguém. Danya. Ela estava lá, do outro lado da

confusão, correndo ao meu encontro. Corri também, e nós duas nos atiramos sobre o comedouro ao mesmo tempo, agarrando-o e derrubando-o no chão. Seguramos e ele queimou. As chamas lambiam nossos braços e dançavam enquanto queimavam nossas roupas. O calor era inimaginável.

" *Peguem!* ", gritei. *"Peguem a porra da cabeça!"*

Eu não fazia ideia de quem havia executado o serviço com o machado. Assim que a cabeça do alimentador foi separada dos ombros, fui arrastado para longe do cadáver em chamas por uma multidão de mãos. O céu acima estava repleto de raios de luz. O chão estava coberto por uma espessa camada de lama revolvida e um líquido fétido. Milhares de facas cravaram-se profundamente em meu peito enquanto eu era arremessado para trás, na represa.

Ser esfaqueado doeu. Ser envenenado pela toxina de um alimentador também. Mas ser queimado vivo? Isso doeu *pra* caralho.

Soltei um suspiro de dor na tenda de guerra enquanto Te Léna aplicava uma pomada refrescante em minhas mãos. Ela estava fazendo o máximo que podia por mim, mas seu estoque de magia de cura para Danya havia se esgotado. A cura era sua magia inata, porém. Diferente da minha, ela se reabasteceria em breve. Ela tentou me ajudar quando fui levada às pressas para a tenda, mas insisti que ela cuidasse de Danya primeiro. Subi rapidamente, mas Danya se inflamou como uma tocha viva. Seus ferimentos eram graves. Teriam sido fatais se a curandeira não a tivesse atendido imediatamente. Sua pele cheia de bolhas havia se transformado em carne viva, seu rosto gravemente queimado. E seu cabelo? Te Léna fez o possível para aliviar as queimaduras por todo o corpo de Danya, mas seus longos cabelos loiros haviam desaparecido, restando apenas uma penugem chamuscada.

“Daqui a algumas horas, poderei dar uma olhada nisso”, murmurou Te Léna em voz baixa, aplicando delicadamente mais uma camada da pasta que havia preparado com seu estoque de ervas medicinais.

Cerrei os dentes e lhe dei um sorriso torto.

“Está tudo bem. Mal consigo sentir alguma coisa.”

"Mentiroso", repreendeu ela. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. "Eu sei o quanto isso deve doer. Você não está fazendo nenhum

favor a ninguém escondendo isso."

"Tudo bem, então. Vou chorar por isso, certo?" Pisquei para ela de forma brincalhona, deixando claro que eu estava apenas fazendo uma piada.

Ela não disse nada. Apenas me deu um sorriso triste enquanto cuidava dos outros ferimentos abertos nas minhas mãos e nos meus braços. "Algumas horas", disse ela novamente, quando terminou. "Assim que eu estiver quase—"

Fechei minha mão em torno da dela, soltando um pequeno chiado quando minha pele se rasgou.

"Está tudo bem, Te Léna. Eu vou aguentar." Ela nunca saberia disso — graças aos deuses — mas eu já havia suportado coisas muito, muito piores.

Renfis e Lorreth passaram pelo curandeiro ao entrarem na tenda de guerra. Seus rostos estavam manchados de fuligem, suas armaduras cobertas de ícor. Levaram muito tempo para abater os outros alimentadores. Pelo que me contaram, eles os amarraram com cordas e os imobilizaram enquanto serravam suas cabeças.

“Os corpos deles estão amarrados a uma árvore”, Renfis cuspiu as palavras, jogando as luvas na cadeira perto da lareira. Estávamos sentados ali, poucas horas atrás, brincando sobre meu azar e conversando sobre minha nova tatuagem. Parecia que uma eternidade havia se passado. “Eles ainda não vão *morrer* , porra”, Ren sibilou.

“Temos as cabeças deles num saco perto do rio. Estão tentando roer a saída.” Lorreth parecia exausto até os ossos. Ele se agachou, encostando as costas na parede; segurou a cabeça entre as mãos por um instante, a respiração ofegante enquanto inspirava e expirava. dedos. Ele lutou para encontrar as palavras certas quando emergiu novamente. “Que diabos foi isso? Séculos estamos aqui. Só uma vez antes eles chegaram a este lado do rio. Não foi o ideal, mas pelo menos os eliminamos rapidamente.

Metade do acampamento está em ruínas agora, graças a oito alimentadores. *Oito.* E ainda não conseguimos matá-los oficialmente.”

"Estou me sentindo mal", disse Ren baixinho. "No fundo do estômago. Sinto-me conectado a eles, como se. . a magia que eles roubaram tivesse me ligado a eles. Posso senti-los puxando, tentando sugar mais. Você se sente assim?", ele me

perguntou.

Eu não queria pensar nisso, mas sim. Era essa a sensação. Assenti com a cabeça. "Precisamos descobrir quem os estava controlando."

"Você acha que havia *alguém* ?" perguntou Lorreth. "Eles pareciam selvagens. Indomáveis." Ele estremeceu.

“No final, talvez. Mas no começo. .” O jeito como se moviam juntos, em uníssono, sugeria que estavam sob algum tipo de controle. Nem mesmo Malcolm conseguira fazer esse tipo de mágica com seus alimentadores. Teria exigido uma quantidade exorbitante de poder.

“Você sabe quem foi”, disse Ren. “Só existe uma pessoa capaz de algo assim.”

Balancei a cabeça negativamente. "Tal não gerou nenhum filhote para alimentação."

"E você acredita nisso simplesmente porque ele lhe disse?" Um tom áspero surgiu na voz de Ren.

"Por que ele mentiria, Ren?" Meu Deus, eu estava exausto. Meu corpo inteiro parecia ter sido acorrentado a um cavalo e arrastado por cinco quilômetros em terreno rochoso.

“Porque é assim que ele é. Ele é um mentiroso. Nunca foi honesto conosco sobre nada. Foley está onde está por causa dele. E ele estava lá, na outra noite. Com Everlayne. Ele a tinha na coleira , Fisher.”

“Malcolm ordenou que ele fizesse isso—”

“Por que você sempre o defende!” Ren bateu com o punho na mesa. Seu grito ecoou pelas paredes da sala de guerra. Sua palidez, antes acinzentada, transformou-se em um vermelho furioso. “A cada instante, você nega o que está bem diante dos seus olhos. Ele te abandonou. Ele te deixou há mais de mil anos. Ele escolheu nos deixar e ir com Malcolm. Como você acha que ele ainda está por aí, hein?

A única razão pela qual ele ainda está aqui, sendo um espinho em nossos pés, é porque ele se alimenta dos vivos. Ele é tudo o que desprezamos, e ainda assim,

toda vez que algo assim acontece, você arranja desculpas para ele.”

Deixei-o extravasar sua fúria. Não valia a pena tentar falar até que a raiva que o consumia se dissipasse. Enquanto o observava, seus ombros se elevando e abaixando enquanto me encarava, percebi que a única vez que eu vira Renfis com raiva fora por causa de Taladaius. De certa forma, ele tinha razão sobre ele. Mas em todos os aspectos que realmente importavam, ele estava errado.

“Sinto muito”, eu lhe disse. “Sei que jamais haverá nada além de ressentimento entre você e ele. Mas você nunca esteve preso a uma maldição, irmão. Nunca foi forçado a agir contra a sua vontade. E

nunca amou alguém a ponto de vender a sua alma ao diabo para protegê-lo. Rezo para que, quando encontrar a sua alma gêmea e se apaixonar, você só conheça a paz eterna ao lado dela. Mas para outros. .” acrescentei tristemente, “não é tão simples assim.”

Horas depois, quando Te Léna voltou para me curar e o sol despontou no horizonte negro além de Sanasroth, aventuramo-nos a inspecionar os danos causados durante a noite. A parte do acampamento mais próxima do rio havia sido destruída. Tendas jaziam em ruínas, tecidos rasgados, suprimentos espalhados por todo o chão revolvido. Os mortos jaziam na margem do rio com flores de Viburnum glabra sobre seus olhos fechados.

Eu estava completamente anestesiado. "Quantos perdemos?"

“Cento e quatorze”, respondeu Lorreth.

O número não fazia sentido. Nunca tínhamos perdido tantos em Irrín. Em batalhas campais, sim, perdas maiores eram de se esperar. Mas não aqui, em nosso posto avançado. E não para *oito* alimentadores. "Vamos enterrá-los em Cahlish", murmurei. "Vou abrir um portal e os carregaremos um de cada vez."

Meus irmãos não disseram nada. A frustração ainda emanava de Ren enquanto atravessávamos o barranco em direção ao grande carvalho, mas ele manteve a calma. Conversaríamos novamente, ele e eu, quando a tensão não estivesse tão alta. Era sempre assim quando estávamos em desacordo.

O carvalho estava ali desde que me lembro, alto e imponente apesar do frio. Agora, seu tronco estava ressecado, sua casca se desprendendo em grossas

placas. Das raízes às pontas dos galhos, infestado de cogumelos viscosos. Os corpos carbonizados e sem cabeça dos comedouros se debatiam contra as cordas, tentando se libertar, mas, felizmente, as amarras resistiam.

“Essas criaturas malignas não são de Yvelia”, disse Lorreth em voz baixa. “Nada em *nosso* mundo poderia produzir esse tipo de maldade.”

Mas já tínhamos pensado isso sobre os vampiros. E o poder era uma droga viciante. Nunca me surpreendeu as coisas terríveis que uma alma corrupta faria para obter mais dele.



5

ESTOQUE ANTIGO

SAERIS

O saco bateu no chão com um baque.

O fedor que emanava dali me deu vontade de vomitar.

"Cheira ao seu antigo apartamento em cima do Mirage", disse Carrion em tom alegre. Ele cortou um pedaço da maçã que segurava e comeu direto da lâmina da faca.

Olhei para ele com desdém, tentada a morder a isca. Ele queria que eu perguntasse como diabos ele achava que sabia qual era o cheiro do sótão que eu dividia com meu irmão mais novo, acima do Mirage, mas não havia tempo para alfinetadas mesquinhas.

Kingfisher e Lorreth tinham voltado, trazendo consigo um saco de cabeças decepadas. Era óbvio que o *saco de cabeças* deveria ter sido minha prioridade, mas aparentemente eu era uma pessoa terrível, porque a única coisa que me importava era ele. *Fisher.* Meu companheiro estava ali, e eu sentia como se finalmente pudesse respirar de novo.

Ele estava tão bonito como sempre, com os cabelos escuros penteados para trás em ondas. A sala ficava eletrizante sempre que ele estava presente. Eu me sentia atraída por ele como um ímã. Como se meu corpo estivesse tentando encontrar o caminho de volta para seus braços. Depois do *incidente* com Ereth, como estávamos chamando, a coroação As comemorações haviam sido canceladas, e Fisher tinha saído para ver como Ren e os outros estavam. Taladaius aconselhara que Fisher passasse pelo menos alguns dias longe de Ammontraíeth para que os nobres pudessem se acalmar um pouco, mas ele não pareceu nem um pouco surpreso quando meu companheiro apareceu aqui com Lorreth e a bolsa assim que o crepúsculo caiu.

Fisher lançou um olhar fulminante na direção de Carrion. "Saudações, Swift. Você acha que poderíamos ter um pouco de privacidade?"

“Você está me pedindo para ir embora?”

"Sim."

Carrion apontou a faca para Lorreth. "Ele vai ficar?"

“Não aponte isso para mim, garoto”, suspirou o guerreiro de tranças escuras. “Não se quiser ficar com ela. Sou colecionador de adagas bonitas.”

“Sim, ele vai ficar”, disse Fisher categoricamente.

Envergonhado, Carrion baixou o punhal. "Então é lógico que eu também deva estar presente. Sou o herdeiro do trono de Yvelia. Se houve acontecimentos que afetam Yvelia, devo absolutamente estar presente enquanto eles são discutidos."

"Você tem alguma experiência em guerra?", perguntou Fisher.

“Não, na verdade não.”

"Você tem alguma experiência com necromancia?"

"Não."

"Mortos-vivos?"

"Não."

“Maldições de sangue?”

"O que *você* acha?"

“Então você não nos serve para nada. Vá embora.”

Então Taladaius entrou pelas pesadas portas duplas. Ao contrário de todos os outros membros da Corte de Sangue, ele não se ajoelhou diante de mim. Eu o havia proibido expressamente de fazê-lo.

Ele havia sugerido que talvez não fosse uma boa ideia. Atravessou a sala do conselho com passos firmes, o som dos saltos de suas botas ecoando contra o mármore cinza-pombo. Sua expressão era controlada. Suave, até. Mas a tristeza que emanava dele, através da conexão que compartilhávamos, era mais forte do que nunca hoje. Deixou um gosto amargo e de arrependimento na minha boca.

"Depois do espetáculo que você deu ontem, Fisher", disse ele, "provavelmente será sequestrado e vendido como escravo se sair desta sala sozinho."

"E nós *não* queremos que isso aconteça?", disse Fisher, como se estivesse verificando os fatos.

“Fisher.” Essa pequena rixa entre eles estava se tornando quase irritante.

Meu amigo apenas me olhou, com a maior inocência. "Ele já disse repetidas vezes que não tem interesse em lutar por seu lugar no Palácio de Inverno. E ele mesmo admitiu isso agora mesmo. Sem treinamento tático. Sem conhecimento disso." Ele cutucou a bolsa no chão com a ponta da bota.

"Então, para que ele serve?"

Estreitei os olhos para ele. " *Foi você* quem o trouxe aqui. Agora você tem que tolerar a presença dele."

"Talvez seja hora de eu levá-lo de volta para Yvelia?", respondeu ele, esperançoso.

Meu criador bufou. Taladaius vestia uma camisa branca simples de mangas largas, calças pretas e botas pretas. Com seus cabelos prateados e pele pálida, ele era um estudo de contrastes. Passou a mão anelada pelos cabelos enquanto se abaixava e abria o saco, inspecionando seu conteúdo.

Meu estômago revirou no instante em que *vi* o que havia lá dentro. Eu já tinha presenciado muita decomposição em Zilvaren. Quando se vive em um setor em quarentena onde as pessoas morrem de fome ou sede diariamente, os mortos não são uma visão tão chocante. Mas quando só restava a cabeça, e as bochechas estavam enegrecidas e se desfazendo dos ossos.. e quando Eles estavam *piscando* para você com olhos vermelhos e turvos, mas essa era uma história um pouco diferente.

O cheiro estava muito pior agora que o saco estava aberto.

Taladaius recuou sobre os calcanhares, com uma expressão contemplativa no rosto.

Lorreth falou antes dele. "Diga-nos que não foi você."

A cabeça do meu criador ergueu-se bruscamente. Ele encarou Lorreth com um olhar atônito. "Eu?

Eu—" Recuperou-se. "Não. Não fui eu. Não tenho servos nem escravos. E isto. ." Sua voz falhou, e ele balançou a cabeça. "Isto está além da minha compreensão. Decapitados assim, eles não deveriam estar vivos."

“Ah, acredite em mim. Nós sabemos *disso* .” Lorreth deu uma risada estridente. “Então, como vamos matá-los?”

Taladaius olhou mais atentamente, examinando o saco de cabeças. Ele franziu o nariz.

"Honestamente, não sei dizer. Nunca vi nem ouvi falar de nada parecido."

Você vai voltar para Cahlish comigo, pequena Osha.

Será que algum dia eu me acostumaria com a voz de Fisher falando na minha mente? A voz dele estava tão perto, como se ele estivesse sussurrando direto no meu ouvido. Minha pele se arrepiou instantaneamente.

Ah? Pensei que precisasse ficar aqui? Respondi.

Uma leve carranca se formou no belo rosto de Kingfisher. *Ninguém vai saber que você sumiu. Vamos pedir para o Tal dizer a todos que você está participando de orgias regadas a sangue o dia todo. Isso vai convencê-los de que você está se esforçando para se enturmar.*

Eu sabia que Lorreth estava explicando algo para Taladaius sobre os alimentadores absorverem o poder de Ren. *E* o de Martim-pescador.

Olhei para ele, assustada, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele acalmou minha preocupação. " *Está tudo bem. Nós dois nos sentimos mal, mas dormimos um pouco e Te Léna cuidou de nós.*

Agora estamos bem."

Era difícil amá-lo. Mal consegui pregar o olho o dia todo, preocupada com ele. Uma sensação profunda e inquietante dentro de mim me dizia que algo estava errado em Irrín. Eu não havia buscado relacionamentos românticos em Zilvaren, embora tivesse tido muitas oportunidades para isso. Eu tinha responsabilidades. Manter Hayden longe de problemas era um trabalho de tempo integral, para começar, e sempre havia o problema de garantir comida na mesa e água em nossos estômagos. Desenvolver um relacionamento com alguém teria sido uma missão impossível que me distrairia da tarefa de sobreviver.

Mas isto não tinha nada a ver com aquilo. Isto. . era como se duas estrelas estivessem colidindo. O

fim de tudo e o começo ao mesmo tempo. A ideia de formar um relacionamento com alguém em Zilvaren era trivial em comparação a isto. Fisher era *tudo* . Eu estava em sintonia com ele. Conseguia sentir as mudanças em seu humor como o fluxo e refluxo das marés sobre as quais eu tanto lera, e me preocupar com ele enquanto estávamos separados era suficiente para me enlouquecer.

Tive que admitir, a ideia de ir embora com ele e voltar para Cahlish em vez de Irrín, onde poderíamos dormir numa cama quentinha e ter alguma privacidade,

era atraente. Isso impediria que meus pensamentos acelerassem, mesmo que fosse só por uma noite.

Certo. Vou acreditar na sua palavra. E sim, voltarei lá com você esta noite. Mas com uma condição.

Kingfisher arqueou uma sobrancelha para mim. *Ah? Fazendo exigências, é, Alteza?*

Ele estava me provocando quando me chamou assim, mas eu não gostei. Eu não queria que houvesse uma divisão ainda maior entre nós, e o fato de eu agora ser meio vampira já estava causando problemas. Eu conseguia ficar no terraço sob a luz do sol da manhã, mas não por muito tempo. Assim que o sol estava a pino, eu me sentia exausta a ponto de sentir náuseas, e não suportava a luz direta na minha pele. Eu ainda conseguia comer, mas meu apetite. . A quantidade de comida havia diminuído bastante, o que eu detestava. E eu podia negar o quanto quisesse: eu não *precisava* me alimentar para sobreviver como Taladaius e os outros membros da Corte de Sanasroth. . mas eu *queria* . Desde que acordei, uma vaga curiosidade adormecida permanecia dentro de mim, e agora que eu havia me alimentado de Fisher, parecia ter despertado e estava se manifestando. Mesmo agora, minha garganta estava arranhando, como se eu estivesse começando a ficar resfriado.

Tecnicamente, eu representava tudo o que Fisher detestava. . e agora eu também era rainha? O

desprezo do meu companheiro pela realeza era compreensível. Meu lar era governado por uma rainha tirana. Zilvaren sofria todos os dias por causa de Madra, mas Fisher também havia sofrido nas mãos dela. Madra havia fechado os portais de mercúrio e levado seu pai. Sem mencionar que o trono de Yvelia havia sido usurpado pelo Rei Belikon, que torturou Fisher por toda a sua vida, e então Malcolm, governante da Corte de Sangue, apareceu e o jogou no labirinto. Fazia todo o sentido que houvesse um tom cortante em sua voz quando ele disse " *Vossa Alteza"* . Mas ouvir esse tom cortante em sua voz quando ele falava comigo? Isso doía mais do que eu gostaria de admitir.

Fiz o possível para ignorar aquela sensação incômoda no estômago. *Acho que sim* , eu disse a ele. *Não se preocupe. Não estou pedindo nada muito absurdo. Pelo menos, espero que não.*

Prossiga.

Quero treinar direito. Com você. Nosso tempo na Corte de Sangue não é para sempre. Eu não sou a verdadeira *rainha deles. Não tenho interesse em desfilar por Ammontraíeth, fingindo mandar nos meus súditos relutantes. Preciso me manter em forma e ainda preciso aprender a empunhar a Consolo corretamente. A espada é tão pesada que mal consigo segurá-la.*

Fisher nem pestanejou. *Pronto. Mas talvez você queira treinar com Lorreth, se* realmente *quiser aprender.*

Por que não você?

Ele me lançou um olhar de leve reprovação, como se eu já devesse saber a resposta. " *Posso treinar com você, Osha. Posso erguer uma espada e controlar meus golpes. Posso te mostrar movimentação e te ensinar sobre artes marciais. O que eu* não posso *fazer é te atacar como se fosse real. E é disso que você precisa, se realmente quer aprender a lutar com uma espada. O perigo precisa ser real para que você aprenda a pensar e reagir sob pressão. E eu nunca vou te atacar com tudo o que tenho. Você é minha companheira. Eu te amo. Eu não conseguiria fazer isso mesmo se quisesse." "O que. .",* acrescentou ele suavemente, " *eu não quero."*

“Vocês dois estão sequer ouvindo—argh! Eles nem estão prestando atenção.” Carrion estava de pé, debruçado sobre o saco de cabeças. Lorreth o observava, com os olhos escuros cheios de divertimento, aparentemente tentando não rir. Taladaius havia retirado uma das cabeças do saco e a inspecionava atentamente, enquanto ignorava Carrion solenemente. Como ele conseguia, eu jamais saberia. Era como se ele pudesse simplesmente ignorá-lo.

Senti um arrepio de irritação subir em Fisher, embora ele não o demonstrasse externamente quando se dirigiu ao contrabandista. "Desculpe, Swift. Temos toda a nossa atenção. Qual é o problema?"

“Eu ia apenas salientar que há algo mais que vale a pena notar sobre esses comedouros”, disse ele, com acidez. “Mas se ninguém estiver interessado em saber o que é—”

"Diga logo", ordenou Fisher.

“Bem, quer dizer, eu não passei muito tempo estudando comedouros, mas—” Ele enfiou outra fatia de maçã na boca enquanto se inclinava sobre as cabeças apodrecidas, semicerrando os olhos para elas. Pelo menos ele terminou de mastigar antes de terminar a frase. “Pelo que me lembro, elas normalmente vêm de Yvelia, certo?”

“Sim, claro”, respondeu Lorreth.

“Bem, estes são da Zilvaren.”

"O quê?" Dei um passo involuntário para a frente. "Do que você está falando?"

“Os comedouros costumam ter alguma identificação por aqui? Tatuagens e coisas do tipo?”, perguntou Carrion.

Taladaius ergueu os olhos, voltando seu olhar estoico para Carrion. "Alguns escravos são marcados quando são transformados, sim, mas a maioria dos membros da corte não se preocupa com isso. Os alimentadores estão ligados ao sangue nobre que os criou, não importa o quê. Eles só obedecerão a seus senhores. Não têm escolha. Runas e etiquetas de propriedade nunca são necessárias, já que animais mortos não podem ser roubados."

Alimentador. Sangue forte. Produto morto.

Havia tanta coisa para analisar naquela declaração e nenhum tempo real para fazê-lo. Taladaius prosseguiu: “Por quê? O que você notou?”

Carrion deu de ombros e se agachou, cantarolando pensativamente enquanto examinava a cabeça que estava meio para fora do saco. Rapidamente, ele se frustrou e agarrou o saco, virando-o de cabeça para baixo, de modo que todas as oito cabeças caíram e rolaram pelo chão.

Ele foi primeiro até a cabeça da fêmea — aquela que estava para fora da sacola — e cortou mais uma fatia da maçã, levando-a à boca e mastigando ruidosamente. "Duas coisas. A primeira está bem ali", disse ele, apontando com a cabeça. "No pescoço dela. Parece uma marca bem intencional para mim.

Saeris, venha e me diga o que você acha disso."

Uma das cabeças decepadas abriu a boca, um líquido preto e espesso escorrendo por seus dentes lascados e formando uma poça no chão. Seus olhos injetados de sangue reviravam descontroladamente. Que nojo. "Consigo enxergar perfeitamente bem daqui, obrigada."

Carrion revirou os olhos. Bufou enquanto atravessava a câmara do conselho e estendeu a mão para o meu pulso—

De repente, Kingfisher apareceu, posicionado bem na minha frente. Surpreendentemente, sua expressão era neutra. "Você gosta de ter unhas, Carrion?", perguntou ele educadamente.

“Eu—” Carrion arregalou os olhos. “Eu realmente sei.”

"Eu imaginei." Meu amigo não disse mais nada.

Carrion arqueou uma sobrancelha, fez uma careta e arregalou os olhos enquanto me olhava de soslaio. "Muito bem, então. Presumo que isso significa que *não devo* tentar tocar na sua namorada?"

"Oh, pecadores", murmurou Lorreth em voz baixa.

“Ela não é minha namorada. Ela é minha amiga”, disse Fisher amigavelmente. “E se qualquer parte do seu corpo, literalmente *qualquer* parte, entrar em contato com a dela, eu a removerei.”

Carrion refletiu sobre isso. "E se ela estiver pendurada em um penhasco por uma mão e não conseguir se segurar por muito mais tempo? Posso tocá-la então?"

“Onde me encaixo nesse cenário *improvável* ?”

“Provavelmente morto.”

Fisher apenas esboçou um sorriso forçado. "Se *eu estiver* morto, então—"

“Argh! Vocês dois são ridículos! Prefiro cutucar uma cabeça decepada a presenciar *isso* . Parem com isso!” Empurrei-os para o lado e atravessei a câmara em direção às cabeças amaldiçoadas pelos deuses. Lorreth se abaixou e pegou a cabeça da alimentadora pelos cabelos, mostrando-a para que eu a visse.

E lá estava, uma marca no pescoço, exatamente como Carrion tinha dito. Meu estômago revirou no instante em que a vi. Carrion sabia *exatamente* o que era. "Ah", sussurrei.

A marca, um *X* atrás do lóbulo da orelha da mulher, fora outrora uma simples tatuagem, mas agora era composta por veias nodosas, salientes sob a pele. Pareciam necróticas e pulsavam, ecoando com a memória de uma batida cardíaca que já não as alimentava.

Minha mão se ergueu por conta própria, movendo-se até *meu* pescoço e a pequena cruz preta escondida atrás do meu cabelo.

Não consegui dizer as palavras. Fisher as disse, embora um pouco ofegante. “Sua marca de esterilização? É isso que. .” Ele acenou com a cabeça para a que Lorreth ainda segurava. *“Ela também tem?”*

Assenti com a cabeça.

“O *segundo* indício de que esses comedouros não são da marca Yvelian está bem na sua frente”, disse Carrion.

Senti um enjoo revirar no estômago com a sensação de leveza e náusea que se formou ali. "As orelhas deles."

"Pelos deuses!", gemeu Taladaius. "Como é que nenhum de nós percebeu? Eles são redondos! As orelhas deles são redondas, caramba! Eles são *humanos* ."

"Eles podem estar aqui desde antes", eu disse. "Yvelia já foi cheia de humanos, antes da maldição de sangue, não é?"

Mas meu criador balançava a cabeça. “Os mortos têm um prazo de validade limitado aqui. A magia negra que os faz ressuscitar os reanima, sim, mas é temporário. Seus corpos ainda se decompõem.

Eventualmente, eles se desfazem e voltam para a terra. Cinco anos. Talvez dez. Esses alimentadores estão mortos há semanas, não meses. Eles ainda têm cabelo. Alguns deles ainda têm língua—

“Certo. Certo. Eu.. entendi.” De repente, senti uma necessidade irresistível de me sentar. “O que isso significa, então? As pessoas estão pulando na piscina de

mercúrio em Zilvaren sempre que *abrimos* os portões? Elas estão entrando por Cahlish e. . sendo atacadas *lá* ?”

“Não.” A expressão de Fisher era tempestuosa. Suas calças de couro rangiam enquanto ele andava de um lado para o outro, tentando juntar as peças do quebra-cabeça. “Eles não podem ter vindo por Cahlish. Teriam sido encontrados imediatamente. E, de qualquer forma, teriam que *querer* vir especificamente para cá para que o mercúrio os trouxesse até aqui. E me perdoem se eu estiver errado, mas o pessoal de Zilvaren não sabe nada sobre este lugar.”

“Certo.” Carrion assentiu com a cabeça.

“Também é impossível alguém simplesmente se infiltrar no palácio de Madra e se esconder no Salão dos Espelhos na remota possibilidade de o mercúrio despertar. Não. .” Fisher balançou a cabeça.

“Isso é intencional. Isso é obra *de Madra* . Isso. . foi assim que a corrupção chegou aqui em primeiro lugar.”

"Você acha que *ela* os infectou com isso?" perguntou Lorreth. "Já vimos esse tipo de guerra antes.

Fadas, doentes com uma enfermidade ou outra, enviadas para o meio de acampamentos militares para matar todos os guerreiros que lá estão."

Fisher não disse nada, seu rosto uma máscara de intensa concentração. O som de seus passos ecoava pela câmara enquanto ele se movia de um lado para o outro como uma fera enjaulada.

Ela ouve..

O mercúrio ria no fundo da minha mente, como se soubesse a resposta para as perguntas que estávamos tentando desvendar e não tivesse a menor intenção de esclarecer a situação. Seus sussurros me atormentavam há dias e estavam ficando cada vez mais altos. Era o momento perfeito para ele escolher *me* atormentar.

Fechei os olhos, as mãos tremendo ao lado do corpo. Não conseguia pensar direito. Não conseguia *respirar* . Uma pontada de dor percorreu meu braço enquanto os sussurros ficavam ainda mais altos, as runas no dorso da minha mão

direita latejando. .

Ela nos ouve. Oh sim, ela ouve. Ela virá. Em breve. Em breve. Em breve.

Finalmente, não aguentei mais. Meus olhos se abriram de repente. "Tem uma *piscina* aqui, não é? É

pequena, mas eu consigo senti-la."

Fisher parou de andar de um lado para o outro. Olhou para mim com um olhar interrogativo, depois voltou lentamente sua carranca para Taladaius, cujos olhos cinzentos pareceram refletir como espelhos por um instante. Meu criador respirou fundo, desagradado, e então assentiu. "Sim", disse ele, confirmando minhas suspeitas. "Ammontraíeth *sempre* teve uma piscina."



6

TÍTULOS

SAERIS

UM SEPULCHRE.

A Corte de Sangue guardava seu mercúrio em *um maldito sepulcro* em um dos andares inferiores do palácio. Eu havia examinado a necrópole escura, tentando não encarar as órbitas vazias dos crânios empilhados que formavam as paredes, sentindo-me ao mesmo tempo vingado e enjoado. A tagarelice surda no fundo da minha mente fazia sentido agora. Eu não a havia inventado. Mas saber que a poça — *era* pequena; eu estava certo sobre isso — estava ali significava que eu

não teria mais paz. Parecia que eu também não conseguiria escapar da pulsação miserável de dor que vibrava por trás das minhas runas.

Fisher não pareceu tão perturbado quanto eu esperava. "Sabe, *isso* não é uma coisa ruim", ele disse.

“ *Não é* ?”

“Não, Osha. Eu estava falando sério lá na câmara municipal. Você vai voltar para Cahlish comigo hoje à noite. Isso significa que nossa jornada será muito mais fácil. Chega de atravessar os campos mortos.” Levou horas para atravessar os campos mortos. Animais selvagens se alimentavam em tocas cavadas profundamente nas cinzas e carvão. Eles se escondiam do sol debaixo da terra durante o dia, mas no momento em que o sol aparecia, eles se mudavam para lá. Começaram a mergulhar, emergindo de seus esconderijos com a intenção de se alimentar. Não me atacariam, mas representavam uma ameaça para os cavalos. Para Kingfisher e Lorreth também. Com a magia de Fisher desativada deste lado do rio, não tínhamos conseguido usar seus portais das sombras, mas agora não precisávamos mais.

Tínhamos acesso a uma piscina.

Então, eu havia feito relíquias com uma corrente gentilmente fornecida por Taladaius, um anel de sinete pertencente a Lorreth e um pequeno amuleto de um dos deuses que Fisher prendeu a uma coleira para Onyx, e foi isso. Menos de uma hora depois, tínhamos usado o recurso inesperado, e agora aqui estávamos nós, de volta a Cahlish, ilesos da experiência.

Um vestido deslumbrante de veludo verde-caçador me esperava, estendido na cama de Fisher, quando fui me refrescar. Pequenas joias — esmeraldas, eu suspeitava — decoravam o decote profundo. As mangas eram bordadas com pontos verdes, sutis, quase invisíveis, representando um padrão que, após uma inspeção mais atenta, revelou-se o de pequenas raposas saltando.

Um vestido lindo, sem dúvida.

Passei a mão sobre o material macio, sentindo algo apertando a parte de trás do meu plexo solar.

Me serviria perfeitamente. Evidentemente, tinha sido *feito* para mim. Mas..

Eu ainda estava vestindo meu traje de couro de combate quando encontrei Fisher na escada. Meu amigo sorriu para mim, aparentemente indiferente ao fato de eu não ter escolhido usar o vestido, mas uma pontada de culpa se instalou em meu peito. Eu ainda me sentia um pouco mal pela minha decisão quando chegamos juntos à sala de jantar.

"Tem certeza de que está pronto para isso?", disse Fisher, segurando a maçaneta da porta.

“Sim. Tenho certeza.”

"Realmente?"

“Quando *você* ficou tão ansioso?” Eu sorri para ele. “Prometo que estou pronto. Depois daqueles alimentadores atravessando o rio? E vendo aquela marca? Todos nós precisamos de um momento.

Isso será bom para *todos* nós.” Eu disse as palavras. Eu deveria ter dito. Sorri porque eu também deveria ter feito isso, mas os pensamentos continuavam a girar sem parar no fundo da minha mente: *foram* enviados por Madra?

Como eles tinham chegado aqui vindos de Zilvaren?

Como *diabos* íamos matá-los?

Haverá *mais* ?

Eu sabia que as mesmas preocupações atormentavam Fisher. Ele, porém, era muito bom em escondê-las. Uma parte de mim se ressentia por estarmos fingindo, mas o que eu acabara de dizer era verdade. Nós *realmente* precisávamos de um pouco de descanso.

“Certo, então. Se você tem certeza—”

"Fisher!" Eu ri. "É só abrir a porta!"

Ele disfarçou um sorriso irônico enquanto girava a maçaneta e abria a porta da sala de jantar para mim. Capturei a imagem imediatamente; um sorriso do Lorde de Cahlish era algo raro. Comecei a registrar cada momento em um pergaminho imaginário, arquivando as memórias na minha mente para guardá-las para

sempre. A imagem de sua boca curvada para cima e o riso tímido em seus olhos foram uma bela adição à minha coleção.

“Eu disse a eles que você viria”, confessou ele, timidamente. Eu já o tinha visto assim antes? Não. Era de uma doçura insuportável. Não havia tempo para saborear esse novo lado de Fisher, porém, porque assim que a porta se abriu, uma onda de entusiasmo e aplausos explodiu na sala de jantar.

Renfis se levantou, erguendo um copo de uísque no ar.

Te Léna e um belo homem de pele castanha escura — seu companheiro, presumi — sorriram, gritando suas boas-vindas.

Juntaram-se a eles Lorreth e Archer, Danya e Iseabail.. e, por cima da calorosa recepção, ouviu-se o guincho animado de uma pequena raposa branca.

"Ônix!"

Assim que chegamos de volta a Cahlish, a raposa disparou — para caçar, eu imaginei — mas aparentemente ela tinha entrado sorrateiramente na sala de jantar antes de nós e reencontrado nossos amigos. Ela saltou do colo de Iseabail e cruzou a sala de jantar num raio branco e preto. Mal

tive tempo de estender as mãos antes que ela se atirasse nos meus braços e começasse a lamber meu rosto e pescoço. "Oh—Oh, meu Deus. Ei, amigão. Oi, oi, oi. Sim, também estou feliz em te ver", ela tagarelava, se remexendo toda. Qualquer um diria que ela não me via há um ano.

Fisher fingiu estar mal-humorado, mas lá estava novamente um esboço de sorriso, pairando nos cantos de sua boca enquanto a raposinha se contorcia em meus braços e me cobria de carinho.

"Talvez eu devesse levá-lo para Ballard", disse Fisher. "Wendy poderia cuidar dele. Só até que tudo isso passe."

Fingi que estava franzindo a testa para ele. "Você não se atreveria."

Fisher piscou discretamente, deixando claro que estava brincando. "Longe de mim me intrometer entre uma fêmea e sua raposa."

Haviam se passado apenas alguns dias, mas Onyx parecia completamente recuperado de seu sofrimento, atravessando a cordilheira e sendo perseguido pelos alimentadores. Suas patas estavam ótimas. Sua pelagem era branca como a neve, espessa e cheia. A claudicação que o incomodava também havia desaparecido. Enterrei meu rosto em seu pelo e inspirei profundamente, usando o gesto para disfarçar o fato de que estava apenas aproveitando o momento.

Isso foi muita coisa. Eu não esperava me sentir tão sobrecarregada. Olhei para cima, radiante, para meu companheiro. "Eu não sabia que era uma reunião tão formal."

"Claro que sim!" exclamou Ren. "A última vez que a maioria de nós te viu, estávamos te empurrando para dentro de um portal sombrio na biblioteca. Ter você de volta aqui em Cahlish, inteiro e salvo, é algo a ser comemorado!"

Suas expressões não demonstravam animosidade, mas algo apertava desagradavelmente meu peito.

"Inteiro" era um exagero. Eu não era a mesma pessoa que fora quando Ren e Lorreth me empurraram através daquele portal sombrio. Nem de longe. O que eu era para eles agora? Seu amigo? Seu *inimigo* ?

Fisher ainda me amava, mas nossas almas estavam ligadas pelos deuses. Não importava o que acontecesse, estávamos destinados a ficar juntos. Não havia laços invisíveis que me ligassem a nenhuma das pessoas que vieram antes de mim. Lorreth, Ren e Danya passaram séculos lutando contra a horda de Malcolm. Perderam dezenas de pessoas, pessoas que amavam, na busca para proteger Yvelia do mal que habitava Sanasroth. E agora aqui estava eu, meio vampira, meio aquilo que eles mais odiavam no mundo, e eles estavam correndo para me receber.

Eu não tinha amigos em Zilvaren. Amigos eram caros. No fim, eles sempre custam caro. Sua comida. Sua água. Seu dinheiro. Sua segurança. Sua *vida* . Conexões com outras pessoas consumiam seus recursos em um lugar como o Terceiro, e eu nunca tinha o suficiente de nada, para começo de conversa. Eu tinha me dito, quando acordei em Ammontraíeth e descobri no que eu havia me transformado, que não importava se eu perdesse as pessoas nesta sala por causa disso. Mas agora que todos estavam sorrindo calorosamente para mim e vindo me abraçar, uma parte de mim se quebrou e se despedaçou por dentro.

Isso teria feito diferença.

Isso teria feito *muita diferença* .

Ren foi o primeiro a me abraçar. Era a reação dele que mais me preocupava. Ele não tinha vindo me visitar em Sanasroth como Lorreth fizera. Quando perguntei a Fisher se devia esperá-lo, ele se desculpou e disse que o deixara encarregado de Irrín e que não podia sair do acampamento, mas eu percebi a farsa. Eu sabia que era uma desculpa. Não insisti, porém. Não queria confirmar minhas suspeitas. Mas não havia nenhum sinal de desgosto ou medo no rosto do general quando ele me apertou contra si. "Não consigo descrever a alegria de te ver", disse ele, com o rosto no meu cabelo.

"Muito bem, já chega", resmungou Fisher.

Renfis recuou, rindo. "Não vou dizer isso diretamente, mas você sabe como está se comportando, não é?", disse ele.

Fisher fingiu estar carrancudo, mas empurrou o amigo de brincadeira. Lorreth passou o braço em volta do meu ombro, o que não pareceu agradar Fisher, mas pelo menos ele tolerava as demonstrações de afeto dos irmãos por mim com *certa* elegância. O sorriso de Lorreth desapareceu quando Iseabail, a bruxa de cabelos castanho-avermelhados, deu um passo à frente para me cumprimentar. Ele murmurou algo sobre sangue traiçoeiro e, quando ela estendeu a mão para pegar a minha, ele fez um som de desgosto e recolheu o braço, afastando-se para se sentar à mesa de jantar.

“É bom nos reencontrarmos em circunstâncias menos estressantes”, disse ela, com sua cadência melodiosa. Agora que parei para pensar, seu sotaque era bastante parecido com o de Renfis. Eu teria que perguntar a ele se eles eram da mesma região de Yvelia. A bruxa estava deslumbrante com uma blusa azul-escura solta, um cinto de couro e uma longa saia preta esvoaçante que girava em torno de suas botas de salto alto. Seus cabelos grossos e ondulados estavam soltos e vermelhos como um pôr do sol flamejante. “Espero que não se importem que eu tenha invadido o jantar de boas-vindas. Te Léna me convidou. Eu teria voltado para casa há uma semana, mas me colocaram para trabalhar aqui. Estou surpresa por estar gostando de um tempo longe do clã.”

Ela falava como se estivesse abusando da hospitalidade da minha casa. Cahlish era a sede ancestral *de Kingfisher* . Pertencia à família dele desde que foi

construída. Era estranho alguém agir como se me pertencesse. Não pertencia. Ou. . pecadores, talvez pertencesse agora? Só um pouquinho. Tudo era tão confuso. Droga, eu não tinha tido tempo *suficiente* para assimilar tudo isso.

“Não ouse se desculpar por ficar. Teríamos perdido Everlayne sem você. E você também tem ajudado Te Léna a extrair o mercúrio de Kingfisher. Não há uma pessoa aqui que se ressinta da sua presença.”

Iseabail irradiava felicidade, seus olhos brilhando enquanto ria. Apertando minha mão, ela acenou com a cabeça por cima do ombro, erguendo as sobrancelhas. "Agradeço a consideração, de verdade.

Mas acho que há pelo menos uma pessoa que preferiria que eu estivesse morta em uma vala do que aqui, sujando os corredores de Cahlish com meu sangue de bruxa."

A audição de Lorreth era tão boa quanto a de qualquer outro membro dos Fae na sala. Ele ouviu cada palavra que Iseabail disse e, pela expressão furiosa em seu rosto, não estava nada contente.

Iseabail, porém, parecia não se importar. "Não se preocupe. Não *gosto* de drama, mesmo quando os outros parecem empenhados em causá-lo."

Ouviu-se um estrondo alto vindo da mesa; Lorreth havia derrubado sua cerveja e estava tentando freneticamente enxugar o líquido com um guardanapo.

Iseabail bufou.

"Por que ele odeia tanto gente como você?" Eu sabia que Lorreth era engraçado, gentil e atencioso.

Vê-lo assim perto de uma mulher que tanto nos ajudou foi realmente desconcertante.

O sorriso de Iseabail se desfez. "Ah. É melhor eu deixar que ele mesmo te conte isso."

Te Léna e seu companheiro, Maynir, usavam roupas combinando em tons de dourado e bege. Eles transbordavam felicidade enquanto conversavam com Fisher e comigo, contando-nos tudo o que havia acontecido nos últimos dias.

dias em Cahlish. A luz que Te Léna emanava só diminuiu quando perguntei sobre o progresso de Everlayne, e ela teve que confessar que a irmã de Kingfisher ainda estava dormindo e não conseguia acordar. Ela se animou rapidamente, porém. "Eu te levo para vê-la amanhã de manhã, se você quiser. Ouvir sua voz pode ser o empurrãozinho que ela precisa para acordar."

"Eu adoraria." Passei apenas alguns dias com Layne no Palácio de Inverno antes de Fisher me levar para longe na noite. Com exceção de Iseabail e Te Léna, ela conhecia todos os outros na sala de jantar muito melhor do que a mim. Era improvável que *eu* fosse a pessoa a quebrar o estado de transe de Everlayne, mas eu estava disposta a tentar.

Danya foi a última a me cumprimentar. A última vez que a vi, seus cabelos chegavam até a metade das costas, mas agora estavam curtos, na altura do queixo do lado esquerdo e raspados do lado direito. Vestida com roupas de couro de combate e uma couraça de prata patinada com a cabeça de um lobo uivando estampada, ela estava rígida como uma tábua quando parou diante de mim.

"Alquimista", disse ela secamente.

“Danya”, respondi.

“Onde está a ruiva?”

"Quem?"

“O cara irritante com respostas espirituosas.”

Você acha que *Carrion* é engraçado?

Danya revirou os olhos. "Deixa pra lá."

"Ele já chega", respondi rapidamente. "Ele foi ao banheiro. Estava demorando mais do que o esperado, então viemos na frente."

"Está bem. Vou procurá-lo", disse ela, dando de ombros.

“Não! Não, uh. . não faça isso.” Ele não tinha dito exatamente isso, mas eu tinha a vaga suspeita de que Carrion tinha ido em busca de algo mais do que um banho. Os espíritos da água com quem ele tinha *feito amizade* recentemente

aparentemente passavam a maior parte do tempo nos banhos. E eu não queria que Danya o flagrasse em uma situação comprometedora com qualquer uma delas — ou todas elas. Por quê? Eu não sabia. Carrion e Danya juntos seriam o tipo de inferno na Terra que eu não tinha a menor vontade de presenciar — mas ele *era* meu amigo, e amigos protegem uns aos outros. "Ele já vai chegar, e eu.. eu queria te perguntar sobre o seu novo corte de cabelo. O que te levou a essa mudança radical?"

Ela me encarou sem expressão. "Um cadáver em chamas me incendiou."

Deuses existem mesmo. Perfeito. "Ah. Ok. Pensei que fosse alguma forma nova e ousada de autoexpressão."

“O comprimento do cabelo de um guerreiro está diretamente relacionado à sua habilidade em batalha. O meu era mais comprido do que o de Ren e o de Lorreth juntos. Eu jamais o teria cortado para parecer.. *rebelde* .”

Ufa. Eu não estava chegando *a lugar nenhum* aqui. "Ouvi dizer que você se feriu durante a luta. Te Léna não poderia ter restaurado seu cabelo quando a curou?"

A mulher olhou para mim como se não me entendesse absolutamente nada. "Não há atalhos para a glória, Alquimista. Pelo bem do meu irmão, fico feliz que você não tenha morrido em Gillethrye. Ele já perdeu gente suficiente naquela cidade maldita. Quanto a mim, fico feliz que você não tenha morrido, porque um Alquimista é uma raridade." Ela rapidamente desviou o olhar para o chão, inclinando a cabeça num gesto superficial de deferência. "Com licença."

Ela sentou-se à mesa em frente a Lorreth. Também não pareceu particularmente impressionada com a presença dele. Desde que eu havia estilhaçado sua espada em centenas de fragmentos, a reforjado e, inadvertidamente, a presenteado a Lorreth, ela estava longe de ser cordial com o outro membro da Lupo Proelia. Não que eu a tivesse visto dizer uma palavra gentil a alguém, alguma vez, entenda bem.

Do outro lado da sala de jantar, senti o peso do olhar de Fisher sobre mim. Ele estava ao lado de Ren, a cabeça baixa enquanto ouvia o amigo, mas sua atenção estava toda voltada para mim. Ele viera a Ammontraíeth equipado para a guerra, mas ali, em sua casa, com a família por perto, ele Vestia apenas uma camisa preta folgada e calças pretas. O fogo atrás dos dois homens tingia seus rostos com um brilho alaranjado e clareava os cachos de seu cabelo grosso, dando-lhes

um tom castanho escuro e quente.

Pelos deuses, ele era perfeito.

Suas bochechas estavam coradas pelo calor da fogueira, seu queixo marcado por uma barba por fazer escura, seus lábios carnudos entreabertos. Ele assentiu, lançando a Ren um breve olhar de soslaio, e então olhou para mim. Seu olhar ardente me atingiu com a força de um golpe que me teria derrubado se não estivéssemos entre amigos.

Eu consigo te ouvir daqui, sabia? O rosnado profundo de Fisher roçou minha mente como veludo.

O quê? Eu não disse uma palavra. Nem sequer pensei *em nada.*

O canto esquerdo da boca dele se curvou levemente. *Você não precisava. Seus olhos já dizem tudo.*

Porra.

Você está bem, pequena Osha? Você ficou vermelha.

Estou bem. Estou aqui, cuidando da minha vida. Você está *bem? Você deveria estar ouvindo seu amigo, não* me acusando *de coisas.*

Ah, estou ouvindo. Ele baixou os olhos para os pés. Uma sensação de leveza me invadiu o estômago quando ele olhou para mim por baixo de seus cílios negros como azeviche. *É difícil me concentrar na logística do acampamento quando consigo sentir seu cheiro do outro lado da sala, Osha.*

Eu ia morrer de vergonha. *Você não pode.*

Do outro lado da sala, vislumbrei o olhar afiado e perverso de Fisher quando um sorriso sugestivo se abriu em seus lábios. *Não se iluda, pequena Osha. Você é* tudo o *que consigo sentir o seu cheiro.*

Ele estava exagerando. Mas será que ele podia exagerar? Será que os Fae consideravam enfatizar a verdade o mesmo que mentir? Anotei mentalmente para pesquisar sobre isso. Por ora, eu estava cada vez mais convencida de que ele estava falando a verdade. Porque eu também conseguia sentir o cheiro *dele* .

Ervas amassadas.

Cítricos.

Fumaça.

Couro.

Pinheiros e o ar frio da montanha.

E por baixo de tudo isso, o cheiro enlouquecedor dele — o cheiro que o tornava único e *me dava* vontade de escalar as paredes. Um rastro de feromônios que enviava uma corrente elétrica percorrendo minha espinha e—

“O jantar está prestes a ser servido, senhora.”

Oh.

Archer estava parado bem na minha frente. O topo da cabeça do espírito do fogo mal chegava à altura do meu estômago. Ele praticamente não tinha cabelo. Sua pele era feita de carvão enegrecido, e finas fissuras serpenteavam por sua testa e bochechas, fios do que pareciam brasas queimando em seu interior. Eu nunca o tinha visto usar roupas antes, mas naquela noite ele vestia um grosso colete verde-caçador com botões dourados na frente, que cobria a maior parte de sua barriguinha rechonchuda.

“Nossa! Você está muito bonito esta noite, Archer!” Dei um passo para trás, fingindo admirá-lo.

Archer irradiava orgulho. "Obrigado, senhora. Normalmente não precisamos de roupas, mas às vezes nos vestimos bem para ocasiões especiais." Ele puxou a barra do colete — ou gibão —

estufando o peito com orgulho. "Consideramos seu retorno a Cahlish uma ocasião muito especial!"

“Bem, obrigado, Archer. Isso é muito gentil da sua parte.”

O espírito do fogo estendeu as mãos, gesticulando para que eu o seguisse enquanto atravessava a sala de jantar. Na primeira vez que jantei neste salão,

Archer quase teve um ataque cardíaco ao me ver sentada na cadeira à esquerda de Fisher — mas era exatamente para lá que ele me conduzia agora, enquanto me guiava até a mesa.

“Venha, venha. A senhora deve sentar-se. É costume, senhora. A dona da casa deve estar sentada antes que a comida seja servida.”

“Ah. Ah, eu não acho. . você não precisa me chamar de senhora, Archer. Eu não sou a dona da casa.”

“Sim, você é.”

Aquelas palavras me causaram um pânico repentino. Fisher estava atrás de mim e tinha ouvido tudo.

“Ninguém mais jamais reivindicará este lugar.” Ele disse isso com naturalidade, puxando a cadeira em questão e gesticulando para que eu me sentasse. “A partir de agora, você *é* a Senhora de Cahlish.”

Archer soltou um pequeno guincho de excitação, cobrindo a boca com a mão, as chamas que tremeluziam em seus olhos, de outra forma negros, brilhando intensamente.

Puxa. Sentei-me. Que escolha eu tinha? Se não o fizesse, minhas pernas iam ceder e me jogar na cadeira de qualquer jeito. *Você acha que eu não tenho títulos novos suficientes por enquanto?*

O que você quer dizer? Fisher sentou-se na cabeceira da mesa ao meu lado, com a expressão cuidadosamente controlada enquanto observava as pessoas reunidas ao seu redor em seus respectivos lugares.

Companheira. Rainha de Sanasroth. Matadora de Reis—

Uma tensão se formou entre as sobrancelhas de Fisher. *Estão te chamando assim?*

Sim, são. E agora você quer adicionar Lady Cahlish à mistura? Não é que eu não quisesse ser sua parceira em tudo. Eu queria. Mas as últimas semanas tinham sido surreais. Eu estivera ligada a ele, forçada a obedecer a qualquer ordem que ele desse, alimentada e vestida apenas pela benevolência alheia. E

agora eu era uma rainha com recursos desconhecidos à minha disposição. Mesmo com a tensão alta em Ammontraíeth, eu ainda era regente e, como tal, não precisava me faltar nada. Era difícil de acreditar: eu, uma rata de rua do Terceiro Distrito, com aias para me vestir e me banhar, e costureiras se atropelando para serem as primeiras a me fazer um vestido. Mas tudo aquilo parecia..

me afastando de mim mesma. Eu não precisava de comidas requintadas e vinhos raros. Eu não queria vestidos finos e pessoas me bajulando.

Eu ainda era um rato da peste do Terceiro. Água limpa e comida simples eram tudo o que eu precisava. Um segundo conjunto de roupas resistentes e um lugar confortável para dormir ainda eram um luxo incalculável, e Fisher entendia isso. Eu sabia que entendia. Ele havia sofrido por muito mais tempo do que eu e em condições muito piores. O Terceiro já era ruim mesmo nos melhores momentos, mas o labirinto era infinitamente pior. Contudo. . ele não era estranho à aristocracia. Nascido em uma casa nobre, ele *viera* disso, o que facilitava o retorno. Eu ainda estava tentando entender as coisas.

Kingfisher colocou a mão na minha perna por baixo da mesa. Ele não disse mais nada sobre o assunto e não precisava. Uma calma reconfortante me envolveu, aliviando a tensão nos meus ossos.

Ele não queria que eu me preocupasse ou me sentisse desconfortável, principalmente na frente de todos. Haveria tempo para discutir a questão do meu título mais tarde.

A comida começou a chegar em travessas. Carne de porco assada e aves preparadas. Uma variedade de queijos e frutas coloridas. Legumes e tortas substanciosas com vapor subindo de suas massas.

Aromas doces e salgados pairavam no ar, complementando-se e fazendo vários estômagos ao redor da mesa roncarem. O exército de duendes do fogo que trouxeram nosso jantar não se surpreendeu quando Martim-pescador conjurou uma mesa de pedra baixa e comprida, paralela à nossa, completa com pequenos bancos de pedra, e disse aos duendes para se juntarem a nós e comerem; isso obviamente já havia acontecido antes. Arqueiro sentou-se na cabeceira da mesa dos duendes,

balançando suas perninhas curtas, parecendo muito satisfeito enquanto ele e seus

amigos se deliciavam com a comida.

Os duendes eram comilões desleixados. Muita comida caía no chão antes mesmo de chegar à boca deles, o que fazia com que a mesa deles fosse muito mais popular entre Ônix do que a nossa. A raposa escorregou entre os bancos e os pés da mesa, devorava pedaços de frango e massa folhada como se temesse nunca mais ser alimentado.

Uma paz tranquila reinava enquanto jantávamos, uma paz que eu nunca havia experimentado antes.

Lorreth e Ren trocavam insultos brincalhões. Danya mantinha uma conversa formal, porém educada, com Maynir. Te Léna e Iseabail conversavam com Fisher e comigo, e embora houvesse muitos assuntos sérios a serem discutidos, a conversa se manteve o mais leve possível.

Uma noite de convívio e tranquilidade.

Ainda havia muita incerteza, mas esta noite todos respiramos fundo coletivamente, e foi uma sensação boa.

Assim que o prato principal estava terminando, as portas da sala de jantar se abriram e Carrion entrou, vestindo uma camisa branca folgada, desabotoada até a metade do peito, e uma calça preta.

Seu cabelo estava penteado para trás, em mechas úmidas, ainda com reflexos dourados e acobreados, agora temporariamente bronzeados. Sua pele tinha um brilho saudável, talvez pelo calor do banho ou por alguma outra atividade depravada que eu preferia não imaginar. Ele sorriu maliciosamente para todos à mesa enquanto atravessava a sala e se sentava na cadeira vazia ao meu lado, que Iseabail havia reservado para ele.

“Boa noite a todos. Peço desculpas pela chegada tardia. Precisava abrir o apetite antes de vir jantar.”

Antes que alguém pudesse responder, ele se inclinou perto de mim e sussurrou: “Ouvi dizer que você fez uma nova tatuagem sexual na sua coroação. Posso vê-la?”

Santos e pecadores misericordiosos. Ele estava na sala há três segundos e eu já

queria matá-lo. Já era ruim o suficiente ter que beber do Fisher na frente de toda a Corte de Sangue. Gostei da nova tatuagem que ganhei no processo, mas consegui-la daquele jeito, na frente de todos, foi humilhante.

"Te pago vinte fichas para você vazar agora mesmo", rosnei para ele.

Carrion recusou a oferta com uma risada, e seu cheiro atingiu o fundo do meu nariz — não necessariamente ofensivo, mas muito, *muito* óbvio. Era pungente como vinho e rico como perfume.

Eu sabia que os outros também o sentiram, pela maneira como todos começaram a respirar discretamente pela boca.

isso que todos sentiam em mim sempre que eu e Fisher estávamos juntos? Meu Deus, que vergonha!

“Dá para sentir o cheiro de que você trabalhou duro para conseguir esse apetite”, disse Danya arrastando as palavras, espetando um pedaço de peixe no garfo. Agora que eu a observava, percebi que ela não estava respirando pela boca. Estranhamente, parecia ser a única que inspirava profundamente pelo nariz. Que nojo. Ela se inclinou sobre a mesa, virando o torso na direção de Carrion. “Pelo seu cheiro, você deve estar faminto.”

Oh, não. Não, não, não. Isso não estava acontecendo. Ela estava *flertando* com ele? Sabendo que ele tinha acabado de transar com *pelo menos* outra pessoa? Isso era. . a cara do Carrion. Urgh. Kingfisher gemeu baixinho ao meu lado, tão perturbada com o que estava acontecendo quanto eu.

“Se eles se reproduzirem, vou bani-los de Cahlish. A combinação dos dois *provavelmente* abriria algum tipo de portal infernal e sugaria toda a propriedade por ele.”

"Eu ouvi isso", disse Carrion, enfiando alegremente um pedaço de cenoura assada na boca.

"Era para ser assim. Não se iluda", resmungou Fisher. "Você não tem permissão para transar com um membro da Lupo Proelia."

Danya recostou-se na cadeira, encarando Carrion com um brilho predatório nos olhos que me deixou um pouco apreensivo por ele. "E quanto a mim? Uma

integrante da Lupo Proelia pode transar com um membro recém-nomeado dos Fae?"

Fisher era membro da Lupo Proelia e estava transando com uma recém-nomeada integrante das Fadas. Ou pelo menos eu esperava que estivesse. Isso aconteceria em breve. Já que não conseguia dizer não a Danya, ele optou, com tato, por não dizer nada.

Carrion ergueu as sobrancelhas para mim de forma sugestiva. "Não se preocupe, querida. Tenho certeza de que ela não quer se casar comigo."

Danya bufou, examinando as unhas. "Definitivamente não."

“Viu só?” O contrabandista parecia encantado. “Não há nada de errado em relaxar um pouco de vez em quando, como *você* bem sabe.” Ele começou a encher o prato com uma generosa fatia de torta.

“Não é como se eu fosse planejar um casamento tão cedo. Não vou ofuscar *o seu* .”

Eu me engasguei com o vinho. "Que *diabos* ?"

Archer interrompeu a conversa com os amigos e soltou um suspiro de espanto. Em um instante, saltou do banquinho e ficou de pé, tremendo de excitação. Chamas surgiram em seu ombro direito, mas ele estava tão distraído que nem tentou apagá-las. "Ah, sim! *Sim!* Estava ansioso para começar os preparativos do casamento. Chegou a hora?"

Te Léna e Iseabail riram do entusiasmo do duende. Mas Ren e Lorreth olharam desconfortavelmente para seus pratos.

Um casamento? Ninguém tinha mencionado nada sobre um *casamento.* Fisher nunca me perguntou especificamente se eu queria casar com ele. Será que os seres feéricos sequer faziam aquele pedido de casamento de joelhos?

Talvez concordar com o vínculo de acasalamento fosse equivalente a concordar em casar com alguém. Eu era tão lamentavelmente ignorante em relação às tradições das fadas. Fiquei coberta de suor frio quando me virei para Fisher..

E percebeu que seu rosto estava completamente inexpressivo. "Não vai haver

casamento", disse ele.

O largo sorriso de Te Léna evaporou. Ela recostou-se na cadeira. "Não seja boba. É claro que haverá." Ela piscou enquanto. . Ela tentou processar o que estava ouvindo. "Você não pode me dizer que não *quer* se casar?"

“Não precisamos de uma cerimônia para nos unir, Te Léna.” Ele riu, mas o som pareceu cortado.

Desalinhado, de alguma forma. “Estamos destinados por Deus. Eu diria que isso é mais importante do que casar, não acha?”

“Bem, sim. A forma como vocês dois estão unidos é notável.” Seus olhos castanhos e calorosos percorreram nossos braços tatuados enquanto ela falava. “Mas.. a cerimônia é. . é linda, e. .” Ela parecia prestes a chorar.

“Não preciso de uma cerimônia”, disse Fisher, suavizando um pouco o tom de voz. Seus olhos verde-jade me atravessaram quando pousaram em mim. “Precisa, Osha? Um salão cheio de pessoas que você não conhece, te cutucando e te examinando. Todo mundo olhando para nós? Todo mundo observando?”

Um alívio me invadiu. Deus, eu teria me casado com ele, é claro que teria, mas não era algo de que eu *precisasse* de forma alguma. E depois da cerimônia de coroação em Ammontraíeth, a última coisa que eu queria agora era ser transformada em um espetáculo novamente. "Não. Não, eu não quero", respondi rapidamente. Definitivamente. E era a resposta que Fisher esperava, por isso a expressão de alívio em seu rosto fazia sentido. . mas não o lampejo de decepção que veio em seguida.

Archer parecia prestes a chorar .

Lentamente, o pequeno espírito do fogo afundou de volta em seu banquinho.



7

LAR

SAERIS

Já era tarde quando o jantar terminou. Todos estavam bocejando e reclamando que tinham comido demais. Todos, exceto eu.

Eu estava completamente acordada e mal tinha tocado na comida do meu prato. Meu estômago estava com um quarto do tamanho que tinha antes, e ele já era pequeno antes mesmo de começar a crescer, graças a ter morado no Terceiro Distrito.

Kingfisher me acompanhou pelos corredores de Cahlish de volta aos seus aposentos, com a mão repousando delicadamente na minha lombar.

Mal tínhamos ficado sozinhos desde a minha transição, e isso. . bem, era um pouco estranho.

Sempre houve tensão entre nós, mas desta vez era diferente. Eu o conhecia melhor agora. Era estranho, mas era como se eu *me conhecesse* melhor também. Eu havia passado por uma grande transformação, isso era inegável. Mas eu continuava procurando as coisas que eram diferentes em mim, e tudo o que encontrava eram coisas que continuavam iguais. As coisas que realmente importavam não tinham mudado, e isso era reconfortante.

Eu era independente. Meu temperamento ainda se exaltava facilmente. Meu senso de humor ainda era seco. Eu ainda adorava o cheiro de café e os folhados

densos que comi pela primeira vez em Ballard.

E eu ainda amava o homem que caminhava ao meu lado.

Lutei contra meus sentimentos por ele por tanto tempo que dar-lhes espaço para respirar agora parecia um pouco assustador.

Como eu agora conseguia sentir as emoções de Fisher se misturando às minhas, as minhas também deviam estar se misturando às dele. Quando chegamos ao quarto dele, ele não entrou imediatamente. Em vez disso, me girou, com as mãos na minha cintura, e me pressionou contra a porta de carvalho entalhado, inclinando-se para mim de modo que seu peito ficasse colado ao meu.

Sua enorme estatura me fazia parecer minúscula. Uma parede de músculos encontrou minhas palmas quando as coloquei contra seu peito.

"Você sabe que eu me casaria com você", ele disparou. "Você deve saber que eu *quero* isso."

O sangue subiu às minhas bochechas. "Ah. Uh.. " Eu não tinha a mínima ideia do que dizer. "Tudo bem. De verdade. Se você não é do tipo que casa—"

“Não sou.” Seus olhos *ardiam* . “Do tipo que casa. Nunca fui. Antes, só a ideia já me faria fugir para bem longe. Eu simplesmente. . nunca consegui imaginar o tipo de amor que precisaria sentir para escolher esse caminho. Mas agora não preciso imaginar. Agora não consigo pensar em nada que eu queira mais. Casar com você seria.. ” Ele balançou a cabeça, seus olhos examinando meu rosto.

"Então *por quê* ?" sussurrei. "No jantar, você disse. ." Franzi a testa, tentando me lembrar das palavras exatas dele.

“Eu não menti. Ainda não consigo fazer isso”, disse ele, colocando delicadamente uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. “Eu disse que não haveria casamento. Porque *não pode* haver, Saeris.”

“Eu.. eu sinto muito, eu.. não entendo.”

Ele soltou um longo e triste suspiro. “Uma cerimônia de casamento feérico é extremamente sagrada.

É o maior compromisso que dois amantes podem assumir em Yvelia. Não porque juram amar e honrar um ao outro por todos os dias. Nem porque entregam seus corações um ao outro. É sagrado porque entregam um ao outro a sua essência.” nomes. Seus nomes *verdadeiros* . E eu posso te dar todo o resto, Osha. Mas não posso te dar isso.

Ele já havia me explicado isso uma vez. O verdadeiro nome de uma pessoa detinha poder. Com ele, uma pessoa podia controlar a outra. Podia ordená-la a fazer o que bem entendesse.

“Tudo bem, Fisher. Você não precisa me dar isso. Eu.. ” Dei de ombros, sem saber o que dizer. “Eu entendo. Se me dizer seu nome verdadeiro for impossível, então—”

“Não sei”, sussurrou ele. “Nunca soube. Normalmente recebemos nossos nomes verdadeiros no nosso décimo quarto aniversário, e minha mãe—” Ele piscou. “Bem, ela morreu antes de eu completar quatorze anos. E meu pai já tinha ido embora. Então. .”

Ele nunca parecera tão desconfortável. Abaixou a cabeça, evitando meu olhar. "Ninguém sabe. Se soubessem, não seria bom. Vasculhei os papéis dela. Os livros. Eu tinha esperança de que ela pudesse ter anotado em um diário pessoal, talvez, mas nunca encontrei. Os cadernos dela estavam cheios de desenhos. Meus, principalmente. E de passarinhos com asas azuis brilhantes. Mas ela também desenhava muito você." Ele riu baixinho. "Ela realmente gostava de desenhar você. Mas veja bem, é por isso que não fui sincero antes. Não podemos nos casar porque eu não tenho um nome verdadeiro para usar em troca."

Eu o encarei, esperando. Quando ele não levantou a cabeça para me olhar nos olhos, uma gargalhada escapou de mim, assustando-o. "O quê? O que é engraçado?", perguntou ele.

“Eu também não tenho um nome verdadeiro para usar, Fisher. Sou apenas Saeris. Você pode ser apenas Kingfisher também.”

Eu esperava que ele risse também. Que percebesse que estava triste sem motivo, mas, gentilmente, ele pegou minha mão e a levou lentamente aos lábios. Ele me beijou, sua respiração quente acariciando minha pele. “Não funciona assim, Osha. Não importa que você não tenha recebido um nome verdadeiro. Eu recebi, e a menos que eu o compartilhe com você, a cerimônia não pode se concretizar.

Não há nada que se possa fazer a respeito.” Então. . eu entendo. Se o casamento é importante para você, então—”

“Por favor, pare de falar”, sussurrei. “Acho que você está prestes a dizer alguma besteira, e eu já te disse isso no jantar. Eu não preciso me casar. Você tinha razão. Estamos destinados a Deus. Isso é muito mais importante do que uma cerimônia de casamento. Viveremos nossas vidas juntos e seremos felizes, não importa o que aconteça.”

Eu não conseguia decifrá-lo. Sua expressão era tão cautelosa. Parecia que ele estava tentando perscrutar minha alma. Cerrando os dentes, ele expirou pelo nariz e disse: "Tem certeza?"

"Sim, tenho certeza!" Eu ri, mas logo fiquei séria, sabendo o que ia dizer. "Eu te amo, Fisher." Era a primeira vez que eu dizia isso. "Eu te amo, e nada mais importa além disso. Onde quer que *você* esteja, implorarei aos deuses e a todos os destinos para que me deixem estar lá também", sussurrei.

Uma fina sombra percorreu a linha da minha maçã do rosto, acariciando minha pele macia como a asa de uma borboleta, enquanto os olhos de Kingfisher brilhavam. "Bom", ele rosnou. E então meus pés saíram do chão, e suas mãos estavam abaixo das minhas coxas, me erguendo. Reagi, envolvendo minhas pernas em sua cintura, passando meus braços em volta do seu pescoço, enquanto ele finalmente chutava a porta do quarto e me carregava para dentro.

"Diga de novo", rosnou ele.

Senti minhas bochechas arderem. "Como assim?"

“Não brinque comigo.”

“Mas eu—”

"Por favor."

Recostei-me para poder olhá-lo direito, e a emoção crua e evidente em seu rosto roubou meu sorriso. A esperança em seus olhos me destruiu.

Como se houvesse a possibilidade de não ser verdade. Como se existisse algum reino ou realidade em que eu não o amasse, mas ele existisse. Rezando para que

eu pudesse. Ele estava fora de si, amaldiçoado por Deus. "Eu te amo, Fisher. Claro *que* sim. Sempre. Para sempre."

Seus lábios se chocaram contra os meus. O beijo era pura paixão, alívio e a culminação de toda a tensão reprimida que se acumulava entre nós nos últimos dias. Ele me saboreou, sua língua explorando minha boca, seu coração acelerado contra meu peito enquanto ele entrelaçava os dedos em meu cabelo.

Quando recuou, o mercúrio em seu olho havia formado uma fina coroa ao redor de sua íris. "Há ouvidos muito atentos nesta mansão amaldiçoada pelos deuses", gemeu ele. "Eles não vão gostar do que ouvirão nas próximas horas."

Um arrepio percorreu meus ossos naquele instante. Ele planejava ficar dentro de mim por *horas* . Ele planejava me fazer gritar. Deuses..

Quando ele me beijou novamente, acariciando a minha nuca com a mão, algo dentro de mim mudou. Como um pino que se encaixa na fechadura. De repente, eu conseguia *sentir* o ar dentro do quarto. O jeito como ele rodopiava ao redor dos móveis e subia para se expandir contra as vigas do teto. Eu não entendia como sabia fazer isso, mas senti o ar ficar mais denso. As moléculas que balançavam com a correnteza do quarto pararam, se aquietaram, e meus ouvidos de repente ficaram com a sensação de estarem cheios de algodão.

No instante em que aconteceu, Fisher também percebeu. Parou de me carregar em direção à cama.

Sua coluna enrijeceu, seu semblante mudando num instante. "O que acabou de acontecer?", perguntou ele, ofegante. "Algo. ."

“Não sei. Eu só. . não queria que ninguém nos ouvisse. Entrei em contato e fiz isso.”

Ele voltou sua atenção para mim, seus cabelos escuros e ondulados caindo sobre os olhos enquanto roçava a ponta do nariz na minha mandíbula. "Que truque bacana, Pequena Osha. Uma afinidade com uma pequena magia, talvez. Imagino quantos outros você tem na manga." Sua voz era um murmúrio profundo que começava em algum lugar lá no fundo de suas botas. "Mal posso esperar para você me mostrar."

Ele tinha em mim um nível de fé que eu vinha lutando para ter em mim mesma

nos últimos dias. As marcas nas minhas mãos não se moviam sob a pele como as dele às vezes aconteciam. Estavam fixas, as linhas belas e intrincadas. Eu não fazia ideia do que significavam, ou do que eu seria capaz por causa delas.

As mãos de Fisher deslizaram pelos meus braços nus, as pontas dos dedos traçando a caligrafia que envolvia meus pulsos como se ele estivesse contemplando a mesma coisa — mas ele não disse mais nada sobre a encadernação. Uma onda de euforia me invadiu quando ele se abaixou, roçando a ponte do nariz na linha do meu queixo uma segunda vez.

As coisas ficaram difíceis depois que minha mãe morreu. Hayden era ainda mais problemático naquela época do que agora. Por alguns meses, depois de me certificar de que meu irmão estava completamente apagado à noite, eu ia me deitar nas telhas rachadas do telhado e fumar até perder a consciência. Usar drogas não era a solução. Eu sabia disso mesmo enquanto fazia. Mas, por um breve período, foi uma muleta que me ajudou a passar o dia. Parei quando comecei a sentir que precisava daquilo em vez de querer.

A euforia que eu sentia sempre que Fisher olhava para mim era muito melhor do que qualquer êxtase que eu tivesse encontrado nos telhados com vista para o Terceiro Distrito. Não havia como parar isso. E por que eu iria querer parar? Ele era mais do que um vício. Ele era a própria vida.

Éramos agora câmaras pulsantes separadas do mesmo coração.

Minha cabeça girava quando ele enterrou o rosto na curva do meu pescoço e inspirou profundamente. Ele fazia isso com tanta frequência agora, especialmente quando achava que ninguém mais notaria. Arrepios percorreram meu corpo enquanto ele inalava o ar pelo nariz, sobre a minha pele. Eu estava mole. Inerte. Eu não conseguia nem manter a cabeça erguida com ele tão perto de mim. "Estou com o mesmo cheiro?", sussurrei.

Fisher segurou a minha nuca com a mão, apoiando o seu peso enquanto se afastava e olhava para mim. "Sim", disse ele, com aspereza. E então, no mesmo fôlego, acrescentou: "Não. Antes, você cheirava a folhas frescas esmagadas e ao ar da montanha antes de uma onda de frio. Um toque sutil de especiarias e cítricos, e fumaça de fogueira."

Eu fiquei olhando para a boca dele, observando-o falar, hipnotizada. "E.. agora?"

“Agora, esses aromas são amplificados mil vezes. Você cheira a entusiasmo. Você cheira a risos. E

paz. E amor.”

"Essas coisas têm cheiro, é?", eu disse, provocando-o suavemente.

Ele mordeu o lábio inferior, assentindo com a cabeça. "Hum-hum. Memórias e aromas sempre estiveram muito interligados para mim. Eu sinto um cheiro e imediatamente experimento a associação."

“Então, estou surpresa que você não tenha me comparado ao cheiro de açúcar derretido. Ou ao calor do sol. Ou.. ” Era tão difícil respirar direito enquanto ele me encarava daquele jeito.

“Você se esquece de que sou uma criatura do inverno, Saeris”, murmurou Fisher. “Não anseio pela atenção do sol. As montanhas cobertas de neve, a floresta, o rio congelado. . esses lugares são meu lar. *Você* é meu lar.”

Ele segurou meu rosto entre as mãos, acariciando levemente minhas bochechas com os polegares.

Estudava minhas feições como se visse algo que só ele podia ver — e não conseguia desviar o olhar.

Era emocionante ser observada com tanta atenção. Um pouco assustador também. Eu sempre me pegava esperando o momento, o leve tremor em seus lábios, a sombra que se projetava sobre seus olhos, em que ele perceberia minhas imperfeições e se daria conta de que eu não era perfeita. Era como esperar por um golpe mortal.. só que o momento nunca chegava.

"Lindo", ele sussurrou.

“Fisher—”

Seus olhos estavam fixos no meu queixo; depois, de repente, encontraram os meus. "Não." Ele balançou a cabeça. "Deixe-me aproveitar. Já consigo sentir o que você está pensando, e não quero nada disso."

"Mas-"

“Eu desprezo os deuses, Saeris. Estou ligado por juramento a esta terra e ao sangue dos reis. Jurei que jamais lhes dirigiria uma palavra de gratidão novamente, mas você me *fez* mentiroso. Você é uma dádiva que não pode ser ignorada. Meu coração. .” Ele engoliu em seco, balançando levemente a cabeça. “Matei mais pessoas do que consigo contar. Perdi, séculos atrás, as partes de mim que sabiam sentir algo além de dor e tristeza. Mas, para o bem ou para o mal, você me trouxe de volta à vida.”

Sua boca se chocou contra a minha. Eu havia silenciado o ar no quarto, mas Fisher silenciou minha alma. Era assim que a paz se sentia. Meu peito queimava. Minha garganta. Meus ouvidos. Sob minhas palmas, o pulso de Fisher pulsava enquanto ele deslizava a língua entre meus dentes e reivindicava minha boca.

Pressionando a mão nas minhas costas, ele me puxou para si, soltando um suspiro pesado pelo nariz.

Ele estava duro. Em todos os lugares. Inteiramente. Seu peito era puro músculo. Seus braços, firmemente entrelaçados ao meu redor, eram faixas de aço. E seu pau? Eu podia sentir o quão duro *estava* , pressionando contra a calça; a cabeça da sua ereção cravava-se na minha barriga enquanto ele se curvava sobre mim e impulsionava os quadris para frente, gemendo.

“Três noites. Esse é o tempo que passei andando de um lado para o outro neste quarto, fantasiando em te foder sem camisinha, Saeris Fane.”

Soltei um suspiro quando ele inclinou a cabeça para lamber meu pescoço. Os sons que ele arrancou de mim eram quase constrangedores, mas eu não tinha forças para me importar naquele momento.

"Só. . nos últimos. . três?"

“Eu estava rezando para que você sobrevivesse a todas as outras.”

Eu não queria me lembrar de que quase morri. Não agora, com suas mãos fortes sobre meu corpo e o som do O sangue pulsando em suas veias ressoava em meus ouvidos. "Eu te quero", sussurrei. "Por favor.. "

Leve-me.

Reivindique-me.

Foda-se.

Me possua.

Os pensamentos martelavam como um tambor de guerra na minha cabeça. Eram tudo em que eu conseguia pensar.. e eu sabia que meu companheiro também podia ouvi-los.

“Cuidado, Osha”, disse ele asperamente, beijando-me ao longo da mandíbula. Parou quando chegou à minha orelha, puxando o lóbulo com os dentes. “Você pode acabar conseguindo o que deseja.”

Agarrando-me distraidamente à sua camisa, arqueei as costas, derretendo-me em seus braços. "Por favor. Por favor.. " Soltei um som abafado quando senti seus dentes novamente, desta vez em meu pescoço. A picada deliciosa de seus caninos na cavidade da minha garganta me deixou *completamente* imóvel. "Ah, droga", ofeguei. "Droga. Fisher.. " Ele não me mordeu. As pontas afiadas de seus dentes haviam rompido minha pele — eu já conseguia sentir o cheiro de sangue —, mas ele não pressionou mais. Ele pairou ali, seu calor fazendo minha cabeça girar, o cheiro dele causando estragos em meu interior, o contorno do sorriso pecaminoso em sua boca roçando provocativamente em mim.

Ele passou a ponta da língua sobre os dois pontos onde seus dentes haviam perfurado meu pescoço, lambendo lentamente o sangue.

"Você tem gosto do fim do mundo", ele ronronou. "Só me mate e acabe com isso. Nada jamais será melhor do que isso."

Porra!

Meu corpo agiu por conta própria. Estendi a mão, entrelaçando meus dedos nos cabelos grossos de Fisher, tentando desesperadamente puxá-lo para o meu pescoço, mas ele apenas riu baixinho, o som de sua risada rica e profunda provocando uma explosão de desejo bem atrás do meu plexo solar.

“Você está muito mais forte do que costumava ser”, refletiu ele. “Mas eu ainda sou mais forte, pequena Osha.”

Em um segundo, ele me pegou no colo, me jogou na cama e prendeu minhas mãos acima da minha cabeça. Com uma perna de cada lado dos meus quadris,

ele me montou, seu corpo enorme pairando sobre mim. Ondas escuras caíam sobre seu rosto, lançando sombras sobre suas feições enquanto ele sorria de forma sugestiva. "Você gosta muito dessas roupas, Osha?"

"Sim!" Eu ri, tentando soltar minhas mãos. Ele tinha razão, eu era mais forte agora, mas ele sempre seria mais forte. E a gravidade também estava a seu favor.

“Então peço desculpas”, respondeu ele com falso arrependimento. Tentáculos de fumaça e sombra emanavam dele, de suas mãos e de seu peito, deslizando para cima pela gola aberta de sua camisa folgada como serpentes. Envolveram meus braços, deslizando sobre meu corpo, deixando um rastro de calor. Partículas de magia brilharam e captaram a luz, manifestando-se à medida que o poder de Fisher se acumulava e se concentrava no centro do meu peito ofegante, deslizando por baixo da minha camisa. Divergiram, dividindo-se em uma centena de fios de poder ainda mais finos, e então seguiram seu curso. Minha camisa não teve a menor chance.

Onde as sombras de Fisher tocavam, o algodão se desfazia e desaparecia, sem deixar vestígios.

Minha pele foi exposta, pouco a pouco, até que eu estivesse nua sob ele. Uma fogueira crepitava alegremente na lareira; eu não sentia frio, mas mesmo assim me arrepiei toda. Meus mamilos estavam eretos, meu peito subia e descia rapidamente enquanto Kingfisher dedicava um longo momento a observar meu corpo.

“Você é a coisa mais deslumbrante que eu já vi, Saeris.”

“Isto. . não é. . justo”, ofeguei. “Você está completamente vestido e eu estou nu como vim ao mundo.”

Seu sorriso ficou um pouco torto. "Você possui o tipo de magia que poderia *me despir* , tenho certeza. Gostaria de tentar?"

“Não! Pelos deuses, não. E se. . e se eu te incendiar ou algo assim? Ou.. ou, sei lá, te desmembrar sem querer?”

Ele riu maliciosamente. Seus olhos não se desviaram dos meus enquanto ele se abaixava e lentamente levava meu mamilo direito à boca. *Você não vai.*

Ele chupou, puxando delicadamente o botão de carne, e minhas costas se arquearam para longe da cama. *Meu Deus* , que sensação boa. Ele estava me deixando louca. Eu ia gritar se ele continuasse assim. .

“A magia tem tudo a ver com intenção, Pequena Osha. Você teria que querer minha morte para me incendiar. Da mesma forma, você precisaria me odiar muito para conjurar o tipo de energia capaz de dilacerar carne e osso.”

Houve uma época em que eu o odiava profundamente. Mas agora..

As pontas de seus caninos estavam visíveis. Eu as encarei, hipnotizada. Seus lábios roçaram meu mamilo enquanto ele falava, e arrepios percorreram meu corpo.

Não havia nada que eu não fizesse por aquele homem; ele começou a descer lentamente pelo meu corpo, distribuindo beijos leves pela minha pele. A parte inferior do meu seio. A caixa torácica. O

estômago. O osso do quadril. .

"Aonde você pensa que vai?", minha voz parecia tão ofegante.

Martinfisher bufou, sorrindo enquanto passava a ponta do nariz pela pele que ia até abaixo do meu umbigo. "Vamos lá, Osha. Onde mais um acólito se ajoelharia para adorar senão no altar de seu deus?"

Pecadores. O calor da sua língua separou minha carne, e eu perdi a capacidade de pensar. Acontece que o altar de Fisher era a carne sensível entre minhas coxas, e eu era.. *eu* era o deus dele. "Caramba!

Isso. . isso é incrível!"

Por mais de cem anos, Fisher não comeu nada dentro daquele labirinto. Malcolm o mantinha num estado perpétuo de fome, nunca morrendo de fome, mas também nunca satisfeito. Ele sempre parecia faminto depois de comer no Palácio de Inverno, e eu nunca consegui entender o porquê. O

jeito como ele *me comia* agora era exatamente assim — como se ainda estivesse faminto e não pudesse ser saciado.

Ele rosnou dentro da minha vagina. "Porra! Você tem um gosto incrível."

Seus cabelos eram tão grossos; enrolei meus dedos neles, puxando sua cabeça para baixo, sobre mim.

Gemendo baixo e profundo, Fisher deslizou a língua entre meus lábios úmidos, e eu comecei a me desfazer em êxtase.

Foi uma sensação desconcertante, a de me desfazer por alguém. Eu podia contar nos dedos de uma mão o número de pessoas com quem baixei minhas defesas durante o sexo, mas com Fisher eu não tinha escolha. Ele exigia tudo de mim. Nada de meias medidas.

O ritmo dele acelerou. Sugando suavemente meu clitóris, ele deslizou um dedo dentro de mim lentamente, e eu cedi. Era demais. Uma onda de prazer percorreu meu corpo preguiçosamente.

Quando a onda chegou ao meu peito, eu já estava arqueando as costas para trás, soltando um suspiro alto. "Porra! Ai, meu Deus!"

“Hum. Eu gosto disso. .” Fisher ronronou. “Não, não pare. Você pode se esfregar na minha boca o quanto quiser.”

Porra, eu ia *gritar* . Fisher passou um braço em volta da minha perna, usando o ombro para me prender pelo quadril. Com a outra mão, ele continuou a deslizar os dedos dentro de mim, movendo-se mais rápido enquanto lambia e chupava meu clitóris. Eu me movia contra ele, sentindo meu orgasmo pairando ao meu alcance. Estava ali, bem perto. A qualquer segundo, eu ia despencar de cara no abismo.

—e então ele fez o impensável: parou.

“Fisher! O quê. . *por quê* ?”

Ele deu uma risada sombria, um riso áspero como o pecado. "Espere aí, pequena Osha. Receio que chegou a hora da vingança."

"O quê? O que é isso—Ahhhh, meu Deus!" Levantei da cama num pulo tão rápido que minha coluna estalou.

Uma luz branca preencheu minha cabeça.

Um zumbido agudo ressoou em meus ouvidos.

A pontada aguda de dor na parte interna da minha coxa eletrizou minhas terminações nervosas.

Num instante, a dor se transformou em outra coisa.

Em Zilvaren, os ventos do deserto sopravam com tanta força que, às vezes, chegavam a arrancar a carne dos ossos. A sensação era muito parecida — despedaçar-se, um fragmento de cada vez —, mas de uma forma extremamente viciante e de tirar o fôlego.

Fisher me mordeu e começou a beber. Só os deuses sabem quanto veneno ele injetou em mim de uma vez, mas eu gozei. Na. *Hora* .

Sem som.

Sem ar.

Sem pensamentos.

Simplesmente um orgasmo instintivo, que tomou conta do corpo todo e deu a sensação de que ia quebrar um osso.

Mal consegui ouvir a voz arrastada e satisfeita de Fisher em meio às explosões que aconteciam na minha cabeça. "Isso mesmo. Boa garota. Aguenta firme."

Eu precisava respirar.

Hah!

Nem pensar.

Pequenos pontos pretos dançavam diante dos meus olhos.

Meu pulso latejava lenta e forte nas têmporas.

Burro.

Burro.

Bobo!

Respirei fundo, e a visão do ambiente voltou a ficar nítida.

Meu pulso era como um trovão preso nas minhas veias. "Ai, merda! Ai, merda! O que. . que porra é essa?"

"Calma", sussurrou Fisher. Ele percorreu meu corpo com o olhar, as pupilas dilatadas. Aquele fino fio prateado de mercúrio ainda circundava completamente sua íris direita. "Calma. Isso. Respire."

Minha cabeça girou novamente enquanto ele pairava sobre mim, mantendo o peso afastado do meu corpo, e começava a beijar meu pescoço lentamente.

Engoli em seco, forçando-me a falar em meio às ondas de êxtase que ainda percorriam meu corpo.

"O que. . diabos.. acabou de. . *acontecer* ?"

"Você desmaiou", murmurou Fisher no meu pescoço.

"Desmaiou *?* "

"Só um pouquinho." Ele fez parecer que não era nada demais. Que ele fazia as mulheres desmaiarem o tempo todo. "Só por um segundo."

“Fisher!”

Ele recuou, fixando-me o olhar do alto da flexão. "Eu te disse uma vez que fiquei desapontado com a fragilidade dos seres humanos. Lembra?"

Ah, lembrei.

“Você não é mais humana, Saeris. Acha que consegue me acompanhar agora?”

Mártires. Aquele sorriso convencido. O brilho zombeteiro nos olhos, oscilando entre a malícia e o caos. Ele tinha tanta certeza de si mesmo. . e isso era *tão* excitante.

Eu ainda não tinha me recuperado da mordida que ele me deu na parte interna da coxa. Na verdade, eu me sentia eufórica, e aquela sensação deliciosa que me invadia me deixava imprudente. Eu o desejava tanto, tão loucamente.

"Eu aguento", respondi. "Tem *certeza* de que consegue lidar *comigo* ?"

Uma gargalhada irrompeu dele, e o som acariciou minha pele, fazendo-me estremecer novamente.

Tive que me esforçar para impedir que meus olhos revirassem. "Honestamente, não sei, Osha", ponderou ele. "Acho que só há uma maneira de descobrir."

Eu o despi, puxando freneticamente sua camisa e suas calças, desesperada para me livrar delas. Ele se recusou a ajudar, insistindo que eu tentasse despi-lo com minha magia, mas eu não faria isso. Eu não podia lhe contar a verdade — que eu *queria* testar meus novos poderes, mas estava com muito medo.

Sentia a magia espiralando fora de controle abaixo do meu plexo solar. Nas minhas palmas, dançando na ponta dos meus dedos também. Uma tempestade rugia sob minha pele, e eu não tinha ideia de como domá-la. Eu não tinha o direito de ser a guardiã de tanta magia quando não compreendia o que era, como funcionava ou como controlá-la. E eu não ia liberá-la sobre meu companheiro nessas circunstâncias, quando eu nem sequer tinha controle do meu *próprio* corpo.

Rosnei, empurrando Fisher de volta para a cama e arrancando suas botas dos pés. Eu *precisava* tê-lo, e ele não estava ajudando. Não, ele estava rindo.

"Está se sentindo um pouco selvagem aí, Osha?"

Arremessei uma das botas dele para o outro lado da sala; ela atravessou a barreira que eu havia criado, uma ondulação distorcendo o ar, o som do impacto no chão do outro lado abafado pela minha magia involuntária. "É quase como se você *não* quisesse transar comigo", rosnei.

Mais risadas. Desta vez mais graves. Mais brutais. "Ah, acredite em mim. Eu quero te foder. Precisa de provas?"

Ajoelhei-me no pé da cama e observei enquanto ele finalmente cedia e me ajudava a tirar a roupa, baixando as calças lentamente até os quadris. Fiquei

olhando, com a boca subitamente mais seca que as dunas, enquanto aquele *V musculoso e definido* que descia até a virilha era exposto. . e então seu pau saltou para fora.

Ele estava duro mesmo. Mais duro do que eu jamais o vira. Era tão *grande , amaldiçoado por Deus* .

Fisher chutou as calças para longe e as jogou no chão, depois empilhou as mãos uma sobre a outra e as envolveu em torno de seu membro pulsante.

Ele me encarou, movendo as mãos para cima e para baixo, e quando se apertou, uma gota de líquido pré-ejaculatório escorreu da glande inchada. "Essa pequena bolha que você criou está prendendo seu cheiro, sabia?", disse ele. "Seu cheiro está me deixando louco."

Passei a mão entre as pernas, deslizando os dedos pelas minhas dobras, soltando um chiado ao perceber o quanto ele me fez gozar quando me mordeu.

Fisher me observava com os olhos turvos, enquanto continuava a movimentar as mãos para cima e para baixo em seu pênis. "Venha. Aqui. *Agora* ", ele sussurrou roucamente.

Eu obedeci. Não porque ele não me deu escolha. O juramento com o qual ele me obrigou foi quebrado quando morri em Gillethrye. Não, eu fiz isso porque quis.

“Dê-me esses dedos”, ordenou ele.

Eu sabia perfeitamente o que ele queria dizer com aquilo; não senti o menor constrangimento ao estender a mão em direção à sua boca e me lambuzar com meu próprio líquido. Ele gemeu, os olhos brilhando de desejo, quando enfiei meu dedo indicador e o dedo médio em sua boca.

"Vai se ferrar", eu disse para ele.

Seus olhos reviraram, e o Martim-pescador do Portão de Ajun, matador do último dragão e Senhor de Cahlish, *me obedeceu* .

Uma onda de ar quente percorreu o dorso da minha mão quando Fisher exalou com força pelo nariz.

Você está tentando me matar , ele sussurrou em minha mente.

Inclinei-me sobre ele, retirando e recolocando os dedos, roçando seus lábios com a ponta da língua antes de mergulhá-la em sua boca.

"Não vou te matar" , respondi. " *Mas talvez eu te* torture *um pouco por causa dessa sua façanha."*

Rapidamente, montei nele, segurando seus pulsos e puxando suas mãos para cima, acima da cabeça.

Ele poderia ter resistido. Recusado-se a deixar que eu o dominasse. Mas não resistiu. Seu pênis roçou em minha intimidade, mas eu não me espremi sobre ele. Ainda não. Posicionando-me de modo que a glande pressionasse minha entrada, desci apenas um pouco. . e então inclinei meus quadris para trás, apreciando vê-lo se contorcer.

“Osha”, disse ele em tom de advertência.

Eu o ignorei, baixando o peito, deixando *bem* claro que ele precisava ficar quieto e prestar mais atenção aos meus seios, que agora estavam *bem* na frente do rosto dele.

Ele não se conteve. Meu mamilo direito ficou preso entre seus dentes no instante seguinte. Soltei um suspiro de dor quando ele mordeu — não o suficiente para causar dor de verdade, mas o bastante para enviar uma onda de choque percorrendo minhas terminações nervosas. Tão rápido quanto mordeu, ele soltou, passando a língua reverentemente sobre o botão rosado, como se quisesse compensar o desconforto que havia causado.

Quando eu me sentar completamente sobre o seu pau, você não poderá me tocar , eu o informei.

"Sou apenas um homem" , respondeu ele em tom angustiado. " *Nunca fiz um milagre na minha vida. O*

que lhe dá.. a impressão de que eu seria capaz de começar.. a fazê-los agora?"

Sua natureza teimosa. Abaixei mais um pouco. *Se você me tocar, eu ganho.*

"Porra, Saeris" , ele rosnou. Eu estava me movendo, rebolando levemente os quadris, fazendo a cabeça do pau dele entrar e sair da minha vagina. "Você tem noção de como você está incrivelmente linda agora?" Ele disse essas palavras em voz alta, e sua voz era tão rouca. Cheia de desejo. O som da sua voz acendeu uma chama dentro de mim que prometia arder para sempre.

"Mulher cruel, *cruel* ", repreendeu ele.

Ah, se ele achava isso cruel, então provavelmente me consideraria a pura maldade pelo que eu estava *prestes* a fazer. Ondulando contra ele, desci mais um pouco, e quando ele sibilou entre os dentes, praguejando em Fae Antigo, desci e cravei meus caninos em seu pescoço.

Foi então que eu me inclinei sobre ele. . *até o cabo da espada* .

Eu não o ataquei. Não me mexi. Fiquei ali parada, pulsando ao seu redor por dentro, ouvindo sua respiração falhar enquanto deixava meu veneno correr em suas veias.

Ele ficou rígido sob mim. "Saeris." O aviso foi calmo, mas havia calor naquela palavra. *Cuidado.*

Soltei um gemido baixo enquanto arqueava as costas e meus mamilos roçavam seu peito tatuado. "

Estou tão cansada de ter cuidado" , sussurrei em sua mente. E então bebi. Entrelacei meus dedos nos dele, cravando minhas unhas no dorso de suas mãos, e me esfreguei contra ele, inclinando meus quadris, transando com ele enquanto o engolia.

Tinha sido desconcertante senti-lo lá no estrado, durante minha coroação. Eu não estava preparada para aquilo. O sangue de Fisher era uma canção eterna. Separou minha alma do meu corpo. Seu gosto era mais requintado que água fresca e pura. Seu sangue era sagrado, e eu bebi como se precisasse ser salva.

Suas mãos se fecharam com força em torno das minhas. As veias em seus braços saltavam, seus músculos tensos. Aquilo o estava matando, não poder me tocar direito. Mas o fato de ele estar permitindo isso era monumental.

Havia algo muito libertador em um macho como o Martim-pescador abrir mão

do controle e oferecer rédea solta sobre seu corpo. Era um ato de confiança. Submissão, até. E uma criatura letal expondo o pescoço para você era algo realmente inebriante.

Eu conseguia sentir o efeito do meu veneno nele, flutuando da mente dele para a minha. Estranho.

Eu percebia que ele estava em êxtase agora, mas ainda assim me dava a sensação de estar sendo impulsionada para cima. em uma nuvem, no éter. Nenhuma palavra ou pensamento direto passou entre nós por um tempo. Mas eu sentia a profunda energia do amor entre nós. A sensação era tão imensa que pensei que poderia morrer com a sua magnitude. Seria o meu amor por ele? O amor dele por mim? As fronteiras estavam tão tênues que eu não conseguia distinguir onde os sentimentos dele terminavam e os meus começavam. No fim, não importava.

Parei de beber, meu corpo vibrando com uma energia estranha e incomum que não me pertencia. O

pênis de Fisher se contraiu enquanto ele penetrava em mim, e as paredes do seu quarto começaram a balançar.

Meu Deus, ele era tão profundo. Tão perfeito. Eu não conseguia parar de olhar para ele enquanto eu afundava no pau dele de novo, de novo, de novo. .

"Olha só para você", resmungou Fisher. "Você é simplesmente magnífico, não é?"

Soltei suas mãos, inclinando-me para trás para lhe dar uma visão melhor. Normalmente, eu não era tímida na cama. Mas com Fisher, minha confiança era eletrizante. Como não me sentir assim, quando ainda conseguia sentir suas emoções em suas veias? Ele falava sério. Ele *realmente* me achava magnífica.

"Chega de te atrapalhar", eu disse. "Você pode usar seu ha—" Nem consegui terminar a frase.

“Graças aos deuses”, ele rosnou. Sentando-se ereto, suas mãos foram para meus quadris. Eu me preparei para a mudança de gravidade, para ser jogada de costas, mas Fisher simplesmente me segurou ali, os dedos cravando-se em minhas nádegas e coxas, e se enfiou dentro de mim com força.

“Minha vez”, ele resmungou. Dessa vez, nem reagi quando senti a pontada aguda de dor. Eu sabia o que estava por vir no instante em que seus caninos cravaram na curva do meu seio, e me preparei para aquilo. Ele foi mais cauteloso dessa vez. Não me dopou com tanta força. Uma onda de prazer vertiginoso me atingiu em cheio, mas eu não cheguei ao clímax, nem desmaiei. Suas mãos deslizaram pelas minhas costas, se enroscando nos meus ombros, me puxando. desci sobre ele, e o delicioso atrito entre nossos corpos cobertos de suor começou a me empurrar cada vez mais para perto de um precipício inevitável.

"Você é tão gostoso", gemi. "Eu quero. . eu quero sentir o quanto você fica duro. Quero sentir você dentro de mim quando você gozar."

"Pelos dentes do inferno!" , ele rosnou dentro da minha cabeça. " *Eu vou te dar o que você quer, Pequena Osha, não se preocupe."*

Eu me posicionei contra ele com mais força, passando os dedos pelos seus cabelos, puxando-o para baixo, contra meu peito. Ele bebeu mais fundo, seguindo meu sinal, e a sensação dele ficando duro como aço temperado dentro de mim roubou meu fôlego maldito.

Sim. Ótimo. Vem para mim. Vem. O incentivo dele era tudo que eu precisava. Eu me desmanchei em seus braços me envolvendo e sua língua explorando meu mamilo.

Seu quarto ficou escuro como a meia-noite, minha visão embaçando. Mas.. não havia embaçado. As sombras de Fisher explodiram dele quando ele também atingiu o clímax. Elas se espalharam ao seu redor, amplas e vastas, formando a silhueta de asas diáfanas, e então me engoliram por inteiro.

Sua magia nos envolveu, embalando nossos corpos enquanto tremíamos e nos contorcíamos. Não havia necessidade de falar. Nos agarramos um ao outro por um longo tempo, embriagados de amor e com a adrenalina a mil.

No fim, nossos estômagos roncando nos fizeram mudar de lugar; descobrimos que compartilhar sangue e passar um tempo prolongado na cama de um guerreiro Fae significava que você ficaria faminto depois de um tempo.

Fisher me observava enquanto eu me vestia, com um pequeno sorriso brincando nos cantos da boca.

Joguei uma das meias dele nele, fazendo uma careta. "Por que você está com essa cara de convencido?", provoquei.

E Kingfisher riu. "Porque estou *satisfeito* comigo mesmo. Porque sou o cara mais sortudo do mundo.

E porque *você* parece que acabou de ser fodido sem dó."



8

FAÇA AS PAZES

MARTIM-PESCADOR

Outro vestido jazia intocado sobre o encosto da cadeira. Eu o havia escolhido ontem, tirando-o das capas de roupa guardadas em segurança no fundo do camarim da minha mãe. Não pertenciam à minha mãe; encontrei os vestidos ali pouco depois de levar Saeris a Cahlish pela primeira vez. Não eram do estilo nem das cores da minha mãe. Ela simplesmente previra o dia em que Saeris chegaria e deixara um guarda-roupa inteiro para ela — um presente para a amada mulher que ela jamais chamaria de filha.

De um branco marfim, o rico vestido de cetim brilhava como asas de fada translúcidas. As saias eram simples. Discretas. Sem tule ou babados. Não havia nenhum adorno exagerado, na verdade. O sutil tom rosa-azulado que transparecia quando o tecido era iluminado era suficiente.

O perfume de Saeris pairava denso no ar ao redor da cadeira. Imaginei que ela estivesse parada ali, examinando o vestido. Passando a mão pelo espartilho.

Mais uma vez, ela optara por vestir sua armadura de combate e suas botas antes de desaparecer para enfrentar o dia.

Dei um sorriso, balançando a cabeça enquanto me virava e observava o travesseiro amassado ao meu lado.

Ela já tinha ido embora.

Hah! Bem, *essa* foi uma reviravolta inesperada. Quantas vezes eu desapareci da cama de uma mulher antes que ela acordasse? Honestamente, não muitas. Não tantas quanto Lorreth, com certeza. As mulheres que eu levava para a cama sempre souberam que transar comigo não era um caminho para nada significativo. Elas sabiam que seria uma experiência única e, na maioria das vezes, aceitavam isso de bom grado. Pelo menos era o que diziam. Muitas mulheres ficaram surpresas quando eu desapareci na manhã seguinte, chocadas por não terem sido *elas* a me transformar.

E eles tinham sido gentis.

Lindo.

De tirar o fôlego, simplesmente.

Mas elas não eram *ela* . E quando se está armado, ou amaldiçoado, com a certeza de que um dia sua companheira ideal apareceria e mudaria tudo, ninguém mais jamais chegaria perto. Então, na maior parte do tempo, eu não me importava com a distração do sexo. Na maior parte do tempo, eu me ocupava com a tarefa de matar. E agora ela estava aqui, minha Pequena Osha, e ela era mais do que eu poderia ter esperado.



E o lado dela da cama estava vazio.

Eu não podia culpá-la por isso. Vampiros dormiam, era verdade. Quando o sol estava alto no céu, era praticamente impossível para os recém-transformados permanecerem conscientes. A maioria deles precisava descansar nesse momento, mas não Saeris. Ela tentara esconder isso de mim, mas pelo que eu podia perceber, ela não havia dormido *nada* desde que despertara nessa estranha nova forma que ocupava. Nas últimas três noites, ela andara de um lado para o outro

em seus aposentos em Ammontraíeth, esperando que a corte que governava voltasse à vida, esperando que eu retornasse para ela, mas ela não dormiu.

Ela não queria que eu me preocupasse. Eu sabia disso. A Ligação Divina ainda era muito recente entre nós. Ela ainda não tinha aprendido que podia me contar qualquer coisa e que eu estaria lá para ela, não importava o que acontecesse. O quê? Não era minha função resolver todos os problemas dela ou protegê-la dessa nova realidade. Havia muita coisa que ela precisava descobrir sozinha. E

quando chegasse a hora, eu estaria pronto e à disposição caso ela precisasse de ajuda.

Enquanto isso, ela poderia explorar a propriedade onde passei os primeiros anos da minha vida e descobrir o que essa nova vida dela tinha a oferecer. Eu não a impediria. Me espreguicei, apreciando por um instante o perfume dela que ainda impregnava os travesseiros e os lençóis, e então me levantei da cama e fui procurar algo para comer.

“Que tipo de homem adulto ignora *o bacon* e vai direto para os doces? Você não bate bem da cabeça.”

Encontrei Renfis examinando o banquete de café da manhã que Archer havia preparado na sala de jantar. Seus cabelos castanho-claros estavam soltos, finalmente, sem as tranças de guerra. Caíam pelas costas, ainda úmidos do mergulho matinal no lago perto do pomar, os fios encharcando sua camisa. Pegamos dois ou três itens dos pratos fumegantes e, em seguida, abri um portal de sombra para nos transportar de volta ao acampamento.

Estávamos na metade do caminho de volta para a tenda dele — e eu estava na metade de uma torta de creme — quando ele começou com as brincadeiras. "Nunca conheci outro guerreiro com tanta gula. É um milagre você ainda ter dentes nessa sua cabeça."

Eu sorri, mostrando todos os dentes em questão para ele. "A culpa é da Everlayne. Foi ela quem me deu seus doces quando era pequena."

Como sempre, a menção da minha meia-irmã fez com que meu amigo se endireitasse um pouco.

Como sempre, não mencionei a reação dele.

Renfis esfregou a nuca, seus olhos percorrendo a colina íngreme que ainda se erguia entre nós e o acampamento. "Ah, sim." Por falar da sua irmã, dei uma passada rápida nela hoje de manhã. Quando estava saindo, encontrei a Saeris. Ela parecia um pouco. . *desarrumada* .

Entendi perfeitamente o que ele queria dizer, mas fingi ignorância. "Ah, é mesmo? Ela deve ter tido uma noite agitada."

Renfis bufou. "Uma noite *muito* agitada."

Ele jamais mencionaria o fato de que ela devia cheirar a bordel. Ele também não mencionou que eu cheirava assim. Não seria educado.

“Então, como andam as coisas entre vocês dois? Bem, imagino que sim.”

Dei de ombros, fingindo timidez. "Ah, sabe como é. Eu gosto bastante dela."

"Suficiente?" Um toque de frustração coloriu seu tom. "O que você quer dizer com 'suficiente'? Você está ligado a ela por Deus. Isso não significa que. . Bem, vocês não são. . Deuses e mártires, estão *rindo* ?"

Ele me acertou em cheio no braço, com tanta força que deixei cair o resto da minha torta de creme na lama. Refleti sobre isso melancolicamente por um segundo antes de continuar andando. "Sim, Renfis", eu disse, finalmente cedendo. "As coisas estão indo muito bem. Mais do que bem. Estão incríveis."

“E você está apaixonado por ela?”

Lancei-lhe um olhar sombrio pelo canto do olho, fazendo uma careta. "Sim", admiti. Não era que eu guardasse rancor dos sentimentos que tinha pelo meu companheiro. Eu simplesmente odiava admitir isso em voz alta para alguém por quem eu havia jurado repetidamente que nunca me apaixonaria. Era, no mínimo, constrangedor.

Renfis sorriu radiante, com o rosto tomado por um sorriso radiante. "Eu sabia!"

"Não diga mais uma palavra", rosnei. "Não vou ficar fofocando sobre minha vida amorosa com você como se fosse uma pastora de ovelhas."

Ele franziu a testa. "Pastores de ovelhas são fofoqueiros?"

“Sim. Você ficaria surpreso com as coisas escandalosas que pastores de ovelhas entediados sabem.

Especialmente aqueles que vivem no sopé das Montanhas Rasas.”

“Hum. Quem diria. A gente aprende algo novo todo dia. Então, você e a Saeris. Apaixonados. Que emocionante.”

"Vai se foder, Ren", resmunguei. "Por que não falamos sobre o seu chilique por causa do Tal, hein?"

Isso o calou. *Quase me* arrependi de ter mencionado o assunto. Mas ainda havia uma tensão entre nós, apesar das brincadeiras dele sobre a Saeris, e um de nós teria que tocar no assunto eventualmente. Quanto antes resolvêssemos a situação, melhor.

Meu irmão baixou a cabeça, pensativo, enquanto subíamos a encosta com dificuldade. Nevou durante a noite, e uma camada fresca de neve em pó escondia a lama congelada e as marcas negras de queimadura que cicatrizavam o chão lá embaixo.

"Sei que tenho um ponto cego em relação a ele", disse ele depois de um tempo. "Sei que não é tão fácil para você odiá-lo quanto é para mim."

"Nada é fácil por aqui", murmurei. "E por mais que desejemos que as coisas sejam preto no branco, a maioria das situações nunca é. *Você* me ensinou isso."

“Eu sei, eu sei.” Sua respiração formava uma nuvem ao seu redor enquanto ele abria caminho na neve fofa com os pés. “Mas as atrocidades que ele cometeu a mando de Malcolm. .” Ele balançou a cabeça, incapaz de se conformar com a situação.

“Você sabe o que eu vou dizer.”

“Sim”, concordou ele em voz baixa. “E eu *entendo* . Ele não tinha escolha. Se Malcolm lhe ordenava que fizesse algo, ele tinha que obedecer. Mas ele nunca deveria ter se encontrado nessa situação, não é?”

E foi nisso que tudo se resumiu: na noite em que Taladaius deveria ter se juntado à nossa irmandade e, tolamente, Escolhi a morte. Remoí a dor daquela

lembrança, desconfortável por me ver jogado de volta ao passado.

"Então você nunca cometeu um erro?", perguntei suavemente. "Eu sei que já cometi. Incontáveis."

Meu irmão emitiu um som de desagrado, pigarreando. Ele se conteve, mas eu já sabia a resposta para a pergunta. Havia inúmeras decisões que ele teria mudado se pudesse. Muitas palavras duras que ele teria retirado. Milhares de situações em que ele teria alterado o curso de suas ações, ciente das consequências que elas teriam depois. Mas era inútil olhar por cima do ombro e desejar mudar o passado. Isso era coisa de tolos e políticos. Um guerreiro não podia se dar a tais luxos.

“Deixe-me perguntar uma coisa”, eu disse. “Além da decisão que ele tomou de se juntar a Malcolm, o que você teria feito no lugar dele? Naquela noite, do lado de fora dos portões de Ajun. Foley também foi amigo dele, um dia. Se você tivesse me encontrado lá, deitado na neve, com o pescoço quebrado, morrendo. . o que você teria feito?”

Ele hesitou por um instante, mas não o suficiente para me convencer de que realmente havia refletido sobre o assunto. "Eu teria deixado você ir. Nós somos Proelia, Fisher. Nossa única missão é lutar contra a horda, não nos juntarmos às suas malditas fileiras."

Deixei-o resmungar enquanto chegávamos ao topo da colina. Então, em voz baixa, perguntei: "Tem *certeza* disso?"

Um vento cortante atravessou minhas roupas de couro, bagunçando meus cabelos. Olhei para Ren, esperando encontrá-lo irritado com minha curiosidade, mas descobri que sua boca estava entreaberta em surpresa. Ele estava olhando para o outro lado da encosta, para o acampamento. .

. .e a destruição total que se estendia diante de nós.

Irrín não era uma cidade. Era um organismo vivo. Móvel. Crescia e se transformava. Onde não havia tendas num dia, uma nova seção do acampamento podia surgir no dia seguinte. Mas agora não havia tendas de jeito nenhum. O acampamento estava.. Em ruínas. Onde antes Irrín se erguia, encostada às margens do rio Darn, agora se estendia uma cratera negra e chamuscada até onde a vista alcançava. Fumaça subia de manchas de terra fumegantes onde as brasas

de um incêndio ainda brilhavam em brasa em meio aos destroços.

Madeira carbonizada.

Retalhos de tecido.

Espadas abandonadas e enegrecidas na terra.

Não tínhamos sentido o cheiro da fumaça. Estava frio demais para sentir qualquer cheiro, e além disso, não estávamos prestando atenção em nada.

Não tínhamos reparado no silêncio.

O acampamento foi destruído. A taverna desapareceu. O arsenal. Tudo. Só restaram cinzas negras e ossos.

"Mas que diabos é isso?" Ren sussurrou.

Abri a boca, mas nenhum som saiu.

Onze mil guerreiros haviam acampado aqui. Provavelmente mais. E agora não havia sinal deles.

Havia mortos, sim. Mas ossos insuficientes para contabilizar todos os que haviam chamado Irrín de lar. Era *impossível* .

A vegetação esparsa que crescia ao longo da margem do rio agora era apenas cinzas. Só restava o enorme carvalho — a mesma árvore à qual tínhamos amarrado os comedouros ontem, antes de eu ir a Ammontraíeth mostrar a Saeris e Tal as cabeças dos comedouros que tanto lutamos para colocar ali.

Seus corpos ainda estavam presos à árvore, mas algo havia mudado. Os membros dos alimentadores estavam fundidos ao tronco áspero, a carne derretendo na casca. Sua pele era cinza e amarelada, coberta por uma fina rede de cipós negros que envolviam o carvalho, estrangulando-o. Da base da árvore, raízes enegrecidas, grossas como o braço de um guerreiro, irrompiam do chão, serpenteando sobre a terra exposta por nove metros antes de mergulharem novamente abaixo. As raízes apresentavam profundos cortes, como se alguém tivesse usado um machado, mas não tivesse conseguido cortá-las completamente.

"O que *é* aquilo?", perguntei, semicerrando os olhos para a destruição. Meu estômago se contraiu como um punho em volta do meu café da manhã. "Ali embaixo? Saindo daquelas raízes?"

Meu irmão olhou fixamente para a cena de pesadelo, o rosto pálido como um fantasma. "Parece sangue", respondeu. "Sangue preto, jorrando dos cortes como se fossem feridas. Veja." Ele apontou para uma área do chão perto do rio que não havia sido atingida pelo fogo. "Está contaminando o solo."

E, com certeza, era mesmo.

Onde a gosma negra se espalhou, a podridão e a decomposição a seguiram.



9

ESCONDIDO

SAERIS

Ela estava tão linda como sempre.

Seus grossos cabelos loiros espalhavam-se pelo travesseiro sob sua cabeça. Com as bochechas pálidas como porcelana e os lábios rosados, Everlayne não parecia estar lutando contra os resquícios do veneno de Malcolm. Mas eu sabia que não era bem assim. Ao longo de sua mandíbula, finos filamentos negros de veneno manchavam sua pele perfeita. Suas mãos estavam empilhadas uma sobre a outra sobre o estômago — uma pose tranquila —, mas suas unhas estavam compridas demais.

Com um tom escurecido.

Onyx dormia aos pés dela, perto da base da cama. Eu havia presumido que ele tinha saído para caçar na noite anterior, quando Fisher me carregou até o quarto dele, mas foi bom saber que ele tinha acabado ali com Everlayne. Ela não merecia ficar sozinha.. embora parecesse que Onyx não era o único a vigiar a irmã do meu companheiro.

A cadeira que Ren ocupava quando entrei no quarto de Layne mais cedo ainda estava encostada na cama, abandonada. O general provavelmente tinha um quarto próprio aqui em Cahlish. Duvidava sinceramente que ele tivesse dormido lá desde que Everlayne caiu pelo portal das sombras e despencou sobre a mesa na biblioteca. Eu tinha a sensação de que ele. . Passei várias noites longas cochilando desconfortavelmente naquela cadeira, esperando que a mulher na cama acordasse.

A raposa branca adormeceu logo depois que me acomodei para fazer companhia a Layne. Agora, o som suave de seu ronco preenchia o quarto. Ela chutava as pernas inquietamente, correndo em seus sonhos.

O quarto preparado para a recuperação de Everlayne era belíssimo. As janelas davam para um vasto campo nevado que descia por uma colina suave até encontrar a linha das árvores de uma extensa floresta de coníferas. As árvores estavam vestidas de branco, seus galhos curvados sob o peso da neve fresca. Além, a cordilheira tocava o céu. O gigante adormecido, Omnamerrin, com seu rosto imponente voltado para Cahlish, brilhava enquanto os primeiros raios da aurora despontavam sobre o cume de seu pico.

Uma onda de leve desconforto me atingiu quando aqueles mesmos raios pálidos banharam as paredes do quarto de Everlayne, pintando-as de laranja. A luz não tinha calor tão cedo pela manhã, mas um calor crescente se formou em minhas mãos enquanto eu a observava salpicar minha pele.

Eu precisaria me afastar dela em breve. Mas ainda não.

“Eu te devo um pedido de desculpas”, eu disse suavemente, tirando a mão de cima de Layne de sua barriga e segurando-a na minha. Sua pele estava fria ao toque — um pouco fria demais. “Eu não queria ir embora sem me despedir, sabe? Mas houve circunstâncias atenuantes”, eu disse secamente.

“Seu irmão não era exatamente fácil de lidar. Acabei tendo a escolha tirada de mim, receio. Já superamos isso, mas.. mesmo assim. Não foi uma sensação boa ir embora sem te agradecer, pelo menos. Você cuidou de mim, Layne. Você zelou por mim. Se não fosse por você, só os deuses sabem quem teria sido encarregado de me vigiar no palácio. Tenho certeza de que teria sido uma experiência muito mais assustadora—”

Ela te ouve. Ela te sente. Abra o portão. O portão. . O portão. . O portão. Abra-o. Abra o portão.

Recostei-me bruscamente no assento, inclinando a cabeça para um lado.

O sussurro era muito familiar. Era o mercúrio. Eu conhecia a cadência da sua voz. Já estava acostumada a ser mandada por ele. Ele havia falado comigo. . mas não havia ninguém aqui comigo.

Eu não tinha Solace comigo. Ren nem sequer *tinha* uma espada divina, e de qualquer forma, ele não havia deixado nada para trás. Estávamos apenas eu e Everlayne, e Layne não tinha nenhuma arma consigo. Nada que pudesse conter mercúrio. Não que eu. .

Minha mente se aquietou.

Oh.

Pelos deuses, ela *tinha* mercúrio no corpo. Eu não tinha reparado antes, mas seus brincos minúsculos brilhavam na luz da madrugada, não é? Simples. Discreto. O metal era fundido em flores, com pétalas apontando para cima como pequenas adagas.

“ *Você* não deveria estar aqui.” Inclinei-me para mais perto para examinar os brincos.

"Nós somos, nós somos, nós somos" , respondeu o mercúrio, indignado. " *Sempre fomos."*

"E como é que eu vou abrir um portão se você é tão pequeno?", perguntei.

Tentei alcançar o metal no lóbulo da orelha de Layne, mas assim que meus dedos o tocaram, o brinco se liquefez e pingou na minha palma.

“Droga.” Eu não tinha desejado que isso mudasse. Eu não estava usando uma relíquia, e aquilo estava me tocando. O pânico me invadiu, pronto para me abater, mas antes que isso pudesse acontecer, uma gota de mercúrio caiu no ombro de Layne. Assim que o metal líquido tocou sua pele, suas pálpebras se abriram de repente, e a irmã de Fisher inspirou com dificuldade.

Está feito, então. Feito, feito, feito , cantava o mercúrio com entusiasmo. Só que desta vez, as vozes sobrepostas do mercúrio saíam da boca de Everlayne. Seus olhos eram verdes. Desfocados. Ela piscou e, quando os abriu novamente, estavam. . Perfeitamente branca. Ela virou a cabeça bruscamente para a esquerda, encarando-me, com o queixo se movendo de um lado para o outro.

“Finalmente”, ela suspirou. “Você está aqui.” A voz era muito parecida com a de Everlayne, mas não era dela. Era mais grave do que deveria ser. Mais rica. Um sorriso trêmulo se espalhou pelo seu rosto enquanto ela me encarava com aqueles olhos brancos. “Esperei muito, muito tempo para falar com você, Saeris Fane.”

Sua mão estendeu-se rapidamente e fechou-se em torno do meu pulso, com uma força anormalmente grande.

"Everlayne?" O nome dela soou como uma pergunta em meus lábios, mas eu já sabia que aquela não era a irmã de Fisher. A coisa que ocupava o corpo de Layne piscou lentamente para mim, como se tivesse esquecido *como* piscar, balançando a cabeça.

“Não. Everlayne não está aqui, receio. Eu não. . eu não sei se ela terá forças para voltar.” Tentei puxar minha mão de volta, o medo subindo pela minha espinha, mas a coisa dentro do corpo de Layne a segurou com força. “Ora, ora, ora. .” Os dentes de Layne batiam.

"Me solta!" Eu não queria ter que quebrar os dedos de Everlayne, mas quebraria se fosse necessário.

A coisa que controlava Layne me libertou. "Finalmente", suspirou. "Eu.. esperei tanto. . tempo.

Esperei por séculos."

Eu me levantei num pulo. A cadeira caiu. Ela se espatifou no chão, mas Onyx,

ainda deitada num emaranhado de cobertores aos pés de Everlayne, nem se mexeu. Seja lá que magia negra fosse essa, eu não gostava nem um pouco. "Do que você está falando?", sibilei. "O que você é? Por que está aqui?"

“Ed-Edina”, gaguejou a coisa. “Edina. Edina. Eu sou Edina.”

O nome me era tão familiar. Eu o tinha ouvido falar recentemente, não é? Vi escrito em algum lugar. "O que você está fazendo com Layne?", perguntei. "Solte o corpo dela. Deixe-a acordar."

A coisa—Edina—fechou os olhos lentamente, e lágrimas escorreram pelas bochechas de Everlayne.

“E-ela está.. além do meu alcance. Eu.. não vou impedi-la de ter acesso a este. . corpo.”

“Então, onde ela está?”

A resposta de Edina ficou presa na garganta de Everlayne. Ela mal conseguia falar, mas aquelas palavras pareciam especialmente difíceis de pronunciar. "Ela está na sombra. Eu não consigo ver."

“Você está me assustando.”

“O medo não é. . real, Saeris Fane”, ela sussurrou com a voz rouca.

Dei um passo enorme para trás, afastando-me da cama. "Como diabos você sabe meu nome?"

“Você precisa ir embora.”

“É, sem dúvida.”

“A biblioteca. Vá à biblioteca”, disse ela, batendo os dentes ainda mais forte. “Lá, você vai encontrar um livro.”

“As bibliotecas estão cheias de livros”, sussurrei. Isso não estava certo. Era antinatural.

Honestamente, estava me deixando apavorada. Uma voz no fundo da minha

mente me implorava para não fugir. Era a mesma voz que me dissera para roubar a manopla daquele guardião. A mesma que me fizera lutar e matar dois homens de Madra do lado de fora da Miragem. Não se podia confiar nela, mas eu era, acima de tudo, uma criatura de hábitos. “Que tipo de livro?”, perguntei. “E por que eu preciso dele?”

“Pequeno”, ela sussurrou com dificuldade. “Mas grosso. Azul. Tem uma borboleta.. ”

“Uma borboleta? Na capa?”

Edina parecia não conseguir manipular muito as feições de Layne. Seus olhos pálidos estavam cheios de dor. Eu podia senti-la, sentir sua confusão, tudo permeado por uma tristeza que me dava vontade de chorar. "Está escondido", ela sussurrou, "entre as estrelas."

“O que isso significa?”

“As *estrelas* . .” Os olhos de Edina reviraram.

"Ei!"

“Centenas e. . centenas de. . estrelas.”

“Edina!” Por que de repente me vi sufocada pelo pânico? Ele me sufocou, me empurrando de volta para a cama. Peguei a mão de Layne e a apertei com força, lutando para respirar. “Edina, o que tem no livro? Por que é tão importante? Me conta!”

Uma calma sinistra envolveu a visitante no corpo de Layne. Seu olhar cego encontrou o meu e, por um segundo, sua confusão se dissipou. “Eles te avisaram. Sobre a podridão”, disse ela com voz clara.

“Eles te avisaram que ela viria. Ela está aqui, agora. Você precisa encontrar o livro para impedi-la.

Sem ele, a decadência se espalhará até engolir este reino e milhões de outros com ela. Eu vi, Saeris.

Encontre o livro. Impeça a propagação. É o único jeito.”

“Edina—”

Ela apertou minha mão com mais força do que nunca. "Encontre. Mas não *conte* a ele. Estou falando sério. É importante. Ele não pode saber do livro. Só você. Entendeu?"

Não. Nem um pouco, mas percebi o desespero em seu tom de voz e a mentira veio facilmente. "Sim.

Eu entendo."

“Obrigada. Garanta que ele saiba o quanto eu o amei, Saeris”, disse ela. “No final, garanta que ele saiba que eu faria tudo de novo.”

O que *aquilo* significava? A pergunta estava ali, pronta para ser feita, mas não saía. O aperto de Layne — *de Edina* — na minha mão tinha se intensificado, e começava a doer. Não a minha mão.

Mas.. a tinta que a marcava. As runas nos meus dedos, no dorso das minhas mãos, acorrentando meus pulsos e subindo em espiral pelos meus antebraços — de repente, senti como se as runas estivessem em chamas. Estavam brilhando? Não. Oh, deuses, estavam queimando. Uma tênue fumaça se desprendeu da minha pele, e os olhos brancos como leite de Edina se arregalaram. "Você não as *selou* ?", ela exclamou, ofegante.

"Selaram? O que isso significa? Não entendi."

“Uma alquimista deve selar suas runas”, ela sussurrou. “Você é um poço profundo. Quando você foi marcada com suas runas, A magia deles começou a fluir para dentro de você. Ela flui e flui. Não vai..

parar.. ”

“Edina!” Ela estava atordoada. Seus olhos ainda estavam turvos, mas eu sentia que haviam perdido o foco. A dor em meus pulsos e subindo pelos meus braços havia se intensificado, quase insuportável.

Tentei puxar minha mão de volta, pronta para arrancar minha própria pele se isso significasse escapar da queimadura, mas Edina de repente pareceu voltar. Seu aperto era fraco, mas eu *não conseguia* soltar sua mão. “Sele-os, Saeris. Se você

não fizer isso. .”

“O quê? O que vai acontecer se eu não fizer isso?” A dor era insuportável. Uma fumaça acre subia das runas no dorso da minha mão direita; minha carne queimava. Observei horrorizada enquanto as marcas brilhavam como ferro em brasa, penetrando cada vez mais fundo na minha pele. Bolhas

surgiram, inflamadas, espalhando-se pelo meu braço. Isso era pior do que uma espada no estômago.

Era uma agonia. Lágrimas brotaram nos meus olhos, escorrendo pelas minhas bochechas. “Edina! O

que você está *fazendo* ?”

“Eu não, eu não. Fiz o que pude.” Ela suspirou com pesar. “Agora o resto. . depende de você.”

“Edina, me *ajude* !”

“Encontre o livro. O livro. .” O branco dos seus olhos começou a clarear, como lodo se depositando no fundo de um recipiente, deixando para trás água cristalina. Ela estava desaparecendo.

“Edina? *Edina!* ”

A porta do quarto se abriu com um estrondo.

A dor desapareceu. Minha mão. . estava bem. As runas não formavam mais queimaduras abertas. As bolhas sumiram. Minhas Ligaduras Divinas pareciam normais.

“Osha?”

Soltei a mão inerte de Layne e me virei para encarar meu companheiro. Fisher estava parado perto da porta, o rosto branco como um lençol, o couro salpicado de lama.

Sua voz estava rouca quando ele disse: "Por que você estava chamando minha mãe pelo nome?"



10

PODRIDÃO

SAERIS

“Tem certeza de que está bem? Você está tão pálido(a).”

Fisher estava se agitando como uma galinha chocando seus pintinhos na última hora. Ele tinha me ouvido gritar o nome de Edina. O nome *da mãe dele* . Eu havia considerado dar uma desculpa, alguma outra razão para explicar por que eu a estava chamando — parecia cruel contar a ele o que tinha acontecido sem entender direito o que *tinha* acontecido — mas esse pensamento não tinha se formado completamente antes de eu descartá-lo. Fisher merecia saber.

Edina só me disse para não contar a ele sobre o livro. Respeitei seu pedido e guardei isso para mim.

Eu não me importava com um livro de mistério. Estava muito mais preocupada com o que ela tinha dito sobre minhas runas. A dor que senti no quarto de Everlayne não foi normal. Parecia que estava queimando minha *alma* , além do meu corpo. Como se o rio de magia que fluía em mim tivesse pegado fogo e estivesse me desfazendo. Foi aterrorizante. . e eu *não* queria que acontecesse de novo.

“Sim, tenho certeza. Estou bem”, eu lhe disse. “Só um pouco abalada, só isso.” Estávamos reunidos na biblioteca de Cahlish. Ren ainda estava em Irrín, esperando que o restante das forças de Yvelia, que haviam fugido da corrupção que se aproximava, se reunissem em um ponto de encontro rio abaixo.

Lorreth tinha ido ajudá-lo a encontrar um abrigo para os guerreiros cujas casas haviam sido destruídas durante o ataque.

Te Léna, Maynir e Iseabail estavam me cutucando e me examinando desde que Fisher os chamara.

Carrion já estava na biblioteca, relaxando em um sofá macio perto da lareira e lendo um livro quando chegamos. Ele não se mexeu um centímetro. A mera preocupação que demonstrara com o meu bem-estar se resumiu a uma sobrancelha arqueada, um olhar rápido de cima a baixo e duas perguntas que não foram nem delicadas nem gentis: “Ela está contagiosa?” e “Ela ficará bem depois de comer alguma coisa. A que horas é o jantar?”

Desde então, ele estava absorto em seu livro.

“Gostaria de saber mais sobre tudo isso”, disse Te Léna, apertando a ponte do nariz. “Faz muito tempo que não me sinto tão desinformada sobre um assunto. Até lidar com o mercúrio dentro de Fisher foi mais fácil do que isso. Há muitos casos documentados que falam sobre contaminação por mercúrio e como tentar remediá-la, mas os homens de Belikon foram minuciosos quando vasculharam o reino da informação sobre os Alquimistas e seus poderes. Não há nada na biblioteca aqui sobre isso. Também não há nada nos arquivos do Palácio de Inverno sobre o assunto. Maynir

passou anos vasculhando as estantes de lá antes de nos conhecermos. Ele tinha um interesse pessoal nos Alquimistas e suas habilidades. Ele sempre foi fascinado pelas artes perdidas. Ele disse que capítulos inteiros estavam faltando em livros que provavelmente só mencionavam a palavra *Alquimia* .”

“E você, Iseabail? Sabe alguma coisa sobre selar runas alquímicas?” perguntou Fisher. Sua voz estava tensa. Ele parecia distraído. “Belikon não saqueou suas terras quando expurgou Yvelia de todos os textos dos alquimistas. Acha que ainda possa haver algo útil em Nevercross?”

Às vezes, eu odiava estar tão por fora de tudo. "O que é Nevercross?"

A própria Iseabail respondeu à pergunta. "É a nossa sede política", disse ela, com seu sotaque suave e melodioso. "Uma cidade como nenhuma outra. Nossos edifícios estão de pé há milênios, protegidos do mundo exterior. Educamos nossos filhos lá. Curamos os doentes lá."

“E suas histórias estão guardadas lá”, acrescentou Fisher. “Nas catacumbas abaixo da cidade.”

A bruxa ruiva franziu a testa, insinuando que Kingfisher não deveria saber daquilo. “Nossas histórias são exatamente isso. *Nossas.* Não há registros dos Alquimistas ou de suas práticas abaixo de Nevercross. E mesmo que houvesse”, disse ela, erguendo um dedo e interrompendo Fisher antes que ele pudesse interrompê-la, “apenas bruxas da Guilda têm permissão para descer às catacumbas. Eu não conseguiria te dar acesso àquelas câmaras da morte nem se quisesse. E eu não quero. Há segredos lá embaixo que jamais deveriam ser descobertos por forasteiros.”

"Experiente?" Essa foi uma maneira estranha de dizer isso.

Iseabail assentiu com a cabeça. “As catacumbas são sobrenaturais. Eu nem sequer desceria lá a menos que não tivesse outra escolha. E nós temos outras escolhas. Até que as tenhamos esgotado todas, seria insensato sequer pensar em solicitar acesso.”

Fisher tamborilava distraidamente com a ponta dos dedos na mesa. A luz do fim da manhã entrava pela janela, dourando seus cabelos. Poucas horas antes, estávamos entrelaçados, envolvidos por sua magia cintilante. Tinha sido uma experiência sublime naquele santuário silencioso de veludo. Agora ele estava perturbado. Profundamente perturbado. Era quase como se eu pudesse sentir sua dor. Sua cadeira rangeu quando ele se jogou para trás, equilibrando-a sobre duas pernas. Cobrindo a boca com a mão carregada de tinta, ele suspirou.

“Tudo bem. Eu respeito isso. As bruxas também merecem paz”, disse ele. “Vamos evitar viajar para Nevercross o máximo que pudermos. Mas essa podridão pode sobreviver ao gelo e à neve, Iseabail.

As montanhas não a deterão. Em breve, essa corrupção irá.. Se chegar à sua casa, isso *se* tornará um problema da Guilda."

Iseabail inclinou a cabeça, as pontas de suas tranças ruivas se enrolando sobre a mesa enquanto assimilava aquela verdade. "Infelizmente, minha mãe e suas irmãs provavelmente esperarão até que esse dia chegue para agir. Contarei a elas o que vi aqui. Mas receio que não contaria com nenhum apoio imediato do norte."

Por um tempo, reinou o silêncio na biblioteca, todos nós perdidos em nossos pensamentos, tentando descobrir a melhor maneira de prosseguir. O silêncio foi interrompido pela porta da

biblioteca se abrindo de repente e pela chegada de Ren e Lorreth em um turbilhão de couro, fuligem e tranças de guerra.

Fisher se levantou rapidamente. "Você os encontrou?"

O semblante de Ren era sério, mas ele assentiu. "A grande maioria deles estava nos esperando no ponto de encontro. Perdemos mais mil guerreiros, no entanto."

“Mais comedouros?”

Lorreth balançou a cabeça. “A podridão. De alguma forma, infectou-os. Da mesma maneira que deve ter infectado os alimentadores. Levou uma hora. Duas, no máximo. Os outros combatentes tiveram que sacrificá-los. Seus amigos. Família. Não foi nada bom. Há um rastro de corpos do acampamento de guerra até as montanhas.”

“E onde esses corpos jazem, a decomposição se espalha e se multiplica”, disse Ren. “Ela consome qualquer vegetação. Qualquer criatura, viva ou morta. Ela se propaga pela neve e pelo solo queimado sem dificuldade. Ainda não descobrimos uma maneira de detê-la.”

A cor sumiu do rosto de Fisher. Seu olhar encontrou o meu, nublado de preocupação, a fina faixa prateada que circundava seu olho direito brilhando intensamente. *Precisamos contar a eles* , ele disse em minha mente. *Posso ter sua permissão?*

Dei-lhe um pequeno aceno de cabeça. Eu lhe havia descrito em detalhes o que acontecera quando fui puxado para o mercúrio em Gillethrye. Não omiti nada. Mas Fisher tinha Queríamos manter o relato completo em segredo por um tempo para não alarmar os outros desnecessariamente. Mas agora parecia que o alarme era justificado. Ele respirou fundo e começou. "Em Gillethrye, Saeris não foi simplesmente puxada para o mercúrio. Ela foi chamada pelos deuses."

Cinco rostos perplexos se voltaram para mim. Por cima do encosto do sofá, a cabeça de Carrion surgiu do nada, seus fios ruivos despenteados como se ele tivesse acabado de acordar. "O que significa isso, *chamado pelos deuses* ? Tipo,

você se converteu?"

“Não. Significa que fui convocado por eles. Foi Zareth quem me puxou através do—”

“Com licença. *Zareth* ?” Te Léna sussurrou. “ *O* Zareth. O deus do caos, Zareth?”

“Deus do caos *e* da mudança”, eu disse, cansado. “Ele foi muito enfático quanto à parte do 'e da mudança'.”

“Você se encontrou com *um deus* ?”

“Sim. Três deles, na verdade.” Dei de ombros. “Bal e Mithin também estavam lá. Mais ou menos.”

Te Léna parecia prestes a desmaiar. Ela pressionou o indicador e o dedo médio contra a testa com reverência. "O que Zareth disse?"

“Ele disse que estava nos separando da tapeçaria do universo. Que os deuses não seriam mais capazes de nos ver.”

“Espere”, interrompeu Maynir. “Então você e Fisher.. vocês *não estão* mais ligados a Deus?”

Fisher se mexeu, esfregando distraidamente as tatuagens no dorso da mão, que agora combinavam com as minhas. “Somos. Se alguma coisa mudou, a conexão entre nós está ainda mais forte. Os deuses simplesmente estão cegos para nós agora. Zareth achou que isso nos protegeria. Alguns dos

outros deuses não estão muito otimistas sobre o que está acontecendo. Eles preferem dar à luz um novo universo a esperar para ver o que acontece com este, então. .”

“Não. Não, não, não.” Iseabail balançou a cabeça. “Impossível. Os deuses de Yvel não são reais. São metáforas.”

Os olhos de Lorreth se estreitaram imperceptivelmente. "Mas os deuses de Balquhidder são reais, não é? Aqueles espíritos elementais que sussurram em seus ouvidos? Os que lhe dizem se você deve prevenir ou cometer atrocidades

para *'o bem maior'* ?" Ele acentuou o sarcasmo nessas três últimas palavras.

“Nossos deuses não são mitos, Lorreth. Eles sempre estiveram aqui, e sua vontade não pode ser questionada. Se não os obedecermos, as consequências—”

“Chega.” Fisher não elevou a voz, mas a ordem ecoou pela biblioteca. Rugas profundas se formaram entre suas sobrancelhas. “Os deuses são reais. São uns bastardos, mas são reais. Eu mesmo já me encontrei com eles. Não estamos dizendo isso agora para provocar um debate teológico. Estou mencionando isso por causa do que eles disseram a Saeris.”

Todos me olhavam com expectativa, o que era *ótimo* . Ser encarada era o que eu mais gostava.

"Zareth me mostrou esta árvore", expliquei. "Havia milhares de folhas em seus galhos. Ele disse que cada folha representava um reino ocupado por incontáveis seres vivos. Algumas folhas murcharam e caíram enquanto conversávamos. Ele disse que esses reinos estavam infectados por uma podridão que se espalhava por todo o universo. Galhos inteiros da árvore estavam enegrecidos e morrendo.

Zareth disse que isso significava o fim. De tudo. De todos os reinos. Que os outros deuses queriam apagar tudo e recomeçar, reconstruindo o universo do zero. Mas ele se recusou."

“Então”, disse Iseabail, “esse homem que alegava ser um Deus disse que você e Fisher eram os únicos que podiam impedir o fim de tudo, é isso? É isso que você está nos dizendo?” A bruxa não parecia chateada, propriamente dita. Seu tom era comedido, mas havia um turbilhão de emoções em seus olhos azuis.

“Não. Ele disse que Fisher e eu somos uma espécie de eixo. Uma convergência nos fios do destino.

Ele me disse que nenhum dos deuses conseguia ver o que estava ao nosso redor. Disse que tínhamos *que* encontrar um jeito de consertar isso, senão tudo estaria perdido. Não estou dizendo que somos especiais, Iseabail. Só estou dizendo que. .” Procurei as palavras certas. “Um deus jogou os dados em um resultado improvável, só para ver se daria certo. É isso. É com isso que estamos lidando agora.”

Ninguém pareceu feliz em ouvir isso.

Ao olhar ao redor da sala, deparei-me com expressões tensas e carrancudas. Isso até que meu olhar recaiu sobre Carrion. Com os braços estendidos sobre o encosto do sofá e o queixo apoiado na almofada, ele me lançou uma piscadela maliciosa. "Você vai bolar alguma coisa, Fane. Você sempre bola. É muito inteligente para um jovem de vinte e cinco anos."

Soltei uma risada abafada, e a tensão que pairava no ar da sala se dissipou de repente. "Se você vai zombar da minha juventude, Swift, pelo menos acerte a minha idade. Tenho vinte e quatro anos."

Ele inclinou a cabeça, arqueando as sobrancelhas. "Mas será mesmo?"

“Eu—” Ah. Hum. Minha voz sumiu, franzindo a testa enquanto tentava fazer as contas. Quanto tempo eu estava em Yvelia? Parecia muito, muito tempo, mas.. céus, eu não tinha a menor ideia. Já estava aqui tempo suficiente, no entanto. Perdi meu próprio aniversário. Eu *tinha* vinte e cinco anos agora.

Carrion voltou sua atenção para o livro. "Não se preocupe, Fane. Faremos uma grande festa de aniversário assim que as pessoas pararem de morrer por toda parte."

“Eu não quero uma festa.”

“Por que não? Você sempre vinha às *minhas* festas de aniversário.”

“Eu costumava ir ao *Kala's* ”, corrigi. “Você e seus amigos bêbados por acaso também estavam lá às vezes.”

Lorreth lançou um sorriso irônico para Carrion. "Só os Faelings fazem festas de aniversário, sabia?

A gente para de comemorar esse tipo de coisa quando faz quatorze anos. Você tem agora, mil e setecentos anos?"

“Cuidado com a língua, velho. Eu não sou velho como vocês”, resmungou Carrion, virando uma página. “Tenho apenas mil e noventa e *seis anos* , muito obrigado.”

“Impossível. O herdeiro de Daianthus desapareceu quando éramos Faelings. Eu era.. ” Lorreth franziu a testa, buscando em sua memória. “Eu tinha treze anos

quando aconteceu. Estava me preparando para o meu juramento. E você, Fisher?”

Diferentemente de Lorreth, meu companheiro não se mostrou nem perturbado nem confuso com a revelação que o guerreiro fizera por acaso. "Quase dez", disse ele.

“Certo. Então isso significa que você *tem* quase a nossa idade.” Lorreth ergueu as sobrancelhas escuras para Carrion.

“Ele não é”, disse Fisher suavemente. “É como ele diz. Ele provavelmente tem apenas uns mil e cem anos.”

Carrion apontou para Fisher. "Obrigado. Eu *sei* contar, Lorreth da Torre Quebrada."

“Então ele *não é* o herdeiro?” Te Léna parecia tão confusa quanto todos nós.

“Espere. Eu não estou?” Carrion endireitou-se de repente. “Estou livre?”

“Ele *é* o herdeiro. Pensei muito nisso desde o labirinto, e existe uma explicação plausível para a idade de Carrion”, explicou Kingfisher. “Quando meu pai o levou através do mercúrio, algo deve ter acontecido. Aposto nos deuses, interferindo novamente.”

"Você acha que existe alguma chance de eles quererem falar com ele?", perguntei. "Do jeito que Zareth falou comigo?"

Lentamente, meu companheiro assentiu. “O tempo é estranho no reino deles. Quando me levaram para Ajun, eu estava com Bal e Mithin no meio de um campo de capim alto ondulante. Vi duas figuras em cima de uma colina ao longe. O primeiro foi Zareth. O segundo. . foi *você* , Osha.”

Independentemente do que eu esperava que ele dissesse, não era *isso* . Fisher havia lutado e quase morrido no Portão de Ajun há mais de mil anos. Eu havia sido puxado através do mercúrio para o reino dos deuses apenas algumas semanas atrás. "Mas.. como? E como você sabe que fui eu?"

Eu não sabia seu nome. Não vi seu rosto. Mas eu sabia, Osha. Minha alma reconheceu um lampejo de si mesma ardendo dentro de outra pessoa e soube. A

explicação era só para mim. Os olhos de Fisher brilhavam intensamente enquanto ele transmitia a mensagem. Para o resto da sala, ele disse:

“Quando meu pai fugiu com o herdeiro de Daianthus, um ou mais deuses devem ter atrasado a fuga deles. Pelo menos no destino deles. O tempo continuou aqui em Yvelia, mas em Zilvaren, acredito que parou.”

Certamente estava ao alcance deles. E os deuses adoravam interferir nos assuntos dos vivos. Eu não duvidaria disso. Mas a questão era. .

"Por quê?", perguntou Carrion antes que eu tivesse a chance de terminar de pensar. "Com que propósito? Não me lembro de ter ido lá. Não me lembro de nada. Nem mesmo me lembro do seu pai, Fisher. Ele tinha algum plano para mim? Será que os *deuses têm* ?"

Meu companheiro mordeu a parte interna da bochecha, encarando a mão que repousava sobre a mesa à sua frente. Demorou um pouco para que ele falasse. "Eu também mal me lembro do meu pai.

E não pretendo saber nada sobre os planos dos deuses. Tudo o que podemos fazer é criar os nossos próprios e torcer para que tudo dê certo."

“Concordo.” Até então, Renfis havia permanecido notavelmente em silêncio durante toda a conversa. Ele esfregou o queixo, olhando ao redor da sala. “As agendas dos deuses terão que ser tratadas depois. Por ora, nada é mais importante do que a tarefa em mãos. Estamos com uma quantidade lamentavelmente pequena de prata, mas isso nem parece ser mais um problema. A horda está sob controle. Saeris os proibiu de entrar.” deixando os campos mortos. Não precisamos mais nos preocupar com eles aparecendo no rio. É verdade que ainda não temos as relíquias, mas podemos ficar sem elas por enquanto.”

“Ah, ainda precisamos deles”, eu disse.

Todos olharam para mim novamente.

“Precisamos deles ainda mais do que antes. Os alimentadores no rio ontem não deveriam ter podido desobedecer ao meu decreto, e, no entanto, desobedeceram.”

“Porque eles foram infectados pela podridão”, disse Ren, lentamente. Seus ombros caíram, seu rosto se fechou. “E a podridão está se espalhando. Se a horda em Ammontraíeth for infectada.. ”

"Estamos ferrados", concluiu Fisher. "Droga." Ele franziu a testa, com o olhar perdido enquanto processava a informação.

"As relíquias ainda não nos ajudarão se tivermos que enfrentar um exército infectado", murmurou Lorreth.

Dessa vez, fiquei calado. *Eu* não seria o primeiro a dizer isso. Como sempre, Fisher assumiu a responsabilidade da difícil tarefa, carregando o peso por todos nós. "Se chegarmos a esse ponto, *nada* nos ajudará", disse ele. "Teremos que deixar Yvelia. E para uma evacuação em massa desse porte, precisaremos de muito mais do que quinze mil relíquias."

Existiam outros reinos. Lugares onde talvez conseguíssemos escapar da decadência por um tempo.

Mas seria uma solução temporária. Pelo que Zareth havia dito, a podridão que se espalhava

rapidamente em direção à cordilheira que separava Irrín de Cahlish já estava encontrando maneiras de saltar de um reino para outro.

Renfis inclinou a cabeça, assentindo. "Certo. Corrigindo o que eu disse. Precisaremos *de* mais prata.

Mais do que poderíamos esperar conseguir aqui em Yvelia."

“Concordo.” Fisher pressionou as pontas dos dedos nas têmporas. Depois de pensar por um instante, olhou para mim. “Há uma forja em Ammontraíeth. Tem que haver.”

“Eu vou encontrar. E assim que encontrar, começarei a trabalhar.”

“Obrigado. Enquanto estiver lá, Carrion pode procurar informações sobre como selar suas runas. E

sobre como dominar suas habilidades em geral, aliás.”

Carrion soltou um suspiro de dor e se levantou do sofá com dificuldade. Deu um tapa na roupa, endireitando-se. "Não", disse ele. "Carrion *não pode* ."

"Por quê? Tem algo melhor para fazer?", perguntou Fisher.

“Bem, eu não diria melhor, mas.. ” Ele revirou os olhos. “Eu sei para onde você está indo e, infelizmente para nós dois, é melhor eu *te acompanhar* .”

“Do que você está falando?”, perguntei.

"Onde podemos facilmente encontrar uma boa quantidade de prata fora deste reino?", perguntou o contrabandista.

Oh.

Oh não.

Recuei ao perceber aonde isso ia dar.

“Também precisamos descobrir se os alimentadores infectados estão vindo de Zilvaren. E estou apenas supondo, mas tenho certeza de que agora que você está acasalado e todo apaixonado, vai querer ir buscar o irmão de Saeris e finalmente honrar o acordo que fez com ela—”

“ *Cuidado* , Swift”, resmungou Fisher.

“E quem sabe *exatamente* qual é a aparência do notório Hayden Fane, hein?”

Você já deixou sua mensagem clara.

“Se essa tarefa ficar por sua conta de novo, você provavelmente vai trazer algum. . ei, como era o nome daquele cara?” Carrion estalou os dedos para mim, franzindo a testa. “Sabe, aquele loiro que te beijou na casa da Kala daquela vez? Você lascou o dente da frente dele quando deu um soco na boca dele.”

Eu ia dar um soco na boca *dele daqui a pouco. "Carrion, pare."*

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição. "Tudo bem. Tudo *bem* . Só estou dizendo. Enquanto vocês mantêm a situação sob controle com a Corte de Sangue e bolam alguns novos truques de mágica, Fisher e eu voltaremos para a Cidade

Prateada e cuidaremos dos nossos negócios por lá também. Faz todo o sentido."

Um silêncio denso tomou conta da biblioteca enquanto todos assimilavam a informação. Esperei que Fisher recusasse a sugestão, mas ao ver sua carranca sombria, percebi que ele não iria rejeitar o plano de Carrion, afinal. Parecia que ele queria matá-lo. Em vez disso, disse: "Tudo bem. Mas juro pelos deuses, se você falar o tempo todo, eu o *matarei* e deixarei seu cadáver para os corvos, Carrion Swift."



11

PARAÍSO DOS TOLOS

SAERIS

As despedidas não foram fáceis.

Fizemos isso rapidamente.

Se Madra *foi* responsável por enviar os alimentadores infectados para Yvelia, então cada segundo em que a criatura de mercúrio estava acordada era mais uma oportunidade para ela enviar mais deles.

Quando Kingfisher e Carrion entraram na piscina de prata, minhas emoções estavam tão à flor da pele que cheguei a rachar o lintel que circundava a piscina de Cahlish. Quase implorei para Fisher não ir. Em vez disso, dei a Carrion a relíquia que eu havia feito para ele e a Fisher a relíquia que eu havia feito para Hayden. Beijei meu companheiro longa e profundamente, prometendo reabrir o portão para eles em três dias.

Em troca, Fisher havia deixado um portão secreto aberto para nós em Cahlish. Usando um sigilo de proteção pintado com seu sangue abaixo do portão, ele essencialmente o manteve aberto, para que pudéssemos nos mover entre a propriedade e um ponto seguro e não infectado às margens do rio Darn, onde poderíamos atravessá-lo e ir e voltar de Ammontraíeth.

Eu estava pensando no meu amigo enquanto selávamos os cavalos. Não consegui parar de pensar nele durante as duas horas de cavalgada pelos campos secos. Nem quando eu passei por ali.. ecoando pelos corredores do palácio, nobres se ajoelhavam e curvavam a cabeça em reverência.

Passei por eles sem dar muita atenção. Não enquanto lia em meus aposentos para passar o tempo.

Não enquanto beliscava sem entusiasmo a refeição que um vampiro de sangue baixo — o de menor patente entre todos os vampiros de Ammontraíeth — trouxera para meus aposentos. E *agora eu não conseguia parar de pensar nele* .

“Espere aí. Você está baixando a guarda.”

A espada caiu com força, sua lâmina cortando o ar perigosamente perto do meu rosto. Uma onda de adrenalina percorreu meu corpo, fazendo-me suar frio.

Lorreth provavelmente não queria estar ali. Que egoísmo o meu não ter considerado isso antes: o guerreiro quase foi drenado por três alimentadores renegados e quase morreu por causa disso.

Fisher precisou unir um fragmento de sua alma à de Lorreth para trazê-lo de volta da beira da morte. Isso aconteceu há séculos, mas não se supera algo assim sem que isso deixe marcas.

Ammontraíeth era um lugar de sombras — um elemento em que eu havia aprendido a confiar ultimamente. Mas a escuridão que brotava nos cantos do palácio da Corte de Sangue não era feita

para acariciar ou seduzir como as sombras de Fisher, pelo menos não quando ele as usava em *mim* .

As sombras de Ammontraíeth escondiam perigo e olhares vigilantes. Eu não fui o único a perceber isso quando chegamos mais cedo, pouco depois do anoitecer.

Lorreth estava em alerta máximo, seu olhar para todos os lados, menos para mim, enquanto treinávamos. O centro de treinamento era iluminado por uma luz suave, as estranhas e preguiçosas chamas balançando como capim alto ao sabor de uma brisa leve enquanto o guerreiro e eu girávamos um em torno do outro.

Não havia janelas ali. As paredes e o chão eram feitos de obsidiana lisa e polida, que de alguma forma abafava o ar. Minha respiração acelerada e o som dos nossos pés descalços. O som das batidas contra a superfície preta e fria parecia alto demais. Estava perto demais.

Lorreth lançou-se para a frente, grunhindo ao desferir um golpe com Avisiéth. O som ecoou uma vez e não se repetiu. Desviei-me do golpe, ágil, tomando cuidado para não desviar o olhar do guerreiro, para que ele não desferisse um tapa com o pomo da espada divina na minha cabeça.

"Eu devia ter ido", eu disse, fazendo com que Solace se sentisse mais alerta. "Eu devia estar com *eles*

."

Lorreth desviou facilmente do golpe que eu desferi em seu ombro, afastando Solace com um tapa.

Ele *estalou* a língua, balançando a cabeça. "Desleixado. Mais para cima. Assim." Ele demonstrou como eu deveria segurar a espada, fazendo questão de elevar os cotovelos para que ficassem alinhados com o queixo. Ele assentiu quando imitei a postura a seu gosto e, então, atacou. "Você não podia ir com eles", disse ele, avançando rapidamente. "Caso tenha se esquecido, sua antiga casa tem dois sóis e não há noite."

"Eu poderia ter usado uma capa." Esquivei-me de um golpe cortante que ele tentou desferir em meu estômago. "Manteria minha pele coberta."

“Claro. Isso não faria você se destacar tanto. E quanto ao cansaço? Você fica mais fraco ao meio-dia aqui—”

Endireitei-me, baixando Solace. "Ei!"

“Eu disse mais fraco . . Não fraco. Guarda!” A lâmina da sua espada atingiu meu braço — uma punição por ter saído da minha posição. Uma dor aguda percorreu

meu ombro e subiu direto para a minha cabeça. Meus dentes se chocaram com tanta força que mordi a língua e senti o gosto de sangue.

"Isso não foi nada educado", resmunguei.

“Ah, droga. Não sabia que estávamos fazendo isso por educação. Desculpe. Deixe-me corrigir isso.”

Ele bateu os calcanhares descalços, assumindo uma postura rígida. Com o queixo erguido, olhou para mim de cima a baixo, fixando-me com um olhar imperioso. “Eu Eu te desafio para um duelo, Saeris Fane. Você aceitaria me apunhalar com essa sua espada brilhante? Seria uma *grande* honra.

“Vai se foder, Lorreth.”

Ele fez uma careta. "Você beija meu comandante com essa boca?"

"Já fiz coisas muito piores do que *beijá* -lo com isso."

Os cantos de sua boca se curvaram para baixo, seus olhos se arregalaram. "Certo. Não preciso ouvir sobre *isso* , muito obrigado."

“Eu não ia.. te contar.” Ofeguei enquanto girava novamente, torcendo os tornozelos, depois os joelhos, depois os quadris, enquanto Solace descrevia um arco no ar. Lutar com espadas era muito mais difícil do que lutar com adagas. Uma adaga era uma extensão da minha mão. Eu era rápida com um par de adagas. Ágil. O tamanho e o peso de Solace dificultavam meus movimentos.

Lorreth me seguiu enquanto eu girava; ele deu um passo para trás, levantou a bota e me chutou na lateral.

Caí com tudo, o ar escapando dos meus pulmões quando me choquei contra o chão. *"Oof!"*

“A técnica estava boa. Uma pena a falta de velocidade”, refletiu o guerreiro, caminhando em círculos ao meu redor.

"Eu estava apenas.. pensando. . que. . eu mesma." Droga, minhas costelas doem.

Lorreth agachou-se ao lado da minha cabeça, colocando Avisiéth sobre os

joelhos e apoiando os cotovelos na lâmina da espada divina. O desgraçado nem estava ofegante. "Você está exatamente onde precisa estar, Saeris", disse ele. "Bem, não no chão. Você definitivamente não deveria estar no chão. Mas aqui, quero dizer. Se você se afastasse de Ammontraíeth por mais tempo, um dos outros Lordes teria declarado o trono abandonado e o reivindicado para si. Diriam que é negligência de dever ou algo assim. As pessoas pensam que a Corte de Sangue é só devassidão e orgias sangrentas, mas, pela minha experiência, é principalmente burocracia e intrigas políticas."

Você parece desapontado(a).

Ele deu de ombros, oferecendo-me a mão para que eu me levantasse. "Quer dizer, quem não gosta de uma orgia sangrenta?"

“Não posso dizer que já participei de alguma.”

Ele deu de ombros. "Sinceramente, não sinto falta de muita coisa. Elas ficam. . pegajosas."

“Podemos interromper esta conversa superinteressante por um instante? Acho que desloquei o ombro.”

Lorreth mal olhou para aquilo antes de me dar um soco no ombro. O estalo e a torção do meu braço voltando ao lugar fizeram a bile subir pela minha garganta. Lancei-lhe um olhar furioso com os olhos marejados. "Obrigada?"

“De nada. Agora, vamos lá. Guarda.”

"Não consigo levantar essa maldita espada de novo. Não por pelo menos dez minutos. Acho que vou vomitar."

De boca aberta, ele ia tentar me obrigar a levantar de novo, mas seus olhos encontraram os meus e algo nele se suavizou. Ele teve pena de mim. "Tudo bem. Você tem cinco minutos. Respire fundo.

E. ." De repente, sua voz pareceu estranha. "Eu sei que você se sente mal, tá bem? Inútil, até, presa aqui neste palácio de merda enquanto todo mundo está lá fora sem a gente. Ren está avisando os Gilarianos. Danya está orquestrando esforços para manter os infectados afastados. Fisher e Carrion estão investigando tudo o que podem em Zilvaren enquanto caçam os Prateados e seu irmão—"

"Ai, *céus!* " exclamei, uma terrível constatação me atingindo do nada.

Os olhos de Lorreth se arregalaram. "O quê? O que foi?"

“Ele te fez prometer que ficaria aqui e cuidaria de mim, não fez?”

Imediatamente, a expressão de Lorreth ficou inexpressiva.

"Ele fez você prometer que ficaria e me protegeria!" Meu Deus, *como eu fui* ingênuo. "Essa é a única razão pela qual você está preso aqui nesta sala de treinamento comigo, não é? Caso contrário, você estaria lá fora com todos os outros, fazendo algo útil também!"

Após definirmos os detalhes do nosso plano, cada um de nós partiu para cumprir suas tarefas individuais. Te Léna e Maynir foram cuidar dos feridos entre os guerreiros que fugiram de Irrín.

Iseabail retornou ao seu povo para perguntar *educadamente* se alguma das anciãs bruxas sabia como selar runas alquímicas. Ren cavalgou até os pequenos assentamentos a leste de Cahlish e ao longo da costa para alertá-los sobre a podridão. Com o que restava do acampamento de guerra à sua disposição, Danya enviava grupos de caça para manter os infectados afastados ou, pelo menos, impedi-los de avançar ainda mais para o interior.

O plano era que todos se encontrassem novamente em Cahlish em três dias, acontecesse o que acontecesse.

Mas *Lorreth* afirmou que queria ficar aqui e me ajudar a treinar.

Ele era incapaz de mentir; provavelmente *queria mesmo* me ajudar a treinar. Mas eu apostaria meu olho esquerdo que ele preferiria estar lá fora com Danya, enfrentando os infectados. O guerreiro ignorou minha acusação, fingindo ignorância.

“Não se preocupe com nada disso. Tudo o que você precisa fazer é manter esses vampiros distraídos e decifrar suas runas.”

“Lorreth!”

“Muito bem, muito bem! Não vou confirmar nem negar suas suspeitas. Mas se

você não criar problemas agora e terminar o treinamento comigo, eu lhe *contarei* a história do Portão de Ajun.

Tudo, cada detalhe horripilante.”

“Eu conheço a história—”

"Hah!" Lorreth resmungou. "Não, você não sabe. Você conhece Merelle?" ele exigiu.

Merelle. O nome me era familiar, de alguma forma? Talvez? Balancei a cabeça negativamente. "Não.

Não me lembro."

A tensão nos ombros de Lorreth se dissipou; ele sabia que já havia vencido. "Merelle era irmã de Ren. Ela morreu na encosta daquela montanha congelada, e nenhum de nós foi o mesmo desde então."

“Conte-me.” Agora que ele a mencionou, eu *precisava* saber. “Ren tinha uma irmã?”

“Não apenas uma irmã. Uma *gêmea* . .”

Eu já estava de pé novamente, a dor no ombro esquecida. Empunhei Solace, mas Lorreth soltou um gemido irritado e desviou a espada antes que eu pudesse assumir uma postura defensiva.

“Sabe de uma coisa? Pensando bem, se estamos falando da Merelle, não deveríamos estar brigando ao mesmo tempo. Deveríamos fazer a segunda melhor coisa.”



Eu tinha a sensação de já saber o que Lorreth ia sugerir em seguida, mas mesmo assim tive que perguntar. "O quê?"

“Beber, claro. Vamos lá. Esses sanguessugas são muito esnobes para cerveja, receio, mas eles *realmente* entendem de vinho.”

O que eu esperava? Uma escolta armada pelo palácio? Uma multidão alinhada nas ruas, me aplaudindo enquanto eu passava? Não, claro que não. Isso teria sido ridículo. Mas eu não esperava que Lorreth jogasse um manto sobre meus ombros, puxasse meu capuz e me expulsasse de Ammontraíeth sem que ninguém nos impedisse ou dissesse uma palavra. Parecia *fácil demais* .

Embora eu odiasse, estava me acostumando com os moradores da Corte de Sangue se ajoelhando sempre que eu passava por eles em um corredor ou entrava em uma sala. Com o capuz levantado esta noite, meus súditos relutantes não me reconheceram, e assim consegui sair de Ammontraíeth sem ser molestada.

Eu sabia que havia prédios fora do palácio. Muitos deles. Eu conseguia vê-los da varanda do meu quarto. Eu não havia prestado muita atenção neles, no entanto. Quando eu ficava na varanda à noite, minha atenção se voltava para o norte, através das planícies áridas que se estendiam entre mim e meu companheiro, e não para o centro de atividade que fervilhava ao redor dos pés de Ammontraíeth. As Engrenagens — era assim que Lorreth chamava os bairros circulares e interligados, cada um conectado por uma escadaria íngreme que descia até o nível da rua.

A chuva batia forte nos telhados dos prédios estreitos, escorrendo pelas lajes de ardósia e jorrando das calhas de barro rachadas sobre as ruas de paralelepípedos. Atravessamos o segundo nível das Engrenagens — uma área frequentada por magos de sangue, lichs e paladinos renegados em busca de mercadorias duvidosas, segundo Lorreth. Pátios sombrios aguardavam no final de estreitas passarelas cobertas que se ramificavam da via principal. Lojas de tijolos com telhados tortos e janelas embaçadas pela condensação anunciavam tinturas, leituras de tarô e familiares à venda.

Enquanto caminhávamos, Lorreth cumpriu sua promessa e contou a história do Portão de Ajun. Eu era o único que se lembrava da canção que ele cantara sobre aquela noite terrível na montanha, mas nem mesmo *ela* descrevia tudo. A pobre irmã de Renfis, Merelle, havia morrido queimada da maneira mais horrível, e Ren estava lá quando tudo aconteceu. Ela continuava viva, de certa forma, parte de seu espírito ligada à espada de Fisher, mas.. era difícil imaginar como sua perda afetara o grupo de guerreiros.

Duro.

Um pensamento pertinente. Tudo naquele lugar era difícil, e as Engrenagens não eram exceção.

Enquanto caminhávamos, havia muita gente cuidando de seus afazeres — a maioria nobres, com exceção de um ou outro tratador de gado, com coleira e usado no lugar de um cavalo de carga.

Tentei não ficar olhando por baixo do capuz da minha capa de oleado. Os tratadores eram magros e esguios, pouco mais do que. . do que pele apodrecida esticada sobre os ossos. Seus olhos carregavam

uma fome insaciável. Seus mestres os arrastavam acorrentados, zombando deles com frascos de sangue fétido e rindo de seu desespero enquanto se debatiam em busca de sua recompensa.

Para onde quer que eu olhasse, uma nova forma de crueldade se desdobrava diante dos meus olhos.

Uma mulher, despida da cintura para cima e amarrada a um poste, a pele pálida de suas costas se abrindo como papel molhado enquanto era chicoteada.

Uma criança chorava copiosamente, lágrimas carmesim escorrendo pelas bochechas, empurrada de um lado para o outro, ignorada pelos outros nobres enquanto estes se apressavam em suas tarefas.

Uma criatura de pernas finas agachava-se no topo de um muro de pedra baixo, arrancando os membros de um rato antes de lhe arrancar a cabeça e beber de seu corpo como se fosse um copo.

Mas.. também havia beleza ali. Parecia errado admitir que algo em Sanasroth pudesse ser belo, mas me vi maravilhado enquanto seguia Lorreth pelos caminhos estreitos e sinuosos que cortavam entre os edifícios.

Das floreiras, flores noturnas lançam esporos perfumados no ar fresco. Elas se espalham pelas fachadas dos prédios, cobrindo a alvenaria com minúsculas flores brancas que cheiram a jasmim.

Algumas vitrines tinham vitrais que captavam e refratavam o brilho das velas que cintilavam em seu interior. Os desenhos eram deslumbrantes, uma miríade de cores habilmente combinadas para retratar algumas das cenas mais

intrincadas e primorosamente elaboradas que eu já vira. E então havia os próprios nobres. Ostentavam sorrisos cruéis, e seus olhos brilhavam como facas na escuridão, mas seus traços eram delicados, sua pele impecável, suas camisas primorosamente cortadas, seus vestidos transparentes em seda e cetim.

Lorreth ia à frente, com os olhos fixos no horizonte, abrindo caminho com confiança pela multidão.

Ele não viu a pessoa se contorcendo. Corpos em cada rua lateral escura — as mulheres pintadas, perfeitas como bonecas, com as cabeças jogadas para trás em êxtase enquanto príncipes da noite, bem vestidos e de cabelos negros, mergulhavam os dedos entre suas coxas nuas e bebiam profundamente das cavidades de seus pescoços. Ele também não pareceu notar o chiado.

Por onde Lorreth passava, os nobres recuavam, mostrando-lhe as presas. O ódio ardia como fogo em seus olhos, mas nenhum deles ousava tocá-lo.

"Você é popular", pensei, escondendo-me debaixo do capuz. "Deve ser bom."

“Eles não fazem ideia de quem eu sou”, respondeu Lorreth. “Eles sentem a prata presa às minhas costas. É só isso que importa para eles.”

“Hum. Tenho certeza de que o fato de você ser o único Fae do sexo masculino em Ammontraíeth também não passou despercebido por eles.”

Lorreth mostrou os dentes para uma corajosa mulher de sangue nobre que ousou bloquear seu caminho. Ela cuspiu maldições em uma língua gutural desconhecida até que ele estivesse ao alcance de um braço, então girou e saltou para longe, subindo a lateral de um prédio. "Você se surpreenderia", disse Lorreth displicentemente, ignorando a mulher furiosa. "Há mais fadas aqui do que você imagina."

“O quê? De jeito nenhum. Nenhum membro das fadas viria aqui por vontade própria.”



O guerreiro colocou a mão na porta do prédio dilapidado à sua frente, erguendo as sobrancelhas enquanto me encarava. "Ninguém falou nada sobre ser de livre e espontânea vontade. A maioria deles são escravos." Ele elevou a voz para que os

nobres que nos observavam na rua pudessem ouvi-lo. "Afinal, quem vocês acham que esses desgraçados *comem* ?"

Ele tinha razão. Sinceramente, passei um bom tempo tentando *não* pensar em como uma corte tão grande se sustentava quando sua única fonte de alimento era sangue.

Lorreth me deu um sorriso irônico enquanto empurrava a porta e me convidava a entrar. "Bem-vinda ao Paraíso dos Tolos, Saeris Fane."

Havia fadas por toda parte. Homens. Mulheres. *Crianças.* Não fazia sentido. A taverna estava *cheia* delas. Sentavam-se nas mesas, rindo com os nobres. Beliscavam a comida, ouvindo com intenso fascínio enquanto um nobre falava sem parar, e outro se alimentava casualmente de seu pulso.

Uma fileira de cabines se estendia ao longo da parede do fundo, com grossas cortinas de brocado cobrindo-as para garantir privacidade, mas algumas delas *não estavam* fechadas, e tudo o que eu conseguia distinguir era um emaranhado de corpos nus se contorcendo. Bocas em seios, e em volta de pênis, e. . ok, chega disso. Desviei o olhar, sentindo minhas bochechas corarem intensamente.

"Como se chama um sanasrothiano completamente vestido?", perguntou Lorreth, com um tom irônico, enquanto se dirigia diretamente para o bar.

"Não sei", respondi.

“Eu também não. Nunca vi um, porra.”

"Eu me lembro *de você* , Faeling." A voz zombeteira veio de trás do balcão. Pertencia a um homem alto, de sangue-alto, com traços finos e angulosos; olhos escuros e penetrantes; e uma carranca profunda. "Você esteve aqui há pouco tempo."

Mesmo com o capuz abaixado, o homem atrás do balcão não se lembrava *de mim* . Os habitantes dos Cogs não faziam ideia de como era sua nova rainha. Portanto, nenhum deles se ajoelhou, o que para mim era perfeito .

“Se, por ‘há algum tempo’, você quer dizer seiscentos anos e alguns meses, então sim, você provavelmente está certo”, disse Lorreth, despejando uma bolsa de couro cheia de moedas no balcão e sentando-se pesadamente em um banco.

“E daí?”

“Você se envolveu em uma briga e quebrou uma das minhas mesas. Além disso, você saiu sem pagar a conta.”

“Deuses e mártires. Seiscentos anos se passam e você ainda está se remoendo por causa de uma mesa velha e uma taça de vinho?”

O sujeito de sangue alto — presumivelmente o dono do Paraíso dos Tolos — estreitou os olhos, reduzindo-os a fendas. "Todas as dívidas estão pagas." Ele apontou o dedo indicador, com uma unha perturbadoramente longa, para uma placa acima do bar que, de fato, dizia: TODAS AS DÍVIDAS ESTÃO

PAGAS . "Você terá que quitar sua conta se espera ser atendido por mim."

“Não quero nenhum tipo de *serviço* da sua parte. Minha irmã e eu viemos para tomar um ou dois copos. Não vamos tornar isso ainda mais desconfortável do que já está.”

O olhar intenso voltou-se para mim pela primeira vez, o peso gélido de sua atenção pressionando-me. Estava tão surpresa com o que Lorreth me chamara que pouco me importei com o sorriso de desprezo do homem.

Irmã.

Ele me chamou de *irmã* .

“Nem mesmo abro mão das regras para os da minha própria espécie”, vociferou o homem. “O que te faz pensar que eu abriria mão delas para gente como *você* ?”

“Meu belo rosto?”

A alta concentração de sangue conferiu a Lorreth um olhar que poderia ter arrancado o papel de parede aveludado das paredes.

“Não? Tudo bem, então. Que tal esta?” O guerreiro levou a mão por cima do ombro e desembainhou Avisiéth, pousando a espada gravada sobre a barra com um baque surdo.

Os olhos do nobre se fecharam por um instante, mas eu tinha que admitir: ele tinha coragem. Não hesitou por muito tempo diante de toda aquela prata afiada. "Aceitamos moedas ou sangue." Ele fez uma pausa, avaliando Lorreth, e então disse: "Sangue é preferível."

"Vai se foder, carrapato. A única maneira de você chegar ao meu sangue é drenando-o de mim."

O sangue quente se animou. "Isso pode ser providenciado."

"Você terá que me matar primeiro", acrescentou Lorreth, mostrando os dentes.

O nobre cruzou os braços sobre o peito, franzindo os lábios. "É alta traição sacar prata em Sanasroth, você sabe. Qual é o seu nome, Faeling? Quem é o seu mestre?"

Uma risada rouca e estridente irrompeu de Lorreth. "Meu nome é Lorreth das Torres Quebradas. E

eu não tenho mestre."

Por fim, o olhar imperioso do nobre se dissipou. Havia algo estranhamente satisfatório em observá-lo começar a entrar em pânico lentamente. "Apenas servos são permitidos aqui. Fadas sem domínio não são bem-vindas." Ele deu um passo para trás, afastando-se do balcão do bar.

“Não se preocupe. Iremos embora assim que tivermos apreciado uma garrafa do seu melhor vinho tinto lissiano.”

Mais dois sangue-altos se levantaram da mesa mais próxima e vieram ficar atrás de nós. Ambos eram homens e significativamente maiores que o vampiro atrás do balcão. Um deles colocou a mão no ombro de Lorreth. "Parece que você se esqueceu de onde sua espécie se encontra na cadeia alimentar por aqui, sangue-quente", disse o da direita. Uma cicatriz grossa e prateada percorria sua bochecha direita. "Errigan mandou você ir embora. Levante-se agora mesmo, e talvez possamos te dar uma vantagem antes que—"

Eu sabia que isso ia acontecer.

Mesmo assim, assistir ao ocorrido foi chocante.

Lorreth deixou Avisiéth sentada no balcão. Nem sequer a tocou. Ele se tornou um borrão negro ao girar e saltar da cadeira. Num instante, o guerreiro de sangue alto e cicatrizes tentava puxá-lo de

volta, para fora do banco, e no instante seguinte, sua mão não estava mais presa ao pulso. Lorreth a tinha em sua *mão* . Icor jorrou e espirrou do pulso do guerreiro de sangue alto (agora um toco carnudo). O guerreiro de sangue alto olhou para baixo, abriu a boca para gritar, e Lorreth enfiou a mão do homem em sua própria garganta, com os dedos primeiro.

Eu cambaleei para trás, sentando-me num banquinho, quase perdendo o equilíbrio. "Puta merda!

Lorreth! "

“Que diabos está acontecendo *aqui* ?”

A música que tocava quando entramos parou. Um silêncio sepulcral envolveu a taverna enquanto todos se viravam para olhar o recém-chegado. Taladaius estava parado junto à entrada da taverna.

Uma figura escura de manto estava ao seu lado, de frente para a saída, com o capuz levantado para ocultar o rosto.

Lorreth enrijeceu, uma expressão sombria se formando em seu rosto. Ele deu um passo em direção a Taladaius, mas o Senhor da Meia-Noite ergueu a mão, fechando os olhos em frustração. "Espere aí, Lore. Você está coberto de sangue e não está em condições de receber visitas educadas." Taladaius falou rapidamente com o estranho de capa. Mesmo com minha audição muito mais apurada, não consegui entender uma palavra sequer. Se não me engano, um escudo à prova de som havia surgido temporariamente ao redor dos dois.

O estranho encapuzado acenou com a cabeça e saiu sem olhar para trás, deixando Taladaius parado na porta da taverna. Como sempre, suas roupas estavam impecáveis, seus cabelos prateados penteados para trás, sem um fio fora do lugar, mas seus olhos estavam selvagens, suas narinas dilatadas e sua compostura habitual comprometida. "Quando soube que você havia saído do palácio, sabia que problemas encontrariam vocês dois. Mas não imaginei que você seria imprudente o suficiente para procurá - los."

“Lorde.” Errigan — o outro nobre havia chamado o vampiro atrás do balcão por esse nome — baixou a cabeça, desviando o olhar de Taladaius. “Não o esperava ainda. Ainda não contabilizamos o dízimo da noite. Peço desculpas. Se me der um instante—”

"Não me importo com o dízimo, Errigan. O que me importa é a poça de sangue que cresce rapidamente no chão da minha taverna e o fato de um dos meus clientes habituais estar se engasgando com a própria mão. Gostaria de explicar o que está acontecendo aqui?"

da minha taverna? Este lugar pertencia a Taladaius?

Meu pai parecia prestes a ter um derrame ao passar por cima da poça de sangue e apoiar as mãos no balcão do bar. "E então?"

“O homem estava causando problemas”, murmurou Errigan.

Taladaius olhou de soslaio para Lorreth. "É verdade?"

"Sim."

“Deus—” Ele soltou um suspiro de frustração. “Você não pode ao menos *fingir* que está mentindo, pelo amor de Deus?”

“Não é assim que funciona o Juramento, Tal. Você deve ter se esquecido.”

Por uma fração de segundo, o eco de tristeza que emanava de Taladaius vacilou, dando lugar a um pico de algo muito parecido com mágoa. Desapareceu tão rápido quanto surgiu.

“Só viemos para tomar um drinque”, continuou Lorreth. “Mas este não desistiu de cobrar uma dívida de seiscentos anos.”

"O quê?" Tal parecia estar à beira de um ataque de nervos.

"Eu sei. Ridículo", disse Lorreth, sem perceber que Taladaius estava frustrado com *ele* .

“Muito bem. Errigan, traga-me o livro-razão. E assim que o fizer, traga-lhes o vinho que pediram.

Pecadores, tenham misericórdia.”

“Mas, Senhor—”

“Faça isso, Errigan.”

O nobre empalideceu ainda mais. Com os olhos fixos no chão, desapareceu por uma porta nos fundos da taverna. Taladaius se virou para os dois nobres que haviam tentado intervir em favor de Errigan, suspirando enquanto o que tinha a cicatriz erguia a mão decepada que conseguira retirar da boca.

“Isto exige reparação, Senhor. Olho por olho. Mão por mão!” Ele cuspiu respingos do seu próprio sangue negro enquanto falava.

“Vamos lá, Anterrin. Mão por mão não é a mesma coisa. *A sua* vai crescer de novo”, argumentou Taladaius.

“Daqui a um mês ou mais! Como é que eu vou conseguir fazer uma coisa dessas?” Ele acenou com a mão decepada no ar.

Contrariando todo o bom senso que eu *sabia* que ele possuía, Lorreth riu. "Quando crescer de novo, pequenininho, pelo menos vai ficar numa proporção melhor quando você enrolar no seu pau."

"Chega!" Taladaius não havia gritado antes. Nem mesmo quando Ereth me atacou no estrado e Fisher o derrubou. Suas mãos estavam cerradas em punhos quando Errigan retornou com um grande livro-razão empoeirado, batendo-o com força no balcão. "Quanto você vai perder enquanto a mão se regenera?" perguntou Taladaius.

Anterrin, o de sangue nobre, ponderou. "Cem cröna por dia."

O Senhor soltou um som de exasperação. “Você é um porteiro, Anterrin. Na melhor das hipóteses, ganha dez cröna por dia. Admito isso, embora devesse reduzir pela metade pela mentira. Volte amanhã para receber o dinheiro. Errigan já terá tudo pronto para você. Khol, tire seu irmão daqui agora mesmo antes que ele diga alguma besteira e acabe perdendo a outra mão também.”

Os dois nobres saíram, lançando olhares venenosos por cima dos ombros ao deixarem a taverna.

Assim que se foram, Taladaius se virou e abriu o livro-razão empoeirado. "Mostre-me o registro dessa dívida", ordenou.

Errigan folheou as páginas do outro lado do balcão, esticando o pescoço até encontrá-las. "Aqui está, Senhor." Ele bateu no meio da página com aquela unha assustadoramente comprida.

Taladaius olhou para o registro no livro-razão e depois para o sangue elevado. "Oito *mil* cröna, Errigan? Por uma garrafa de vinho e o conserto de uma mesa?"

“Juros compostos, meu senhor! Os Faeling deixaram a dívida por pagar durante séculos!”

Com ar cansado, Taladaius pegou a pena que Errigan havia trazido junto com o livro-razão e traçou uma linha impressionantemente reta sobre a anotação.

“Meu Deus!” Errigan parecia prestes a desmaiar. “Eu possuo este lugar há oitocentos anos e nunca perdoei uma dívida *sequer* !”

Meu senhor fechou o livro-razão com um estalo e o empurrou para o outro vampiro do outro lado do balcão. "E você me vendeu este lugar há cinquenta anos, junto com todas as dívidas, e agora eu *perdoei* uma delas. Ponto final. Traga o vinho para ele", ordenou. "Por conta da casa. E você?", disse, pegando-me pelo braço. "Você vem comigo. Preciso conversar com *você* ."



12

TAL

SAERIS

“Quem era seu amigo?”

Taladaius bateu a porta do escritório atrás de nós, resmungando de frustração. "Não é da sua conta."

Eu não esperava que ele me contasse, mas ainda assim achei que valia a pena perguntar. "Eu não imaginava que você fosse dono de uma taverna, Taladaius. Tem muita coisa acontecendo por aí, sabe?"

Fui pegar o peso de papel em forma de cabeça de corvo de obsidiana da mesa extraordinariamente organizada do vampiro, mas ele deu um tapa na minha mão, rosnando irritado. "Ah, é mesmo? Não tinha reparado. *Onde está seu companheiro?* "

Dei uma volta de 360 graus, observando as obras de arte nas paredes e suas prateleiras e mais prateleiras de livros. Ele tinha uma coleção e tanto. O ar estava com um cheiro bom — de papel seco e terra, baunilha quente e chocolate. Aconchegante. "Ah, não sei", disse em tom cantado. "Não consigo definir exatamente nada neste mundo agora."

Taladaius olhou para mim sem expressão.

“Você não precisa piscar? *Eu* preciso, mas talvez seja o meu lado meio-fada.”

Muito lentamente, ele fechou os olhos e os deixou assim. " *Diga* -me que ele não passou pelo mercúrio de novo."

Sentei-me na cadeira do outro lado da sua mesa, observando-o em silêncio por um instante.

Novamente, tentei pegar a cabeça do corvo, mas, ao estender a mão, uma corda de fogo chicoteou meu braço. Eu usava luvas — as Ligaduras Divinas ainda deviam ser escondidas de olhares curiosos por enquanto — mas a luz escapou da parte inferior do punho de couro, banhando meu braço.

Ai.

Minha mão tremia violentamente. Enfiei-a na axila, pressionando-a contra a

lateral do corpo, fechando os olhos com força enquanto esperava a dor passar.

“Saeris? O que houve?”

Deixei minha mão cair no colo. A luz que escapava da minha luva não era mais visível, mas a dor ainda era lancinante. "Nada. Estou bem." Nossa, eu precisava encontrar uma companhia de teatro de Sanasroth e começar a fazer testes para papéis; eu realmente parecia estar falando a verdade.

Apesar da minha atuação convincente, percebi que Taladaius não estava convencido. Não que ele tenha me contradito. "Se Kingfisher não estiver em Yvelia agora, preciso saber."

Eu me deixei cair de volta na cadeira. "Você acha?"

“Sim! Toda a Corte de Sangue sabe do que Fisher é capaz. Ele os lembrou disso quando dizimou Ereth como se fosse um talo de trigo quebradiço no Salão das Lágrimas. O que, aliás, está me causando muita dor de cabeça. Não pode haver *quatro* Lordes da Meia-Noite, Saeris. Tem *que* haver cinco, o que significa que uma votação precisa ser organizada.. ” Ele se interrompeu, bufando. “Deixa isso pra lá. Veja bem, as pessoas estão com muito medo de agir contra você enquanto Fisher estiver por perto. Elas vão querer arriscar se acharem que você está fraco ou desprotegido. Precisamos colocar guardas extras nos seus aposentos.”

“ *Não* coloquem guardas extras.” Uma dor aguda subiu pelo meu braço como um raio líquido, concentrando-se no meu ombro. Tentei não me encolher. “Se não querem que eu pareça fraco, retirem a equipe de guardas que já está designada para os meus aposentos. Meu decreto os impede de se desviarem do caminho, de qualquer forma.”

Boom.

Boom.

Boom.

Eu queria gritar.

Minhas runas queimavam minha pele novamente, até atingirem os ossos.

“Hum”, disse Taladaius, tamborilando os dedos na borda da mesa. “Talvez você tenha razão. Vamos pensar um pouco sobre isso. Enquanto isso, por que você está escondendo a mão aí embaixo?”

"Não estou escondendo minha mão." Mas eu estava. Eu a tinha enfiada entre os joelhos debaixo da mesa dele, e a pressionava entre as coxas na vã esperança de que isso fizesse a dor passar.

“Saeris. Vou te dar um desconto porque você é nova nisso tudo, mas um vampiro não pode mentir para seu criador. Uma aura azul emana de você quando tenta. Quanto mais forte a aura, maior a mentira, e agora mesmo, você está iluminando meu escritório como uma tocha. Mas mesmo que não estivesse, eu consigo sentir que você está com dor. Muita *dor* . Me diga o que está acontecendo.”

De vez em quando, eu ficava doente no Terceiro Distrito. Depois que minha mãe foi morta, não havia ninguém para cuidar de mim enquanto eu estivesse doente. Hayden era muito jovem e irresponsável para que eu pudesse confiar nele, e de qualquer forma, era minha obrigação cuidar dele, não o contrário. Não me pareceu certo pedir ajuda a Elroy. Ele já havia me dado trabalho e oferecido a proteção que podia contra os guardiões de Madra, então pedir qualquer outra coisa parecia demais. Então eu fiquei sozinha. Tremi de frio durante as crises de febre sem um braço ao redor do meu ombro ou palavras para me confortar. Eu dizia a mim mesma que não precisava de ajuda, porque eu não conseguia. Eu já tinha isso, então qual era o sentido de ansiar por algo que nunca viria? Eu me convenci tanto disso — de que eu era forte, de que eu era tudo o que precisava, de que não *queria* a preocupação de ninguém — que agora me dava vontade de sair da minha própria pele quando alguém demonstrava o mínimo de carinho por mim.

Mas, aparentemente, era impossível mentir para Taladaius, então não tive muita escolha a não ser contar-lhe a verdade.

“Minhas marcas”, eu disse. “Elas não param de inflamar.” Era a única maneira de descrever. “Sinto essa pressão aumentando dentro de mim. O tempo todo. E às vezes, ela. . incha. Parece que vai estourar minha pele. E então simplesmente. . desaparece.”

Meu criador olhou para as minhas mãos. "Tire as luvas. Mostre-me."

Absolutamente nenhuma parte de mim queria fazer aquilo. Mas eu fiz. Estava

cansada demais.

Cansada de fingir. Cansada de dizer a mim mesma que tinha que lidar com tudo sozinha, quando, pela primeira vez desde a morte da minha mãe, eu tinha pessoas de novo. Eu não estava mais *sozinha*

.

Mostrei-lhe as minhas mãos. Taladaius não reagiu ao ver a pele enegrecida em torno das minhas runas. Nem comentou o facto de ainda brilharem, ou de quase terem corroído a minha pele até atingirem o osso. Girou o seu anel de ofício no dedo indicador, de modo que a pedra citrina quente no centro captasse a luz enquanto inspecionava as minhas runas, e a sua calma confiança e ausência de pânico tranquilizaram-me.

Contei a ele sobre a visita a Everlayne, que inesperadamente se transformou em uma visita a Edina.

Descrevi o que havia acontecido com minhas runas e contei o que Edina havia dito sobre minhas runas de Alquimista terem sido deslacradas. Contei até mesmo sobre o aviso de Edina de que eu precisava encontrar seu livro nas bibliotecas de Cahlish. Afinal, ela havia me dito para não contar nada a Fisher, mas não havia mencionado nada sobre recrutar o com a ajuda de um lorde vampiro.

Quando terminei, Taladaius ponderou sobre as informações que eu lhe havia dado, seus olhos cinza-tempestade distantes. Finalmente, ele disse: "E ela falou com você? Edina? Ela teve uma *conversa de verdade* com você?"

Assenti com a cabeça. "Quer dizer, foi um pouco forçado. Parecia que ela estava com dificuldade para falar, mas sim."

“Ela não estava repetindo frases? Não parecia que ela estava falando com alguém que não estava presente?”

“Não. Não foi assim. Ela estava definitivamente falando comigo. Ela me chamou pelo nome.”

Taladaius inclinou-se para trás, equilibrando a cadeira sobre duas pernas. Ele assobiou. "Bem, isso é preocupante."

“Tudo aquilo era preocupante, Taladaius.”

“Sim. Sim, claro. Mas quero dizer.. existem muitas sombras neste reino. São ecos. Memórias aprisionadas que uma pessoa deixa para trás quando morre. Muitas vezes significa uma morte horrível, mas pelo menos a alma da pessoa segue em frente. As sombras não são capazes de pensar, no entanto. Elas não podem conversar com as pessoas.”

"OK?"

“Isso significa que a entidade que controlava o corpo de Everlayne não era um eco da mãe de Fisher.

Era *a* própria mãe de Fisher.”

“Não, isso não pode ser verdade. Isso significaria que a alma dela está aqui desde que ela morreu.

Presa.”

“Certo. Mas não presa. Pelo que sei, Edina nunca entregou um pedaço da sua alma como Fisher fez quando salvou aquele idiota lá fora”, disse ele, erguendo o queixo em direção ao balcão. “Ela não estaria ligada a ninguém deste lado do véu, o que significa que ela permaneceu apenas por pura força de vontade. E isso. .” Ele balançou a cabeça lentamente. “Não sei o que isso teria feito com a alma de uma pessoa, mas não teria sido bom. Teria sido uma tortura.”

Fisher teve muito cuidado para não demonstrar suas emoções quando lhe contei que havia falado com Edina. Seu rosto. . permaneceu em branco, mas ele sabia de tudo isso. Ele optou por não dizer nada a respeito, e eu sabia por quê. Eu estava tão preocupada com minhas runas não seladas..

O que, mais uma vez, estava tudo perfeitamente bem agora. A dor começou a diminuir enquanto eu explicava tudo para Taladaius. Minhas mãos não doíam mais, e minha pele também não estava mais descascando ou queimando. Meu criador notou isso quando olhou para baixo e as viu. "Que truque esperto, Alquimista."

“Você acha? Eu estou um pouco menos impressionado do que você, eu acho.”

“Talvez você esteja olhando para isso da maneira errada.”

“Ilumine-me. Como *devo* encarar runas em chamas e uma dor excruciante?” Do lugar onde eu estava, ainda não conseguia encontrar um lado positivo na situação.

“Bem. A forma como suas runas fumegaram indica que você tem acesso à magia elemental do fogo.

Uma vez dominada, essa magia será incrivelmente útil, não é? E o fato de suas mãos estarem curadas agora, depois do dano que acabei de presenciar, implica que você também possui magia regenerativa. Magia física. Poder sobre o corpo. Em algum momento, você poderá curar *outros* com suas habilidades. Mais um elo que a conecta à sua herança alquimista. Tudo isso que está acontecendo com seu corpo pode ser visto como sinais de coisas positivas por vir.”

“Os sinais não me servirão de muito se eu não conseguir acessar a magia, Taladaius. Não me servirão de muito se esses poderes continuarem a fluir para dentro de mim e eu explodir, matando todos num raio de 64 quilômetros.”

Meu criador bufou. "Se isso acontecesse, a zona de impacto teria mais de sessenta quilômetros. Você provavelmente destruiria metade de Yvelia. Aliás, essa quantidade de magia sendo desfeita por si só provavelmente desencadearia uma reação em cadeia que desfaria toda a magia. Em todos os lugares.

Todo o reino provavelmente seria—"

Você não está ajudando.

Ele teve a decência de parecer arrependido. "Você tem razão. Me desculpe. Eu quero ajudar. Acho que posso mesmo. Mas primeiro, havia *algo* que eu queria conversar com você, Saeris. Algo importante."

Deixei minha cabeça bater com força no encosto da cadeira. "Conte-me tudo."

Ele não pareceu muito satisfeito com a minha falta de entusiasmo. "Não sei se você sabe, mas você é apenas a segunda pessoa que eu gerei." Ele esperou, me observando. Esperando alguma reação minha?

"OK."

“Salvei a vida de outra pessoa, há muito tempo. Fico feliz por tê-la salvado, e fico feliz por ter salvado você também. Mas.. ”

“Mas você nunca quis ter filhos”, eu disse. “Será que esse termo é apropriado para o que eu represento para você?” O termo soava estranho.

Taladaius sorriu. “Hum. Sim e não. A relação entre criador e criado pode ser comparada à de pais e filhos, suponho. Então, sim”, disse ele, observando-me com olhos firmes. “Para usar sua analogia, eu nunca quis filhos. Não é o meu caminho. Então, embora eu esteja feliz por ter evitado sua morte definitiva, me sinto em conflito. Eu o criei. A maioria dos nobres não se importa com as ramificações desse ato, mas para mim, é uma *grande* responsabilidade. .” Ele parou de falar, sorrindo suavemente. “Perdoe o trocadilho. Você está nesta posição, em parte, por minha causa. É meu dever garantir que você entenda o que significa ser um membro desta corte. Também é minha obrigação garantir que você esteja preparado para sobreviver neste lugar.”

Para a maioria das pessoas, a adaptação da antiga vida à nova é mais do que conseguem suportar.

Sem orientação, é fácil fazer escolhas ruins aqui. Há muitos caminhos a seguir em Ammontraíeth, e quase todos levam ao inferno. Mas as coisas são diferentes para você, Saeris. Você não é uma vampira de sangue puro. A sede não é tão intensa quanto nos recém-transformados. Você não *precisa* de sangue. E embora você possa não conhecer as regras e restrições da nossa corte, você se encontra na posição única de não estar sujeita a nenhuma delas.” Ele deu de ombros. “As vantagens de ser rainha. Dito isso, eu queria falar com você sobre. . bem, sobre Fisher. Seu vínculo com ele é único. Meu próprio relacionamento com ele é. .”

"Complicado?"

Ele assentiu. "Ultimamente, tenho me encontrado numa posição em que exerço poder sobre ele. Em Gillethrye. ." Seus olhos assumiram um olhar distante e vago. "Digamos que Gillethrye também não foi nada divertido para mim. Eu jamais teria posto os pés naquele labirinto se dependesse de mim, mas.. suponho que, de certa forma, foi melhor que Malcolm tenha me mandado para lá." Taladaius olhou para as próprias mãos por um instante, ainda perdido em seus pensamentos. “Enfim. Você está ligada a Fisher por um laço divino. E agora, você também está ligada a mim. Não quero magoar Fisher exercendo qualquer

tipo de poder sobre sua companheira. E definitivamente não quero que seu domínio sobre esta corte seja minado por acusações constantes dos outros Lordes da Meia-Noite, alegando que você é minha marionete. Então, minha pergunta para você, Saeris, é a seguinte: você se ofenderia profundamente”—ele fez uma careta—“se eu a repudiasse publicamente e rompesse nosso laço?”

Soltei o ar que estava prendendo. "Pelos deuses, Taladaius!"

Seus olhos se arregalaram. "O quê?"

"Pensei que você estivesse tentando me dar uma notícia terrível. Pensei que alguém tivesse *morrido*

."

“Então, você *não* se importa? De ser repudiada?”

“Não, claro que não me importo. Concordo com você em todos os pontos. E, para ser sincera, às vezes consigo te sentir de forma bem confusa. Não me parece certo ter um lugar privilegiado para

observar suas emoções. Mas!” Eu o interrompi antes que pudesse falar. “Se você quer isso de mim, receio que terei que pedir algo em troca.”

Uma tensão cautelosa se formou nos cantos de seus olhos cinza-tempestade. "Qual deles?"

“Presidir este lugar está além das minhas capacidades. Não tenho experiência em governar um tribunal e nem desejo de aprender. Preciso de alguém que me substitua e aja em meu nome quando eu estiver em Cahlish. Na verdade, em geral. Preciso que essa pessoa seja você.”

Taladaius já balançava a cabeça negativamente. "A questão da óptica—"

“Não me importo com a imagem que passa. Você era o braço direito de Malcolm. *Ele* confiou a você o cargo, então o tribunal dificilmente pode *me criticar* por fazer o mesmo.”

Ele não podia realmente argumentar contra isso. Ninguém podia, e era exatamente por isso que eu havia tomado a decisão. Taladaius tentou encontrar algo para dizer, mas desistiu, balançando a cabeça. "Tem certeza de que é isso que você quer?"

"Sim."

“Muito bem, então. Que assim seja. Vou tratar dos preparativos em ambos os casos. Quanto à renúncia, é um rito simples, mas devemos fazer dele um espetáculo. Desculpe”, disse ele. “Sei que você não gosta de grandes cenas. Acredite, eu também não. Mas temos que convencer os nobres, e isso infelizmente exigirá um pouco de. . *teatralidade* .”

Ótimo. Era exatamente o que eu precisava. Mesmo assim, eu disse: "Se você acha importante, então confio em você". E percebi que confiava mesmo. Havia um longo histórico entre o vampiro sentado à minha frente e os membros da Lupo Proelia. A tensão era palpável sempre que alguém sequer mencionava o nome dele em Cahlish. Havia tanta coisa que eu não sabia sobre o

relacionamento deles com Taladaius, mas, no fim das contas, eu só podia me basear nas minhas próprias experiências com ele.

Eu sabia que ele tinha salvado minha vida.

Eu sabia que ele estava triste.

Eu sabia que acreditava nele quando disse que essa renúncia era para o melhor, e honestamente, eu odiava a ideia de compartilhar uma conexão tão íntima com qualquer pessoa que não fosse meu companheiro desde o momento em que acordei. O que Taladaius estava me oferecendo era uma gentileza.

Levantei-me e estendi-lhe a mão. "Muito bem, então. Renegado, assim será. Chega de besteira de criador e criado para nós."

A onda de tristeza de Taladaius se dissipou por um instante, e senti seu alívio me invadir. Ele aceitou minha mão e a apertou. "Chega de besteiras de criador e invenção", concordou. "Mas e quanto a..

amigos?"

Eu sorri, porque o vampiro que me salvara, que era pelo menos mil e quinhentos anos mais velho do que eu e fazia metade de Ammontraíeth se borrar de medo só de olhar para ele, com receio de que transformasse o sangue deles em fumaça, parecia realmente nervoso. "Acho que eu gostaria disso."

Ao ouvir isso, ele retribuiu meu sorriso. "Nesse caso, é melhor você me chamar de Tal."



13

CIDADE DE PRATA

MARTIM-PESCADOR

Eu estava preparado para o derramamento de sangue.

Carrion Swift não era.

Dezenas de flechas com pontas de ferro *ricochetearam* no pesado escudo que eu segurava à nossa frente enquanto emergíamos da poça de mercúrio. O fragmento de metal que ainda se agarrava à borda da minha íris crepitou de alegria quando Swift soltou um grito de pânico e agarrou minha placa de couro nas costas, quase nos desequilibrando e nos jogando de volta na poça.

"A Boca Inteligente já não é tão inteligente assim" , ronronou. " *A Boca Inteligente parece estúpida."*

“Merda. Merda, merda, merda! Nós *definitivamente* vamos morrer.”

“Você está me sufocando, Carrion. Me *solta* para que eu possa me mexer!”

O contrabandista soltou minha armadura. Cambaleou para a esquerda, posicionando-se exatamente onde eu havia indicado. Não tínhamos tido muito tempo para planejar, então simplifiquei ao máximo: *"Fique aí, atrás de mim, à minha esquerda. Siga-me, aconteça o que acontecer."*

Da última vez tinha sido muito, muito mais fácil. Os guardiões de Madra não esperavam que alguém surgisse do mercúrio naquela ocasião. Havia apenas uns oito arqueiros, e Embora isso tivesse sido irritante, eu superei rapidamente. Agora, havia uma *unidade inteira* de arqueiros atirando em nós. E, para completar a situação de forma ainda *mais* perfeita, eu também estava cuidando de um idiota que estava se esforçando para não tropeçar nos próprios pés.

O calor no ar me atingiu como um golpe físico.

Cerrei os dentes, joguei o ombro contra o escudo e avancei. No instante em que saímos da poça e as solas das minhas botas tocaram o chão de arenito, mergulhei o mundo na escuridão.

“Meus olhos!”

“Não consigo ver!”

“Onde eles estão? Continuem atirando!”

Gritos ecoaram por todo o Salão dos Espelhos. Minhas sombras preenchiam o enorme salão do chão ao teto; o ar vibrava com minha magia, obscurecendo a luz, e de repente, não importava que Madra tivesse designado uma unidade inteira para guardar a piscina de mercúrio. Seus homens eram humanos, e humanos não enxergam no escuro. Uma de suas *muitas* falhas.

Para ser justo, os Fae também não conseguiam ver quando minhas sombras inundavam sua visão.

Eu havia avisado Carrion disso antes de entrarmos na piscina e lhe contado o que esperar.

Haveria gritos. Haveria pânico generalizado. Haveria muita correria.. e então as mortes começariam.

Aos meus olhos, a sala era monocromática, o caos se desenrolando diante de mim em diferentes tons de cinza. Guardiões se atrapalhavam com suas armaduras pesadas, esbarrando uns nos outros. Os que caíam no chão eram eliminados por sua incapacidade de se reerguer. Arqueiros atiravam uns nos outros na escuridão. Flechas cortavam o ar, mirando alto, mirando em pilares, mirando em qualquer lugar, menos em nós. Eu me certifiquei disso.

Não foi preciso muito. Um leve empurrão aqui. Um toque ali. As cordas dos arcos se romperam. Os Guardiões caíram gritando, alvejados por seus próprios amigos. Eu abri caminho através da confusão, desviando quaisquer flechas perdidas que por acaso voassem em nossa direção, e durante todo o tempo, Carrion tagarelava no meu ouvido.

“O que está acontecendo? O que você consegue ver?”

"Fique quieto."

“Que cheiro é esse?”

“Como diabos *eu vou* saber?”

“Ai! Oh, droga, estou pisando em algo macio.”

“Levante esses seus pés, porra!”

“Fisher? Fisher. Já estamos quase na porta? Ai, o que foi *isso* ? Algo me atingiu o braço com muita força.”

“Foi *meu punho* . Agora cale a boca.”

Chegamos à porta ilesos, o que não me deixou nada contente. Se Carrion tivesse levado uma flechada com ponta de ferro na bunda, com certeza teria calado a boca. O problema é que o teria calado para sempre, e Saeris *não* teria gostado nada disso.

Por algum motivo, meu companheiro parecia não querer o contrabandista morto, e eu não tive escolha a não ser deixá-lo viver. Pior ainda, agora eu tinha que *protegê* -lo, e, céus, isso era simplesmente insuportável. Empurrei-o para a frente assim que passamos pela porta que dava para fora do Salão dos Espelhos e para o palácio de Madra. Não precisávamos daqueles idiotas de vestes douradas arrombando a porta assim que percebessem que não estávamos mais lá dentro, então invoquei uma sombra na fechadura e ordenei que ficasse. A fechadura não aceitaria mais a chave.

Pelo menos por um tempo. A porta já era triplamente reforçada, pelo que me lembrava da minha primeira visita, e não havia como eles conseguirem arrombá-la. Não até que já estivéssemos bem longe.

Era meia-noite, mas o longo corredor à frente estava banhado por uma luz solar brilhante. *Luz do sol*

, pensei, corrigindo-me. Eu nunca superaria o fato de Zilvaren ter dois..

Pelo amor de todos os deuses..

O contrabandista estava parado, congelado no meio do corredor, com as mãos estendidas, os joelhos dobrados e a bunda empinada como se tivesse se cagado.

"Por que diabos seus olhos estão fechados?", perguntei, exigindo uma resposta.

Carrion entreabriu um olho, olhando para mim. Assim que percebeu que estávamos do outro lado da porta, suspirou, endireitando-se e se sacudindo. "Não sei! Foi estranho não conseguir ver nada.

Fechar os olhos ajudou."

Ele era o homem mais estranho. "Certo. Claro. Faz todo o sentido", eu disse.

o Simon estivesse comigo."

Lorreth batizou sua espada divina de Avisiéth. Um nome belo e imponente para uma espada.

Carrion a batizou de Simon. Talvez esse nome significasse algo impressionante em Zilvaren, mas, pelo que eu havia conseguido apurar até então, não significava. "Pela última vez, *não podíamos* trazer duas malditas espadas divinas de volta para este reino. Se Madra pusesse as mãos em uma delas—"

"Eu sei, eu sei." Ele acenou com a mão, fazendo uma careta. "Ela poderia ter usado um deles para parar o mercúrio de novo."

“Não gosto de ficar aqui sem minha espada, assim como você. *Acredite em mim. Mas não* vou ficar preso neste inferno. Vamos. Precisamos ir embora.” Não lhe dei a chance de dizer mais nada. Saí correndo pelo corredor e, para seu crédito, o contrabandista me acompanhou.

Passamos de porta em porta. O suor escorria entre minhas omoplatas enquanto eu movimentava os braços, fazendo força com mais intensidade.

Dez.

Nove.

"Espere", disse Carrion, ofegante.

Oito.

“O plano. Por que você não me contou o que vinha depois do corredor?”

Sete.

"Porque eu sabia.. que você não ia *gostar* ", resmunguei.

Seis.

Cinco.

“Fisher?”

Quatro.

“Fisher, por que estamos correndo direto para aquela janela?”

Três.

Ele começou a diminuir o ritmo, mas eu o agarrei pela parte de trás da armadura que Renfis lhe havia emprestado e o segurei firme.

Dois.

"Levante esses seus *pés* , Alteza!", rosnei.

Um.

Eu o joguei pela janela.

Um vento uivante e seco rasgava minhas roupas quando me lancei para fora daquela coisa maldita atrás dele.

"Vai se foder, Fisher!" Mesmo despencando em direção ao chão a uma velocidade vertiginosa, o contrabandista não se calou.

Estendi a mão para Carrion e uma corda feita de fumaça e areia negra brilhante irrompeu da minha mão, cortando o ar e chicoteando os tornozelos do homem.

Lá embaixo, as coberturas de tendas vermelhas desbotadas surgiam como que para nos saudar.

Grãos de areia ardiam nos meus olhos, mas eu os mantive abertos para poder avaliar o momento certo de agir.

A queda foi fácil.

Rápido.

A dezoito metros do chão, estendi a mão para minha magia secundária e rezei para que ela respondesse. Era inconstante e frequentemente se perdia quando eu a invocava. A sorte estava do meu lado hoje, porém. Imaginei uma vasta rede estendendo-se pela larga rua lá embaixo, e a corda entrelaçada começou a chicotear e a se enrolar sobre o vão.

Estava ancorado no telhado do prédio à esquerda. Um dos cantos estava ancorado no prédio à direita.

Merda.

Carrion bateu na rede. A corda cedeu no meio, amortecendo seu peso. Quando aterrissei atrás dele, o ponto de ancoragem no telhado do prédio à direita estava pendurado por um fio.

Estalou.

Caí direto através da rede, através da cobertura da tenda vermelha desbotada que estava embaixo, e aterrissei com um sonoro *"Oof!"* em algo *muito* desconfortável.

O som de madeira podre rangendo chegou aos meus ouvidos, e um segundo depois fui depositado sem cerimônia na areia escaldante. Pãezinhos velhos caíram sobre mim.

Swift apareceu no meu campo de visão, seus cabelos castanho-avermelhados iluminados por trás e brilhando como um pôr do sol em chamas. "Isso *não foi* certo", disse ele em tom seco.

Pisquei para tirar a areia dos meus olhos. "Ah, silêncio. Eu amorteci *sua* queda, não foi?"

“Minha carroça! Seus bastardos! Vocês destruíram a minha—” O grito foi interrompido quando a velha senhora olhou para os dois malfeitores que haviam destruído sua propriedade. Carrion havia vivido em Zilvaren por muitas vidas, mas sempre como um deles. Enfeitiçado. Ele fora alto e forte para um humano, mas agora chegava perto de dois metros e dez e possuía as orelhas pontudas dos feéricos. Quanto a mim? Eu era bem mais alto que Swift. Significativamente

mais bonito também, mas isso não vinha ao caso. Mostrei meus caninos para a mulher bronzeada, dando-lhe um largo sorriso.

“Desculpe, senhora. Tivemos uma pequena discussão com a gravidade. Parece que a gravidade venceu.”

Agi rápido. Teria sido mais inteligente nos enfeitiçar assim que saíssemos do Salão dos Espelhos, mas não houve tempo. Mergulhei fundo na minha magia e a lancei sobre mim e sobre o contrabandista, a mudança surtindo efeito num piscar de olhos. Não me senti diferente, propriamente dito, mas a camada de ilusão permaneceu por perto. Aderiu ao meu corpo como uma



segunda pele — uma pele que coçava e da qual eu imediatamente queria me livrar. Quando olhei para Carrion, ele estava mais baixo novamente. Orelhas arredondadas. Ombros mais estreitos.

Dentes curtos e ineficazes. Ele parecia humano. Tentei não pensar em como eu parecia, disfarçado de um deles..

A dona da barraca ajeitou o chapéu torto, esfregando a testa. Será que ia desmaiar? Ela *tinha* acabado de nos ver nos transformarmos de fadas em humanos, o que explicava a confusão em seu rosto.

“Hah. Parece que a gravidade venceu. Isso foi *quase* engraçado”, resmungou Carrion. Ele estendeu a mão, oferecendo-se para me ajudar a levantar. Por mais que eu relutasse, aceitei; minhas costelas ardiam e eu estava tão envolvido nos destroços que fiz do carrinho de pão da mulher que realmente precisava de ajuda. O contrabandista parecia muito satisfeito consigo mesmo enquanto me ajudava a ficar de pé. “Para onde vamos agora?”, perguntou ele.

“Diga-me você. O motivo de você ter voltado para Zilvaren era porque você conhece esta cidade.

Melhor do que ninguém, você disse.”

“E isso é verdade”, respondeu Carrion bruscamente. “Mas preciso saber o que você quer eliminar primeiro. Os prateados, os alimentadores infectados ou o irmão?”

“Ali! Lá embaixo na praça!”

Através do buraco gigantesco que tínhamos aberto na cobertura da tenda, podíamos ver três guardiões debruçados na janela lá no alto, observando a rua. Eles já nos tinham visto. Não demoraria muito para estarem em cima de nós.

“A prata”, respondi. “Vamos cuidar da prata primeiro. Agora vamos embora.”

— Você está muito pálido — sibilou Carrion. Ele avançou a passos largos por uma rede de ruas laterais sinuosas, mantendo os olhos fixos no chão. no topo de suas botas. Eu o segui, com a mão repousando no punho da adaga em meu quadril.

“Como assim, *muito* pálido?”

"Quer dizer, até os mortos em Zilvaren têm mais cor nas bochechas do que você. O sol é muito forte aqui. Todo mundo está queimado de sol ou bronzeado, ou os dois. Você parece que viveu no subsolo a vida inteira. Isso faz as pessoas ficarem olhando."

Olhei em volta e vi que ele tinha razão. As pessoas estavam olhando fixamente. "E daí?"

“E seria melhor se passássemos despercebidos agora. Não nos encaixamos aqui como está.”

“Eu já usei meu glamour em nós. Não posso fazer mais nada além disso. Minha magia precisa de tempo para se recarregar.”

O ritmo de Carrion diminuiu um pouco. "Reabastecer? O que *isso* significa?"

“Significa reabastecer, reabastecer, rea—”

“Santos e mártires, precisam ser tão literais? Eu sei o que a *palavra* significa. Quero saber por que *a magia de vocês* precisa ser renovada.”

Contive um suspiro, observando a multidão por baixo do capuz. "Não nasci em Zilvaren, Carrion.

Minha magia não é deste lugar. Não consigo extraí-la com a mesma liberdade

que tinha em Yvelia.

Temos sorte de eu conseguir extrair alguma coisa dela. Existem reinos e mundos no vazio deste universo que são completamente desprovidos de magia. Se uma semente de magia não estivesse ainda presa em algum lugar nas entranhas deste lugar miserável, eu estaria completamente sem meus dons. Acabei de esgotar boa parte da magia que tinha disponível no salão. Vai demorar um pouco até que eu tenha acesso total à minha magia novamente. Usar o Glamour em nós pode não exigir muitos dos meus recursos, mas isso não significa que vou sacrificar energia preciosa me bronzeando."

Carrion ficou em silêncio por um instante. Mas então um pensamento lhe ocorreu. "Se você esgotar toda a sua magia, ficará tão impotente quanto eu, não é?"

Eu ri disso. "Claro que não. Não seja ridículo. Eu ainda saberei como segurar uma *espada, caramba* ."

“Tudo bem. Não precisa ser grosseiro. Você pode. . olha, pode parar de encarar as pessoas com essa cara feia? Este é o Hub. A elite de Zilvaren mora aqui. Todo mundo se conhece, e nós não *parecemos* pertencer à classe rica e abastada da cidade. Se você continuar com essa cara fechada, com certeza vão nos notar.”

Esta é a parte *agradável* da cidade?

“Acredite ou não, sim. Rápido, vamos por aqui.” Carrion olhou para os dois lados da rua com os olhos semicerrados antes de disparar por um beco lateral. Resmunguei, seguindo-o, sem gostar nem um pouco daquilo.

Tínhamos três dias até que Saeris despertasse o mercúrio novamente. Havia muito a ser feito nesse tempo, e o conhecimento de Carrion sobre Zilvaren já estava sendo útil. Ele *parecia* saber para onde estava indo. Ou.. espere um minuto. "Estamos nos afastando do palácio, Swift. Você conhece alguma passagem secreta para o tesouro?"

Ratos saíam correndo de frestas estreitas entre os prédios, guinchando enquanto fugiam de nós. Não havia nada ali além de algumas casas de arenito com aparência antiga, que pareciam que desmoronariam ao menor empurrão.

“Não vamos ao tesouro”, disse Carrion, seguindo em frente em direção ao final

do beco.

Ele estava brincando. Só podia estar. "Pode repetir?"

“Madra despojou toda esta cidade de todos os metais, preciosos ou não, há muito tempo. Ela é extremamente paranoica com a possibilidade de alguém ter acesso a eles. Então, como você acha que será o tesouro dela, Kingfisher? É provável que ela guarde todos os seus metais em um lugar fácil de invadir? Ou será que ela vai.. ” "Colocá-los em algum lugar onde nem mesmo os próprios deuses seriam capazes de chegar?"

Tínhamos chegado ao fim do beco. "Qual é o seu ponto?"

“Ninguém jamais invadiu o tesouro de Madra. Ninguém sequer sabe onde ele fica. E acredite, passei boa parte dos últimos mil anos tentando descobrir isso. Não temos tempo para desvendar esse mistério agora, então vou levá-lo à melhor fonte de prata que consigo imaginar.” Ele me lançou um sorriso maroto. “O Banco dos Bandidos.”



“Por que não me surpreende que você tenha uma conta em um lugar chamado Banco dos Bandidos?”

“Ah, eu não tenho uma conta, Lorde Cahlish.” Ele piscou para mim. “Ela *é minha* .”

Ele arqueou a bota sobre o chão entre nós, afastando ondas de areia e revelando uma escotilha de madeira gasta, sem maçaneta. O desgraçado estava insuportavelmente convencido enquanto se agachava e pressionava a palma da mão contra a madeira lascada. Ouvi o mecanismo interno de uma fechadura sendo aberta do outro lado, e então a pequena escotilha se abriu o suficiente para que Carrion enfiasse os dedos na fresta e a levantasse.

Um pequeno ato de magia.

Não deveria ter me surpreendido que ele fosse capaz de tais coisas. Mesmo sem instrução e treinamento em seus poderes, Carrion deve ter percebido que ele conseguia fazer coisas que outras pessoas não conseguiam. A linhagem Daianthus possuía mais magia do que muitas das outras casas de Yvelia.

"Isso cheira a esgoto", observei, olhando para o buraco escuro.

Swift riu. "Sim, é verdade. Mas você ficará aliviado em saber que é exatamente assim que o abastecimento de água potável do Hub é feito. Maravilhoso, não é?"

Zilvaren era uma cidade antiga. Existia muito antes de Madra ascender ao trono. Uma proeza da engenharia, fora outrora a sede de um conselho de usuários de magia. Leis foram promulgadas ali.

Havia jardins suspensos e belas fontes de água, grandes o suficiente para as crianças da cidade brincarem. A história deste lugar estava bem documentada em Yvelia. Sempre fora circular, com a forma de uma roda, sim, mas foi Madra quem a dividiu em bairros. As enormes muralhas que dividiam Zilvaren — e seu *povo* — afundavam profundamente no subsolo. Quando se queria construir algo alto sobre uma base instável, não havia outra escolha senão cavar fundo para encontrar firmeza. Os túneis úmidos pelos quais Carrion nos guiou eram altos o suficiente para um homem ficar em pé em toda a sua altura, mas não para um Fae do sexo masculino. Eu, por hábito, abaixava a cabeça durante a maior parte do percurso, esquecendo-me de que era mais baixo que o normal. Sempre que nos deparávamos com um dos contrafortes das muralhas — Carrion usando uma magia que eu desconhecia para abrir pesadas portas de madeira na alvenaria de um metro de espessura — tínhamos *que* nos curvar para conseguir passar pela abertura.

Carrion havia encontrado uma tocha que aparentemente deixara na entrada do túnel exatamente para esse propósito. Seu brilho alaranjado projetava um halo de luz pelas paredes e fornecia iluminação suficiente para que pudéssemos enxergar enquanto caminhávamos com água até os tornozelos.

O cheiro passou de desagradável para absolutamente nauseante à medida que passávamos por baixo de uma ala, depois de outra, e de outra. Já senti o cheiro de campos de cadáveres após uma batalha que eram menos ofensivos do que esses túneis. Comecei a respirar pela boca depois da quarta porta

que atravessamos. . e logo voltei a inspirar pelo nariz. Respirar pela boca significava que eu conseguia sentir o *gosto* .

"Admito, isso era bem menos repugnante quando eu estava enfeitiçada antes", gemeu Carrion.

"Você pode ter mudado minha aparência, mas acho que mantive meu olfato feérico desta vez."

Mantive a boca fechada e encarei a nuca dele com um olhar fulminante.

Por fim, ele anunciou que tínhamos chegado longe o suficiente e apontou para mais uma escotilha de madeira acima de nós. "Não consigo alcançar. Não tem onde eu me apoiar", disse ele. "Você vai ter que me deixar subir no seu ombro."

"Não."

“Muito bem, então, suba no *meu* ombro. De qualquer forma, um de nós tem que subir lá, e a menos que você consiga fazer seus braços crescerem ou algo assim. .”

“Pelo amor de Deus.” Fiz um suporte para a bota dele com as minhas mãos. “Acabe logo com isso.”

Os minutos seguintes foram muito irritantes. Tive a bunda do Swift na minha cara por pelo menos trinta segundos, trinta segundos que eu teria que apagar da minha memória assim que tudo isso acabasse. Depois, tive que ajudá-lo a sair daquele buraco maldito. E então, tive que pular, agarrar as laterais da escotilha e me puxar para cima, porque ele não conseguia encontrar nada comprido o suficiente para me puxar para cima.

Inútil.

A luz dos dois sóis tinha ficado mais forte de alguma forma enquanto atravessávamos os túneis.

Meus olhos levaram um instante para se ajustar ao brilho enquanto eu me espreguiçava e limpava a poeira da minha roupa de couro.

Carrion estava sentado no topo de um muro baixo e em ruínas, observando-me com aquele brilho revelador nos olhos que indicava que ele estava prestes a dizer algo que me deixaria furioso. E, com certeza..

“Sabe, acabei de perceber uma coisa.”

"O que?"

“Você está completamente à minha disposição agora, não é? O próximo passo do nosso plano depende inteiramente de eu nos levar a algum lugar e conseguir uma quantidade enorme de prata. O

que eu acho que provavelmente vale alguma coisa, não é?”

"Não."

“E isso me fez pensar que eu provavelmente poderia aproveitar a profunda gratidão que você deve estar sentindo por mim agora, sugerindo que fôssemos visitar um lugar que eu costumava frequentar no caminho.”

“Não temos tempo, Carrion.”

“Discordo. Não deveríamos levar mais do que algumas horas para carregar a prataria. Depois disso, teremos que esperar até amanhã para ir buscar Hayden, de qualquer forma.”

"Você podia simplesmente me indicar o caminho para o irmão da Saeris e seguir com a sua vida, Swift."



Carrion olhou para a rua lateral em que tínhamos entrado, os cantos da boca se curvando para baixo enquanto pensava nisso. A visão do seu rosto assim, de perfil, despertou uma lembrança há muito esquecida nos arquivos da minha mente. Uma lembrança desbotada e corroída pelas traças.

O pátio em frente ao apartamento em Ballard.

Minha mãe estava conversando com alguém, e eu estava puxando suas saias, importunando-a para comprar biscoitos Bettell. Com sua gentileza característica, ela me incentivou a ir comprar os biscoitos para mim, já que eu não era mais uma Faeling, e colocou uma moeda de latão em minhas mãos. Uma cröna inteira. Uma antiga, que valia o dobro das novas nos círculos certos. Aquela moeda de latão tinha sido a maior quantia de dinheiro que eu já havia segurado em minhas mãos. Eu a admirei, acariciando sua superfície reverentemente enquanto caminhava descalça pelas vielas de Ballard, a caminho do Wendy's para gastar minha fortuna.

O rosto estampado na moeda era régio e imponente.

O rosto de Rurik Daianthus.

Naquele momento, fiquei surpreso ao perceber que Carrion Swift tinha uma semelhança impressionante com seu pai.

Ele se afastou da rua e olhou para mim, com os olhos claros e penetrantes. "Eu sei que não sou muito útil para ninguém em Yvelia, Fisher. Mas eu quero ser. E posso ser útil nisso. Eu disse à Saeris que ajudaria. Eu disse a ela que voltaria. Então, não. Eu não posso simplesmente te deixar."

Uma pontada de *algo* se contraiu no meu peito, mas a afastei, irritado comigo mesmo pela primeira vez por deixar o passado me perturbar. Não havia como negar: sim, Saeris havia dormido com o contrabandista. Mas ela não estava dormindo com ele agora. E ela tinha direito ao seu passado, assim como eu tinha direito ao meu. Não fazia sentido lamentar eventos que ajudaram a nos moldar como seres. E ela era minha companheira agora. Minha *companheira* . Ela era linda, feroz, inteligente, independente e forte. Fazia sentido que até mesmo Carrion Swift — um ladrão experiente e versado na arte da duplicidade, segundo todos os relatos — quisesse cumprir sua palavra quando a deu a ela. Ele era amigo dela, por mais que isso me incomodasse. E eu aceitaria isso.

"Tudo bem." Cerrei os dentes, bufando de insatisfeito. "Ótimo. Onde fica esse seu antigo lugar favorito?"

Swift saltou do muro, levantando uma nuvem de areia fina como pó ao aterrissar no chão. Bateu palmas, exclamando: "Vocês vão *adorar* este lugar. Eles têm uma cerveja que, bem, sim, *é* destilada de urina de rato, mas—"

"Carniça!"

"Estou brincando, estou brincando!" Ele ergueu as mãos. Ainda sorrindo, virou-se e começou a caminhar pelo beco. "Sério? Você não consegue *perceber* quando alguém está brincando, Fisher?"

A cerveja tinha um gosto tão ruim que temi que Carrion não estivesse brincando. Ele a estava virando com tanto entusiasmo que imaginei que não me mataria. Dei um gole no conteúdo da

minha caneca, observando os humanos entrando e saindo da taverna. A mulher atrás do balcão reconheceu Carrion imediatamente. Ela obviamente o conhecia bem, visto que o advertiu para se comportar ou o expulsaria na hora.

Uma fila de indivíduos de aparência suspeita parou em frente à nossa mesa. Todos cumprimentaram o contrabandista e perguntaram onde ele estivera, e Carrion inventava uma desculpa nova — e ainda mais inacreditável — para sua ausência a cada vez. Escondi o rosto na minha cerveja, ignorando os olhares dos compatriotas de Swift. A curiosidade os fazia ficar rondando a mesa por mais tempo do que seria educado, enquanto esperavam que Carrion apresentasse seu novo amigo, mas Carrion tinha apenas um conhecimento *superficial* das regras universais de etiqueta e tolerou o silêncio constrangedor enquanto esperava que eles fossem embora, sem demonstrar qualquer preocupação.

Eu, por outro lado, *estava* suando. Minha camisa estava grudada nas minhas costas. Meu cabelo estava úmido. Estava mais quente que o quinto círculo do inferno naquela taverna, e a temperatura não dava sinais de que ia baixar tão cedo.

"Eu odeio este lugar pra caralho", murmurei para dentro da minha xícara.

Carrion soltou uma risada abafada. "Ah, o Terceiro acaba conquistando a gente depois de um tempo."

Lancei-lhe um olhar incrédulo. "Qual parte? As crianças famintas nas ruas? Ou é a cerveja quente?"

“A cerveja não deveria ser servida quente?”

“Não. Não, não é.”

"Hum. Não sabia disso." Ele deu de ombros, virando outro gole enorme de sua bebida.

O bom humor que me dominara antes já havia se dissipado há algum tempo, e agora eu estava ficando inquieto. Virei o que restava no meu caneco, fazendo uma careta ao engolir, e então Bateu com força na mesa. "Acabou por aqui, Carrion. Hora de ir."

“Não, não terminamos. Ainda estamos longe de concluir!” Ele parecia um

Faeling que tivesse sido avisado para voltar para casa mais cedo da feira de inverno.

"Eu entendo que você seja popular. Tenho certeza de que deve ser bom ver seus amigos tão interessantes, Carrion, mas temos coisas para resolver. Quero sair deste lugar amaldiçoado e voltar para minha companheira, e não há absolutamente nada que você possa dizer que me fará mudar de ideia. Então vamos embora."

“Fisher, Fisher, opa, opa, opa.” Ele agarrou meu braço e me puxou de volta para o meu assento. “Tá bom, então. Talvez eu não tenha sido 100% honesto mais cedo lá no beco. Eu não estava com vontade de simplesmente parar aqui para tomar um drinque. Eu meio que *precisava* passar no Kala's.”

Meu Deus, esse homem. Ele era algo fora do comum. *"Explique-se."*

“Bem, como eu disse antes, sou *o* dono do Banco do Bandido. Mas sou sócio. Tenho um parceiro de negócios. Temos um cofre onde guardamos nossos itens __”

"Contrabando."

“Tudo bem, sim. Nosso contrabando.” Ele fez uma careta para mim. “A porta daquele cofre precisa de duas chaves para abrir. Eu tenho uma. Eric tem a outra. Mas como eu desapareci há algum tempo e ele provavelmente passou um bom tempo vasculhando a cidade à minha procura e não encontrou nada, aposto que Eric contratou um arrombador de cofres e, desde então, sumiu com nossa mercadoria.”

Era exatamente o tipo de absurdo que eu esperava. Empurrei a mesa para trás para poder me levantar.

“Espere, para onde você está indo?”

Eu esperava que minha expressão tivesse comunicado meus sentimentos de forma eficaz, pois me faltavam palavras. "Vou voltar ao palácio. Vou encontrar o tesouro de Madra, mesmo que tenha que demolir o palácio tijolo por tijolo. E então vou encontrar.. " Espero que esteja em algum lugar um pouco menos quente para esperar até que Saeris reabra o Quicksilver. E então voltarei para casa.”

“Você não precisa *fazer* isso”, sussurrou Carrion em voz alta. “Só precisamos esperar o arrombador do cofre. Quando ele chegar, ele nos dirá onde Eric escondeu nossas coisas e tudo estará resolvido.

Iremos lá, pegaremos o que precisamos, em silêncio. Eu fico com a prata. Eric pode ficar com o ouro e todas as joias. Eu ajudo Yvelia. Encontramos Hayden. Voltamos para casa e todos ficam felizes.”

Eu não teria mais nenhum dente no final dessa excursão; eu os teria reduzido a pó. "Então seu plano depende inteiramente da aparição desse arrombador de cofres?"

“Sim. Mas ele *vai* aparecer.”

“E como diabos você pode saber disso?”

“Porque ele *sempre* vem aqui depois que termina seus negócios da noite.”

“Como é que você consegue dizer que horas são?”

“Há relógios por toda parte, Fisher. Veja.” Ele apontou para uma haste de metal que se projetava da parede perto da porta. Estava banhada em luz e projetava uma fina sombra perpendicularmente sobre a alvenaria.

“Isso não é um relógio—”

Carrion pulou de pé, quase derrubando sua cerveja no processo. "Vorath! Vorath Shah!"

Um homem estava parado na porta da taverna, meio dentro, meio fora. Seus cabelos negros eram desgrenhados, com alguns fios grisalhos nas têmporas, espetados em todas as direções. Seus olhos castanho-escuros se arregalaram de surpresa quando ele olhou em nossa direção.

“Onde você. . não”, gaguejou Carrion. “Não faça isso. Não fuja!”

O homem correu.

Carrion saltou por cima da mesa, derrubando as nossas duas cervejas.

“Carrion Swift , *seu desgraçado* ! Se essa é mais uma das minhas mesas quebradas por sua causa!”

gritou a mulher atrás do balcão, mas Carrion não perdeu tempo em verificar os móveis. Ele estava correndo atrás do homem de camisa desbotada pelo sol e calças empoeiradas que acabara de fugir da taverna sem olhar para trás.

Eu não tinha o direito de perseguir arrombadores de cofres pelas ruas de Zilvaren. E era óbvio que era isso que esse Vorath Shah era. Mas mesmo assim segui Carrion, porque o arrombador de cofres Vorath Shah não estava olhando para Carrion quando fugiu.

O estranho estava olhando diretamente para *mim* .



14

SANGUE NO LEITE

SAERIS

Total de mortos conhecidos: 1.373

Total de infectados conhecidos: 1.665

Área estimada afetada: 2.039 hectares

TAL NÃO PISCAVA enquanto liderava o caminho pelos corredores caóticos de Ammontraíeth.

Os nobres ajoelharam-se diante de mim, mas era *dele* que se afastavam, desviando o olhar — o que era natural, considerando que o homem podia ferver o sangue em suas veias com um simples movimento de pulso. Eu presenciei isso durante minha coroação, quando os seguidores de Ereth tentaram subir os degraus até o estrado, e a cena horrível ainda me assombrava. Fazia sentido que os membros da Corte de Sangue temessem o homem.

O fantasma pálido de seu reflexo caminhava ao seu lado nas paredes de obsidiana, a imagem dele tão quase perfeita na pedra negra vítrea que eu quase tive dificuldade em distingui-los. Minha sósia também caminhava ao meu lado, com passos confiantes e a cabeça erguida. Quando minhas mãos se moveram para as adagas com pontas de prata em meus quadris, as mãos dela também se moveram.

Quando me virei para encará-la, ela me encarou friamente, o rosto uma máscara de indiferença, mas eu Percebeu o cansaço nela. Havia olheiras sob seus olhos azuis.

Tínhamos *notícias* esta noite. O tipo de notícia preocupante que causava pânico. Lorreth tinha conseguido um gavião-de-asas-velozes em algum lugar e o estava usando para trocar mensagens com o acampamento temporário do outro lado da cordilheira. Todas as noites, eles nos atualizavam sobre nossas perdas e uma estimativa da área total perdida para a deterioração. . e até agora, os números não eram bons.

Mais de mil e trezentos mortos.

Mais infectados.

Vastas extensões de terra enegrecidas e mortas.

Todas as manhãs, equipes de guerreiros saíam a cavalo, Danya entre eles. Eles encurralavam e desmembravam o máximo possível de alimentadores infectados, mas não era o suficiente.

Uma onda de destruição se alastrava pela terra, e eu estava preso aqui no Palácio Negro, acorrentado por uma coroa que eu não queria e por uma corte de nobres que não *me queriam* . Era um sacrifício necessário, no entanto. Se eu me recusasse a liderar a Corte de Sangue, outro nobre assumiria o cargo, e isso seria muito, *muito* pior..

O som dos nossos saltos batendo no chão polido ecoava alto enquanto avançávamos pelas entranhas do palácio. Lorreth estava com Carrion na sala de treinamento, tentando domá-lo, e sem a guerreira ao meu lado para lembrá-los de suas boas maneiras, parecia que os membros da Corte de Sangue haviam começado a nos encarar. Grupos de nobres interromperam suas conversas sussurradas, seus olhares me dilacerando antes de se ajoelharem ressentidos enquanto passávamos.

“Ignore-os”, disse Taladaius, enquanto virávamos uma esquina e nos encontrávamos sozinhos.

Estávamos ao pé de uma longa e íngreme escadaria que subia na escuridão. “A Corte de Sangue é um lugar arcaico. Seus membros são como insetos presos em âmbar. Nada Mudanças acontecem por aqui. Somos previsíveis em nossa crueldade. Previsíveis em nossa violência. É a mudança que mais se teme em um lugar como este. Eles não estão preocupados com você em si. Mais.. com o que você representa.

Murmurei pensativamente, lançando um olhar para trás na direção das víboras bem-vestidas que me avaliavam tão abertamente. "Eu sei que lhe dei poder discricionário aqui, Tal. Mas ainda tenho poder absoluto sobre toda esta corte. Já pensou que talvez elas devessem *se* preocupar comigo?"

Meu criador — meu *novo amigo* — pairava no mesmo lugar, com um pé no primeiro degrau da escada, algo sombrio e intrigante brilhando em seus olhos cinza-claros. "Na verdade, eu também já me peguei pensando nessa questão", ponderou ele.

“E?” Muita coisa dependia deste momento. Havia tanta coisa não dita entre nós. Ele me salvara e me trouxera até aqui. Colocara a coroa em minha cabeça e me dera este poder.. e nunca me perguntara o que eu pretendia fazer com ele. Eu estava destinada a um inimigo de Sanasroth. Eu já havia, por assim dizer, desmantelado o exército deles. A qualquer momento, estava ao meu alcance desarmar toda a corte e fazer com que as torres negras de Ammontraíeth desabassem sobre suas cabeças.

Tal estava mais ciente disso do que qualquer outra pessoa.

E, no entanto, ele deu de ombros.

“Sei que espera salvar os nobres que vivem aqui, Saeris. Incutir neles algum tipo de bússola moral, ainda que tardia. Sei que espera erradicar a horda e enterrá-los eventualmente, depois de dar à corte algum tempo para se acostumar com a ideia. Além disso. . tento não me envolver com a política dos regentes, Vossa Alteza.” Sua voz não demonstrava emoção, mas a leve reverência que me ofereceu dava a impressão de que estava sendo *muito* sarcástico. “Sou apenas um humilde Lorde da Meia-Noite. Seria impertinente da minha parte questionar os motivos de nossa estimada rainha.”

Eu estava ofegante e com uma dor aguda na lateral do corpo quando chegamos ao topo da escada.

Quinhentos e setenta e três degraus. Foi até aí que eu tinha chegado antes de desistir de contar e me concentrar na minha respiração; aparentemente, nem mesmo os meio-vampiros possuem uma fonte inesgotável de energia.

“Por que diabos.. vocês sempre insistem em. . tornar suas bibliotecas tão. . difíceis de acessar?”

Tal não estava tão ofegante quanto eu, mas foi gratificante ver que ele não estava totalmente imune aos efeitos da subida. “Na verdade, é uma tradição das fadas. Malcolm rejeitou a maioria das antigas convenções quando percebeu o que havia se tornado, mas essa era uma que ele mantinha. Nossos anciãos consideravam o conhecimento um recurso sublime. Eles decidiram que quanto mais perto

dos céus o conhecimento reunido por uma corte pudesse ser guardado, melhor. Também havia a ideia de que quanto mais se esforçasse para obter o conhecimento desejado, mais se conquistava o direito de se beneficiar dele. Portanto. .” Ele gesticulou para as portas laqueadas de cinco metros e meio de altura à nossa frente. Eram pretas com painéis folheados a ouro; duas serpentes sibilantes, fundidas em ouro brilhante, serviam de maçanetas, com as presas à mostra e as línguas bifurcadas para fora de suas bocas abertas.

Tal envolveu a cobra mais próxima com a mão e a usou para abrir a porta. "Este era um dos lugares favoritos de Malcolm no palácio. Mas depois de um tempo, ele passou a odiá-lo. Parou de vir, o que fez deste um dos *meus* lugares favoritos."

“Feche essa porta! *Não* deixe o gato sair!” A ordem rouca veio de longe. Fêmea? Não tinha certeza. A voz era muito áspera para distinguir. Tal fez uma careta, me

conduzindo para dentro da biblioteca; ele examinou o chão com o olhar, presumivelmente procurando por um gato que talvez estivesse tentando escapar.

Assim que entramos e a porta foi fechada, o vampiro visivelmente relaxou.

A biblioteca de Ammontraíeth era linda. Não era tão grande quanto a do Palácio de Inverno, e não havia cúpula de vidro sobre ela para exibir o céu noturno, mas isso não importava. Todas as bibliotecas continham magia. Mesmo as que não se especializavam em tais assuntos. Porque o que era um livro, senão um portal para outro reino, outra época, outra vida? Mas a magia pairava densa no ar desta biblioteca. Não era algo específico que eu pudesse definir. Não era a maneira como a luz crepuscular banhava as lombadas dos livros nas estantes. Não era como o estranho fogo verde-claro que ardia na lareira perto das janelas parecia oscilar para trás, ou para baixo, ou. . *para dentro* de si mesmo. E certamente não eram os passarinhos que voavam e mergulhavam pelo ar, zumbindo sobre a cabeça de Tal enquanto ele se aproximava da longa mesa que se estendia por todo o comprimento da sala.

“Oh. Oh, uau. Será que aquele pássaro é feito de…?” Apertei os olhos, tentando ter certeza de que não estava vendo coisas.

Tal agarrou o pequeno pássaro que estava mergulhando em direção à sua cabeça. Ele o estendeu para que eu o visse. "Papel", disse ele. "Dobrado para representar uma das espécies raras de Yvelia.

Eles se chamam observadores de estrelas."

As asas do pássaro de papel farfalharam enquanto ele tentava escapar das garras de Tal. Ele abriu e fechou o bico, bicando a mão do vampiro, claramente irritado por ter sido pego.

"Parece tão real", sussurrei.

“É real. Vive aqui, na biblioteca, entre os livros. Põe seus ovos. Cria seus filhotes. Morrerá aqui um dia.” O pássaro pareceu discordar da afirmação; bicou o dorso da mão de Tal com ainda mais força.

O vampiro estalou a língua, sorrindo suavemente enquanto erguia o pequeno abutre e abria a mão, soltando-o. Desapareceu num lampejo branco, girando em espiral entre as estantes.

“Há centenas e centenas deles lá em cima, aninhados nas vigas. Estão aqui desde que alguém se lembra. Provavelmente há mais de mil anos. Alguém dobrou casais que se acasalaram há muito

tempo e lhes deram uma faísca de magia. Eles guardaram essa magia e a transmitiram adiante, e a transmitiram novamente.”

“Mas.. como?” Parecia impossível. “São apenas *papéis* .”

Tal estava solene, deixando a cabeça cair enquanto puxava uma cadeira na ponta da longa mesa de leitura e se sentava lentamente. Ele colocou as mãos sobre o estômago, o olhar cinza-tempestade finalmente me encontrando. "Não somos todos iguais? Feitos da mesma matéria que o mar, a terra e o céu? Moldados a partir dos restos dos deuses e agraciados com uma centelha de magia que *nos torna* reais?"

Essa declaração me abalou um pouco. Ao mesmo tempo, me desestabilizou. "Você acredita que fomos criados pelos deuses? Colocados aqui por eles, como parte de um grande plano?"

Taladaius bufou. "Não, não acho. Acredito que um dia um mago dobrou um papel e criou esses pássaros." Ele deixou a cabeça cair para trás, um pequeno sorriso se formando nos cantos da boca enquanto observava os pássaros silenciosos planando e girando no alto, acima de nossas cabeças.

"Acho que foi preciso uma mente curiosa para combinar os ingredientes necessários para nos criar também. Mas é só isso. Onde quer que exista qualquer tipo de vida, *a magia* prolifera, Saeris.

Criamos todas as maravilhas deste reino apenas por estarmos presentes para testemunhá-las, e é sempre a magia que ilumina o caminho. É nisso que *acredito* ."

“Ele fala como se soubesse do que está falando”, observou uma voz seca vinda das sombras. Era a mesma voz que havia exigido que fechássemos a porta.

O sorriso de Tal se tornou melancólico quando ele se virou para encarar a mulher que mancava ao sair das pilhas de entulho. Ela estava curvada, com as costas arqueadas e os ombros erguidos até as orelhas. Rugas profundas marcavam seu rosto. A mecha de cabelo que flutuava ao redor de sua cabeça era tão branca

quanto a neve fresca que cobria Omnamerrin. Eu só a vira uma vez antes, na minha coroação.

Os olhos de Algat estavam retraídos, negros e vítreos como as paredes de obsidiana do palácio. Eles passaram por cima de Taladaius enquanto Se ela não encontrou nada de importante onde ele estava sentado, fixou o olhar em mim com uma intensidade surpreendente. Mancando, desceu as escadas e atravessou a biblioteca, agarrando-se ao encosto de uma cadeira enquanto, lenta e resmungando abertamente, se ajoelhava à minha frente. "Que *honra* , minha rainha", disse ela com a voz rouca.

"Uma visita da nossa nova regente. E tão elegantemente vestida também."

Ela não escondeu o sarcasmo; foi uma alfinetada sem sutileza. Aparentemente, minhas roupas de couro de combate eram de mau gosto. Minhas botas estavam enlameadas e gastas. Mas esta era a Senhora da Meia-Noite que me obrigara a me alimentar de Fisher diante de toda a corte. Ela também era aquela de quem meu companheiro me alertara para ter mais cuidado. Eu não dava a mínima para o que ela pensava das minhas roupas ou do estado das minhas botas. Ela teve sorte de eu não tê-la obrigado a limpá-las enquanto estava lá embaixo.

Ela sorriu para mim, exibindo caninos amarelados e rombudos. "Eu sabia que você acabaria chegando aqui. Estava te esperando."

"É mesmo?" Minhas palavras ficaram rígidas como gelo. Eu gostava de muito pouco naquela velha.

Principalmente do jeito como ela me olhava enquanto coçava o dorso da mão.

“Sim, sim. Posso me levantar agora, criança? Meus ossos velhos não gostam da corrente de ar aqui embaixo.”

Teria sido mesquinho dizer não. Relutantemente, dei-lhe um aceno rígido com a cabeça. "Pode se levantar."

“Obrigada, Vossa Majestade. Minha *mais profunda* gratidão.” A velha nem sequer hesitou ao se levantar do chão e saltar para longe, repentinamente ágil como um cordeiro recém-nascido. “Como eu estava dizendo, estava esperando por sua chegada. Afinal, o senhor *está* com fome.”

A acusação fez os pelos da minha nuca se arrepiarem. "Não, não sou."

“Ah, sim. Sim, você está. Sinto sua fome pulsando como um coração o tempo todo.”

"Não preciso alimentá-la", eu disse a ela em tom seco, mas ela balançou a cabeça, com as bochechas tremendo.

“Não por sangue, Matador de Reis. Por informações. Por um lar. Por *libertação* .” Ela gargalhou ao pronunciar a última palavra, como se fosse algo obsceno, algo de que se envergonhar. “Sinto sua fome a todo instante”, continuou. “Insaciável, você é. Sempre *desejando* .”

Me virei para Tal. "Foi para isso que você me trouxe aqui? *Era* assim que você achava que ia me ajudar?"

O vampiro abriu os braços, suspirando. "Às vezes o remédio tem um gosto ruim, Saeris."

“Como *ela é* o remédio?”

“Eu sou o Guardião dos Registros, criança”, disse Algat com desdém. “Conheço todos eles melhor do que eles mesmos. Há livros nesta sala que você gostaria de conhecer. Está ao *meu* alcance facilitar uma apresentação.”

Minha espinha enrijeceu. "Esta biblioteca não tem nenhum livro sobre Alquimia", eu disse.

As sobrancelhas de Algat pareciam ter desaparecido há muito tempo, mas a área de pele onde elas costumavam estar subia até o alto de sua testa. "É mesmo?"

“Sim. Belikon limpou todo o reino de qualquer informação relacionada aos Alquimistas e ao seu poder.”

A velha senhora me lançou um olhar muito sério, acenando com a cabeça sabiamente, mas não conseguiu manter a expressão; caiu na gargalhada antes que eu terminasse de falar. “Oh, criança.

Você ainda *é* muito ingênua. Já terminou de mamar na teta da sua mãe ontem?”

“Algat”, disse Tal em tom de advertência. “Lembre-se com quem você está falando.”

A mulher lançou um olhar fulminante para o Lorde de cabelos prateados. “Minha memória é tão afiada quanto a sua, e até mais, espectro. Sei exatamente com quem estou falando. Matador de Reis.

Fim do Dia. A Última Maré. Quebrador de Nomes—”

"Chega!" Tal bateu com o punho na mesa. A anciã interrompeu seu discurso, um fio de saliva escorrendo de seu lábio superior. Ela encarou Tal por um segundo, o rosto inexpressivo, mas o ar ficou subitamente parado, carregado de uma tensão palpável.

Tal a manteve em seu campo de visão. Ele *não* desviou o olhar.

“Muito bem, então!” Algat bateu palmas, surgindo de repente do outro lado da mesa. De onde diabos ela tinha *vindo* ? Eu não a tinha visto se mexer. Ao se virar, seu corpo se moveu de forma brusca e antinatural, causando arrepios. “Belikon De Barra! Belikon De Barra!” ela cantava com uma voz infantil e aguda, completamente diferente de seu coaxar anterior. “O rei das Fadas Yvelianas jamais cruzou o limiar de seu domínio, *minha rainha* ”, disse ela em tom de deboche. “Meu pai proibiu.

Aquele velho sapo venenoso jamais tentou se encontrar com *meus* livros. Eles estão intactos.”

Eu não queria que ela soubesse o efeito que essa notícia estava tendo em mim, mas não fui rápido o suficiente. A mulher curvada ouviu meu pulso acelerar e um sorriso perverso surgiu lentamente em seu rosto.

“Meu pai era um mecenas dos alquimistas. Ele apoiava seus ofícios. Os incentivava. Onde outros viam apenas perigo, Malcolm de Sanasroth via poder.”

“O que você quer dizer com perigo?”

“Ah, sim. Um alquimista é algo *perigoso* . Ninguém nunca lhe disse o que você é? Ninguém lhe disse por que Belikon e sua preciosa Rainha Madra caçaram e assassinaram todos os de sua espécie?”

"Algat." Tal não elevou a voz desta vez, mas não precisava. A única palavra ecoou pela biblioteca com a força de um trovão. Algat deu um pulo, o brilho selvagem em seus olhos se apagando enquanto ela se encolhia, abaixando a cabeça para longe do vampiro. Eu também senti: uma força esmagadora contra as minhas costas. um pescoço que me queria curvar, ajoelhar, rastejar para o homem sentado na ponta da mesa. Foi apenas pela força de vontade que não me ajoelhei. "Chega de joguinhos", disse Tal. "Ela quer entender quem é e do que é capaz. Não precisa ficar apavorada durante o processo.

Você vai ajudá-la a descobrir os fatos e nada mais—"

Um vulto de sombra se formou no ar à minha frente, ganhando forma. O borrão escureceu, desceu e, quando tocou a superfície da mesa de leitura, havia se transformado em um gato. Um gato preto, para ser preciso, com olhos vermelhos brilhantes.

Ele me encarou com um olhar leonino que me lembrou de outros felinos, muito maiores, que eu havia encontrado nas dunas da minha terra natal, e um arrepio de pânico percorreu minha espinha.

"De onde diabos veio isso?", sussurrei, sem fôlego.

“ *Esse* é o Guru”, disse Algat, contrariada. O controle que Tal exercia sobre ela estava agora rompido; ela lançou um olhar fulminante para o outro vampiro enquanto se arrastava até a outra ponta da mesa e começava a acariciar o gato agressivamente com uma mão nodosa.

O gato *estava* lá. Ela estava *acariciando* -o.

“Ele mantém os ratos e *outras* pragas afastados”, disse ela significativamente, lançando mais uma vez um olhar fulminante para Taladaius. “Ouvi dizer que você tem uma raposa branca morando em seus aposentos, Matador de Reis. Eu não a deixaria solta por aí, se fosse você. Guru não gosta de canídeos de *nenhuma* espécie.”

Eu havia decidido manter Onyx em meus aposentos justamente por esse motivo. Não fazia ideia de em que tipo de encrenca ele poderia se meter no Palácio Negro, e também não pretendia descobrir.



Guru parecia bastante agradável, mas mesmo assim. . O gato jogou a cabeça para trás e semicerrrou os olhos, apreciando a atenção enquanto Algat o acariciava, com o rabo balançando para os lados.

Taladaius estremeceu. "Tenho outros assuntos a tratar, Saeris", disse ele, levantando-se rigidamente.

"Algat se comportará e fará Ela estará à sua disposição pelo tempo que você desejar ficar aqui e conduzir sua pesquisa. Certo, Algat?”

A fêmea apenas cheirou.

Meu criador — ele ainda *era* meu criador, pelo menos por enquanto — saiu de cena, deixando-me com a velha e o gato.

Algat havia tirado um pires de suas saias esfarrapadas e estava despejando um fio fino de leite de uma jarra nele quando a encarei novamente. "Não pense", disse ela, "que só porque aquele espectro me ordenou a ajudá-lo, não haverá custo associado ao trabalho, Alteza."

Resmunguei. "Nem pensar. Mas eu *sou* a sua rainha. Isso não significa nada?" Havia algo perturbador na maneira como a fêmea se movia, como uma aranha que se movia rápido demais. Eu não gostei.

Enfiando uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha caída, a mulher resmungou baixinho. "Até uma rainha precisa pagar suas dívidas, Alteza. *Principalmente* uma rainha."

Guru baixou a cabeça e cheirou delicadamente o pires de leite. Soltou um miado, demonstrando desagrado, virando-se e eriçando os pelos.

“E quanto me custará a sua ajuda esta noite?” Meu tom foi ríspido, mas eu estava cansado daquela velha mulher. Não havia tempo para ela ser *propositalmente* difícil.

Ela sorriu, como se estivesse arrancando os pensamentos da minha cabeça e não se importasse nem um pouco com a minha impaciência. "Vamos lá. É verdade que você não reina nesta corte há muito tempo. Mas já deveria saber que o preço da maioria das coisas é *sempre* o sangue."

O carmesim se misturava ao branco, o sangue rodopiando em meio ao leite.

Apenas cinco gotas.

Era só isso. Eu havia observado cada lágrima rubi tremer e cair da ponta do meu dedo indicador com metade da atenção de Guru, que parecia pronto para atacar e começar a lamber meu sangue direto do furo no meu dedo a qualquer momento.

Agora, sua língua rosada raspava o conteúdo do pires com fervor, um ronronar grave e estridente escapando de sua garganta enquanto ele bebia.

“Ele gosta do seu sabor”, observou Algat, com as mãos na cintura.

“Isso é *realmente* perturbador.” Tínhamos gatos em Zilvaren. As pessoas os mantinham pelo mesmo motivo que Algat mantinha Guru na biblioteca: eles eram excelentes caçadores de ratos. Mas, na minha opinião, gatos não eram bons animais de estimação. Não se podia confiar neles. Pelo menos um cachorro era leal o suficiente para morrer em solidariedade se seu dono morresse

repentinamente em casa. Eu já tinha ouvido muitas histórias de gatos que devoravam o rosto de seus donos nessas circunstâncias.

“Guru é muito exigente”, observou Algat, olhando com orgulho enquanto o felino esvaziava o pires.

“Ele não bebe de qualquer um.”

"Sinto-me honrado", disse eu, secamente.

Algat *resmungou* : "Você deveria estar. Agora. Livros. Estou me sentindo muito generoso esta noite.

Cinco gotas de sangue equivalem a um livro inteiro."

“Nossa! Você tem razão. *Que* generosidade!”

“Considere-se com sorte. Normalmente, eu só liberaria algumas páginas. E elas estariam em alquimerano. Presumo que você não leia, escreva ou fale o idioma do seu povo?”

Meu Deus, eu queria dar um soco nela. "Não."

“Hum.” Ela dilatou as narinas, demonstrando pouco interesse. “Como eu disse. *Que sorte* .”

Algat desapareceu entre as estantes, e eu permaneci onde estava, recusando-me a segui-la para as sombras. Guru continuou ali, empoleirado na beira da mesa como uma gárgula de olhos vermelhos, me encarando como se Ele estava tentando *extrair* mais sangue de mim. Só Deus sabe por que eu fiz isso, mas apertei a ponta do meu dedo sobre o pires vazio, fazendo com que mais duas gotas caíssem no prato para ele. O gato se atirou sobre o sangue oferecido como se estivesse faminto, fazendo um som estranho de gorgolejo enquanto lambia o pires até ficar limpo pela segunda vez.

“Aqui estamos nós—” Algat olhou para mim. “Diga-me que você não lhe deu sangue puro?”

"Eu fiz."

“Ótimo.” Ela bateu com as mãos na cintura e uma nuvem de poeira se levantou de suas saias. “Ele vai ficar acordado perseguindo os pássaros e uivando por horas agora.”

Ótimo. Espero que ele continue assim o dia todo , pensei.

Algat bufou. "Ora, ora, você é a pessoa mais grosseira que existe!"

Porra. Ela me ouviu? Como diabos ela me ouviu?

“Porque ouvir as coisas é a minha habilidade especial, criança. E você bem que poderia estar gritando seus pensamentos a plenos pulmões, do jeito que os projeta.”

Maravilha. Então não era só com Fisher que eu tinha que ter cuidado agora. Eu também tinha que ficar de olho nessa velha bruxa. "Há alguma maneira de eu impedir você de vasculhar minha mente?", perguntei, carregando a pergunta com toda a autoridade que consegui reunir.

Eu não fazia ideia se a mulher respondeu porque era obrigada ou porque queria. "Você pode me mandar não fazer isso", disse ela. "Mas eu recomendo fortemente

que não faça. Você nunca sabe quando pode precisar que eu ouça seus pensamentos."

Sim. Eu nunca precisaria *que* ela ouvisse meus pensamentos. "Ordeno que você nunca mais ouça meus pensamentos ou invada a privacidade da minha mente, Senhor da Meia-Noite. Ordeno que você nunca mais leia ou invada as mentes dos meus amigos ou da minha companheira."

A vampira sibilou, mostrando as presas, e o ar de repente ficou muito frio. Guru arqueou as costas, com os pelos eriçados. Ele imitou seu mestre, sibilando, e então saltou da ponta de. . A mesa,

transformando-se numa poça de sombra que se estendia pelo chão e se fundia com a grande sombra projetada por uma imponente escrivaninha.

“Você chega com a mão estendida, pedindo ajuda a Algat, e depois amarra as mãos *dela* atrás das costas?”

"Se você se tornar um problema, não vou apenas amarrar suas mãos." Não era uma ameaça.

Ameaças não fariam essa mulher se curvar à minha vontade. Era um fato, nada mais. "Gostaria de ver esse livro agora. Não tenho a noite toda a perder com isso."

“Parece-me que esta deveria ser a única coisa em que você está se concentrando agora”, observou a mulher. Seus olhos percorreram meu corpo e se fixaram em minhas luvas — e nas runas brilhantes que queimavam através do couro.

Rapidamente, escondi as mãos atrás das costas, sentindo um arrepio de alarme percorrer minhas omoplatas. "O livro, Algat. Por favor." Seria deselegante dizer "por favor"? Provavelmente não era típico de Sanasroth em geral, mas fiquei surpresa quando o olhar severo da mulher suavizou um pouco.

“Só um instante”, disse ela, com rigidez. “Se Guru voltar, farejando mais sangue enquanto eu estiver fora, não lhe dê nada. Ele já teve mais do que o suficiente, obrigada.”

Ela não tinha com o que se preocupar nesse aspecto. Eu não ia abrir a porta para o gato de novo.

Algat desapareceu entre as estantes, e eu passei o tempo seguinte inspecionando o teto da biblioteca.

As estrelas eram um mito em Zilvaren. Ouviam falar de luzes estranhas no céu, brilhantes como milhões de diamantes, mas sem qualquer ponto de referência, eu nunca conseguira imaginar como seriam. O que eu havia formado na minha mente estava muito aquém da realidade. O céu de Zilvaren era um vazio, pontuado por duas bolas de luz incandescentes e implacáveis. Mas o céu noturno em Yvelia era.. Espetacular. A imensidão cintilante parecia distante e presente ao mesmo tempo, como se eu pudesse estender os dedos e tocar o universo inteiro. O que sempre me parecera vazio agora fervilhava de luz e promessa. E havia mundos lá fora. Um número incompreensível de reinos.

Quem quer que tivesse pintado o céu noturno no telhado da biblioteca de Ammontraíeth era um mestre em sua arte. Era notável o que haviam conseguido com um pouco de tinta e folha de ouro.

Era tão real. Se eu apenas estendesse a mão para cima—

Não emiti nenhum som ao ser arremessado para o lado.

Eu não tive tempo.

O projétil me atingiu nas costelas, impactando com uma força impressionante.

Eu caí no chão com tudo, sem entender por uma fração de segundo o que estava acontecendo. E

então eu estava me movendo.

Minhas adagas estavam em minhas mãos.

Eu me contorcia sob o peso violento que tentava me prender ao chão.

Preto, cinza e veios dourados preenchiam minha visão.

“Sai *de cima de* mim!”

Mas a criatura selvagem — o macho de cabelos escuros e olhos azuis furiosos — não me largou. Ele mostrou os dentes, exibindo presas douradas e entalhadas

enquanto tentava me morder, tentando arrancar minha garganta.

"Você está acabada", rosnou ele. Tão confiante. Tão amaldiçoado pela certeza de si mesmo. Ele tentou me agarrar, prendendo meus pulsos com sua mão enorme para imobilizar minhas mãos acima da minha cabeça.. mas cometeu um grave erro. Presumiu que eu não ofereceria resistência.

Ele estava em cima de mim — um problema muito sério. Resolvi a situação da melhor maneira que sabia. Foi uma jogada suja, mas atacar alguém pelas costas e pegá-lo desprevenido também era.

Levantei o joelho com força e acertei-o em cheio nos testículos.

O vampiro se imobilizou, ofegante, mas não me soltou. Não completamente. A breve brecha em seu aperto me deu espaço para puxar uma das mãos, porém. Levei apenas dois segundos para encontrar a adaga que havia deixado cair quando ele me imobilizou. Não hesitei ao cravar a ponta da lâmina em sua lateral, para cima, entre as costelas.

O vampiro estremeceu, recuando. "O quê. .?" Ele olhou para baixo, confuso. "Eu.. "

"Eu te esfaqueei", cuspi. "Agora vou puxar a lâmina e ver você sangrar."

Seus olhos se fecharam quando eu fiz isso. O sangue não jorrava dos vampiros como jorrava dos vivos. Ele escorria, escapando com a perda de pressão. Eu o senti, abrindo caminho pelas frestas do meu couro, encharcando minha camisa por baixo e umedecendo minha pele. Era estranhamente frio, mas pelo menos não tinha o mesmo cheiro forte de um vampiro alimentador. Cheirava a ranço.

Estranho. Desagradável.

“Prata. .”, o vampiro sussurrou com dificuldade. “Essa lâmina nunca foi.. de prata.” Ele cambaleou para o lado, caindo no chão com um baque e rolando de costas.

Eu estava livre.

Levantei-me num pulo, pronta para esfaquear aquele desgraçado de novo se ele sequer levantasse um dedo na minha direção. Ele ainda encarava a lâmina na

minha mão — aquela que Fisher me dera para usar na minha coroação. Examinei-a e então a ergui para que meu agressor a visse. "Ponta de prata. Não vai te matar, mas você não vai gostar das próximas horas. Apropriado", ofeguei, "já que você acabou de tentar *arrancar minha garganta* . Agora, quem diabos você pensa que é? E por que tentou me matar?"

Mas o vampiro não teve tempo de responder. Antes que pudesse, as runas entrelaçadas no dorso da minha mão direita se iluminaram como um sinalizador, e uma dor insuportável percorreu meu braço.

Oh, céus, não. .

A biblioteca estava repleta de luz.

Eu não tinha controle sobre a onda de poder que subiu, subiu, subiu.. e então *saiu* da minha mão em uma onda de choque branco-azulada.

A escrivaninha à minha frente *desapareceu* . Estava lá, e de repente sumiu. Depois, a estante atrás dela, com todos os seus livros encadernados em couro. Sumiram. O sofá de couro perto da janela,

sumiu. A parede, com o retrato de Malcolm sorrindo de forma presunçosa para fora da moldura..

sumiu .

O vento assobiava na biblioteca, uma nuvem de poeira e pedra pulverizada rodopiando no ar como neve fina. O frio se insinuou e envolveu minhas botas, subindo pelas minhas pernas, até os ossos, fazendo-me estremecer enquanto eu contemplava o que tinha feito.

Havia um buraco de seis metros na lateral de Ammontraíeth.

E *eu* o havia colocado lá.



15

VORATH

MARTIM-PESCADOR

"Juro pelos quatro ventos que não queria ajudá-lo. Ele me *obrigou* !"

Carrion alcançou o arrombador de cofres rapidamente. O outro homem não estava em sua melhor forma física, como se constatou, e Swift era ágil.

“ *Você* conhece o Eric”, disse Vorath Shah, erguendo as mãos. “Ele pode ser bem persuasivo quando quer.”

Se Carrion não parasse, ele quebraria o pescoço do humano ou cortaria suas vias respiratórias até que ele desmaiasse. Coloquei a mão no ombro de Swift, erguendo as sobrancelhas quando ele olhou para mim.

“Você pode dizer a ele o quão mau ele é mais tarde. Descubra onde está a prata.”

Estávamos dentro da loja do humano. Descobrimos que ele não era apenas um arrombador de cofres. Era também um comerciante. Um fornecedor de todo tipo de mercadoria bizarra e interessante. Havia pequenas cabeças em potes nas prateleiras. Uma vasta gama de pós e ervas trituradas em pequenos recipientes de vidro. Ossos amarrados em cordas e atados em formatos estranhos que pareciam *runas* . Tudo estava coberto por uma fina camada de areia.

O ar estava impregnado com o aroma de especiarias desconhecidas, mas não desagradáveis. Prestei pouca atenção aos detalhes do ambiente. Além de saber

quantas entradas a loja tinha e onde ficavam, o resto era irrelevante. A prata era tudo o que importava.

Pela quinta vez em cinco minutos, os olhos escuros de Shah se voltaram para mim. Ele estava desconfiado de mim, isso era evidente. O motivo de seu interesse, porém, era menos claro.

"Não sei onde o Eric levou tudo isso", disse Shah apressadamente. "Ele é paranoico. Você sabe que ele jamais contaria a ninguém onde pretendia guardar tanto capital."

"Argh." Carrion bufou. "Já estou farto desta conversa. Eric é a pessoa mais preguiçosa e arrogante do Terceiro. Ele jamais teria transportado esses baús sozinho. Esse tipo de trabalho braçal é indigno dele. E ele não teria chamado ninguém para lidar com isso, porque você tem razão, ele *é* paranoico.

O que significa que ele *te convenceu* a transportar tudo. Isso também significa que isto", disse ele, gesticulando para o humano, pressionado contra o balcão de sua própria loja, "é inútil, e você está me fazendo perder tempo. Cadê meu dinheiro, Vorath?"

Mais uma vez, Shah olhou para mim e estremeceu.

Eu estava usando armadura, mas ele não conseguia ver. Eu estava sob o efeito de um feitiço de disfarce. Ele estava me olhando de um jeito estranho por algum *outro* motivo, e isso despertou meu interesse.

"Se eu disser onde ele está, estarei do *seu lado* ", exclamou Shah, ofegante. "Se eu não disser onde ele está, estarei do lado *dele* . Vocês dois estão completamente malucos. Como vou decidir qual de vocês devo irritar?"

"Ah, você definitivamente deveria irritar quem não está aqui", sugeriu Carrion. "Ou quem *está* aqui vai arrancar suas unhas."

“Sim, consigo ver a sabedoria nisso”, disse o humano. Ele fechou os olhos com força quando Carrion apertou o aperto. tinha em sua garganta. "Não quero reclamar, Carrion, mas seu cotovelo está me incomodando nas costelas."

Shah não estava tão assustado quanto deveria. Sabia que poderia haver alguma dor no caminho à sua frente, mas não se preocupava com consequências reais.

Não vindas de Carrion. Mas *eu* era uma incógnita. "Apenas mate-o e acabe com isso", eu disse, fingindo tédio.

O arrombador de cofres começou a agitar os braços e as pernas. "Não! Não, você não precisa fazer isso. Eu. . eu vou te contar. Está tudo bem. Você só precisa entender que o Terceiro não é o tipo de lugar onde você pode simplesmente trair alguém e sair impune."

Shah havia enganado muita gente em sua época. Meus instintos raramente falhavam. Havia algo de suspeito naquele ser humano. Ele era mais esperto do que aparentava. Sua mente trabalhava a mil por hora.

“Não posso dizer onde Eric levou seu dinheiro, mas *posso* mostrar”, disse ele.

"E por que diabos eu ia querer você nessa aventura? Já não tem a menor graça", disse Carrion, lançando-me um olhar nada sutil.

“Porque sou útil. Porque quero compensar—” Ele tossiu, lutando para engolir com o antebraço de Carrion pressionando sua traqueia. “A culpa de ter fugido agora é sua. Você sabe como é. Entrei em pânico. Me desculpe, Carrion. Vamos lá. Somos *amigos* .”

Esse homem não tinha amigos.

Se eu estivesse certo sobre ele, então ele tinha um monte de lixo onde despejava os corpos de suas vítimas, mas guardei meus pensamentos para mim mesmo.

Carrion recuou, aliviando um pouco a pressão na garganta de Shah. Seus olhos azuis claros se voltaram para mim. "Bem? Vamos deixá-lo nos escoltar até a mercadoria ou não?"

"Eu digo que devemos torturá-lo até descobrirmos a localização e depois nos livrarmos dele."

Polegar.

Polegar.

Polegar.

O pulso de Shah estava extremamente lento. Não acelerou em nenhum momento, enquanto ele fingia entrar em pânico novamente. "Não! Eric armou armadilhas. Você vai precisar de mim se quiser passar por elas!"

Por que ele queria tanto vir conosco? Imaginei que só havia um jeito de descobrir. "Tudo bem. Ele pode vir. Mas ele é *seu* animal de estimação, Swift. Certifique-se de mantê-lo na coleira curta."

Já era manhã. Ou pelo menos eu *achava* que era. Era impossível ter certeza. "Peguei emprestado" um cachecol cinza enorme do humano e o usei para proteger minha cabeça do sol e dos olhares curiosos do Terceiro enquanto caminhávamos pelo corredor, odiando silenciosamente a sensação do suor escorrendo pelas minhas costas.

Carrion mantinha a cabeça baixa, acompanhando o fluxo das ruas movimentadas. Seus ombros estavam relaxados, seu andar tranquilo e descontraído, mas seus olhos percorriam os rostos das pessoas que passavam por nós. Sua mão repousava casualmente ao lado do corpo, mas seus dedos roçaram seu quadril, onde eu sabia que uma adaga estava presa à sua cintura, escondida sob a camisa.

Ele estava pronto.

Se tivéssemos que fugir, ele não precisaria que disséssemos duas vezes. Se tivéssemos que lutar, aquele aço estaria em sua mão num instante, e ele não teria medo de usá-lo.

Com um pouco de pesar, guardei a observação para analisá-la mais tarde.

Shah era inquieto como um furão. Três metros à nossa frente, ele se movia entre a multidão como um peixinho nadando contra a correnteza. Eu ficava de olho na nuca dele, determinado a não deixá-lo escapar de nós em meio à multidão.

"O que todas essas pessoas *estão fazendo* aqui fora?", murmurei. "Elas não têm casas? Trabalho?"

Ao meu lado, Carrion deu uma risada amarga, com desdém. "Eles estão a caminho do portão da ala para pegar a ração de água do dia. Se não chegarem cedo, não vai sobrar nada e terão que esperar até amanhã."

Uma coisa era saber que Madra mantinha seu povo sob seu jugo, deixando-os com sede. Ver isso em ação era completamente diferente. Os humanos que se arrastavam em direção à entrada do bairro estavam sujos, com roupas esfarrapadas. Muitos deles eram magros como palitos, com os olhos fundos nas órbitas. Mas.. havia sorrisos em seus rostos. Eles riam e se xingavam enquanto buscavam água *suficiente* para sobreviver até o dia seguinte. Suas casas eram pouco mais que ruínas.

Eram espancados e oprimidos a cada passo. Mal tinham comida para alimentar seus filhos, e isso se tornara *normal* . Eles haviam aceitado. Encontraram uma maneira de lidar com a situação. Diante da miséria absoluta, construíram vidas para si mesmos e para sua comunidade. Eles ainda não estavam derrotados.

Ao nos aproximarmos do muro que separava o Terceiro Distrito dos outros, Vorath Shah virou bruscamente à esquerda e passou entre um prédio baixo e robusto e uma torre alta. O espaço entre os dois prédios era tão estreito que mal cabia a largura dos meus ombros. Ao entrar no corredor estreito, seguindo-o, tive certeza de que o veria disparar, mas não. Shah estava ali, esperando por nós, a poucos passos da entrada do beco.

“Há uma porta lá na frente, na parede. Você precisa abri-la, Carrion.”

Swift passou por mim espremido, sem a menor preocupação em pisar nos meus pés. "Você consegue arrombar um cofre, Vorath. Por que precisa que *eu* abra uma porta simples?"



“Porque não é uma porta simples. Você verá por si mesmo. Você verá.”

Momentos depois, estávamos em frente à tal porta, e o problema de Shah ficou evidente. Não havia maçaneta. Não havia fechadura. Não havia tranca. Na verdade, a parede era tão lisa e sem detalhes que era quase impossível perceber que havia uma porta ali. Se não fosse pela fina fenda oblonga na pedra arenosa, até eu não a teria notado. Shah estendeu as mãos num gesto universal, como quem diz " *Viu o que eu quis dizer?"* .

Carrion franziu a testa, passando a mão pela costura. "Como você entrou aqui estando com o Eric?"

“Ele tem uma chave especial. Ele a encosta na parede e a gira para a esquerda. Ela se abre sem fazer barulho.” O espanto na voz de Shah era evidente para todos. “Não sei como ele tem acesso a objetos encantados. Só sei que não foi de mim que ele os recebeu.”

Será que Carrion sabia que aquele truque de mágica do Eric não era mágica nenhuma? Pelo jeito que ele bufou, levando a mão à adaga escondida debaixo da camisa, parecia que sim.

“Me dê espaço”, murmurou ele. A lâmina reluziu quando a desembainhou e a encostou na parede.

Ele inclinou o corpo, bloqueando seus movimentos em relação a Shah.

"O que você está fazendo?" O arrombador de cofres ficou na ponta dos pés, tentando espiar por cima do ombro de Carrion.

Os olhos de Carrion encontraram os meus. Havia uma dúvida ali: *Devo contar a ele?* Dei de ombros, indiferente.

“Não é mágica, Shah. É só um ímã muito grande.” Carrion deslizou sua adaga pelo meio da porta, sorrindo satisfeito quando o metal *prendeu* o metal do outro lado, e começou a arrastá-la para a esquerda. Surpreendente, na verdade. A adaga era feita de aço feérico. O ferro havia sido refinado e temperado com outras ligas para torná-la forte. Acontece que o aço feérico *era* altamente magnético.

"O que é um ímã?", perguntou Shah.

“Eu te conto depois. Não há tempo para isso agora. Temos prata para coletar.”

Enquanto Carrion falava, o enorme bloco de arenito saltou para fora e se abriu, revelando uma passagem escura além.

“O campanário é o ponto mais alto do Terceiro. Há uma escada aparafusada na parte externa, mas não há porta”, tagarelava Shah. “Durante toda a minha vida, sempre presumi que fosse uma estrutura sólida, mas não. Veja tudo isso. Salas e mais salas. Todas vazias, mas ainda assim.

Perguntei a Eric como ele descobriu tudo isso, mas ele não quis dizer.”

Ele nos guiou pela escada em espiral interna que subia pelo centro da torre do sino. Sem janelas, o interior do prédio estava completamente escuro, mas Shah estava preparado. Ele havia distribuído pequenos frascos cheios de uma substância verde brilhante que se parecia muito com luz diurna concentrada e líquida. Nós três seguramos os frascos no alto enquanto subíamos, usando-os para iluminar o caminho. Eu conseguia enxergar perfeitamente bem no escuro. Suspeitava que Carrion também conseguisse, já que aquela escuridão não era causada pelas minhas sombras — eu teria que

me lembrar de perguntar a ele sobre isso mais tarde —, mas ainda assim carregávamos os frascos por questões de aparência. A luz pintava as paredes com uma cor doentia, iluminando teias de aranha espessas e os ossos de pequenos roedores que cobriam a escada.

Quando estávamos, pelo que eu presumi, na metade da escada, Vorath avisou: "Cuidado onde pisa".

Um esqueleto jazia estendido nos degraus, os ossos corroídos pela idade. À primeira vista, presumi que fossem os restos mortais de um humano, mas logo percebi meu engano. Os caninos do cadáver eram muito compridos para pertencerem a um ser humano.

Carrion também viu os dentes da fada morta. Ele olhou por cima do ombro para mim, erguendo uma sobrancelha, seu perfil tingido de verde pálido.

Uma sensação de inquietação se solidificou no meu estômago. À medida que subíamos a torre do sino, essa sensação se tornava mais pesada, mais opressiva, instalando-se como uma pedra dentro de mim. Houve um tempo em que eu poderia ter atribuído uma sensação como essa à paranoia ou ao excesso de cautela, mas aprendi a lição no labirinto. Minhas armas eram afiadas, mas minha intuição era ainda mais. Ela nunca me enganou. Meus nervos estavam à flor da pele quando finalmente avistei o arco aberto no topo da escada.

Parei abruptamente, levando a mão às minhas adagas e a um punhado de sombras. "Carniça."

Mais à frente, o contrabandista estava a apenas alguns passos atrás de Shah. O homem mais baixo esperava no arco escuro, as sombras dramáticas do frasco de luz verde distorcendo suas feições em uma máscara horrenda enquanto se virava para nos encarar. "É logo ali", disse ele.

"Carniça", rosnei.

O contrabandista parou no penúltimo degrau, virando-se para olhar para mim. "O que é isso?"

“Terminamos por aqui”, eu lhe disse.

"Hum, não, não é?" Ele parecia incrédulo. "Não conseguimos o que viemos buscar."

“Encontraremos a prata de outra forma.”

“Do que você está falando? Este é *o meu* dinheiro. Estes são *os meus* bens. Eu tenho o direito de reivindicá-los. Por que complicaríamos as coisas para nós mesmos?”

"Se você entrar naquela sala, Swift", eu disse calmamente, "você não sairá dela."

“O que você quer dizer com—”

Mas o arrombador de cofres não lhe deu a oportunidade de mudar de ideia; agarrou Carrion pelo braço e o puxou. Subindo o último degrau. "Desculpe, Carrion", disse ele. "Eu sou seu amigo. . mas *ele* ainda está com fome."

“Quem está com fome?” Swift tropeçou no último degrau, caindo para a frente, passando por Shah, que se afastou de Carrion, encostando as costas no arco. As mãos de Carrion bateram no chão, seu torso cruzando a fronteira para dentro da sala além. .

. .e nada aconteceu.

Swift praguejou ruidosamente, encarando Shah com raiva. "Que diabos há *de errado* com você, Vorath?"

O som começou suavemente.

Então, transformou-se num *zumbido* .

"O que é aquilo?", perguntou Carrion, com os olhos percorrendo a escuridão.

Então se transformou em um *rugido* .

"Ele disse que era o único jeito", Shah se afastou lentamente de Carrion. "Eu não teria feito isso de outra forma."

“Vorath?” Carrion tentou se levantar, mas ao tentar ficar de pé, percebeu que não conseguia. “Por que minhas mãos estão grudadas no chão?”

Deuses existem, porra. Suspirando, subi os últimos degraus, já me arrependendo de não ter simplesmente virado e ido embora. "É uma armadilha de demônio", eu disse, olhando para o chão à frente de Carrion. Não conseguia ver nada marcando o chão da sala vazia além. Não até que chutei o frasco brilhante que Carrion havia deixado cair ao despencar e joguei por cima do ombro o que Vorath me dera. Assim que o brilho verde desapareceu, as marcas ganharam vida, brilhantes e brancas. Estavam por toda parte: runas, rabiscadas desordenadamente em uma camada de poeira secular, entrelaçadas, centenas delas. Milhares. As paredes da sala no topo da escada estavam cobertas delas. O teto. O chão também. E Carrion tinha acabado de bater as mãos bem no meio delas.

"Que diabos é uma armadilha para demônios?", perguntou Carrion com uma voz estranhamente calma.

Eu me agachei ao lado dele, semicerrando os olhos para as runas. Talvez fossem Gilarian. Gilarian antigo? Ou.. Ah. Droga. Não. Não era Gilarian.

“Por que seu rosto está fazendo isso?” Carrion puxou com força, tentando libertar as mãos do chão sem sucesso. “E por que esse barulho de água correndo está ficando mais alto?”

"Pode parar por aqui", resmunguei, levantando-me. "Você poderia cortar as próprias mãos e ainda estaria ferrado. Uma armadilha para demônios é magia antiga. Magia alquimera. E é exatamente o que parece. Uma armadilha que captura demônios."

“Então por que diabos isso *me prendeu* ?”, ele perguntou, incrédulo.

“Porque a magia tão antiga é poderosa, sim, mas deteriora-se com o tempo. Não o suficiente para ser completamente destruída. Mas pode ser manipulada. A besta que estava aprisionada aqui está usando a armadilha como uma teia de aranha agora, não é, Shah? A besta está usando-a para se *alimentar* .”

Os olhos do arrombador de cofres brilhavam com um deleite desvairado. Era *isso* que ele era — a versão de si mesmo que vinha escondendo. "Meu mestre tem um apetite *prodigioso* ", disse ele.

"O que é isso?" perguntei. "Arrangoth? Noltick? Bresheth?" Não podia ser Morthil; Morthil estivera preso no labirinto comigo durante o último século. Eu não conseguia me lembrar do nome de nenhum dos outros demônios perdidos.

Pela excitação descontrolada no rosto de Vorath Shah, eu sabia que o que quer que ele estivesse prestes a dizer seria algo ruim. “Seu nome sagrado é Joshin. Senhor do Deserto. Rei do Sonho Sombrio.”

E eu estava certo. Foi ruim. Muito, muito, *muito* ruim. "Porra."

"Alguém pode , *por favor,* me dizer que som é esse!" berrou Carrion.

Juntando as mãos, invoquei minha magia primária e minha secundária, cerrando os dentes enquanto a espada — uma réplica de Nimerelle, fundida em prata — se formava em minhas mãos.

“Escorpiões, carniça. Esse é o som de um milhão de malditos *escorpiões* .”



16

O SANGUE

SAERIS

“Quantas vezes mais eu tenho que te dizer?” protestei. “Eu não fiz isso de

propósito!”

Quando eu era criança, derreti acidentalmente a única panela da minha mãe. Eu disse a ela que a tinha deixado pendurada sobre o fogo, sem supervisão, e que tinha me esquecido dela. Claro que isso não era verdade. Eu a toquei, e o metal se liquefez inesperadamente, espirrando no chão como água.

Solidificou-se ali daquele jeito — uma poça de metal que um dia fora um dos bens mais preciosos da minha mãe. Quando ela voltou para casa e encontrou os restos da panela sobre a mesa da cozinha, sua fúria foi lendária. Fiquei sem conseguir sentar por uma semana.

Mas isto? Isto foi muito pior.

Todo o palácio estava um caos, e Algat clamava por sangue. Guru havia escapado.

Não foi a primeira vez na última hora que pensei que a velha senhora fosse tentar me colocar sobre o joelho para me dar uma surra, como minha mãe fazia. "Ele é um gato *de apartamento , Alteza* ", ela cuspiu as palavras com ferocidade. "Ele nunca pôs os pés fora desta biblioteca."

Quase ri. Guru era uma sombra, e uma sombra vai aonde bem entende, independentemente de uma porta fechada ou de uma regra. Isso não poderia ser imposto. Guru provavelmente explorou todo o palácio de cima a baixo, e se Algat não sabia disso, então ela era uma idiota.

Ela empurrou um livro na minha direção por cima da mesa de leitura. "Existem coisas muito piores do que Guru. Predadores muito maiores que o devorariam sem pensar duas vezes."

“Ele vai ficar bem, Algat. Provavelmente está sentado no telhado, observando todo mundo em pânico no pátio.”

"Ele não gosta do vento", disse a velha com amargura. "O vento o dispersa quando ele está em transição de uma forma para outra."

“Mmmfffmf mmmhhhnnn.”

Os olhos de Algat se arregalaram, transbordando de irritação. Ela cutucou o

vampiro idiota com os dentes folheados a ouro com o livro. "E o que diabos você fez com *ele* ?", exigiu ela.

“Nada que ele não merecesse. Ele me atacou. Logo, ele será acorrentado e amarrado a uma cadeira.”

Eu havia usado o pedaço de prata que Fisher me dera antes da minha coroação — aquele que ele havia amarrado na minha cintura para servir de cinto.

Algat soltou uma risada forçada. "Bem, mal posso esperar para você explicar isso ao seu pai, criança, sério mesmo. Ele vai adorar . "

Minha mão latejava loucamente. Antes, quando as runas haviam atravessado minha pele, minhas mãos se curavam instantaneamente assim que o episódio terminava. Desta vez, eu não tive tanta sorte. As pontas dos meus dedos estavam cortadas, a pele carbonizada e preta de onde a magia havia se dissipado da minha mão. Sangue escorria de cortes profundos nas minhas palmas, e minhas runas ainda estavam vermelhas e com bolhas, como se alguém tivesse acabado de pressionar uma brasa em minha pele. Estava cicatrizando, eu podia sentir que estava, mas estava demorando muito mais do que eu gostaria. Doía pra *caralho* .

“Tal não terá nada a dizer sobre eu me defender, Algat. Eu sou a rainha desta corte. Por direito, esse maluco já deveria estar morto.”

Um olhar calculista brilhou nos olhos de Algat. "Ah, *concordo* . Afinal, agredir o monarca da Corte de Sangue é alta traição. Então, por que ele *não está* morto?"

Droga. Eu meio que me meti nessa enrascada. Eu poderia ter acabado com o estranho. Eu tive a oportunidade. Eu poderia ter usado o excesso de poder nele *em* vez da parede e não ter deixado nada além de uma marca de queimadura preta no tapete. Mas matar alguém sempre foi o último recurso.

Tinha *que* ser. Mesmo que tecnicamente ele já estivesse morto. "Eu não vou simplesmente matá-lo sem interrogá-lo primeiro", eu disse em um tom entediado. "Como vou saber quem o mandou, senão?"

Um lampejo de decepção brilhou brevemente nos olhos turvos de Algat. "Então é melhor você ter tirado esse tecido da boca dele, não é? O que você enfiou lá dentro? Espera. *Essas são minhas luvas de veludo?* "

As luvas foram a primeira coisa que encontrei quando estava procurando algo para acalmar o vampiro furioso. Ele estava gritando comigo em Fae Antigo; eu não tinha entendido o que ele dizia, mas pelo sorriso de escárnio em seu rosto e pela acidez em seu tom de voz, percebi que ele não estava me fazendo nenhum elogio.

Algat contornou a mesa de leitura rapidamente e arrancou as luvas enroladas da boca do vampiro.

Ela as ergueu no ar, me encarando com desdém. "Essas luvas eram caras!"

“Peço desculpas. Vou comprar umas novas para você.”

“Tenha certeza disso!”

"Eu vou."

"Jure." A velha cerrou os dentes.

“Eu juro! Pelos deuses!”

"Você deveria ter cuidado ao fazer promessas tão levianas", disse uma voz masculina. O vampiro na cadeira não se debatia mais contra as amarras de prata. Ele suava, com a cabeça encostada no encosto, como se tivesse desistido e se resignado ao seu destino.

Quieto você!", disparou Algat.

O vampiro riu sem fôlego, deslizando a cabeça pela madeira para lançar um sorriso arrogante à mulher. "O quê, você não gosta quando interferem no seu trabalho, bruxa?"

Seus ombros se encolheram ao redor das orelhas. Ela parecia pronta para subir na mesa e arranhar o rosto dele. "Eu devia arrancar sua língua—"

“Então vá em frente. Por que não? Você já fez isso antes.” O vampiro fechou os olhos, engolindo em seco. “Ele só cresce de novo”, acrescentou, cansado.

Parei diante do estranho, cruzando os braços sobre o peito. Ele parecia ter uns trinta e poucos anos, talvez. Era consideravelmente mais velho, claro. Levaria

algum tempo para eu mudar a forma como pensava sobre o envelhecimento das pessoas por aqui.

Seus cabelos eram escuros e cortados rente ao couro cabeludo. Os fios estavam irregulares e despenteados. Seus olhos eram azul-claros com uma brilhante estrela dourada ao redor da pupila, que. . oh. Uau. Sua pupila era vertical, como a de uma cobra.

Eu não tinha percebido que ele havia se virado para mim. Também não tinha percebido o ódio em seu rosto. Não até que ele mostrou os dentes, exibindo aqueles caninos afiados e dourados novamente. "Por favor. Fique à vontade para me encarar", rosnou ele. "Pode me matar agora mesmo, a menos que queira viver olhando por cima do ombro pelo resto da vida. Não vou parar de vir atrás de você. Não até que eu tenha arrancado essa sua linda cabeça dos ombros."

Respirei fundo, balançando nos calcanhares. "Devo ser grata por você me achar bonita?"

Ele ignorou a pergunta. "O que você fez com ele?", cuspiu as palavras.

A mudança repentina de direção fez minhas sobrancelhas se erguerem rapidamente. "Ele? Eu não fiz nada com ele. Taladaius está bem. Imagino que você esteja espreitando nas sombras desde que cheguei. Você deve tê-lo visto sair—"

“Não foi o Tal. O que você fez com o *Martim-pescador* ?”

Dei um passo para trás, num sobressalto. Não esperava que o nome do meu companheiro saísse da boca do vampiro. Teria sido melhor disfarçar a surpresa, mas agora era tarde demais. O vampiro certamente havia percebido minha reação. Ele estreitou os olhos estranhos para mim, a raiva fervilhando neles enquanto se esforçava contra a corrente prateada que o prendia à cadeira.

“É verdade. Eu *sei* ”, disse ele. “Você o matou, não foi?” Uma acusação, não uma pergunta.

Analisei o vampiro de cima a baixo. "Por que diabos você pensaria *isso* ?"

“Essa adaga com a qual você me esfaqueou. Eu a conheço bem. Conheço seu dono ainda melhor, e ele não a teria separado sem lutar. Então, ou você o matou

e a pegou, ou alguém o matou e a *entregou* a você. Qual das duas opções é a correta?”

“Primeiro, eu *sou* a rainha desta corte. Não sou obrigada a dar explicações sobre mim ou sobre minhas armas a gente como *você* .” Falei devagar, com sarcasmo nas palavras. “Mas, além disso, obviamente não há a menor possibilidade de que a lâmina tenha me sido *dada* , é claro. Porque eu sou indigna, ou porque sou mulher, ou—”

"Você é um *vampiro* ", ele sibilou. "Eu consigo sentir o cheiro em você. *O sangue.* "

Limpei a garganta, encarando minhas botas enquanto pensava em como formular a próxima parte.

"Sou meio vampira, sim. Mas o único sangue que provei foi dado livremente. *Pelo meu companheiro.*

Talvez seja o cheiro do sangue *dele* que você consegue sentir em mim."

“Não me importa de quem você bebeu, ou se eles—” Ele parou de falar, com a boca aberta, ainda formando a palavra que ia pronunciar. Vi o choque percorrer seu rosto. “Não. Não, você não vai..

Isso não é *possível* ”, sussurrou ele.

“Não é?” Minhas luvas já estavam arruinadas, o couro em farrapos. Tirei-as com cuidado, tentando evitar as queimaduras. minhas palmas. Assim que as luvas saíram, levantei lentamente as mangas, revelando a intrincada arte em tinta preta que se espalhava pelo dorso das minhas mãos e subia pelos meus antebraços.

“Que diabos é *isso* ?” Algat observava nossa conversa com evidente divertimento, mas agora a alegria a abandonou. Ela apontou um dedo trêmulo para as minhas mãos. “Mulher estúpida. É um sacrilégio tatuar a pele desse jeito.”

Eu não tinha energia para explicar isso a ela. E, de qualquer forma, ela não merecia a minha verdade.

Concentrei-me no homem de olhos felinos que parecia se importar tanto com o

bem-estar de Fisher. "Você quebrou um decreto real", eu disse. "Eu decretei que nenhum membro desta corte poderia me atacar ou a qualquer um dos meus amigos, e mesmo assim você o fez. Como?"

O homem olhou para mim, atônito, seus olhos alternando entre minhas mãos e meu rosto. Ele parecia não conseguir acreditar no que estava vendo.

“Ele quebrou seu decreto porque não está sujeito a ele”, disse uma voz vinda da entrada da biblioteca.

Era Lorreth. Ele estava ofegante e desgrenhado, com os cabelos soltos das tranças e as bochechas coradas. Ele me lançou um olhar significativo ao entrar na biblioteca — o tipo de olhar que o tal Kingfisher ouviria falar sobre isso. Sua atenção se desviou para o buraco enorme na parede curva da torre da biblioteca e, em seguida, para o vampiro contido, que encarava Lorreth como se estivesse alucinando.

“É verdade, não é? Você não é obrigado a seguir as regras deste tribunal, porque nunca jurou fidelidade a ele, não é?”

O vampiro balançou a cabeça lentamente. "Não." A palavra mal saiu de seus lábios. Seriam *lágrimas* em seus olhos?

“Porque, aconteça o que acontecer.. ” Lorreth murmurou.

“Um lobo jamais se torna uma sanguessuga”, concluiu o vampiro.

Lorreth estava parado diante dele, uma gama de emoções lutando para controlar suas feições. "Olá, Foley. Faz muito tempo. Não consigo descrever a alegria de te ver, irmão."



17

A PORTA ESCURA

MARTIM-PESCADOR

Eles chegaram rolando em uma maré negra e agitada.

Subindo os degraus. Por cima dos muros. Rastejando para fora da alvenaria.

Centenas deles. Milhares.

Vorath Shah jogou a cabeça para trás e riu quando eles se aproximaram. Ele sabia que não o machucariam. . mas o mesmo não se podia dizer de nós.

A primeira picada veio na nuca. Um rastro de fogo subiu até minha cabeça, como fogos de artifício explodindo bem entre meus olhos.

“Ah! Merda!” Carrion sibilou, seu corpo estremecendo ao ser picado também. Suas mãos ainda estavam grudadas no chão da entrada da sala octogonal, então ele não conseguia espantar os escorpiões que subiam por seus braços e entravam em seu cabelo. “Martim-pescador!” ele chamou, com um tom de pânico na voz. “Uma ajudinha?”

Mas eu não pude ajudá-lo. Os escorpiões estavam sob minha armadura, subindo pelas minhas costas, picando-me enquanto subiam. Cada picada era como um raio quente, percorrendo meus nervos e roubando-me o fôlego.

Os escorpiões eram muitos, mas também eram um só. Os demônios antigos não

eram mais mencionados com frequência, mas *eu* ainda. . Eu sabia da existência deles. Passei incontáveis tardes na biblioteca da minha mãe enquanto a chuva batia forte nas janelas de Cahlish, lendo os livros que ela separava para mim. Lendas antigas. Tomos sobre magias ancestrais, escritos em Fae Antigo.

Contos de grandes feitos heroicos e do bem triunfando sobre o mal. E também histórias sobre os antigos demônios que outrora assolaram as terras de Yvelia. Ela os lia para mim repetidas vezes, rindo comigo enquanto me colocava na cama, fingindo ser um demônio ou outro enquanto me

"atacava".

Quando ela era Joshin, o demônio do deserto, fragmentado em uma multidão de escorpiões ferozes, ela me beliscou de leve, fazendo cócegas, enquanto perguntava, como sempre fazia: "E como você vai me deter, meu bem? O que você vai fazer para me dispersar na escuridão?"

Naquele momento, eu não conseguia respirar por causa das cócegas.

Eu não conseguia respirar por causa da dor.

Quando menino, eu ofegava: "O—o li-li—"

Então, eu fiz o mesmo. "Precisamos deixar.. deixar a luz entrar!"

Joshin, Senhor do Deserto, Rei do Sonho Sombrio, não suportava a luz. Por isso, escolhera se esconder dentro desta torre negra e sem janelas. Por isso, a armadilha demoníaca fora preparada para ele aqui, no chão. Quem quer que tivesse gravado as runas Alquimeranas no chão da sala adiante sabia que este seria o único lugar onde uma besta como Joshin poderia buscar refúgio.

"Luz", eu ofeguei. Pelos deuses, nem mesmo ser devorado por Morthil no labirinto tinha sido tão doloroso. "Precisamos de. . *luz* ."

Shah gargalhou. “Este lugar é um túmulo. Sem rachaduras nas paredes. Sem buracos no chão. Joshin virá! Joshin alimentará!”

Ah, que se dane. Eu não ia ser devorado por outro demônio. Não dessa vez, quando a magia do labirinto amaldiçoado de Malcolm não me traria de volta dos mortos.

Carrion se estendeu no chão e começou a gritar. A dor era insuportável. Sem ar. Sem pensar. Sem saída. O contrabandista não estava acostumado com aquilo.

Um tapete de carapaças negras, brilhantes e oleosas, e pinças cruéis varreu-o, engolindo-o e ocultando-o da vista. E então ele desapareceu.

Porra.

Não tínhamos muito tempo.

Eu não estava presa pela armadilha gravada no chão. Ainda não. Dois caminhos se apresentavam diante de mim: eu podia me virar e correr. *Ou* podia entrar na armadilha demoníaca e me entregar ao pesadelo sombrio que já se desenrolava em meu sangue.

Se eu fosse embora, conseguiria encontrar a prata sozinha. Conseguiria encontrar Hayden Fane e arrastá-lo de volta para Yvelia. Mas se eu fosse embora, o contrabandista teria uma morte horrível

— uma morte que eu conhecia muito bem — e eu teria que explicar para Saeris que eu havia abandonado sua amiga.

“Orillith ken mas cree, Carrion Swift”, cuspi baixinho. Fazia séculos que eu não xingava em Fae Antigo, mas, pecadores, a situação justificava.

Passei por cima do corpo inerte de Swift e caí na armadilha demoníaca.

O chão fervilhava, iluminado pelas runas brilhantes. A cada passo, eu sentia o estalo e a flexibilidade dos escorpiões sob as solas das minhas botas.

Agora que eu havia entrado na armadilha demoníaca, vi os baús empilhados do outro lado da sala.

Dez deles. Mais. Joias, moedas e taças de ouro batidas transbordavam do baú mais próximo, refletindo a luz emitida pelas marcas brilhantes gravadas nas paredes. O corpo de um homem jazia encolhido em posição fetal próximo a ele. Suas roupas estavam em farrapos. Carne ainda se agarrava aos seus ossos. Joshin obviamente estava saboreando sua última refeição.

"Fisher!" gritou Carrion, em pânico.

Dardos de agonia me atingiram por todo o corpo. Os escorpiões picaram através das minhas calças.

Estavam nas minhas botas. No meu cabelo. Atravessei o quarto, diminuindo o passo a cada instante, com a bile subindo quente pela minha garganta.

“Sinto muito por ser.. um incômodo”, Carrion sussurrou com dificuldade. “Mas se você não estiver em condições de. . me salvar agora mesmo, então. . você poderia me matar em vez disso? Isso. . é realmente *horrível* .”

Meu Deus, como ele *ainda conseguia* falar? Eu nem conseguia pensar.

“Oh, não, ele não pode te matar. Não, não, não”, tagarelava Shah. “Joshin quer sua presa viva. Joshin *prefere* assim.”

Eu ia esfolar Vorath Shah. Assim que eu abrisse um buraco na lateral desta torre sineira. Veja se eu não o fiz.

Quando cheguei à parede, as fibras do meu ser ardiam em chamas. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, mas mesmo assim, eu podia ver que Vorath estava certo. Não havia rachaduras na alvenaria.

Nenhuma junção entre os blocos de arenito. A sala *havia* sido selada por magia. A única coisa que poderia neutralizar esse tipo de magia era a própria magia — o tipo de magia que machuca.

Recuei o punho e respirei fundo.

“Não vai funcionar”, disse Shah em tom cantado. “Joshin não conseguiu quebrar a parede. Mas isso foi antes de ele saber. Dois sóis. Eu disse a ele, eu disse. Dois sóis e nenhuma noite. Nenhuma segurança contra a luz. Mil anos ele tentou. Eu o ouvi batendo nos túneis. Foi assim que o encontrei. *Bum. Bum. Bum.* ”

Eu pensava que ele era apenas mau, mas havia mais do que isso. Vorath Shah estava louco. Ele gargalhou de prazer quando levantei o punho e o lancei contra a parede.

“Joshin não tinha.. minha magia”, resmunguei. Minhas sombras só podiam fazer até certo ponto.

Elas podiam proteger meu punho do impacto ou eletrocutar a magia incrustada nas paredes.

Enviei toda a minha energia para a parede.

“Oh, céus. Fisher?” De repente, Carrion parou de gritar. Ele parecia muito preocupado.

Recuei o punho e o golpeei contra a parede novamente. Uma onda de sombras se espalhou sobre a pedra, e uma onda correspondente de energia negra a seguiu. Franzi a testa diante da cena, sem confiar no que via. Por que minha magia estava pulsando duas vezes?

“Martim-pescador. Os escorpiões”, Carrion sussurrou. “Eles não estão mais me picando. Eles.. eles estão indo embora.”

Mais uma vez, soquei a parede.

Mais uma vez, uma onda de choque da minha magia atravessou a superfície da parede, e mais uma vez, uma segunda onda de sombras a perseguiu. Cerrei os dentes contra a dor aguda que subiu pelo meu braço, subiu pelo meu ombro e chegou até a minha mandíbula. "Eles não vão embora, Swift", eu disse sombriamente. "Eles estão *se fundindo* ."

“Que diabos *isso* significa?”

Alcancei o fundo da minha alma e ordenei que minhas sombras se reunissem. Desferi o golpe com toda a minha força. Meus nós dos dedos se abriram dessa vez, deixando meu sangue espalhado na pedra arenosa quando recuei. Eu ia quebrar um osso desse jeito. Da cabeça aos pés, eu estava em carne viva. A pulsação atrás dos meus olhos se intensificou, fazendo minha visão turvar.

“Podem ser muitos”, eu disse entre dentes cerrados. “Ou podem ser um só. Neste momento. . estão se tornando um só.”

“Não gostei do que ouvi. Devo me preocupar?”

Recuei e soquei a parede. "Com certeza."

“Ele é magnífico. Vocês dois deveriam se sentir *honrados* com a presença dele”,

disse Vorath em tom de admiração.

Eu sabia como seria: a massa de carne e osso se contorcendo no canto escuro do quarto. Eu não deveria ter olhado. Mas olhei.

Se os livros da minha mãe continham ilustrações do demônio, ela não as mostrou para mim. Era uma visão horrível, com dentes se formando e carne retorcida, úmida e brilhante, pulsando e. .

fibroso. Os escorpiões subiram rapidamente pela massa crescente e se abriram ao longo das costas, fundindo-se à forma sangrenta que se formava. Braços estavam se formando. Pernas. Um corpo bulboso, elevando-se em um torso vagamente humanoide.

"Eca. Acho que vou vomitar", gemeu Carrion.

Ele certamente vomitaria em breve. Tinha acabado de ser atingido por uma quantidade monumental de veneno. Era um milagre que ainda não estivesse alucinando. As bordas da minha visão dançavam com uma luz verde cintilante que não pressagiava nada de bom para as próximas horas, e Carrion tinha sido picado *muito* mais do que eu.

Reuni minhas sombras mais rapidamente, sussurrando para elas, implorando que me ajudassem a quebrar a magia que protegia a parede. Golpeei a pedra novamente, novamente, novamente, e finalmente senti os ossos da minha mão cederem.

“Wendalith cohmerin tas.” O som estrondoso sacudiu toda a torre — muitas vozes apressadas, sussurrantes e gritantes, entrelaçadas e sobrepostas umas às outras. Não se assemelhava à voz de nenhuma fada ou humano. Essa voz pertencia a algo muito, muito mais antigo. Uma criatura não nascida, mas construída a partir dos elementos básicos do próprio inferno.

A cabeça do demônio ainda não estava formada. Suas mandíbulas superior e inferior estavam presentes, assim como duas fendas estreitas onde um nariz poderia ter estado. . mas o resto do seu rosto não era visível. Pequenos ferrões sondavam e golpeavam o ar, emergindo da cabeça semi-formada do demônio. Seu braço esquerdo terminava em uma mão — normal, para todos os efeitos

— mas o direito terminava em uma enorme pinça de casca dura e brilhante que

se abria e fechava reflexivamente. Sua metade inferior era toda de escorpião, mas assustadoramente grande. Oito patas. Uma longa carapaça. Um ferrão curvo gotejando veneno.

Ótimo.

“Wendalith cohmerin tas”, repetiu o demônio, cuspindo enquanto falava.

Desviei o olhar e concentrei minha atenção na parede. Oficialmente, nosso tempo havia acabado. Se eu não arrombasse aquilo logo, estávamos *perdidos* .

"Que diabos está dizendo?", perguntou Carrion.

"Ele está cantando para você", disse Shah carinhosamente. "Escute-o cantar."

Dei uma risadinha irônica. "Está perguntando quem está diante dele. Quem trilha seu caminho. Algo assim. Está falando a língua antiga das fadas, *que não deveria conhecer* ", disse eu, lançando essas últimas palavras por cima do ombro para o monstro ancestral.

Clique, clique, clique.

Avançou apressadamente.

"Conheço muitas línguas que não deveria conhecer", disse com a voz rouca. "Eu as ouço através das paredes."

“Ótimo. Também fala Fae Comum. Perfeito”, murmurei para mim mesmo enquanto socava a parede novamente, manchando a pedra ainda mais de vermelho com meu sangue.

“Duas almas, eu sinto. Dois corpos fortes também. Um banquete para um príncipe fraco como eu.”

"Você não é nenhum príncipe", rosnei. "Você é uma aberração. Uma que terei o maior prazer em mandar de volta para o inferno em instantes."

"Não o provoque", sibilou Carrion. "Seus dentes são afiados pra caralho. Eu *não* quero ser devorado!"

“Fique quieto, Swift. Ele não pode te comer se não conseguir te *encontrar* .”

Era verdade que a maioria dos demônios não tinha olhos. Havia histórias sobre como isso aconteceu, mas muitos concordavam que os demônios residiam na escuridão e não precisavam enxergar para atormentar suas vítimas. Esse certamente fora o caso de Morthil. Mas, segundo a tradição, Joshin era diferente. Ele não compartilhava as mesmas habilidades que seus irmãos. Era perigoso, sim, mas não possuía uma percepção espacial aguçada.

Bum! Bum!

Os ossos da minha mão se estilhaçaram, mas mesmo assim continuei golpeando a magia que mantinha a parede unida. Observei minhas sombras. A onda se agitava sobre a pedra, estremecendo enquanto uma segunda onda vinha repetidamente, seguindo minha magia e se fundindo com ela.

Não fazia sentido. Minhas sombras deveriam estar surtindo algum efeito. A antiga magia que formou a armadilha demoníaca deveria ter enfraquecido um pouco, mas nem sequer reagia. Pelo menos não como *deveria* . Era quase como se—

Clique, clique, clique, clique, CLACK.

“Fisher! Pelos deuses, puta merda, Fisher. *Faça* alguma coisa!”

Caí para a frente contra a parede, exausto. Virando-me, vi que o demônio agora se apoiava firmemente em suas oito patas e avançava em busca de sua presa.

“Aqui, Mestre. Por aqui”, Vorath persuadiu. “Siga o som da minha voz.”

Que os deuses amaldiçoem tudo isso. Eu já não aguentava mais esse humano. Me afastei da parede e cambaleei para frente.

E de repente, lá estava ela. Minha mãe, ao meu lado.

Ela usava seu vestido favorito. Azul, com pássaros bordados na saia. Percebi de repente que eram martins-pescadores. Suas asas brilhavam em um azul metálico; seus peitos altivos eram pintados de marrom-avermelhado. Ela parecia como sempre: bela e triste. Seus longos cabelos negros caíam em ondas até a cintura, balançando ao sabor de uma brisa invisível.

“Para onde você está indo, meu querido? Você se perdeu?”

A suavidade da sua voz. Meu Deus, como eu senti falta desse som. Balancei a cabeça. "Não estou perdida. Vou matar aquele maldito humano."

Uma profunda tristeza encheu seus olhos. "Quem é ele para *te perturbar* ? O grande e poderoso Martim-pescador. Deixe-o em paz, meu amor."

“A culpa é dele.” Eu estava suando de novo, ainda mais do que antes. Minha pele estava formigando por todo o corpo. “Se ele não tivesse nos trazido aqui—”

"Desculpas", disse minha mãe rispidamente. "Você sempre *foi* de dar desculpas."

Foi aí que eu senti — aquele nó na garganta. A náusea tinha ficado em segundo plano em relação à dor, mas meus membros estavam ficando dormentes. Minha mão mal doía, mesmo estando gravemente quebrada. Droga, eu ia vomitar.

Eu me curvei, o quarto balançando enquanto eu vomitava no chão.

“E assim começa”, disse Joshin.

Clique. Clique. Clique.

Ele não estava mais indo para Carrion. Ele estava vindo atrás de mim.

“Mesmo quando criança, você era um estorvo. Sempre me seguindo como um cachorrinho patético.

Eu nunca tive um momento de paz. Você foi o motivo de seu pai ter ido embora, sabia? *Você* foi o motivo da morte dele.”

Endireitei-me e vi o rosto da minha mãe contorcido em desgosto.

“Olha a bagunça que você fez. Sempre fazendo essa bagunça. E agora quer machucar aquele homem?

Por quê? Porque *você* foi estúpido o suficiente para segui-lo até esta torre? Porque *você* não estava prestando atenção, é? Porque você estava com preguiça e distraído demais pensando no mestiço que deixou em Yvelia para se concentrar na tarefa em mãos?” As palavras jorraram dela em uma torrente, transbordando

desprezo. “Que tipo de homem você se tornou? Eu nem te reconheço.

Nunca me senti tão envergonhada.”

E nesse instante, a sala e a situação ficaram claras.

A figura ao meu lado parecia real. Aposto que, se eu a tocasse, ela também pareceria real. Mas minha mãe não era nada parecida com a ilusão fria e calculista que me perseguia enquanto eu me afastava de Vorath Shah e voltava para a muralha. Minha mãe era bondosa e doce demais para palavras tão duras.

O pesadelo sombrio havia começado.

“Aonde você vai? O que está fazendo?” Ela correu atrás de mim, suas saias farfalhando sobre as runas brilhantes a seus pés. “Então agora você *não* vai matar o humano? Fraco. Fraco em suas convicções.

Sem força de vontade. É só isso que você sempre será, Fisher. *Fraco.* ”

Suas palavras me envolveram e se dissiparam, sem surtir efeito algum.

Minha mãe sabia que eu não era fraco. Ela mesma tinha se certificado disso. E eu tinha prática demais em bloquear minha mente para a loucura do mercúrio para ser afetado por qualquer visão que o veneno de Joshin pudesse me mostrar.

Voltei ao trabalho.

A parte da parede que eu havia atingido agora estava brilhando suavemente. Eu não tinha notado antes, mas agora que minha visão estava clareando e o ambiente ficando mais nítido, eu estava percebendo coisas que não tinha visto antes. Estava.. estava brilhando por causa do sangue.

“Não contente em deixar o jantar no chão? Precisa espalhar seu sangue pelas paredes também?” disse a mulher que não era minha mãe. “Desista logo. Você não está farto disso tudo? Os desafios constantes, a dor, os sacrifícios. Sempre você. Não importa o quê. *Você* é quem tem que abrir mão da sua liberdade. *Você* é quem tem que suportar a dor. *Você* é sempre quem tem que se sacrificar, quando existem outras pessoas no mundo que poderiam ser chamadas de vez em quando. Você não está *cansado* ?” Ela parecia incrédula.

“Ah, sim. Estou cansado”, admiti. “Mas duvido que isso vá mudar. E qual é a alternativa? A morte?”

“Descanso”, respondeu a mulher com o rosto da minha mãe. “ *Paz.* Não é isso que você deseja? Chega de dor. Chega de preocupação. Chega de—”

Só os deuses sabiam que outro argumento fraco ela inventaria. Eu parei de ouvir. Estava passando o dedo por.. o sangue que eu havia deixado na parede, traçando as linhas de uma runa muito específica.

A runa significa *quebrar* .

Assim que a última linha foi traçada, a alucinação balançou a cabeça. "Bem, aí está. Você conseguiu.

Espero que esteja feliz."

Recuei um passo, observando minha obra. "Na verdade, sou eu." A runa se iluminou, flamejante e branca. Ela afundou na parede, suas linhas formando sulcos profundos na pedra. A magia que protegia a parede se dissipou. Um véu de sombras tremulou sobre a alvenaria — estranho, já que eu nem sequer havia usado minha magia — e eu observei (e *senti*) a proteção que impedia a armadilha do demônio se estilhaçar e se desfazer.

“Gottith man soh frayah!” Joshin exclamou.

A porta escura foi destrancada!

Seu grito era de júbilo. Sentiu o fino manto de poder finalmente removido de seu túmulo. O

levantamento da proteção significava sua fuga, sua liberdade após tantos séculos, agachado e à espera na escuridão. Mas *eu* não ia deixar isso acontecer. Eu não amava este reino, mas ele havia produzido alguém que eu amava com uma intensidade que me deixava sem fôlego, e eu não ia deixar este lugar pior do que quando o encontrei. Pelo bem de Saeris, eu o protegeria.

O demônio tremeu, e escorpiões individuais se desprenderam de sua massa, caindo no chão. Eles fugiram em bandos em direção às escadas.

"Aonde você pensa que vai?", perguntei.

“Uma cidade se estende além destas muralhas. Um milhão de corações pulsantes. Um milhão de humanos para visitar enquanto dormem. Eu os convidarei a todos para o sonho. Eu os convidarei a todos para *cantar* !”

Sonhar significava vagar, aprisionado em seus pesadelos.

Cantar significava gritar seu medo tão alto e por tanto tempo que Joshin se alimentaria de sua dor por anos antes que a cidade morresse.

Os túneis abaixo de Zilvaren eram o meio de transporte perfeito para os escorpiões de Joshin. Eles podiam se mover na escuridão, descobrindo maneiras de entrar sorrateiramente nas casas das pessoas. Picavam-nas enquanto dormiam, e a sinfonia de medo resultante envolvia toda a Cidade Prateada e a sustentava por anos.

Mas *somente* se mais da metade de seus escorpiões conseguisse sair desta sala.

Virei-me e desferi um soco na parede. *Desta* vez, ela estremeceu. *Desta* vez, rachou. Poeira caiu do teto, sibilando em cascatas pelas paredes. No segundo golpe, a parede desmoronou, um grande pedaço de arenito explodiu para fora.

Uma luz irrompeu na tumba, cortando a escuridão, e Joshin rugiu. O demônio se debateu, cambaleando para o lado, metade da parte inferior do corpo já desmembrada e fugindo da luz.

Parecia meio derretido, sua forma presa no ponto médio entre escorpião e demônio, sua carne crua exposta à poderosa luz dos sóis gêmeos.

Pela primeira vez na vida, fiquei feliz em ver Balea e Min.

“Ashelgrin Fas!” rugiu o demônio. *Faça parar!* Fumaça subia de sua forma gelatinosa. Ele rangeu os dentes, tentando desesperadamente escapar do caminho da luz, mas não tinha para onde ir.

Não hesitei em abrir outro buraco na parede da torre. Minha mão já estava quebrada, e a dor era insignificante em comparação com a ardência do veneno de Joshin.

"Pare! Você precisa parar!" Joshin gritou, em tom de lamento.

“Fisher? Eu—” Carrion estava de joelhos. Seus olhos reviraram, selvagens e aterrorizados. Shah o segurava pelo pescoço, com uma lâmina rudimentar pressionada contra sua garganta.

"Deixem meu mestre em paz, ou derramarei seu sangue", rosnou ele, mostrando os dentes rachados e amarelados.

Pelos deuses, eu estava ensinando Carrion a se virar sozinho. Eu estava ensinando-o a lutar. Eu—

Carrion acertou um golpe de cotovelo no estômago de Shah. Deu um chute lateral e girou, derrubando Shah. Um segundo depois, o humano traidor largou a arma sobre a pedra coberta de areia, e Swift o imobilizou no chão. Escorpiões escalavam seus corpos agitados, picando-os enquanto corriam escada abaixo.

Avaliei a situação rapidamente. Obviamente, não era a primeira vez que Shah lutava pela vida. Ele era ágil, girando nas garras de Carrion, escorregadio como uma enguia.. mas sempre que tentava se libertar e se desvencilhar, Carrion o puxava de volta. Swift estava pálido como um fantasma, o rosto e os antebraços salpicados de perfurações sangrentas, marcas das picadas. Ele tinha um olhar de determinação sombria que eu já vira muitas vezes. O rosto de um homem que sabia que estava prestes a matar e estava determinado a cumprir a tarefa.

Ele pressionou o joelho contra o peito de Shah, prendendo-o ao chão. O comerciante do mercado negro cuspiu, tateando a areia com as mãos, tentando encontrar a lâmina que havia deixado cair.

Encontrou-a e, rápido como uma serpente, golpeou a perna de Carrion, abrindo um corte profundo em sua coxa. Dei um passo à frente, pronto para intervir, mas Carrion agarrou a cabeça de Shah com as mãos e a torceu bruscamente, quebrando o pescoço do desgraçado.

O fogo chicoteou meu joelho e subiu pela minha perna, explodindo no meu quadril.

"Droga!" Olhei para baixo e lá estava o ferrão do Joshin, do tamanho de uma adaga, cravado na lateral da minha perna. Eu estava distraído. Eu o deixaria chegar muito perto. Nuvens de vapor subiam do demônio enquanto ele se

contorcia, ardendo na luz.

“Sua mente é. . um lugar sombrio, guerreiro?” Os lábios de Joshin tremeram ao pronunciar as palavras. Estava caído de lado. Observei, horrorizado, enquanto fios fibrosos e ensanguentados de sua pesada pinça se desprendiam e pulsavam no chão, transformando-se em escorpiões do tamanho do meu polegar.

Soltei um sibilo quando o ferrão enorme se retirou, saindo da minha coxa. Minhas pernas fraquejaram, ameaçando ceder, mas me firmei enquanto o sangue jorrava do ferimento deixado pelo ferrão.

“Você é uma criatura das sombras. Sim, conheço bem a sua espécie”, disse o demônio, com voz suplicante. “Uma mente repleta de sombras é algo perigoso. Quando você já vive na escuridão, o inferno está ao seu alcance. Tão tênue, o véu. Você está pronto para o sonho, tecelão das sombras?

Você terá.. a força para despertar?”

O túmulo do demônio se inclinou. Eu já podia sentir o sonho — o *pesadelo* — se aproximando, lutando para tomar forma diante dos meus olhos.

“Precisamos ir. Os guardiões chegarão a qualquer momento. Precisamos matá-lo.” Carrion cambaleou, arrastando a perna direita enquanto atravessava o túmulo. Com o sol batendo diretamente em seu rosto, seus cabelos brilhavam em tons de cobre e ouro. Havia sangue em suas mãos. Sangue na lâmina que carregava. Sangue manchando suas roupas e escorrendo por seus antebraços. Suas bochechas tinham um tom esverdeado doentio, o azul de seus olhos pálido demais.

Ele ergueu seu punhal, prestes a golpear o corpo enfraquecido de Joshin, mas eu segurei seu pulso.

“Não. Espere.”

“Esse filho da puta *está* morrendo. Fisher. Agora. *Não* me diga que você está tendo um raro momento de misericórdia.”

“Nem um pouco.”

Risadas crepitantes ecoavam pela tumba, secas como o vento do deserto. "Ele

não vai me matar", disse Joshin. Sua voz, com várias camadas, era fraca, mas ainda assim me fez estremecer.

“Acredite em mim, ele vai.” Carrion chutou um escorpião que tentava escalar a ponta de sua bota, pisoteando-o. “E se ele não fizer isso, *eu* com certeza farei.”

“Sou mais antiga que esta cidade. Mais antiga que as engrenagens do destino que movem as suas marés, príncipe. Os segredos que conheço são mais valiosos para ele do que a vingança. E eu *preciso* viver se você espera fazer o mesmo. Pelo menos por enquanto.”

Uma onda de náusea me atingiu, acumulando-se no fundo do meu estômago como uma bola de espinhos. Mais do que tudo, eu queria vomitar, me livrar do veneno no meu intestino, mas reprimi a vontade. "É verdade", admiti. "Precisamos dele vivo."

“Que besteira!”

"Já está se sentindo cansado?", perguntei, com um tom de cansaço. "Estou. Logo, você não conseguirá mais lutar contra isso. Terá que dormir, e quando o fizer, entrará direto em um inferno que lhe dará vontade de se encolher e morrer. O veneno do demônio é sistêmico. Ele permanecerá em nossos corpos pelo resto de nossas vidas se não nos livrarmos dele. Acordaremos, sim. Mas, a partir de agora, cada vez que desmaiarmos, seremos lançados de volta naquele inferno. Os pesadelos ficarão mais longos. Eventualmente, ou *não* acordaremos mais, ou enlouqueceremos e nos mataremos. É *isso* que você quer?"

"Claro. Parece umas férias no paraíso." O sarcasmo transparecia nas palavras de Carrion, mas também havia medo nelas.

“Precisamos fazer um antídoto.” Deus, seria tão fácil. Sentar. Dormir aqui mesmo. Agora. Respirei fundo, piscando várias vezes. “E para isso, precisamos de uma dose do veneno do demônio.”

Joshin riu, fios de saliva pendendo de seus dentes afiados como agulhas. Do nada, as paredes e o O

chão tremeu quando um ensurdecedor *DONNNNNNGGGG!* ecoou por cima das cabeças.

Alto. *Muito* alto.

O estrondo reverberou em meus ossos. Fez meus dentes baterem.

Carrion tapou os ouvidos com as mãos, protegendo-os do som ensurdecedor. "Ajuste!" gritou ele. "É

meio-dia!"

As Gêmeas não desceram em Zilvaren, mas atingiram *o* ápice no céu. Ao meio-dia, aproximaram-se o suficiente para que as irmãs pudessem dar as mãos, e as temperaturas subiram a níveis insuportáveis. Os livros da minha mãe me contaram isso.

O sino acima de nossas cabeças devia ser enorme. Graças aos deuses, tocou apenas uma vez, mas o estrondo reverberou em meu sangue e fez o chão tremer por um minuto inteiro depois.

Fui o primeiro a falar. "O comerciante tem um pouco do seu veneno?", perguntei.

O demônio riu — o som de pedra raspando em pedra. "E eu lhe diria isso? Simplesmente lhe daria a informação de graça? Acho que *não* , guerreiro."

“Se Vorath ainda tiver o veneno, ele estará de volta à sua loja”, disse Carrion. “Deveríamos simplesmente matar o monstro e ir até lá. Ele não vai nos dizer nada.”

"Você está disposto a arriscar?" *Eu* não estava.

Carrion parecia dividido. Queria ignorar meu conselho e destruir aquela coisa horrenda que nos atacara.. mas a perspectiva de um ciclo interminável de pesadelos o fez hesitar, com razão. "Então, não a matamos ainda. Fazemos o antídoto e *depois* a matamos." Parecia que essa ideia era a única coisa que o mantinha de pé.

“Você precisa da minha.. permissão”, sussurrou o demônio com a voz rouca. “O veneno para criar a cura deve ser dado. . livremente.”

“Bem, é claro que *você* diria isso.” Carrion fez uma careta para o demônio. “E se

a gente simplesmente cortasse o ferrão dele e o levasse de volta para.. ” A loja do Vorath? O cara tem tudo o que precisamos para criar uma cura lá. Eu apostaria nisso.”

"Tem certeza? Certeza suficiente para arriscar?" Deixei-o refletir sobre isso por meio segundo.

Felizmente, ele baixou a adaga e suspirou; eu realmente não estava com vontade de tirá-la dele agora, com o estômago embrulhado e alguns raios de luz cruzando minha visão.

“Não vou arrastar essa carcaça derretida pelos túneis”, disse Swift.

“Pare de falar, Carrion”, resmunguei. “Os adultos estão prestes a fazer um acordo.”

“Por que diabos estamos *negociando* com isso?”

Encarei o demônio com um olhar penetrante, cerrei os dentes e dilatei as narinas; o túmulo exalava um odor fétido, como enxofre e morte. "Porque os seres feéricos e os demônios têm apenas uma coisa em comum. Ambos estamos ligados por nossos juramentos, não é, criatura?"

Joshin riu novamente, e pareceu que toda Zilvaren estremeceu com aquele som profano. "Vá em frente e. . faça sua oferta inicial, tecelã das sombras. Não. . será. . suficiente."

“Não há nenhuma oferta inicial.” Balancei a cabeça negativamente. “ *A* oferta é essa. Nós pouparemos sua vida se você nos fornecer duas gotas do seu veneno para nos curar.”

O demônio estremeceu de fúria. "Um acordo desigual. Duas vidas por uma!"

"Você é igual a mim, demônio?", rosnei. "Você não é mais poderoso? Mais importante? Mais valioso aos olhos da sua espécie?"

“Infinitamente”, resmungou Joshin num tom gutural e perturbador.

“Então o acordo está desequilibrado a *seu* favor, não acha? Nesse caso, você também nos deve um de seus preciosos segredos.”

O demônio estalou os dentes, flagrado pelo próprio orgulho. "Que *tipo* de segredo?"

"Uma que seja valiosa o suficiente para equilibrar a balança do nosso acordo", respondi, sabendo o que estava exigindo.

A própria vaidade do demônio exigiria que ele nos revelasse um segredo impressionante. Algo monumental. Ele abriu os lábios ensanguentados e latiu em tom de deboche: "Você pede demais.

Não fizemos nenhum acordo."

“Muito bem, então. Que assim seja. Carrion, prepare-se para acabar com esse idiota.”

O contrabandista virou-se bruscamente para me olhar. "O quê?"

“ *Fogo* , Carrion. Você vai conseguir o que quer. Vamos incendiar isso e assistir tudo queimar.”

“Mas eu não consigo—”

“E depois de reduzirmos tudo a cinzas”, eu disse, interrompendo-o, “vamos juntar os restos do demônio e vendê-los em garrafinhas de vidro para os humanos. Diremos a eles que é tempero para o mingau deles.”

“Sacrilégio!” Joshin rugiu. “Eu sou um deus! Você não pode—”

Eu me abaixei e encarei a criatura em seu rosto retorcido e horrendo. Sua carne tremulava e ondulava, distorcendo-se graças ao veneno em minhas veias, mas respirei fundo e me concentrei.

"Pesadelos ou não, você será o que eu disser que você será quando morrer, demônio. Talvez eu diga que você é cinzas de fogueira. Ou os restos de uma cabra."

“Não! Tudo bem. Um segredo e meu veneno em troca da minha vida. Mas você precisa concordar em me libertar. Não ficarei presa em mais nenhuma dessas armadilhas pelo resto da minha vida.”

Pensei nisso. Analisei o acordo em busca de brechas. Não demorei muito para encontrar inúmeras maneiras de manipular o negócio a meu favor. "Tudo bem", eu disse. "Que se dane e pronto."

Um pedaço do ombro do demônio se desprendeu, fios de carne que se transformaram e tomaram forma, solidificando-se em um pequeno escorpião. Ele veio em minha direção, leve sobre suas oito patas.. e eu o esmaguei sob o calcanhar da minha bota.

O demônio sibilou, demonstrando seu desagrado com o tratamento rude. "Agora você, guerreiro", disse ele. *"Sangre."*

Eu não ia me cortar e selar nosso pacto da maneira educada. De jeito nenhum. Perfurei meu lábio inferior com meus caninos, suguei o sangue para dentro da boca e cuspi nele. "Sua vida pela nossa.

Um segredo e a promessa de que você será libertado e não cairá em outra armadilha demoníaca", eu disse.

“Sim. Suas vidas pela minha. O segredo. A promessa”, o demônio respondeu em coro. E assim foi feito.

Carrion franziu o nariz. De alguma forma, ele conseguiu parecer mais doente do que um instante atrás. "Como eu disse. Você está carregando isso."

“Não, não sou.” O chão parecia areia sob minhas botas enquanto eu atravessava a pedra com runas gravadas, em direção aos baús do outro lado da sala. Tive que passar por cima do corpo meio devorado para alcançar meu objetivo. Felizmente, encontrei o que procurava mais rápido do que esperava. Dentro do primeiro baú, aninhado entre uma pilha de moedas e anéis de ouro, encontrei uma pequena caixa de madeira. Ela continha gemas. Rubis, safiras, diamantes. Despejei-as no chão e voltei para Joshin. Não pedi permissão ao demônio; abaixei-me e peguei um escorpião do chão, beliscando-o pelo ferrão.

Foi para dentro da caixa.

Fechei a tampa com um estalo, e o demônio inclinou a cabeça. "O que você está fazendo, tecelã das sombras?"

“O segredo, Joshin.”

O demônio recuou lentamente, pressionando as costas contra a parede. "Eu lhe revelarei o segredo assim que estiver livre."

Com um semblante sombrio, balancei a cabeça negativamente. "Agora, Joshin. Enquanto você ainda consegue falar."

"Você não pode me matar!" gritou.

“E eu não vou. Enquanto eu tiver seu amiguinho nesta caixa aqui, você não vai morrer, vai?”

"Trapaceiro! Mentiroso!" Joshin cuspiu as palavras. "Você *jurou* !"

“Estou sob juramento, demônio. Não posso mentir. Não posso quebrar meu juramento. Agora me conte seu segredo, antes que você quebre *o seu* .”

"Se você destruir este corpo, levarei várias vidas para me regenerar", rosnou ele.

“Parece ser um problema *seu* .” Eu não tinha controle sobre o fogo; não era meu domínio. Uma parte de mim suspeitava que *pudesse* ser culpa de Carrion, mas ele não estava em condições de tentar conjurar magia desconhecida. Haveria tempo para isso depois. Por ora, peguei minha caixa de isqueiro e risquei a pederneira contra a parede, usando a faísca para acender o musgo seco lá dentro.

Em segundos, uma das tochas antigas estava acesa, e as chamas vorazes projetavam sombras pelas paredes.

"Você não se atreveria", disse o demônio.

Eu me agachei na frente dele, mais perto do que gostaria, cerrando os dentes enquanto sua cabeça, ainda em formação, se virava bruscamente para me encarar. "Você consegue me cheirar, não é?", perguntei.

O demônio estalou as mandíbulas.

“Então me diga, Joshin. Você me encheu de veneno suficiente para derrubar três cavalos. . mas sente *algum* medo em mim? Acha que tenho medo de encarar meus demônios? Já os enfrentei antes.

Conheço todos pelo nome. Eu os subjuguei e os dobrei à minha vontade mais

vezes do que o sol nasceu sobre Yvelia em toda a minha vida. Enfrentarei seus pesadelos se for preciso, e *ainda assim* serei a coisa mais assustadora rondando a escuridão.”

As fendas no rosto de Joshin se dilataram, tremendo enquanto o demônio cheirava timidamente — e então rosnou, afastando-se.

“O segredo, Joshin”, repeti. “É agora ou nunca.”

O demônio soltou um grito de frustração, mas então disse: “Onde há luz, *sempre há* escuridão, tecelão das sombras. Para matar uma rainha, você precisará visitar o mais sombrio de *todos* os lugares. Você precisará fazer um pacto muito mais custoso do que este se quiser ter sucesso. E a besta que o aguarda lá, “Não seja tão fácil de enganar quanto eu. Ela vai te devorar por inteiro, tecelã das sombras!” Joshin rugiu enquanto eu apontava a tocha bruxuleante para o seu corpo. “Ela vai arrancar sua alma e se alimentar dela por décadas!”

O demônio se iluminou como um farol. Com um *estrondo* , as chamas engoliram o que restava de seu torso mutilado.

Joshin gritou, e ao nosso redor, os escorpiões dispersos que haviam se libertado do corpo do demônio também explodiram em chamas. Lá embaixo, nos túneis, aqueles que haviam escapado também estariam queimando. Com exceção do invertebrado que eu protegi dentro da caixa de madeira, todos foram consumidos pelas chamas. Seus gritos ecoaram pela torre, agonizantes e furiosos.

"Ah, agora entendi", gemeu Carrion, observando o horror de tudo aquilo. "Já estou *no* pesadelo, não é?"

Me surpreendi ao soltar uma gargalhada estridente. "Não. Infelizmente, *essa* parte está apenas começando."



18

IRMÃO

SAERIS

As roupas de couro de Loreth rangeram quando ele se mexeu, encarando o vampiro. "Nunca pensei que te veria de novo."

Observei os dois homens, esperando o primeiro soco desferir. O jeito como se olhavam certamente prometia violência. Encostado em um pilar, Lorreth cruzou os braços casualmente sobre o peito. Ele havia desfeito a corrente de prata que eu usara para conter o outro homem, e eu não fiz nada para impedi-lo. Se Lorreth achava seguro soltá-lo, quem era eu para dizer o contrário?

Foley — esse estranho de cabelos preto-azulados, olhos pálidos e expressivos como de gato, e um brilho dourado na boca a cada palavra — encarou meu amigo com um olhar fulminante, sob as sobrancelhas franzidas. "Nunca pensei que te veria *por aqui* , Lorreth. Andando por aí como se estivesse em férias amaldiçoadas." Ele disse as palavras sem emoção, mas havia uma raiva profunda por trás delas. Ela pairava no ar, fazendo os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Lorreth bufou, olhando para as botas. "Não é como se eu *quisesse* estar aqui, irmão", disse ele.

“Se vocês dois não vão derramar sangue, então tenho um gato para encontrar”, alfinetou Algat. O

olhar que ela me lançou poderia ter matado um morto duas vezes. “Aqui. O livro

que foi prometido.”

Ela ergueu o tomo com a capa de tecido preto desbotado que havia enfiado em mim antes. “Não posso garantir que você encontrará o que procura dentro dele, mas, pensando bem, o que me importa? Estou aqui uma hora após o pôr do sol até uma hora antes do amanhecer. Não *volte* durante esse período. Você pode examinar as estantes, mas não retire nenhum outro livro da biblioteca sem autorização por escrito.”

Ela estendeu o livro por cima da mesa de leitura. Eu ia pegá-lo, mas ela o puxou de volta no último segundo. "Você entendeu?", perguntou, semicerrando os olhos.

"Entendi que só me é permitido entrar na biblioteca por uma hora à noite e uma hora antes do amanhecer? No meu próprio pátio? Sim, entendi perfeitamente."

“Ótimo.” Algat empurrou o livro na minha direção e saiu.

Assim que o curvado Lorde da Meia-Noite desapareceu, Foley se levantou. "Ela é uma vampira, Lorreth. Ela está usando a adaga de Fisher como se não tivesse precisado arrancá-la de suas mãos frias e mortas. E o jeito como você está se posicionando agora me diz que você se oporia a mim se eu tentasse atacá-la pela garganta novamente."

Lorreth olhou por cima do ombro para mim, erguendo as sobrancelhas em sinal de interrogação.

"Ele tentou atacar sua garganta?", perguntou.

Dei de ombros e assenti com a cabeça.

“E você não tem nenhuma marca? Impressionante.”

Foley fez um som de irritação. "Esse não é o ponto."

"Você deve estar ficando enferrujado com a idade, Foley. Ou talvez esteja apenas fora de prática porque se escondeu numa maldita *biblioteca* , de todos os lugares."

As mãos do vampiro se fecharam em punhos, a tensão elevando seus ombros até

as orelhas.

"Ninguém vem aqui", disse ele. "Ninguém." Uma exceção àquela velha bruxa. Este é o único lugar onde posso estar sem causar atrito."

Levantei a mão, rindo baixinho. "Hum, eu diria que você acabou de causar bastante atrito."

Foley se virou para mim, com o rosto contraído em um sorriso de escárnio. "Eu não estava falando com *você* ."

Aconteceu tudo muito rápido. A cadeira atrás de Foley voou pelos ares e caiu com força sobre a mesa de leitura. O vampiro foi erguido do chão e arremessado para trás. Uma faixa negra cruzou a biblioteca, e então Lorreth segurava o vampiro pela frente da camisa, puxando-o para fora do buraco que eu havia feito na parede da biblioteca.

"Seria sensato você mudar essa atitude", disse ele.

Num instante, eu estava ao lado dele. "Lorreth, está tudo bem. Traga-o de volta para perto."

Mas Lorreth não obedeceu. "Ela é uma vampira. *Meio* vampira. Mas também é meio fada. E ela não arrancou aquela lâmina da mão fria e morta de Fisher." Ele riu, balançando a cabeça, como se nem ele mesmo acreditasse no que estava dizendo. "Ele a *entregou* a ela."

"Bobagem. Ele *jamais* faria isso." O homem estava zangado, sim, mas, fora isso, parecia despreocupado por estar pendurado precariamente na beira do prédio. "A única razão pela qual ele faria isso seria se ela estivesse. ."

Lorreth inclinou a cabeça, as sobrancelhas arqueadas novamente. Fez um gesto com a mão livre, como quem diz " *continue. Você está quase lá. Termine o pensamento "*.

Os olhos de Foley se voltaram para mim, arregalando-se. "Não." Ele balançou a cabeça. "Isso não é verdade."

"Não é?" Lorreth zombou. "Você está me dizendo que não consegue sentir o cheiro dele nela daqui?

Já faz dois dias desde a última vez que ele esteve aqui, e eu ainda consigo—"

Com licença, mas eu preferiria que você não terminasse esse pensamento. Embora eu seja bastante imune ao julgamento alheio, não acho que. . Eu consigo lidar com a minha amiga fofocando sobre o fato de eu estar cheirando a sexo bem na minha frente."

"Então, ela o enganou", disse Foley, incerto. "Ela encontrou uma maneira de controlá-lo. Mas isso não explica por que você a está protegendo assim. Ela é a inimiga, Lorreth."

O guerreiro de cabelos escuros olhou para mim novamente, um sorriso torto iluminando seu belo rosto. "Ela é minha parceira *de bebida* . E já que foi você quem deixou essa vaga em aberto, não tem o direito de reclamar se outra pessoa ocupar o lugar dela."

"Ela é a rainha deles", ele sibilou.

"E aparentemente, você também é um vampiro agora. Mas você não me vê tentando *te matar* ."

"Sério? Você está me segurando a mais de trinta metros de altura!" ele exclamou.

"Ah, certo." O guerreiro bufou sem jeito, puxando o outro homem para perto e colocando-o de volta no chão. "Vou corrigir isso. Mas não pense nem por um segundo que eu não vou te jogar de volta para fora desse buraco se você tentar puxar alguma coisa", disse ele.

Foley me lançou um olhar de soslaio cauteloso enquanto voltava para o tapete da biblioteca.

Claramente, eu ainda não era confiável.

Bom, o sentimento era totalmente recíproco.

Se Lorreth chamava esse homem de irmão, então ele era mais do que próximo. De alguma forma, ele era da família. Mas nada nele fazia sentido. Para começar, ele era um vampiro que odiava vampiros. Eu tinha perguntas demais para contar, e queria respostas. "Você me olha como se eu fosse um monstro, mas eu também sinto cheiro de sangue em você, Foley. Você é igual a mim."

Seus olhos brilhavam com malícia enquanto ele circulava a mesa. "Não é bem assim", sussurrou ele.

“Não? Então explique-se. Como você conhece meu amigo? Como é possível que você viva dentro desta corte e, no entanto, não faça parte dela e não esteja sujeito às suas regras?”

Foley olhou para Lorreth com uma expressão interrogativa no rosto. "Você está me dizendo que ela é a companheira de Fisher e nem sabe quem eu sou?"

Aparentemente, Lorreth havia decidido que o perigo passara e que seu amigo não representava mais uma ameaça. Sentou-se pesadamente em uma cadeira na cabeceira da mesa de leitura, estendendo a mão e gesticulando para que eu lhe entregasse o livro que Algat me dera. Entreguei-o a ele. "Muita coisa tem acontecido ultimamente", disse ele, abrindo-o. Franzindo a testa para as páginas, examinou o texto da primeira página e começou a folhear as páginas seguintes. "E lamento informar, irmão, mas você está fora há muito tempo. Escrevemos para você. Enviamos mensageiros.

Tentamos visitá-lo. E nossas tentativas de contato foram rejeitadas em todas elas. Então, não. Você não tem sido o foco de nossas conversas ultimamente."

Foley estava de pé na ponta da mesa, com as pontas dos dedos espalmadas apoiadas na superfície. Ele ponderou suas palavras por um longo tempo antes de falar. Não para Lorreth, mas para mim. O gelo havia desaparecido de seu tom, mas não fora substituído por nada que se assemelhasse a calor. “Eu não me voluntariei para me tornar isso. Minha morte me foi tirada. Desde então, tentei devolver o

'dom' que me foi dado diversas vezes, embora ainda não tenha tido sucesso. Vim para Ammontraíeth quando fiz a transição porque não há criaturas vivas aqui que eu possa colocar em perigo. Ou melhor, muito menos pessoas de sangue quente que possam me tentar a ceder aos meus instintos mais primitivos. Em resposta à sua primeira pergunta, eu conheço seu *companheiro* ”—ele enfatizou a palavra, como se ainda não confiasse totalmente na informação que Lorreth lhe dera

—“porque um dia o considerei família. Ele me treinou para lutar. Ele salvou minha vida inúmeras vezes.”

“Você também salvou a vida dele uma vez. Lembra?” Lorreth interrompeu.

Foley baixou a cabeça, afastando a lembrança como se não importasse. "Em resposta à sua segunda pergunta, não estou sujeito às regras desta corte porque, como Lorreth disse, não faço parte dela.

Tenho permissão para existir aqui a critério de Taladaius, mas não me alinho com Sanasroth. Se dependesse de mim, mataria todos os monstros alojados nesta cidade negra e os veria virar cinzas."

“Sinceramente, estou surpreso que você *não tenha* feito isso”, ponderou Lorreth. Ele ainda estava absorto no livro, seus olhos percorrendo o texto. “Mas também estou surpreso que você ainda se sinta assim.” Delicadamente, ele fechou o livro e o colocou de lado, olhando para o amigo. “Você tem vivido entre eles—”

“Tenho vivido aqui, entre estes livros”, disse ele. “Não entre *eles* . . Fiz uma promessa quando me juntei à Lupo Proelia. Jurei defender os vivos contra esses miseráveis. Talvez não tenha conseguido cumprir esse juramento ultimamente. .” Seus olhos de gato brilharam de forma sobrenatural. “Mas certamente não o *quebrei* .”

O rosto de Lorreth era indecifrável. Ele encontrou o olhar de Foley, e muita coisa pareceu passar no silêncio entre eles. Parecia um momento íntimo. Os dois homens não se viam há muito tempo.

Tinham muito o que conversar, e eu não estava gostando particularmente do jeito como os olhos rápidos e estranhos do vampiro insistiam em se voltar para mim, como se ele estivesse monitorando meus movimentos.

"Vou procurar outro lugar para ficar", eu disse a Lorreth. "Para ser sincera, isso é bem constrangedor. E não quero estar aqui quando eles perceberem de onde vieram todos aqueles destroços e vierem verificar a torre."

Lorreth deu uma risadinha, mas ergueu a mão. "Espere um minuto, Saeris. Aqui. Pegue isto." Ele estendeu o livro, cuja capa empoeirada e desgastada exibia um título prateado com detalhes em relevo que eu não havia notado antes.

Runas Elementais e seus Propósitos.

Um guia completo de alquimia.

Eu peguei—

“Você ouviu Algat. Ela proibiu você de retirar isso da biblioteca”, disparou Foley.

Olhei para o livro, depois para o homem, com um sorriso frio. "Assim como você não me serve de comando, *eu* não sirvo *a ela* . Ela é a Guardiã dos Registros. *Eu* sou a rainha de todos os Sanasroth.

Levarei este livro e qualquer outro que eu achar conveniente. Se ela tiver algum problema com isso, que venha me dizer na minha cara."

A arrogância não era natural. Era como um músculo novo, teimosamente relutante em suportar peso, mas eu não me deixaria repreender por alguém como ele. O homem bufou, como se tivesse pena da minha ingenuidade. Ele ia falar, mas seus olhos se fixaram no título do livro em minha mão e brilharam intensamente.

“Para que você precisa *desse* livro?”, perguntou ele.

Seus olhos fervilhavam de intensidade quando nos encaramos. O motivo de eu precisar do livro não era da conta dele. O homem tentara me matar, e eu tinha noventa e nove por cento de certeza de que ele tentaria de novo, mesmo sabendo o que sabia sobre mim agora. De qualquer forma, Lorreth me olhou como se esperasse que eu respondesse de forma civilizada, e eu não queria decepcioná-lo.

Suspirei profundamente e expliquei. “Sou uma Alquimista. Também estou ligada a Fisher por um laço divino. Minhas mãos estão cobertas de runas, e não sei o que significam nem como controlar a magia que canalizam. Meu poder é instável, daí o buraco gigante de onde Lorreth acabou de te jogar.

Então, sim. Minha vida está bem complicada agora. E também fui jogada neste mundo onde todos me querem morta, e—” Franzi a testa, tentando analisar a expressão do vampiro. “O quê? O que foi?

Por que está me olhando assim?”

“Você é um alquimista.”

"Eu sou."

“As runas são reais.”

"Eles são."

“Não são apenas tatuagens?”

“Não. Olha, isso vai dar em alguma coisa? Porque eu tenho que ir até a forja.”

“Quando foi a última vez que você dormiu?”

Pisquei, surpresa com a mudança inesperada na pergunta. "Desculpe?"

“Os alquimistas precisavam dormir muito para regular seus poderes. Seus corpos precisavam de descanso para acessar sua magia de forma eficaz. Você parece não ter descansado há semanas.”

“Uau. *Obrigada.* ” O vampiro tinha mesmo um jeito especial com as palavras. Minha pele estava de porcelana ultimamente, pálida e impecável. Não havia olheiras. Meus olhos brilhavam.

Pessoalmente, eu achava que estava muito bem para alguém que tinha acabado de passar pelo inferno, mas, segundo Foley, eu estava horrível. Ele deve ter percebido meu incômodo no meu rosto, porque desviou o olhar, abaixando o queixo — o mais perto que eu chegaria de um pedido de desculpas, imaginei.

“Quando fiz a transição, também não dormia”, admitiu. Tive a impressão de que ele não gostava muito de falar sobre isso. “Meu corpo não se sentia cansado. Eu estava.. inquieto. É assim que acontece com algumas pessoas. Mas descansar é importante até para vampiros. Aprendi da pior maneira que as consequências podem ser terríveis se você não descansar o corpo e a mente.”

Inquieta. Era exatamente assim que eu me sentia. Não conseguia ficar parada. "E como vou conseguir dormir se meu corpo simplesmente não me deixa?", perguntei.

"Não sei o que vai funcionar para você", respondeu ele. "Descobri que, no início, eu precisava entrar em estado de transe para enganar meu corpo. Isso ajudou."

“Estado de transe? Como você conseguiu *isso* ?” Minha mente estava um caos. Havia cinco linhas de pensamento passando pela minha cabeça o tempo todo. A mera ideia de tentar silenciá-las o suficiente para entrar em transe era ridícula.

“Encontre um ponto focal e fixe o olhar nele”, disse Foley. “Tente não ouvir nada além do que está acontecendo ao seu redor. Deixe seus olhos perderem o foco. Deixe-se levar.” Ele abriu os dedos,

com as palmas voltadas para cima. “Não é fácil de conseguir. Mas o domínio da mente é uma busca digna tanto de rainhas quanto de camponeses. E um passatempo especialmente valioso para um Alquimista. Algumas magias são reflexivas. Elas vêm à pessoa automaticamente, como respirar. Mas a magia de um Alquimista só pode ser controlada.”

Um brilho o envolveu. Um lampejo de interesse em seus olhos, que antes não existia. Isso abriu suas feições. Fez com que parecesse mais jovem. Menos raivoso.

Eu ia fazer a pergunta, mas Lorreth se adiantou. Inclinando-se sobre a mesa em direção ao amigo, disse: "Esperávamos que você se lembrasse de alguma informação sobre os Alquimistas. Do seu avô."

O vampiro sorriu pela primeira vez desde que me derrubou no chão. Quando eu era humana, provavelmente não teria conseguido ver os arabescos gravados no ouro que revestia seus caninos, mas meus sentidos haviam se aguçado significativamente ultimamente. O padrão era intrincado e belo. Era difícil não ficar olhando para ele. "Aprendi com ele, sim. Mas, como lhe disse há pouco, passei os últimos mil anos tendo apenas estes livros e as estrelas como companhia. Conheço-os como a palma da minha mão."

“Então você vai nos ajudar?” Lorreth era um homem ponderado. Ele conseguia controlar suas emoções na melhor das hipóteses, mas agora parecia estar as protegendo com ainda mais cuidado.

Era quase como se ele não quisesse que Foley soubesse o quanto precisávamos de orientação. “Você pode nos ajudar a descobrir como selar as runas dela?”

Eu me ressentia de ter que pedir qualquer coisa ao homem, considerando a façanha que ele acabara de realizar, mas Foley era a primeira pessoa em toda Yvelia que encontrávamos que sabia algo sobre os Alquimistas e sua magia. E se eu não conseguisse ajuda logo, algo ruim iria acontecer. Eu sentia isso na pele.

"Se você souber como lacrar essas coisas", eu disse, erguendo as mãos, "um pouco de orientação ajudaria muito a compensar o fato de você ter tentado

quebrar meu pescoço."

A expressão do vampiro indicava que ele não se sentia realmente mal pelo que havia acontecido e também não se importava em se redimir comigo. Mas ele inclinou a cabeça, exibindo um sorriso forçado. "Tudo pela companheira do Martim-Pescador."

“Ótimo. Então vamos começar a trabalhar. Quanto antes eu conseguir interromper o fluxo mágico que está acontecendo com esses—”

“Durma primeiro”, disse ele. “Sem descanso, você não conseguirá realizar absolutamente nada. Além disso, preciso de tempo para reunir o conhecimento que adquiri ao longo dos anos. Preciso localizar diversos títulos e verificar as informações—”

“Mas você viu o que eu acabei de fazer com a parede! E se eu destruir uma *ala inteira* do palácio em seguida?”

“Você não vai destruir nada. *Você estará dormindo.* ”

Ele foi firme na resposta, mas tentei uma última vez, só por precaução. "Foley —"

“Você *não é* minha rainha.” Não havia ódio nisso agora. Apenas determinação. “Eu vou te ajudar, mas não agora. Seu corpo pode não sentir, mas seu controle está claramente fraco”, disse ele, gesticulando para o buraco enorme na alvenaria do outro lado da biblioteca. “Só tenho uma vaga

ideia dos passos que precisamos seguir, e não sei quanto a você, mas qualquer situação em que entrei cansado e desinformado nunca deu certo. Então você deve dormir, e eu devo ler. Essas são as únicas condições sob as quais eu vou te ajudar nisso.”

“Continua teimosa como uma mula, então”, disse Lorreth. Ele grunhiu, levantando-se. “Que bom *que isso* não mudou, pelo menos. Ele *tem* razão, Saeris. Se descansar lhe der uma chance melhor de controlar sua magia amanhã à noite, então não vejo problema nisso. É só mais um dia.”

Isso foi pior do que quando Elroy se recusou a me ensinar a fazer armas até que eu dominasse a arte de fabricar vidro. As palavras do velho ainda ecoavam nos

meus ouvidos.

“Até que você aprenda a ser gentil, eu não lhe ensinarei a ser violento.”

Havia lógica na abordagem dele; eu estava ansioso demais para arquitetar o método da minha vingança contra Madra e seus guardiões. Eu tinha sido imprudente e tolo naquela época, e poderia ter me matado fazendo alguma besteira. Mas aprender a soprar e manipular o vidro pelo qual Elroy era conhecido me ensinou paciência. Mais ou menos.

"Tudo bem. Ótimo. Então, amanhã à noite, assim que eu começar a falar. Estarei de volta aqui quando o crepúsculo estiver chegando", eu concordei.

Foley assentiu com a cabeça. "Certifique-se de dormir bem. . *Saeris* ", disse ele, experimentando meu nome pela primeira vez. "Vou saber que você está mentindo se não dormir."



19

VIVEREI

MARTIM-PESCADOR

A loja de Vorath Shah era um desastre. Ou.. havia uma grande chance de eu estar alucinando. Será que já tinha sido assim antes? Eu não conseguia me lembrar. De qualquer forma, lâmpadas de vidro e caixas de madeira quebradas entulhavam o chão. As prateleiras estavam penduradas nas paredes, tortas, e o conteúdo espalhado pelo chão. Um cheiro estranho e almiscarado também preenchia a loja, pungente e azedo. Carrion e eu torcemos o nariz ao entrar, e

agora respirávamos pelo nariz enquanto vasculhávamos os destroços, procurando um alambique que não tivesse sido destruído em pedaços.

"Juro que conheço esse cheiro." Carrion cambaleou, apoiando a mão na parede para se firmar. "É *tão* familiar." Ele estava prestes a desmaiar. Era um milagre, na verdade, que ele não tivesse caído como uma árvore, com todo o veneno demoníaco correndo em suas veias. Ele vomitou várias vezes no caminho de volta pelos túneis do Terceiro Mundo, mas eu também. Agora, estávamos ambos exaustos, e por mais que eu não quisesse admitir, não demoraria muito para que perdêssemos a consciência.

“Preocupe-se menos com o cheiro e mais com aquilo”, eu lhe disse.

Meus braços estavam cansados. Minha coxa latejava de dor. A perfuração do ferrão de Joshin era profunda e ardia como se alguém tivesse derramado ácido nela. Colocar peso na perna era excruciante, mas eu poderia cuidar do ferimento depois. Por enquanto, o antídoto era.. era nossa única prioridade.

“Não precisamos.. Oh, céus.. ” Carrion enrijeceu, o rosto ficando pálido. Ele fechou os olhos, e eu soube o que ele estava sentindo: a náusea crescente, a visão turva. Me arrependi imediatamente de ter pensado nisso, pois as mesmas sensações me invadiram. “Não precisamos de um curandeiro para preparar isso para nós?”, ele disse entre dentes cerrados. “Este antídoto?”

Empurrei um pedaço de madeira podre para o lado, espalhando cacos de vidro e um monte de pó azulado fino, a frustração crescendo enquanto meus olhos não encontravam um alvo. “Não. Todos os guerreiros sabem como fazer antídoto. Aprendemos técnicas básicas de cura antes mesmo de aprendermos a empunhar uma espada. Há muitas coisas que querem envenenar uma pessoa em seu reino, *Alteza* . Um guerreiro precisa saber como neutralizar uma toxina quando se encontra nas florestas congeladas de Yvelia. Não chegará muito longe se não souber.”

"Não gosto disso", resmungou o contrabandista.

"Sério? Eu diria que é muito útil eu ter formação em plantas medicinais."

“Não, não. . isso.” Ele precisou respirar entre as palavras. “ *Vossa Alteza.* Não gosto quando me chama de. . Vossa Alteza.”

Eu bufei. "Você *é* o verdadeiro herdeiro do Trono de Inverno, não é?"

“Muito bem. Então, começarei a chamá-lo de Lorde Cahlish, certo?”

"Não se você quiser continuar com essa sua maldita língua", rosnei.

Carrion endireitou-se, olhando para o teto enquanto pensava nisso. "Hum. É, eu meio que preciso da minha língua." Ele respirou fundo e soltou o ar com um suspiro. "Parece que as pessoas *gostam* dela."

Quase ri. *Quase.* Meu Deus, eu estava perdendo a cabeça. O homem era ridículo. "Continue procurando o silêncio, Swift."

Pela primeira vez desde que chegamos a Zilvaren, a sorte resolveu nos favorecer. Não encontramos um alambique, mas achamos um cadinho raso nos fundos da loja do Shah que serviria. O

comerciante do mercado negro tinha um destilador completo construído lá atrás, longe da vista de olhares curiosos, onde claramente aprontava alguma coisa. Desmontei a maior parte do equipamento, acendi uma vela sob o queimador e comecei a trabalhar.

“Você chegou tarde demais. Pra quê se dar ao trabalho?” Minha mãe tinha voltado. Ela estava sentada na ponta do banco de Vorath Shah, balançando as pernas sob a longa saia, comendo uma maçã. Seus longos cabelos negros rodopiavam ao redor da cabeça como se ela estivesse debaixo d'água. “Você é igualzinha ao seu pai, não é, querida? Sempre atrasada demais.” Ela deu uma mordida enorme na maçã e me ofereceu o pedaço.

"Não." Balancei a cabeça negativamente. "Não quero isso."

"Um morto está falando com você agora?", perguntou Carrion. Ele estava curvado perto da porta, com as mãos nos joelhos novamente; provavelmente era a única posição que ajudava com a náusea.

“Sim”, eu lhe respondi.

“Ah, que bom”, disse ele com uma voz aguda. “Pensei que fosse só comigo.”

Quaisquer que fossem os fantasmas que assombravam Carrion, ele preferiu não

compartilhar, e eu preferi não me intrometer. Os fantasmas de um homem eram problema dele, e eu já tinha problemas suficientes com os meus.

“Olha só você. Colocando pessoas em perigo. *De novo.* ”

Cortei a palma da minha mão quebrada — cinco centímetros de comprimento, pelo menos um centímetro e meio de profundidade — e fechei a mão em um punho o melhor que pude. podia, grunhindo de dor. O sangue jorrava na tigela do cadinho, acumulando-se rapidamente.

Não olhei para a outra mulher, de cabelos cor de areia, que se juntara a nós e estava encostada no banco ao meu lado. Não conseguia suportar ver seu rosto. Não agora. Não aqui. Não depois de tantos anos de luto por ela. Não ouvia sua voz há séculos. O som dela agora, familiar, me deixou sem ar. Doeu mais do que tudo o que eu havia suportado hoje.

“Não é que você seja má. Você também não é cruel. Você é apenas *descuidada* ”, disse ela. “Você promete cuidar das pessoas, e elas depositam sua confiança em você. E então você as decepciona, não é? Preocupada demais em se cobrir de glória para prestar atenção ao que está acontecendo com aqueles ao seu redor.”

Peguei uma pitada de sal de uma tigela aberta no banco de Shah e a deixei cair no cadinho. Senti como se meu peito estivesse sendo aberto ao meio.

“Veja só. Você está tão preocupado em salvar o dia agora que nem se dá ao trabalho de olhar para mim, não é?”

Do outro lado da sala, Carrion gritou e saltou da parede, afastando um agressor invisível.

Retirei a pequena caixa de madeira e coloquei-a sobre a bancada. Minha mão boa tremia enquanto eu tentava deslizar a tampa de volta.

“Sempre a mesma coisa. Sempre um covarde. Sempre com medo demais para encarar as consequências de seus atos”, disparou a mulher.

O pequeno escorpião dentro da caixa estava furioso. Era o último vestígio da forma de Joshin. O

demônio tinha razão — levaria vidas para se replicar e retornar ao tamanho

completo. Ele tentou me picar, mordendo meus dedos, mas eu já estava farto das picadas daquele filho da puta. Agarrei-o pela cauda e o tirei da caixa.

“Olhe para mim, Fisher”, disse a mulher.

Segurei o escorpião, tentando em vão me concentrar nele. "Cumpra sua parte do acordo, Joshin. Se não cumprir, vou te esmagar na parede."

“Fisher, *olhe* para mim.”

O escorpião se contorcia, tentando escapar, mas eu não o perdia de vista. A cada piscada, ficava mais difícil abrir os olhos. Segurei o escorpião contra a lateral do cadinho, pressionando seu ferrão contra a borda do metal. A princípio, nada aconteceu.

Como era de se esperar, o demônio estava furioso. Nós o reduzimos a cinzas lá no campanário. Sua verdadeira forma morreu gritando, e este pequeno fragmento do demônio sentiu tudo. Ele não queria me fazer o favor de produzir um pouco de seu veneno. . mas morreria de vez se não o fizesse.

Com irritação, o escorpião finalmente golpeou a lateral do cadinho, e um fino fio de líquido transparente formou gotas e escorreu para dentro do sangue e do sal.

Assim que terminei a tarefa, empurrei o escorpião de volta para a caixa, tomando cuidado para que não escapasse. De volta para o meu bolso.

“Martim-pescador, olha *só o que você fez comigo!”*

Girei sem pensar. A irmã de Renfis estava ali, as pontas de seus lindos cabelos longos emaranhadas e negras. Seu rosto, outrora belo, estava cheio de bolhas e em carne viva, a pele lisa como cera de vela derretida. Faltava-lhe o olho esquerdo. Seus lábios estavam fundidos no lado esquerdo do rosto. Ela estava quase nua, mas havia pedaços de couro chamuscado grudados nos ossos expostos de sua caixa torácica. Lágrimas escorriam de seu olho direito, descendo por sua bochecha dilacerada.

“O preço do seu orgulho, Fisher”, disse ela de canto de boca. “O que você acha? Eu ainda sou bonita?”

"Sempre", sussurrei.



"Você sabe o que é ser queimada viva?", ela vociferou.

Com tristeza, assenti. "Sim, Merelle. E sinto muito."

Eu sabia que Merelle não me culpava por sua morte. Ela teria todo o direito de fazê-lo, mas não o fez. Ela escolheu ligar sua alma à minha lâmina, permanecer parte da Lupo Proelia e ficar perto daqueles que amava. Não foi minha escolha. Eu teria preferido que ela partisse para as margens da vida após a morte, para encontrar sua paz, mas Merelle sempre fora uma mulher de personalidade forte, mesmo na morte. Esse horror foi uma manifestação da minha própria culpa e nada mais.. mas despedaçou meu coração.

Contornei o cadáver carbonizado do meu amigo e coloquei as mãos sobre o cadinho, fechando os olhos.

O veneno misturado com magia exigia um antídoto com a mesma essência. Tal

por tal. Uma troca de poder maior que o original para anulá-lo. Entrelacei minhas sombras no copo de metal, enviando-as para o sangue, o sal e o veneno, infundindo a mistura com meu poder.

Senti que aquilo me dominava.

“É inútil tentar arrancar uma gota de remorso dele, minha filha”, disse minha mãe, olhando por cima do ombro para Merelle. “Ele é incapaz de sentir emoções verdadeiras. Você não é?”

Não seria nada agradável, mas *funcionaria* . Recolhi o cadinho e despejei o conteúdo em dois copos empoeirados.

“É disso que você tem medo, não é?” minha mãe cuspiu as palavras. “De que você terá que sentir de verdade o peso de tudo o que fez se realmente quiser amá- *la* . O ódio. A vergonha. O horror.”

Ela não disse o nome de Saeris. Não precisava. A mulher comendo a maçã no banco era eu. Eu sabia exatamente de quem ela estava falando.

Hesitei, de repente incapaz de levantar os pés. "Eu *sei* que terei que fazer isso", murmurei. "Mas não tenho medo. Ela vale a pena."

Atravessei a imagem da minha mãe, deixando-a para trás enquanto cruzava a sala.

“Pare! Não! Não faça isso! Ela está doente! Por favor! Por favor, por favor, por favor, não pegue. Eu não posso ajudá-la sem isso. Eu farei qualquer coisa, por favor, eu prometo—” Os olhos de Carrion se arregalaram quando coloquei a mão em seu ombro. Suas pupilas se reajustaram, o que quer que ele estivesse vendo desapareceu quando ele percebeu que eu estava parada na frente dele.

"Você conseguiu?", perguntou ele, ofegante.

"Eu tenho."

Ele pegou o copo que lhe entreguei, olhando com desconfiança para o líquido dentro. "Nunca tinha pensado em beber seu sangue antes, Fisher, mas.. devo dizer, estou muito animado com isso."

Brindei com a minha xícara na dele. "De nada, Swift."

Nós dois ingerimos a mistura e imediatamente começamos a ter convulsões.



Meus ossos estavam quebrados. Todos eles. Tinham sido mal colocados, as bordas raspando na minha carne. Meu estômago revirava de ácido, meus olhos ardiam tanto que eu quase desejei ser cega.

Mas eu *estava* vivo.

"Você já acordou alguma vez.. e pensou.. 'Meu Deus, não seria bom se eu *não tivesse* acabado de enfrentar um demônio escorpião do inferno?'", grasnou Carrion.

“Hah!” Pressionei minha mão boa contra o plexo solar, curioso para ver se a pressão aliviaria a dor aguda ali. Não aliviou. “Mais vezes do que eu gostaria.”

Estávamos estirados no chão, entre os cacos de vidro e os móveis destruídos. Tínhamos ficado ali por pelo menos uma hora, tremendo, tendo espasmos e espumando pela boca. O destino devia estar particularmente cruel hoje, porque tínhamos permanecido conscientes o tempo todo enquanto o antídoto fazia efeito.

Lentamente, fechei os olhos. "Como você se sente?"

"Uma merda", respondeu Carrion. Sua voz estava mais forte agora. Sua respiração não parecia tão ofegante quanto vinte minutos atrás. "E você?", perguntou ele.

"Uma merda", concordei.

“Você ainda está vendo gente morta?”

Pensei um pouco antes de responder. Então: "Não".

"Eu também."

"Parabéns."

“Obrigado. Agradeço muito.” Ele se mexeu, o som de vidro quebrando embaixo dele. “Se eu ficar deitado aqui por muito mais tempo, vou desmaiar. E eu não *quero* desmaiar aqui.”

"Eu também."

Carrion soltou um som de dor enquanto se arrastava lentamente até se sentar e, milagrosamente, conseguiu ficar de pé. "Vamos lá, então. Vamos embora."

Abri os olhos e lá estava ele, estendendo a mão para mim novamente. Pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas, deixei o contrabandista me ajudar a levantar. Mas desta vez, eu estava cansada demais para lhe fazer uma careta.

“Cuidado. Da última vez que estive em casa, havia uma garçonete na minha cama. Há uma boa chance de ela ainda estar aqui.” Carrion abaixou a cabeça, passando rapidamente pela janela que acabara de arrombar, desaparecendo no quarto escuro além dela.

Eu estava encharcado de suor. Segundo Swift, o acerto de contas não estava tão quente quanto o normal hoje, mas o calor era infernal. Mover-me pelas ruas desertas do Terceiro Distrito *tinha* sido mais fácil, no entanto. O povo do distrito de Saeris sabia procurar sombra durante a parte mais quente do dia, quando a vida desacelerava e os mais espertos encontravam um lugar para descansar por algumas horas.

Segui Carrion, saltando pela janela e imediatamente desejando ter ido mais devagar, segurando minha mão quebrada contra o peito. Os cômodos estavam silenciosos. Imorais. Não havia muitos móveis. Uma cadeira. Uma escrivaninha. Uma cama. A cozinha era pequena, mas havia panelas empilhadas, organizadas e limpas, sobre a bancada. Na sala de estar, Carrion encontrou um bilhete esperando por ele sobre a mesa bamba. Ele o pegou, leu, amassou-o e jogou-o em um balde no canto da sala.

“O barman?” perguntei.

Ele soltou uma risada abafada pelo nariz. "O barman. Estou oficialmente banido do Dusty Crab."

"Vergonha."

"Vou sobreviver." O contrabandista resmungou. "Mas eles têm o melhor uísque da ala. Aliás.. " Ele foi até a cozinha. As portas dos armários rangeram ao abrir e fechar *com um baque* . Quando voltou, carregava dois copos de cristal meio cheios de um líquido âmbar claro. Não perguntou se eu queria beber. Até um padre preso aos seus princípios morais precisaria de uma bebida depois do que tínhamos acabado de passar. Aceitei o copo e virei o conteúdo de uma vez, e Swift fez o mesmo.

O álcool queimava como o veneno de Joshin, mas desta vez a sensação era autoinfligida, então não contava. Observei o copo, processando as últimas horas. Tínhamos nossa prataria — sacos dela, cortesia dos baús guardados na torre do sino — mas, céus, custou-nos caro.

“Foi ela que fez isso, sabe?”

Eu olhei para cima.

Carrion estava encostado na lateral de sua pequena mesa de jantar, apoiando o quadril nela. Ele gesticulou cansado em direção ao copo. "Você a colocou para trabalhar com mercúrio, mas ela fazia outras coisas antes. O homem que lhe deu trabalho depois que a mãe dela morreu? Elroy? Ele faz peças de vidro gravadas incríveis." Delicado. Vende para o pessoal do Hub. Os produtos que Saeris fazia nunca eram bons o suficiente para eles, mas eram mais do que bons o bastante para o pessoal do Terceiro.

De repente, o copo em minha mão tornou-se completamente novo.

Era uma coisa linda. Pequena. A borda era adornada com uma corda de vidro enrolada. Um padrão estava gravado nas laterais do vidro, representando uma torre que lembrava muito o palácio de Madra sendo consumida pelas chamas. Cães com as línguas enroladas corriam uns atrás dos outros ao redor da base do vidro.

Ela que fez isso.

Quando a encontrei, entrei em pânico. Como era possível que essa mulher, esse *ser humano* , fosse a pessoa por quem eu deveria me apaixonar? Como eu a protegeria do tipo de vida que eu levava? Ela me surpreendeu. Onde eu a considerava frágil, ela era forte. Seu coração era maior que o horizonte na maior parte do tempo — grande demais para o seu próprio bem. Eu a havia julgado

mal. Ela era incrível. Por vinte e cinco anos, ela sobreviveu a esse lugar hostil e ainda tinha fogo suficiente em sua alma para criar o tipo de arte que, sem dúvida, lhe custaria a vida se caísse em mãos erradas.

Como se lesse meus pensamentos, Carrion disse: “Ela tinha uma queda por designs incendiários.

Elroy não conseguia vendê-los. Às vezes eu os comprava, quando conseguia convencê-lo a se

desfazer deles.” Carrion desapareceu na cozinha e voltou com uma jarra de barro. Mais uma vez, ele não perguntou. Eu o observei despejar o uísque no copo que eu segurava, mordendo a parte interna da minha bochecha.

Um ninho de víboras se contorcia atrás da minha caixa torácica. Queriam que eu desse um soco na cara do Carrion. *Com força.* Mas era exaustivo, essa raiva cega que eu nutria pelo macho. Não servia para nada. Eu estava cansado até os ossos e não tinha energia para continuar. Virei o shot e coloquei o copo de volta na mesa com cuidado, ainda olhando para ele.

Suas mãos o tocaram. Suas mãos o criaram.

Isso me fez sentir..

Droga, eu sentia uma enorme *falta* dela. Eu a queria aqui, ao meu lado. Queria abraçá-la; o fato de ela não estar em meus braços naquele momento parecia a maior injustiça que já me haviam infligido.

Não havia como superar isso.

Quando levantei os olhos, Carrion estava me observando. "Continue", disse ele. "Pergunte."

Seria indigno de mim fingir que não sabia do que ele estava falando. Então perguntei: "Você está apaixonado por ela?"

Ele deixou a cabeça cair, rindo baixinho enquanto puxava uma cadeira para a mesa e se sentava pesadamente. Esticando as pernas à sua frente, apoiou as mãos na barriga, uma sobre a outra, e olhou para cima, encontrando meu olhar. "Não", disse simplesmente. E então, imediatamente,

"Sim?"

Uma onda de calor me invadiu, fazendo minha garganta se fechar.

“Não é uma coisa simples, Fisher. Ela é. . bem. .”

"Espetacular", sussurrei.

O sorriso que se espalhou pelo rosto dele era triste. "Certo. Exatamente. Ela sempre foi assim.

Quando outras pessoas estão cheias do tipo de fogo que arde dentro dela, ele as consome vivas. As esvazia por dentro até não sobrar nada *além* do fogo. Elas queimam todos ao seu redor com ele, até que tudo o que reste seja terra arrasada. Mas não Saeris. O fogo dela mantém os outros aquecidos na escuridão fria. É a força dela, não a fraqueza. Estar perto dela te lembra que você está vivo."

Me deu vontade de vomitar, só de ouvi-lo falar dela desse jeito. Mas ele não estava dizendo nada que fosse mentira. Se eu conseguia ver o quão incrível ela era depois de conhecê-la por tão pouco tempo, como diabos eu poderia esperar que ele fosse cego a isso depois de conhecê-la por anos?

Não, eu não podia culpar o homem por ver o óbvio. Eu só podia ter pena dele por ela não ser dele e agradecer pra caralho por ela *ser* minha.

“Eu poderia tê-la amado. De verdade”, disse Carrion suavemente. “Mas este lugar me destruiu *séculos* antes de Saeris nascer. Cometi o erro de me apaixonar por uma humana uma vez, e acredite em mim quando digo que uma vez foi o suficiente. Há muito tempo, alguém me disse que a dor da perda era algo temporário. Que ela se amenizaria com o passar dos anos, até que a mágoa se tornasse uma velha amiga com quem me sentia confortável. Mas a pessoa que me disse isso era humana.” Ele suspirou, um suspiro que havia sido reprimido por mil anos. “Eu não tinha muita informação sobre

a minha espécie, mas sempre me pareceu que os Fae deviam experimentar o luto de forma diferente dos humanos. Os humanos vivem tão pouco tempo. Fazia sentido que a dor os visitasse e partisse logo em seguida. Seria cruel. Consumiria suas vidas inteiras, caso contrário. Mas para mim. .” Ele balançou a cabeça, olhando para as próprias mãos. “A cada ano que vivo, parece que a magnitude da minha perda supera a do ano anterior. Então, sim. Eu amo Saeris Fane, porque

ela é eletrizante, feroz e leal, e estar perto dela me faz enxergar o mundo de volta. Mas eu não estou *apaixonado* por ela, Fisher. Eu tentei. Mas meu coração estava cheio demais de tristeza para abrir espaço para ela."

O fogo em meu peito se apagou enquanto o contrabandista falava. Renfis certamente teria algo profundo ou reconfortante a dizer naquela situação. Mas eu conhecia o poço eterno da dor, quão profundo ele corria, infinitamente, então apenas assenti. Era tudo o que eu tinha para lhe oferecer: minha compreensão e minha presença. Arrastei-me até a cadeira no canto da sala e sentei-me, minha mão quebrada latejando de dor enquanto tentava segurar o copo que Saeris havia feito nela.

"Você mal se mexeu hoje", observou o contrabandista. "A dor desse veneno. A dor da sua morte." Ele ficou em silêncio por um instante, mas então perguntou: "Você vai me mostrar?"

Mostrar para você?"

"Como encerrar isso? Como desligar tudo, para que eu não precise mais sentir isso?"

Pecadores. Estufei as bochechas, incapaz de encará-lo por um instante. "Não, Carrion. Eu não vou."

"Por que não?" Ele parecia ter acabado de receber um chute.

"Só existe uma maneira de aprender a suportar a dor como eu suportei. Você tem que sofrer com ela. De novo, e de novo, e de novo. Isso te fortalece. Te tempera como aço. Mas eu não desejaria a ninguém o tipo de dor que eu vivi. Eu a suportei porque tive que suportar e por nenhum outro motivo. Sinta a dor que te foi dada, Carrion. Não seja tolo o suficiente para pedir mais. É uma maldição da qual eu te pouparia, acredite em mim."



20

CAÇADOR

SAERIS

Havia uma rachadura na parede.

Uma pequenina, com apenas cerca de uma polegada de comprimento.

Fiquei olhando fixamente até que meus olhos me pregaram peças e o marmoreio nas paredes de obsidiana começou a derreter. A um metro e meio de distância, em frente à lareira, Onyx estava enroscado em uma bolinha, roncando alto.

ele não tinha dificuldade nenhuma em desmaiar. A vida era simples para ele. Seu cérebro não tinha inúmeras perguntas e preocupações fervilhando em seu interior.

Passou-se uma hora.

Outro.

Eu estava prestes a soluçar quando, finalmente, meu cansaço inquieto me venceu.

Adormecer não era mais como antes. Era mais como. . passar conscientemente de um cômodo para outro. Num instante, eu estava sentada no chão do meu quarto, encostada numa montanha de almofadas, e no instante seguinte, eu estava em outro lugar.

Estava nevando.

A luz estava diminuindo — aquele mesmo tipo de crepúsculo meio apagado que banhava as paredes de Cahlish em um cinza pálido pouco antes do anoitecer. O ar estava denso de pinheiros e fumaça, tão frio que ardia por dentro das minhas narinas. Encontrei-me com vista para um vale estreito coberto de neve. Um riacho raso o cortava, com apenas alguns centímetros de largura, a água borbulhando e correndo velozmente.

Na encosta, a meio caminho do vale, numa clareira, erguia-se uma pequena casa de campo com paredes pintadas de branco e fumaça saindo da chaminé.

Paulada.

Paulada.

Paulada.

À esquerda da casa: uma figura se movendo de forma repetitiva e espasmódica.

Paulada.

Era o Fisher. Eu soube que era ele no momento em que o vi.

Comecei a correr sem pensar duas vezes. O frio penetrava meus pulmões e queimava minhas bochechas. Escorreguei na neve, perdendo o equilíbrio repetidas vezes, mas me levantei

rapidamente e continuei correndo. Quando cheguei à trilha que levava à cabana, já não conseguia respirar.

Paulada.

Paulada.

Ele estava lá, mais à frente. Estava congelando, mas meu amigo aparentemente não se importava com o frio. Suas calças pretas estavam caídas nos quadris, seus pés descalços. Ele também estava sem camisa, tinta preta escorrendo por suas omoplatas suadas enquanto ele brandia um machado com uma mão, passando-o por cima da cabeça e golpeando um pedaço de madeira, rachando-o em dois.

Paulada!

Seus cabelos estavam úmidos — ondulados e grossos, roçando o topo de seus ombros largos enquanto ele chutava a lenha rachada para o lado e pegava outro pedaço grande de uma pilha ao lado da cabana. Ao colocá-lo no chão, observei os músculos de suas costas se moverem enquanto ele Levantou o machado, girou-o e o abaixou novamente, rachando também aquele pedaço.

Paulada!

Pronunciei o nome dele baixinho, em pensamento, não em voz alta. *Fisher?*

Meu amigo ficou imóvel. Seus ombros se tensionaram, a cabeça levemente inclinada para um lado, como se estivesse ouvindo. *Saeris?*

Não consegui me conter; comecei a correr novamente. Quando ele se virou — o peito tatuado arfando pelo esforço, as bochechas coradas, os olhos brilhantes — um sorriso radiante se espalhou por seu rosto. Mas tão rápido quanto apareceu, desapareceu. Num instante, suas bochechas perderam a cor. Ele deu um passo cambaleante para trás, o machado caindo de sua mão e batendo com um baque no chão.

Parei de correr. "Fisher? O que. . o que foi?"

Ele pareceu se endireitar, ficando o mais alto que pôde, e então perguntou em voz alta: "Você está morto?"

“Por que você *perguntaria* isso?”

Ele cerrou os punhos ao lado do corpo. "Você parece. . tão real", disse ele. "Eu sei que estou sonhando. Eu.. "

Estou sonhando, Fisher. Acabei de adormecer e você apareceu.

“Estou aqui há mais de uma hora”, disse ele. “Removi uma árvore caída perto do rio. Arrastei-a até aqui. Desde então, tenho estado a desmontá-la para usar como lenha.”

“Bem, nós dois não podemos estar sonhando. Não o mesmo sonho”, eu disse.

“Vamos resolver isso daqui a pouco, Osha”, disse ele em voz baixa. “Primeiro, responda à pergunta para mim? Por favor?”

“O quê? Ah, não. Não, eu não estou morta. Não. . oficialmente”, acrescentei sem jeito. “Toda essa coisa do coração batendo—”

Fisher caminhou em minha direção e me envolveu em seus braços. Ele me apertou contra si com tanta força que pensei que minhas costelas fossem quebrar. Eu podia ouvi-lo respirar, o som rouco, como se ele estivesse lutando para manter a compostura.

“Graças aos deuses. Pensei que algo tivesse acontecido com você. Estava esperando para ver se isso se transformaria em um pesadelo. Pensei.. Droga!”

Ele me apertou ainda mais forte. Bati freneticamente em seu ombro. "Fisher? Fisher, eu não consigo respirar."

Ele se afastou, acariciando meu rosto com as mãos, o belo verde de seus olhos quase brilhando na luz crepuscular enquanto me observava. "Desculpe. Hoje foi um dia.. " Ele balançou a cabeça, mordendo o lábio inferior. "Eu odeio *sua* cidade, Osha. Não consigo expressar o quanto eu a *odeio* . Nossa, que bom te ver."

Não parecia um sonho. Eu estava muito consciente. O mundo ao meu redor era nítido demais.

Preciso demais. E não parecia uma representação subconsciente do meu companheiro. Sua pele estava quente ao toque. Eu podia sentir seu cheiro. Os detalhes dele estavam muito focados. Ele engoliu em seco, e eu observei os músculos de sua garganta se moverem, e lá estavam elas: as duas marcas que estavam desaparecendo lentamente na cavidade de seu pescoço, onde eu o havia mordido.

"Isso é real, não é?" sussurrei.

Fisher deu um passo para trás, me soltando. Virou-se de lado, os olhos me examinando minuciosamente enquanto caminhava ao meu redor, absorvendo cada detalhe do meu corpo. A neve caía com mais intensidade, flocos grossos cobrindo as ondas escuras de seu cabelo e derretendo ao atingirem seus ombros e peito. Nunca me senti tão compreendida como quando ele me olhava. E

assim, com seus olhos me devorando, eu podia sentir-me desmoronando.

Ele se aproximou por trás, como que por trás. O calor do seu corpo aqueceu minhas costas, sua respiração roçando a minha nuca enquanto ele afastava meus cabelos do meu ombro, inclinava-se para o vão do meu pescoço e me cheirava.

“É tão real quanto qualquer outra coisa que eu já tenha sentido”, murmurou ele. “Você tem o seu cheiro. Você tem a sua aparência.” De repente, suas mãos estavam Na minha cintura, seus dedos cravando-se levemente nos meus quadris. "Você. . *parece* você mesma."

Estivemos separados por pouco mais de um dia, mas parecia que anos haviam se passado. Era mais do que apenas sentir falta dele. Eu já havia sentido falta de outras pessoas antes. Eu sabia como era essa sensação. Mas a distância entre nós era uma angústia palpável que me fazia entrar em pânico.

"Bruxaria, talvez?", ponderou ele. Seus lábios roçaram a concha da minha orelha enquanto falava, e um arrepio percorreu meu corpo. Ele soltou uma risada sugestiva. "Tão receptiva. Adoro como seu corpo reage a mim, pequena Osha. Isso me mostra que você é minha."

"Alguma vez houve alguma dúvida?"

Ele roçou o nariz atrás da minha orelha, no meu cabelo, respirando fundo novamente enquanto me inalava. "Ah, não sei. Tive uma conversa interessante com Carrion Swift antes de desmaiar na sala dele há pouco tempo. Por um momento, achei que teria que lutar com ele por você."

Só de pensar nisso, dei uma risadinha irônica. "Não o machuque, Fisher. Você não precisa se preocupar com Carrion."

Ele cantarolou pensativamente. "Hum. Está tudo bem. Acho que já sei disso."

Coloquei minhas mãos levemente sobre as dele, apreciando a proximidade, sabendo que ele estava logo atrás de mim, mas Fisher sibilou, retirando a mão direita.

Girei-me no círculo formado por seus braços, olhando para ele de baixo para cima e depois para sua mão. Estava horrivelmente machucada, seus nós dos dedos cobertos de sangue seco. "Meu Deus, o que diabos aconteceu?"

O desconforto era evidente em seu rosto, mas ele ainda tentava minimizar seus ferimentos. "Não é nada. Minha mão está só um pouco quebrada. Tive que dar um soco e fazer um buraco na parede de uma torre."

“Você teve que fazer *o quê* ?”

Tremi enquanto ele explicava o que havia acontecido desde a última vez que o vi. Ele e Carrion haviam conseguido a prata de que precisávamos, mas deram de cara com algum tipo de demônio escorpião no processo. Ainda *não tinham* visto Hayden, mas iriam procurá-lo pela manhã. Quando Fisher terminou de falar, o suor havia secado em seu corpo e meus dentes batiam. "Quero saber o que está acontecendo com você", disse ele. "Mas parece que você está prestes a congelar até a morte.

Vamos levá-la para dentro."

Ele me aconchegou ao seu lado e me guiou em direção à cabana. Arrombando a porta, ele me conduziu para dentro, e o aroma delicioso de carne temperada atingiu meu nariz. Aparentemente, Kingfisher estava cozinhando antes de eu aparecer e invadir seu sonho. "Que lugar *é* este?", perguntei.

“A cabana do caçador nos limites de Cahlish. Meu pai me trouxe aqui algumas vezes quando eu era jovem. Não penso neste lugar há.. ” Ele olhou para o teto. “Anos?”

A casa era pequena. A cozinha consistia em uma pia no canto e um pequeno balcão, repleto de potes de vidro cheios de coisas que pareciam ser conservas. Maços de ervas secando pendiam das grossas vigas do telhado. O teto era baixo e manchado de fuligem acima da lareira. Poltronas de encosto alto estavam em frente à lareira, curvadas pelo uso constante. Um pequeno cachorro branco estava estirado em frente ao crepitar das brasas.

Hah! Não era um cachorro.

Era Ônix.

Ele pulou de pé quando me viu, soltando um gritinho. Eu caí de joelhos no mesmo instante em que ele pulou em meus braços, se contorcendo e lambendo meu rosto.

“Ah, oi. Oi, oi, oi!” Eu estava com ele há poucos minutos, e ele estava reagindo como se estivesse me esperando há anos. “Como—” Ele enfiou a língua na minha orelha. Eu me afastei, Tentei bloquear o golpe com o ombro, mas ele rapidamente contornou e repetiu a investida. "Ah! Como *ele veio* parar aqui também?", eu ri. Onyx atravessou o quarto correndo e pegou algo da poltrona perto da janela.

Sacudiu o objeto como se fosse um esquilo que acabara de caçar e o depositou no meu colo: um pedaço de fita de seda verde. Um presente, ao que parecia.

Ainda parado na porta, ainda inacreditavelmente sem camisa, meu amigo suspirou, cruzando os braços. "Não sei. Aquela coisa maldita está me seguindo nos meus sonhos há umas duas semanas.

Mesmo quando ele estava de volta em Cahlish."

Olhei para Fisher, arqueando uma sobrancelha. "Sabe, essa falsa irritação não é mais necessária. Eu sei que você o ama, e ele também."

Onyx se entregou à lambida, lambendo meu pulso. Sua língua rosada roçava minha pele. Fisher o observava em ação, balançando a cabeça. "Eu diria que, na melhor das hipóteses, nos *toleramos* ", argumentou.

“Eu vi você com ele quando você pensava que eu não estava olhando. E por que ele já estaria aqui com você, neste, neste espaço onírico, se ele não te amasse?”

Kingfisher passou mais um longo momento estudando o teto. "Não sei. Talvez ele estivesse apenas esperando por *você aqui* ."

“Fisher.” Onyx pulou, colocando as patas nos meus ombros e começou a esfregar o topo da cabeça no meu queixo. “Apenas aceite. Minha raposa também é sua raposa.”

Ele não disse nada, apenas rosnou, fazendo uma careta enquanto fechava a porta da cabana com um chute.

O simples ato de ele atravessar a sala para ficar perto da lareira me deixou sem fôlego. Como alguém pode se apaixonar por outra pessoa por algo tão simples como atravessar uma sala? Seria por causa dos arrepios que cobriam sua pele? Seria pela forma como os músculos de sua mandíbula se contraíram enquanto ele

se abaixava para mexer na panela que fervilhava sobre a lareira? Fogo? Ou as pequenas linhas que se formavam entre suas sobrancelhas quando ele estava concentrado? Ou o jeito como ele me flagrou o observando e me encarou por cima do ombro, com um sorriso irônico?

Puta merda. Eu estava completamente fodida. Cada coisa que esse cara fazia me deixava com vontade dele. Me dava vontade de gritar. Me dava vontade de—

"Você ainda não aprendeu a lição, Osha?" Fisher se levantou da lareira e caminhou lentamente sobre o tapete gasto em minha direção. Ele parou diante de mim, suas coxas musculosas na altura dos meus olhos. Olhei para ele, tentando não me distrair com o fato de ter que contornar a parede de músculos que formava seu abdômen e peito antes de conseguir alcançar seus olhos. Era um milagre que eu os encontrasse. Seu sorriso de canto de boca havia passado de levemente divertido para profundamente interessado. "Seu coração está acelerado, Saeris Fane. Por que será *?* "

Era mesmo. Agora que eu não conseguia controlar nem se meu coração batia ou não, o fato de ele me descontrolar com tanta frequência quando eu estava perto dele parecia divertir ainda mais meu companheiro.

"Você parece tão satisfeita consigo mesma", eu disse. Mas eu estava corando. *Muito.*

"Ah, é mesmo? Deixe-me. . ver." Seus olhos estavam cheios de pecado. Movendo-se muito lentamente, ele ergueu a mão e levou o polegar à boca, chupando-o. Eu não conseguia desviar o olhar enquanto ele abaixava a mão e levava o polegar até *minha* boca, esfregando-o no meu lábio inferior, umedecendo-o com sua própria saliva. "A criatura mais singular e mais bela de todo o reino, de joelhos diante de mim, olhando para mim como se estivesse se sentindo selvagem e talvez quisesse me foder? Sim", disse ele, "eu diria que estou bastante satisfeito comigo mesmo."

Minhas terminações nervosas vibravam com eletricidade.

Este homem.

Esse. Maldito. Homem.

Será que a vida seria assim agora? Apaixonar-me cada vez mais por ele? Desejá-

lo e precisar dele mais do que qualquer outra coisa que eu já tivesse precisado? Eu esperava com todas as minhas forças que fosse assim, porque isso era.. ufa. Eu nem sabia como descrever *a* sensação de ter aquele homem olhando para mim, como se ele estivesse sentindo tudo o que eu estava sentindo. Como se ele também estivesse se sentindo selvagem e me desejasse.

Onyx viu uma mariposa e saltou do meu colo, indo atrás dela e me esquecendo por um instante.

Estendi a mão para Fisher, envolvendo seu tornozelo com a minha, precisando apenas sentir sua pele contra a minha. As barras da calça dele estavam molhadas. O peito do pé estava frio. Ele observou o ponto onde eu o segurava, sorrindo suavemente enquanto um fio de tinta preta escorria pelos meus dedos e se acumulava em sua pele, contorcendo-se e girando enquanto percorria seu tornozelo e depois desaparecia sob a barra da calça molhada.

Olhei para o meu amigo, perplexo. "Que diabos foi *isso* ? *Eu* acabei de te tatuar?"

Ele sorriu, arqueando uma sobrancelha escura para mim. "Parecia que sim."

"Eu pensei. . espera aí, então isso não acontece *só* quando estamos fazendo sexo?"

Fisher deu uma risadinha enquanto puxava a barra da calça o máximo que podia sobre sua panturrilha musculosa, revelando metade do que parecia ser uma elaborada tatuagem de uma adaga.

Ele assentiu com aprovação, piscando para mim. *"Legal."*

“Fisher! Isso vai acontecer toda vez que nos tocarmos?”

O desgraçado estava se esforçando para não sorrir. Não havia necessidade alguma de tanta arrogância agora. Ele deslizou os dedos pelo meu maxilar, curvando o indicador e usando-o para levantar meu queixo, fazendo com que nossos olhares se encontrassem. "Não, não vai acontecer sempre, Osha." Seu sorriso se alargou, apesar dos visíveis esforços para contê-lo. "Só vai acontecer quando você estiver pensando"—ele passou a língua pelos lábios — "pensamentos muito *ruins* ."

Depois de tudo o que tínhamos feito um com o outro, como era possível que ele ainda me fizesse corar como uma menininha? Por que eu queria me esconder da luxúria sugestiva e crua em seu rosto? "Eu não estava pensando em nada!", protestei. "Eu só toquei no seu *tornozelo* !"

"Ei, tudo bem. Algumas pessoas têm uma tara por pés. E os meus não são tão peludos quanto os da maioria das pessoas."

O brilho malicioso em seus olhos me fez perceber que ele estava me provocando e adorando isso, mas eu não podia deixar passar. "Eu não tenho nenhuma tara por pés!"

“Está tudo bem, Saeris. De verdade. Eu entendo que tocar *em qualquer* parte de mim possa te deixar perturbada.”

"Deuses!" Tentei dar um tapa na perna dele, mas ele se esquivou, mostrando seus caninos afiados enquanto ria. "Você também pode parar de ser tão *arrogante* !"

Eu era vampira e fada. Minha visão estava excelente agora, mas tudo o que eu via era um borrão de sombras e luz enquanto Fisher avançava rapidamente e me agarrava pelo pescoço novamente. Seus



dedos pressionavam levemente a lateral do meu pescoço *enquanto* ele deslizava o polegar para frente e para trás sobre minha mandíbula.

Agora ele estava completamente sério, o sorriso havia sumido. "Não sou arrogante. Sou orgulhoso pra caralho. Ouço como seu pulso acelera quando você toca meu corpo, e isso me faz sentir invencível. Você consegue ouvir meu pulso fazer o mesmo quando eu te toco, não consegue?"

Puta *merda* .

Ele estava tentando me matar, eu juro. "Eu—"

O aperto dele em meu pescoço se intensificou um pouco. "Pare de protestar. Assuma a responsabilidade."

“Tudo bem. Sim. Eu consigo. Eu quero.” Droga. Ele me deixou sem fôlego e

completamente entregue a ele, e ele sabia disso. Seus olhos fervilhavam de desejo enquanto ele se agachava descalço na minha frente e acariciava meu rosto novamente com a mão ilesa. “Não sei o que é *isso* agora”, disse ele, gesticulando para a cabana ao nosso redor, “mas é Parece um presente. Estamos sozinhos.

Parece seguro. Está nevando lá fora. Temos a fogueira, a comida está cozinhando e a raposa está caçando insetos. É tudo o que eu preciso, Saeris. Algo simples. E *você* . . Eu te reivindico, Osha.

Vamos. Você vem comigo.

O quarto não era nem de longe tão luxuoso quanto o dele em Cahlish. A cama mal parecia larga o suficiente para nós dois, mas isso não importava. Havia muitos sacrifícios que eu faria de bom grado para passar um tempo nua com esse homem, e uma cama de tamanho decente era o menor deles. Ele já estava seminú por causa da sua aventura cortando lenha mais cedo, o que significava que a maior parte do trabalho de despir teria que ser feita por mim.

A Kingfisher cuidou disso.

Ele já havia usado suas sombras para me despir no passado, mas não agora. Ele usou as mãos e saboreou a tarefa com maestria. De vez em quando, ele se encolhia, a mão quebrada causando problemas, mas não abandonaria sua missão, por mais que eu protestasse.

Quando ele puxou minha camisa por cima da minha cabeça e se inclinou sobre mim, enrolou meu cabelo trançado em seu punho bom e puxou minha cabeça para trás, de modo que minha boca se ergueu para encontrar a dele. "Se você acha que uma mão quebrada vai me impedir de te foder direito, Osha, então, por favor.. " Ele falou contra minha boca, seus lábios roçando os meus, sua respiração acariciando meu rosto. "Deixe-me te fazer mudar de ideia."

Ele se atirou sobre mim com um rosnado que me deixou sem ar. Levantou-me do chão e me prensou contra a parede da cabana. Um retrato de uma fada de semblante carrancudo, vestindo um vestido preto de gola alta, caiu no chão, sua moldura se estilhaçando aos pés de Fisher enquanto ele se espremia entre minhas pernas e se acomodava entre minhas coxas.

"Eu poderia passar o resto da eternidade aqui e morrer feliz", ele resmungou. "Eu poderia te foder e me banquetear com você até que as eras se completassem

e todos os sóis morressem e se apagassem nos céus, e ainda assim eu não teria tido o suficiente de você."

Ele me ajudou a subir mais na parede, curvando-se sobre mim para poder beijar a curva do meu pescoço. Soltei um suspiro entre os dentes quando o calor da sua língua tocou minha pele, subindo em direção à minha orelha. Quando ele mordeu meu lóbulo e puxou, minhas costas se arquearam para longe da parede e, de repente, percebi *o* quanto ele estava duro entre minhas pernas.

Será que esse tipo de coisa poderia acontecer em um sonho? Seria sequer possível? A sensação era essa. Se Fisher conseguia cortar lenha, me abraçar e me beijar aqui, então era lógico que ele também pudesse transar comigo aqui.

Graças aos deuses , eu repetia mentalmente. *Graças aos malditos deuses.*

Não agradeça a eles , respondeu Fisher em tom baixo e ressonante. *Agradeça* a mim. *Sou eu quem vai fazer você gritar.*

Suas mãos estavam em meu cabelo. Ele mostrou os dentes, exibindo caninos alongados enquanto batia novamente na mão machucada, mas quando tentei pegá-la *para* examiná-la melhor, ele balançou a cabeça sem fôlego. "Ainda não. Preciso senti-la mais um pouco."

Não fazia sentido para mim, mas dei de ombros, deixando-o lidar com sua dor.

Fisher segurou meu queixo, prendendo meu rosto entre o polegar de um lado e o indicador e o dedo médio do outro. "Você é tão linda", sussurrou. "Você existiu nos desenhos da minha mãe durante a maior parte da minha vida, mas nunca foi real para mim. Eu não acreditava.. " Seus olhos estavam arregalados e cheios de admiração. "Eu não tinha ideia do que você significaria para mim. Eu não tinha ideia do que faria para te proteger. Quando fecho os olhos, você é tudo o que eu vejo, Saeris Fane. Eu poderia estar morto e enterrado há cinco anos." Mil anos e as geadas poderiam ter levado meus ossos, e ainda assim nenhum outro homem jamais terá amado outra mulher como eu amo você.”

Meu coração disparou. Ouvir ele falar assim? Comigo? Sentir o amor dele por mim dessa forma?

Isso me *curou* . Eu não teria conseguido deixar mais ninguém fazer isso. A intensidade das emoções que eu sentia sempre que estava com ele teria me

apavorado. Eu teria fugido.

Mas com ele era diferente.

Ele era maior que a própria vida. Mais forte. Mais poderoso. Ele era maior do que a sensação de aperto no peito sempre que o ouvia dizer aquelas três palavras.

EU.

Amor.

Você.

Ele conseguia *lidar com* todas as besteiras e complicações que vinham com o fato de me amar. Ele me conhecia. Me via. Era capaz de nos manter unidos se tudo ficasse insuportável. Era seguro amá-lo também porque, acontecesse o que acontecesse, ele nunca me deixaria cair.

“Por favor.. ” De repente, me dei conta, de forma terrível, de que não sabíamos quanto tempo tínhamos juntos assim. Ele podia desaparecer a qualquer momento. *Eu* também. Talvez eu tivesse

enlouquecido e estivesse imaginando tudo aquilo, e nada fosse real.. mas eu não queria que acabasse sem antes senti-lo dentro de mim. “Preciso de você”, eu disse.

Coloquei as mãos espalmadas contra o peito dele, os dedos bem abertos, como se pudesse alcançá-lo por dentro e agarrar sua própria alma. Se pudesse, jamais o teria soltado.

A mão de Fisher deslizou do meu queixo, descendo até fechar em torno da minha garganta. Seu aperto não era forte — era uma sugestão de algo que poderia acontecer, que *talvez* acontecesse, se eu quisesse.

“Pecadores e mártires, pequena Osha. As *coisas* em que penso”, rosnou ele. “Se você soubesse. .” Eu queria saber. Queria ouvir todas as coisas obscenas que ele imaginava quando pensava em mim. Eu teria pedido que ele elaborasse, mas meu companheiro sorriu maliciosamente, inclinando-se para tomar minha boca com a sua antes que eu pudesse falar.

Quero você de quatro para mim, Saeris. Rastejando. . ele murmurou dentro da minha cabeça. A língua deslizando entre meus lábios, entre meus dentes, ele reivindicou minha boca.

Envolvi meus braços em volta do pescoço dele e retribui o beijo, gemendo baixinho.

Quero ficar atrás de você e te observar de quatro. Quero ver o líquido escorrendo pela parte interna das suas coxas, sua linda bucetinha rosada à mostra para mim, louca pelo meu pau.

Recuei, ofegante, examinando suas feições e gritando por dentro ao ver a expressão de puro desejo em seu rosto. "Você não *pode* dizer coisas assim sem já estar dentro de mim."

"Você está pronto para mim?" Sua expressão era cem por cento séria, mas havia um tom provocador em sua voz.

"Sim."

“Você está com saudade de mim, Osha?”

"Sim!"

Ele sorriu, então, seu rosto inteiro se iluminou; era como o sol rompendo as nuvens. "Boa garota.

Não se preocupe. Você não terá que esperar muito mais." O calor tomou conta de seus olhos, a pequena faixa de mercúrio prateado ao redor de sua córnea se movendo freneticamente enquanto ele rasgava a frente da minha blusa, expondo meu seio direito e depois o esquerdo.

Ele envolveu meu busto com a mão ilesa, amassando minha carne, beliscando meu mamilo. Levando o outro mamilo à boca, chupou, lambeu, mordeu, me levando à beira da loucura.

Joguei a cabeça para trás e bati com o crânio na parede.

Não importava.

Meu sangue pulsava nos meus ouvidos.

Estrondou.

Eu preciso de você.

Quero você.

Eu preciso de você.

Quero você.

As ondas do nosso desejo colidiram, consumindo-nos a ambos.

Rapidamente, ele me colocou no chão e se ajoelhou, arrancando minhas botas. Em seguida, tirou minhas meias e depois minhas calças. Assim que as calças passaram dos meus quadris, ele enterrou o rosto entre minhas coxas, gemendo enquanto enfiava o nariz e a boca em minhas dobras, mordendo-me suavemente e inalando meu perfume através do tecido fino da minha calcinha.

"Puta misericórdia", ele ofegou. "Me mate. Sente no meu rosto e chupe minha língua até eu morrer.

Eu não aguento mais."

"Fisher!" Entrelacei meus dedos em seus cabelos, puxando-o para cima de mim. Eu tinha uma vaga noção de que ele havia puxado minhas calças até o final das minhas pernas e estava tirando o tecido dos meus pés, mas isso não me importava. Eu me importava com o tecido encharcado que ele estava levando à boca. Seu coração acelerou, batendo forte o suficiente para que eu pudesse ouvi-lo.

"Caramba, Saeris! O seu gosto. . Eu não me canso de você."

Suas mãos encontraram a parte de trás das minhas panturrilhas, a parte de trás dos meus joelhos, a parte de trás das minhas coxas. Eu já estava hiperventilando quando elas chegaram aos meus quadris. Poucos homens conseguiriam me levantar nessa posição, mas Fisher me pegou no colo e passou minhas pernas por cima dos ombros sem hesitar.

Santos.. *deuses.*

Envolvi minhas pernas em volta da cabeça dele, e Fisher se inclinou, rasgando minha calcinha com os dentes. Quando o calor da boca dele encontrou minha intimidade úmida, gritei tão alto que meu coração, há muito morto, desmoronou. Meus ancestrais agora sabiam o nome do meu companheiro.

“Fisher! Porra! Deuses.. Eu.. quero você dentro de mim. Por favor. *Por favor! ”*

“Respire, meu amor. Eu estou aqui com você.”

Mas quando ele tentou enfiar os dedos em mim, soltou outro sibilo agudo, a dor o dominando, e eu finalmente não aguentei mais. "Me morda", ordenei. "Cure-se, pelo amor dos deuses. Faça isso!"

Fisher rosnou descontente contra a minha coxa. Ele enfiou a língua entre meus lábios mais uma vez, lambendo meu clitóris — que crueldade. "Tudo bem. Ótimo. Eu beberei de você, Saeris. Mas não por amor aos deuses. Farei isso para te fazer gozar na minha língua e nos meus dedos. Farei isso para te fazer *gritar* ."

Uma pontada de dor aguda percorreu minha coxa até meu cérebro. Foi lancinante, tão intensa que me faltou o ar.. mas então se transformou em êxtase. Fisher não bebeu imediatamente. Ele passou o braço em volta da minha perna, me mantendo no lugar. Seus olhos verdes, vívidos e brilhantes, encontraram os meus enquanto eu olhava para o meu corpo, por cima dos meus seios, e o encontrava me observando. Um sorriso malicioso surgiu no canto da sua boca — um sorriso destruidor que seria a minha ruína — enquanto ele usava a outra mão, a não ferida, e começava a fazer círculos lentos com a ponta do polegar sobre o meu clitóris.

O prazer já era quase insuportável, mas era a antecipação que estava prestes a me matar. Seus caninos cravaram-se profundamente na minha pele, injetando um fluxo de seu veneno no meu sangue que me fazia girar.

“Beba”, eu disse.

Mas o brilho malicioso nos olhos de Fisher só aumentou.

“Fisher.. ” Eu mal conseguia evitar que meus olhos revirassem. Meu sangue fervilhava pelo meu corpo, levando seu veneno a cada órgão e cada terminação

nervosa. Ele me saturou com ele até que eu sentisse como se estivesse me afastando dele, flutuando em direção ao teto. “Fi-Fisher.. ”

Você está pronto? Sua voz era como um carinho aveludado no fundo da minha mente.

Eu não conseguia falar. Mal conseguia balançar a cabeça negativamente.

Fisher deu uma risadinha sombria na minha coxa.. e então bebeu.

Novamente, foi instantâneo.

O orgasmo me percorreu, uma onda de prazer que me sacudiu até os ossos, mas não foi tão intenso quanto da última vez que ele bebeu de mim. Foi suportável. Foi..

"Oh . . ."

Isso foi apenas o começo.

“Ai, que droga. .” Fiquei sem ar. Meus dentes se fecharam com tanta força que parecia que iam quebrar. Perdi completamente o controle do meu corpo. . e *então* a explosão aconteceu.

Fisher bebeu, com o polegar ainda firme, fazendo pequenos círculos sobre meu clitóris, a respiração ofegante enquanto se alimentava, e eu gozei.

Eu não emiti nenhum som.

Não poderia.

Meus músculos travaram, minha visão ficou branca e, sem pensar, vivi o clímax mais incrível que já havia experimentado. Eu ainda estava chegando ao ápice, tremendo incontrolavelmente, quando Fisher se afastou da minha coxa, retraindo seus caninos, e me pegou no colo, levando-me até a lareira.

Eu não conseguia ficar de pé. Meus ouvidos zumbiam. Ele me abraçou forte, me pressionando contra o peito enquanto me deitava em. . em algo macio? Algo que não estava ali um instante atrás.

Eu não dava a mínima para onde ele me deitaria. Eu só não queria que ele me deixasse. Nem por um segundo.

“Shhh, meu amor. Eu não vou a lugar nenhum. Estou bem aqui.”

Eu não tinha percebido que estava falando com ele em pensamento. Nem sequer sabia que as palavras tinham tomado forma. Meu desespero para estar perto dele era uma *necessidade animalesca* .

Senti-me exausta ao vê-lo tirar as calças. Ele era magnífico de se contemplar, suas curvas tão perfeitas que ele parecia.. como se tivesse sido esculpido em mármore. Sua tinta escorria por seus peitorais, pela parte superior de seus braços musculosos.. mas não pelas Ligações Divinas que marcavam seus antebraços, acorrentavam seus pulsos e manchavam o dorso de suas mãos. O reflexo das minhas próprias Ligações Divinas, aquelas runas e inscrições permaneciam firmes no lugar, sempre presentes. Constantes. Imutáveis. Inegáveis.

Seu pênis estava ereto, tão duro que a glande quase roçava seu umbigo. Estendi a mão para ele, mas ele já estava vindo em minha direção, já se posicionando entre minhas pernas, sua boca buscando a minha.

“Ver você chegar ao clímax é um *presente do caralho* .” Suas mãos se fecharam em torno dos meus pulsos, prendendo-os rapidamente acima da minha cabeça. “Eu poderia ver você se desfazer para mim para sempre.”

Seu veneno ainda me consumia como um incêndio florestal. Eu era impotente diante dele. O êxtase era cegante.

"Deixe-me te morder", sussurrei.

“Não, Nissarhin.” Sua voz estava tão rouca. Ele balançou a cabeça negativamente.

“Eu não vou beber. Eu só. . eu quero que você sinta.. ”

“Estou sentindo tudo o que preciso agora.” Um sorriso provocante tomou conta de seu rosto enquanto ele impulsionava os quadris para frente, deixando claro que estava *ali* , com a cabeça do seu pênis *bem* na minha entrada. “Acredite em mim. Isso é perfeito.”

"Por favor . . ."

Mas desta vez ele balançou a cabeça com mais firmeza. "Não faço ideia se tudo isso é real. Mas se for, não temos a mínima ideia de onde estamos, Osha. Não entendo nada disso, mas vou garantir que minha cabeça esteja no lugar se precisar reagir rapidamente. Não vou deixar nada acontecer com você aqui."

Eu teria dado uma joelhada nos testículos de qualquer cara que dissesse isso em Zilvaren. A ideia de que algum homem me considerasse incapaz de me defender em *algum* momento me deixaria furiosa.

Com Fisher, não era tão simples assim.

“É muita falta de educação da sua parte me fazer sentir tão bem e. . me negar a oportunidade de. .

retribuir o favor.” Ufa. *Tantas* palavras.

Fisher apoiou o peso em um cotovelo, erguendo a mão ferida para que eu a visse. "Eu *me* sinto bem.

Muito melhor do que antes." Ele flexionou a mão, demonstrando que tinha recuperado toda a amplitude de movimento. Os arranhões nos nós dos dedos haviam sumido. Sua mão estava completamente curada. "E isso?" Seus lábios se entreabriram, seus olhos se fechando lentamente. .

lentamente. . *lentamente ,* ele se inseriu em mim. "Isso é incrivelmente prazeroso, Saeris. Eu não preciso ser mordido para sentir *isso* ."

As brasas do prazer que ardiam em meu estômago reacenderam, rugindo de volta à vida. Eu estava tão *cheia* dele. Fisher tremia enquanto se inclinava sobre mim, os dentes roçando o lábio inferior. Eu vivia para o momento em que seus olhos perdiam o foco e suas pálpebras se fechavam. Ele existira por vidas inteiras antes mesmo de eu nascer. Ele vencera batalhas e derrotara forças inimigas em número muito superior às suas, com as probabilidades sempre contra ele. Ele vira a ascensão e a queda de monarcas, negociara sua vida com monstros, lutara contra incontáveis demônios e jamais recuara.

Foi aqui, no silêncio e na escuridão, comigo, *que* ele se rendeu.

Quando ele retirou o objeto da boca, uma gota de sangue se formou em seu lábio inferior. Um fino rastro carmesim descia por seu queixo.

"Você está sangrando", sussurrei.

Ele baixou a cabeça, rindo um pouco enquanto assentia. "Às vezes, um homem precisa de um pouco de dor para conter o prazer, Saeris Fane." Ele passou a língua pelo lábio inferior. Ficou vermelho. "

Especialmente quando sua companheira é tão incrivelmente foda."

Então ele caiu sobre mim. Balançando os quadris para trás, ele se lançou para dentro, penetrando-me completamente. As chamas que dançavam sobre as velas na mesa se intensificaram, crescendo.

mais alto, o ar vibrando com poder enquanto ele recuava e repetia o movimento.

“Me beija. Por favor. Me segura e me fode.”

Um rosnado perigoso ecoou em sua garganta. Ele não falou em voz alta nem em minha mente. Fez o que eu mandei e me penetrou. Dessa vez, me agarrei a ele, cravando as unhas em suas costas, e ele chegou ao clímax junto comigo. As paredes da cabana tremeram enquanto ambos gozávamos, e por um segundo atemporal, a realidade — ou a não-realidade — desapareceu, e flutuamos em um mar de vazio.

Nos abraçamos por um longo tempo, ouvindo a madeira estalar na lareira enquanto o fogo se apagava. Lá fora, pela janela, o mundo era só escuridão e silêncio.

“Não tem ninguém lá fora”, disse Fisher por fim. Sua voz ficava tão grave quando ele estava cansado; o tom baixo ressoava em meus ossos. Seus olhos estavam fechados, o que me permitiu estudar seus traços em detalhes. Seus cílios eram longos e negros, como pinceladas de tinta em sua pele pálida. A carranca que frequentemente marcava sua testa havia desaparecido. Ele sempre ficava tão intenso quando estávamos perto de outras pessoas. Tenso. Pronto para uma briga. A história lhe provara que ele precisava estar preparado — mas agora, ali, ele estava lânguido e relaxado.

Tracei levemente o contorno da tatuagem de cabeça de lobo dele com a ponta

dos dedos, absorvendo-o assim. Ele era tão incrivelmente lindo.

Pressionei meus lábios contra o peito dele, beijando-o logo acima do mamilo, e Fisher emitiu um murmúrio de satisfação. "Como você sabe?", perguntei. "Que estamos sozinhos."

Ele se moveu, rolando de costas e me levando consigo, de modo que acabei deitada sobre seu peito.

Ele me abraçou, apoiando o queixo no topo da minha cabeça. "Não sei. É uma habilidade que a maioria dos guerreiros desenvolve ao longo dos anos. Uma sensibilidade. Se você desligar tudo o mais na sua mente e se conectar com ela, consegue sentir se há outras criaturas por perto. É como ouvir muito bem." difícil. Ou se esforçando para enxergar algo à distância. Tenho certeza de que você também consegue."

Não posso dizer que já tenha percebido essa sensação, mas parecia bastante simples.

Fisher acariciou distraidamente minha lateral com a mão, respirando suavemente em meus cabelos.

Seu coração batia em um ritmo lento e reconfortante sob minha orelha. Este era o momento em que eu estava mais relaxada em toda a minha vida. Eu sabia disso com certeza. Mesmo em Ballard, o mundo exterior havia invadido nosso tempo juntos no pequeno apartamento acima da praça. O

cheiro de café torrado e doces amanteigados era divino, mas também sinalizava que havia outros lá fora, na padaria, torrando o café e assando o pão. Por ora, eu não conseguia observar o vale como Fisher, mas sabia que ele estava certo. O mundo era nosso, aqui, neste lugar. E eu *não* queria que isso acabasse.



"É estranho como podemos estar cansados aqui, mesmo já estando dormindo", disse Fisher, sonolento. "Adormecer dentro de um sonho é comungar com os deuses."

"Isso é verdade?"

Ele riu baixinho, sua respiração roçando meus cabelos. "Yvelia é cheia de estranhezas. Quem sabe.

Talvez tenha sido assim antes. Mas agora? Não pretendo descobrir. Já tive encontros suficientes com aqueles bastardos. Não preciso passar mais um segundo sequer com eles, muito obrigada." Ele respirou fundo, sua caixa torácica me elevando enquanto se expandia. "Você está com fome, Pequena Osha?"

Resmunguei em protesto quando ele se virou de lado, me colocando de volta sobre o emaranhado de cobertores. "Hum. Sim. Acho que sim." Eu não havia bebido dele esta noite, mas ele havia bebido profundamente de mim. A perda de sangue me deixou com mais fome do que desde que acordei em Ammontraíeth. Mas.. "Mas eu preferiria ficar aqui, enrolada com você", murmurei.

“Ah. Venha, Osha.” Ele cobriu meu rosto com beijos leves. “Que tipo de companheiro eu seria se não satisfizesse *todos* os seus desejos?”

"Você conseguiu sentir meu estômago roncando, não conseguiu?", gemi.

“Hum-hum.” Delicadamente, ele afastou meus cabelos desgrenhados do meu rosto, colocando-os atrás da minha orelha. “Ainda preciso saber o que está acontecendo em Ammontraíeth”, lembrou-me. “Você pode me contar tudo enquanto comemos um ensopado.”

“Então, bem na mesma época em que eu estava abrindo um buraco no campanário do Terceiro, você estava explodindo um buraco na lateral da biblioteca da Corte Sangrenta?” Kingfisher assentiu, sorrindo, como se achasse essa simetria entre nossos dias agradável. Eu havia lhe contado sobre meu encontro no Paraíso dos Tolos com Taladaius, e embora Fisher não tivesse comentado muito sobre o fato de Tal querer me denunciar publicamente diante de toda a corte, eu percebi que ele estava um pouco surpreso e confuso ao mesmo tempo. Suas emoções com a notícia de que Foley finalmente havia sido encontrado eram mais difíceis de decifrar.

Fisher girava a colher na tigela de ensopado, observando-a atentamente. Estava sentado de pernas cruzadas no chão, em frente à lareira recém-acesa, com Onyx enroscado no triângulo formado por suas pernas. Ele não tentara impedir a raposinha de pular em seu colo. Eu o flagrei dando um pouco do ensopado para ela mais cedo também.

Fisher franziu a testa, com uma expressão curiosa ao olhar para mim. "Como ele estava? Foley? Ele está bem?"

"Acho que eu não sabia como ele era antes. Ele é pálido, mas afinal, ele *é* um vampiro. Seu cabelo é curto. Seus caninos são banhados a ouro."

Ao ouvir aquilo, Fisher sentiu um aperto nos cantos dos olhos. Passou a mão pela cabeça de Onyx, coçando-o distraidamente atrás das orelhas.

“É o sinal de um vampiro rejeitado”, explicou ele. “A corte arranca suas presas se eles não jurarem lealdade à coroa. É um julgamento sombrio, ser condenado a uma morte lenta e miserável. Sem presas, um vampiro de sangue nobre não consegue se alimentar. No início, eles morrem de fome.

Depois, enlouquecem. Então, definham até virarem cascas vazias. Malcolm me contou que ele mesmo arrancou as presas de Foley. Ele gostava de me encontrar no labirinto e me contar como o mantinha vivo apenas para torturá-lo. Eu não acreditei nele, mas.. ” Ele suspirou. “A maioria dos vampiros rejeitados acaba nos Campos Mortos, presos entre Ammontraíeth e a Revolta. Se um vampiro de sangue nobre se depara com um vampiro sem dentes, é incentivado a executá-lo à vista.”

Deve ter sido excruciante ter os dentes arrancados daquele jeito. E não poder se alimentar? Isso realmente seria uma morte lenta. Mas Foley estava em Ammontraíeth há séculos. Não havia como ele ainda estar morrendo de fome. Ele parecia em forma. Saudável o suficiente. O que levanta a questão: "Se o rejeitaram e Malcolm arrancou seus dentes, como ele ainda está vivo?"

Fisher largou o ensopado, sem apetite. "Presumo que Tal o tenha alimentado. Ele não teria deixado que o banissem para os campos mortos."

“Então, Malcolm deixou Tal salvá-lo?”

"Malcolm deixou Tal *ficar com* ele como um animal de estimação, digamos assim. Foley desrespeitou a coroa ao se recusar a ajoelhar, mas Taladaius sempre foi o projeto principal de Malcolm. Ele provavelmente deixou Tal ficar com Foley para provocá-lo. Ou para usá-lo como moeda de troca pela obediência de Tal. Há inúmeras maneiras pelas quais ele poderia ter usado a presença de Foley em Ammontraíeth para seus próprios fins."

Malcolm havia forçado Tal a fazer coisas indizíveis. Ele o segurava perto, seu olhar cruel fixo nele, mas por mais de mil anos, o vampiro não havia cedido. Ele encontrara maneiras sutis de se rebelar contra seu mestre. Ele fora uma força para o bem onde quer que pudesse. Ele salvara a vida de Foley e a minha. E ainda assim. . "Por que Ren o odeia tanto? Tal?", perguntei. "Sempre que alguém menciona o nome dele, Ren se levanta e sai da sala." Eu já tinha visto isso acontecer mais de uma vez.

Fisher suspirou. "É complicado. Mas, resumindo: Everlayne era apaixonada por Taladaius. Eles estavam noivos. E na noite anterior ao casamento, Tal fugiu do Palácio de Inverno, contra a vontade de seu pai e a ordem de seu rei, e ajoelhou-se aos pés do trono de Sanasroth."

“De livre e espontânea vontade?”

O martim-pescador assentiu com a cabeça.

“Mas por quê? Se ele odiava Malcolm e tudo o que ele representava, *por que* teria feito uma coisa dessas?”

“Por que um homem agiria de forma imprudente, Saeris? Ele fez isso porque estava apaixonado por outra pessoa. Ele fez isso por Zovena.”



21

DAIANTO

MARTIM-PESCADOR

Houve uma vez um pirata chamado Jackin Pröst.

O homem parecia uma árvore castigada pelo vento. Suas mãos nodosas eram feitas de nós, as veias serpenteando pelos braços, orgulhosas e retorcidas como raízes grossas em busca de solo fértil. Eu o soquei uma vez, quando o peguei trapaceando em um jogo de cartas. Isso foi antes de Gillethrye, é claro. Antes de muitas coisas, quando eu ainda sabia o que era rir e todos os meus amigos ainda estavam vivos. Mas isso não vem ao caso. O importante *é* que eu o soquei e quebrei minha mão no processo. Os ossos quebrados levaram uma semana inteira para sarar e, mesmo assim, uma dor surda persistiu nos meus tendões por quase um mês, graças ao crânio grosso daquele trapaceiro desgraçado.

Ao acordar, preparei-me, esperando que a familiar onda de dor percorresse minha mão direita. Mas nenhuma dor veio.

Estava.. chovendo?

O ruído suave e corrente que eu ouvia lá fora parecia chuva, mas.. não. Eu estava em Zilvaren. O

som não era de chuva; era areia *batendo* contra a janela e fazendo um som de *"shhhh* " enquanto deslizava do telhado de ardósia acima de mim.

Eu escutei a areia, recordando lentamente o que havia acontecido em meus sonhos.

O vale na fronteira de Cahlish.

A cabana do caçador.

Eu tinha acabado de estar lá com Saeris.

Eu a despi e a fodi sem camisinha, e ela me alimentou para que eu me curasse.

Quando levantei a barra da calça, lá estava a ponta da tatuagem de adaga que ela tinha feito em mim.

E minha mão? Levantei-a em frente ao meu rosto, virando-a para um lado e para o outro. A luz entrava pela janela, banhando minha pele em um tom dourado enquanto eu procurava por algum sinal de ferimento.

Não havia jeito. .

"De jeito nenhum!" Carrion *não* pareceu nada impressionado.

Abri os dedos e espiei por entre eles, encontrando-o parado na porta, sem camisa, esfregando um pano seco nas marcas vermelhas que pontilhavam seu peito e suas laterais. "Você parece estar com catapora", eu lhe disse.

“O quê? Que *tipo* de varíola?”

“Aquele tipo de problema que você tem quando faz besteira com o seu pênis.”

Ele parecia horrorizado.

“Não se preocupe. Elas vão desaparecer em alguns dias. Enquanto isso, não as coce.”

“Nem estavam coçando até você falar isso! Por que diabos *você não está* coberto de urticária? E, já que estamos falando nisso, como diabos sua mão *está* curada? Seus nós dos dedos estavam do tamanho de nozes do Gollish quando voltamos aqui mais cedo.”

Eu não sabia o que era uma noz Gollish nem qual era o seu tamanho habitual, mas meus nós dos dedos *estavam* grotescamente inchados antes de eu adormecer. Um buquê de hematomas pretos e roxos havia florescido sob a minha pele, e agora os hematomas tinham desaparecido. Minha mão estava curada.

Hum. Como eu ia explicar isso, se eu mesma não tinha a mínima ideia do que tinha acontecido?

"Acho que Saeris pode ter me curado. Enquanto eu dormia."

Carrion arqueou uma sobrancelha, posicionando-se na entrada, como se isso pudesse ajudá-lo a me ver melhor. "É por isso que você cheira a sexo?", perguntou ele, sem rodeios.

Revirei os olhos, levantando-me da cadeira com dificuldade. "E com isso, esta conversa está oficialmente encerrada."

Carrion atirou o pano que segurava sobre a mesa ao lado. “Que injustiça! Você

sonha com sua namorada, é curado por ela, transa *e* acorda novinho em folha. Enquanto isso, eu sonho que fui transformado em um bode e acordo com a boca mais seca que vidro de apartamento, coberto de manchas suspeitas de catapora!”

“Ela não é minha *namorada* , Carrion.”

Ele me lançou um olhar penetrante e nada impressionado. "Seu relacionamento com Saeris Fane foi a coisa *menos* importante que eu acabei de dizer, Kingfisher."

Balancei a cabeça de um lado para o outro, tentando não esboçar um sorriso. "Será mesmo?

Discordo."

Ele saiu da sala pisando duro, resmungando baixinho. Quando voltou, carregava uma pilha de roupas dobradas. "Podemos estar sob o efeito de disfarce, mas precisamos ir para a superfície hoje, e você está coberto de sangue. Aqui. Você deveria vestir isso."

Encarei a pilha de roupas que Carrion me estendeu com uma saudável desconfiança. Eram de um tom cinza-esbranquiçado. Pelo visto, folgadas. Não me lembrava da última vez que havia usado algo que não fosse preto ou, talvez, verde-escuro. "Eu poderia simplesmente fazer o sangue desaparecer com um passe de mágica", disse, hesitante. "Ou conjurar um novo conjunto de roupas."

Swift me lançou um olhar que sugeria que eu era estúpido. "Podemos ter que lidar com um monte de guardiões hoje, e você está disposto a gastar sua magia por uma roupa nova? Uau." Ele bateu com a mão no. . Ele apontou o dedo indicador para o queixo dela, irritado. "Eu não sabia que você era tão *vaidosa* . E depois de se recusar a pegar um bronzeado ontem também."

Meu lábio superior tremeu, mas me contive para não mostrar os dentes. Ele era irritante. . mas tinha razão. Peguei as roupas dele com relutância. "Tudo bem."

“Use o quarto ali para se trocar. Não preciso te ver seminua depois da sua aparente aventura sexual de ontem à noite, muito obrigada. Deus sabe que tipo de manchas nos dentes você tem—” Carrion viu meu rosto. Ele parou de falar. Deu um sorriso irônico, como se soubesse o quão perto esteve de perder a vida. “Deixa pra lá”, disse ele. “Vá se trocar. Eu te espero aqui fora.”

Passei por ele e entrei no que se revelou ser seu quarto. O espaço era pequeno, considerando o contexto geral, mas era confortável. Havia uma cama grande o suficiente para acomodar pelo menos três pessoas, encostada na parede perto da janela. Uma cômoda lascada estava na parede adjacente, com alguns objetos decorativos alinhados cuidadosamente em cima dela. Um pequeno espelho estava pendurado na parede oposta, cercado por folhas de papel pregadas na parede de pedra.

Troquei de roupa rapidamente, satisfeita ao notar que o sangue de Saeris também havia curado o ferimento profundo na minha perna e as outras picadas menores que cobriam meu corpo. Passei um segundo inteiro sentindo pena de Carrion, sabendo o quão desconfortável ele devia estar, mas então me lembrei de como ele era irritante, e minha pena desapareceu.

Eu estava a caminho da porta, com as malas de couro dobradas nas mãos, quando uma das folhas de papel na parede chamou minha atenção. Era um desenho, no estilo dos que minha mãe adorava desenhar quando eu era criança. Uma mulher me encarava da folha amarelada, com olhos intensos e brilhantes. Ela tinha maçãs do rosto altas, lábios carnudos e um rosto em formato de coração que despertou uma enxurrada de lembranças no fundo da minha mente.

Amélia Daianthus.

A antiga rainha das fadas de Yvelia.

Belikon a encontrou nos banhos públicos dos andares inferiores do Palácio de Inverno. Ele carregava a espada divina de seu marido, Rurik, a Bitterbane, em suas mãos. A lâmina gotejava sangue. A rainha olhou para a espada e para o sangue e soube que seu marido estava morto.

Eu a tinha visto fugindo pelo palácio, as vestes esvoaçando ao seu redor enquanto corria. Não a vi entregar a criança ao meu pai, sussurrando para que ele a pegasse, a escondesse, a mantivesse em segurança. Minha mãe me contou isso mais tarde, depois que fugimos do palácio à noite e escapamos para o sul, em direção a Cahlish.

Carrion havia desenhado sua mãe com uma precisão surpreendente. A imagem de seu pai, presa ao lado de Amelia, era menos exata. Apenas metade do rosto de Rurik Daianthus havia sido capturada no papel, apenas um de seus olhos esboçado. Mas a bondade do velho rei estava ali, um calor familiar irradiando

daquele único olho.

Havia outras pessoas aprisionadas nas folhas de papel. Membros do reino das fadas que eu não reconhecia. Mulheres vestindo armaduras renegadas com arcos pendurados nas costas. Homens com expressões ferozes, longos cabelos presos em tranças de guerra, espadas imponentes erguidas sobre suas cabeças. Faelings, espíritos do fogo, dragões e todo tipo de criatura, desenhadas com detalhes precisos por todos os lados.

Perto da janela, paisagens cobriam a parede — cenas com montanhas nevadas, rios caudalosos e navios no mar, navegando ao longo de uma costa tropical que tinha uma semelhança impressionante com o Escudo — a cadeia de ilhas que protegia as praias de Lissia. Estava tudo ali.

Fragmentos de Yvelia, presos no papel como insetos aprisionados em âmbar. Havia tantos desenhos, sobrepostos uns aos outros. Carrion deve ter levado muito tempo para criar tudo aquilo. *Anos.* Havia mais ilustrações de sua mãe, embora essas imagens fossem representações menos fiéis. Seus olhos eram um pouco afastados demais, talvez. A ponta do nariz era um pouco arrebitada demais. Ela—

“Eu sei o que você está pensando.”

Soltei o ar que estava prendendo, ainda encarando a parede. Não olhei para Carrion, embora pudesse senti-lo pairando ali na porta atrás de mim. "E o que é aquilo?", perguntei.

“Você acha que sou patético. Obsessivo. Acha que eu era estúpido, sentado aqui todas as noites, copiando tudo isso de um livro como um idiota com o coração partido. Tudo bem. Pode dizer. Hoje em dia, tenho a pele bem grossa. Não me incomoda. Não mais.”

Lentamente, balancei a cabeça negativamente. Ao examinar as imagens, meus olhos pousaram em uma ilustração surpreendentemente precisa do Palácio de Inverno, suas torres imponentes rasgando o céu noturno límpido, e não consegui resistir: estendi a mão e a arranquei da parede. "Não é nada disso que estou pensando", disse baixinho.

Havia um brilho defensivo nos olhos de Carrion quando o encarei. Ele sempre fora tão tranquilo.

Tão imperturbável diante do caos que o cercava. Será que alguma vez o flagrei assim?

Desprevenido? Em desvantagem? Se houve, não me lembro. "Continue, então", disse ele friamente, apontando para a parede. "Diga-me o que você vê quando olha para tudo isso."

Pensei por um momento, demoradamente, olhando fixamente para o seu desenho do Palácio de Inverno. No topo das torres, ele havia desenhado estandartes desfraldados e ondulando ao vento.

Não estandartes de De Barra. Estandartes *de Daianthus* .

“Vejo um homem ansiando por um lugar e um povo que nunca conheceu”, eu disse simplesmente.

“Só isso.” Entreguei-lhe o desenho ao passar por ele, saindo do quarto. “Guarde isso, Carrion”, eu disse. “Leve para casa.”



22

Observador de estrelas

SAERIS

Lá estavam eles.

Duas perfurações na parte interna da minha coxa esquerda.

A casa de campo tinha sido real.

Eu não me lembrava de ter saído do sonho. Eu me lembrava de comer o ensopado, conversar mais um pouco com Fisher e me aconchegar nos cobertores perto da lareira com Onyx. Depois disso, as coisas ficaram nebulosas. Fisher disse que ia sair para pegar mais lenha para a lareira. Ele abriu a porta da cabana e saiu para a noite, e. .

Ahh.

Foi então que aconteceu. Ele entrou pela porta da cabana e tudo ficou escuro. Acordei no chão, deitada sobre uma pilha de travesseiros com um cobertor sobre mim que não estava lá quando decidi dormir. Meu corpo doía deliciosamente pelas aventuras da noite, e encontrei as duas pequenas marcas na parte interna da minha coxa, já meio cicatrizadas, mas definitivamente ainda *lá* .

Ainda era cedo, ou tarde, dependendo do ponto de vista. As persianas estavam fechadas para impedir a entrada do desvanecimento. A luz da tarde me apressou pelos corredores de Ammontraíeth, ainda lutando para vestir minhas roupas.

Eu estava me aproximando do pé da escada que levava à biblioteca quando meu nome ecoou pelo corredor atrás de mim. "Saeris Fane! Onde diabos você pensa que vai?"

A camisa de Lorreth estava úmida de suor no peito, seus cabelos escuros estavam presos para trás, pela primeira vez em muito tempo, enquanto ele corria atrás de mim. "Acho que você está esquecendo de algo", disse ele, quando chegou ao meu lado.

"Desculpe, mas acho que o treino de hoje terá que ser adiado, não acha? Minha magia extremamente perigosa talvez precise ter prioridade. A menos que você ache que ninguém se importaria se eu explodisse Ammontraíeth."

eu não me importaria." Lorreth bateu com as mãos nos meus ombros e me virou bruscamente. Ele me empurrou, me levando de volta na direção de onde eu tinha vindo, para longe da biblioteca. "O

resto da corte ainda está dormindo, Saeris. Ninguém mais está acordado, nem mesmo Foley. Ele não poderá te ajudar por pelo menos algumas horas, o que significa—" Ele fungou e imediatamente deu um passo para trás.

Eu estava esperando que ele percebesse. Eu tinha minha explicação pronta. "Algo estranho aconteceu ontem à noite. Eu fui dormir como Foley me disse, e Fisher estava lá."



"Certo." Ele pareceu duvidoso. "Todos nós já tivemos *esse* tipo de sonho, Saeris. Mas—" Ele pigarreou desconfortavelmente. "Acho que nunca ouvi falar de alguém que tenha acordado com o cheiro do parceiro no rosto depois de um *sonho* ."

“Não foi um sonho. Bem, *foi* um sonho. Mas foi mais do que isso.”

“Como você sabe? Além do seu, hum. .” Ele gesticulou ao meu redor, apontando vagamente na minha direção. *“Cheiro.”*

“Há outras.. evidências *físicas* ”, eu disse, olhando fixamente para a frente. Meu Deus, que situação constrangedora.

“Certo, certo. Vou acreditar na sua palavra. Acho que tenho informações suficientes.” Ele inclinou a cabeça para o lado. “Tem certeza de que foi ele?”

“Como assim, *tenho certeza de que era ele?* Sim, era ele. Acho que sei como é meu amigo, Lorreth.”

Um sorrisinho malicioso pairou em seus lábios. "Quer me bater agora?", perguntou ele.

“Sim. Na verdade, eu quero. Sabe de uma coisa? *Ótimo.* Vamos treinar.”

A sala de treinamento era fria. Aliás, toda Ammontraíeth era fria. Quando as pessoas da corte eram imunes à temperatura e uma fogueira podia fazê-las pegar fogo, não era nenhuma surpresa que a maioria dos cômodos não tivesse lareiras. Isso já havia sido um problema suficiente em meus próprios aposentos, a ponto de eu ter mandado construir uma lareira — afinal, eu era a rainha —, mas a vasta caixa de obsidiana sem janelas para onde Lorreth me levava para treinar era congelante.

Não havia nada nas paredes. Nada no chão. Uma suave luz branca brilhava de uma fresta que percorria o perímetro do teto, mas, além disso, não havia tochas

ou luzes suaves tremeluzindo nos apliques. O cômodo era desprovido de qualquer característica, o ar estranhamente parado, como se estivesse estagnado ali há muitos anos.

Lorreth me atirou um bastão, e o som da madeira atingindo minha palma produziu um som morto e artificialmente plano, que silenciou assim que fechei os dedos em torno da arma. Observei brevemente o comprimento da madeira. "Sem espadas hoje?"

Lorreth balançou a cabeça. "Um cajado tem suas utilidades. Você pode se encontrar sem sua espada um dia. Em um bar, por exemplo", disse ele, arqueando as sobrancelhas. "Seu amigo idiota pode estar tendo um dia ruim e pode começar uma briga com dois sanguessugas imbecis sem motivo algum. Uma taverna sempre terá.. Saeris, tenha uma vassoura. Um esfregão. Algo com um cabo comprido. É inteligente saber usar os objetos que você tem por perto, para não precisar resgatar um amigo mal-humorado.

O contexto dos seus comentários era claro e óbvio: ele estava se sentindo um *pouco* tolo pelo que tinha feito no Paraíso dos Tolos, e essa era a maneira indireta dele de me dizer que não estava se sentindo muito bem com isso. Mas quem era eu para julgar? Eu já tinha causado muita confusão na casa da Kala sempre que tinha um dia ruim, o que acontecia *quase todos* os dias no Terceiro.



Girei o cajado, passando-o sobre o dorso da minha mão, e dei a Lorreth um sorriso de canto de boca.

"Nunca havia metal suficiente para forjar armas lá em casa. No deserto, madeira também é um recurso escasso. . mas é fácil conseguir um pouco se você souber a quem perguntar."

Movimentei-me com rapidez e leveza, pegando o guerreiro de surpresa. Mesmo assim, ele ainda tinha centenas de anos de experiência a mais que eu. Não fiquei muito surpreso quando ele girou seu bastão sobre a cabeça e o trouxe para trás do ombro, bloqueando meu golpe antes que pudesse me atingir.

“Mais rápido esta manhã”, observou ele, com os olhos escuros brilhando. “Ótimo. Se é isso que uma boa noite de sono pode fazer por você, então eu diria que você estará em ótima forma com uma equipe.”

"Ah, eu não vou estar em boa forma com uma equipe. Vou estar em *excelente* forma."

A hora seguinte passou voando. Meus reflexos eram incrivelmente rápidos. Eu sabia onde Lorreth estaria três segundos antes de ele chegar. Meus golpes não só acertavam o alvo, como acertavam com força. Eu me sentia mais forte do que nunca. A sala de treinamento se encheu com o som abafado dos nossos pés batendo contra a obsidiana e com nossos grunhidos abafados de esforço, e quando Lorreth ergueu a mão e anunciou que tínhamos terminado por hoje, eu não era o único suado e dolorido pelos golpes que havia recebido. Lorreth também estava.

Ele apontou a ponta do seu cajado para mim, com as sobrancelhas arqueadas enquanto nos dirigíamos para a saída. "Se você consegue fazer o que acabou de fazer empunhando Solace, então seus inimigos não sabem o que os espera. Amanhã, voltaremos às espadas."

“Sobre a espada”, eu disse, enxugando o suor da testa. “Qual é o grau de apego de Fisher a Solace?”

Lorreth parou abruptamente. "Bem, eu diria que ele é bastante apegado. Era a arma do pai dele.

Mas.. " Ele deu de ombros. "Solace é *sua* agora, Saeris. Você pode fazer o que quiser com ela. Fisher não vai se importar."

Eu acreditava nisso. Só queria uma confirmação. Eu tinha dificuldade com a lâmina e sabia manejá-la bem o suficiente para decapitar um predador, mas ela era simplesmente *enorme* . Tinha sido forjada para um guerreiro Fae de sangue puro, e mesmo não sendo mais humana, eu não tinha crescido. Meus braços continuavam do mesmo comprimento de sempre, e carregar uma espada que tinha dois terços do meu corpo era complicado às vezes.

“Nesse caso, vou considerar minhas opções. Tenho relíquias para fazer hoje. Depois que terminarmos com Foley, irei à forja. Enquanto estiver lá, talvez bata um papo com a minha espada.”

Uma revoada de observadores de estrelas de papel me saudou quando entrei na biblioteca. Suas asas farfalhavam enquanto eles voavam ao redor da minha

cabeça, movendo-se para lá e para cá, inspecionando o recém-chegado que entrara em seu santuário. Um deles pairou diante do meu rosto, sua minúscula cabeça de papel inclinando-se para a esquerda e para a direita enquanto me analisava, esperando para ver se eu representava uma ameaça.

“Boa noite”, eu disse ao pássaro de papel. “Você é amigável?” Estendi a mão, mostrando um dedo para ver se ele pousaria por um instante, mas uma voz inexpressiva falou de cima, assustando a criaturinha e fazendo-a voar.

“Eu não faria isso se fosse você.” Foley estava no topo de uma pequena escada perto da janela — uma janela que não estava lá ontem. Era circular, com o mesmo diâmetro do buraco que eu tinha feito na parede, por uma coincidência. Quem quer que tivesse vindo consertar o estrago que eu causei foi rápido e fez um excelente trabalho.

“Os observadores de estrelas podem parecer inofensivos, mas interagir com eles pode ser bastante perigoso.” Foley desceu as escadas lentamente, sua mão pálida repousando levemente no corrimão.

Eu não havia prestado muita atenção em suas roupas ontem. Hoje, ele vestia uma camisa preta lisa e bem cortada, calças pretas lisas e botas pretas de cano alto com cadarços. Ele não carregava nenhuma arma que eu pudesse ver, mas isso não significava que ele não tivesse uma lâmina fina escondida em algum lugar.

“Eles gostam de roubar fios de cabelo das pessoas para fazer seus ninhos”, explicou ele, ao chegar ao último degrau. “Mas um fio de cabelo pode ser usado para muitos propósitos nefastos. Nas mãos erradas, um único fio de cabelo pode ser a ruína de um homem — ou de uma mulher.”

"Promoções?", perguntei.

Foley balançou a cabeça. “Bruxaria. Uma bruxa má faria coisas terríveis para pôr as mãos num fio do seu cabelo. Não dá para saber o que ela seria capaz de fazer com ele. Esses pássaros”, disse Foley, gesticulando para o enxame de observadores de estrelas acima. “Eles são puros. Confiantes. Não têm noção de certo ou errado. Se uma bruxa descontrolada obrigasse um deles a trazer um fio do seu cabelo, eles não saberiam recusar.”

Os pássaros de papel giravam no alto, cruzando o espaço de uma ponta à outra da biblioteca. Eram graciosos. Lindos. Silenciosos, exceto pelo suave farfalhar

de suas asas.

Ainda olhando para eles, eu disse: "Lorreth está a caminho. Ele só foi se trocar."

“Ele está vindo aqui de novo? Por quê?”

“Porque Lorreth deveria ser seu *amigo* ”, respondi secamente. “Ele quer garantir que não entremos em outra briga e que eu não te mate. Além disso, quero que ele esteja aqui para ter certeza de que você não está mentindo sobre o que quer que tenha encontrado nesses livros.”

Havia muitos livros. Muitos *mesmo* . A visão deles era animadora. Se Foley não tivesse encontrado nada que me ajudasse com meu dilema, certamente não teria se dado ao trabalho de reunir tantos.

Lancei uma rede sobre minhas emoções, as prendi com uma linha, aprisionando-as firmemente. O

vampiro fora membro da Lupo Proelia. Também fora amigo de Fisher. Não havia como negar nenhum desses fatos, mas *eu* não tinha motivos para confiar nele.

Muita coisa havia mudado durante os anos em que Foley estivera isolado em sua alta torre. Ele era um membro rejeitado da Corte de Sangue, mas permanecera ali, lendo livros por centenas de anos, sem ninguém para lhe fazer companhia além de um Lorde da Meia-Noite a quem ressentia, um Lorde da Meia-Noite que o ignorava, e um gato ranzinza feito de sombras. Quem sabia que tipo de pessoa ele era agora, depois de tanto tempo e tormento?

“As chances de você me matar são nulas, *Majestade* . E Lorreth não será capaz de dizer se estou mentindo. Ele não é meu criador. Nem mesmo Tal consegue me decifrar mais.” Eu usava esse mesmo tom azedo sempre que me curvava diante de um guardião em Zilvaren. Meu desprezo era um instrumento bruto e sem sutileza, mas o de Foley era uma faca afiada. Cortava. “Ele me denunciou e renunciou à sua reivindicação sobre mim. Tenho certeza de que ele já propôs o mesmo a *você* .”

Passei os dedos levemente pelas lombadas da primeira pilha de livros. "Ele tem", confirmei.

“Hum.” Foley processou a informação. “Então Tal também não te quer. Ele deve

te ver como nós te vemos. Fraca. Vulnerável. Ingênua.. ”

"Você está tentando me magoar, Foley?" Passei a língua pelos meus dentes superiores, acalmando meu coração; deixando-o. . O trovão não adiantou nada. "Eu não perderia meu tempo se fosse você."

"Ah, mas você *não sou* eu", ele disparou do nada, perdendo o controle por um segundo — apenas uma *fração* de segundo — revelando-me a verdade que se escondia por baixo da superfície.

Ele estava com medo.

“Você acha que já passou por dificuldades, roubando água e se defendendo de valentões por um quarto de século? Tente *oitocentos anos* , lutando pelo seu direito de existir. Este lugar é pior que o inferno, porque não importa o quão ruins as coisas fiquem, sempre há uma luz no fim do túnel.

Uma esperança de que você *possa* escapar—”

“Então por que você não fez isso?”

A mandíbula de Foley se fechou de repente.

“Se você odeia este lugar, por que não foi embora? Por que não voltou para seus amigos, para onde você pertencia? Você passou quase um milênio se lamentando, reclamando de como tudo é terrível, quando poderia ter ido embora a qualquer momento.”

"Como?", sussurrou ele. "Como eu poderia ter voltado para eles, depois de me tornar um dos monstros que juraram matar? Eles *jamais* teriam me aceitado."

“Lorreth disse que eles escreveram para você! Queriam que você saísse de Sanasroth. Fisher *ordenou* que você voltasse para casa!” Eu não precisava gritar com ele, mas, céus, era exaustivo ficar perto dele. Tal talvez se sentisse mal por ter dado essa nova vida a Foley. Ele o deixou perambular por aqui, se lamentando, mas *eu* não tolerava esse tipo de derrotismo. Zilvaren conseguia extrair isso de uma pessoa muito rapidamente. Ou isso, ou te matava.

Foley se virou para olhar a luz tênue e verde-clara que tremulava na enorme lareira perto da escada.

Observei os músculos de sua mandíbula se contraírem, suas narinas se dilatarem. "Você está mal informado. Não havia cartas. Eles me deixaram aqui à minha própria sorte, e não posso condená-los por isso."

"Idiota. Você é mesmo tão estúpido?"

Eu estava ficando melhor em pressentir Lorreth. Com o tempo, minha percepção foi se aguçando, florescendo no fundo da minha mente. Eu não o tinha sentido se aproximando sorrateiramente mais cedo, ao entardecer, mas desta vez o *notei* subindo as escadas em direção à biblioteca. Foley também

sentiu sua aproximação. Mas será que ele olharia para Lorreth? Nem pensar. "Não precisa fingir, bardo. Eu *sei* como é", disse ele.

Lorreth atravessou a sala a passos largos e pousou Avisiéth sobre a mesa de leitura com um baque surdo. O vampiro estremeceu, seus lábios se retraindo para revelar os dentes dourados. Ele já havia controlado seu medo, mas seu desconforto era mais difícil de esconder. Avisiéth tinha muita prata embutida em sua lâmina. Mas não era só isso; Avisiéth era uma espada divina. A magia dos deuses corria por ela — magia criada para destruir figuras como Foley e os outros membros da Corte de Sangue.

Pareceu-me cruel da parte de Lorreth ter atirado a lâmina ao chão com tanta leviandade, considerando o efeito que sabia que teria no seu velho amigo, mas então vi o brilho intenso nos seus olhos e soube que havia algo mais por trás daquela ação.

“Não estou fingindo, e você *sabe* que não consigo mentir. Olha para mim, Foley”, disse ele.

O vampiro olhou para ele com relutância.

“Escrevemos para você. Muitas vezes. Eu escrevi. Ren escreveu. Sei com certeza que Fisher lhe enviou muitas cartas durante os primeiros cinco anos depois daquela noite em Ajun. Depois disso, ele reduziu para uma carta por ano. Até *Danya* escreveu para você. As cartas dela eram quase todas palavrões, xingando você de tudo quanto é nome por nos ignorar por tanto tempo, mas sei que ela pediu para você voltar para casa. Todos nós pedimos. E todos nós lhe dissemos a mesma coisa: pode ser complicado, claro, mas daríamos um jeito. Para você ter um lugar em Cahlish, com sua família.”

Foley cerrou os dentes em sinal de desafio enquanto Lorreth falava. "Tantas cartas", refletiu ele. "E

nenhuma delas chegou até mim."

“Pelo amor dos deuses”, eu retruquei. “Olha, nenhum de vocês consegue mentir. Então, ambos estão dizendo a verdade. Há muitas maneiras de isso ser verdade. As cartas poderiam ter sido interceptadas e roubadas, por exemplo. Aliás, essa parece uma suposição razoável, visto que os vampiros desta corte são extremamente intrometidos e rancorosos. Agora, podemos, por favor, encerrar isso—”

“Saeris?”

—Deixe isso de lado e siga em frente, porque—”

“Saeris”, disse Lorreth com mais firmeza, interrompendo-me pela segunda vez. “Suas *mãos* .”

Eles estavam brilhando novamente.

Porra.

Eu havia usado um novo par de luvas de couro hoje. Eu ainda não queria que minhas runas se tornassem um assunto importante nos corredores de Ammontraíeth — já era ruim o suficiente eu ficar flagrando meus amigos olhando para as minhas mãos — e, além disso, as luvas me faziam sentir poderosa. Capaz. Elas faziam parte do traje que eu havia vestido quando desci aquelas escadas até o Salão da Coroação e me declarei rainha desta corte. E agora, elas estavam em brasa.

"Que droga *!* " As palavras saíram entre dentes, meus caninos se alongando de frustração. Arranquei as luvas. A dor não estava tão forte agora, mas estava piorando. O dorso das minhas mãos escureceu

enquanto as runas pulsavam com poder, brasas de fogo flamejando logo abaixo da superfície da minha pele.

"Dói?", perguntou Foley, curioso.

Lancei-lhe um olhar. "O que *você* acha?"

Ele bufou, olhando por cima do ombro para observar a fumaça que se dissipava da minha pele em chamas. Os tendões da minha mão pareciam estar em chamas por dentro. "Sim, isso *parece* doloroso", disse ele. Concordou. Pegou uma pena de um tinteiro no meio da mesa de leitura, usando sua elegante pena negra para apontar as linhas de uma das formas rúnicas em particular. "Esta parece especialmente inflamada", observou. "Esta—" Ele lançou um olhar cauteloso para Avisiéth; tivera que se aproximar da espada de Lorreth para me alcançar. "Está vendo esta runa aqui? Aquela que parece uma flecha dividindo um círculo ao meio? Este é um dos símbolos alquímicos mais importantes."

Eu vi a runa de que ele falava, sim. A forma já havia queimado minha pele e estava expelindo plasma; o líquido transparente escorria pela minha mão e pingava do meu pulso. "O que isso significa?", perguntei.

Os olhos de Foley se voltaram para os meus. "Acho que você provavelmente já imagina qual é", disse ele. "Essa runa é tão predominante porque você já vem utilizando a magia dela há algum tempo."

“É a runa do mercúrio?”

Foley assentiu. "O mercúrio é senciente. Ele atrai energia para si. Faz sentido que essa runa seja a que mais te machuca. Nos registros que encontrei, a runa de mercúrio sempre foi a mais voraz. A primeira a despertar."

Ah, eu sabia o quão ganancioso era o mercúrio. Sempre querendo algo. Sempre fazendo exigências.

Eu tinha muita experiência *nisso* .

A curiosidade do vampiro aumentou quando ele inclinou a cabeça, inspecionando o dorso da minha mão direita. "Notável. Verdadeiramente. Nunca vi um escudo Alquimerano tão intrincado antes."

“Escudo alquimerano?”

“Sim. Isto”, disse ele impacientemente, batendo no dorso da minha mão. “ *Este* é o seu escudo. Todos os alquimistas tinham um.”

“Você não precisa falar comigo como se eu fosse estúpido. A magia não existe em Zilvaren há muito, muito tempo. Como *eu* deveria saber disso?”

Pela sua expressão, Foley não ia aceitar minha criação ou minha origem como desculpa para minha ignorância. "Você não pode erradicar a magia de uma cidade. Uma vez que ela cria raízes em uma comunidade, ela nunca vai embora. Ela encontrará um jeito de prosperar, de uma forma ou de outra.

Você simplesmente não se importou em procurá-la. Como dentro de você mesmo, por exemplo."

"Eu tinha algumas outras coisas acontecendo na época. Sabe, tentando garantir que meu irmão e eu não morrêssemos de disenteria."

Foley ignorou o comentário, recusando-se a dar-lhe importância. "Seu poder não surgiu do nada.

Ele está com você desde o nascimento. Você deve tê-lo usado de forma descontrolada por muitos

anos, sem qualquer tentativa de controlá-lo. Você tem utilizado sua afinidade com o mercúrio ainda mais ultimamente. É assim que você se encontra nessa *situação* ."

"Tudo bem, Foley. Deixe-a em paz. Ela não tinha ideia do que estava enfrentando em Zilvaren.

Julgá-la por isso não vai nos ajudar agora, vai?"

Foley estalou os nós dos dedos enquanto contornava a mesa em direção à pilha de livros mais alta que havia reunido. Discretamente, Lorreth pegou Avisiéth e moveu a espada, colocando-a perto do vampiro novamente. Foley viu o que ele fez; lançou ao guerreiro um olhar cheio de recriminação, depois pegou um livro e folheou-o por um instante, seus olhos escuros percorrendo as páginas até encontrar o que procurava.

Ele me entregou o livro, aberto na frente, as páginas envelhecidas marcadas com pequenos símbolos desenhados à mão. "Você consegue ler isso?", perguntou ele.

Meus olhos percorreram a página, absorvendo a caligrafia preta e delicada que a

preenchia de cima a baixo.

. . Tria Prima não ortodoxa, cuja base é sempre a mesma: Sal. Mercúrio. Enxofre. Os usos dos três são variados e amplos. Combinados, eles..

Levantei os olhos da página. "Eu consigo."

“Ótimo. Vire a página. Leia o exercício que está no topo da página, à esquerda.”

Fiz como ele pediu, lendo em voz alta: “Um Faeling pode sentir medo no início. Abrir-se ao fluxo energético do mercúrio pode ser uma sensação avassaladora. O Faeling deve aprender a incorporar a energia do mercúrio, alinhando-se a ele em corpo e mente, antes de tentar transmutar a substância de metal para sólido. Diariamente, o Faeling deve ser encorajado a alterar o mercúrio repetidamente entre seus estados naturais até que essa habilidade se torne fácil e ele tenha construído uma relação de confiança com o próprio mercúrio. Uma vez que o Faeling domine essa habilidade, estará pronto para definir sua afinidade com a magia do mercúrio e selar sua primeira runa alquímica.”

Procurei Lorreth, sentindo um alívio crescente dentro de mim. "Você ouviu isso, não é? Estou pronto para selar a runa do mercúrio, pelo menos."

Foley se antecipou a Lorreth. "Você está *longe* de estar pronta, Saeris."

“Mas eu já consigo transmutar o mercúrio de um estado para outro. Sendo assim, estou *pronto* para selar a runa.”

"É mesmo? É tão simples quanto girar uma maçaneta e passar pela porta? Ou você arromba a porta e cai de bunda para dentro dela?"

Lentamente, mas com certeza, comecei a odiar esse vampiro. "Não vejo importância em como eu realizo o trabalho, contanto que ele seja realizado."

“Se você precisa forçar sua magia a obedecer à sua vontade, então você não a dominou. Você aprendeu a violá-la. Você pode desenvolver uma parceria com sua magia, com reciprocidade e compreensão, ou pode subjugá-la. Qual você acha que seria a relação mais benéfica? Não, diga-me, já que você parece ser um especialista no assunto, o que acontece quando algo ou alguém é Oprimido por tempo suficiente para finalmente se rebelar e dizer basta? Hm?"

Os deuses e mártires o condenam até o mais profundo círculo do inferno. Ele tinha razão. "Quero tratar o mercúrio com justiça. Quero trabalhar com ele da maneira correta, acredite. Só estou muito preocupado porque não tenho tempo para dominar exercícios *infantis* , ou.. ou essas figuras simples e sem sentido!"

“Simples, sem sentido. .?” Sua expressão indicava que meu comentário lhe havia deixado um gosto amargo na boca. “Mostre-me essa imagem simples e sem sentido à qual você está se referindo.”

Olhei para o livro e bufei. "Pronto. Que tal este? Um círculo. Como é que um círculo pode ser importante?"

Foley olhou para a faixa preta de tinta que formava um círculo na página que eu lhe estendi e me lançou um olhar gélido. Falou devagar, como se estivesse lidando com alguém simplório demais para entender conceitos básicos. “Isso não é *apenas* um círculo. *É* a base de *todos* os sigilos e runas poderosos. A magia mais forte é circular, como uma roda. É o símbolo da eternidade, do começo e do fim de tudo. Ela carrega a magia em um ciclo, amplificando-a, dando-lhe força. Esse é o símbolo mágico mais importante que existe . ”

Ahh.

Merda.

Senti minhas bochechas corarem intensamente.

“Além disso, esses exercícios *não são* para crianças. São para Faelings. Faelings são muito mais inteligentes que jovens humanos. Mas isso é assunto para a teoria. As habilidades que este livro ensina são voltadas para indivíduos que estão começando sua jornada para se tornarem alquimistas proficientes, independentemente da idade. Elas formam a base sobre a qual todas as outras habilidades e capacidades se apoiam. Você construiria uma casa sobre areia movediça, Saeris Fane?

De livre e espontânea vontade? Sabendo que ela *desabaria* sobre seus ouvidos?”

Se ele tivesse usado qualquer outra analogia, literalmente *qualquer* outra, eu não teria hesitado em ignorá-lo. Mas ele *usou* aquela, e ela despertou uma mágoa profunda dentro de mim que ainda me acorda, suando frio, dos meus sonhos às vezes.

Ele sabia de alguma forma? Sobre meu pai? Não, ele não poderia saber.

Fechei o livro e o prendi debaixo do braço. "Tudo bem. Vou levá-lo para a forja. Praticarei por uma hora se você achar que isso fará diferença—"

"Acho que praticar por *duas* horas faria uma diferença ainda maior", disse Foley. "Assim, você não representaria uma ameaça tão grande para toda a quadra, não é?"

Virei-me de costas para Foley, lançando um olhar rebelde para o homem que eu presumia que me apoiaria. "Você é péssimo, sabia?"

Lorreth deu de ombros, como quem pede desculpas. "Desculpe, Saeris. Mas ele tem razão."

Se Foley estava certo ou errado, isso não importava para a situação. Cerrei os dentes e me dirigi para as escadas que levavam de volta a Ammontraíeth, bufando baixinho. Eu quase havia chegado às escadas quando uma pontada de dor aguda atingiu a minha nuca. Soltando um chiado, esfreguei o ponto logo abaixo da linha do cabelo, que ainda doía, e meus dedos ficaram manchados de vermelho.

Algo me mordeu.

Não, algo me *cortou* .

A origem do ferimento ficou evidente quando o som de papel farfalhando encheu meus ouvidos.

Um pássaro-observador batia suas asas de papel a poucos centímetros de distância, pairando no ar.

Meu primeiro instinto foi verificar seu bico para ver se havia algum fio de cabelo preto comprido pendurado em sua boca, mas não havia nenhum. Foley tinha entrado na minha cabeça, o desgraçado. Eu odiava ter deixado isso acontecer — mas o pássaro de papel *tinha* me atacado, não tinha?

Era pequeno, seu corpo do comprimento do meu polegar. Suas asas batiam com tanta força que se tornaram um borrão enquanto a minúscula criatura flutuava em minha direção e parava novamente.

Não tinha olhos. Na verdade, nenhuma feição. Era uma criatura feita de papel branco comum, animada por magia, mas tive a sensação de que estava tentando chamar minha atenção. Dei mais um passo para trás em direção à escada, e o pequeno observador de estrelas me seguiu novamente, subindo até pairar na altura dos meus olhos.

"O quê? Você quer alguma coisa?", perguntei.

Do outro lado da biblioteca, Lorreth e Foley estavam envolvidos em uma conversa tensa. Nenhum dos dois percebeu que eu ainda estava parado no topo da escada. O pássaro voou para a frente e bicou a parte da frente da minha camisa com seu bico minúsculo. Não era muito forte. Mal tinha força para levantar o tecido.

"Você me cortou", eu disse. "Isso não foi nada educado."

O pássaro elevou-se acima da minha cabeça, executando uma cambalhota fechada no ar antes de descer de volta à altura dos meus olhos. Seria aquilo um pedido de desculpas? Não consegui perceber. Também não tinha tempo para ficar por perto e descobrir.

“Na próxima vez”, eu disse. “Volto amanhã para te ver.” Se eu não chegasse logo à forja, metade da noite teria passado e eu ainda não teria feito nenhuma das relíquias que prometi a Fisher. Recuei, saindo da biblioteca e descendo o primeiro degrau—

O pássaro-observador voou direto para mim. Sua asa roçou minha bochecha e, um segundo depois, uma pontada de dor atravessou meu rosto. "Ai! Que *merda é essa* ?" O impulso do pássaro o levou para frente, através da porta da biblioteca — onde caiu morto.

Aterrissou no quarto degrau da escada, um branco puro contrastando com a pedra negra. Peguei-a, virando-a nas mãos, maravilhada com a transformação que ocorrera. Assim que deixara os limites da biblioteca, fora separada de sua magia. Aconcheguei-a nas mãos, sentindo-me subitamente péssima. Ela queria algo de mim. Queria muito aquilo. o suficiente para que tivesse abandonado seu santuário para obtê-lo, e tivesse perdido sua pequena faísca no processo.

Rapidamente, voltei para a biblioteca, estendendo a mão, prendendo a respiração, esperando que as pequenas asas de papel da criatura voltassem a

ganhar vida na minha palma.

Mas o observador de estrelas não se mexeu.

O passarinho tinha sumido.

Com uma pontada de tristeza, guardei-o no bolso e saí.



23

SEU ERRO

MARTIM-PESCADOR

Ele era mais alto que ela.

Seus cabelos eram loiros e cacheados — uma característica aparentemente não incomum em Zilvaren.

Enquanto o seguíamos pelos passos do garoto pelas ruas do Segundo Distrito, eu estudava a curvatura de seus ombros, seu andar, o jeito como ele mantinha as mãos nos bolsos, como se não soubesse que deveriam estar livres, prontas para segurar uma faca, e eu não conseguia. *Não* encontrava nele nenhum traço de sua irmã.

Se eu tivesse cruzado com Hayden Fane nos corredores do Palácio de Inverno, jamais teria imaginado que ele era parente do meu companheiro. Não à primeira vista.

Mas aí *surgiu* a questão do seu sangue.

Eu não havia percebido isso da última vez que vim aqui a pedido de Saeris. Tinha me esquecido de como o cheiro familiar entre humanos era fraco, ou talvez eu nunca tivesse sabido. Conheci tão poucos humanos quando era jovem, e as chances de algum deles ser parente do outro eram mínimas.

Entre tantos milhões de pessoas, não era nenhuma surpresa que eu não tivesse conseguido encontrá-lo antes. Mas agora, a seis metros atrás dele, eu podia sentir o cheiro, como um rastro de fita seguindo-o enquanto ele se movia. A multidão agitada: algo como a luz do sol, um pouco como casa. Mas diferente. O menino à frente, com o cachecol vermelho protegendo o rosto, era o irmão de Saeris, e estávamos *a um* passo de trazê-lo de volta para Yvelia.

"Ele pode não ficar feliz em me ver", murmurou Carrion, escondendo o rosto no cachecol ao meu lado.

Tentei não rir. "Sério? Estou *chocada* ."

"Sabe, sarcasmo *é* uma forma de humor. A mais baixa e vil, sim, mas ainda conta. Se você não tomar cuidado, vou começar a achar que estou te influenciando."

“Por favor, não use a palavra *‘esfregar ’* e depois se refira a mim na mesma frase”, retruquei. Mas não havia aspereza na resposta. Como a areia fina que constantemente batia nas muralhas da cidade, Carrion Swift *estava* me desgastando aos poucos.

“Ah, *por favor ”*, disse o contrabandista arrastando as palavras. “Você *não é* meu —” Ele esticou o pescoço, examinando a multidão por cima das cabeças. “Ah, droga. Ele sumiu. Acho que o perdemos.”

Agarrei-o pelo braço e empurrei-o para a esquerda, para fora do fluxo de pessoas que se apressavam para ir buscar a sua dose matinal de água. "Talvez tenha perdido alguém", disse eu. " Não *costumo* perder ninguém de vista. Ele se escondeu aqui agora mesmo, mesmo antes de você mentir e dizer que eu não faço o seu tipo." Gesticulei para a rua lateral ao nosso lado, com os sentidos em alerta máximo. O irmão de Saeris não estava em lugar nenhum, mas tinha vindo por ali. Prédios em ruínas erguiam-se à esquerda e à direita. Roupas desbotadas pendiam frouxamente nos parapeitos das janelas, o ar demasiado parado e

pesado para as mover.

“Eu não estava mentindo. Prefiro minhas mulheres *e* meus homens muito mais bonitos do que você.” Carrion entrou no beco, mas eu o agarrei pela nuca, puxando-o para trás. A lâmina veio uma fração de segundo depois; não teria atingido o contrabandista em nenhum lugar vital, mas o *teria* atingido. Teria doído.

A adaga estava cravada na pedra pálida ao lado do peito de Carrion, seu cabo tremendo com a força do impacto contra a parede.

“Deuses e malditos mártires!” Carrion girou em torno do humano desgrenhado que havia saído do vão entre os prédios à nossa direita.

Seus olhos eram castanhos, não azuis. O queixo de Saeris era delicado e quase pontudo, enquanto o de Hayden era fendido. Havia, porém, uma semelhança no formato dos olhos. A estrutura geral do resto do rosto dele era muito parecida com a dela. E o jeito como ele inclinou a cabeça para o lado e me encarou com uma expressão carrancuda era estranhamente familiar.

“Desculpe, Swift. Eu *o vi* primeiro e reagi.” Ele parecia jovem, mas sua voz tinha um tom rouco. Os olhos de Hayden não se desviaram dos meus; todo o seu corpo estava virado na minha direção.

"Desculpe? Você quase cortou meus *mamilos* ." Minha mão ainda estava no ombro de Carrion; ele se desvencilhou, resmungando baixinho enquanto caminhava em direção à humana. "Agora você sai por aí atirando facas em estranhos em plena luz do dia?" Ele apontou para a faca. "Onde diabos você arranjou *isso* ?"

“Saeris os deixou escondidos por toda a cidade. Ela disse que nunca se sabe quando se pode precisar se armar — e parece que ela estava certa. O que você está fazendo com aquele traidor?” Sua atenção se desviou para Carrion, mas não se afastou muito antes de voltar para mim. Muitas pessoas me olharam como Hayden Fane me olhava agora — com nojo, raiva, fúria —, mas tinham seus motivos.

Eu não consegui salvar seus pais ou seus maridos. Eles ouviram as histórias de crueldade que Belikon espalhou sobre mim. Mas Hayden Fane viveu a vida inteira aqui em Zilvaren e não tinha o direito de parecer tão ofendido com a

minha presença.

"É costume conhecer um homem antes de julgá-lo, rapaz", resmunguei.

“Ah, eu sei quem você é”, cuspiu Hayden. “Você é *ele* , não é? Martim-pescador do Portão Ajun, seja lá o que *isso* signifique. Olha só! Estou vendo na sua cara. Acertei, não acertei?” Hayden vociferou.

Havia histeria em seus olhos. Suas bochechas estavam vermelhas da mesma cor do cachecol que pendia em seu pescoço.

Carrion deu um pulo. "Como você sabe o nome dele?"

Hayden bufou com desdém. "Onde diabos você *esteve* , Carrion?"

A última vez que te vi, você prometeu que voltaria no dia seguinte com suprimentos e notícias sobre Saeris, e depois sumiu por semanas a fio. Não consigo me locomover pela cidade como você. As coisas estão um caos por aqui. Os guardiões estão com tudo tão trancado que você não consegue respirar sem levar uma pancada na nuca por respirar mais do que deveria. Todo mundo ouviu falar da explosão no Terceiro Distrito ontem. Metade da maldita torre do sino sumiu. Os guardiões estão distribuindo isso a manhã toda.” Fiquei tenso quando ele enfiou a mão no bolso, pronto para qualquer besteira que ele estivesse prestes a fazer, mas ele tirou papel, não metal. Passou as folhas amassadas para Carrion, que as desdobrou e começou a ler. Seus olhos percorreram o texto impresso, examinando as folhas com uma sombra de descrença crescendo em seu rosto.

"Aquele *filho da puta* ", murmurou ele.

“Qual deles?” Ultimamente, temos lidado com muitos idiotas.

Carrion juntou os papéis de volta em uma pilha e os virou para que eu visse a imagem impressa no de cima: meu rosto, grosseiramente esboçado, meus olhos um pouco pequenos demais, meu nariz um pouco pontudo demais, meus lábios retraídos, dentes pingando sangue. Era inteligente, na verdade — a caricatura era claramente eu, mas o artista havia exagerado minhas feições. Eu parecia sinistro, bestial, mas familiar o suficiente para ser reconhecido na rua se alguém me visse.

Abaixo do desenho estavam as palavras O AÇOUGUEIRO DE ZILVAREN.

Eles *tiveram* que ser um pouco mais criativos ao inventar nomes de vilão para mim. Havia um limite para o quanto eu podia estragar tudo.

“Madra está dizendo por aí que você usou magia para invadir o palácio. Ela está dizendo que você assassinou um monte de gente que estava prestes a ser perdoada e libertada das celas. Ela diz que você é um fanático político do sul.”

“Deixe-me ver isso.” Peguei os papéis de Carrion. Era exatamente como ele havia dito. Havia mais mentiras fantásticas nos panfletos de Madra, cada uma mais inacreditável que a anterior. Mas o problema de uma cidade cheia de pessoas famintas e oprimidas era que havia muita gente procurando alguém para culpar por seu sofrimento. E quem melhor para Madra pintar como vilão do que um homem que havia prometido sair das sombras e assassiná-la enquanto dormia? Fazia todo o sentido.

"Esse desgraçado matou Saeris", rosnou Hayden. "Ela estava sendo perdoada, e ele cortou a garganta dela, Carrion."

“Eu não fiz mal à sua irmã.”

“Arrastaram o corpo dela pelo Terceiro. Mostraram *a* todos o que você fez!”

Swift balançou a cabeça para o lunático. "Pecadores. Ele está falando a verdade, sim. Ele não fez mal a um fio de cabelo dela, Hayden. Saeris está bem, eu prometo."

“Então, de quem era o corpo? Hm? Havia qu—” Hayden engasgou com a palavra. “ *Crianças.* Elas foram cortadas em pedaços. Seus—seus rostos estavam —” Eu não conseguia dizer se ele estava horrorizado ou furioso. Hayden também não conseguia se decidir, aparentemente. Seus olhos se

voltaram para a faca que ele havia jogado em Carrion. Claramente, ele desejava que a arma estivesse de volta em sua mão para que pudesse tentar cortar minha garganta novamente.

Ele avançou, tentando nos contornar, indo em direção à lâmina ou à saída do beco, eu não sabia.

Entrei na frente dele, lentamente. Balançando a cabeça em sinal de desaprovação. Não o toquei, apenas o encarei, e o menino murchou como uma

flor cortada.

“Saeris está *bem* ”, repetiu Carrion. “Pelo menos ela estava bem quando a *deixamos* ”, acrescentou.

“Quem você viu sendo arrastada pela cidade não era sua irmã.”

“Bem, eu não a vi pessoalmente”, resmungou Hayden. “Mas havia desenhos. Desenhos como aquele.”

Seu olhar se desviou para os papéis que eu ainda segurava.

Dei um passo para trás, analisando seu rosto, sem saber se ria ou chorava. "Espere. Então sua rainha, a mesma rainha que vem privando vocês de água, matando vocês de fome e assassinando o povo do seu território por gerações, desenha algumas figuras e diz que sua irmã está morta, e você *acreditou* nela? Pelos deuses, isso é perfeito." Virei-me para longe do garoto; ele era estúpido demais para enfrentar diretamente. "Dê um jeito nisso, Carrion. Minha paciência acabou."

Andando de um lado para o outro na entrada do beco, esperei que o contrabandista agarrasse o humano. Ele começou com tudo. .

“Saeris não está mais em Yvelia, Hayden. Ela abriu acidentalmente um portal Fae, e Fisher veio através dele, em Zilvaren.”

Mas logo em seguida tomou o rumo errado. .

“Ele a levou de volta para o seu reino e a enganou para fazer um acordo. Depois, ele veio e *me sequestrou* porque pensou que eu era *você* —”

"Puta merda, Carrion." Empurrei-o para o lado e agarrei o garoto pela camisa. O gosto amargo do medo dele invadiu minhas narinas. "Quer ver sua irmã?" Rosnei.

"S-sim!" ele gaguejou.

“Muito bem, então. Vamos nessa.”

“Espere! Espere— *Não podemos* ir!” Ele cravou os calcanhares das botas na

areia, quase perdendo o equilíbrio quando o puxei para a frente.

Eu estava *a um* passo de nocautear aquele desgraçado e jogá-lo por cima do meu ombro. "Por que não?"

Os olhos de Hayden se voltaram para Carrion — arregalados, assustados, tristes. Seus ombros caíram, a luta o abandonando de repente. "Precisamos voltar para o Terceiro primeiro", sussurrou ele. "Você precisa.. se despedir, Carrion. Me desculpe. Eu.. "

Observei o maxilar de Carrion se contrair. Ele recuou, com as mãos cerradas em punhos, os nós dos dedos brancos.

“O que é isso?”, perguntei.

Hayden parecia não ter coragem de responder. Mas, de alguma forma, Carrion já sabia.

“Gracia”, disse ele suavemente. “Gracia está morta.”



Uma solitária procissão de enlutados caminhava em fila indiana pelas dunas. Seus lenços chicoteavam ao vento, esvoaçando para oeste como bandeiras de oração. A areia ardia em minhas bochechas e me fazia lacrimejar enquanto eu lutava para subir a ladeira íngreme atrás de Hayden.

Carrion ia à frente, seu andar resignado e pesado de um homem caminhando para a forca. Ele não disse nada. Ninguém disse.

Os ocupantes da Terceira Ala foram colocados em quarentena. Eles estavam proibidos de deixar sua ala sob quaisquer circunstâncias — exceto uma. Os moradores mais pobres da Cidade Prateada *tinham* permissão para sair de sua ala para enterrar seus mortos.

Não foi um ato de gentileza.

Não havia cemitérios no Terceiro Distrito. Nem mausoléus ou criptas. Os corpos dos oprimidos e marginalizados precisavam ir para algum lugar, e Madra se certificava de que os amigos e familiares dos recém-falecidos providenciassem o

sepultamento dos restos mortais em tempo hábil. Caso contrário, haveria consequências.

Saímos pelo portão sul. Nenhum guarda estava de vigia. Não era necessário. Madra sabia muito bem que aqueles que Aqueles que fizeram a peregrinação pelas dunas escaldantes retornariam em breve.

A entrada para o deserto era como a entrada para o inferno. Não havia para onde ir. Nenhum alívio ali, entre as dunas intermináveis e assombradas. Apenas a morte. As pessoas que partiam para se despedir dos seus mortos sempre voltavam. Que outra escolha lhes restava?

Eu estava encharcado de suor e começando a sentir os primeiros sinais de desidratação quando chegamos ao local da pira funerária — impressionante, considerando que normalmente um membro das Fadas levava uma ou duas semanas para *precisar* de água.

Trinta ou mais homens e mulheres formavam um círculo silencioso ao redor da pilha de lenha em chamas. A figura envolta em um sudário, estendida sobre a pira, já estava consumida pelas chamas.

Uma coluna de fogo erguia-se em direção ao céu pálido, fazendo o ar estremecer de calor.

Numa cidade de pedra e areia, não havia muito o que queimar. Todos trouxeram algo para alimentar a fogueira de despedida de Gracia Swift. Um xale. Um cobertor. Braçadas de palha. A mulher do bar de ontem, aquela que gritara com Carrion por causar escândalo, atirou pedaços de uma cadeira quebrada no fogo, chorando baixinho. Quando viu Carrion, balançou a cabeça, as lágrimas deixando rastros em suas bochechas empoeiradas. "Desculpe, Carrion. Eu teria te contado. Eu não sabia."

Carrion não a viu. Ele só viu o fogo. A mulher colocou a mão em seu ombro, apertou-o e foi embora, descendo as dunas, de volta para a cidade.

Ficamos ali parados, observando a pira ficar em brasa. Por fim, ele deu um passo à frente e jogou um livro no fogo. Eu o tinha visto guardá-lo na mochila quando saímos do apartamento dele, e anotei o título na ocasião: *Criaturas Feéricas das Montanhas Gilarianas.* O livro era seu único elo com seu povo.

Sua herança. Todo o seu reino. A família de Gracia havia protegido o livro — e Carrion — por toda a vida dele.



O antigo tomo pegou fogo como graveto.

"Eu deveria ter estado aqui", sussurrou ele. "Eu deveria ter ficado com ela." Ele franziu a testa, a confusão estampada em seu rosto. "Eu não. . nem sei por que fazemos isso. Setenta e duas horas. É o tempo que ficamos com eles quando morrem. As pessoas que amamos."

Abaixei o queixo, expirando. "Os zilvarens fazem isso pelo mesmo motivo que nós. Você se senta com seus entes queridos para garantir que eles não se levantem. Depois de três dias, a chance de eles fazerem a transição termina. Os mortos permanecem mortos. Para nós, é uma precaução prática.

Deve ter se tornado uma tradição por aqui."

Hayden não tinha dito muita coisa até então. Ele olhou para nós dois, com os olhos arregalados. "Do que vocês estão falando, transição?"

Carrion não respondeu. Estava perdido no fogo novamente.

“Mais tarde”, eu lhe disse. “Haverá bastante tempo para explicações quando voltarmos para Yvelia.”

Pelo visto, a resposta não acalmou sua preocupação. Mas Hayden assentiu, engolindo em seco.

Em algum lugar, no meio do deserto, um grito assombroso e melancólico ecoou. Choro? Não, era..

canto . Lindo. Triste. Assustador. A dor da mulher reverberou pelas dunas, a melodia tão assombrosa e solitária que eu sabia que jamais a esqueceria.

Observamos a pira por uma hora, até que o calor se tornou insuportável e os joelhos de Carrion cederam. Segurei-o pela gola da camisa e o levantei. O rosto e o pescoço do pobre coitado ainda estavam marcados pelos ferrões de Joshin. Ele parecia exausto. Pronto para desistir. Ele assentiu, respirando fundo,

indicando que conseguia ficar de pé sozinho, mas em vez de soltá-lo, eu o abracei.

Saeris não estava aqui. Mas se estivesse, isto é o que ela teria feito por ele.

Carrion imediatamente tentou se afastar, mas eu o abracei com mais força — talvez até demais —

recusando-me a soltá-lo. Ele se deixou cair, abafando um único grito sufocado contra meu peito, e isso foi tudo que eu.. Ouvi um soluço sair da boca dele. Seu corpo balançou com soluços silenciosos por um minuto, e eu o abracei. E então ele parou, e tudo acabou.

Quando ele se afastou novamente, eu o soltei. Seu rosto estava vermelho vivo, seus olhos fundos.

Ele assentiu com a cabeça, a voz embargada pela emoção. "Vamos. Vamos sair daqui o mais rápido possível."

Por aqui. Por aqui. Este é o caminho.

O mercúrio estava inquieto hoje. Sussurrava no fundo da minha mente, guiando-me enquanto viajávamos pelos túneis sob a cidade, de volta ao Terceiro. Tão pouco dele restava em mim agora que sua voz era singular. Quase infantil. Facilmente ignorada. Mas hoje parecia diferente. Mais insistente. Ficava feliz quando seguíamos na direção que ele *queria* , mas no instante em que mudávamos de rumo, causava estragos em meu interior.

A sensação teria sido menos irritante se Hayden Fane tivesse se calado pelo menos uma vez desde que entramos nos túneis.



"Está fedendo aqui embaixo", murmurou ele.

Mordi a língua.

“Mal consigo enxergar.”

Encarei o nada, com o maxilar cerrado.

“Há *ratos* aqui embaixo.”

Me virei rapidamente e prendi o desgraçado contra a parede.

"Já terminou?", rosnei. Ele não podia responder, não com a minha mão em volta do seu pescoço.

Seus olhos reviraram como os de um cavalo assustado. "Acho que você *deveria* mesmo. Porque você está começando a soar como um pirralho mimado e petulante que nunca passou por dificuldades na vida."

Os olhos de Hayden reviraram. Ele desmaiou.

“Perfeito.” Carrion parecia imperturbável com a reviravolta dos acontecimentos. “Você o assustou a ponto de deixá-lo inconsciente. Isso é simplesmente. . *perfeito* .”

“Pelo menos ele ficará quieto por um momento.”

O momento não durou muito. Hayden acordou e parecia que ia se borrar de medo menos de um minuto depois. Eu me agachei e enfiei o dedo na cara dele. "Não diga uma *palavra* . Vamos. Levante-se. Ande."

O resto da viagem de volta aos túneis foi relativamente tranquilo. Recolhemos os sacos de prata da sala de manutenção abandonada onde os tínhamos guardado antes. Eu estava desesperado por luz do dia quando Carrion se lançou para fora de uma escotilha de acesso que ele alegava estar perto de *outro* apartamento que usava — aparentemente, ele tinha mais de um.

O contrabandista se içou pelo buraco e estendeu a mão novamente para pegar Hayden. Quase não precisei ajudar o humano a subir; Carrion já o havia puxado. Segui-o, com a irritação queimando na garganta. "Como é que eu tive que lidar com você na minha cara da última vez que tentou sair de um túnel, e agora você é perfeitamente capaz de sair sozinho?"

O olhar que Carrion me lançou dizia tudo. “É muito simples, Fisher. Se você me tratar como se eu fosse o bobo da corte, serei o bobo da corte. Se eu for o motivo de chacota, o bêbado ou o idiota, então você não está pensando em quem eu *realmente* sou, não é? Sobrevivi aqui por mais de mil anos. Você realmente acha que eu teria conseguido se não conseguisse sair de um *buraco desses* ? Se, em

algum momento, você me subestimar.. ” Ele sorriu de lado, arqueando uma sobrancelha cor de cobre escuro. “Então eu diria que o erro foi *seu* , e não meu. Não é?”

Havia cartazes nas paredes agora, enquanto passávamos pelo Terceiro.

Um texto grosso e em blocos gritava:

PERIGO! INIMIGOS DA COROA!

Procurado por:

Uso não autorizado de magia,

assassinato,

roubo,

intenção de incitar violência.

Acolher esses criminosos é um crime punível com a morte. Lembre-se: Magia é uma doença.

Mantenha Zilvaren em segurança!

Desta vez, meu rosto não foi desenhado em caricatura. O retrato foi suficientemente fiel. O rosto de Carrion estava estampado ali junto com o meu. Imagens de nossos rostos nos encaravam de dezenas de cartazes enquanto caminhávamos pela ala.

Com os capuzes levantados e os lenços escondendo nossos rostos, estávamos a salvo dos olhares curiosos daqueles que cruzavam nosso caminho. Homens e mulheres se reuniam em volta dos cartazes, discutindo entre si em cada esquina.

“ Uso *mágico não autorizado* ?”

“A magia não existe.”

“Claro que sim.”

“Esse é o garoto Swift. Eu sempre soube que havia algo *de errado* com ele.”

“É uma piada. Ela fica divagando sobre coisas de faz de conta a cada Crepúsculo. As fadas isso. Magia aquilo. Mas finalmente se convenceu de que tudo é real. Perdeu o contato com a realidade.”

“Então, o que devemos fazer? Mentir? Atacar um dos nossos na rua?”

“Olha, tem uma recompensa.. ”

“Uma recompensa.. ”

“Uma recompensa.. ”

Recompensa.

Um ano de abastecimento de água para sua casa: era isso que Madra prometia à pessoa que fornecesse informações que levassem à nossa captura. Valia mais do que dinheiro. Em muitos casos, significava a diferença entre a vida e a morte. Era o tipo de recompensa que transformava amigos em inimigos num piscar de olhos.

Não ficamos muito tempo na rua. Estávamos a poucos minutos da segurança quando vimos os primeiros guardiões.

Eles estavam nos esperando. Escondidos no fundo do beco em frente ao apartamento de Carrion, eu não os teria visto até que fosse tarde demais. Mas os Gêmeos sempre brilhavam em Zilvaren, e a Madra insistia que seus guardiões ficassem resplandecentes em suas gloriosas armaduras douradas, não é? Manchas de ouro cintilante dançavam na vitrine da loja abaixo da janela do quarto de Carrion, denunciando os soldados antes mesmo que eles aparecessem.

Swift percebeu o brilho dourado na pedra apenas uma fração de segundo depois de mim. Nós dois agarramos Hayden, puxando-o para trás. Os três refizemos o caminho que tínhamos percorrido. .

mas já era tarde demais.

“Aqui! Eles estão aqui! Nós os pegamos!”

Os guardiões saíram do beco como vespas saindo de uma colmeia.

"Porra!" sussurrei. Os homens não eram nem de perto tão rápidos quanto Carrion e eu, mas agora tínhamos um humano a reboque — um humano que Não conseguíamos correr muito rápido.

Saímos em disparada, incentivando Hayden a nos acompanhar enquanto corríamos pelas ruas.

"Por aqui" , sibilou o mercúrio.

"Cale-se."

Por aqui, por aqui, por aqui! A sensação de puxão dentro de mim ficava mais forte, mas o mercúrio estava tentando me puxar na direção errada, de volta para os malditos guardiões.

"O que vamos fazer?", perguntou Carrion, ofegante.

As pessoas gritavam, desviando-se bruscamente enquanto passávamos por elas em alta velocidade.

Não tínhamos escolha. Não tínhamos para onde ir. A única opção que nos restava era—

Ting!

"PORRA!"

Uma flecha com ponta de ferro ricocheteou na parede perto da minha cabeça; eles estavam *atirando* na gente, porra.

"Temos que lutar!" gritei. "É nossa única opção. Mas precisamos de um lugar aberto. Um lugar onde eles não possam nos encurralar!"

Se continuássemos correndo por esse labirinto de ruas, estaríamos perdidos. Peixe num barril. Não demoraria muito para que um de nós, ou todos nós, acabássemos baleados.

Carrion assentiu com a cabeça, avaliando rapidamente as opções à nossa frente. "Muito bem. A praça, então. Por aqui. Sigam-me."

Ting!

Ting!

Flechas atingiram as paredes.

Uma mulher à minha esquerda gritou, um jato de sangue vermelho vivo esvoaçando no ar quando uma flecha destinada às minhas costas atingiu sua garganta.

Carrion virou para a esquerda. Posicionei-me atrás de Hayden, usando meu corpo como escudo, protegendo-o o melhor que pude. "Mais rápido, Fane. Depressa", rosnei.

“Estou indo. . o mais rápido. . que eu.. posso!”

Por aqui! Venha! Encontre-me! Por aqui!

Para um fragmento tão minúsculo de mercúrio, certamente tinha alguma força. Percebi que estava desviando para a direita, meus pés me levando numa direção que eu não queria seguir.

Esquerda.

Certo.

Depois, acertou de novo.

Meu pulso batia forte no peito, meu coração pulsando como um maldito tambor de guerra. "Se eu morrer em Zilvaren, *não* serei feliz", rosnei.

A praça era grande. No centro, uma enorme plataforma de madeira havia sido erguida. Estava coberta de arranjos de flores. Rosas, vermelhas e roxas. Percebi imediatamente que não eram reais.

No centro do pódio havia uma longa mesa, sobre a qual uma fileira de corpos fora disposta sob o sol

escaldante. Moscas sufocavam o ar acima deles, seu zumbido alto o suficiente para ser ouvido acima dos gritos dos guardiões.

“Parem! Parem esses homens!”

Um grande grupo de garotas estava do outro lado da praça. Eram jovens, apenas adolescentes. Seus olhos estavam cheios de medo. Dois guardiões já estavam com elas, e um deles tinha uma garota prensada contra a parede. Ela gritou quando um homem de camisa e calça pretas se aproximou e enfiou algo em seu pescoço.

Talvez a praça não tivesse sido uma boa ideia. Os prédios eram mais altos ali. Se algum dos guardiões chegasse até lá, faria chover fogo sagrado do inferno sobre nós. Do outro lado do pátio, o homem de preto ordenou ao guardião que colocasse a garota — que agora estava inerte em seus braços — na carroceria de uma carroça puxada por cavalos.

Três segundos. Era todo o tempo que tínhamos antes dos guardiões estarem em cima de nós e tudo desandar. Juntei as mãos e as separei, conjurando uma espada. Idêntica a Nimerelle em todos os aspectos, exceto no que realmente importava. *Não era* uma espada divina.

"O que elas estão fazendo aqui, Carrion?", perguntei, apontando com o queixo para o grupo de garotas.

“Deve ser o dia da purificação”, respondeu ele. “Uma vez por mês, eles vêm e reúnem as meninas marcadas que completaram quatorze anos. Sete em cada dez. Eles as sedam e as levam para o palácio.”

Meu sangue gelou.

de purificação .

Pelo menos doze garotas estavam de costas para a parede. A maioria chorava. A que estava na frente da fila, porém, não chorava. Ela encarava o homem vestido de preto com um olhar desafiador, enquanto ele erguia o objeto cilíndrico prateado até seu pescoço. Ela cuspiu em seu rosto.

“Lá vêm eles”, gritou Carrion. “Espero que você tenha um plano, porra.”

Eu tinha um plano: Eliminar aqueles desgraçados o mais rápido e silenciosamente possível. Tentar não causar alarde. Mas eu já não gostava muito desse plano.

Não. Esse plano já não era viável.

Porque, meu Deus, eu ia causar um escândalo *daqueles* .

Eu não precisava de uma espada divina para isso. Eu só precisava da minha fúria.

No instante em que os guardiões invadiram a praça, eu liberei minha magia e a invoquei. Cada gota.

Ela fervilhava sob a superfície da minha pele, furiosa como um cão raivoso.

Eram quinze. Era esse o número de soldados treinados que eles achavam que precisariam para nos derrotar. Eles iriam se arrepender dessa escolha. Mas não faria diferença. Poderiam ter trazido dez vezes mais homens e ainda assim não seria suficiente.

Os homens hesitaram por um segundo, observando a cena, percebendo que estávamos ali parados, esperando por eles.

"Não gosto disto", sussurrou Hayden.

“Tire-o do perigo, Carrion. *Agora.* ”

—e então eles atacaram.

Swift levou o irmão do meu amigo. Eles fugiram. Não vi para onde. Não me importei.

Esses desgraçados já tinham reunido a Saeris e a trazido para cá também. Eu a conhecia. Ela teria encarado eles e cuspido na cara deles, assim como aquela garota fez agora há pouco. Ela os teria amaldiçoado por terem roubado dela as suas escolhas. Ela teria se enfurecido.

Quando utilizei meu poder e o libertei, não projetei sombras.

Eu fabricava *facas* .

As lâminas não eram de metal. Eram a própria magia. Magia corpórea, cintilante. Como minhas sombras, eram negras. Suas bordas eram afiadas e,

quando cortavam o ar e atingiam seus alvos, perfuravam armadura, carne e osso indiscriminadamente.

Os guardiões caíram como moscas.

Minha visão se aguçou, a praça ficando nítida. Mais guardiões chegavam pela entrada sul da praça.

Os dois que estavam lidando com as garotas perceberam o que estava acontecendo e correram direto para mim. Estavam mortos antes mesmo de seus corpos tocarem o chão.

A areia estava encharcada de sangue.

O mundo estava todo carmesim e mortal. Mais guardiões irromperam na praça, suas armaduras tilintando em meio a gritos de raiva e aos gritos de pavor das jovens. Eu estava surdo a tudo aquilo.

Os homens de Madra apareceram em massa, e tão rápido quanto vieram, morreram. Meus sentidos não me pertenciam. Uma chuva de flechas caía sobre mim. Descendo dos telhados — meu instinto estava certo. Eles buscaram um terreno mais alto na esperança de transformar a praça em uma armadilha mortal. Mas fui *eu* quem criou essa armadilha, e ela estava se acumulando com os malditos mortos *deles* .

Eu os derrubei com cordas de sombra. Amarrei-as em seus braços, tornozelos, torsos e os arrastei até o fim.

Eles trouxeram Saeris para cá.

Meu camarada.

Eles a magoaram. Tiraram dela algo sagrado, ali, naquele lugar horrível. Não o direito dela de ter filhos. Mas o direito dela de tomar uma decisão tão importante por si mesma.

Eu os fiz pagar, e não parei. Nem quando os novos guardiões que chegaram se viraram e tentaram fugir. Nem quando se arrastaram de mãos e joelhos, implorando por misericórdia.

Os homens desta ala tratavam as mulheres como propriedade. Como objetos, sem mentes, sonhos ou esperanças próprias. Usavam-nas para sexo, ou então violavam seus corpos e roubavam seus direitos. Tinham assassinado a mãe de Saeris. Elas não mereciam *respirar* . .

“Martim-pescador! Pare!” A voz estava perto. Distante. Ecoou pela praça. A névoa que turvava minha mente se dissipou, e encontrei Carrion a uns seis metros de distância, erguendo as mãos em um gesto conciliador. “Estamos bem! Está tudo bem. Eles se foram. Todos se foram. Temos que *ir embora* , Martim-pescador.”

Havia corpos empilhados por toda a praça. Corpos demais para contar, e ainda assim não o suficiente. Isso era apenas uma pequena porcentagem das tropas de Madra. O fogo que ardia em minha alma exigia que eu os reivindicasse a todos por sua crueldade, mas Carrion estava certo.

Precisávamos sair dali o mais rápido possível. O chão tremeu, a areia vibrando enquanto o som de um *exército se aproximando* ecoava no ar.

“Temos *que* ir”, insistiu Carrion.

Eu estava anestesiada até o fundo da minha alma. "Certo. Sim." Assenti com a cabeça. "Você tem razão."

“Carniça? *Carniça!* ” O sibilo veio do outro lado da praça. Era Hayden, agachado e escondido atrás da carroça puxada por cavalos. O cabelo do menino estava desgrenhado, espetado para todos os lados como se tivesse sido atingido por um raio. Seu rosto estava salpicado de sangue. Havia uma faca em sua mão. “Carniça, por aqui. Eu sei para onde devemos ir.”

O contrabandista nem perguntou. Ele agarrou meu braço e me puxou atrás dele, seguindo o irmão de Saeris. As casas passavam como um borrão. Corri o mais rápido que pude, tentando acompanhá-los, e a cada passo eu voltava a mim um pouco mais. Eu tinha acabado de matar quarenta guardiões.

Cinquenta deles. E não me senti nem um pouco mal por isso.

Simmm, este é o caminho , ronronou o mercúrio na minha cabeça. *Este é o caminho!*

O chão tremia sob nossos pés. Enquanto avançávamos em alta velocidade pelo Terceiro Distrito, rumo ao nosso destino desconhecido, os homens de Madra se aproximavam, e uma quietude se instalou dentro de mim.

Os guardiões não representariam um problema para nós se não conseguissem nos *encontrar* .

Minha magia deveria ter desaparecido. A fonte do meu poder parecia *tão* distante, e ainda assim, lá estava ela, pronta para atender ao meu chamado. Eu havia acabado de usar uma quantidade prodigiosa de magia na praça, e mesmo assim, quando passei a ponta dos dedos pela superfície, encontrei um poço de energia alucinante à minha espera.

Parei de correr e o trouxe à luz.

Aquilo jorrou de mim como uma onda de areia negra brilhante e sombras tão avassaladoras que engoliram a rua em que estávamos. E depois o bairro. E depois a cidade inteira.

Minha magia abrangia todos os Zilvaren.

Pela primeira vez na história, a bandeira brilhante do norte mergulhou na escuridão.



24

TRIA PRIMA

SAERIS

Nos estágios iniciais da ascensão, é preciso encontrar o equilíbrio. Cada acólito tem afinidade com um determinado caminho. Sem a orientação e o treinamento adequados, o caminho o reivindicará. Eles devem unir as três principais forças (Tria Prima) em si mesmos para realmente dominar seu poder.

O alquimista iluminado trilha os três caminhos.

—Runas Elementais e seus Propósitos:

Um Guia Abrangente de Alquimia.

A FORJA era diferente de qualquer outra em que eu já tivesse estado. Para começar, não havia fogo. O

Tribunal de Sangue, ao que parecia, era firme em sua opinião de que o fogo não tinha lugar dentro das muralhas de Ammontraíeth e não havia aberto uma exceção nem mesmo ali.

Uma luz tênue tremeluzia na lareira onde deveriam arder chamas famintas. Não muito tempo atrás, na encosta da montanha acima de Irrín, eu havia entregado uma espada a Lorreth, e o céu explodira em luzes dançantes. A aurora boreal, como Fisher a chamara. A luz tênue lembrava muito aquela aurora, enquanto se contorcia e dançava na lareira. De um verde vívido com tons rosados, era hipnotizante de se observar. Não emitia calor. Eu podia passar os dedos por ali, sem sentir nada.

Mesmo assim, eu sabia, lá no fundo, que aquilo era mais do que apenas luz. Que quando eu mergulhasse o cadinho que havia preparado naquele fluxo, uma *mudança* ocorreria.

Havia uma quantidade simbólica de mercúrio dentro do cadinho. Muito pouco era necessário para esse propósito. Senti, no instante em que ele entrou na penumbra, como se um acorde tivesse sido tocado, uma nota dedilhada, e o zumbido sustentado dessa nota ressoasse ao meu redor.

Estendi a mente, buscando o mercúrio, e o encontrei quase instantaneamente. De acordo com o livro, eu deveria ter sido capaz de me "conectar" com ele naquele momento. Eu ainda estava tentando entender o que aquilo significava quando o mercúrio falou.

Ela nos vê. Ela nos ouve. Ela nos vê. .

Cerrei os dentes, inclinei a cabeça, tentando me concentrar.

Ela não fala conosco. Por que ela não fala?

Enchi meus pulmões até não poder mais inspirar. Estava ali, uma fonte de energia intangível e vibrante, na periferia da minha mente. Parecia que eu deveria ser capaz de segurá-la com a mão, mas sempre que tentava, ela escapava do meu alcance, escorregadia como um pedaço de sabão.

"Que *droga* !", resmunguei, abrindo os olhos.

Boca imunda. O mercúrio deu uma risadinha. *Tão mal-humorado. Mau, mau, mau.*

“Ah, cala a boca, você.” Eu *forcei* o mercúrio a se transformar. Ele se transformou sem reclamar, mas eu não conseguia me livrar da sensação estranha que percorria minha espinha quando a gota plana e fosca de mercúrio derreteu e rolou pelo fundo do cadinho. Por mais que eu detestasse admitir, as palavras de Foley ficaram na minha cabeça. Forçar o mercúrio a fazer qualquer coisa não era formar uma parceria com ele. Havia outro jeito. Um jeito melhor..

Rapidamente, peguei um anel da bandeja que havia colocado na bancada quando cheguei e o coloquei no cadinho. O anel era de prata, mas era impuro o suficiente para que eu precisasse adicionar um pouco mais para ajudar no processo. O mercúrio formou um fio serpentino, serpenteando ao redor da aliança, imitando os pequenos ramos que estavam gravados na joia.

"Bonita" , sibilou. *"Uma gracinha. Sim."*

"Você se unirá a ele? Fará dele uma relíquia?" Eu meio que esperava que dissesse não, mas senti a atenção do mercúrio se despertar com o pedido.

Uma lembrança , ronronou. *Nos tornaremos uma relíquia em troca de uma lembrança.*

“ *Alguma* lembrança?”, perguntei.

O minúsculo fio de mercúrio refletiu sobre isso por um segundo. *Qualquer*

lembrança serve , concluiu.

Qualquer lembrança. Sem pensar, escolhi a mais dolorosa.

Minha mãe, de joelhos.

A lâmina, abrindo-lhe a garganta.

Seu sangue derramando-se na areia..

O mercúrio o sondava, cercando aquele momento terrível em minha mente. Senti-o apertar-o. Senti a memória se desfazer..

"Pare!" o grito ecoou pela forja sem janelas. "Espere." Ofeguei, meu coração batendo forte de repente. Engoli em seco e balancei a cabeça. "Essa não." Eu costumava acordar no meio da noite, encharcado de suor, com aquela cena se repetindo na minha cabeça. Ela me assombrava. Tinha sido a última vez que vi minha mãe viva. Por mais horrível que fosse, eu *precisava* daquela lembrança.

Sem ela, eu não sabia quem eu seria.

O mercúrio riu suavemente, soltando a memória. A visão da minha mãe morrendo na areia tornou-se dolorosamente real mais uma vez.

“Leve esta”, sussurrei, evocando uma lembrança diferente. Uma manhã, como qualquer outra, sentada no mezanino do Mirage. Eu estava contando dinheiro. Eu estava dizendo a Hayden. .

Venho dizendo isso para Hayden. .

Soltei um suspiro de dor súbita e aguda na têmpora. Estava lá e logo desapareceu.

Espere.

Em que é que eu estava pensando agora mesmo?

Uma relíquia , murmurou o mercúrio no fundo do cadinho. *Uma bela relíquia. Estamos feitos. Selem-nos agora. Deem-nos o sangue.*

Foi uma sensação perturbadora ficar olhando para o anel. O mercúrio havia

sumido, incorporado a ele. O pequeno pedaço de prata normal também. Eu havia trocado uma lembrança, mas por mais que tentasse, não fazia ideia de qual fragmento do meu passado eu havia cedido para facilitar a troca.

O sangue , cantava o mercúrio. *O sangue. O sangue.*

Me cutuquei com a ponta da adaga que Fisher me deu e deixei a gota carmesim escorrer pela ponta do meu dedo, ainda atordoada pelo vazio que o acordo deixara em minha mente. Era uma sensação estranha, como sondar o espaço na boca onde antes havia um dente, sabendo como deveria ser a sensação, mas encontrando apenas um espaço vazio.

Meu sangue chiou ao atingir o fundo do cadinho.

Isso era novidade.

O mercúrio zumbia, cantando baixinho para si mesmo enquanto absorvia o sangue.

Prendi a respiração. Esperei.

Está feito. Feito. Feito.

Eu expirei, um alívio me invadindo enquanto—

Você está surpreso.

Me virei bruscamente, deixando cair o cadinho e a tenaz que o segurava. O metal bateu com força no chão. "Santos desgraçados! Que porra é essa.. ?"

Era o Hazrax.

Eu só o tinha visto uma vez, e de longe. A coroação tinha acontecido há poucos dias, mas parecia que uma eternidade havia se passado. A criatura era maior do que eu me lembrava. Mais alta. Teve que baixar a cabeça para passar pela porta enquanto entrava lentamente na forja.

Sua pele era de uma cor pálida e doentia, translúcida em alguns pontos. Uma rede de veias negras pulsava sob a superfície da pele. Seus olhos eram completamente negros e sem traços distintivos.

Sua boca.. céus, tinha tantos *dentes* .

Dei um passo para trás, tentando me equilibrar contra o banco.

As feições do Hazrax permaneceram inexpressivas enquanto ele dava mais um passo flutuante em direção à forja, embora eu tivesse a vaga sensação de que ele estava *sorrindo* .

Oh, deuses.

Estava cada vez mais perto.

“Você não precisa ter medo, rainha criança.”

Apertei a borda do banco até começar a doer. "Não estou com medo. Estou.. surpresa."

A criatura inclinou a cabeça num ângulo antinatural, e vislumbrei suas guelras. "Surpreso que o mercúrio ainda tenha aceitado seu sangue?", disse ela, com um tom inquisitivo. Eu esperava que sua voz fosse estranha. Até alienígena. Mas a voz do Hazrax era normal. Poderia pertencer a qualquer membro das Fadas — exceto pelo fato de que eu não conseguia distinguir se era masculina ou feminina.

"Sim", respondi. "Isso me surpreendeu."

“Porque você não é mais humano. Este é o primeiro acordo que você fez com o mercúrio em sua nova forma?”

Senti um nó na garganta. "Não. Fiz relíquias para meu amigo. Para meu irmão. Esta simplesmente me pareceu.. relutante."

O Hazrax pareceu refletir sobre isso. Abaixou-se onde eu havia deixado cair o cadinho e a tenaz, seus longos dedos cuidadosamente pegando o anel que também havia caído no chão. Segurou-o, seus olhos negros como azeviche estudando a joia. Enquanto fazia isso, notei o anel de ouro de faixa grossa que *usava* na mão esquerda — uma peça volumosa com um grande rubi vermelho-sangue no centro. O anel de ofício que marcava o Hazrax como um Senhor da Meia-Noite. Lentamente, uma corrente de fumaça começou a subir dos dedos ossudos do criador. A relíquia que eu acabara de criar estava *queimando* -a. O

Hazrax pareceu quase constrangido ao colocar a relíquia sobre a mesa.

“Hum. Você também está surpreso com a minha presença aqui”, disse, virando-se para mim. “Você já ouviu dizer que eu não saio do Salão das Lágrimas.”

"Sim."

Suas pálpebras se fecharam verticalmente, abrindo e fechando com um estalo, um movimento que me assustou. "Você também está surpreso por eu estar falando com você assim. Você está surpreso com a minha aparência. Você está surpreso com *muitas* coisas."

"Sim." A palavra saiu da minha boca antes que eu pudesse impedi-la. "Você está dentro da minha cabeça?" Eu havia sentido Algat quando ela vasculhou meus pensamentos. Se essa criatura estivesse fazendo o mesmo agora, teria um toque muito mais leve.

Mas Hazrax balançou a cabeça. "Alguém tão velho quanto eu não precisa roubar informações. O

poder da dedução se mostra suficiente."

“Por que você está aqui?” Parecia inútil ficar dando voltas.

O Hazrax abriu os dedos, exibindo a membrana diáfana entre cada um deles. “Em algumas culturas, é considerado rude falar de negócios sem antes observar as regras.” de etiqueta. Alguma pequena e insignificante troca entre estranhos que. . os ajuda a se conhecerem melhor."

“Que troca sem sentido deveríamos *ter* , então?” A forja era pequena. Uma caixa. Não havia janelas.

Nenhuma saída, exceto a porta que ficava atrás do Hazrax, a seis metros de distância. A cada segundo que a criatura permanecia ali, respirando o mesmo ar que eu, mais minha pele formigava e se arrepiava. Não era a ameaça física que a coisa representava, embora eu tivesse certeza de que ela poderia me ferir se quisesse. Era o poder que emanava. Um poder bruto, ancestral, perigoso. Ele irradiava da criatura como o calor emanado por um sol.

Virou seu rosto estranho e liso para mim e piscou novamente. "Vamos falar do

livro sobre a mesa, certo? Um tomo nobre. Outrora existiam muitos desses livros.. mas agora só resta um."

Uma pequena parte da minha cautela deu lugar à curiosidade. "Você já leu?"

“Sou um observador. Um colecionador de informações. É meu dever ler livros”, respondeu o Hazrax. “Já li *esse* livro muitas vezes.”

Com cautela, afastei-me do banco. "E você entende. Você entende quem eu sou? *O que* eu sou?"

O Hazrax contornou o banco, suas longas vestes brancas farfalhando ao redor das pernas enquanto se movia. Ele se afastou da luz tênue que ardia na lareira. "Não possuo o dom da Visão, como alguns seres deste reino parecem possuir. Vejo avenidas. Caminhos. Luz. Vejo. . *possibilidades* ." Ele se virou para me encarar. "Magia de sangue é uma coisa grosseira, Saeris Fane."

Recuei, apoiando-me nos calcanhares. De onde tinha vindo *aquilo* ? "Eu não. . sei nada sobre magia de sangue."

“Claro que sim.” A estranha criatura endireitou-se, enfiando as mãos nas mangas esvoaçantes. “O

mercúrio é ganancioso. Dê a ele tudo o que ele desejar. Canções. Piadas. Lembranças . ” Dizia: “Seu companheiro deseja que você crie milhares dessas relíquias, e ainda assim você barganha por cada uma que faz. Você arranca um pedaço de si mesmo por cada uma. Diga-me, como você saberá exatamente o que esqueceu, o que perdeu , quando sua mente está repleta de buracos?”

Ela conseguia ouvir o mercúrio. Essa era a única explicação. Caso contrário, não poderia saber que eu havia trocado uma memória agora há pouco. "Estou fazendo o que precisa ser feito", eu disse.

“Hum. O que precisa ser feito?” Uma afirmação. E então, “O que precisa ser feito?” Uma pergunta.

“Essas runas em suas mãos precisam ser seladas? Seu companheiro precisa ficar atento a rostos desconhecidos? Você precisa criar milhares de relíquias para poder afastar os fracos e os insignificantes deste lugar? A podridão negra que se espalha por esta terra precisa ser detida? Diga-me, eu vi o sangue-baixo levando

a mensagem para seus aposentos no início desta noite. Quantos já sucumbiram aos infectados? Quanta terra foi perdida?”

Os números enviados hoje do campo de concentração ficaram gravados na minha mente: Total de mortos conhecidos: 1.976

Total de infectados conhecidos: 2.409

Área estimada afetada: 8.162 hectares

Estávamos perdendo terreno a um ritmo alarmante, e não havia esperança de que a propagação da praga diminuísse tão cedo. A cada novo dado que eu desvendava, minha esperança sofria um novo golpe. Mas eu não ia deixar o Hazrax saber disso. Ele estava brincando comigo. Me bombardeando com essas perguntas, talvez na esperança de provocar uma faísca de medo. Uma reação. Por dentro, eu fiz exatamente isso — *reagi* —, mas mantive meu rosto impassível. Seja lá o que fosse essa criatura, quaisquer que fossem seus motivos, eu me recusava a entrar no jogo deles. Alguém que afirma não ter a Visão, certamente parece *enxergar* muita coisa.

O Hazrax piscou novamente, suas pálpebras membranosas se fechando e abrindo repetidamente.

Por mais indecifráveis que fossem suas feições, achei que ainda podia sentir um lampejo de irritação emanando dele enquanto se movia serenamente pela forja. Deixou seus comentários pairando entre nós, o mais preocupante deles — *"Seu companheiro precisa ficar atento a rostos desconhecidos?"* —

causando uma verdadeira confusão dentro de mim, mas não me deixei levar pelo pânico.

Fisher era um guerreiro excepcional. Ele havia liderado exércitos em batalha. Sabia se virar. Não precisava que eu me preocupasse com comentários vagos como esse. Precisava que eu estivesse concentrado para poder lidar com a tarefa em mãos.

“Essas gentilezas são agradáveis, Hazrax, mas como tenho certeza *que você* já sabe, tenho uma tarefa monumental pela frente e pouco tempo para concluí-la. Essas relíquias não vão se criar sozinhas, então—”

“Voltemos ao sangue, então. A magia de sangue é descomplicada. Não exige verdadeira habilidade.

Você pretende trocar cada gota de sangue que possui para criar suas preciosas relíquias, Saeris? Ou tem outro plano que não exija que *você* derrame sangue?”

“Sim, está demorando muito para eu criar uma única relíquia. Não posso continuar fazendo trocas.

Não posso continuar desperdiçando meu sangue. Acredite em mim. *Eu entendo.* ”

“Então, o que mais existe, Saeris Fane?”

"Pensei que isso fosse uma troca *sem importância* ." Eu queria que fosse embora. Não pude deixar de notar que, não importava para onde se movesse, o Hazrax sempre estava em posição de bloquear a saída da forja em poucos passos.

A criatura estendeu seus dedos palmados. "No contexto geral, sim. Esta conversa não *tem* sentido."

“Parece-me bastante importante.”

"Posso imaginar." Finalmente sorriu. Lábios finos e translúcidos se abriram, revelando fileiras e fileiras de dentes afiados como agulhas. Um arrepio de repulsa começou na ponta dos meus dedos e percorreu todo o meu corpo até o topo da cabeça. Eu não conseguiria esquecer aquela cena. "Se *você* considera o assunto importante, talvez devesse considerar minha pergunta, não é?"

O Hazrax deveria ser o Guardião do Silêncio. Parecia que aquele desgraçado assustador não sabia a hora de calar a boca. Reprimi minha crescente frustração e analisei o que ele havia dito. Se eu não podia contar com barganhas ou sangue para criar as relíquias, então o que me restava? A resposta era tão óbvia que me deu vontade de me chutar.

A magia *amaldiçoada pelos deuses* . "Preciso descobrir como ativar a runa de mercúrio." Levantei minha mão direita, estudando o intrincado trabalho de tinta ali.

“Um escudo impressionante”, observou o Hazrax. “Talvez o escudo mais

complexo que este reino já viu. Será uma arma formidável.. se não te matar antes que você consiga selá-lo.”

Foley havia chamado minhas runas de escudo. Agora os Hazrax também. Eu encarava o traçado das linhas, sentindo a pulsação constante e rápida de um pulso ancestral, distinto do meu próprio batimento cardíaco, sob as runas entrelaçadas.

“É para isso que serve o livro”, eu disse. “Ele deveria me ensinar a fazer um pacto com o mercúrio.

Mas o livro só me ensina a ouvi-lo. A me comunicar com ele. E eu já sei fazer isso.”

O Hazrax emitiu um som estranho, como um tique-taque, em algum lugar no fundo da garganta enquanto pensava. "Eu ouço o vento. Será que sou *um* com o vento porque o escuto soprar?"

“Chega! Por favor, só. . *chega* .” Eu estava tão *cansado* disso. “Se você sabe de alguma coisa, então, por favor, desembucha.”

O som perturbador do tique-taque aumentou. "Eu não sei de algo. Eu sei *de tudo* , Saeris Fane. Mas não me cabe revelar verdades que precisam ser descobertas."

Como eu poderia *saber* que isso não acabaria com o meu sofrimento? "Tudo bem. Nesse caso, acho que é hora de você ir embora."

O Guardião do Silêncio emitiu um som que lembrava uma risada. "Receio que deva revelar o verdadeiro motivo da minha visita antes de poder fazer isso, criança."

Um calor intenso subiu à minha barriga, acumulando-se como lava derretida. "Você me chama de criança, enquanto outros aqui me chamam *de Sua Alteza* ."

“Sim, eu concordo. E não tenho a intenção de desrespeitar ninguém com o título. Mas, assim como o amigo que você encontrou na biblioteca, eu não sou um servidor deste tribunal. Sou um indivíduo *privado* , com interesses *particulares* .”

“Fui levado a crer que você jurou fidelidade ao Tribunal de Sangue.”

Lentamente, o Hazrax balançou a cabeça. "Um acordo foi firmado entre mim e o rei vampiro. Foi-me permitido observá-lo e, em troca, ele recebeu um favor por cada ano que eu permanecesse aqui."

“Que tipo de favor?”, perguntei.

O Hazrax mostrou os dentes novamente. "Isso dependia do rei, é claro. Se estivesse ao meu alcance conceder, assim seria."

“E qual *é exatamente* a natureza do seu poder? O que você *é* ?”

O Hazrax caminhou em minha direção, seus pés silenciosos contra o chão de pedra. "Meu poder é o de apagar um sol, talvez? O poder de. . libertar-se da gravidade?"

Observei, atônita e sem palavras, enquanto a relíquia sobre a bancada subia lentamente no ar. A tenaz. O cadinho. Flutuaram para cima, erguidos por fios invisíveis. Mechas soltas do meu cabelo que escaparam da trança começaram a flutuar ao redor do meu rosto.

“Quanto ao que eu sou.. ” A criatura parou de falar. “Quem sabe mais? Este corpo é apenas um receptáculo. Minha mente é muito antiga. Ela pode Estar em vários lugares ao mesmo tempo. De tempos em tempos, consigo ver as coisas pelos olhos dos outros. Essas são habilidades muito úteis.”

Eu não estava prestando atenção. Uma sensação de leveza puxava meu estômago, fazendo-o revirar.

As solas das minhas botas começaram a se levantar do chão, e um grito de pânico escapou da minha boca. "Pare! Chega. Já chega!"

O cadinho caiu de volta ao chão, rachando a pedra onde aterrissou. A tenaz prendeu-se na lateral da bancada e, em seguida, bateu no chão, girando. A relíquia que eu acabara de fazer, porém, permaneceu suspensa no ar. Girava lentamente, a luz incidindo sobre os minúsculos ramos e folhas que se enrolavam em sua faixa.

“Sou capaz de muitas coisas. Você só precisa saber como pedir”, disse Hazrax.

“E daí?” Foi um milagre que minha voz não tenha tremido. “Você quer fazer um

acordo comigo agora que Malcolm está morto?”

Não havia como confundir o som agora — o Hazrax definitivamente estava rindo. "Eu faria o mesmo acordo com você que fiz com Malcolm, sim", disse ele.

“E se eu me recusar?”

Seus lábios se abriram ainda mais, o vazio escuro e oco de seus olhos negros me encarando enquanto estalava os dedos, e a relíquia flutuante começou a girar cada vez mais rápido. .

“Preciso ficar, Saeris”, disse ele calmamente. “Tem *que* haver um acordo.” A ameaça era velada, mas estava lá. Eu não fazia ideia do que os Hazrax fariam se eu negasse seu pedido, mas sabia, com cada fibra do meu ser, que não seria nada bom.

Se essa coisa fosse humana — ou até mesmo *uma fada* — eu teria usado uma linguagem bem colorida para descrever o que ela deveria fazer consigo mesma. Mas não era um membro das fadas. Apesar da posição que ocupava, também não era membro da Corte de Sangue. Havia algo profundamente sinistro nela. criatura, e eu pressenti que irritá-la *talvez* não fosse a ideia mais inteligente.

"Está bem", eu disse. "Tudo bem. Um favor por ano, em troca da permissão para ficar e observar.

Mas quero ter a oportunidade de renovar o acordo todos os anos. Não quero ficar preso a um contrato com você até o dia da minha morte."

“Não vejo problema algum nesse acordo.” A criatura inclinou a cabeça. “Você logo perceberá o quão valiosos são meus favores e não se importará em atender meu simples pedido em troca. Concordo com sua estipulação.”

Eu não seria rainha desta corte miserável por muito mais tempo. Não fazia ideia do que me levou a fazer tal exigência, mas uma parte de mim me dizia para ter cautela ao lidar com essa criatura. Meu instinto já havia se provado correto muitas vezes no passado; eu não ia ignorá-lo agora.

O Hazrax se virou e começou a ir embora. Parecia que nosso negócio havia chegado ao fim. "Espere!

Não precisamos selar o acordo com sangue?"

A estranha criatura não se virou. "Eu já lhe disse, Saeris Fane. Magia de sangue é grosseira. Não precisamos dela, você e eu."

A forja pareceu dobrar de tamanho depois que o Hazrax se foi. De repente, ficou mais fácil respirar.

A relíquia ainda pairava suspensa no ar, girando rapidamente — um borrão prateado e preto. Tentei alcançá-la, mas ela parou abruptamente de girar e caiu como uma pedra na minha mão.

No instante em que o metal frio tocou minha palma, o mundo girou de lado. Uma luz branca ofuscante brilhou atrás dos meus olhos.

Dor . . .

Os deuses sabiam que eu estava familiarizado com a dor, mas esse era o tipo de dor que dilacerava a alma.

Estava por toda parte. Nas minhas mãos, nos meus olhos. Eu não conseguia enxergar. Não conseguia respirar.

Desde que acordei no Palácio Negro, lutei para conter minha magia atrás de uma muralha espessa e alta. Ela escapava com frequência, ativando minha runa de mercúrio. Havia transbordado demais na biblioteca, sim, mas isso? Isso não era um excesso de poder. A muralha dentro da minha cabeça havia desaparecido. Era como se nunca tivesse existido, e agora nada *impedia* meu poder. Ele irrompia através de mim, todo de uma vez, iluminando-me como uma tocha e buscando uma saída.

Porra! O palavrão silencioso arranhou minha garganta.

Eu ia destruir Ammontraíeth. Pior, eu ia *morrer* , e nem sequer ia poder me despedir do meu próprio companheiro.

O pânico fundiu meus pensamentos dispersos em uma única ordem urgente: *Correr.*



25

FUNDAMENTOS

MARTIM-PESCADOR

Gritos ecoaram na escuridão.

Como uma epidemia, o caos se espalhava por toda a cidade.

“Rápido! Por aqui!”

Carrion liderou o ataque. Um segundo em comando lhe concedeu a Visão para que pudesse nos guiar através das minhas sombras. Ele era agora uma das únicas quatro pessoas existentes que possuíam essa capacidade — um número que eu não *planejava* aumentar hoje, mas a necessidade o exigiu.

Ao nosso redor, multidões de pessoas saíam dos prédios, seus gritos de pânico ecoando no ar enquanto cambaleavam, buscando algo familiar. Ao meu lado, Hayden tropeçou em um desnível na rua de paralelepípedos. Mal tive tempo de ampará-lo antes que caísse de cara no chão. Agarrando-o pela camisa, puxei-o para a esquerda. "Continue correndo, Hayden. Eu te seguro."

“Por aqui!” Carrion era agora uma cabeça e meia mais alto que qualquer outra pessoa na rua. Em algum momento durante o ataque na praça, eu havia abandonado o encanto que escondia nossa verdadeira natureza feérica. Meus caninos estavam afiados novamente. Era bom estar de volta à minha própria pele.

Como fantasmas, corríamos pelas ruas, desviando das pessoas que tropeçavam às cegas, chamando por seus entes queridos.

“Pegue por aqui”, sibilou Carrion. “Aqui!”

Mais à frente, uma falange de guardiões avançava pela rua estreita, mantendo uma formação cerrada. O brilho verde pálido das tochas que carregavam mal penetrava as sombras. Nem deveriam ter *tochas* ali. O calor abrasador voltou a me consumir — o mesmo calor que quase me sufocara na praça, a ponto de eu não conseguir respirar. Eu queria matar aqueles desgraçados pelo que fizeram à minha companheira. Pelo que fizeram à mãe dela. Pelo que *ainda estavam* fazendo a este grupo.

Minha vingança estava incompleta. Uma dívida pesada ainda era devida aos homens que cumpriram as ordens de Madra. Ela só seria quitada quando as ruas desta cidade estivessem cobertas de seus cadáveres e uma montanha de armaduras douradas obscurecesse o sol. Mas a vingança teria que esperar.

Viramos à direita, fazendo a curva segundos antes de os guardiões nos alcançarem.



“Ali. Mais à frente. Aquele prédio grande com a pesada porta de madeira! Vai, vai, vai!” sussurrou Carrion.

Empurrei Hayden em direção à porta primeiro. Ele encontrou a maçaneta e a girou, mas a porta não abriu.

"Pelos deuses! Saiam da frente!" Eu chutaria essa coisa para baixo se precisasse.

“Não, não. Espera!” Hayden estendeu a mão para trás, me incentivando a voltar. “É só uma questão de estar grudado.” Encostando o ombro na madeira, o irmão de Saeris deu um empurrãozinho firme na porta. “Você só precisa.. dar um jeito. .” A porta se abriu.

Ele não conseguia ver, mas sabia onde estava? Não havia tempo para processar *essa* informação. O

cansaço me dominou. Minhas sombras estavam se dissipando. Enquanto eu

olhava para trás, Por cima do meu ombro, vi que o ar estava se dissipando, e faixas de seda negra se desintegravam bem diante dos meus olhos.

Para dentro. Para dentro! insistiu o mercúrio. Estava mais alto do que desde Gillethrye.

Os olhos de Carrion encontraram os meus, sua preocupação refletindo a minha. "Depois de você."

Ele fez um gesto para que eu entrasse. Hayden já havia cruzado a soleira e desaparecido.

Resmungando baixinho, passei pela porta. Minhas sombras já haviam sumido ali. O cômodo estava abafado, com uma lareira acesa..

"Porra!" Uma dor lancinante explodiu entre minhas omoplatas. Minha cabeça girou, minha visão oscilou. Eu tinha sido atingido por algo duro. Algo *muito* pesado. O ar escapou dos meus pulmões, mas consegui manter os pés no chão. Por pouco. "Que diabos é isso?" Virei-me para encarar meu agressor, pronto para despedaçá-lo, mas lá estava Carrion, bloqueando meu caminho, parado diante de um velho grisalho brandindo um ferro de passar roupa.

“Calma aí, calma aí, calma aí!” Carrion ergueu as mãos. “Não faça nada precipitado. Foi só um tapinha nas costas.”

"Eu estava mirando na cabeça dele", vociferou o velho. "Não esperava que o desgraçado fosse tão *alto*

."

Um tapinha nas costas? Um tapinha nas costas não deixa um maldito hematoma. Dei um passo à frente, pronto para remover Carrion à força se fosse preciso, mas o contrabandista me agarrou pelos ombros. "Não o machuque, Fisher. Pelo amor dos deuses—"

"Ele tentou esmagar meu *crânio* , Carrion."

O humano empurrou Swift para o lado, tirando-o do caminho. Seu cabelo, que antes fora castanho-escuro, agora era em sua maior parte grisalho. Rugas marcavam o rosto do homem. Ele era forte e corpulento, como um touro. Enorme para os padrões humanos. Um fogo ardia em seus olhos enquanto ele se encarava e disparava: "E o que mais eu deveria ter feito, então? *Foi você* quem invadiu *minha* forja!"

Saeris tinha feito Elroy parecer uma pessoa agradável. Ela falava dele com carinho, mas minhas primeiras impressões não foram das melhores. Minhas costas latejavam e eu estava começando a ter uma dor de cabeça tensional — um mal que *não estava* sendo aliviado pelos sussurros-gritos do vidreiro.

“Ele *não pode* ficar aqui!” O velho não se afastara da porta desde que chegamos. Ele queria mesmo que fôssemos embora. “Vocês podem ficar. Hayden pode ficar. Mas *ele* tem que ir embora.”

Carrion não estava se mostrando um bom negociador. "Calma, Elroy. Vai ficar tudo bem. Só precisamos de um lugar para nos escondermos por algumas horas até que tudo se acalme lá fora."

“Não vou repetir. Eu sei quem ele é. Sei em que tipo de encrenca ele se mete.”

Hayden estava espreitando perto de um conjunto de ferramentas pesadas e bem usadas penduradas na parede. Ele deu um passo à frente e falou, lembrando a todos que estava na sala. "Ele disse que Saeris está viva, Elroy."

“Não duvido.” O velho estreitou os olhos para mim, acusadoramente. “Ela é *Saeris* . Claro que está viva. Mas parece que ela pulou da frigideira para cair direto no fogo com essa, não é?”

Carrion se esgueirou para trás de mim, encostando as costas na porta para que Elroy não pudesse abri-la. "Ele não é um *rebelde* , El."

“Vejo isso claramente. Ele é um guerreiro Fae, e é tão sutil quanto uma marreta.” Ele enfiou a ponta do atiçador de lareira que segurava na minha cara. “Essas sombras que você acabou de projetar pela cidade inteira? Isso poderia ter nos matado. Como isso teria ajudado a sua causa?”

Mataram todos eles? Pelo amor de Deus, que *drama* ! "Na verdade, teria ajudado muito. Se todos em Zilvaren estivessem mortos, eu poderia simplesmente *voltar para casa* ", resmunguei.

“Ele não quis dizer isso! Ele não quis dizer isso. Ufa, pessoal, respirem fundo.” Carrion passou as mãos pelos cabelos enquanto caminhava de um lado para o outro em frente à porta. “Vocês vão ter que perdoar meu amigo aqui. Ele vem de um clima mais frio. O calor o deixa irritado.”

"Não peça desculpas por *mim* !" Eu ia lhe dar um tapa com a palma da mão aberta. "Se ele queria cordialidade, não deveria ter me batido, não é?"

Os gritos vindos da rua interromperam qualquer resposta raivosa que Elroy estivesse prestes a me dar. O chão tremia com o estrondo de muitas botas. A

forja tinha uma pequena janela com venezianas; Hayden entreabrira as venezianas de madeira e olhava melancolicamente pela fresta, como se estivesse assistindo ao fim do mundo. "Não podemos voltar lá para fora", disse ele. "Ainda não."

“ *Você* não vai a lugar nenhum”, afirmou Elroy. “Saeris me enforcaria se soubesse que eu deixei você ir embora com ele.”

Mostrei os dentes. "Quem você acha que me mandou *buscar* ele, velho?"

“Muito bem. Chega!” Carrion tinha encontrado um martelo. Não era difícil, considerando onde estávamos. Ele o ergueu como um martelo de juiz, com uma expressão muito séria no rosto.

“Normalmente, eu adoro uma boa discussão em nome da diversão, mas nos últimos dias fui picado por um milhão de escorpiões, perseguido várias vezes, tive que matar um lunático faminto e acabei



de ver uma mulher que se importava comigo e me protegia ser consumida pelas chamas. Então agora.. chega. ” Sua voz falhou. Ele deu de ombros, soltando aquela risada maliciosa e despreocupada, mas eu percebi a falha em sua voz. Elroy também. Observei, admirado, enquanto a vontade de lutar se esvaía visivelmente do velho.

“Fiquei com o coração partido ao saber da Gracia, Carrion. Fiquei mesmo.”

Carrion abaixou o martelo. "Ela era velha." Disse isso sem nenhuma emoção. Como se já tivesse repetido isso para si mesmo um milhão de vezes nas últimas horas, e as palavras fossem a única coisa que o mantinha inteiro. "Eu só queria ter estado aqui para me despedir. Ela era. . a última de sua linhagem. Não haverá mais Swifts."

Senti o peso disso em meus ossos. As mulheres Swift cuidaram de Carrion e deram explicações sobre sua existência ao longo dos séculos. Para o mundo exterior, elas eram suas irmãs. Suas mães.

Suas tias. Suas avós. Mas elas também eram suas amigas. Suas protetoras. E agora todas haviam partido. Carrion vivera em Zilvaren por muito, muito tempo,

mas *nunca* estivera sem uma Swift.

Diante da dor que o contrabandista estava sentindo naquele momento, deixei de lado minha irritação e respirei fundo para me acalmar. "Diga-me, Elroy. Quantas promessas você fez a Saeris e depois quebrou?"

As pálpebras do humano se fecharam. "Nenhum."

"Eu também não. E pretendo que continue assim. Não se engane. Eu queimaria mundos para cumprir minha palavra a ela, velho. Não há uma única pessoa neste reino ou em qualquer outro que eu não sacrificaria para garantir que eu não a decepcionaria. Eu prometi a ela que traria o irmão dela para casa. Você testará minha determinação nisso?"

Um estrondo alto sacudiu o ar lá fora, seguido por um grito agudo. Elroy me encarou, as rugas ao redor de seus olhos se estreitando um pouco. Encarei seu olhar, impassível. O velho desviou o olhar.

"Não. Acho que não vou." Havia resignação em sua voz. "Mas o garoto deveria ter voz nessa questão, não acha? Você disse que prometeu trazê-lo para casa.. mas *este* é o único lar que ele já conheceu."

Assassinato. Fome. Opressão. Ódio.

Esses eram os alicerces sobre os quais Zilvaren fora construída. Não era de admirar que as fundações desta cidade fossem incapazes de se sustentar. Este lugar não era um *lar* . Era uma jaula. Uma sentença de morte. Mas o velho tinha razão. *Deveria* ser a escolha do rapaz.

Relutantemente, inclinei a cabeça.

Três pares de olhos se voltaram para Hayden Fane.

Meu Deus, ele não era nada parecido com ela. Completamente nada parecido. Mas quando nossos olhares se encontraram e eu vi a determinação em seus olhos, a forma como seu maxilar se contraiu, vi ali a sombra fugaz dela. Uma parte dela que eu reconheci. Algo que eu podia apoiar. "Está tudo bem, Elroy", disse ele. "Eu quero ir."

Carrion explicou tudo.

Sentei-me à janela, observando o povo de Zilvaren dispersar-se lentamente de volta para suas casas.

Horas se passaram, e eu ouvi a história de Carrion ganhar forma. De vez em quando, uma unidade de guardiões marchava em frente à forja, as armaduras tilintando ruidosamente, os pés batendo na areia com determinação. Era raro que os guardiões patrulhassem o Terceiro em tal número. Saeris havia explicado que muitos deles acreditavam na mentira perpetuada por Madra — que o Terceiro era uma área assolada pela peste. Infectada. Ajudava a causa dela se seus próprios soldados tivessem medo das pessoas daqui. Um exército não era tão eficaz se não odiasse seu inimigo.

Elroy caminhava de um lado para o outro na forja enquanto ouvia Carrion falar. De vez em quando, acionava o fole, alimentando o fogo que ardia na lareira com oxigênio. Eu via nele os movimentos de Saeris. O jeito como segurava as ferramentas. O jeito como simplesmente se movia pelo espaço.

Mas eram movimentos *dele* , eu sabia. Afinal, fora ele quem ensinara Saeris a trabalhar na forja. Ele não disse nada para interromper Carrion. Não quando este explicou sobre as fadas. transformação.

Os portais que permitiam o transporte entre este mundo e Yvelia. Hayden interrompeu várias conversas, absorto, com os olhos arregalados. Mas não o velho. Ele encarou tudo com naturalidade.

Quando Carrion terminou, Elroy sentou-se pesadamente num banquinho instável que parecia mais velho do que ele. O peso de todo o reino parecia estar pressionando seus ombros. Saí da janela e fiquei de frente para ele, com os braços cruzados sobre o peito.

"Como você sabe tudo isso?", perguntei, indagada.

Todas as pistas estavam lá.

Ele me chamou de guerreiro Fae.

Ele sabia que eram *minhas* sombras, encobrindo o sol.

Ele nem sequer piscou quando Carrion invadiu sua forja, muito mais alto do que antes, ostentando orelhas pontudas e dentes capazes de causar sérios danos.

Ele *sabia* .

Elroy olhou para mim, a verdade estampada em seus olhos. Eu estava certo. "Muita gente ainda conta histórias de antigamente. De quando gente como vocês ainda visitava Zilvaren", disse ele.

Lancei-lhe um olhar de desapontamento. "Não. Não é isso. Tente novamente."

Com um ar cansado, ele deu de ombros, balançando a cabeça. "Tudo bem. Você tem razão. Eu sei sobre as fadas desde que nasci." Ele acenou para Carrion. "Eu também sempre soube sobre ele."

"Desculpe, *o quê* ?" A voz de Carrion estava três oitavas mais aguda que o normal. "Você sempre *soube* sobre mim? Sempre soube sobre—" Ele jogou as mãos para o ar, encarando o teto. "Você não acha que deveria ter mencionado isso? Sabe, em alguma das *centenas* de interações que tivemos ao longo dos anos?"

"Por quê?" Elroy parecia genuinamente confuso. "Não teria mudado nada. Você continuaria sendo um contrabandista irritante e falastrão, com uma queda por roubar meus copos."

“Ah, não sei. Talvez tivesse sido bom para mim conversar com alguém que soubesse quem eu realmente era? Talvez tivesse sido melhor.” Teria sido legal com. . com. . Ah, deixa pra lá. Esquece.



Você tem razão. *Não teria* mudado nada. *Você* continuaria sendo um idiota miserável sem senso de humor!

Elroy apoiou os cotovelos nas coxas, com as mãos entrelaçadas. "Você teve *Gracia* ." Ele parecia exausto.

“Sim, eu fiz.” Carrion assentiu. “E ela foi suficiente. Mas uma pessoa em milhões? Teria sido bom se esse número fosse dois.”

“Olha, me desculpa, tá bom? Mas eu não devia ter te contado que sabia, de qualquer forma. Tinha regras que eu devia seguir, e—”

“Que regras?” Meu corpo estava estranho. Quente demais. Podia ser o fato de eu estar em uma forja, em um reino que já era *absurdamente* quente, mas a sensação era diferente. Eu conseguia sentir meu coração batendo forte por todo o corpo.

Elroy bufou, a irritação estampada nas linhas do seu rosto, mas respondeu: "Não conte a ninguém sobre as fadas. Não fale com Carrion sobre as fadas. Não conte a ninguém sobre nenhum usuário de magia que eu tenha encontrado. Coisas desse tipo."

“E quem te fez prometer que cumpriria essas regras?”

“Meu pai”, disse ele. “E o pai *dele o fez* prometer. Sou um mestre ferreiro, um guerreiro. Filho de mestres ferreiros. A família Swift não era a *única* linhagem encarregada de uma tarefa transmitida através das gerações. Gracia e os seus cuidavam do menino. Eu e os meus recebemos uma tarefa diferente.”

Agora eu conseguia ouvi-lo, martelando nos meus ouvidos.

Ruído.

Ruído.

Ruído.

Engoli em seco e falei, minha voz apenas um sussurro. "Diga-me."

Elroy fez uma careta, passando a língua pelos dentes. Batendo as palmas das mãos nas coxas, ele se levantou. "Acho que é melhor eu simplesmente te mostrar."

“Não me sinto ofendido, propriamente dito. Apenas um pouco. . *indignado* .”

Carrion não parava de resmungar desde que o vidreiro puxara o tapete que cobria a parede, revelando uma porta secreta. Um minúsculo fragmento de magia, habilmente tecido, era tudo o que escondia a porta. Quando Elroy furou o dedo e espalhou uma pequena quantidade de seu sangue na parede, os pesados blocos de arenito recuaram, enchendo a forja com um som de rangido que me arrepiou os dentes.

Elroy pegou uma lanterna e desceu as escadas primeiro, seguido por Hayden. Carrion veio atrás de mim, o que significava que eu era quem tinha que ouvir sua série de reclamações.

“Séculos. *Séculos!* Havia planos das Fadas em andamento aqui por anos, acontecendo bem debaixo do meu nariz, e ninguém pensou em *me contar* , a única membro das Fadas em Zilvaren?”

“Seu amigo disse que eles tinham seus motivos”, murmurei por cima do ombro. “Então eles devem ter tido seus motivos.” Eu não sabia se isso era verdade — humanos mentem o tempo todo, às vezes sem nenhum motivo plausível. Elroy poderia estar inventando tudo isso, pelo que sabíamos, mas ele não tinha nenhum motivo aparente para mentir. Nenhum que *eu* conseguisse ver, pelo menos.

A escadaria parecia não ter fim. Descendo, descendo, descendo. .

As paredes não eram de arenito. Eram de granito. Lisas, frias e duras. O tipo de pedra capaz de resistir ao teste do tempo *e* a um mar de areia movediça. Para onde quer que Elroy nos levasse, fazia-o em silêncio, a nuca e os cabelos grisalhos e desgrenhados na altura dos ombros sendo a única parte visível dele. Eu conseguia ver por cima do ombro de Hayden. Mas conseguia sentir a tensão emanando dele — sentia-a com tanta intensidade que a confundi com a minha própria.

"Quanto falta?" perguntou Hayden em voz baixa. Ele pretendia que a pergunta fosse feita apenas para Elroy, mas o garoto ainda não sabia nada sobre a audição das fadas. Ele parecia nervoso.

“Mais uns duzentos passos”, respondeu Elroy.

“Quantos *são* ?”

“Mil duzentos e vinte e três.” O sussurro de Elroy ecoou pelas paredes.

Finalmente, chegamos ao pé da escada. O espaço à nossa frente era vasto e envolto em escuridão.

Quando vi o que havia diante de nós, senti como se tivesse levado um coice de cavalo no peito.

“Deuses e pecadores.. ” Fiquei boquiaberto com a cena.

"O quê? O que é isso?" Hayden sibilou.

“Nossa saída para essa enrascada”, respondeu Carrion, ofegante. Sua boca estava entreaberta, seus olhos percorrendo os pilares que sustentavam o teto arqueado, as pilhas de peças de armadura descartadas, as moedas, os cálices e os baús transbordando com todo tipo de objetos de metal.

Finalmente, seus olhos se voltaram para a enorme piscina rebaixada no centro da caverna..

Uma faísca de luz surgiu do outro lado da caverna. O brilho era apenas um pequeno fulgor alaranjado-dourado a princípio. Logo, havia duas faíscas, depois três. Elroy contornou o perímetro do espaço, acendendo tochas enquanto caminhava. Eu estava tão distraído com o conteúdo de seu tesouro secreto que nem percebi que ele havia nos deixado. Quando ele acendeu metade das tochas em seus suportes e retornou, a caverna estava imersa em uma luz fraca, mas suficiente para enxergar.

Hayden caminhava com os olhos arregalados em direção à piscina gigante.

Era a primeira do gênero que eu via: embutida de forma que seus degraus levavam à superfície calma e sólida da piscina abaixo.

Você veio, você veio. Veio. Você veio. . O som inundou meus ouvidos. Estava alto novamente. Muitas vozes. Dezenas delas, todas falando ao mesmo tempo. Eu não ouvia as vozes tão altas desde que Iseabail e Te Léna começaram a trabalhar juntas para me curar.

Junte-se a nós. Venha, venha, venha..

Hayden inclinou a cabeça, semicerrando os olhos para a superfície do metal espelhado que repousava no fundo da piscina. "O que *é* aquilo?", perguntou ele.

Elroy grunhiu, pigarreando ruidosamente. "Isso, meu rapaz, é uma quantidade *perigosa* de mercúrio."



26

NO FIM

SAERIS

VOCÊ VEIO, VOCÊ veio. Veio. Você veio. .

As palavras ecoavam dentro da minha cabeça.

Chegou. Chegou. Você chegou. .

Ammontraíeth parou e caiu de joelhos enquanto eu corria por seus corredores, descendo até as entranhas do palácio, até o túmulo que abrigava o mercúrio da Corte de Sangue. Os olhos afiados e frios de dezenas de nobres me seguiram enquanto eu corria.

A cripta estava exatamente como Kingfisher, Carrion, Lorreth e eu a tínhamos deixado. Nossas pegadas ainda marcavam a espessa camada de poeira no chão. A verga ao redor da piscina ainda estava danificada, a pedra estilhaçada na borda. Uma longa rachadura irregular, em forma de raio, na obsidiana, se bifurcava em direção à porta. Eu me despedi de Fisher ali. Ele me beijou e me abraçou, e eu me senti segura.

Eu não me sentia mais segura. Sentia que ia explodir. Meus nervos estavam à flor da pele enquanto eu corria para a piscina e—e—

Puta merda! O que eu ia *fazer* ?

Você veio. Você veio. Veio. .

As palavras ecoaram pelo túmulo. Vazias. Singulares. Penetraram em meus ossos, reverberando, me chamando.

Junte-se a nós. Venha até nós. Junte-se a nós. Nós ajudaremos..

Eu havia deixado a relíquia de volta na forja. Da última vez que entrei no mercúrio, eu não tinha uma relíquia. Os deuses me ajudaram a passar. Foi instantâneo: num segundo, Fisher estava me carregando nos braços. No seguinte, acordei naquele campo de grama alta com dois deuses rindo de mim. Fisher achava que meu sangue de alquimista impedia que o mercúrio me afetasse da mesma forma que o afetou uma vez, mas será que era verdade? Se eu entrasse nesse mercúrio agora, ele me enlouqueceria? Ou simplesmente me *mataria* ?

Venha. Venha até nós. Junte-se a nós..

Ou será que entrar nessa piscina agora era a única coisa que me salvaria? Seria essa a chave para a minha magia? Seria isso algo que eu *precisava* fazer para me conectar com o mercúrio? Para mostrar a ele que eu *confiava* nele?

Não há tempo para decidir.

Eu precisava *fazer* alguma coisa. A luz das minhas runas iluminava a tumba com tanta intensidade que o brilho feria meus olhos. Estava crescendo, se esforçando, sondando, aumentando — mais poder do que eu podia compreender. Queria sair, ser livre, e *eu* não queria morrer.

Eu não tive escolha.

Sim. Sim, venha até nós. A voz do mercúrio era hipnótica.

O quarto girou quando fechei os olhos e deixei meu poder entrar.

O vazio que caiu sobre mim me devorou por inteiro.

Sem luz.

Não, obrigado.

Sem queda.

Isso era a imortalidade; olhar para ela era como encarar um buraco negro.

O medo percorreu minha mente com dedos gélidos, paralisando-me.

Respire, Saeris. Não *ceda a isso.*

O medo seria a minha ruína. Eu não cederia terreno a ele.

Recuei para dentro de mim, buscando aquilo que já fazia parte de mim. Essa onda de magia me assustava. Sempre que a sentia antes, fervilhando logo abaixo da superfície da minha consciência, eu me esquivava, com medo de sua imensidão. Eu temia não conseguir encontrar o caminho de volta à superfície se permitisse que o poder me engolisse — e *ainda tinha* esse medo. Mas a tempestade não ia diminuir desta vez. Ela crescia a cada segundo.

Mergulhei na corrente do meu poder e fui imediatamente arrastado.

Oh, céus, foi demais. Foi—

Puxando.

Empurrando.

Puxando.

Gritando.

Fiação.

Natação.

Afundando. .

Afogamento . . .

Respire, Saeris. Respire, ou tudo *estará acabado.*

Respirei fundo, forçando o ar para dentro dos meus pulmões.

Não há motivo para ter medo disso.

Isso faz parte de você.

Uma parte de você que você ainda não conhecia.

Você consegue *fazer isso.*

Quando você não tinha mais ninguém em quem se apoiar, você confiou em si mesma. Quando ninguém veio ao resgate e salvou você e Hayden da morte por sede, você se salvou.

Salve-se agora, Saeris.

Você consegue .

Parei de lutar contra isso. A magia percorreu minhas terminações nervosas, e lá estava ela, como algo tangível e maleável na ponta dos meus dedos: energia divina em sua forma mais pura. Abrindo os olhos, eu esperava Para vê-lo ali, visível a olho nu, mas meus dedos pareciam normais. Meu escudo brilhou com energia branco-azulada quando estendi a mão para o mercúrio e o invoquei.

Era tão fácil quanto respirar.

Decidi que o portal estava aberto e, de repente, estava. A diferença foi impressionante. Parecia *certo* .

Mas eu ainda não podia comemorar. Eu estava apenas na metade do processo.

Meu Deus, eu ia parecer um completo idiota se não conseguisse superar isso. Meu amigo tinha sofrido horrivelmente por causa do mercúrio. Ele quase destruiu a mente dele em inúmeras ocasiões, e eu estava lá para testemunhar tudo. Mas o Martim-Pescador não era um alquimista.

Entrei na piscina antes que pudesse hesitar.

O metal derretido parecia gelo em volta dos meus tornozelos. O frio cortava minhas botas, minhas calças, uma dor aguda subindo pelas minhas pernas. A poça agitava-se violentamente, borbulhando e fervendo como água transbordando em uma panela. Aconteceu rápido. Inesperadamente. Cada parte

de mim gritava para que eu saísse dali. Para que eu corresse. Para que aquele fosse o maior erro que eu já havia cometido. O mercúrio formou filetes, como os afluentes de um rio, e começou a subir. A visão dele escalando meu corpo me transportou de volta ao Salão dos Espelhos. O Capitão Harron acabara de me atravessar com sua espada. Eu havia derretido sua adaga. Ela serpenteou por seu corpo assim, sondando, buscando, procurando uma entrada.

“Saeris? Saeris! Cancele isso! Você não. . você não entende —”

Ele me implorou pela vida. Estava apavorado com o que o mercúrio faria com ele, e com razão; aquilo o havia enlouquecido.

Eu consigo fazer isso.

A água já chegava à minha cintura. O frio penetrava minha camisa enquanto subia. Cerrei os punhos, fechei os olhos e me preparei para o pior.

Eu consigo *fazer isso.*

Mestiço. Quem é você para ser abençoado por nós?

O mercúrio estava na minha pele agora. Nos meus braços. No meu pescoço. Estava dentro da minha *cabeça* . Estava em todo lugar — uma presença alienígena e ágil. Não soava tão fragmentado quanto de costume. Era um poder primordial, mais antigo que o próprio universo, e toda a sua atenção estava voltada para mim.

Sou um alquimista. Não me atrevi a falar em voz alta. Estava com muito medo de que as palavras se transformassem em um grito, então as pronunciei mentalmente.

Você é um impostor, acusou a voz.

Meu nome é Saeris Fane—

Seu nome é ruína , bufou a voz. *Praga. Trabalhador da maldição. Você não merece viver.*

Eu faço!

Existem outros mais dignos.

Nenhum deles *está diante de você agora!* Uma onda de raiva fervilhava em meu peito: a fúria de uma vida inteira, condensando-se em um ponto incandescente. Em Zilvaren, todos os dias me diziam que eu não valia nada, que minha vida não significava nada, que eu não merecia viver. O desprezo de Madra pelo meu povo era tão profundo que até mesmo os habitantes da Terceira Região começaram a acreditar que não importavam.

Bem, eu não acreditaria nisso. Nunca mais. " *Estou* diante de você." Falei em voz alta desta vez, sem medo. "Eu *sou* digna."

Somente os indignos buscam o poder.

“Eu não busco poder! Eu não *pedi* por isso. Eu busco paz! Para que meus amigos e meu povo estejam seguros.”

E você usaria seu poder para atingir esse objetivo? Havia algo de malicioso no tom de voz de quem falava. Não conseguia pensar que fosse o mercúrio. Era algo *mais* do que magia de portal senciente. .

e estava tentando me enganar.

Minha mente disparou. "Eu não o usaria para nada. Ele. . não é uma arma. É apenas parte de mim."

Criança tola. O poder é sempre uma arma. Use-o, ou ele usará você.

Uma dor lancinante explodiu atrás dos meus olhos. O mercúrio estava na minha boca, escorrendo pela minha garganta. Estava entrando pelos meus ouvidos. *Eu não sei o que você quer de mim! Eu não sei do que você precisa—*

"Empunhe-o!", ordenou o orador. " *Um horizonte sombrio se aproxima. O que você fará para impedi-lo?"*

Qualquer coisa!

Você morreria?

Sim!

Você mataria?

Sim!

Você abriria mão daquilo que lhe é mais precioso?

Abri a boca.. e nada saiu. Tentei formar a palavra, mas não consegui. "Não. Não posso", eu disse.

"Não vou sacrificá -*lo* ."

A tumba ficou imóvel. O mercúrio silenciou, e uma nova onda de alarme me invadiu. Tudo havia acabado. Era um teste, e eu havia falhado. Eu podia sentir as garras do mercúrio invadindo minha mente, penetrando fundo, afiadas e cruéis.

"Ótimo" , murmurou o locutor.

Ótimo. Espera, *ótimo* ? Será que realmente disse isso? "Eu não. . entendo. ."

Todo alquimista deve ter algo que teme perder.

O frio que cobria meus ossos com gelo começou a recuar. Lentamente, a dor que me dilacerava a mente se dissipou, e a tumba voltou a ficar nítida. Eu chorava. Ao enxugar as lágrimas, meus dedos ficaram cobertos de prata.

Este caminho está livre , declarou o orador. *Recebam este presente com temor e tremor. No fim, será* o seu *fim.*

Voei para trás, para fora da piscina.

Minhas costas bateram na parede com um estalo de quebrar ossos. .

. .e tudo ficou preto.



27

O que está feito, está feito.

MARTIM-PESCADOR

“SOMOS METALÚRGICOS. QUEM mais faria isso?”

Eu vagueava ao redor da piscina de mercúrio, sem entender completamente o que estava vendo.

Não fazia sentido. "Esta é a maior piscina de mercúrio que já vi. Essa quantidade de mercúrio em um só lugar é *algo inédito* ."

Essa informação não pareceu impressionar Elroy. “Sério? Hum. Temos adicionado material a isso há anos. Sempre que um pedaço de metal com mercúrio chegava à nossa forja, nós o refinávamos.

Retirávamos o mercúrio da arma ou da joia e o guardávamos. Até recentemente, eram apenas pedaços individuais de metal. Separados. Mas quando Saeris foi levada, o metal se liquefez. Foi quando se fundiu e se tornou isso.” Ele gesticulou para a enorme quantidade de mercúrio. “Eu sabia que Saeris tinha algo a ver com isso. A garota nunca resistia à tentação de tocar em armas que não lhe pertenciam. Imaginei que ela tivesse pegado a espada e—”

“Você *sabia* da espada?”

“Bem, naturalmente.” Ele pareceu perplexo com a pergunta. “Consolo. A espada que mantinha as portas fechadas. A Fada.” espada. Nunca a vi pessoalmente,

claro. Mas havia desenhos dela, quando eu era menino.”

“Onde estão esses desenhos? Preciso vê-los.”

“Acabou”, disse Elroy. “Queimou num incêndio quando eu tinha uns quinze anos. Meu pai gostava de tomar um ou cinco uísques à tarde. Era a única coisa que o ajudava com as vozes. Certa tarde, ele adormeceu e a lareira pegou fogo descontroladamente. Destruiu o térreo da forja. A fumaça quase o matou.”

“Então não há nada? Nenhum documento? Nenhum. . nenhum *livro* ?”

O vidreiro balançou a cabeça. "Nada. Os poucos papéis que restaram após o incêndio, eu mesmo queimei há cinco anos."

"O quê? *Por quê?* " A pergunta estava prestes a sair dos meus lábios, mas explodiu da boca de Carrion.

"Que motivo possível poderia ter levado você a fazer *isso* ?"

“Fiz isso por *Saeris* ”, disse Elroy, com um tom duro e frio. “O poder dela era maior do que ela imaginava, e ela era péssima em escondê-lo. O ar na forja ficava tenso no instante em que ela entrava pela porta. Mesmo quando criança, as malditas ferramentas tilintavam nas paredes quando ela passava.” Ele lançou um olhar furioso para Carrion. “Você era cego por não ter percebido.”

"Ei, *eu* não tinha nenhuma experiência com magia. Eu senti alguma coisa, eu acho, mas só achei ela bonita." Ele fez uma careta na minha direção. "Desculpe."

Um estrondo furioso ecoou pela caverna, mas não veio de mim. Hayden parecia prestes a começar a socar o rosto de Swift.

“Muito bem. Ok, pessoal, vamos fingir que nada do que eu disse está certo?”

Elroy bufou e continuou: “Eu a aceitei como minha aprendiz para poder ficar de olho nela. Mas quando a mãe dela morreu—” Ele baixou a cabeça, engolindo em seco, com os olhos fixos em suas botas empoeiradas. “Quando a mãe dela morreu, ela e o menino ficaram sem ninguém. A energia que a seguia estava ficando mais forte, e eu não podia ter Ela ficava aqui o tempo todo. Doía-me obrigá-la a sair para a rua, mas ela estava mais segura lá. Se algum dos guardiões tivesse entrado na forja e sentido o quão estranho era o ambiente quando ela

estava por perto, eles a teriam levado embora.

“Eu não podia mais arriscar manter aqueles papéis aqui. Não quando eles poderiam condenar ela e todos nós junto com ela. Então sim, eu os joguei no fogo. Foi aí que parei de refinar o mercúrio também. Trabalhar com esse metal demoníaco leva à loucura e à morte. Eu vi o que aconteceu com meu pai. Não vi o que aconteceu com meu avô, mas meu velho viu, e pelo que ele me contou, não foi nada bonito. Aceitei meu destino há muito tempo. Não me importava de proteger esse segredo quando era só eu, mesmo que isso me matasse. Mas Saeris precisava de *alguém* , e eu não ia abandoná-la.”

O que havia naqueles documentos que poderiam ter condenado Saeris? Eu começava a suspeitar que sabia a resposta para essa pergunta, mas não sabia como abordá-la mentalmente. Sentei-me na beira da piscina, refletindo sobre isso, tentando decidir o que sentia.

“O que está feito, está feito”, disse Carrion atrás de mim. “Pelo menos isso significa que não precisamos voltar ao palácio agora.”

Abri bem os dedos, segurando a palma da mão a poucos centímetros da superfície do mercúrio.

Deuses, como eu odiava aquilo. Mas também o amava. Eu tinha que amar. Aquilo me dera Saeris.

Sem o mercúrio, teríamos vivido nossas vidas em reinos separados, sem nunca nos conhecermos. Às vezes, era como se nos conectasse. O mercúrio restante no meu olho ficava muito mais ativo quando ela estava por perto. Quando ela não estava, refletia seu humor de alguma forma. Era difícil explicar.

Mesmo agora, era como se eu pudesse senti-la, a poucos centímetros de distância. .

"O que você quer dizer?", perguntei, em resposta à declaração de Carrion.

“Hum?”

“Por que não precisaríamos voltar ao palácio?”

Carrion riu. "Acho que isso é bastante óbvio, não acha? Quando Saeris despertar

o mercúrio, todas as piscinas despertarão, não apenas a do palácio. *Esta* piscina despertará. Não precisaremos tentar voltar sorrateiramente para o palácio, passando pelos guardiões. Eu, por exemplo, estou profundamente grato por não precisarmos lutar para voltar ao Salão dos Espelhos. Aquilo foi absolutamente. ."

Havia muitas partes do plano que eu havia omitido de compartilhar com Carrion. Ele tagarelava, o alívio evidente em sua voz, sem perceber que ainda não tinha a visão completa da situação. Teria *sido* complicado levar nós três de volta ao palácio. Eu daria um jeito, porém. Agora, ele e Hayden poderiam atravessar essa piscina de volta para Yvelia. Eu usaria a piscina do palácio. *Depois* de descobrir se — e *como* — Madra estava enviando os alimentadores infectados de Zilvaren. Depois de matar a rainha imortal e restabelecer o equilíbrio da justiça. Comecei a explicar. “Não posso ir com vocês. Quando passarem, digam—”

A piscina *explodiu* .

O mercúrio entrou em erupção, instantaneamente se tornando líquido. Espirrou no meu braço e me atingiu no peito.

Saltei, impulsionando-me para longe, e imediatamente extraí uma réplica de Nimerelle da fonte da minha magia.

"Que *porra é essa* !" Hayden caiu de bunda no chão na pressa de recuar. "O que está acontecendo?"

"Nada de bom", disse Elroy, rangendo os dentes. "Afastem-se. Não deixem que isso toque em sua pele."

“Não estava nos meus planos.”

“Aqui. Pega.” Eu não tinha dado a Hayden o anel que Saeris havia feito para ele. Não achei que precisaria ainda. Joguei para ele, e o garoto o pegou no ar. “Coloque isso e não *tire* .”

O mercúrio agitava-se, borbulhando de uma maneira que eu nunca tinha visto antes.

“Cuidado. Veja”, disse Carrion, apontando para o meu peito. Mercúrio escorria pela minha placa peitoral e pingava dos meus dedos. Era inerte. Inofensivo, graças à relíquia que pendia do meu pescoço, protegendo-me. Mas eu não

conseguia ouvi-lo. Eu *sempre conseguia* ouvi-lo. Mesmo o fragmento que restava dentro de mim estava silencioso, enquanto o mercúrio que havia caído sobre mim se acumulava e me deixava, atravessando o chão de pedra, retornando à poça.

"Será que perdi a noção do tempo? A piscina não deveria estar aberta antes de pelo menos mais doze horas. Certo?", disse Carrion.

"Certo."

“Então, do que se *trata* ?”

“Não sei. Mas Saeris deve ter aberto. Ela é a única alquimista que conhecemos.”

“Que nós saibamos” , repetiu Carrion, enfatizando cada palavra. “E se houver outros? E se—”

“Um momento de silêncio. Estou pensando.” Carrion tinha razão. Havia uma chance de haver outro Alquimista por aí. Altamente improvável, mas *possível* . Mais provável era a possibilidade de Saeris ter despertado o mercúrio por algum motivo. . e eu não conseguia imaginar nenhum *bom* motivo para ela fazer isso. Seria um último recurso. . o que significava que havia uma chance de ela estar em perigo.

A piscina ainda estava aberta. *Por enquanto.* Podia fechar a qualquer momento.

"Vou entrar." Não havia outra opção. Eu já estava caminhando de volta em direção à piscina.

“Espere um segundo. Não deveríamos pensar melhor sobre isso? Quer dizer, isso pode levar a qualquer coisa”, disse Carrion.

“Lembra que vai para onde você quer ir? Não importa *quem* abriu, vai me levar até Saeris. Voltarei para te buscar se for seguro.”

“Não! Fisher, se você for, eu vou também. Não vou ficar aqui esperando sem saber o que diabos está acontecendo.”

"Eu também." Hayden não parecia tão confiante quanto Carrion, mas se aproximou da piscina junto com ele. "Se houver alguma chance de Saeris estar

em perigo, não vou ficar aqui esperando. Eu a decepcionei da última vez que a vi. Não farei isso de novo."

Pelos deuses , eles eram irritantes. Mas eu não tinha tempo para discutir com eles. "Que assim seja.

Parece que é aqui que nos despedimos de você, mestre da forja", eu disse.

Elroy coçou a barba. "Ah, tenho certeza de que terei notícias suas em breve."

Ele tinha razão. Eu voltaria. Ainda tinha uma rainha para matar.

“Pensem em Saeris”, eu disse ao contrabandista e ao humano, e então entrei no mercúrio.



28

SENESCAL

SAERIS

Meus ouvidos estavam zumbindo.

O ar estava cheio de poeira.

Abri bem a boca, movendo-a de um lado para o outro, sem entender por que doía tanto. Minha garganta estava irritada. Droga, a parte de trás da minha cabeça também doía. Por que eu estava no chão? E onde—

O mercúrio estava desperto.

Puta que pariu, que Deus do céu !

Dei um salto, com as costas gritando de dor e o quadril latejando. Pedaços de pedra cortavam meus pés descalços, mas continuei mancando, buscando forças, sem pensar. Eu *precisava* fechar a comporta. A preocupação me consumia — uma corda dedilhada, vibrando no meu peito. Quanto tempo havia ficado aberta? Parecia que tinham sido apenas alguns instantes. Eu estava na piscina e, de repente, bati na parede.

EU-

Oh, céus. Algo estava vindo. O mercúrio reagiu rapidamente quando o chamei, em voz baixa, mas eu estava pedindo que fizesse algo que não podia. O portal não podia se fechar enquanto alguém o atravessasse. Ninguém nunca me disse isso. Eu só *soube* agora.

Tive que esperar.

A primeira coisa que apareceu foi a coroa de uma cabeleira escura.

Ondas negras.

Pele clara.

Meu pânico começou a diminuir.

Mas então. .

Eu reconheci o rosto.

Eu o tinha visto apenas uma vez antes, mas a imagem ficou gravada em minha memória. O homem mal havia falado comigo, mas eu me lembrava muito bem de suas palavras. *"Você não se curva diante de um rei, criatura?"*

Não me lembrava do nome dele. Ele havia se sentado ao lado de Belikon no estrado, indignado por eu não ter demonstrado a devida deferência ao seu mestre. Como Belikon o chamara? Orith?

Arriash?

O homem era alto e magro como um palito, com o nariz torto e o queixo quadrado e proeminente.

Com a pele enrugada como papel velho e fino e mechas de cabelo preto e ralo caindo sobre o rosto, ele não transmitia nenhuma sensação de saúde. Na verdade, parecia bastante doente.

“Ah. Saeris Fane.” Ele estalou os dentes enegrecidos. “Obrigado por tão gentilmente deixar a porta aberta para nós. Estávamos esperando por um convite para Ammontraíeth há muito tempo. Talvez você se lembre de mim. Meu nome é Orious. Sou senescal do rei.”

Uma corrente grossa pendia de seu pescoço, com um orbe dourado balançando nela. O homem a segurava com força, seus dedos ossudos a envolvendo com firmeza, como se temesse que alguém tentasse roubá-la.

"Que diabos é um senescal?", perguntei.

O homem, Orious, deslizava o orbe ao longo de sua corrente pensativamente. "Sou um conselheiro.

Minhas atribuições são amplas. Trato de assuntos em nome do rei que são. . de sua *alçada* ."

A implicação era clara: o que quer que tivesse trazido aquele desgraçado de aparência anêmica através do mercúrio hoje não era importante o suficiente para trazer Belikon até aqui pessoalmente.

Eu não estava Importante o suficiente. Assenti para mim mesmo. "Ah, certo. De onde eu venho, chamamos esses *caras de puxa-sacos* ."

“Cuidado com a língua, garota. Você vai se arrepender de não ter feito amizade comigo.”

"Prefiro meus amigos um pouco menos assustadores. Você não é bem-vindo aqui, Orious", eu disse.

"Volte por onde veio."

O homem deu uma risadinha discreta, jogando uma mecha de cabelo oleoso para

trás da orelha ao sair da piscina e pisar no piso de mármore rachado. "Receio que isso não esteja nos planos. Veja bem, *meus* amigos e eu sempre quisemos viajar." Sua voz assumiu um tom tenso e sinistro. "E meu mestre me pediu para vir *negociar* com você."

Ele saltou da borda da piscina, braços abertos, como uma espécie de predador prestes a atacar. Atrás dele, emergindo da água cristalina, vieram mais duas figuras, depois mais três: guardas feéricos vestidos de veludo verde, com flechas engatilhadas em seus arcos. Seus olhos eram penetrantes, pupilas dilatadas, sem deixar espaço para as íris.

“Esta é a terra da Corte de Sangue. Belikon não tem soberania aqui. Eu reino sobre isto—”

“Pare.” Orious fez um gesto de tédio com o pulso. “Não me aborreça com tamanha bobagem. Você não passa de uma garotinha inexperiente, presa em uma prisão que ela mesma construiu. Você não quer estar aqui. Os nobres não a querem aqui. Seria melhor para você me ouvir e prestar atenção no que eu digo. Meu senhor me enviou aqui com uma proposta para você.”

Ele falou com confiança, mas não se aproximou mais. Os guardas atrás dele estavam enfileirados, com as flechas apontadas para a minha cabeça.

“Não estou interessado em propostas do Belikon De Barra.”

O rei Belikon”, latiu Orious, “graciosamente me enviou aqui com termos. Pessoalmente, não me faz diferença se você ouvir Para eles, não faz a menor diferença . Mas você pode se arrepender de não ter dado ouvidos à generosa oferta que ele me pediu para lhe apresentar em breve.”

“O que eu poderia *precisar* dele?”

“Sanasroth é um deserto árido. Esta corte que você declarou sua é composta por nobres refinados que gostam de dar festas e beber sangue em cálices cravejados de joias. Mas observe como seus modos falham rapidamente quando seu suprimento de comida é cortado, *Alteza* . Veja como eles se transformam em monstros assim que o sangue acaba. Você está preparado para lidar com as consequências desse cenário? Hm?”

Teria Belikon alimentado a corte de Malcolm durante seu reinado? Fisher não

havia mencionado nada sobre isso antes. Nem Renfis. Não parecia provável, mas o brilho cruel nos olhos daquele homem dizia o contrário. "Tenho certeza de que você já percebeu", disse ele, "mas uma estranha praga se espalha pelas Terras do Sul. Uma podridão negra devora a vegetação. Ela afeta a vida selvagem daqui de uma maneira chocante. Veados, lobos, ursos. A infecção os atinge rapidamente. A morte parece inevitável. É tarde demais para estas terras.. mas meu mestre oferece abrigo e proteção contra a propagação desta doença vil. Ele lhe oferece refúgio seguro no Palácio de Inverno, em troca de algumas *concessões* da sua parte."

“Deixe-me adivinhar. Ele tem uma vaga para Alquimista e acha que eu seria uma ótima adição à sua corte?” As palavras, meu tom: tudo o que eu acabara de dizer deixou um gosto amargo na minha boca.

Orious deu um sorriso irônico, seus lábios se estreitando. "Ótimo. Sim, uma excelente aquisição, sem dúvida. Seus serviços seriam uma pequena parte do pagamento necessário para garantir sua segurança. E você *seria* a joia da coroa dele, por assim dizer. Seria presenteada com roupas finas.

Comida fina. Vinhos finos—"

"O que mais?", perguntei, interrompendo-o. "O que mais ele busca em troca de uma segurança que *não pode* oferecer?"

Atrás do intruso, ouviu-se o rangido da corda de um arco, e um dos guardas do Palácio de Inverno engoliu em seco. Em suas vestes negras folgadas, Orious sorriu. "Meu rei deseja que sua amada filha retorne a ele. Ele sente muita falta dela. Dói-lhe o coração saber que ela está doente e longe de seus cuidados amorosos."

"E?"

“Martim-pescador. Acorrentado. Um execu—”

Empunhei Solace. O ar vibrava com uma energia crepitante enquanto eu liberava seu aço nu. O

estranho parou de falar, batendo impacientemente o dedo indicador na ponta do polegar.

“Há outras coisas, é claro. Atos menores e inconsequentes, cada um deles uma demonstração de boa fé. Em vista de sua recente transição, você agora é meio Fae e precisaria prestar um juramento perante a Pedra Firinn—”

“Não serei um instrumento para aquele desgraçado usar quando bem entender”, vociferei. Era ridículo — o fato de ele ter vindo aqui com uma lista tão absurda de exigências. Será que Belikon realmente pensou que eu concordaria com *alguma* coisa daquilo? “Não farei nenhum juramento. E

ninguém vai tocar em um *fio de cabelo sequer* do meu companheiro. Meus amigos e eu—”

“Seus amigos? Ah, sim, é verdade.” O desgraçado riu, aproximando-se. “Seus amigos. Vejamos, então? Renfis de Orrithia? Um general jurado no exército do Rei Belikon. Lorreth da Torre Quebrada? Também um soldado jurado no exército do meu mestre. Sua querida companheira.. ” O

sorriso distorceu suas feições, transformando-o em algo maligno. *“Jurados”*, sussurrou. “Meu mestre os terá a todos. São dele para fazer o que quiser. Mas você. .” Ele estendeu um dedo longo e torto em minha direção. “Rejeite a generosa oferta do meu mestre e *você* morrerá aqui nesta sala.”

Juramento prestado.

A maldita Pedra de Firinn. Lorreth já tinha me contado tudo sobre ela uma vez — como eles se ajoelhavam diante dela quando atingiam a maioridade e juraram manter sua palavra sob pena de morte pelo resto de suas vidas. Em nome *da honra* . Esse desgraçado estava certo: cada membro dos Fae que lutou e defendeu as margens do Darn em Irrín jurou servir ao Palácio de Inverno — servir a *Belikon* — incluindo meus amigos e meu companheiro.

Estávamos completamente ferrados.

Mas um juramento era como uma barganha. Havia brechas. A linguagem podia ser manipulada.

Tinha *que* haver uma maneira de se livrar do juramento de fidelidade que haviam feito. Por ora, ergui Consolo, sentindo o ar ficar pesado ao redor da lâmina enquanto a mantinha no alto.

“O rei também exige a devolução daquela espada”, acrescentou Orious. “Seu palácio de obsidiana está cheio de ratos, Saeris. Eles sussurram na escuridão. Contam histórias de como a nova rainha da Corte de Sangue não consegue empunhar sua arma. De como Saeris Fane não consegue conter seu poder. Runas deslacradas e—”

Girei a espada e mostrei ao desgraçado o lado plano da lâmina. Por coincidência, o movimento também revelou o dorso da minha mão. Que ainda estava coberta por uma profusão de runas, sim. .

mas agora, no centro do meu escudo, uma única runa circular, em negrito, dividida ao meio por uma forma semelhante a uma flecha, brilhava em um azul intenso.

O sorriso presunçoso desapareceu dos lábios de Orious. "Droga", ele sussurrou.

“É. *Que merda.* ”

Eu planejava reforjar Solace em algo mais administrável, mas ainda não tinha tido tempo. Isso não importava mais. Eu não precisava mais de uma forja. Nunca mais precisaria. Uma porta se abriu dentro de mim. Atrás dela, um vasto conhecimento me aguardava. Pertencia a mim, assim como eu agora pertencia ao mercúrio. Eu só precisava pensar agora, e o tecido da realidade se alterava.

Ao segurar o cabo de Solace com ambas as mãos, imaginei a espada se dividindo em duas. Quando as afastei, soube que a espada divina se reformaria, renovada, brilhante e reluzente. E assim foi.

As espadas curtas eram belíssimas. A inscrição "Fae Antiga" percorria as bordas afiadas de ambas as lâminas, gravada em uma caligrafia sinuosa. Eu ainda não conseguia decifrar o idioma. Uma mensagem dos deuses, talvez. Eu a decifraria mais tarde. . *se* sobrevivesse aos próximos vinte minutos.

“Vamos lá, criança. Uma afiliação com o Palácio de Inverno *pode* ser benéfica para você.” Os olhos de Orious estavam duas vezes maiores do que eram momentos atrás. “Meu rei é benevolente.”

“Diga-me uma coisa, Orious. *Você fez* um juramento perante a Pedra Firinn?”

A verdade brilhou nos olhos do senescal antes que a mentira pudesse chegar aos

seus lábios.

"Naturalmente", disse ele. "Pode confiar *que* honrarei minha palavra."

Eu apenas ri.

A expressão séria em seu rosto vacilou. "Muito bem, então. Faça como quiser. *Mate-a.* "

Os soldados passaram por Orious em minha direção, com os arcos erguidos. Dispararam suas flechas, mas um alquimista não podia manipular *apenas mercúrio. Eu era um trabalhador dos elementos.*

Todos os metais estavam sob meu comando. A flecha de ferro pontiaguda veio em minha direção, e eu a empurrei com a mente, suavemente, como se estivesse cutucando uma folha flutuando na água corrente. As flechas não tinham percorrido nem metade da sala quando mudaram de direção, todas as cinco se erguendo e cravando-se no teto. Suas hastes vibraram com o impacto, suas penas tremendo.

Os soldados hesitaram. Olharam para o teto e depois para mim. De repente, todos pegaram novas flechas.

"Não se incomode", eu disse a eles. "Os próximos vão voltar para cima de vocês."

"Pelo amor dos deuses, usem suas facas!" rosnou Orious. "Segurem-nas com firmeza."

Os arqueiros descartaram seus arcos, desembainhando as espadas. Percebi que suas facas eram feitas de ligas metálicas. Era algo estranho para eles. Eu conseguia cercá-los com minha força de vontade, mas por pouco. Mal se moviam quando eu tentava empurrá-los com a mente.

“O Palácio de Inverno se lembra”, disse Orious, balançando a cabeça. “É verdade. Sua espécie era perigosa. Nenhum poder tão vasto deveria ter sido concedido a um único grupo de pessoas. Meu rei descobriu como limitar sua magia há muito tempo. Nossas tradições duraram muito mais do que as de vocês. Cada soldado do exército do rei recebe uma lâmina nula no dia em que completa seu treinamento. Boa sorte se defendendo de cinco dessas , Alquimista.”

Lâmina nula. O termo era desconhecido para mim. Fisher nunca havia usado esse termo. Nem Renfis, nem Lorreth.

À medida que os homens de Belikon se aproximavam, cada um armado com uma adaga, aquela sensação de estranheza me atingiu novamente. Antinatural. Suas armas tinham cabos simples, suas lâminas retas e sem adornos. Eram comuns em todos os sentidos. E, no entanto. .

Eu os vi de uma nova maneira. Uma segunda visão que parecia se sobrepor à realidade. O ar tremia e se distorcia ao redor das lâminas, como se estivesse sendo sugado *para dentro* delas. Quanto mais os guardas se aproximavam, mais minha pele se arrepiava.

As espadas curtas brilhavam em minhas mãos, vibrando com energia. A magia de Solace havia retornado a elas em Gillethrye. Ela ressurgiu quando Malcolm me atacou, mas permaneceu adormecida desde então. Eu não a invoquei. Não houve necessidade. E, na verdade, eu estava com muito medo de tentar. O mercúrio concedeu magia a Avisiéth porque julgou o sangue de Lorreth e o considerou digno. Eu não era mais a garota que eu era no labirinto. Eu era diferente agora.

Transformada. A ideia de que Solace se afastaria da pessoa que eu era agora foi suficiente para me

impedir de tentar. Mas, ao desembainhar as espadas curtas recém-formadas, a magia de Solace. . A magia percorreu as hastes de metal, zumbindo pelos meus braços como um relâmpago.

Não era o poder de Solace, reduzido à metade para acomodar as novas armas divididas. Era *o dobro* do poder, e era eletrizante.

O primeiro homem veio para cima de mim. Era ágil e leve. Desferiu um golpe com sua adaga, e eu bloqueei para cima, desviando o ataque com facilidade. O choque da arma dele com minha espada curta, porém, me abalou — uma onda de náusea que me fez inspirar profundamente.

Desagradável.

Muito desagradável. Mas não o suficiente para me distrair da tarefa em mãos. Ele já estava se contorcendo, encontrando um novo ponto de apoio, vindo em

minha direção por um caminho diferente. Mais dois homens vieram, avançando para cima de mim, o metal reluzindo. Com uma força de vontade monumental, empurrei a adaga do primeiro homem com a mente, conseguindo evitá-la no último segundo. O homem cambaleou para a frente, perdendo o equilíbrio quando sua arma repentinamente se moveu para o lado — e encontrei seus companheiros em uma chuva de aço e dentes cerrados.

Os movimentos que Lorreth havia praticado comigo fluíram, fazendo sentido finalmente, tornando-se instintivos.. mas não foram suficientes. Um quarto macho juntou-se à luta, com o quinto logo atrás.

O som de metal raspando ecoou no ar.

O fogo chicoteava a parte superior do meu braço direito. Um deles me atingiu, sua lâmina rasgando minha camisa. O calor escorreu pelo meu braço, o cheiro metálico e intenso de sangue explodindo no fundo do meu nariz.

Trabalho de pés, Saeris. Trabalho de pés. Concentre-se. A voz severa de Lorreth ecoava na minha mente.

Eu vinha treinando apenas com ele, porém. Um único macho. Agora eu estava tentando me defender de cinco.

Quase pude ouvi-lo rir enquanto eu girava e me abaixava, golpeando para cima e cravando minha espada curta direita em um dos.. peitorais masculinos. *Qual é, Fane. Você está nos subestimando. Você acha que eu não valho cinco desses caras?*

O guarda deu um suspiro de espanto. Recuei minha arma sem avaliar o dano e imediatamente bloqueei, aparando outro golpe de lâmina nula.

Um baque à minha esquerda.

Eu cortei outro dos tendões do tornozelo do homem.

Esticou-se e foi embora.

Bloqueado.

Mentalmente, afastei outra lâmina com todas as minhas forças.

Bloqueado.

Bloqueado.

Recuou.

Um deles — aquele a quem eu havia esfaqueado no peito — estava no chão, morto.

Agora só restam quatro.

Ah! *Apenas* quatro deles.

Recuei na ponta dos pés — era isso que aquilo era agora, uma dança — deixando que viessem até mim. Eles avançaram furtivamente, olhos vazios, rostos inexpressivos.

Não entre em pânico. Você consegue. Antecipe-se a eles. Você sabe *onde eles vão estar, Saeris.*

“Última chance”, gritou Orious. “Ainda há tempo para mudar de ideia. O *rei* não lhe dará outra oportunidade.”

Meus caninos pareciam compridos na minha boca. Eu estava sangrando em algum lugar da minha perna; eu conseguia sentir o cheiro. Cerrando os dentes, esfreguei as lâminas das espadas curtas, e faíscas azul-esbranquiçadas saltaram do metal. "Eu já te *dei* minha resposta", rosnei. "Vamos acabar logo com isso."

Os guardas não esperaram pela ordem de Orious. Eles atacaram.

Aço afiado caiu sobre mim como chuva.

Respirei fundo, forçando-me a respirar. Um de cada vez, mais rápido que a velocidade da luz, repeli os homens, empurrando suas armas. Eu tentava afastar meus pensamentos da melhor maneira possível, ou então confrontá-los com os meus próprios.

Um deles rompeu minha guarda. Uma chama percorreu meu flanco, a dor inflamando a fúria dentro de mim enquanto eu perseguia o desgraçado que me havia ferido. Empunhei minha espada divina direita contra ele, a arma deixando

um rastro de luz branco-azulada, e abri um corte profundo em sua garganta. O sangue jorrou do corte limpo que deixei, e o homem caiu.

Restam três.

Faltou-me o ar. Nunca me movi tão rápido em toda a minha vida.

Um deles tentou me chutar, mirando no meu joelho, mas eu me aproximei rapidamente, enganchando meu cotovelo e acertando-o em cheio no rosto. Ele cambaleou para trás—

—e os outros dois estavam na minha frente.

"Porra!"

Esquivei-me e girei entre eles, brandindo minhas espadas, girando-as nas mãos. Uma delas acertou o alvo, cortando a guarda do braço direito. O outro guarda avançou para o lado. Segui-o, bloqueando seu golpe descendente e desferindo um golpe ascendente em seu estômago.

“Saeris!”

Meu coração parou.

Não me atrevi a procurá-lo.

Mas eu conseguia senti-lo.

De repente, o túmulo foi envolto em faixas de areia negra brilhante.

Martim-pescador.

Martim-pescador.

Martim-pescador.

O nome dele havia substituído as batidas do meu coração.

Uma corda preta enrolou-se na garganta do homem mais próximo, e de repente sua cabeça se separou do corpo. Sangue. O líquido espirrou por toda parte quando seu corpo foi erguido no ar e arremessado como se não pesasse nada.

E lá estava ele.

O cabelo do meu amigo estava desgrenhado. Seus olhos se fixaram nos meus, fervendo de raiva.

Diga alguma coisa , ele disse em minha mente.

"Estou bem", eu disse ofegante.

Você precisa de mim?

Esquivei-me de um golpe do homem à direita — quebrei o nariz dele com aquela cotovelada — e girei, desferindo um chute forte no outro homem. A sola da minha bota atingiu em cheio sua caixa torácica. Cambaleando para o lado, ele se endireitou e tentou outro golpe, mas eu estava preparada.

Minhas espadas curtas flamejavam, o poder pulsando como um relâmpago em minhas veias.

Não. Fui firme. *Eu consigo.*

"Não! Não se atreva!" Orious gritava em algum lugar.

As paredes da tumba ficaram borradas enquanto eu me movia, abaixando, dando estocadas, girando na ponta dos pés.

Outro grito ecoou pelo pequeno espaço — um berro de raiva — mas eu me mantive concentrado no que estava à minha frente. Meu poder estava crescendo, fluindo, aumentando dentro de mim. Desta vez, minhas runas não queimaram. Elas pulsaram com força, minha magia implorando para ser libertada.

Sem pensar, juntei minhas espadas curtas e, de repente, elas se tornaram uma só, Solace vibrando com energia em minha mão esquerda. Estendi minha mão direita para cima, à minha frente, e—

"Puta *merda* !" O grito de Carrion ecoou pelo túmulo.

Ele estava lá, do outro lado do túmulo. Seu rosto estava banhado em azul enquanto um ícone gigante se formava no ar à minha frente, projetando-se da minha mão. Era o meu escudo! As runas entrelaçadas eram uma cópia *exata* do

sigilo no dorso da minha mão. A maioria das linhas dos ícones eram opacas, com exceção de uma runa: um círculo. dividindo uma cruz ao meio com uma linha cortando-a no topo. *Brilhava* com magia, pairando ali.. à espera.

Abri os dedos e girei a mão, notando como as veias do meu pulso estavam estranhamente prateadas sob a pele, e a runa de mercúrio girou no ar como uma chave girando em uma fechadura. Ela se encaixou no lugar, e uma parede de energia detonou a partir dela, arremessando os dois guardas restantes para o outro lado da tumba.

Eles bateram no teto, seus pescoços quebrando instantaneamente. Um segundo depois, caíram no chão novamente, sem vida.

Um silêncio ensurdecedor cobria o túmulo. Prendi a respiração, paralisado, com os olhos arregalados. Não me atrevi a me mexer. A energia crepitava do escudo, minúsculos filamentos estalando enquanto ele se mantinha a quase dois metros do chão.

Finalmente, soltei um suspiro trêmulo que embaçou o ar e fechei a mão com força. E assim, como num passe de mágica, o escudo brilhante desapareceu, como se nunca tivesse existido.

"Puta *merda* ", disse Carrion. "Parece que muita coisa mudou *por aqui* nos últimos dias."

Olhe para mim, Osha.

Fisher estava na base da piscina. Ele estava de pé sobre a figura prostrada de Orious, suas sombras prendendo o senescal de Belikon ao chão. " *Você está bem"* , disse ele suavemente, palavras compartilhadas apenas comigo. " *Você está seguro. Supere isso."*

Eu ainda estava em posição defensiva. Cada músculo do meu corpo estava rígido, pronto para outro ataque. "Você está aqui? Você está mesmo aqui?" Meu Deus, minha voz soava tão fraca. Lentamente, Fisher assentiu, e a tensão se dissipou do meu corpo. Ele era real. Ele estava aqui. Tudo estava bem.

"Vou te tirar daqui em dois minutos" , ele me disse. " *Mas preciso que você fique aqui mais um pouco primeiro. Tudo bem? Você consegue fazer isso?"*

Assenti com a cabeça.

Boa menina. Venha cá, então. Fique aqui comigo.

Eu fui até ele.

Orious não possuía magia própria. Senti o vazio faminto dentro dele, pulsando de ciúme. As sombras de Fisher se apertaram ainda mais, fechando-se em torno da garganta, do peito, dos quadris, dos tornozelos e dos pulsos do homem. Ele se contorceu inutilmente, sibilando para nós.

"Vocês vão morrer.. pelo que. . acabaram de fazer", ele sussurrou com dificuldade.

"Sério?" Eu estava com muito calor. Me sentia estranha. "Porque você disse que eu estava prestes a morrer agora mesmo, e. ." Engoli em seco, sem fôlego. " *Não* parece que as coisas saíram como você esperava."

“Sua vadia estúpida! Você não tem ideia—” Ele gorgolejou, enquanto sua respiração se fechava.

Fisher se abaixou, agachando-se ao lado do homem. "Tortura não faz parte da minha natureza." Oh, tão calmo. Oh, tão perigoso. Pelos deuses, ele ia matá-lo. "Mas para *você* , Orious? Pelo que você fez aqui hoje? Acho que vou abrir uma exceção."

“Fisher, não.”

Meu companheiro olhou para mim, seus cabelos escuros ondulados e selvagens. O brilho prateado em seus olhos *fervilhava* . Sua expressão era inexpressiva, mas eu o reconheci: ele estava à beira de um ataque de nervos, tomado pela raiva e pela preocupação. A ponte do seu nariz estava vermelha.

Havia grãos de areia incrustados nas costuras de suas roupas de couro. Ele cheirava a menta e pinho, como sempre, mas também ao deserto, ao calor sufocante e a um lugar que eu jamais imaginei que pudesse sentir falta.

Ele era tão lindo, que me destruiu. Acariciei sua bochecha com a mão, sentindo a barba por fazer áspera contra a minha palma.

"Precisamos mandá-lo de volta", sussurrei. "Belikon precisa saber do que sou capaz agora. Que ele jamais nos dobrará à sua vontade. Tudo isso e muito mais."

Fisher não pestanejou. "Ele precisa usar os *dedos* para transmitir essa mensagem?"

Eu ri sem jeito, passando o polegar pela sua mandíbula. "Mande-o de volta. Nós não somos como eles."

Ele parecia querer discutir, mas então seus ombros caíram. Relutantemente, ele se levantou. "Você é a *única* coisa que mantém minha bússola moral apontando para o norte, Pequena Osha", ele resmungou.

Seus dedos roçaram os meus, a ponta do seu indicador se prendendo à minha mão, enquanto ele caminhava ao redor do corpo imobilizado de Orious. “Você deveria ser grato. Eu não teria demonstrado tamanha força de caráter”, disse ele ao senescal. “Mas Saeris—”

"Ela é fraca!" Os olhos de Orious reviraram ao me encontrar. Acho que ele teria cuspido, mas as sombras de Fisher ainda o seguravam pela garganta. "Vocês são todos fracos", ele sussurrou com a voz rouca. "É por isso que vocês não vão vencer esta luta. Vocês vão rastejar de mãos e joelhos, implorando por misericórdia diante do meu rei, e eu vou observar e me deleitar com a indignidade que vocês sofrerão antes de morrerem."

Eu poderia impedir Fisher de decepar os dedos daquele desgraçado, mas não consegui conter sua fúria diante daquela declaração. Ele agarrou Orious pela frente de sua túnica folgada e o puxou para cima, girando-o e jogando-o de volta ao chão, de modo que ele caiu de bruços. "Você é o único que vai rastejar, verme. Arraste-se. De barriga para baixo. Vamos. Volte para Belikon e conte a ele o que aconteceu aqui. E diga a ele o que acontecerá se ele ousar voltar aqui sem ser convidado, não é?"

“Você também pode. . me matar. Eu não vou—”

“Existem dezenas de milhares de vampiros do outro lado da porta deste túmulo. Eu nem precisaria pedir com jeitinho para convencer um deles a drenar sua energia. Quer ser um alimentador, Orious?

Um monstro voraz e sem mente, incapaz de pensar ou se controlar?” Um sorriso

lento e cruel se espalhou pelo rosto de Fisher. “Você já sabe bastante sobre isso, não é? Você não tem dois neurônios para esfregar um no outro. De qualquer forma, você tem duas opções, e uma delas é bem menos ruim.” mais doloroso que o outro. Ou você rasteja, ou eu te jogo num poço de sanguessugas famintas.”

“Tudo bem! Tudo bem.” Os olhos de Orious brilharam com ódio enquanto, resmungando, ele se ajoelhava. Subiu rastejando os degraus até a piscina, os ombros encolhidos em volta das orelhas.

Havia algo de roedor nele. O jeito como se movia sobre a pedra fria me fez pensar em um rato.

Olhando por cima do ombro para mim, disse: “Lembre-se do que eu disse, criança. Juro que você—”

Fisher levantou o pé e chutou o senescal na bunda, empurrando-o para a frente. Orious soltou um grito e caiu de cara no mercúrio.

"Feche logo, antes que mais visitantes indesejados resolvam aparecer", murmurou ele. O mercúrio se moveu de forma diferente quando usei minha magia e o fechei. Solidificou-se do centro para fora, com facilidade e suavidade. Não proferiu um único palavrão ao se estabilizar. Fisher observou o metal derretido retornar ao estado sólido com uma sobrancelha arqueada, claramente divertido com o que via.

Assim que o portão se fechou, me joguei em seus braços. "Não vá embora sem mim de novo", sussurrei em seu cabelo, inalando seu perfume enquanto me agarrava a ele. Ele me envolveu em seus braços, me apertando contra o peito e depositando um beijo em minha têmpora.

"Não se preocupe", ele sussurrou. "Nem mesmo trolls raivosos da montanha conseguiriam me arrastar para longe de você agora."

“Ahem. Olá? Você poderia.. só. . guardar essa parte para.. "

Esperei. A qualquer segundo, Fisher ia se virar para Carrion e ameaçar esfolá-lo ou algo do tipo.

Mas a ameaça nunca veio. Meu companheiro nem sequer resmungou ao afrouxar o aperto em mim e se virar para encará-lo.

“Vamos lá, então”, disse ele. “Mostre a ela o que fizemos.”

O cabelo de Carrion parecia mais ruivo do que quando ele tinha ido embora, por algum motivo.

Havia vergões vermelhos por todo o seu pescoço, e alguns também em suas bochechas. Era impossível não notar o corpo inconsciente que ele carregava sobre o ombro.

“Ei, Saeris.” Ele me lançou uma piscadela maliciosa. “Acho que isso é seu.”



29

FORTUNAS DO UNIVERSO

SAERIS

Hayden esteve aqui.

Realmente aqui, em Yvelia.

Ele estava deitado na cama, os lençóis brancos e impecáveis puxados até o queixo, seus cachos loiros e brilhantes desarrumados contra o travesseiro de penas sob a cabeça. Sob suas pálpebras, observei seus olhos percorrerem o corpo, da esquerda para a direita, imaginando com o que ele poderia estar sonhando.

Onyx cheirou o rosto do meu irmão e resmungou, dando-lhe uma lambida rápida na bochecha. Ele nem sequer tinha conhecido Hayden direito, e mesmo assim

parecia ansioso para que ele acordasse.

Eu também estava ansiosa por isso. A última vez que vi Hayden não foi nada agradável.

"Eu não tinha me dado conta de que era um fardo tão grande", disse ele.

"Pois é, Hayden. Toda a sua vida, você só foi isso. Agora me deixe em paz. Não me siga. Não venha me procurar. VÁ!"

Eu gritei com ele. Foi por medo. Eu queria machucá-lo, fazê-lo correr, para que ele não me seguisse para o horror que eu sabia que me aguardava no palácio, mas foi.. Às vezes é difícil *voltar atrás depois* de dizer certas coisas. Principalmente quando elas contêm um fundo de verdade.

“Carrion dormiu menos de um dia quando atravessou o mercúrio pela primeira vez. Mas ele era um Fae por baixo daquele glamour. Pode demorar um pouco até seu irmão acordar, Saeris.” Te Léna pressionou o dorso da mão na testa de Hayden, franzindo os lábios. Sem dúvida, sua magia estava fluindo para Hayden, verificando seu corpo em busca de ferimentos ou doenças.

Não podíamos manter Hayden em Ammontraíeth. Ele não estaria seguro, e não havia curandeiros lá que entendessem de fisiologia humana. A decisão, por mais arriscada que fosse, havia sido tomada: usar o portal para saltar do Tribunal de Sangue de volta para Cahlish, e assim foi feito — em questão de instantes.

Fazia apenas alguns dias que eu estava aqui, mas de repente tudo parecia diferente. *Eu* me sentia diferente.

"Onde está o Martim-pescador?", perguntou Te Léna. Sua voz suave e calorosa interrompeu meus pensamentos.

“Ele e Carrion conseguiram a prata que precisamos. Dois sacos grandes. Eles foram levá-la para o arsenal. Fisher disse que me encontraria em seus aposentos assim que terminasse.”

A curandeira sorriu gentilmente, acariciando a parte superior do meu braço com movimentos reconfortantes de cima para baixo. "Então você deveria ir. Fisicamente, Hayden está bem. É apenas uma grande mudança, a transição de um plano de existência para outro. Ele ainda não vai acordar por um tempo."

Eu já estava discutindo. "Eu deveria estar aqui—"

“Você deveria estar na cama. Parece exausta.” O penteado de Te Léna era novo. Estava trançado bem rente ao couro cabeludo, as pontas, que chegavam até a metade das costas, decoradas com miçangas laranja brilhantes. Como sempre, ela estava linda. “Vou ficar com ele. Se ele acordar, eu venho te buscar, prometo.”

Deuses e mártires, Hayden ficaria quase tão desapontado quanto Carrion ficara com o fato de Te Léna ser Eles se acasalaram e casaram. Suspirei, sabendo como era inútil insistir no assunto depois que ela já havia tomado uma decisão.

No *momento em que* ele acordar?", perguntei.

Ela assentiu com a cabeça. "Primeiro vou garantir que ele esteja confortável e depois vou te encontrar."

"Tudo bem. Eu vou. Mas só porque *estou* cansado." Mais cansado do que jamais estive em toda a minha vida. Mal conseguia manter os olhos abertos. Canalizar a quantidade de poder que usei na tumba consumiu uma quantidade enorme das minhas energias, tanto mágicas quanto físicas.

Provavelmente, eu nunca mais teria dificuldade para dormir.

Minha mão estava na maçaneta quando Te Léna me chamou. Ela estava sentada ao lado da cama de Hayden, segurando sua mão, com a luz da manhã dourando sua pele bronzeada. "Sinto muito por não ter conseguido te ajudar. Não consigo explicar direito. Eu.. " Ela inflou as bochechas e depois as deixou murchar. "É um problema que nunca enfrentei antes."

Ela tentou me curar quando chegamos a Cahlish, mas sua magia parecia água, formando gotas e escorrendo pela minha pele. Não parecia errado em si. Apenas. . estranho. Eu ainda tinha um corte no braço e outro na coxa, mas ambos já estavam cicatrizando sozinhos.

"Está tudo bem, eu prometo. Foram só arranhões." Dei-lhe um sorriso cansado.

Lá em cima, nos aposentos de Fisher, Archer estava ocupado preparando um banho. Três outros espíritos do fogo carregavam pedras lisas e redondas de uma caixa de metal perto da lareira e as seguravam nas mãos, aquecendo-as antes de

colocá-las em uma banheira cheia de água perto da janela. O vapor subia da água, e as pedras chiavam enquanto eram retiradas da banheira e aquecidas novamente. Outro espírito do fogo estava ocupado limpando os criados-mudos e a escrivaninha, separando os restos de papéis e outras coisinhas que eu tinha jogado ali depois de esvaziar os bolsos.

O amigo de Fisher deu um gritinho quando me viu. “Não, não, não! Oh, não. Desculpe, minha senhora. Fomos muito lentos. O quarto deveria estar limpo quando a senhora chegasse. Seu banho já deveria estar pronto!”

“Está tudo bem, Archer. Por favor, não se preocupe—”

“Não.” Ele balançou a cabeça veementemente, e uma pequena brasa voou dele e começou a queimar lentamente no tapete. Pisei nela antes que ele percebesse e ficasse ainda mais irritado. “Há uma

maneira certa de as coisas serem feitas, minha senhora. A senhora nem deveria nos ver a menos que estejamos servindo o jantar.”

“Quero *ver* você, Archer. Quero ser sua amiga. De todos vocês. Sim, quero ser amiga de vocês três também. .” Minha voz sumiu, as palavras morrendo nos meus lábios quando uma chama irrompeu no topo da cabeça de um dos outros espíritos de fogo. O pequeno espírito me encarou, boquiaberto, com os olhos flamejantes arregalados.

“Há uma maneira certa de fazer as coisas.” Archer repetiu isso lentamente, em tom exasperado, como se eu simplesmente não estivesse entendendo o que ele estava dizendo.

“Eu entendo. Entendo mesmo. Mas o mundo lá fora, além dos muros desta propriedade, está sempre mudando, não é?”

Eu nunca tinha visto um espírito do fogo fazer beicinho antes. Agora tinha. "Na verdade, não."

“Archer, vamos lá. Quem sabe um dia eu more aqui, e seria bom se não precisássemos ficar nessa formalidade o tempo todo. Você deveria se sentir mais à vontade perto de mim. E também não deveria me chamar de minha senhora.”

“Então, como devemos *te* chamar?”

“Você deveria me chamar de Saeris. É o meu nome.”

Archer cambaleou como se fosse cair. O duende que estava limpando os criados-mudos agora estava parado perto da estante de livros com um pequeno objeto nas mãos. Pelo visto, era um pássaro de cerâmica. Archer grasnou ao perceber o que o outro duende estava fazendo. "Largue isso! Era o favorito da Lady Edina!"

“Está tudo bem, tenho certeza de que ele está apenas olhando.”

O duende em questão fez uma careta envergonhada, colocou o pássaro de volta na prateleira e saiu correndo. “Não, senhora. A senhora não entende. Foi esse enfeite que deu nome ao Martim-pescador! Lady Edina o viu em um mercado em Ballard quando estava grávida do mestre. Ela geralmente não se encantava com essas coisas. Não possuía muitos objetos de decoração, mas disse que precisava tê-lo. Ela ficou tão encantada que, no primeiro aniversário dele, anunciou que as pessoas deveriam chamar seu filho de Martim-pescador. Ela mesma colocou aquele enfeite ali, naquela prateleira, quando o mestre ainda era apenas um Faeling. Ela não gostava que ninguém o tocasse.”

"Tudo bem, Archer. Está tudo bem", eu disse, rindo um pouco do seu discurso ansioso. "O enfeite está bem. Já está de volta na prateleira. Agora todos nós sabemos que não devemos tocá-lo."

Mas Archer não se consolou. Um dos duendes que ajudava a aquecer a banheira deixou cair a pedra que segurava dentro dela com um *estrondo* , e foi a gota d'água. "Saiam! Saiam todos! Vão embora!

Vou deixar vocês na neve!", gritou Archer. "Vou transformar vocês em pesos de porta. Vão embora!"

Aquele que estava investigando o enfeite de martim-pescador saiu correndo do quarto primeiro. Ele era menor que os outros, o que me fez pensar que talvez fosse o mais novo, mas, honestamente, eu não sabia nada sobre como os espíritos do fogo cresciam ou envelheciam. Os outros, que estavam

esquentando a água do meu banho, saíram correndo com os olhos grudados no chão. Archer foi o último a sair. Ele recuou para fora do quarto, com a voz trêmula de estresse.

“Há comida na bandeja para a senhora. Um roupão limpo na cama.”

“Archer, vamos lá.”

“Se precisar de alguma coisa, é só puxar aquela borla ali perto da cama. Sim, você sabe qual é.”

"As coisas precisam mudar!" gritei enquanto ele fechava a porta. "Não podemos continuar assim!"

A banheira era divina. As pedras — ainda no fundo — irradiavam calor por um longo tempo, mantendo a água bem quente. Deixei minha cabeça cair contra a borda da banheira e, antes que eu percebesse, já estava cochilando.

Mas eu não queria dormir ainda. Não antes de ver Fisher. Assim que meus dedos enrugaram e meus músculos se sentiram relaxados, saí da banheira, me sequei, vesti uma das camisas largas de Fisher e me preparei para me acomodar com o livro de Alquimia que eu havia retirado da biblioteca de Ammontraíeth contra a vontade de Algat.

Mas então a porta se abriu.

Ele ficou parado no quadrado retangular de luz por um instante, observando-me, depois entrou lentamente na sala e fechou a porta atrás de si.

Eu não disse nada, e ele também não. Apenas apreciamos a presença um do outro. Saboreamos o fato de estarmos ambos no mesmo cômodo, respirando o mesmo ar, e de nada ter conseguido nos matar enquanto estivemos separados.

Fisher deu alguns passos em minha direção, com o olhar pensativo. Ele se abaixou e tirou uma das botas, formando uma linha de desaprovação com a boca enquanto a virava de cabeça para baixo, e um jato de areia escorreu para o chão. Continuava a cair..

Tapei a boca, tentando não rir.

Ele repetiu o movimento com a outra bota, virando-a de cabeça para baixo, com o olhar fixo em mim enquanto esperava a areia parar de sair do calçado.

Quando terminou, deixou cair as duas botas no chão com um *baque* surdo e deu mais um pequeno passo à frente. "Você sabe o quão incrível você foi lá atrás?", perguntou ele .

“Quando eu estava lutando pela minha vida?”

Ele balançou a cabeça. "Quando você derrotou cinco guardas sozinha com aquelas suas lindas espadas curtas novas. Isso foi realmente. ." Ele parou de falar, com os olhos faiscando.

"Estúpido?"

"Quente", corrigiu ele, as pontas de seus caninos brilhando entre os lábios enquanto enfatizava a palavra.

Tentei ainda mais não sorrir. Elogios vindos daquele homem ainda eram novidade para mim. Meu estômago se agitava de forma ridícula sempre que ele *olhava* para mim. "Gostou das espadas?", perguntei, dirigindo meu olhar para onde elas estavam em cima da cômoda à sua direita. Fisher arqueou uma sobrancelha, aproximando-se lentamente para observar o aço Fae exposto.

“São lindas”, disse ele suavemente. “Incríveis. Foram feitas para você, Osha.”

“Ainda não sei o que a escrita significa. A inscrição está em Fae Antigo. A da direita, com a incrustação de abalone no cabo, diz Erromar. A da esquerda, com a incrustação de marfim, diz Selanir.”

Fisher inclinou a cabeça, franzindo a testa enquanto lia as inscrições em ambas as espadas. Ele assentiu, sorrindo suavemente. "Erromar significa *misericórdia* ", disse ele, com voz reverente.

"Selanir significa *honra* ."

“Hum. Misericórdia e Honra. Os deuses deram o meu nome *às minhas espadas* , então.”

“Talvez”, concordou Fisher. Ele se afastou da cômoda, voltando-se para mim. “Ou talvez sejam características com as quais decidiram *te abençoar* . De qualquer forma, são nomes apropriados para suas novas armas. Agora, chega de espadas. Venha cá. Se você conseguir suportar o fato de nossos corpos não estarem se tocando por mais um segundo, então você é uma pessoa melhor do que eu, Saeris Fane”, sussurrou ele.

Aquelas palavras acenderam uma chama dentro de mim. Corri, atravessei a sala

e me lancei em seus braços. Ele me segurou, seus braços como faixas de aço ao meu redor, me apertando com força.

A vida estava tão insegura agora. Um milhão de obstáculos se interpunham entre nós e a paz. Eu não conseguia nem imaginar como iríamos superar tudo isso, e ainda assim o mundo desaparecia.

Nada podia me atingir ali, em seus braços. Pressionei meu rosto contra a curva de seu pescoço com tanta força que o couro abafou minhas palavras quando falei. "Por que demorou tanto?"

Ele acariciou meus cabelos molhados, rindo baixinho.

“Fui buscar Lorreth”, disse ele. Não tínhamos conseguido encontrar nosso amigo antes de partirmos de Ammontraíeth. Fisher havia deixado um bilhete para ele em meus aposentos, dizendo-lhe para voltar através dos campos devastados assim que descobrisse que tínhamos ido embora. “Pedi a ele que trouxesse Bill e Aida de volta para o outro lado do rio. Eles estavam sofrendo muito naquele celeiro úmido. Ele precisava encontrar um lugar seguro para atravessar, no entanto. A parte mais estreita do rio, onde ficava o acampamento. .” Ele balançou a cabeça. “A podridão destruiu tudo lá agora. A neve está preta. Eu.. eu nunca vi nada parecido.”

“Mas ele já está de volta? Em segurança?”

Fisher assentiu com a cabeça.

Agora que eu sabia disso, tive que fazer a pergunta que me corroía por dentro. "Como um Fae que fez um juramento quebra seu juramento, Fisher?"

Ele recuou imediatamente, olhando nos meus olhos. "Não", disse ele. "Por quê?"

Havia sardas na ponte do seu nariz. Apenas alguns pequenos pontos castanhos contra a palidez da sua pele. Concentrei-me nelas, com medo demais para repetir o que Orious tinha dito lá no túmulo.

“Você jurou lealdade a Belikon. Assim como Lorreth, Ren, Danya e todos os outros que lutaram em Irrín. Orious disse que pode dar ordens a você—”

“Orious estava tentando te assustar. Belikon pode nos dar ordens até ficar roxo

de raiva, mas não pode nos tocar aqui. As proteções que o impedem de vir para cá também impedem que sua compulsão nos alcance. Enquanto permanecermos aqui em Cahlish ou em Ammontraíeth, estamos

todos bem. E mesmo que deixemos estas terras, precisaríamos estar fisicamente em sua presença para que ele nos desse ordens. Não há a menor chance de ele deixar o Palácio de Inverno—”

Eu o beijei, meu coração disparando no peito. Não aguentava mais ouvir nada. Precisava *dele* mais do que de palavras de razão naquele momento. Sua surpresa foi passageira. Sua boca respondeu à minha, sua língua invadindo a minha, e o quarto escureceu. As pesadas cortinas estavam fechadas, bloqueando a fria luz da manhã. Sua sombra, porém, não estava à vista. Ele nem sequer a invocou quando suas mãos deslizaram para baixo, puxando a barra da minha blusa.

Não me diga que desta vez você vai me despir do jeito normal , eu disse em tom de brincadeira, sussurrando em sua mente.

Ele passou a língua pelos meus lábios, um murmúrio baixo soando no fundo da sua garganta. *Isso parece normal para você?* Ele pegou minha mão esquerda e a colocou no centro do peito, repetindo o que fizera da primeira vez que me mostrou o quanto meu coração disparava lá na tenda dele.

Eu mal conseguia sentir seu pulso martelando sob o grosso couro. . mas agora eu *conseguia* ouvi-lo.

"Não", sussurrei.

E isto? Ele pegou minha outra mão, guiando-a para baixo até que repousasse sobre seu pênis ereto.

Ele não estava apenas duro. Estava completamente rígido, sua ereção pressionando a frente da calça como se precisasse ser libertada.

Não. Isso não me parece nada normal , eu disse. *Isso parece..* extraordinário .

Quando Fisher levantou minha mão novamente, ele parou, virando-a para que minha palma ficasse voltada para cima. O brilho prateado em seus olhos cintilou um pouco enquanto ele passava os dedos delicadamente pela parte interna do meu pulso. Eu havia notado, é claro: as veias que antes eram verde-azuladas

agora brilhavam em um tom prateado metálico através da minha pele.

"Dói?", perguntou ele.

Balancei a cabeça negativamente. *Não.*

Você se sente. . Ele estreitou os olhos ligeiramente. *Mal?*

"Não me sinto bem" era uma forma delicada de perguntar se eu estava sendo atormentada por um milhão de vozes que estavam gradualmente me enlouquecendo. Novamente, balancei a cabeça negativamente. *Não. Não é assim. Parece.. como mágica. Como poder, bem ali, sob a minha pele.*

Ele beijou levemente a parte interna do meu pulso. " *Tudo bem, então. A gente conversa sobre isso depois.*

Porque agora.. " Ele fez a pergunta em voz alta. "Você tem noção de como fica bem nessa camisa, Osha? Dois dias foi tempo demais."

“Tecnicamente, nós *fizemos* sexo na cabana.”

Ele me conduziu para trás, acariciando minhas bochechas com as mãos e cobrindo meu rosto de beijos. "Não importa. Minha alma está em chamas. Diga-me que a sua não está."

Ele se inclinou sobre mim, pressionando os lábios contra meu queixo, subindo até minha orelha, sobre a pele sensível do meu pescoço. Meus olhos reviraram, minha respiração falhou. "Minha alma está à deriva", ofeguei. "Você está levando-a embora."

Ele era tão forte sob minhas mãos. Repleto de músculos e poder. Em seus braços, os perigos deste lugar não podiam me atingir. Eu estava protegida. Segura. Ele me apertou contra si — o máximo que pôde sem me esmagar — e não me soltou. Será que ele sabia que era disso que eu precisava? Será que ele conseguia sentir isso em mim? Ele me segurou como se fosse usar seu corpo como um escudo contra os perigos deste mundo. Lembrei-me de ocasiões em que ele já havia feito isso, e minha garganta doía só de lembrar. Seus ombros se tensionaram enquanto ele me deitava na cama, mas mesmo assim ele não me soltou.

"Nunca mais", murmurou ele. "Para onde quer que formos, iremos juntos."

“Sim. Prometa-me.”

Sua boca estava quente na minha pele, suas mãos possessivas. Uma promessa era o mesmo que um juramento em Fae, mas Fisher fez essa sem hesitar um segundo. "Eu prometo. Eu juro. Você é minha."

“E você é minha.”

As palavras não bastavam. Eu precisava dele dentro de mim. Precisava estar o mais perto possível dele. Estava tomada pela emoção enquanto desabotoava sua placa peitoral; meus dedos estavam dormentes demais para passar as tiras de couro pelas fivelas. Fisher colocou a mão sobre a minha, imobilizando-a, e vi que a tinta no dorso da mão dele também havia mudado. A runa de mercúrio agora estava sólida, marcada em um azul-escuro metálico. Fisher viu para onde eu olhava e começou a se libertar da armadura com uma mão, usando a outra para levantar meu queixo para que nossos olhares se encontrassem. "Não pense nisso agora. Não se preocupe com nada disso. Apenas fique aqui comigo."

Meu príncipe das sombras.

Eu nasci na luz, mas minha salvação me aguardava na escuridão. Foi um milagre termos nos encontrado. Aprendi da maneira mais difícil que qualquer um poderia ter atravessado o mercúrio naquele dia no Salão dos Espelhos. Mas não tinha sido qualquer um. Tinha sido ele, as marés do destino mudando, ou as maquinações do universo em ação. Seja o que for, sou grata por isso. Não trocaria por nada neste mundo.

Eu o observei se despir. Ele me observou enquanto eu fazia o mesmo. Nu, ele se deitou novamente ao meu lado e se virou para me encarar, examinando cada uma das minhas feições. Tantas pessoas tinham medo desse homem. Yvelia estava repleta de fadas que o teriam visto enforcado e executado com prazer. Ele havia destruído uma cidade inteira. Ele havia ido à guerra. Ele havia matado um dragão e enfrentado a Morte de Ferro no Portão de Ajun. Antes, ele havia arrancado a cabeça de um homem com sua magia e nem sequer pestanejou. Ele *era* uma criatura violenta — esse era o seu credo. Mas ele também era *isso* . Quando amava, era com tudo o que tinha.

Ele me olhou com os olhos semicerrados, o semblante muito sério enquanto

acariciava meu cabelo.

Mordendo o lábio inferior, franziu levemente a testa, como se ainda estivesse aprendendo a ser..

Com delicadeza, ele agiu com as mãos. "Quando olho para você, sinto como se estivesse olhando para um espelho", disse ele em voz baixa. "Consigo ler seus pensamentos, mas eles ainda são um mistério para mim. Sinto como se já devesse conhecer cada um de seus pensamentos."

Rindo silenciosamente, enrolei uma mecha de seu cabelo preto como azeviche em meu dedo indicador. "Você não gostaria, mesmo se pudesse."

"Eu já sei o que encontraria", respondeu ele, com os olhos brilhando.

“Ah, é mesmo? Por favor, me explique.”

Fisher virou-se de costas, erguendo um braço acima da cabeça. Havia uma covinha em sua bochecha

— apenas seus verdadeiros amigos sabiam de sua existência, já que eram os únicos que o tinham visto sorrir o suficiente para que ela aparecesse. Eu conseguia vê-la ali, a um centímetro do canto direito de sua boca, lutando para se revelar. "Ah, você sabe. 'Estou *tão* apaixonado pelo Kingfisher. O

Kingfisher é *tão* bonito. Olha só a bunda dele nessas calças—'"

"Ei!" Dei-lhe um empurrão forte nas costelas. "Tenho outras coisas em que pensar além *de você* !"

Puxando os lábios para dentro da boca, impedindo-se de sorrir, ele virou a cabeça para me encarar.

Mas não conseguiu desviar o olhar. "Tudo bem, Osha. Muitas mulheres já apreciaram meu traseiro em um par de calças de couro. Não deixo isso subir à cabeça."

Dei um peteleco na ponta da sua orelha pontuda, e a Ruína de Gillethrye uivou como um cão assustado. Num movimento rápido, ele estava em cima de mim, com as minhas mãos presas acima da minha cabeça. "Acha que eu não gosto de

fazer cócegas em você?", perguntou ele num tom mortalmente sério.

Olhei-o bem nos olhos. "Vai em frente. Faz isso. Eu não tenho cócegas."

Com os olhos semicerrados, ele me examinou de cima a baixo, tentando descobrir se eu estava falando a verdade. "Bem, *isso* não tem graça nenhuma", disse ele por fim.

E você? Tem *cócegas* ?

Fisher fungou, com os cabelos caindo sobre os olhos. Ele se abaixou até que seu rosto ficasse a poucos centímetros do meu. e encostou levemente a ponta do meu nariz no dele. "Receio que não vou responder a essa pergunta."

"Porque você não consegue *mentir* !", exclamei, rindo, tentando me soltar de seu aperto para testar minha teoria, mas Fisher me segurou firme.

“Um guerreiro jamais revela suas fraquezas.” Ele pronunciou as palavras ofegante contra minha boca, e eu pude sentir seu sorriso ali. Ele estava adorando aquilo.

“Isso não é justo. Você conhece todos os meus defeitos”, reclamei.

Pelos mártires, ele era tão incrivelmente sexy. Parecia ter sido esculpido em mármore pelas mãos dos próprios deuses, puro músculo, suas linhas de pura perfeição. E estava nu, deitado sobre mim, e era *meu* . Ele ficou um pouco mais sério, afastando-se um pouco para poder me olhar. "Você não tem defeitos, Saeris Fane. Você é perfeita aos meus olhos, com todas as suas imperfeições. Estou apaixonado por cada parte de você. Sua teimosia. Sua língua afiada. Seu mau humor quando está cansada. Sua incapacidade de fechar *qualquer* porta silenciosamente—"

“Muito bem, muito bem, acho que já chega *disso* , obrigado.”

“Cada parte de você. Eu amo *cada um* de vocês.” Ele afastou uma mecha escura dos olhos com o sopro. “Eu gastaria as fortunas do universo para protegê-los. Secaria os mares. Derrubaria todas as

árvores. Sacrificaria o sol do céu e entregaria as estrelas também, se pudesse. Mas essas coisas não me pertencem. Tudo o que tenho é a minha vida. Não é

muito, mas eu a gastaria e consideraria o preço pequeno se isso significasse mantê-los em segurança.”

Ele falava com tanta naturalidade, mas eu jamais conseguiria descrever o que suas palavras significavam para mim. Não havia nada em nenhum dicionário, em nenhum idioma, que pudesse sequer chegar perto de explicar o que eu estava sentindo naquele momento. "É isso aí", sussurrei.

"O que?"

“O jeito que você me ama. Alguns diriam *que isso* é a sua fraqueza.”

As linhas do seu rosto suavizaram-se. "Alguns diriam isso", concordou ele. "Mas estariam enganados. É a minha *força* ."

Dormimos um pouco. Fisher sabia o quanto eu o desejava, mas também percebia o quanto eu estava cansada. Mergulhamos no vazio, abraçados um ao outro, pele com pele. Acordei horas depois com seu pau duro pressionando minha bunda e seus dedos deslizando sobre meu osso do quadril.

Ele se moveu lentamente, esperando para ter certeza de que eu estava acordada, para ter certeza de que eu estava ciente do que ele estava fazendo. Prendi a respiração quando sua mão desceu, entre minhas coxas, e ele começou lentamente a fazer círculos apertados com as pontas dos dedos contra meu clitóris.

A princípio, o movimento foi preguiçoso. Lânguido e provocante. Deslizei um pouco a perna de cima para baixo, dando-lhe melhor acesso enquanto me arqueava contra ele, soltando um suspiro abafado.

“Foda-se, Osha.” Sua voz estava rouca de sono. “Esse som me assombra nos meus sonhos. Quero te fazer gemer por horas.”

Eu tremi, meu coração palpitando, enquanto ele passava o braço direito por baixo de mim e o envolvia pela cintura para poder trocar de mão. Com a esquerda, começou a acariciar meu seio, brincando delicadamente com meu mamilo. "Temos vidas inteiras assim pela frente. Vidas inteiras para nos explorarmos mutuamente."

Caramba, isso foi *tão* bom. "Vidas inteiras? Nós vamos.. perder a cabeça.. "

Senti Fisher rir, em vez de ouvi-lo. "Há maneiras piores de enlouquecer, Osha. Se eu puder transar até a insanidade com você, então considero isso uma vitória." Ele empinou os quadris, roçando-os contra minha bunda, e minha pele se arrepiou. Havia uma fogueira acesa na lareira. Ela não estava acesa quando adormecemos, o que significava que alguém, provavelmente Archer, tinha entrado e a acendido para nós enquanto estávamos deitados ali, nus, em cima da cama de Fisher.

Naquele momento, eu não conseguia me importar com nada. Meu corpo havia despertado, respondendo ao seu toque, à sua respiração, ao seu pulso. Seus dedos exploravam o pequeno e úmido feixe de nervos entre minhas coxas, movendo-se em círculos, estimulando o calor a se acumular no meu estômago.

"Relaxe", murmurou ele. "Eu estou aqui com você. Pode se entregar." Ele beijou meu pescoço, minha bochecha, meu queixo, e a ansiedade dos últimos dias se dissipou.

Só ele podia fazer isso por mim. Só ele. Essa coisa entre nós era amor, sim. Mas também era obsessão. Ele era a minha criação e a minha ruína. Eu pensava nele sem parar. E quando ele deslizava os dedos pela minha umidade quente e os enfiava dentro de mim, o nome dele era uma prece nos meus lábios.

“Fisher! Porra!”

“Shhh, shhh, shhh.” Ele me acalmou, murmurando suavemente para mim em Fae Antigo. “Irrellieth ka tintar shey an mé correshan dow.”

Soltei outro grito inarticulado, incapaz de me conter. Estendi a mão para ele e afundei meus dedos em seus cabelos. "O que você está dizendo?", perguntei, ofegante.

"Só sussurros de segredos", resmungou ele em resposta.

"Diga-me."

Ele esfregou o polegar contra meu centro, enfiando os dedos em mim e depois acariciando por dentro num movimento *convidativo* . Soltei um sibilo quando senti a mordida aguda de seus dentes no meu lóbulo da orelha. "Eu disse: 'Vou me afogar entre suas coxas.' Ou algo parecido. Não existe uma palavra para o que estou tentando dizer em Alto Feérico. *Correshan* significa êxtase letal.

Morte por prazer, talvez. O Antigo Feérico era uma língua muito mais descritiva."

"Ah! Meu Deus!", ofeguei. "Isso. . isso é. ." Gritei quando ele rolou meu mamilo com força entre o polegar e o indicador, apertando-o.

"O bom vem com o ruim. O prazer vem com a dor. Vou fazer essa dor ser tão boa para você, Osha.

Você está pronta?"

“Eu—” Eu não sabia o que dizer, então apenas assenti. Eu não queria que ele me acariciasse, me abraçasse ou fizesse amor comigo. Eu queria emoção pura. Eu queria eletricidade. Eu queria *gritar*, *porra* . Quando Fisher se posicionou em mim por trás, seus dedos cravaram em meus ossos do quadril, mordendo fundo, e um rosnado selvagem escapou de sua garganta. Era o som que as feras faziam enquanto rondavam as dunas fora das muralhas da Terceira à noite. Era uma reivindicação.

Seu braço apertou minhas costelas como um torno, e ele me fodeu com força até eu me desfazer em pedaços.

Nossos corpos formaram uma ponte para o céu, e ambos ascendemos.

Toda Cahlish ouviu meus gritos.

Quando Fisher chegou logo depois de mim, observei, maravilhada, um redemoinho de tinta se desprendendo das Amarras Divinas que envolviam meu pulso e braço, transferindo-se da minha mão para a dele. Não parou por aí. Girei no círculo formado por seus braços, observando a tinta subir por seus bíceps até se depositar em sua pele, logo abaixo da clavícula.

Fisher se abaixou e me beijou profundamente, com o coração acelerado pelo treino que acabara de fazer. "Por que você está sorrindo assim?", perguntou ele, arqueando uma sobrancelha escura.

Ele não tinha visto o que havia acontecido.

Eu o deixaria descobrir sua nova tatuagem da mesma forma que ele me deixou descobrir *a minha* .



30

COLEIRA

SAERIS

“SENHOR! SENHOR, VENHA depressa. Te Léna precisa da sua ajuda!”

O chamado de Archer do lado de fora da porta do quarto nos acordou. Fisher já estava de pé e se mexendo antes mesmo de eu abrir os olhos completamente. Ele vestiu uma calça aos trancos e barrancos e saiu correndo pela porta, descalço e sem camisa. Levei dez segundos a mais para me vestir. Segui-o, com um milhão de perguntas ansiosas cruzando minha mente como meteoros no céu noturno.

Quase esbarrei em Archer, que ainda estava parado no corredor do lado de fora da sala.

“Mestra! Espere, senhora! Você está—”

Eu corri.

O que aconteceu? Hayden estava bem quando o deixamos ontem à noite. Será que atravessar o mercúrio fez *alguma coisa com ele?*

Será que a relíquia dele não funcionou? Oh, céus, *será que eu estraguei a relíquia dele de alguma forma?*

Ele está acordado?

Ele está doente?

É . . .

Parei de repente na porta aberta. A luz do entardecer invadia a janela do quarto, projetando-se em retângulos sobre o edredom amarrotado que ainda cobria o queixo do meu irmão. Sua cabeça estava inclinada para trás, a boca entreaberta, e ele roncava alto.

Além do meu irmão, o quarto estava vazio.

“Senhora! Senhorita.. senhora!” Archer entrou na sala aos tropeços, lutando para respirar e com dificuldade para falar. “Você foi. . pelo caminho. . errado. Não é seu.. irmão. É.. a *irmã do patrão* .”

Everlayne.

Saí correndo novamente, passando despercebido pelo espírito do fogo e disparando em direção às escadas. Eu conseguia sentir o cheiro dele agora — meu companheiro tinha vindo por aqui e deixado um rastro denso de seu perfume no ar. Corri pelo corredor e virei à direita, subindo os degraus de quatro em quatro. Havia uma comoção lá na frente; o quarto de Everlayne estava lotado, com gente demais amontoada naquele espaço pequeno.

Te Lena. Seu marido, Maynir. Dânia. Pescador. Carniça – deuses, todo mundo estava aqui.

“Segurem-na!” gritou Te Léna. “Ela vai morder a própria língua!”

Na cama, Everlayne estava em meio a uma convulsão. Seu corpo estava tão curvado que a única parte que tocava os lençóis encharcados de suor era o topo da cabeça e os calcanhares. Ela tremia, os olhos reviravam, a mandíbula deslocada para um lado, os dedos dobrados em ângulos estranhos e em espasmos. Fisher segurava a irmã pela cabeça. Ele tentava enfiar um pedaço de couro entre os dentes dela. "Vou quebrar a mandíbula dela se puxar com mais força", sibilou ele.

“Everlayne? Layne, você consegue me ouvir?” chamou Te Léna. Os olhos da curandeira estavam arregalados de preocupação.

Observei a cena — o barulho, os cheiros, o pânico. "Que diabos está acontecendo *?* "

Carrion tentava segurar a mão de Layne, mas a mulher se debatia com tanta força que manter o aperto parecia estar se tornando difícil. "Eu estava no quarto do outro lado, *absolutamente* cuidando da minha vida, e ouvi gritos. Tive que arrombar a porta para entrar. Ela estava estrangulando Te Léna."

“ *Quem* era?”

“Quem você acha? *Layne ”*, rosnou Danya. “Precisamos das duas para tirar os dedos dela da garganta de Te Léna.”

"Por que você estava aqui em cima?" Fisher havia descido da cama; ele conseguira passar o couro entre os dentes da irmã e agora tentava afastar o cabelo do rosto dela.

Danya não olhou para ele. "Eu *também estava* cuidando da minha vida", respondeu ela secamente.

“Os deuses existem, sim.” Fisher balançou a cabeça. “Vá encontrar Lorreth, Danya. Diga a ele que precisamos dele aqui.”

A guerreira limpou o nariz com as costas da mão, espalhando sangue pela bochecha — devia ter levado um soco de Layne. Seus olhos se voltaram para Carrion e permaneceram ali. "Já estou cuidando disso."

“Fique… *longe* !” Layne gritou. Ela já havia cuspido o couro. “Só me deixe! Me deixe *em paz* !” O

medo ecoava pelas paredes. Era denso no ar. Isso não tinha nada a ver com o que tinha acontecido quando eu estava sozinha com Layne. Não era a voz de Edina que escapou dos lábios de Layne. Era a própria Layne. “Por favor! Por favor, por favor, nãooooo!” ela implorou.

"Que diabos há de errado com ela?", perguntou Fisher, com os olhos fixos em Te Léna.

A curandeira massageou o pescoço dela, mas ela continuava ali ao lado da cama, olhando para Layne, com a outra mão sobre o peito da moça. “Eu não sei. Eu

consigo sentir.. ” Ela balançou a cabeça. “Algo. Não parece. .

“Que diabos *isso* significa?”

“Calma.” Maynir deu um passo à frente, colocando a mão no ombro da companheira. “Ela está fazendo o melhor que pode. A garota quase quebrou o pescoço agora mesmo.” Seu tom demonstrava o quanto ele se importava com Te Léna. Diante da aparência aterrorizante de Fisher naquele momento, a maioria dos homens teria se acovardado em sua presença em vez de ousar repreendê-lo.

O ar vibrava com o poder crescente de Fisher. Ele claramente estava atraindo sua magia para si, embora o ato fosse inútil; não havia para onde direcioná-la. Nenhum inimigo para ele atacar.

“Não, não, não, não, não. Por favor!” Layne de repente se jogou de volta na cama, sua cabeça batendo no colchão. Seus olhos se arregalaram. “Não! Por favor, não. Não. . não. .” Uma figura espreitava em seus olhos verde-claros — o contorno escuro de uma figura iminente. Parecia crescer, se aproximando. .

“Por favor.. ” Layne soluçou. Sua voz havia perdido toda a força. Era um sussurro agora, desesperado e resignado.

Fisher estava pálida como um fantasma. Fazia um frio de rachar no quarto, apesar da lareira crepitar do outro lado. A tinta no peito de Fisher se contorcia, espalhando-se em linhas irregulares. "Ela está acordada?", perguntou Fisher. "Com quem ela está falando?"

Te Léna balançou a cabeça. "Não. Sim, eu.. Ela não está *aqui* . Eu.. Eu consigo sentir a mente dela, como se ela estivesse acordada, mas a consciência dela parece estar atrás de uma parede ou algo assim."

“Você consegue superar isso?”

“Não.” Os olhos de Te Léna assumiram um olhar estranho e vago. “É tão denso. Tão alto. Não há como baixá-lo.”

“Tente! Por favor! Só tente!”

“Oh, céus, não. Parem! *Por fa— ”* O grito de Layne foi interrompido abruptamente. Suas costas se arquearam novamente, seus calcanhares batendo

como pistões contra a cama enquanto ela se contorcia.

“Algo a está *machucando* !” Fisher se afastou da beira da cama, passando as mãos pelos cabelos, puxando-os com força. Seus olhos encontraram os meus, e tudo o que vi foi desespero e pânico. Ali.

Fisher sabia empunhar uma espada. Sabia abater seus inimigos. Sabia criar portais de sombra e voar para o lado de seus amigos quando eles precisavam dele. Mas ali não havia inimigo para enfrentar.

Nenhum destino que ele pudesse vislumbrar.

Ele não podia fazer nada para ajudar, e esse conhecimento o estava matando por dentro.

Eu não estava em melhor situação. Minha garganta ardia tanto que parecia queimada. Estendi a mão com a estranha magia que fervilhava sob minha pele e encontrei apenas o mercúrio, sussurrando suavemente, calmo como um rio de águas lentas.

Corra. Corra. Corra. Corra..

Um medo profundo percorreu meus ossos como geada. Fui até Layne e coloquei a mão no topo de sua cabeça. Seus cabelos loiros estavam emaranhados e úmidos de suor. Sua respiração falhou por um segundo, mas logo retomou o ritmo acelerado, irregular, e seu tremor se intensificou.

Senti o que Te Léna havia sentido: uma mão escura pairando sobre minha amiga, pressionando-a contra o solo úmido do inferno. E ela *não estava* sozinha naquele lugar.

As pálpebras de Layne se abriram de novo, suas pupilas do tamanho de pontinhos de alfinete. Sua língua protuberava desajeitadamente da boca, úmida de saliva. Seus dentes estavam manchados de vermelho. " *O portão está aberto"* , disse uma voz terrível, saindo de sua boca. " *Não pode ser fechado. O*

portão está aberto. O portão está aberto. O portão está—"

Retirei minha mão bruscamente, como se a pele dela tivesse me queimado.



A voz parou.

Layne estremeceu terrivelmente, seus olhos reviraram, e então ela ficou imóvel, a tensão abandonando seu corpo.

O ar na sala estava opressivamente parado, denso com um silêncio carregado de horror.

Ninguém se mexeu.

Ninguém disse uma palavra.

Fisher soltou a mão da irmã. Seus olhos estavam vazios enquanto ele saía do quarto descalço e com passos rígidos.

“Será que tem alguma relação com a podridão?” Lorreth andava de um lado para o outro, o som abafado de suas botas pulsando como uma segunda onda de calor nas minhas têmporas. Tínhamos nos dirigido à sala de jantar, um a um, sem saber para onde ir. Diante da lareira, as mãos de Fisher estavam apoiadas acima da cabeça na verga de pedra, os músculos das costas contraídos em nós. Ele estava perdido nas chamas.

“É possível”, disse Maynir. Sua mão repousou sobre a de Te Léna, seus dedos entrelaçados aos dela.

“Nunca li nada parecido acontecendo em Yvelia. Mas minhas pesquisas giraram principalmente em torno da política da corte. Meu interesse pessoal em diferentes tipos de magia me deu alguma noção de magia elemental, magia das sombras, magia de sangue e coisas do gênero. . mas isso?” Ele inflou as bochechas. “Essa infecção não se origina de nenhuma vertente mágica que *eu* conheça. É muito antiga ou muito recente. De qualquer forma, não temos como detê-la e não fazemos ideia de como ela pode estar afetando o reino. Sabe-se que a presença de certas magias causa convulsões em crianças muito pequenas. Pode ser que, à medida que essa podridão se aproxima de Cahlish, ela afete Everlayne de alguma forma?”

Conjectura. Era só isso.

Maynir estava se agarrando a qualquer coisa, mas não se podia culpá-lo por isso. Ninguém mais tinha ideia do que estava acontecendo.

Lorreth coçou a barba por fazer. "Precisamos encontrar Ren—"

“Não.” Fisher respirou fundo, falando pela primeira vez desde que nos mudamos. “Ainda não. Ele precisa avisar o máximo possível de vilarejos e pequenas propriedades ao longo da costa e no interior do país.” floresta o máximo que puder. Não há nada que ele possa fazer por Layne aqui, e as pessoas precisam saber o que está acontecendo.”

Uma ponta de incerteza brilhou nos olhos de Lorreth, mas ele assentiu. "Você tem razão. Não há nada que ele possa fazer. Então, o que *vamos* fazer?"

“Vamos voltar ao rio e ver até onde a podridão se espalhou desde ontem.” Fisher se afastou da lareira, com um olhar de determinação cansada. Lá em Zilvaren, houve dias em que as probabilidades pareciam estar contra nós, e muito mais. Sem água. Sem comida. Sem saída do pavilhão por um motivo ou outro. Cada vez que eu conseguia resolver um problema, outro parecia

surgir entre mim e um momento de descanso. Eu não tinha outra escolha a não ser encontrar uma solução para o obstáculo que bloqueava meu caminho, sabendo que outros viriam depois. Mas a alternativa seria desistir e morrer, e eu não era do tipo que desiste e morre.

Meu amigo também não.

Ele inspirou profundamente. Ao expirar, a fumaça ondulava de seus ombros para baixo, deixando para trás um rastro de couro completo. Em sua garganta: uma gola prateada e brilhante, estampada com a cabeça de lobo do Lupo Proelia. O cabo da espada de Nimerelle era visível sobre seu ombro, seu cabo negro estalando com energia e absorvendo a luz. Um instante atrás, Fisher parecia ter se desfeito. O Fisher diante de mim estava pronto para a guerra.

“Saeris e eu voltaremos para Ammontraíeth. Há mais livros que precisamos pegar na biblioteca.

Algat pode reclamar o quanto quiser, mas precisamos deles. Danya, volte ao ponto de encontro temporário e fale com os guerreiros que estão lá. Diga a eles para arrumarem suas coisas e se prepararem. Amanhã irei buscá-los para levá-los

de volta a Cahlish.”

A expressão estoica da mulher vacilou. "Estamos *abandonando* a fronteira?"

Fisher acenou com a cabeça uma vez. "Vamos abandonar o projeto."

"Mas-"

"Parar."

Danya mexeu o maxilar, mas manteve-se calada.

“A fronteira não importa mais. Os infectados vão atravessá-la de qualquer jeito. A terra do outro lado do Darn está morta. Não há nada lá para defender. Nossa nova linha será formada aqui.

Lorreth, preciso que você traga Iseabail. Não precisamos mais do acesso às catacumbas de Nevercross. Não agora que temos os livros na Corte de Sangue. Precisamos de uma bruxa conosco para ajudar com Everlayne, no entanto. Talvez haja algo que estejamos ignorando. Uma maneira de Te Léna e Iseabail ajudarem a tirá-la desse estado de fuga.”

A reação de Lorreth à ordem foi visceral; ele se virou bruscamente e marchou em direção a Fisher, com a boca aberta e pronto para começar a gritar, mas viu a expressão impassível no rosto de Fisher, como todos nós vimos, e ergueu as mãos e se virou imediatamente. "Você tem razão", disse ele.

"Você tem razão. Me desculpe. Eu vou. Deixa pra lá."

A expressão de Fisher suavizou-se um pouco. “Te Léna, fique com Layne e Hayden. O menino vai acordar em breve, tenho certeza, e terá perguntas. Responda-as da melhor maneira possível e não o perca de vista. Ele tem tendência a se perder.”

Quase ri. Fisher tinha passado apenas algumas horas com meu irmão, mas já falava como se o conhecesse e o tivesse assumido como seu, ainda que a contragosto.

“E quanto a mim?” perguntou Carrion. Ele estava sentado no lugar de Fisher, roendo as unhas.

Fingia estar entediado, mas estava sentado um pouco mais ereto do que o normal. Nem sequer tinha colocado os pés sobre a mesa. “Devo ficar aqui e garantir que nenhum pássaro pouse nas árvores lá fora, certo? Ou devo derreter a neve do jardim da frente? Tenho certeza de que há alguma coisa suficientemente banal para você me manter ocupado enquanto todos os outros estão ocupados com suas tarefas importantes.”



Que ele venha a Ammontraíeth.

Era essa a ideia que eu *ia* enviar para Fisher.. mas não tive oportunidade.

"Cale a boca, Carrion", disse Fisher. "Você vem com a gente."

A pesada porta da tumba estava trancada pelo lado de fora. Não havia nenhuma ordem para trancá-la depois que atravessássemos o mercúrio de volta para Cahlish, o que significava que os nobres haviam tomado as rédeas da situação. Eles deviam saber que uma porta trancada não nos manteria afastados por muito tempo, mas a mensagem era clara mesmo assim: Vocês não são bem-vindos aqui. Nós não os *queremos* .

A porta explodiu para fora, reduzida a estilhaços pelo salto da bota de Fisher. Dois sangue-altos estavam no corredor, perto da janela, armados com floretes de ferro. Não os reconheci imediatamente, mas então vi a mão direita ridiculamente pequena que pertencia ao vampiro mais próximo e me lembrei deles do Paraíso dos Tolos. A princípio, presumi que Lorreth estivesse brincando quando fez aquela piada sobre a mão do sangue-alto voltar a ficar pequena, mas parece que *não* .

Os dois homens — Anterrin? Khol? Só os deuses sabem por que eu me lembrava dos nomes deles —

largaram seus floretes e recuaram pelo corredor até encostarem as costas na parede. "Não!

Esperem!" Khol exclamou, ofegante. Os olhos do desgraçado brilharam, sua expressão se transformando rapidamente em fome ao pousar na carga em meus braços. Eu sempre carregava Onyx comigo durante a travessia do mercúrio. Mesmo com meus decretos em vigor, parecia a melhor estratégia. Eu não

gostava do jeito como os nobres o encaravam, como se estivessem determinados a encontrar uma brecha e fazer dele um banquete.

Onyx se mexeu em meus braços, pressentindo o perigo, e mostrou os dentes.

“Você tem um segundo para desviar o olhar daquela raposa”, disse Fisher, categoricamente.

Khol fez exatamente isso, sua atenção se voltando para meu companheiro. Fisher tinha Nimerelle na mão, e a lâmina soltava uma sinistra fumaça negra. “Desculpe, tá bom? Não fizemos isso para *te manter* afastado. Ele nos disse para ficarmos de olho nos homens de Belikon.” Khol fechou os olhos enquanto Fisher segurava a ponta da espada sob o queixo do vampiro. “Ele. . ele. . ele. .”

"Ele?", repetiu Fisher.

“Ele nos disse para deixar você sair assim que passasse! Nós teríamos deixado! Nós—”

"Vai." A palavra ecoou no ar, uma única ordem que ameaçava com violência caso não fosse obedecida. Anterrin, que não dissera uma palavra, saiu correndo primeiro pelo corredor. Seu irmão não perdeu tempo e foi atrás dele.

Carrion olhou para Fisher com os olhos semicerrados, a mão no ar. "É estranho saber que os testículos das pessoas se retraem para dentro do corpo sempre que você está por perto?" Ele fez um gesto como se estivesse sugando algo para cima.

Fisher arqueou uma sobrancelha para ele, mas apenas por um instante. Embainhou Nimerelle, virando-se para mim enquanto o fazia. "Vou encontrar Foley. Mas primeiro levarei Onyx de volta aos seus aposentos. Talvez você devesse ir falar com o homem que colocou aqueles idiotas do lado de fora do túmulo. Veja o que *ele* tem a relatar?"

"Parece uma boa ideia." Entreguei Onyx com relutância, beijando a cabeça da raposa antes de passá-la para meu companheiro.

“Não se preocupe. Eu vou guardar isso a sete chaves”, disse Carrion, piscando para o meu amigo. O

comentário provavelmente tinha a intenção de irritar Fisher, mas a provocação só lhe rendeu um resmungo divertido.

Por favor. Saeris poderia ter metade da Corte Sangrenta em seus túmulos eternos antes mesmo de você desembainhar sua espada. Até mesmo a raposa. teria uma chance melhor de repelir uma ameaça.” Algo pareceu lhe ocorrer do nada. “Espere. Falando em sua lâmina, onde *está* Simon, aliás?”

Ao longo dos anos, vi Carrion esconder com sucesso uma série de emoções. Hoje, porém, ele demorou demais para disfarçar o rubor que lhe subiu às bochechas. "Não se preocupe com Simon", disse ele. "Sei exatamente onde está minha espada divina, muito obrigado."

Ammontraíeth era um formigueiro de atividade enquanto nos movíamos por seus corredores.

Sangues nobres corriam de um lado para o outro, carregando deslumbrantes peças de damasco, pilhas de pratos folheados a ouro e todo tipo de terrinas. Eles sentiram o cheiro de Carrion antes mesmo de me verem. Alguns sibilaram ao sentir o aroma de sangue fresco e vivo tão perto, mas no instante em que viram os cabelos ruivos de Carrion, recuaram, meu decreto saciando sua fome.

Quando *me viram* , curvaram-se em súplica, inclinando a cabeça, só se levantando depois que passei e desapareci de vista. Carrion os observou cair de joelhos, balançando a cabeça. "Vocês passaram a vida inteira se escondendo, esperando que ninguém os reconhecesse, e agora, sempre que alguém os vê, se *ajoelha* . Vocês devem estar odiando isso pra caralho."

Minha risada áspera ecoou pelo corredor enquanto caminhávamos. "Ah, não. Eu não odeio isso, Carrion. Eu *detesto* ."

“Então por que obrigá-los a fazer isso? Vocês não precisavam fazer essa exigência quando aprovaram esses decretos.”

Tive a sensação de que ele já sabia a resposta para aquela pergunta. Talvez quisesse me ouvir dizer em voz alta. Para me lembrar da necessidade disso. "Eles precisam me temer. Ou pelo menos se lembrar de que tenho poder sobre eles."

"Será que eles têm noção de quão perto estiveram de serem aniquilados?", disse

Swift um pouco alto *demais* , enquanto uma mulher vestida com um elegante vestido roxo nos encarava com desdém.

"Você poderia ter acabado com a vida deles com uma simples ordem, assim que aquela coroa fosse colocada em sua cabeça."

De fato, essa possibilidade já havia sido amplamente discutida antes da minha coroação. Lorreth votou pela destruição de Ammontraíeth. Renfis também, votando de Irrín. Danya votou pelo desmembramento público e por um tipo de tortura que cheirava a vingança, não a justiça. Só eu

implorei pela oportunidade de ver se os membros da Corte de Sangue poderiam ser redimidos.

Fisher concordou, com hesitação, em esperar para ver como as coisas se desenrolariam, e bem. . até agora, as coisas não parecem muito boas.

"Então vamos ver o Tal?" disse Carrion, mudando abruptamente de assunto. Ele se virou bruscamente, caminhando para trás para acompanhar o ritmo enquanto retribuía o olhar fulminante da bela nobre.

“Sim. Vamos ver o Tal”, confirmei.

“Como diabos vamos encontrá-lo neste palácio infernal?”

Limpei a garganta, evitando seu olhar. "Sei exatamente onde ele está."

Os olhos de Carrion queimavam minha bochecha, mas mesmo assim, eu me recusava a encará-lo. "E

como você sabe disso exatamente?"

“Porque ele é meu pai. Eu consigo senti-lo, da mesma forma que ele consegue me sentir. Eu *sempre* sei onde ele está. Vamos lá, acompanhe.”

“Nossa. Deve ser confuso quando vocês três estão no mesmo lugar. Metade de vocês está em alerta, sentindo a presença de Tal, e a outra metade está sendo atraída por Fisher.”

“Minha relação com Fisher não funciona dessa forma.”

"O quê?" Carrion parou abruptamente, como num gesto teatral. "Você consegue sentir a presença de Tal, mas não consegue sentir a de Fisher?"

Continuei caminhando.

“Ei! Ei, *espere* !” Ele correu para alcançá-los. “Desculpe se estou um pouco confuso, mas vocês dois não deveriam compartilhar um amor que envergonha todos os outros?”

Virei à esquerda e desci correndo um lance de escadas. "Sim, tenho uma ligação com Fisher. E sim, consigo sentir onde ele está." Não é a mesma coisa. A conexão que compartilho com ele é como um poço profundo. Calma e tranquila.

“E qual é a sensação de conexão com Tal?”

Cerrei os dentes e cheguei ao pé da escada. Virei à direita. "Uma *coleira* ."

Eu nunca tinha estado nos aposentos de Tal antes. Nunca houve necessidade de eu ir lá. Quando Carrion e eu paramos em frente à porta arqueada com as maçanetas douradas em espiral, fui tomado por uma onda de déjà vu. Eu conhecia o formato da maçaneta em minha mão. Sabia que a porta rangeria um pouco ao ser aberta. Sabia qual seria o cheiro do ar quando eu entrasse nos aposentos além dela.

Memórias emprestadas.

Ecos no sangue.

Eu sabia dessas coisas porque eram muito familiares para Tal, e eu era um produto da *sua* linhagem.

Levantei a mão para bater na porta e hesitei. Uma sensação estranha me invadiu. Havia pessoas com Tal do outro lado da porta. Muitas pessoas. Havia uma tensão nos cômodos além que fazia o ar vibrar com eletricidade.

Uma discussão, talvez? Mas com quem ele estaria discutindo?

“Eu não faria isso se fosse você.”

Virei-me bruscamente, com o punho ainda pronto para golpear. Zovena

caminhava pelo corredor em nossa direção, seus cabelos loiros brilhantes presos em uma trança tão apertada que devia estar lhe dando dor de cabeça. A trança caía sobre seu ombro e chegava quase à cintura. Seu vestido preto de gola alta delineava suas curvas, acentuando seus quadris e decote, que quase transbordava das taças de renda. Eu não a via desde a coroação; poderia ter vivido sem *vê* -la novamente e seria perfeitamente feliz, mas não. Ammontraíeth era vasto — uma pessoa poderia se perder nos corredores escuros e sem janelas daquele lugar — Mas ainda era apenas um prédio. Era só uma questão de tempo até que eu cruzasse o caminho dela novamente.

Ela sorriu com ar de superioridade enquanto se ajoelhava e sentava sobre os calcanhares, acomodando-se confortavelmente.

Abaixei a mão, olhando para a mulher, e cruzei os braços sobre o peito. Eu não sabia exatamente o que tinha acontecido entre ela e Tal, mas sabia o suficiente. Ela era o motivo de ele ter vindo até ali e se entregado a Malcolm. Ele a amava, e ela o havia abandonado de alguma forma. Agora, parecia que ela só queria ver o Guardião dos Segredos morto e enterrado.

“Vossa Majestade.” A saudação foi doce como fruta podre. Quando ela falou, uma lufada de algo sensual e exótico emanou dela e atingiu a minha narina. O aroma era inebriante. Deu-me uma leve tontura.

"Tenho uma queixa a fazer a você", eu disse.

“Eu?” Zovena riu graciosamente, jogando a trança para trás do ombro. “O que *eu* fiz para ofender a rainha da Corte de Sangue? Diga-me, e eu farei as reparações imediatamente.” Eu já havia conhecido mulheres como ela em Zilvaren. Mulheres que teriam entregado seus próprios familiares aos guardiões em troca do menor dos luxos. O tipo de mulher que venderia a alma ao diabo se isso lhe garantisse poder, temporário ou não. Zovena era muito mais perigosa do que aquelas mulheres, porém. Ela era uma fada transformada em vampira. Se jogasse bem as suas cartas, viveria para ver este império desmoronar em pó — e uma parte de mim sabia que ela teria algo a ver com a sua queda.

“Você é um Lorde da Meia-Noite”, eu disse.

A malícia brilhava em seus olhos. "Oh! Meu Deus. Eu realmente pensei que você tivesse esquecido disso." O som de sua risada me fez arrepiar. "Eu sou um Senhor da Meia-Noite, sim. Meu amado criador." Conferiram-me o título há

setecentos e oitenta e três anos. Posso me levantar?”

“Seu amado criador.” Assenti com a cabeça, bufando pelo nariz. “Malcolm?”

O ar estava carregado de um gosto metálico de raiva, mas o rosto de Zovena não demonstrava nada disso. "Em outra vida, você teria *rastejado* para pronunciar o nome dele, Matador de Reis", disse ela.

Oh, oh, oh, rapaz. Ela queria brincar. "Suponho que devo agradecer *a você* por esse título honorífico, Zovena. O nome deveria me incomodar? Porque, pessoalmente, estou bastante orgulhoso dessa conquista. Diga-me", eu disse, antes que ela pudesse responder. "Em Ammontraíeth, é considerado incesto dormir com o seu criador? Porque me parece que alguém estava transando com *o papai* ."

"Vadia!" A fachada serena de Zovena se desfez, revelando finalmente a profundidade de seu ódio.

Suas feições se distorceram, sua boca repentinamente se abriu demais, os cantos se curvando para cima. Ela avançou, mas seu corpo recuou imediatamente, impedido pelo fato de que ela estava proibida de me machucar *e* eu não havia lhe dado permissão para se levantar.

Carrion agarrou-se ao batente da porta, segurando-o com força enquanto fingia cambalear para o lado. "Deuses e mártires! O que há de errado com a sua *cara* ?"

Zovena sibilou como uma gata selvagem. "Cuidado com essa língua, sheascah. Não sou boba. Sei quem você é. Há quem pagasse uma fortuna para que lhe entregassem a cabeça numa estaca."

Entrei na frente dela, bloqueando sua visão do contrabandista. "Você não vai tocá-lo. Não vai olhar para ele de soslaio de novo. Não vai contar nada a ninguém sobre Carrion, entendeu? Você vai arrancar a própria língua tentando."

O Senhor estremeceu sob o peso da ordem. Ela me viu como uma menininha, vagando cega e assustada em uma floresta escura. Ela havia esquecido com quem estava falando — impressionante, considerando que era *ela* quem estava de joelhos.

“Diga. Diga-me que você entendeu.” Eu poderia ter falado com raiva ou ódio,

igualando-se facilmente ao dela, mas, em vez disso, fiz a ordem num tom insosso e desinteressado.

“Eu.. entendo.” Zovena tentou conter as palavras entre os dentes, mas até ela teve que obedecer a uma ordem direta da rainha. “Anterrian goaneth tiel ran lir —”

“Pare.” O ar vibrou e Zovena cambaleou para trás como se eu a tivesse atingido no rosto. Inclinei a cabeça para o lado, franzindo a testa para ela. “Você é a Guardiã das Missões, não é?”

"Sim."

faz o Guardião das Missivas ? Diga-me.”

“É um cargo importante”, disparou Zovena. “O Guardião das Missivas é responsável por toda a comunicação que entra e sai de Ammontraíeth. Ordens de batalha, notícias, segredos. Tudo deve passar por mim.”

“Parece um mensageiro glorificado. Temos desses lá em Zilvaren, sabe? Mas o trabalho é considerado bem *insignificante* por lá.”

A mulher quase recuperara a compostura; suas feições voltaram ao normal, mas seus olhos brilhavam como facas. "Posso. . me. . levantar?", ela perguntou entre dentes cerrados.

"Não."

“Você não tem ideia de como é difícil entregar mensagens aos espiões que mantemos isolados no exterior—”

“Quão difícil é entregar uma carta a um nobre, aqui mesmo neste tribunal?”

Ela piscou, surpresa. "Uma carta? Aqui?"

“Hum-hum. Um pedaço de papel, dentro de um envelope. Lacrado, presumo.” Olhei para Carrion.

“Cartas geralmente são lacradas, não são?”

“Normalmente”, concordou ele.

Voltei a encarar a mulher. "Uma carta como essa seria relativamente fácil de entregar aqui, no palácio, não é?"

“Obviamente. *Claro* .” Ela considerou essa linha de questionamento desnecessária, ao que parecia.

“Então, me explique uma coisa. Meu camarada e meus amigos escreveram várias cartas para alguém aqui no Tribunal de Sangue ao longo dos anos. Essas cartas não chegaram a Ammontraíeth?”

Zovena mostrou as presas, a testa franzindo-se em sulcos anormalmente profundos. "Aquele homem *não é* membro desta corte. Ele é rejeitado. Os rejeitados não recebem mensagens. E os inimigos da minha casa não têm o direito de se dirigir aos seus aliados aqui!"

“Então eles *chegaram* .”

Zovena não disse nada.

“Eu poderia te *obrigar* a me contar.”

“Sim, eles chegaram. Mas—”

“Você ainda os tem em seu *covil* , seja lá onde for?” Não era sábio provocá-la. Eu não era tolo o suficiente para acreditar que essa dinâmica entre nós duraria muito tempo. Os nobres de Sanasroth encontrariam um jeito de me expulsar mais cedo ou mais tarde, e então eu não conseguiria dobrar Zovena à minha vontade apenas com palavras. Seria preciso violência, mas eu não me importava com isso. Se era violência que esses monstros entendiam, então eu os usaria. Eu poderia ser violento se fosse necessário. Eu poderia ser cruel.

Deixei Zovena vislumbrar essa promessa quando nossos olhares se encontraram. "Sim", disse ela, com um tom ácido. "Eu ainda os tenho."

“Então você os entregará ao destinatário pretendido. Hoje mesmo.”

A mulher cerrou os dentes. "Ele pode descer aos meus aposentos e buscá-los como o cão que ele—"

“Você vai entregá-los na biblioteca. Pessoalmente.” Falei devagar, pronunciando cada palavra com clareza. “Ou eu irei atrás de você. E quando eu terminar com você, não sobrará nada além dos seus malditos *dentes* . Entendeu?”

Ela parecia querer cuspir na minha cara; estava se matando por dentro para não fazer isso. "Como uma manhã de inverno", disse ela.

Meus desejos na Terceira Divisão nunca foram grandiosos ou ambiciosos. Água limpa. Uma refeição decente. Roupas que não se desfizessem. Eu não sonhava com muita coisa. Certamente não sonhava com poder. Eu não estava gostando de nada disso, mas tinha que ser feito. Era como eu havia dito a Carrion agora há pouco: Zovena precisava saber que, por mais que desejasse o contrário, eu *era* superior a ela e *não* devia mexer comigo. Eu estava prestes a expulsá-la da minha presença como uma criança repreendida quando a porta dos aposentos de Tal se abriu e meu criador apareceu na entrada.

Ele estava nu e salpicado de sangue. . e seu pênis estava *absurdamente* ereto entre as coxas. "Se você não vai participar da diversão, *por favor,* agilize as coisas. Você está me fazendo parecer um péssimo anfitrião."



31

VAPOR E FUMAÇA

MARTIM-PESCADOR

A raposa cheirava a inverno rigoroso e manhãs geladas. Eu a abracei forte, cantarolando baixinho uma canção de ninar que minha mãe cantava para mim quando eu era bebê.

Não para a raposa.

Eu não estava cantarolando *para* a raposa.

Isso teria sido estranho.

Eu simplesmente gostei da música, e tive a impressão de que ele também gostou. Não havia nada de errado nisso .

Ana drowan, doyath drowan, teyra drowan cal su marn. Massurith, massurith, kalminan tu dan shay. . .

Um peixe, dois peixes, três peixes na banheira. Girando, girando, nadando para o mar. .

Onyx nem sequer se mexeu enquanto eu o transportava pelo palácio. Ele não rosnou para os nobres que cruzávamos. Não se preocupou com o ambiente frio e inóspito em que se encontrava. Ele fixou os olhos em mim, o nariz tremendo, e me ouviu cantar.

Minha magia era inútil aqui — uma fonte de frustração sem fim. *Eu* deveria ter sido capaz de proteger os aposentos de Saeris contra visitantes indesejados, mas até isso estava além do meu alcance aqui. Tal tinha sido o responsável por essa tarefa. Ele se certificou de que eu teria acesso aos aposentos dela sempre que quisesse, mas a ideia de que era a magia *dele* , e não a minha, que proporcionava essa camada extra de segurança, me incomodava profundamente enquanto eu atravessava as portas duplas em direção ao quarto dela.

A raposa ficou sentada pacientemente em meus braços enquanto eu a carregava até a cama dela.

Hris drowan mayth tair, hris drowan brin gilterrith, ayen hris drowan farh miniethh perda. . .

O primeiro peixe se afogou, o segundo peixe congelou e o terceiro peixe engoliu todos eles..

Encerrei a música com um floreio, colocando a raposa na cama. Ela piscou para mim, com os olhos vidrados e negros como azeviche, sem saber ao certo o que pensar da minha apresentação, ao que parecia.

"Desculpe, meu bem. Pensando bem, essa não é uma música muito alegre, né? Você gosta de peixe?

Aposto que sim, né?"

A raposa piscou.

"Aposto que você gostaria de um pouco agora, não é? Uma truta saborosa?"

Suas orelhas se ergueram. Eu teria jurado por todos os deuses que ele estava sorrindo esperançosamente.



“Certo, certo. Deixa eu ver.” Minhas ilusões eram reais enquanto fossem observadas. Um banho podia ser real. Roupas. Mas não comida. Simplesmente não funcionava assim. Eu tinha que extrair esse tipo de magia de algum outro lugar, e isso exigia concentração. Estendi a mão. . estendi a mão. .

e grunhi com o esforço enquanto buscava em minha pequena magia, em um lugar completamente diferente, e tirei uma tigela de prata contendo metade de um pedaço de truta defumada. Nesse exato momento, uma garçonete do Ninho do Corvo em Western Dow estava se perguntando onde diabos tinha ido parar o pedido de truta defumada que ela acabara de entregar. Mas não importava. Eu me certificaria de ir lá e pagar a conta em breve.

Coloquei a tigelinha no chão e observei, com uma satisfação impassível, a raposa pular da cama de Saeris e devorar tudo num instante. O peixe sumiu em segundos.

“Muito bem, meu pequeno. Preciso ir agora. Não cause problemas enquanto espera por sua dona, está bem?”

Onyx olhou para mim, com a língua rosada lambendo os lábios enquanto saboreava o gosto da refeição que eu havia roubado para ele.

“Vai lá. Vai tirar uma soneca ou algo assim.”

A raposa bocejou, virou-se e disparou para debaixo da cama de Saeris.

Eu estava na porta, com a mão na maçaneta, quando ouvi seu gemido suave. "O que foi, hein?"

Olhando por cima do ombro, vi a pequena raposa branca colocar a cabeça para fora de debaixo da cama e vir trotando em minha direção com determinação. Quando chegou perto, abaixou a cabeça e algo pequeno e marrom caiu no tapete.

Era uma pinha.

Uma das menores — e mais perfeitamente formadas — que eu já tinha visto.

Onyx cutucou a lata com o focinho, bufando, e depois olhou para mim, expectante.

Encarei a raposa e a pinha, com a mão ainda na maçaneta, sem saber o que fazer. "Será que isso. . é para *mim* ?"

Onyx cutucou a pequena pinha espinhosa, dando-lhe outra cabeçada com o focinho, até que ela rolou e bateu na ponta da minha bota. Era *para* mim.

Um presente.

Inclinei-me e peguei-o, guardando a lembrança no bolso interno da minha calça de couro. Antes de me virar e ir embora, cocei a raposinha entre as pontas pretas das orelhas, tentando, sem sucesso, fingir que não me comovia com o gesto. " *Obrigado* , pequenino."

A biblioteca estava deserta.

Lâmpadas pontilhavam o comprimento da mesa do escriturário, seu brilho verde pálido formando pequenos focos de luz. Livros estavam reunidos em cinco pilhas organizadas, com dez volumes cada, na extremidade oposta da mesa. O lugar era tão silencioso quanto um túmulo.

Ao atravessar a entrada da biblioteca, em direção aos degraus que levavam às estantes, um pequeno gato preto feito de sombra surgiu da *minha* sombra, pegando-me de surpresa. Muitas sombras já haviam surgido de mim antes — isso era óbvio. Mas elas sempre surgiam a meu pedido, e nenhuma jamais se solidificara em algo *vivo* depois. O gato cravou as garras no tapete enquanto se espreguiçava, olhando para mim com seus olhos vermelho-sangue.

"De onde *você* veio?", perguntei.

O gato-sombra cheirou minha perna com curiosidade, suas minúsculas narinas dilatando-se.

"O que você está sentindo?", perguntei. "Uma raposa? Não sei se vocês dois se dariam bem." Como se soubesse o que eu estava dizendo, o gato-sombra esfregou a cabeça nas minhas canelas e começou a ronronar tão alto que acordaria os mortos.

Abaixei-me para acariciá-lo, e a maldita criatura disparou em direção às escadas. No último degrau, parou, olhando por cima do ombro como quem diz: " *Bem, então. Você vem?"*

O cheiro de Saeris pairava no ar, fraco, mas perceptível, enquanto eu atravessava a biblioteca e subia as escadas. Perdi-a de vista ao entrar nas estantes, seguindo a felina, que trotava à frente, olhando ocasionalmente para trás para se certificar de que eu ainda estava lá. Sempre tive como regra seguir um gato. Principalmente um gato *preto* . Este era do tom mais escuro de meia-noite que existia —

uma ausência de luz que eu conhecia muito bem. Meus sentidos estavam em alerta máximo enquanto serpenteávamos pelas altas estantes, para a esquerda, depois para a direita, e então em frente por duas fileiras. A magia pairava densa no ar ali, enquanto as fileiras Nos aproximamos cada vez mais e a luz foi diminuindo, ocultando os títulos das centenas de livros que vimos.

As patas do gato mal pareciam tocar o chão enquanto ele caminhava suavemente à minha frente. Ele esfregava o corpo na quina de uma prateleira enquanto esperava que eu o alcançasse, sua cauda longa e ágil balançando de um lado para o outro como uma folha de grama alta ao vento. Assim que me aproximei o suficiente para o seu gosto, ele virou à esquerda, desaparecendo em uma passagem (ou talvez mais um túnel), construída inteiramente de livros antigos e empoeirados.

Uma luz dourada cintilava no final do túnel.

Ao sair do túnel, encontrei-me numa seção da biblioteca com pé-direito alto, que parecia muito diferente do resto. Uma mesa. Uma cadeira. No canto mais afastado: uma cama, parcialmente escondida atrás de uma cortina de veludo bordô com uma franja de borla dourada. As paredes eram feitas das próprias

estantes de livros, que haviam sido dispostas de forma a criar uma espécie de santuário interno, separado de todo o resto.

O tapete sob os pés estava gasto na entrada do recanto aconchegante. Gasto também ao longo da parte em frente à grande lareira na parede oposta, onde o fogo crepitava alegremente na grelha; as falhas ali indicavam muitas horas durante as quais alguém havia caminhado de um lado para o outro, perdido em seus pensamentos.

No centro do espaço claustrofóbico havia uma grande mesa, sobre a qual repousava um mecanismo feito de engrenagens e longos braços finos com brilhantes esferas de latão presas nas extremidades.

Os braços estavam imóveis, mas com o tempo, começariam a se mover. Era um planetário

mecânico. Um belo planetário, aliás. Houve um no escritório do meu pai. Como um Faeling, eu ficava fascinado pelo seu funcionamento complexo. Meus pais se sentavam diante do aparelho, estudando-o longamente. Eles me mostravam os planetas representados pelos globos de prata e cobre incrustados — como eles dançavam uns ao redor dos outros, todos girando em torno do sol dourado muito maior em seu centro.

Este planetário era muito diferente daquele que havia no escritório do meu pai. O alinhamento e o *número* de planetas eram diferentes. Era belíssimo, sem dúvida.

Se houvesse tempo, eu teria ficado e apreciado o trabalho artesanal do dispositivo por mais tempo —

os planetários eram notoriamente difíceis de fazer —, mas eu viera em busca de seu dono, e tinha a sensação de que o encontraria entre as *verdadeiras* estrelas.

Uma escada rolante estava parafusada na parede à direita. A seis metros de altura, uma pequena janela estava aberta, a pesada cortina parcialmente fechada ondulando com a brisa fria. O gato estava sentado na base da escada, olhando para a janela aberta, cujo significado era claro: Seu amigo está esperando por você lá em cima.

Que assim seja.

Ao pé da escada, o gato miou, piscando lentamente para mim. Deu uma volta, como os gatos fazem quando vão se deitar para tirar uma soneca, mas quando este esticou as patas dianteiras, tornou-se novamente uma coisa de tinta e escuridão e desapareceu na longa sombra que eu projetava sobre o tapete carcomido pelas traças.

"Tudo bem, então", murmurei para mim mesmo.

Não senti nada de diferente. Além de ter acabado de presenciar o ocorrido com meus próprios olhos, não havia nenhuma evidência de que o gato tivesse *se fundido* comigo de alguma forma. Dei de ombros e subi a escada. A janela tinha um metro de altura e apenas sessenta centímetros de largura. Tive que me curvar consideravelmente e inclinar os ombros para passar por ela e sair para a estreita passarela além. Um parapeito baixo circundava o teto em forma de cúpula, oferecendo proteção mínima contra o precipício de noventa metros que se estendia do outro lado.

Lá em cima, as estrelas fervilhavam, brilhantes e intensas.

Eu já havia percorrido metade da cúpula quando me deparei com a seção plana e recuada do teto, onde um homem estava sentado em uma pequena escrivaninha desgastada pelo tempo, empoleirado no alto, rabiscando em um livro com uma pena. Embora ele não olhasse para mim. Ele sabia que eu tinha chegado: a breve pausa. . e depois a retomada de sua escrita confirmaram isso.

Outrora, Foley fora filho de um lorde. Seu pai, Warrick Briarstone, fora conselheiro do Rei Rurik.

Sua linhagem familiar só perdia em poder e prestígio para a dos Daianthuses. Se o verdadeiro rei não tivesse sido assassinado por Belikon, Foley teria ascendido ao posto de segundo homem mais poderoso de toda Yvelia. Era dever do conselheiro do rei agir em seu lugar em emergências, e, como tal, muita responsabilidade recaía sobre seus ombros. Foley nascera para ser respeitado e trabalhar diligentemente a serviço de seu reino, mas, em vez disso, aprendera a lutar e se juntara à Lupo Proelia. E agora se escondia em sua torre no topo do mundo, em meio a um oceano de livros, um vampiro rejeitado, com medo demais para olhar para cima e encarar um velho amigo.

O ato de riscar com a pena finalmente cessou. Ele a pousou. "Vejo que Guru pegou carona com você", disse ele baixinho. "Ele faz isso às vezes."

Quando olhei para baixo, vi que o gato já estava lá, olhando para mim. Inteiro. Vivo. Ronronando.

“Ele gosta de perseguir os pássaros. Eles costumavam pousar aqui à noite, há muito. . tempo atrás.”

Ele pareceu se perder no meio da fala, como se, na verdade, estivesse cansado demais para terminar o pensamento em voz alta e tivesse que se forçar a concluí-lo.

"Foley." Eu disse o nome dele, e o homem estremeceu ao ouvi-lo. "Foley, *olhe* para mim."

Ele encarou o livro, paralisado.

“Tudo bem. Ótimo.” Não havia uma segunda cadeira no telhado, apenas aquela em que Foley estava sentado, mas havia um caixote de madeira cheio de quinquilharias que ele obviamente usara para transportar coisas até aqui. Virei o caixote de cabeça para baixo, despejando os tubos de couro, os frascos de tinta e outras coisinhas no telhado, virei o caixote de volta e sentei-me à sua frente.

Por onde eu deveria começar? Foley e eu nunca tínhamos rido muito juntos. Ele sempre fora muito mais sério que os outros. Mais sério até que Renfis. Mas havia uma camaradagem natural entre nós dois. Uma compreensão, pode-se dizer, de uma vida que deveria ter sido, agora perdida. Ambos fomos alvo da ira de Belikon — herdeiros de um futuro que ele se esforçou tanto para destruir — e suportamos sua atenção constante até que se tornou insuportável. Nos tornamos irmãos por necessidade, mais do que por qualquer outra coisa. Inseparáveis. Mas tanto tempo se passou. Vidas inteiras durante as quais ambos suportamos o tipo de sofrimento que teria acabado com a vida da maioria dos outros homens.

Eu não sabia por onde começar, mas a última coisa que eu faria seria apressá-lo. Sentei-me em silêncio, inclinando-me para acariciar o gato quando ele se aproximou e começou a implorar por carinho. Guru era um nome apropriado para ele; parecia sábio. O vento brincava com nossos cabelos e puxava nossas camisas. Desfazia os contornos nítidos de Guru, borrando-o como se fosse um desenho a carvão sendo apagado de uma página.

Foley ergueu os olhos do livro, lançando um olhar para a direita, para a elevação do telhado de ardósia em forma de cúpula da torre. Ele cobriu a boca com a mão.

"Você não precisa fazer isso", disse ele, abafando as palavras com os dedos.

Sorri lentamente, com tristeza, arqueando uma sobrancelha para ele. "E quando é que você já *me viu* fazer algo que eu não queria fazer?"

Ele bufou, como se reconhecesse a veracidade daquilo, mas não disse mais nada.

Deixei o silêncio se prolongar por mais um instante, e então disse: "Há um fogo aceso aí embaixo.

Chamas de verdade, não apenas uma luz tênue."

Ele assentiu com a cabeça. "Gosto do calor que isso traz", disse ele. "Isso. . me *faz lembrar* de. ."

Sobre como era viver. As palavras ficaram subentendidas, mas captei perfeitamente o seu significado.

"Notei os títulos em Alguns daqueles livros ali embaixo também. Você fez da seção de filosofia e moral o seu lar?" Permiti-me um pequeno sorriso.

Foley fez o mesmo, mas *seu* sorriso era forçado ao redor dos olhos. "Hum", disse ele. "As criaturas daqui também não demonstram muito interesse. Parecia o lugar mais seguro para mim." Ele riu amargamente, finalmente voltando seu olhar para mim. "Você parece a mesma", disse ele. "Tal costumava me contar o que você estava passando. Eu.. " Suas sobrancelhas se ergueram. "Pensei que você nunca se livraria disso. Eu queria ajudar. Eu.. "

Lentamente, balancei a cabeça negativamente. "Já passou. Acabou. Superou. Estou bem."

"Você está dizendo isso só para me fazer sentir melhor?", perguntou ele.

Balancei a cabeça. "Estou falando sério." E *estava mesmo* . Meus sonhos eram frequentemente pesadelos, mas nada que eu não pudesse suportar. Com cuidado, eu disse: " *Ela* tem a tendência de fazer as coisas parecerem melhores." Dei uma risada, um pouco constrangida com a confissão.

"Mesmo quando *não estão* ."

A cadeira de Foley rangeu quando ele se recostou. Seus olhos se estreitaram para mim e, pela primeira vez, percebi que ele *não* era mais o mesmo. Não completamente. Suas pupilas estavam verticais agora, em vez de redondas. Havia uma sombra fugaz e assustada por trás de seus olhos que me apertava o peito.

Ele tinha o cabelo cortado curto.

Deveria ter sido mais longo.

"Ela?", disse ele. "A mulher? Saeris?"

Dei uma risadinha ao ver sua aparente surpresa. "É essa mesmo."

Ele pareceu ter dificuldade em encontrar as próximas palavras. "Então é real? Os Laços de Deus?

Tudo isso?"

Fiz um biquinho, parando por um instante para encarar a mesa. "Meu Deus, espero que sim. Se não for, então perdi a cabeça de vez. Parece mais real do que qualquer outra coisa que já vivi. Ela é. ."

Meu Deus. Como diabos você descreveu Saeris Fane?

"Extraordinário", disse Foley. A maneira como ele disse isso não soou totalmente como um elogio.

A palavra era, no mínimo, uma condenação.

Mais uma vez, ri. "Ela mudou tudo", admiti.

“E o fato de ela ser meio vampira? E de ser a governante deste lugar?”

"Não significa nada", eu disse. "Ela não é metade de nada. Ela é toda *Saeris* . Eu a amo."

Meu velho amigo me observava, seus olhos rápidos percorrendo meu rosto. Depois de um longo momento, ele disse: "Certo", como se isso resolvesse a questão e nunca mais fosse tocá-la. "O que mais?", perguntou ele.

“Você vai voltar para Cahlish”, eu lhe disse.

Foley balançou a cabeça. "Não vou. Vou ficar aqui."

“Foley, você não pertence a este lugar. Você é—”

“Não vou a lugar nenhum. Não posso deixar Ammontraíeth—”

“Seu lugar é conosco. Com seus amigos. Sentimos sua falta. Você precisa de você. Nós—”

“DROGA, FISHER! VOCÊ NÃO ENTENDE O QUE É ISSO!” Ele socou a mesa com força. Sua pena saltou e rolou para o teto com um estrondo. “Existem pessoas que eu amo lá fora, no mundo. Você.

Lorreth. Vash. Mayen. Eu venderia minha alma para manter todos vocês em segurança, mas o demônio agachado no meu ombro já a levou. Não me resta alma. A fome *me consome* , Fisher.”

Lágrimas brotaram em seus olhos, vermelho-rubi e confrontadoras — uma verdade que não podia ser negada. Ele a pronunciou em voz alta, para que não houvesse mal-entendidos. “Eu sou um vampiro. Eu me alimento do sangue dos vivos.” Ele mostrou os dentes, exibindo-os para mim.

Dourados, gravados e ferozes. “Arrancaram meus caninos quando me recusei a ajoelhar e enfiaram estes na minha boca para que eu não pudesse me alimentar. Mas eu ainda bebo, Fisher. Pergunte-me como.”

"Não importa.

“De ratos. Pássaros. Qualquer coisa que eu possa caçar, pegar e matar. Porque agora faz parte de mim. A caça. A matança. Eu os despedaço e os esvazio até a última gota, e então faço isso de novo, e de novo, e de novo—”

"Não importa."

Um rastro de sangue escorria por sua bochecha. “Não há mais dignidade neste corpo, Fisher. Não sou mais seu irmão. Sou algo tão vil e desprezível que nem consigo escolher um nome para mim.

Monstro. Demônio. Assassino. Nenhum chega perto de explicar a maldade que corre em minhas veias. Eu—”

“Você é meu irmão. E isso não importa.”

Foley respirou fundo, com a voz trêmula. "Não posso sair deste lugar", sussurrou.

“Quando foi a última vez que você tirou uma vida?”

Ele fechou os olhos. "Eu.. "

“Quando foi a última vez que você atacou um membro das fadas e o deixou sem fôlego?”

Ele balançou a cabeça, engolindo em seco. "Não desde. . Ajun."

"Você não se alimentou de sangue feérico desde *Ajun* ?" Eu queria enterrar meu rosto nas mãos e gritar. "Quê—" Parei. Suspirei pesadamente. "Quando foi a última vez que você esteve perto de um membro vivo e respirando do povo feérico?"

“Seu amigo. .” disse ele, deixando a frase no ar.

Você pensou em comê-la?

“Não, eu.. eu estava mais focado em *matá*- la, receio.”

“Mas você também viu Lorreth, não viu? Tentou matá- *lo* ?”

Uma profunda ruga se formou entre as sobrancelhas de Foley, como se ele nem sequer tivesse considerado isso. "Não, eu. . não pensei nisso. Lembro-me de ter achado o cheiro dele atraente, mas.. não pensei em *me alimentar* dele."

“E antes disso, quando foi a última vez? Quando você esteve perto de alguém e a fome pareceu forte demais para controlar?”

Ele pensou bastante. "Setecentos anos atrás."

“E você comeu *aquela* pessoa?”

"Não."

“Pelos deuses, Foley. Você é tão. . argh!” A frustração transformou minhas palavras em um rosnado.

Rapidamente, antes que ele pudesse me impedir, cravei meus dentes no meu pulso e fiz um pequeno corte. Ele se levantou da cadeira e se agarrou ao parapeito antes mesmo da primeira gota do meu sangue atingir a mesa.

“Misericórdia! Deuses!” ele ofegou. “O que vocês estão *fazendo* ?” Seus olhos estavam cheios de medo.

“Você já não é novato nessa vida, Foley.” Eu não me levantei. Entre nós, Guru estava sentado confortavelmente, batendo com a pata na pena que havia caído no teto. *Toc. Toc, toc.* Ele pulou e veio correndo quando notou a gota de sangue que havia caído no chão aos meus pés. Uivando, ele olhou para mim, como se pedisse minha permissão; *claro que* aquela criaturinha estranha bebia sangue. “Vá em frente, pequeno príncipe”, eu disse a ele.

Os olhos atormentados de Foley quase reviraram quando o gato começou a lamber.

“Há setecentos anos, você era jovem. A sede ainda o dominava. Você não sabia como controlá-la.

Lamento informar, mas existem membros das Fadas lá embaixo, na cidade. Consigo senti-los daqui, o que significa que você *certamente* também consegue. Você não destruiu tudo lá embaixo, não é?”

"Não", disse ele, ofegante. "Não fiz isso."

“Pronto, então.”

Ele pareceu desmoronar do nada, dominado pelo medo. Mais lágrimas caíram, manchando sua pele pálida com filetes de sangue. "Como eu vou saber? Como vou *confiar* em mim mesmo?"

“Você saberá disso quando puder atravessar este telhado e voltar a sentar-se à mesa comigo.”

Ele observou meu sangue, que se acumulava na mesa à minha frente. Eu havia feito apenas um pequeno ferimento, nada que me causasse grandes problemas. O sangramento já estava diminuindo.

Logo pararia completamente.

“Eu *não consigo* , Fisher! Eu—”

“Não olhe para isso. Aqui. Olhe para isto.” Coloquei a mão no bolso e tirei a pequena caixa de madeira que eu estava carregando.

A atenção de Foley oscilava entre meu sangue e a caixa, meu sangue, a caixa, meu sangue. . Parou na caixa. "O que é isso?"

“É uma caixa.”

"Eu consigo *ver* isso", respondeu ele prontamente. "Mas.. o que tem *dentro* ?"

Bati na tampa da caixa. "Um *verdadeiro* demônio", eu disse a ele.

Foley girou, encarando a noite. Entrelaçou os dedos atrás da cabeça, sibilando em Fae Antigo.

“Otariallan dyer mé.”

Não estou brincando. Acredite, eu gostaria de estar, mas não estou."

Lentamente, Foley virou-se para olhar a caixa por cima do ombro. "Qual delas?", perguntou.

“Joshin.”

“Qual deles é esse? Não me lembro.”

“O demônio escorpião”, eu disse secamente. “Rei do Sonho Sombrio.”

“Deuses e pecadores têm misericórdia.” Foley baixou os braços, virando-se, seus dentes de ouro brilhando na luz tênue. “E o que você está fazendo, carregando isso *numa caixa* ?”

“Eu fiz um acordo com isso.”

“Você fez *o quê* ?”

“Eu não tive escolha. Doeu-me. Carniça também. Precisávamos do seu veneno.”

“Quem é Carrion?”

Quase ri. Em outra vida, céus, aqueles dois homens teriam confiado um no outro. Com pesar, eu Admitiu: "Ele é um amigo. Tenho certeza de que você o conhecerá em breve."

Foley mordeu a parte interna da bochecha, processando a informação. Seus olhos se voltaram para a pequena poça de sangue que esfriava sobre a mesa, mas logo desviaram o olhar. "Muito bem.

Então. . que tipo de acordo?"

Eu contei tudo para ele, palavra por palavra. "Um segredo e seu veneno em troca de nossas vidas.

Mas eu tive que concordar em revelá-lo quando estivéssemos bem. Jurei que não o colocaria em uma armadilha demoníaca."

“Caramba. Então está tudo lá dentro? Tudo mesmo?”

“O que *restou* disso.”

“E você está bem agora? Por que você não lançou isso?”

Ah, a beleza das letras miúdas. Mesmo com pressa e à beira da morte, sempre havia um jeito de negociar a seu favor se você prestasse atenção aos detalhes. "Porque eu não disse *quando* ia soltar", expliquei. "Nem *onde* . E a caixa não é uma armadilha para demônios. É só uma caixa." Bati com o dedo na tampa novamente, e o escorpião furioso lá dentro se atirou contra as paredes de sua

nova prisão. "Não se preocupe, Joshin. Vou cumprir minha parte do acordo em breve. Afinal, sou um homem de palavra." A caixa chacoalhou novamente. Lentamente, Foley se aproximou da mesa para ver melhor.

“Por que você trouxe isso aqui?”, perguntou ele.

“Porque não vou arriscar deixá-lo com Cahlish. Simplesmente não posso. E não posso continuar carregando-o comigo. Consigo ouvi-lo sussurrando o tempo todo, e bem, ele não tem exatamente nada *de bom* para me dizer.” Dei-lhe um sorriso torto. “Você ainda é membro da Lupo Proelia, Foley? Lá dentro?” Apontei para o peito dele.

O vampiro olhou para o próprio plexo solar, a mão direita fechando-se em torno do cabo de uma espada que não conseguia empunhar há quase mil anos. Seus olhos brilharam quando ele olhou para mim novamente. "Sim. Às vezes. Quando ouso sonhar com uma realidade na qual eu ainda possa ser *bom* ."

“Sonhos são apenas vapor e fumaça”, eu disse. “Não significam nada a menos que você esteja disposto a vivê-los. Você *é* bom. Você *é* meu irmão. *Você é um lobo.* Nada jamais mudará isso.”

Deslizei a caixa em sua direção sobre a mesa, prendendo a respiração. Ele faria isso? Ele se sentaria?

Com cuidado, Foley pegou a cadeira que havia chutado ao se levantar de um salto e a colocou de volta sobre a mesa. Sentou-se com uma lentidão dolorosa, mas sentou-se. Um longo momento se passou, durante o qual ele olhou para a poça de sangue brilhante, quase negra, na superfície da mesa e estremeceu. Finalmente, estendeu a mão trêmula e pegou a pequena caixa de madeira. "Vou guardá-la aqui para você por enquanto. Vou vigiá-la até que você a peça de volta. Mas, enquanto isso. . conte-me sobre o segredo do demônio."



32

A QUESTÃO SOBRE A APOIO

SAERIS

Não era uma tensão de raiva que eu havia sentido atrás da porta de Tal.

Tinha sido *sexual* .

Pelo amor de Deus.

Encarei o teto com atenção enquanto seguíamos o Guardião dos Segredos até seus aposentos, determinada a não ver mais nada do corpo nu de Tal além do que já tinha visto. Sentia o rosto queimar. "Onde você estava lá atrás?", sibilei, dando um tapa no braço de Carrion. "O que aconteceu com 'Vou garantir que ninguém mexa com ela'?"

Ai! Você é tão violenta! Você tinha toda a situação sob controle. E longe de *mim* interromper uma briga de gatas que está começando. Ela já foi embora, de qualquer forma. Ela saiu correndo rapidinho assim que seu *homem* apareceu aqui.” Havia um tom em sua voz, algo que soava decididamente nefasto. Quando o vi de relance, percebi que *seus* olhos não estavam no teto. Estavam fixos à frente, descendo, descendo. .

Dessa vez, bati nele com ainda mais força. " *O que* você está *fazendo* ?"

“Se ele não quisesse que ninguém admirasse sua bunda nua, teria vestido um roupão antes de vir até a porta, Saeris.”

“Você pode simplesmente *parar* —”

Tal se virou. Meus olhos voltaram a se fixar no teto.

“É louvável que você esteja tentando proteger minha modéstia, Saeris, mas Carrion tem razão. Eu não tenho nenhuma. Eu realmente não me importo se ele está olhando para a minha bunda.

Infelizmente para você, Swift, minha sexualidade não se inclina para o seu lado.”

“Não tem problema. O problema de se inclinar é que é *muito* instável. O chão pode ceder e você pode se ver inclinado para uma direção completamente diferente a qualquer momento. Eu mesmo já experimentei todos *os tipos* de inclinações.”

Tal sorriu para ele com um ar um tanto duvidoso. "Você será o primeiro a saber se o chão se mover sob meus pés."

Carrion suspirou, passando por mim. "Está tudo bem. Se fosse para acontecer, já teria acontecido.

Esse tipo de coisa geralmente ocorre *à primeira vista*, pelo menos no meu caso." Claramente, agora que a possibilidade de sexo estava descartada, ele havia perdido o interesse em mim. Apontou para a porta aberta à nossa frente. "Que diabos está acontecendo aí dentro, então?"

“Alguns amigos e eu estávamos apreciando uma taça de vinho”, disse Tal de forma vaga e evasiva.

Sete mulheres feéricas nuas estavam esparramadas em uma cama incrivelmente grande no quarto ao lado. Elas estavam em vários estágios de nudez; eu já havia passado tempo suficiente na casa de Kala para estar bem acostumado a ver mulheres andando por aí com a pele à mostra, mas isso era diferente.

As mulheres da casa de Kala usavam o sexo a seu favor. Pagava as contas e as mantinha seguras, e não havia nada de errado nisso. Mas havia uma fome no quarto adiante que eu nunca tinha presenciado na casa de Kala. As fadas naquela cama observavam Taladaius como se tivessem passado fome a vida toda, e ele fosse a primeira chance delas de uma refeição de verdade. O desejo delas

impregnava o ar, tornando o quarto denso. Parecia que o lugar inteiro explodiria se alguém acendesse um fósforo por engano.

Uma das mulheres no centro da cama começou a beijar a mulher ao lado, tocando-se entre as pernas enquanto o fazia, e Carrion mordeu o lábio inferior. "O que uma pessoa precisa fazer para garantir um convite para um dos seus saraus de vinho, Taladaius?"

Os cabelos prateados de Tal caíram sobre seu rosto enquanto ele se abaixava para pegar uma camisa do chão. Quando se endireitou, vestindo a camisa, um sorriso malicioso o invadia. "Ah, você é bem-vindo sempre, Carrion Swift. Pode se juntar a nós para um drinque agora, se quiser. Mas essas moças são minhas *amigas há um tempo. Elas estão acostumadas a um certo nível de.. conversa* . Você acha que consegue. ." Suas sobrancelhas se ergueram até a metade da testa, e seus olhos se desviaram para a virilha de Carrion. " *Conseguiu acompanhar* ?"

Eu tinha visto Carrion encantar as mulheres mais belas do Terceiro Distrito a ponto de as despir.

Ele conseguiu *me levar* para a cama com ele, e eu resisti bravamente. Nunca o tinha visto recuar diante de um desafio, mas a insinuação de Tal — de que as mulheres naquela cama estavam acostumadas a um certo nível de prazer que, aparentemente, Tal era mais do que capaz de proporcionar a todas as sete, sozinho? É, isso fez o contrabandista piscar.

“Hum. Sou bastante bom em conversar, mas.. talvez não seja tão experiente em conversar com *tantas* mulheres ao mesmo tempo.”

Tal tentou disfarçar o sorriso presunçoso, eu percebi. Deu um tapinha no ombro de Carrion. "Não se preocupe, Daianthus. A prática leva à perfeição." Ele se arrastou para dentro de uma calça que parecia ter sido jogada no chão às pressas, mordendo a ponta da língua enquanto a fechava com cuidado.

Pelos deuses, isso foi terrível. "Talvez devêssemos voltar mais tarde", eu disse. As mulheres na cama começaram a se tocar e acariciar, seus gemidos suaves implorando para que Tal voltasse para elas.

Ele ergueu um dedo enquanto caminhava de costas em direção à porta aberta. "Só um minuto." Ele fechou a porta. atrás dele, e a sala irrompeu em risinhos e gemidos ainda mais altos.

Carrion e eu nos entreolhamos sem jeito.

"Você ouviu isso?", perguntou ele.

“Estou tentando não ouvir *nada* agora.”

“Ele me chamou de Daianthus.”

“Ah. Certo. É, bem, quer dizer.. você *é* um Daianthus.” Pobre Carrion. Desde que descobrimos quem ele realmente era, o chamávamos de Swift. Ninguém se lembrou de perguntar se ele queria ser chamado pelo seu nome verdadeiro: Carrion Daianthus. Era um costume Fae, aprendi não faz muito tempo, que os pais não davam nome aos seus recém-nascidos durante um ano inteiro após o nascimento. Começou como uma questão prática — há muito tempo, uma alta porcentagem de Faelings não sobrevivia ao primeiro ano de vida, e dar-lhes um nome parecia um convite para o azar. Se a Morte não soubesse o nome de uma criança, como poderia encontrá-la e levá-la embora?

Muitos milhares de anos se passaram desde então. Faelings quase nunca morrem na infância agora, mas a prática da criança sem nome permaneceu por causa de uma antiga tradição.

Rurik e Amelia Daianthus nunca tiveram a chance de dar um nome ao seu primogênito. Ele fora chamado de Carrion pela mulher que o salvara da piscina de mercúrio em Zilvaren. Carrion, porque ela não sabia o que aquela palavra significava, e alguns guardas o chamaram assim quando ela o tirou sorrateiramente do palácio. E Swift, porque *ela* era uma Swift, e no instante em que pôs os olhos nele, berrando e nu, ele se tornou dela.

“Você quer ser chamado de Daianthus agora? Posso contar aos outros. É *seu* direito. E não é como se estivéssemos mantendo sua identidade em segredo ou algo assim. Você anunciou isso para todos lá no labirinto. O segredo foi *definitivamente* revelado.”

Carrion coçou a nuca sem jeito. "Não, tudo bem. Swift tem só uma sílaba. Daianthus tem três. Seria um trava-línguas para vocês pronunciarem enquanto gritam comigo. Não quero incomodar ninguém."

"Carniça."

“Swift está ótimo, Saeris. Esse nome me pertence tanto quanto qualquer outro. Estou feliz sendo quem sempre fui.”

“Eu entendo. Compreendo. Escuta, Carrion. Não tive a oportunidade de conversar direito com você desde que voltou, mas, bem, Fisher me contou sobre a Gracia, e, bem. .” Meu Deus, eu era péssimo nisso. No instante em que mencionei o nome da Gracia, Carrion se fechou. Eu vi acontecer.

“Está tudo bem. Você não precisa dizer nada, Saeris. Ela era uma senhora idosa. Uma senhora *rabugenta* . Ela acabaria morrendo. Estou acostumada. Tive *que* estar. Não precisamos—”

A porta do quarto de Tal se abriu de repente, e o rapaz de cabelos claros entrou com passos firmes.

Limpou a boca com as costas da mão, removendo discretamente um rastro de sangue do queixo.

"Muito bem, então. Presumo que precise conversar comigo sobre algo? Duvido que estaria rondando meus aposentos se não fosse por isso. O que seria?"

Entre a conversa complicada que acabei de arruinar completamente e a visão de todas aquelas mulheres nuas no quarto de Tal, eu havia temporariamente esquecido o motivo de nossa vinda. "

Mulheres *feéricas* , Tal?"

O vampiro me encarou, sem qualquer constrangimento. "Com certeza. Prefiro meus companheiros de cama aquecidos", disse ele. "Eles estão aqui por vontade própria. Nunca iriam para casa e eu não

teria um momento de paz se não os obrigasse a ir embora. Garanto que a troca é voluntária e mutuamente benéfica. Mas acho que você já sabe tudo sobre *isso* ."

O comércio de sangue.

As fêmeas ficavam eufóricas com o veneno de Tal e tinham os orgasmos mais intensos imagináveis, e Tal conseguia se alimentar. Só um pouquinho. Um gole de cada uma delas provavelmente foi suficiente para saciar sua fome, e eles se divertiram muito. Suponho que isso *tenha* parecido mutuamente benéfico.

“Um dia desses, vou parar de me sentir em desvantagem”, resmungou Carrion. “Por que você está corando, Saeris? *Você não cora.* ”

“Deixa isso pra lá. Só. . eu posso corar se eu quiser, tá bom?” Soltei um suspiro lento e constante.

“Tal, a porta do túmulo estava trancada, e aqueles dois idiotas da sua taverna estavam lá nos esperando.”

"Você tem uma *taverna* ?" Tal acabara de subir ainda mais no ranking de estima de Carrion.

Meu criador ignorou o comentário. “Sim. Eu mandei que fizessem isso. Ouvi de Lorreth que o conselheiro de Belikon e alguns de seus guardas escaparam pela porta de prata enquanto você estava no túmulo da última vez. Não posso permitir que os guardas de Belikon — ou *qualquer outra pessoa* , aliás — simplesmente apareçam em Ammontraíeth. Fazia sentido trancar a porta e colocar Anterrin e Khol lá. Eu precisava encontrar algo para eles fazerem, não é, já que Lorreth *mutilou* um deles.”

“E isso era para impedir a entrada de usuários de magia? Uma porta trancada?”

“Não, obviamente que não. Era para dar a Anterrin e Khol tempo suficiente para me avisarem do que estava acontecendo, para que eu pudesse lidar com a situação da maneira que achasse melhor.”

“Não deveria *eu* lidar com quaisquer problemas que surjam através do mercúrio?”

“Sim, Saeris, você deveria. Mas já que você continua desaparecendo com seu companheiro sem me dizer para onde vai, preciso estar preparado para tomar as rédeas da situação, não é?” Não havia malícia em suas palavras. Nenhuma ira. Ele me lançou um sorriso beatífico e começou a caminhar em direção à porta de seus aposentos. “Encontrei *isso* quando fui inspecionar o túmulo em busca de danos estruturais logo cedo esta noite.” Ele chegou à mesa lateral perto da entrada para seus aposentos e usou um lenço de seda preta para pegar a arma que estava sobre a madeira polida.

Era uma das lâminas que os homens de Belikon carregavam outro dia. Eu mal conseguira afetá-las.

Possuíam propriedades sobrenaturais — só de *tentar* ler os metais com meu poder, minhas têmporas latejavam. Tudo naquelas armas parecia errado. Mesmo agora, esta em particular atraía a luz e drenava o ar do cômodo.

“Não gosto desta adaga. Tocá-la quase me matou. Ela me fez.. ” Ele olhou para o teto, franzindo a testa. “Me deu vontade de arrancar a própria pele e me jogar num lago de fogo. É maligna, e não a quero mais nos meus aposentos.”

Ele estendeu a adaga para mim, gesticulando para que eu a pegasse. Eu não havia sentido o que ele descrevera quando lutei contra os guardas de Belikon, mas, por outro lado, eu nunca havia tocado em nenhuma das adagas deles com as mãos nuas. Provavelmente não seria prudente fazê-lo agora

também, por precaução. Talvez fosse como uma espada divina. Talvez apenas seu dono pudesse tocá-la dessa forma. Aceitei a adaga de Tal, usando o lenço de seda para proteger minha mão da mesma maneira que ele havia feito.

“O que *é* isso?”, perguntou ele.

“Não sei o que é. Orious chamou de lâmina nula.”

"Nunca ouvi esse termo", disse Tal. "Na verdade, não importa o que seja, contanto que não esteja mais *aqui* . É preciso jogá-lo em um buraco bem fundo ou algo assim."

“E onde eu poderia encontrar um *desses* ?”

“Além da crista oeste. Cavalgue por trinta minutos nessa direção e você encontrará muitos buracos no chão.”

Houve uma batida na porta. Tal abriu e uma mulher magra como um osso, com maçãs do rosto angulosas e olhos negros como carvão, estava do outro lado. Ela não era uma fada. Também não era de sangue nobre. Havia estranhas guelras com pregas em seu pescoço alongado; no entanto, pareciam ter sido costuradas. Seus cabelos negros e lisos caíam como um lençol de seda até os ombros, escondendo em grande parte suas guelras mutiladas. Ela abaixou a cabeça, a surpresa estampada em seu rosto ao perceber minha presença. Estava quase no chão quando estendi a mão e a segurei pelo cotovelo.

“Por favor, não faça isso”, eu disse a ela. “Não agora.” Eu já estava farto de ficar

de joelhos por um dia inteiro.

Os olhos da mulher se arregalaram, mas ela não protestou. “Minhas desculpas, Vossa Alteza. Senhor, peço desculpas por incomodá-lo. Vim informar que ainda não havia conseguido encontrar a venerável rainha para sua cerimônia de coroação, mas parece que o destino me sorri esta noite. Eu a encontrei aqui com o senhor.” A mulher colocou a mão no peito e fez uma leve reverência, e a luz incidiu sobre suas unhas metálicas, semelhantes a garras. Seus dedos eram duas vezes mais compridos que os meus e metade da espessura. Havia algo inquietantemente aracnídeo neles.

“Minha *prova de roupa* ?” perguntei.

“Sim. Para o baile de amanhã à noite. Entre, Yanica. Você pode tirar as medidas dela enquanto ela estiver aqui. Senão, ela vai escapar. Você também deveria tirar as medidas *dele* .” Ele apontou para Carrion.

Sorri distraidamente para a mulher enquanto ela flutuava para dentro da sala. Assim que ela entrou e começou a desenrolar um rolo preto cheio de utensílios de costura, me virei para Tal. "Desculpe, que *bola* ?"

“O Baile do Entardecer, é claro. Vocês não comemoram isso em Zilvaren?”

Eu estava prestes a dizer que não, claro que não, mas não consegui. "Na verdade, fazemos sim. Mas é um festival, não um baile", admiti.

“Madra sobe a um palanque e discursa para toda a cidade durante uma hora”, acrescentou Carrion.

“Discursa e delira sobre os perigos da magia e como monstros míticos das fadas estão tentando se

infiltrar no mundo.” "A cidade vai nos corromper e roubar nossos filhos." Ele sorriu, balançando os dedos.

Revirei os olhos para ele. "Depois disso, ela dá a todos uma porção dupla de água e uma tigela de ensopado gorduroso, e depois tem música. É o único dia do ano em que as pessoas não precisam trabalhar."

“Parece *delicioso* ”, disse Tal, secamente. “É um pouco mais divertido aqui.

Comida. Vinho. Dança.

Sexo. Historicamente, não houve grandes discursos. Você poderia mudar isso se estiver com saudades de casa, mas eu não recomendaria. Você já é bem impopular."

"Não posso ir a um baile agora, Tal. Não tenho *tempo* ."

"Você está enganada. Você não tem *escolha* . O Baile do Crepúsculo é imprescindível. O governante da Corte de Sangue preside a noite e deve abrir oficialmente as celebrações. A festa não pode começar sem a sua autorização oficial. Se você não comparecer, estará abertamente renunciando à sua posição como rainha e deixando claro para todos o que pensa de Sanasroth e da Corte de Sangue. Não seria nada bom. E mesmo que nada disso fosse verdade, é ainda mais vital que você compareça às festividades deste ano, já que o Baile do Crepúsculo agora também servirá como noite de seleção."

"Noite de seleção?"

"Sim. Só tivemos uma antes. Até recentemente, havia outro Lorde da Meia-Noite, Xarris. Ele foi morto pelo próprio irmão após uma discussão sem sentido. Uma seleção foi realizada, e foi então que Malcolm nomeou Algat como Lorde e Guardião dos Registros. Precisamos de outra seleção para que os candidatos que desejam se apresentar para se tornarem o novo Lorde da Meia-Noite possam ser considerados."

"Não sou eu quem supervisiona isso. Não *posso* ser responsável por tomar essa decisão."

"Bem, então, seu camarada deveria ter considerado isso antes de matar Ereth. Não que eu esteja reclamando, é claro. Ereth era um fanático repugnante com um hálito horrível. Mas agora só existem quatro Lordes da Meia-Noite, e precisam ser cinco, o que significa que, sim, *você* precisa ouvir as petições das pessoas e *escolher* um novo. Meu conselho? Faça isso rápido. Os nobres ficarão impacientes se tiverem que esperar muito para satisfazer seus desejos."

Fiquei boquiaberto. "Tal!"

"E também tem aquele pequeno assunto que discutimos no Fool's Paradise não faz muito tempo", disse ele, inclinando-se para perto. "O baile é a oportunidade

perfeita para resolvermos isso também.

Eu consideraria um favor pessoal se você pudesse ficar por aqui tempo suficiente para que isso também seja resolvido. E eu *salvei* sua vida, então. .”

Eu estava ferrado.

Ao que parece, é *de uma forma verdadeiramente majestosa* .

Eu desisti. "Tudo bem. Um baile." Levantei as mãos, exasperada. "Vou a um baile. *Ótimo.* "



"Se pudesse levantar os braços novamente, Alteza?" Yanica, com seus cabelos sedosos e unhas metálicas, me fez pular. Ela não emitiu um som enquanto se aproximava sorrateiramente por trás de mim. Seu perfume também não a denunciou. Ela não exalava nenhum odor.

“Desculpe, Yanica. Não tenho tempo para uma prova agora. Preciso tratar de outros assuntos. Mas tenho certeza de que você é uma excelente costureira. Não poderia simplesmente fazer a olho?”

A mulher deu um passo para trás, quase deixando cair a fita métrica que segurava. “Globo métrico?

Me desculpe, Alteza. Longe de mim corrigir a ilustre rainha, mas eu não sou *costureira* . Sou a alfaiate-mestra real. Sirvo a esta corte fielmente há duzentos anos. É meu privilégio e direito vestir a nobreza da Corte de Sangue. O vestido que a senhora usará amanhã à noite é uma demonstração do meu talento. Ele deve ser impecável.” Te serviu como uma luva. Me desculpe, eu.. eu não posso simplesmente *adivinhar* suas medidas. Uma roupa que não te sirva trará vergonha para minha casa e para o meu nome.

Tal não disse nada. Carrion enfiou as mãos nos bolsos e deu de ombros. "Desculpe, querida. Acho que não dá para discutir com isso."

A contragosto, deixei a mulher tirar minhas medidas.

A lâmina nula vibrava na bainha presa à minha coxa enquanto eu escalava.

Quando cheguei à biblioteca, minha perna estava dormente do quadril ao joelho, e eu queria chorar. Minhas runas doíam, a dor subindo e descendo pelo meu braço em ondas. Eu queria me livrar da arma tanto quanto Tal, mas sem saber exatamente o que era ou do que era capaz, jogá-la de um penhasco parecia uma oportunidade perdida. Orious havia dito que todos os guardas de Belikon estavam equipados com essas coisas, e depois do que aconteceu na tumba, era bem óbvio que teríamos que enfrentá-los novamente. Haveria mais guardas. Mais lâminas nulas.

Essa era uma oportunidade e, por mais desconfortável que fosse carregar a lâmina, eu realmente não tinha escolha. Precisava *estudá* -la.

Carrion havia ficado nos aposentos de Tal para ser medido. Ele dissera algo sobre ir buscar sua espada também, mas prometera me alcançar assim que terminasse. Na escadaria, o som dos meus passos era minha única companhia.

Quando finalmente cheguei, a biblioteca ressoava com um silêncio ensurdecedor. O cheiro de Fisher pairava denso no ar, indicando-me exatamente a direção que ele havia tomado quando subira ali mais cedo. Mas antes de me dirigir às estantes, eu precisava tomar precauções.

“Algat?” Meu grito ecoou pelo espaço abobadado.

Nada.

“Algat!” A Guardiã dos Registros tinha sido muito clara quando me disse que eu só deveria visitar a biblioteca na hora logo após o pôr do sol e na hora imediatamente antes do amanhecer. Ela não tinha autoridade para me dizer o que fazer, mas mesmo assim, se eu estava prestes a enfrentar a

velha bruxa, preferia saber disso com antecedência, especialmente porque ela provavelmente estava furiosa por eu ter pegado um livro da biblioteca.

A mulher não veio.

Saí correndo em direção às pilhas de facas. Caminhava cantarolando, tentando acalmar a inquietação que me atormentava — a urgência de arrancar a lâmina da bainha e arremessá-la o mais longe possível. Era uma sensação horrível, indescritível, mas a faca estava repleta de ódio. Ela *queria* causar dano.

O cheiro de Fisher se intensificava à medida que eu percorria as fileiras e fileiras de livros. Cada passo que eu dava me aproximava dele e, com isso, a tensão entre minhas omoplatas diminuía. Era como se uma corda estivesse esticada entre nós, e quanto mais distantes estivéssemos, mais ela apertava. Só quando estávamos juntos eu conseguia respirar direito. Ele estava pertinho—

"Oh!" Levei a mão ao peito. "Olá." Dei um pulo para trás, surpresa, mas o movimento repentino à minha frente era apenas um dos observadores de estrelas da biblioteca. O pássaro de papel pairava no ar a uns sessenta centímetros do meu rosto, balançando de um lado para o outro enquanto me observava. Dei um passo à frente e ele recuou, acompanhando meu movimento. Sua cabecinha parecia inclinar-se para um lado, e suas asas batiam freneticamente.

“Criaturinha curiosa, não é?” Estendi a mão, curiosa para ver se o pássaro pousaria na ponta do meu dedo, mas ele deu um pulo para trás e fugiu. “Ops. Desculpe. Tudo bem. Não vou te machucar.”

Ele voou para longe.

“Certo. Tchau, então.” Foi uma maravilha. Fiquei triste ao vê-la partir. Mas quando virei à esquerda, contornando outra fileira de livros, lá estavam *três* observadores de estrelas, pairando, esperando por mim.

“Hum. Estamos brincando?” Havia um tom de suspeita na minha voz agora. O aviso de Foley não tinha saído muito da minha cabeça. Ele dissera que os pássaros eram criaturas inocentes. Facilmente manipuláveis. Eu não estava preocupada com os pássaros em si. Foley também mencionara bruxas descontentes, enganando-as para roubarem meu cabelo, e foi *essa* ideia que me fez hesitar.

Desloquei meu peso para o pé esquerdo, apoiando as mãos sobre Erromar e Selanir, que estavam na altura dos meus quadris. "Vocês vão me deixar passar?"

Como se tivessem entendido o que eu havia dito, dois dos observadores de estrelas se moveram para a esquerda, o outro para a direita, abrindo espaço para que eu passasse.

“Obrigada.” Ligeiramente perplexa, continuei caminhando, virando outra pilha de papel — onde outros cinco observadores de estrelas me aguardavam. Por cima do meu ombro, os três que eu acabara de ultrapassar me seguiam de perto.

“Ok, isso está ficando um pouco assustador, pessoal.”

Mais deles surgiram de repente na esquina. Mais outros, sobrevoando repentinamente o topo das pilhas e mergulhando para baixo. Dezenas deles. Centenas. Eles se reuniram acima de mim, formando um círculo, o farfalhar das asas de papel ficando cada vez mais alto até se tornar tudo o que eu conseguia ouvir.

"Porra", sussurrei.

E então eu corri.

Mísseis brancos como osso zuniam perto das minhas orelhas enquanto eu corria pela biblioteca.

Esquerda. Direita. Direita de novo. Esquerda. Os observadores de estrelas roçavam minha cabeça, mergulhando, enroscando-se no meu cabelo, soltando-o da minha trança. Eles se chocavam contra mim, girando até o chão e deslizando, apenas para decolar novamente, rodopiando ao redor da minha cabeça.

Eu as espantei, derrubando-as no ar, mas elas apenas subiram novamente. Girei para a esquerda e colidi com uma pilha de livros que havia sido empilhada desordenadamente no chão. Eles caíram no chão. O chão deslizava em todas as direções, quase me derrubando junto, mas me mantive firme.

Avancei rapidamente, emergindo em uma pequena clareira em meio às pilhas de entulho, e minha frustração finalmente venceu o alarme.

Eram pássaros.

Pássaros de papel .

Parei de correr e protegi meus olhos com as mãos, espiando por entre os dedos para avaliar a situação. Havia tantos observadores de estrelas agora, centenas deles; voavam ao meu redor, cada vez mais rápido — um vórtice deles, girando em direção às vigas da biblioteca como um daqueles redemoinhos de poeira que varriam as dunas em Zilvaren, só que muito, muito maior.

Foi.. foi *lindo* .

Com cautela, baixei as mãos e observei tudo. Os observadores de estrelas formavam um túnel, e eu estava no centro dele. Os pássaros agitavam o ar, criando uma brisa que espalhava as mechas soltas do meu cabelo pela minha cabeça.

, nunca tinha visto nada tão encantador — ou *mágico* .

Se os corvos tinham seus assassinatos e os abutres seus velórios, então o espetáculo desses observadores de estrelas, movendo a harmonia, só poderia ser uma coisa: uma constelação.

“Impressionante. .” O pensamento foi sussurrado em voz alta, e os pássaros reagiram. Um único pássaro-observador-de-estrelas se desprendeu da massa giratória e caiu do céu como uma pedra.

Uma fração de segundo antes de atingir o chão, ele se ergueu e fez uma curva acentuada no ar, vindo direto na minha direção.

Aconteceu muito rápido; não consegui levantar a mão a tempo. A borda da asa da borboleta-observadora cortou minha maçã do rosto, deixando uma forte pontada de dor.

“ *Ahhh!* O quê—” Esta foi a *segunda* vez que um deles me cortou. “Isso *não* é nada *legal* ”, resmunguei.

Preparei-me para o que viria a seguir — a chuva de granizo de observadores de estrelas furiosos, todos prontos para me atacar. Sangrando. Morte por mil cortes — mas nenhum dos outros pássaros caiu no turbilhão de asas batendo. O ar parecia se adensar com a tensão. Os pássaros voaram mais rápido. Ainda mais rápido. Voaram tão rápido que se tornou impossível distinguir um pássaro do outro, e toda a massa se transformou em um turbilhão branco e esvoaçante.

Esticando o pescoço, olhei para cima e balancei a cabeça negativamente. "O que. . diabos.. está *acontecendo* ?"

De repente, o ciclone parou completamente. Os pássaros começaram a cair do céu, girando ou mergulhando de nariz, tal como o primeiro pássaro que me atingiu e caiu, sem vida, nos degraus do lado de fora da biblioteca. Observei, sem palavras, enquanto os primeiros pássaros a atingirem o chão começavam a se desdobrar, suas asas se abrindo, seus corpos, seus bicos, até se tornarem

folhas de papel amassadas. Outros se desdobraram no ar e flutuaram para baixo muito mais lentamente, como flocos de neve grossos. O mundo se tornou folhas de papel esvoaçantes e amassadas.

Peguei uma no ar enquanto ela passava flutuando perto do meu rosto, e lá estavam, no papel, linhas e linhas de uma caligrafia elegante e inclinada.

Na maioria dos casos, o poder é demasiado grande. O Alquimista terá de se render. .

Meu coração disparou.

Peguei outra folha de papel do ar.

. . muitas vezes doloroso. Historicamente, recomendava-se que um contrapeso fosse usado como uma espécie de mecanismo de transbordamento alquímico. .

A escrita falava de magia alquímica. Todas as páginas — *tantas páginas!* — estavam *repletas* de texto sobre alquimia. Minha mente não conseguia compreender. Eu havia vasculhado a biblioteca de Cahlish. Tanto Algat quanto Foley *confirmaram* que havia livros sobre alquimia nesta biblioteca, mas nenhum dos dois havia considerado os astrônomos amadores.

Os pássaros estavam ali há séculos. Há mais tempo do que qualquer um conseguia se lembrar..

E, durante todo esse tempo, elas haviam sido as páginas de um livro.

O mais rápido que pude, comecei a recolhê-las do chão. Pilhas e pilhas de papel. Estavam amassadas e amareladas pelo tempo nas bordas, mas a escrita estava no *interior* das páginas; as palavras ali, escritas em tinta preta, haviam sido protegidas pelas dobras do livro. Eu já havia recolhido metade das páginas do chão quando elas começaram a chacoalhar nas minhas mãos. Apertei a pilha entre os dedos, determinada a não perdê-las, mas então elas foram arrancadas por alguma força invisível.

“Não!” Meu grito ecoou pela biblioteca. *“Por favor!”*

As páginas não obedeceram. Voaram pelo ar e caíram umas sobre as outras, formando uma bola.

Diante dos meus olhos, organizaram-se numa única pilha ordenada.. e então se tornaram *um* livro.

Capa de tecido azul marinho.

Espesso.

Uma pequena borboleta prateada foi estampada em folha metálica na capa.

Fora isso, não havia bordas douradas. Nem borlas trançadas elaboradas.

Era um livro de capa simples, sem nenhum enfeite extraordinário. . e caiu no chão aos meus pés com um *baque* .

Deuses sagrados.

Prendi a respiração ao pegá-lo. A lombada rangeu quando abri a capa dura, como se fosse um livro antigo qualquer que simplesmente não tivesse sido aberto há muito tempo.

Para você, que os deuses te abençoem.

Obrigada por amarem meu menino.

—E

Uma única gota de sangue marcava a página abaixo da escrita. Vermelho vivo, ainda estava fresco.

Meu. O observador de estrelas me cortou porque queria testar meu sangue. Para ter certeza de que eu era quem ele pensava que eu era — *quem ele esperava há mais de um milênio.*

Aquele primeiro observador de estrelas também me pegou. Mas eu tinha saído da biblioteca, e. . os observadores de estrelas não podiam existir fora de seu santuário. Ele havia perdido sua magia antes que pudesse confirmar quem eu era..

Sagrado.

Porra.

Deuses.

O livro de Edina. Estava aqui o tempo todo, esperando para me encontrar..

“Saeris?”

Virei-me rapidamente, com o pulso acelerado. Kingfisher saiu das sombras e, sem pensar, guardei o livro atrás das costas.

Suas bochechas estavam vermelhas, seus cabelos despenteados, como se ele tivesse estado lá fora no frio. Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios quando ele me viu e parou, encostando-se na estante de madeira ao lado dele, enfiando os polegares no cinto em sua cintura. "Tudo bem? Ouvi você xingando como um pirata aqui atrás."

“Sim, está tudo bem. Eu—”

Encontre-o. Mas não *conte a ele. Estou falando sério. É importante. Ele não pode saber do livro. Só você.*

Entendeu?

A voz de Edina ecoava na minha mente. Lembranças dela, com os olhos marejados e o olhar desesperado, como quando falou através de Everlayne lá no quarto, em Cahlish. Ela não apenas me pediu para não contar a Fisher sobre o livro. Ela me *ordenou* que não contasse.

Olhei para o rosto do meu companheiro e vi as olheiras de cansaço. Ele tinha acabado de passar por poucas e boas por minha causa. Sim, precisávamos muito da prata que ele e Carrion tinham trazido.

Ele tinha voltado de Zilvaren, mas esse não era o *único* motivo de sua volta à minha cidade. Ele tinha ido por *minha causa* , para poder trazer Hayden para cá. Ele voltaria para lá de novo, mesmo odiando o lugar — eu nem precisaria pedir.

E foi até aí que eu cheguei.

Tirei o livro de trás das costas e o estendi para ele. "Sua mãe me falou sobre um livro", eu disse. "Lá em Cahlish, quando ela me disse que eu precisava selar minhas runas. Ela me disse que eu precisava encontrá-lo e que, quando o

encontrasse, não deveria contar a você, mas.. " Balancei a cabeça, continuando a estender o livro para ele. "Isso não me parece certo. Aqui. Eu o encontrei. Este é o livro."

O sorriso de Fisher foi se desvanecendo aos poucos, mas não desapareceu completamente. Adquiriu um tom triste enquanto ele se afastava das estantes e se aproximava lentamente de mim. Pensativo, pegou o livro e o abriu. Passando pela primeira página, onde havia um bilhete para mim e minha gota de sangue, seus olhos percorreram rapidamente o texto antes de ele cerrar os dentes e soltar um longo e profundo suspiro. Seus olhos brilharam como espelhos quando ele fechou o livro e me

devolveu. No instante seguinte, ele estava acariciando a minha nuca e depositando um beijo na minha testa.

“O livro é para *você* , Saeris”, ele sussurrou. “Mas obrigado por compartilhá-lo comigo.” Ele recuou, sem nem se dar ao trabalho de esconder que seus olhos estavam se enchendo de lágrimas.

Olhei para o livro, passando os dedos suavemente sobre a borboleta prateada com detalhes metalizados estampada na capa. "Mas.. você não quer ler?" Não fazia sentido. Se existisse um livro inteiro com a caligrafia da minha mãe, eu não sabia que tipo de crimes eu cometeria para poder lê-lo. Era uma mensagem do além. Uma mão estendida da escuridão. E Fisher não queria aceitá-la?

Aquele sorriso pesado e triste reapareceu. "Não", disse ele suavemente. "Era isso que ela queria. Eu confio nela. E confio em *você* , Little." Osha. Quaisquer revelações que possam estar contidas nesse livro são para você e somente para você. Você saberá o que fazer com elas.



33

SEM ARREPENDIMENTOS

MARTIM-PESCADOR

Meu filho,

Fecho os olhos e sonho com o universo, e há eventos que se estendem diante da minha mente como marcos numa estrada. São firmes e inegáveis em sua existência. Mas há caminhos que se desviam dessa estrada ao longo do percurso. Ruas laterais que podem levar um jogador no grande palco do destino para outra direção. Há muitos desses desvios na estrada que se estende à sua frente, e muitos que se estendem à frente do seu parceiro também.

Hoje, ela está numa encruzilhada. Vejo o caminho à frente de vocês dois e vejo vocês trilhando-o juntos. Mas o laço que os une será ainda mais forte se ela colocar este livro em suas mãos.

Gostaria de poder explicar mais. Gostaria de ter vivido para ver você se tornar o homem que sei que você será, mas não se preocupe. Eu testemunhei isso na morte e não mudaria nada. Sua alma está despedaçada pela consciência de que permaneci aqui por tanto tempo depois da minha partida, mas saiba que era necessário. E saiba que apreciei cada segundo que pude observar você deste lado do véu.

Não me arrependo de nada.

Eu te amo.

Tenho orgulho de você.

Agora devolva o livro para ela.

Sua mãe,

Edina



34

COMPLETAMENTE ERRADO

SAERIS

EDINA DAS SETE TORRES, PORRA .

Eu me sentiria um completo idiota se não tivesse decidido dar o livro para Fisher. Eu teria lido o bilhete que ela deixou para ele e saberia imediatamente que havia falhado em algum tipo de teste aos olhos dela. E claro, a mulher estava morta, mas eu ainda queria que ela *gostasse* de mim. Afinal, eu era apaixonado pelo filho dela. Por mais estúpido que possa parecer, eu queria ser *digno* dele aos olhos dela.

Eu estava louca para ler o livro de capa a capa, mas Ammontraíeth fervilhava com os preparativos para o baile da noite seguinte, e nem mesmo meus aposentos ofereciam privacidade. A cada cinco segundos, alguém batia à porta com uma pergunta urgente.

Que flores devem ser colocadas no estrado?

O vinho deveria ser misturado com sangue de recém-nascidos ou com sangue de virgens adolescentes? (Eu havia respondido categoricamente que o vinho não deveria ser misturado com nenhum tipo de sangue, e que qualquer pessoa encontrada sangrando recém-nascidos seria acorrentada a um poste e deixada do lado de fora para saudar o amanhecer.) Será que eu desejava que os Senhores da Meia-Noite se sentassem à minha mesa para jantar, em um lugar de honra?

Eu pedi que ouvissem música antes das petições? Se sim, que *tipo* de música?

Eu tinha alguma coreografia específica em mente?

A leitura se prolongava indefinidamente, e durante todo esse tempo, o livro parecia um peso de dez toneladas enfiado na frente da minha camisa.

O livro continha respostas, respostas *importantes* , e toda aquela bobagem do Evenlight Ball estava atrapalhando.

Fisher tinha voltado para passar mais tempo com Foley depois de me encontrar na biblioteca.

Carrion acabou aparecendo nos meus aposentos, com Simon ao seu lado e um sorriso presunçoso estampado no rosto. Assim que Fisher retornou, peguei o livro e minhas lâminas e anunciei:

“Vamos. Estamos indo embora.”

"Indo embora?" Fisher sorriu de canto. "Acabamos de chegar. Vocês não têm decretos reais para assinar? Decisões importantes a tomar sobre a grande festa __"



"Preciso de silêncio. Não consigo pensar aqui. Vou deixar um bilhete sobre o baile. Vou delegar todas as decisões sobre a festa ao Tal. *Ele* que resolva. Só preciso de um momento de paz, e não vou conseguir aqui."

“Com certeza quero voltar para a festa. Quero ver quem você nomeará como Lorde”, disse Carrion, erguendo os olhos do livro que estava lendo. “A roupa nova que Yanice prometeu também parece incrível. Preciso desesperadamente renovar meu guarda-roupa.”

Só mesmo o Carrion para estar pensando na própria aparência enquanto o resto de nós tentava evitar o fim do mundo.

“Muito bem, então”, disse Fisher. “Não precisa me pressionar. Vamos levá-lo de volta para Cahlish para o resto da noite. Eu mesmo tenho muito o que fazer por lá. Assim que voltarmos, abrirei um portal sombrio e encontrarei Lorreth. Eu não

ia buscá-lo até de manhã, mas tenho certeza de que ele ficará feliz em voltar para casa mais cedo. Abrirei um para Renfis também. Ele certamente já deve ter chegado a Ballard."

"Essa coisa está me deixando com uma sensação *estranha* ." Carrion olhou com desconfiança para a lâmina nula. Ela estava na beirada da bancada da forja, sua lâmina cor de grafite sem nenhuma marca, apesar de eu ter passado a última hora tentando raspar um pouco do metal para testar sua composição.

Agora eu conseguia sentir com precisão de que tipo de metais e ligas os outros objetos eram feitos.

As maçanetas. As trancas das janelas. Os abafadores que os espíritos do fogo usavam para apagar as velas. As várias armas espalhadas pela propriedade. Eu sabia do que todas elas eram feitas sem nem precisar pensar. Mas tentar decifrar a lâmina nula me fazia sentir como se estivesse caindo de cabeça em um buraco escuro toda vez que eu tentava pensar nela. A sensação era perturbadora, para dizer o mínimo, e me deixava desequilibrado e enjoado.

"Eu sei. Eu também não gosto disso", eu disse.

"Deveríamos enterrá-lo."

"Infelizmente, essa não é uma opção viável. Precisamos saber o que é para descobrirmos como torná-lo inútil. No momento, mal consigo afetá-lo com minha magia. Fisher não consegue afetá-lo de forma alguma." *Essa* foi uma constatação preocupante. Ele tentou empurrá-lo de um lado para o outro do banco quando voltamos para Cahlish, mas nada aconteceu. "Teremos que enfrentar as forças de Belikon em algum momento, e se todos os seus guardas tiverem essas lâminas, estaremos perdidos."

Fisher tinha saído para abrir os portões das sombras para Lorreth e Renfis — ele fez um trabalho louvável ao esconder sua preocupação com a incapacidade de mover a lâmina, mas eu a vi se escondendo por trás de seu sorriso frágil. Ele também nunca tinha experimentado nada parecido com a lâmina nula. O fato de que elas não podiam ser quebradas com uma espada divina era ainda

mais preocupante para todos. No registro Segundo a história de Yvelia, nenhuma arma jamais resistiu a um golpe direto de uma lâmina Alchimerana.

“Hum. Eu digo que a gente enterra isso e resolve o problema quando precisar.” Carrion olhou feio para a adaga, tentando se equilibrar nas pernas traseiras da cadeira. “Se o problema não está causando complicações imediatas, sempre foi minha política deixar as coisas como estão.”

"Quer dizer, enfiar a cabeça na areia?" O livro de Edina estava na prateleira encostada na parede do fundo. O que eu não daria para já estar na metade daquela maldita coisa. Mas eu queria estar sozinha quando o abrisse, e a pior coisa que você podia fazer com Carrion era deixá-lo suspeitar, mesmo que por um segundo, que você não o queria por perto. Você nunca se livraria dele se fizesse isso.

“Não. O que eu quero dizer é que não faz sentido se preocupar com um problema se você pode se preocupar com ele mais tarde. Ou, sabe, simplesmente adiar.”

“Hum. E aí, como você está se saindo com o seu direito de primogenitura?”

Carrion cambaleou, quase perdendo o equilíbrio e caindo para trás. Ele agarrou a borda do banco e se salvou por um triz. *"Com licença* ? Meu direito de primogenitura? Do que diabos você está falando?"

Lancei-lhe um olhar longo e penetrante. “Seu *trono* , Carrion. Em algum momento, você terá que pensar seriamente sobre o fato de ser o legítimo herdeiro do trono de Yvelia. Você—”

“ Já *disse* que não tenho interesse em prosseguir com essa candidatura, Saeris.”

“E tudo seria muito bom se houvesse um rei bondoso e benevolente governando o reino. Alguém que se importasse com seu povo e não sacrificasse suas vidas a torto e a direito para atingir seus próprios objetivos. Mas parece que esse não é o caso agora, *não* é?”

A forja ainda estava aberta ao tempo ao longo de uma parede — para ventilação, Fisher havia dito, quando me trouxera ali pela primeira vez. aqui — e a brisa leve vinha soprando rajadas de neve para dentro da oficina na última hora. Grandes flocos de neve pousaram nos ombros de Carrion, o branco em forte contraste com o preto de sua camisa e o ruivo vibrante de seus cabelos. Ele abriu os dedos, lançando-me um olhar de desamparo. "Há algumas semanas, eu era um ladrão e negociante do mercado negro."

“Não, você não estava.”

Carrion me ignorou. "Toda a minha memória recente é de Zilvaren e de todas as pessoas que conheci lá—"

“Você *sempre foi* o herdeiro de Daianthus, Carrion. Você estava preso em um reino ao qual não pertencia.”

“E agora, de repente, sou arrastado para cá, para um lugar que eu não tinha a menor ideia do que era, e esperam que eu lute por uma coroa que nunca vi, por um trono que eu sei muito pouco e por um povo que não me conhece nem se importa minimamente comigo?”

“O senhor está enganado quanto à última parte, majestade. Completamente enganado.”

Arqueiro.

Ele entrara na forja enquanto Carrion divagava. Levava tigelas de ensopado numa bandeja em direção à pequena mesa do outro lado da lareira, mas agora parara e encarava Carrion com muita seriedade. “Os feéricos e o povo de Yvelia podem não o conhecer, Mestre Swift, mas se importam muito com você. Em muitas casas, orações são feitas diariamente por você, desde que seus pais, bem. .” Ele fez uma careta. “Desde que seus pais nos foram tirados. Rurik e Amelia Daianthus eram monarcas bondosos e justos. Eles se importavam com o povo comum. De Ajun a Western Dow, as pessoas sonham que um dia o herdeiro Daianthus retornará e a crueldade que sofrem atualmente chegará ao fim.”

Foi a maior quantidade de palavras que já ouvi Archer falar sem gaguejar ou demonstrar nervosismo. Sua voz estava desafinada e falhava em alguns trechos, mas não vacilou.

Carrion encarou o espírito do fogo. Um músculo em sua mandíbula se contraiu, mas, pela primeira vez, o homem permaneceu em silêncio, sem nenhuma resposta rápida na ponta da língua. Como ele não disse nada, Archer fez uma pequena e educada reverência e, em seguida, levou as tigelas de ensopado até a mesa, onde as colocou e esperou, de costas para nós. Ele era tão pequeno — apenas cerca de um metro de altura. Sua estatura diminuta muitas vezes me lembrava de uma criança, embora ele fosse consideravelmente mais velho do que eu. Talvez, na verdade, fosse a inocência que ele parecia. De todas as

criaturas de Yvelia que eu havia encontrado desde que atravessei o mercúrio, os espíritos do fogo pareciam ser os mais adoráveis.

Quando ele se virou e sorriu para nós, a tristeza em seus olhos flamejantes finalmente revelou sua idade. "Você voltou para casa em tempos difíceis, mestre", disse ele. "Você viu tão pouco do seu reino. Você não o conhece, mas ele o *conhece* . Conhece seu sangue. Sua família governou Yvelia por gerações. Os Daianthuses nem sempre foram perfeitos. Seus ancestrais cometeram seus erros, mas sempre lutaram para se corrigir quando se desviaram do caminho. E *sempre* colocaram seu povo em primeiro lugar. Eu sei, em meu coração, que você fará o mesmo, Mestre Swift. Afinal, está no seu sangue."

Carrion tinha adquirido uma tonalidade cinza horripilante. Parecia que ia vomitar a qualquer momento. Seus olhos seguiram Archer enquanto este lhe trazia uma tigela de ensopado e uma colher, mas ele não via o espírito. Estava a milhões de quilômetros de distância, talvez de volta a Zilvaren, ou atraído para outro lugar, para os confins deste reino que ainda nem sequer conhecia.

“Para você, minha senhora.” Eu havia seguido o exemplo de Carrion e deixado minha mente divagar; também não havia notado Archer trazendo meu ensopado.

“Obrigado, Archer.” Peguei a tigela, sorrindo distraidamente, quando um pensamento me ocorreu.

“Archer, você está aqui em Cahlish há muito tempo, não é?”

A fada pareceu surpresa. "Oh, eu, uh—sim, minha senhora. Desde antes do Mestre Fisher nascer.

Mas eu lhe asseguro. . eu amo meu cargo, minha senhora. Eu não. . eu não gostaria de *sair* ."

“Archer, eu não quero que você vá embora. Por que você pensaria uma coisa dessas?”

O duende mudou o peso de um pé para o outro, inquieto. "Bem, é sabido entre criaturas como eu que, quando há uma nova senhora na casa, ela costuma substituir os funcionários por membros de

sua própria família e coisas do tipo. É sabido entre criaturas como eu que uma

nova senhora na casa pode significar ter que encontrar uma nova posição."

“Oh, céus, não, Archer. Você não precisa se preocupar com isso, eu prometo. Não tenho nenhum funcionário da minha casa. Eu nem sequer *tinha* uma casa em Zilvaren—”

“É verdade”, disse Carrion. “Ela era tão selvagem quanto uma gata infernal. Ela se esgueirava por qualquer janela aberta e tirava uma soneca sempre que podia.”

Lancei-lhe um olhar. "Sim, *obrigada* , Carrion. A questão é que eu não estava perguntando porque queria demiti-lo. Eu só queria saber se você já havia estado aqui antes, quando Edina ainda estava aqui. Mas suponho que você teria estado, se assumiu seu lugar em Cahlish antes do nascimento de Fisher."

“Ah, sim. Sim, absolutamente. Eu conhecia Lady Edina muito bem. Ela era quieta. Muito atenciosa.

Sempre pensando nos outros. Uma dama muito graciosa também, minha senhora. Quando ela se movia, era como se seus pés nem tocassem o chão.” Seu tom se tornou melancólico, seus olhos mais vidrados que o normal. O fogo dentro deles parecia brilhar um pouco mais forte. “Eu não sabia que ela era uma Oráculo. Não por muito tempo. Alguns Videntes se tornam distantes à medida que seus dons crescem. Eles sabem demais. Eles veem demais. Mas não Lady Edina. Ela permaneceu exatamente quem sempre fora. Mesmo quando aquele monstro a chamou, e ela teve que ir.. ” Ele balançou a cabeça. “Ela foi gentil. Não resistiu.” Mas ela estava com medo. Eu percebi. Sabe, *ela* também adorava vir a esta forja!” Ele se animou como se tivesse acabado de se lembrar disso. “Ela não entendia nada de metalurgia ou do funcionamento de uma forja, mas vinha e se sentava naquela cadeira, sim, aquela ali, a do lado da sua, e dizia que estava visitando uma amiga. Eu nunca entendi o que ela queria dizer, mas. . mas!” Ele ergueu um dedo indicador curto e grosso, e eu notei pela primeira vez que Archer só tinha *três* dedos, além do polegar.

“As flores favoritas dela sempre cresciam aqui, no pátio, ao longo da parede do fundo. Eu costumava colhê-las para ela. Ela adorava o cheiro. Espere aqui! Vou pegar algumas para você.”

“Archer! Archer, está tudo bem. Está frio lá fora, longe do fogo!”

Ele não me deu atenção, saindo correndo da forja. Em menos de um segundo,

estava com neve até os joelhos, e depois restou pouco mais que uma faísca brilhante fumegando na escuridão.

“Os espíritos do fogo estão desaparecendo. Você sabia disso?” Carrion levou uma colherada de ensopado à boca, comendo com muito menos entusiasmo do que o habitual. Na verdade, ele mal parecia interessado na comida, o que significava que a situação devia ser realmente desesperadora.

“Eu não sabia disso”, confessei. “Como *você* sabe?”

Ele deu um solavanco com o ombro esquerdo, num gesto que lembrava um encolher de ombros.

"Um espírito da água me contou."

“Ah, é? O que *mais* essa ninfa da água lhe contou?”

“Que era falta de educação se intrometer nas conversas pessoais de outras pessoas.”

“Vejo *que essa* lição não foi assimilada.”

“O que é que isso significa—”

Uma bola de fogo se acendeu no pátio lá fora, uma coluna de chamas laranja flamejantes na escuridão. Deixei cair a colher que segurava. Ela caiu com um estrondo no meu ensopado, espalhando comida por toda a bancada. Uma arma. Eu precisava de uma arma. Peguei a primeira coisa que vi. consegui alcançar e saí correndo, com os braços se movendo rapidamente enquanto dava um pique.

"Socorro!" O grito aterrorizado de Archer ecoou alto nos meus ouvidos. *"Socorro!"*

O espírito do fogo já havia passado pelo grande carvalho-vivo que ficava no meio da clareira; seu corpo estava envolto em chamas.. e havia um *comedouro* avançando em sua direção.

"Arqueiro!"

Meu sangue cantava um hino em meus ouvidos. A magia dilacerava meu braço

direito, minhas runas brilhando em azul intenso na escuridão. Cobre revestia minha língua. Meus caninos. Deuses, meus caninos cresceram tanto em minha boca que afundaram direto no meu lábio inferior.

Levou apenas um segundo para atravessar a clareira, mas foi um segundo a mais do que devia. O

alimentador segurava Archer pelo braço e tentava arrastá-lo de volta por cima do muro.

Em vida, fora um homem. Alto, com longos cabelos castanhos que me lembravam os de Ren. Agora que eu estava mais perto, pude ver que havia *tranças* de guerra em seu cabelo — e ele também usava uma armadura de couro marrom, desgastada, de renegado. Meu coração disparou com a possibilidade — seria ele? Algo terrível teria acontecido com ele enquanto esteve fora? Mas o alimentador se contorceu de forma antinatural na cintura, girando cento e oitenta graus para olhar por cima do ombro enquanto tentava escalar a parede, e eu vi seus traços.

Um rosto largo e achatado, com um queixo largo e quadrado. Nariz torto. Lábios finos demais e, além disso, dilacerados. O homem estava morto havia dias quando se levantou. E a decomposição. .

Oh, deuses.

"Infectado! Está *infectado* !" Parei bruscamente a um metro e meio daquilo, o alarme percorrendo meus nervos como um carcereiro chacoalhando um molho de chaves.

Veias grossas e negras se entrelaçavam sob a pele pálida do animal. Seus olhos eram completamente negros. Uma estranha luz branca pulsava através de sua garganta cerosa e brilhava em seu peito. Seu braço Agora estava em chamas, mas, por algum motivo, o resto permaneceu intacto, sem ser afetado pelas chamas de Archer.

“Minha Senhora!” Archer implorou. *“Por favor!”*

O espírito do fogo era uma bola de fogo, seu corpo negro e rochoso se debatendo e se contorcendo no centro. Por mais que tentasse, porém, não conseguia se libertar. O alimentador mostrou os dentes, rosnando, e então saltou *pela* parede,

agarrando-se aos grossos ramos de hera que cobriam a face da alvenaria com a mão livre.

Reagi sem pensar.

Arremessei a lâmina que segurava — não Erromar nem Selanir. A lâmina *nula* . Devo tê-la pegado do banco. Droga! Lancei-a pelos ares, rezando enquanto voava.. e então vibrei de alívio quando ela atravessou o ombro do alimentador e o prendeu contra a parede. Meu alívio durou pouco. No instante em que a adaga atingiu o alimentador, afundou *em* seu corpo, como se estivesse sendo

absorvida. O monstro jogou a cabeça para trás e soltou um grito profano que soava mais como êxtase do que dor. Músculos se expandiram ao longo de suas costas, multiplicando-se, seus bíceps dobrando de tamanho. De alguma forma, ele estava reagindo à lâmina. Crescendo. Ficando mais forte.

O horror e o espanto se misturavam dentro de mim. "Que *porra é essa* ?"

Archer gemeu, pendurado inerte nas mãos do alimentador. O espírito era feito de rocha sólida e tão pesado quanto uma das pequenas pedras que margeavam as margens do rio, mas o alimentador o ergueu como se ele não pesasse nada.

"Está levando ele! Está passando por cima do muro!" Carrion gritou atrás de mim.

Se conseguisse saltar por cima do muro de pedra, tudo estaria acabado. Archer nunca mais seria visto.

Dessa vez, peguei Erromar em minhas mãos. Saltei pela parede atrás do alimentador, determinado a arrancar sua cabeça, mas quando golpeei com a espada, o metal cantando no ar em busca de seu alvo, o alimentador soltou um rugido profano e recuou bruscamente. As trepadeiras às quais estava agarrado se soltaram da parede. Tanto o comedouro quanto o Archer tombaram para trás.. em cima de *mim.*

Eu caí primeiro no chão.

Minha cabeça se iluminou de dor, meus pensamentos se fragmentaram e depois se despedaçaram completamente quando o alimentador atingiu meu peito.

“Saeris!” Carrion não estava longe, a poucos metros de distância. Ele tinha Simon nos braços e avançava—

“Carniça, tenha *cuidado* !”

Eu não era totalmente Fae. Uma mordida de um alimentador comum provavelmente não me faria muito mal — não que eu tivesse cem por cento *de certeza* disso — mas definitivamente poderia matar Carrion. E este não era um alimentador comum. Eu não estava lá, às margens do rio em Irrín, quando aqueles alimentadores infectados atacaram. Também não vi a devastação que causaram, mas sabia a rapidez com que a podridão se espalhava. Sabia com que *facilidade* ela se transmitia tanto aos vivos quanto aos mortos.

"Não toque nisso!" gritei.

Não precisava ter me preocupado. O segundo Carrion se aproximou do comedouro e tentou arrancá-lo de mim; ele rosnou e o afastou com um tapa.

Aconteceu muito rápido.

Carrion bateu com força na parede do pátio, soltando um *"Guh!"* ofegante enquanto tentava se equilibrar. Atrás dele, as trepadeiras que sufocavam a alvenaria deteriorada de repente desabrocharam, mil minúsculas flores brancas explodindo e murchando diante dos meus olhos.

Pétalas secas caíram sobre o contrabandista, pousando em seus cabelos enquanto ele se afastava da parede.

“Minha senhora!” Deitado de costas, Archer chutava as pernas, tentando se levantar. O predador havia rolado para longe de mim e estava de quatro, avançando novamente pela neve suja, na esperança de conseguir um ângulo de ataque melhor. Um líquido negro escorria de seus dentes horríveis e quebrados enquanto ele se aproximava.

Minha mão direita doía, minha magia pulsava, implorando para ser liberada, mas a voz de Fisher ainda ressoava clara em minha mente. Ele tinha Ele liberou sua magia sobre os alimentadores infectados que enfrentara às margens do Darn. Renfis também, e o poder de nenhum dos dois feriu os infectados. Pelo contrário, os alimentadores absorveram a magia deles e a incorporaram *em* si, e a última coisa que eu pretendia era dar magia de graça para esse filho da puta. Eu

já tinha dado a ele a maldita lâmina nula.

“Vai brotar, Saeris!” gritou Carrion. “Cuidado. Vou cortar—”

“Carniça, não! Fique para trás!”

Como ele havia previsto, o alimentador saltou. Mas não foi o contrabandista que eu vi avançar para derrubar o monstro enfurecido no chão. Foi Archer.

"Corra, minha senhora!", gritou ele.

Chamas tomaram conta da minha visão enquanto um grito lancinante e doloroso rasgava a noite.

“Arqueiro! Não!”

O alimentador cravou os dentes no pescoço de Archer e o rasgou em um buraco enorme. Eu jamais imaginaria que o corpo de um espírito do fogo pudesse ser perfurado por dentes ou lâminas, mas assisti a tudo acontecer, o horror subindo pela minha espinha como uma escada.

Jatos de magma amarelo-alaranjado incandescente jorraram da garganta de Archer. O brilho era tão intenso que queimou meus olhos ao espirrar por todo o alimentador, atingindo seu peito, rosto e braços. O alimentador não reagiu de forma alguma ao—

Espere.

Não. *Estava* reagindo.

O monstro se contorceu, seus olhos negros como tinta se arregalando enquanto uma consciência antes ausente retornava. Sua mandíbula se abriu, aberta demais, e seu toco de língua retorcido e negro protuberou da boca enquanto o predador soltava um grito silencioso. Sua pele cerosa começou a derreter. Onde quer que o magma incandescente tocasse o corpo da criatura maligna, as veias negras e nodosas afloravam sob a superfície da pele. Abriu-se na superfície e se abriu, expelindo a matéria em decomposição com odor fétido de seu interior.

O icor atingiu a neve em cordões viscosos. No início, comportou-se de forma semelhante ao mercúrio — reunindo-se, sondando, buscando — mas então

começou a fumegar. A borbulhar. A *ferver* .

A linguagem era um conceito estranho para a mente putrefata de um alimentador, e ainda assim soava como se estivesse tentando gritar por socorro enquanto a podridão formava bolhas e queimava em seu interior. Ele se contraiu, os dedos se retorceram em ganchos, caindo de volta na neve. .

"Arqueiro!" As chamas do espírito do fogo se apagaram. Ele jazia de lado, as pernas se contraindo, apenas algumas pequenas fissuras em sua pele áspera ainda acesas por dentro, nos braços e no peito.

"Porra", sussurrou Carrion. Num instante, ele estava de joelhos ao lado do duende. "Ele está morrendo?"

“Eu não sei! Eu—” Estendi a mão, sem saber o que fazer, sem ter certeza se deveria ou *podia* tocá-lo.

No fim, não tive escolha. Archer *precisava* da nossa ajuda. Minhas palmas chiaram, a pele queimando, enquanto eu o segurava e o virava de costas. Os olhos do duende estavam abertos, embora as chamas que normalmente dançavam dentro deles tivessem quase se apagado.

Archer abriu a boca, ofegante, mas apenas um som áspero e rouco escapou de seus lábios. Sua garganta estava um caos. Brasas ardiam ali, ao redor da borda do ferimento. Uma espécie de rocha derretida escorria lentamente da fenda deixada pelas presas do devorador — o cheiro era terrível, como os próprios vapores do inferno. A mão do duende abriu e fechou no ar, tateando algo, qualquer coisa, seus olhos frios cheios de medo quando seu olhar encontrou o meu.

"Precisamos levá-lo para dentro", eu disse, em tom ríspido. "Ele está morto?" Eu não conseguia nem olhar para o comedouro.

“Sim”, respondeu Carrion. “Parece aquele ensopado. Aquela lâmina nula é tudo o que sobrou.”

“Certo. Ótimo. Você consegue correr e. . Precisamos de algo para levantá-lo. Ele é muito pesado.” As lágrimas ardiam nos meus olhos. Minha garganta doía horrivelmente; forçar-me a falar era como regurgitar lâminas de barbear.

"Que se dane isso", rosnou Carrion. Ele se agachou na outra extremidade do corpo de Archer e olhou-me diretamente nos olhos. "Você fica com as mãos dele. Eu fico com os pés."

O espírito tentou se desvencilhar quando o levantamos do chão gélido; mesmo tão perto da morte, ele não queria nos ferir com seu calor. Mas estávamos determinados, e a forja estava a apenas quinze metros de distância. As queimaduras doeriam, as cicatrizes seriam feias, mas não íamos deixar nosso amigo morrer na neve.



35

ENXOFRE

MARTIM-PESCADOR

“Chama-se enxofre . Não é exatamente como o nosso sangue. Mas *é* o que mantém um espírito do fogo vivo”, disse Lorreth.

Archer jazia sobre o pedestal coberto de musgo, com os olhos fechados. Parecia um pequeno monte de pedras. O suor escorria pela minha têmpora e descia pela minha bochecha, pingando do meu queixo enquanto eu o encarava, minha fúria crescendo a cada segundo.

É claro que era enxofre.

É *claro* que seria, porra.

Lorreth tinha acabado de atravessar o portão sombrio quando ouvi os gritos

vindos do pátio lá fora.

Iseabail tinha passado momentos antes dele. Saí correndo da sala de jantar sem falar direito com nenhum dos dois. Agora, estávamos todos nas entranhas da propriedade, bem no subsolo, onde os espíritos do fogo viviam. Havia uma *vila inteira de espíritos do fogo* aqui embaixo, na rocha matriz, muito mais profunda que os alicerces da propriedade. Os espíritos cuidavam de milhares de fogueiras, garantindo que as temperaturas chegassem a níveis insuportáveis. O ar era tão quente que queimava os olhos e sugava a umidade de uma pessoa como se fosse um pano sendo torcido. Não conseguiríamos ficar. Ficar aqui embaixo por muito tempo. Caso contrário, morreríamos, cozidos vivos, e isso não seria bom para ninguém, muito menos para o Archer.

Saeris e Carrion o salvaram.

Os dois pareciam estar se afogando no próprio suor enquanto permaneciam no final do que servia de cama para Archer. Suas mãos estavam inchadas e cobertas de bolhas horríveis, mas nenhum dos dois fez uma única reclamação. Eles encaravam o peito de Archer, esperando o leve movimento de respiração que indicaria que ele ainda estava respirando, enquanto Lorreth explicava o que eu não conseguia entender.

“É um elemento, na verdade. Enxofre. Uma espécie de magia por si só. Dá vida aos espíritos do fogo.”

E isso mata a podridão”, disse Carrion.

“Sim. Parece que sim.” Os olhos de Lorreth se voltaram para mim, preocupados. “O comedouro lá em cima foi destruído. Parece que derreteu parcialmente e depois queimou até virar cinzas. A podridão tinha começado a se espalhar para as trepadeiras ao longo da parede, mas usamos um

pouco do enxofre que Archer perdeu lá em cima para queimar as plantas afetadas, e sim, isso também impediu a propagação.”

“Certo. Então isso é uma boa notícia”, disse Saeris. “O enxofre impede a deterioração. Ótimo! Então por que vocês dois parecem que vão começar a dar socos nas paredes?”

Ela olhou para mim, linda mesmo com mechas de seu cabelo escuro grudadas

nas bochechas, e falou em minha mente para que só eu pudesse ouvir. *O que estamos perdendo aqui? Não deveríamos estar comemorando?*

Não podemos usar enxofre, Osha.

Iseabail, que estivera notavelmente quieta desde sua chegada, aproximou-se da cama de Archer. Ela usava as tradicionais manoplas de couro de seu clã nos antebraços, cada uma com as linhas onduladas que representavam as águas congeladas a leste das terras de Balquhidder. Seus cabelos ruivos estavam trançados e presos com cuidado. Ela era uma novata aos olhos de seu povo quando chegara a Cahlish algumas semanas atrás. Seus cabelos soltos e ondulados As saias a identificavam como tal. Ela retornou como prioresa, vestida de acordo com a linhagem arcana de sua família. Nos poucos dias em que esteve ausente, passou pela provação mais intensa que provavelmente enfrentaria em toda a sua vida. Estava provavelmente exausta e ferida, e mesmo assim retornou a Cahlish para ajudar.

“Como Lorreth mencionou, o enxofre dos espíritos do fogo *é* como o nosso sangue, e ao mesmo tempo não é”, disse ela. “O enxofre os mantém vivos. Como o sangue, ele flui por seus corpos, mantendo suas temperaturas internas elevadas. *Diferentemente* do sangue, eles não podem perder uma quantidade significativa. Algumas gotas, no máximo. Ele não se regenera como o nosso sangue.

Há uma quantidade finita de enxofre em Yvelia, e cada gota já tem dono entre os espíritos. Quando querem procriar, toda a comunidade concorda em doar uma pequena parte de si. Archer só sobreviverá porque outros membros de sua pira funerária doaram um pouco de seu próprio enxofre para elevar sua temperatura interna novamente.”

“A *pira* ?” perguntou Carrion.

Iseabail assentiu com a cabeça. "O nome de uma comunidade individual de espíritos do fogo. Sua família."

“Então eles não fazem sexo?”

Em circunstâncias normais, eu teria rosnado para o contrabandista por ser tão superficial e imbecil em um momento tão preocupante, mas, por uma vez, a pergunta não continha insinuações. Carrion parecia genuinamente confuso. Ele bombardeou Iseabail com perguntas sobre os espíritos do fogo, enquanto minha

companheira mordia o lábio inferior, encarando a figura imóvel de Archer.

Embora ela mantivesse seus pensamentos em segredo, eu sabia o que ela estava pensando. Esperei que ela dissesse.

Após um longo momento, ela falou novamente em minha mente. *Não podemos usar o enxofre. Para garantir o suficiente para erradicar a podridão e matar os alimentadores infectados, todos os espíritos do fogo em Yvelia teriam que morrer.*

Sim.



Então, continuamos ferrados.

Sim.

Meu Deus, preciso de uma bebida.

Soltei um suspiro pesado, outra gota de suor escorrendo pelo meu queixo. *Sim.*

“Em Zilvaren, eu sempre achei que a cidade deveria parecer maior vista dos telhados.” Saeris deu um gole no meu cantil e me devolveu. Ela olhou para a floresta iluminada que cercava a propriedade, semicerrando os olhos em direção ao horizonte. “Nunca pareceu. Eu conseguia ver os muros de cada ala dos telhados. Conseguia ver os muros nos cercando. Grades nas janelas.” Ela franziu a testa ao se lembrar disso, fazendo um gesto de corte com a lâmina da mão enfaixada no ar. Te Léna a curou o melhor que pôde, mas as queimaduras foram profundas. Levaria um tempo para que suas palmas se recuperassem completamente. “Não há muros aqui em cima. Nem grades nesta janela de prisão. O

mundo parece que pode se estender para sempre.”

Logo amanheceria. Ela estava exausta e talvez com um pouco de dor também, mas quando pediu para subir ao telhado, não tive coragem de negar o pedido. Eu precisava respirar o ar fresco da noite depois do calor sufocante da casa de Archer, de qualquer forma.

As terras ao redor de Cahlish estavam repletas de árvores que conheciam os nomes dos meus ancestrais. Meus pais se conheceram naquelas florestas. Namoraram ali, sob seus galhos cobertos de neve. As histórias que eu ouvira sobre eles na juventude — duas pessoas muito sérias que se tornaram completamente tolas por causa do amor.

“Meu pai perdeu um dedo do pé lá fora.” Gesticulei para a pequena área escura de mata, logo além da elevação da colina mais próxima. “Está vendo aquele ponto sombrio? Aquele onde não acumulou neve?”

Saeris olhou na direção que eu apontei e assentiu com a cabeça.

“Há uma lápide ali.”

Ela olhou para mim, com os olhos arregalados. "O que é um graven?"

“Hum. Uma espécie de. .” Pensei em como descrevê-lo. “Meio sátiro, meio troll? Com um toque de basilisco para completar.”

“O que é um basilisco?”

Dei uma risadinha discreta ao perceber o desgosto em seu tom. Tomei um gole do uísque que havia trazido para nós e devolvi o frasco para ela. "Uma cobra. Mais ou menos. Maior. Mais brava."

“Então, parte troll, parte sátiro, parte cobra.” Ela fungou, enxugando o rosto com as costas da mão; havia flocos de neve em seus cílios. “Nem consigo imaginar como seria, mas tudo bem. E quanto a esta escultura, então?”

“Ela mora numa casinha de madeira ali fora.” Apontei novamente para o trecho sombreado e sem neve da floresta. “Ela faz tinturas, pomadas e coisas do tipo. Há muito tempo, as pessoas negociavam com a criatura por poções e feitiços que acreditavam que desfariam maldições, curariam doenças ou

fariam as pessoas se apaixonarem por elas. Meu pai tinha sua própria magia, mas ele era como eu.

Ele comandava sombras e pouco mais. Quando conheceu minha mãe, ele estava contando apenas com o charme para conquistá-la, e não tinha muita fé em suas próprias habilidades nesse quesito, então um dia, ele decidiu visitar a criatura.”

"Para uma poção do amor?" Saeris revirou os olhos diante do absurdo da situação.

Eu fiz o mesmo. “Por uma poção do amor, sim. E a estátua disse a ele: 'Vou lhe fazer uma proposta.

Vou lhe dar minha poção do amor mais forte e eficaz. Uma poção tão potente que o objeto do seu desejo ficará impotente diante das suas investidas. Ela irá "Ela será sua para sempre se beber esta poção que farei para você."

“E daí? Qual era a pegadinha? Que acordo ele teve que fazer?”

Minha amiga era inteligente. Ela estava *aprendendo.*

Dei um pequeno sorriso ao pegar o frasco dela e beber novamente. O uísque me aqueceu por completo, até a base do meu diafragma. “O escultor disse ao meu pai: 'Eu lhe darei esta poção, e você viverá seus dias com uma esposa e uma família, e será extremamente feliz. Você será capaz de criar proteções poderosas e será um exemplo para o seu povo e para todos que o seguem e o apoiam.' E

meu pai ficou maravilhado com essa perspectiva e disse, como você tão astutamente adivinhou:

'Maravilhoso. Isso é tudo o que eu sempre sonhei e muito mais. *O que você quer em troca desses dons?* '

E o escultor respondeu: 'Seu pé direito. Quero seu pé direito inteiro.'”

"O que?"

“Hum-hum. O pé dele. Queria o pé dele. E meu pai disse. .”

Apontei para Saeris, que franziu o nariz, confusa, e perguntou: *"Por quê?"*

“E a escultura disse: 'Bem, estou farta dessas coisas fendidas. Sempre quis dois pés *de fada de verdade* para andar por aí. Há algum tempo, negociei com alguém pelo pé esquerdo dessa pessoa e tenho tentado completar o conjunto desde então.' E a escultura mostrou ao meu pai um pé esquerdo decepado, sobre uma almofada vermelha aveludada perto da lareira, e isso foi tudo o que ela disse sobre o assunto.”

“Mas seu pai não trocaria o próprio pé pela poção”, disse Saeris.

Ele não aceitou. Então a estátua disse: 'Tudo bem. Você não vai perder o pé, então que tal o seguinte: quando fico ao sol, não projeto sombra, e isso deixa as pessoas ao meu redor nervosas. Elas sentem. .' que sou diferente, e eles fogem de mim. Dê-me suas sombras, e eu lhe darei minha melhor poção do amor."

“Ele disse não de novo”, deduziu Saeris.

“As sombras do meu pai eram sua maior força. Claro que ele disse não. Então, o escultor estava muito frustrado e ficando cansado das negociações, então disse: 'Tudo bem. Esta é minha oferta final. Você me dá apenas *uma* de suas sombras, uma que você considere adequada para alguém como eu, e ficaremos quites.' Meu pai pensou sobre isso e, tendo decidido que uma única sombra era uma semente de magia da qual ele estava disposto e era capaz de se desfazer, concordou. O escultor preparou uma poção fedorenta e a entregou ao meu pai, e em troca meu pai lhe entregou a nova



sombra. O negócio estava feito. O escultor acompanhou meu pai até a porta de sua cabana e saiu para admirar sua nova sombra, mas era meio-dia e o sol estava a pino.”

"Então a escultura não projetava sombra", lamentou Saeris.

Assenti com a cabeça. "Pegou uma foice e foi atrás do meu pai. Chamou-o de mentiroso e trapaceiro, e não percebeu, enquanto o perseguia pela floresta, que o ângulo do sol havia mudado e a sombra de um majestoso boi agora estava costurada aos cascos do sátiro. Balançava a foice para lá e para cá, tentando arrancar o pé direito do meu pai. Chegou muito perto de conseguir, mas no fim, só conseguiu decepar o dedinho do pé."

Saeris franziu a testa enquanto olhava para a área escura da floresta. Deixei-a refletir por um tempo.

Finalmente, ela disse: "E a poção do amor? Funcionou?"

Eu ri baixinho. "Não, Osha. Meu pai era jovem e tolo na época, e não sabia de nada, mas não existe poção do amor. Ninguém pode ser forçado a amar

verdadeiramente outra pessoa. Isso roubaria seu livre-arbítrio. Minha mãe amava meu pai por quem ele era. No fim, o charme dele *foi* suficiente."

Saeris refletiu sobre isso por um longo tempo. "Sua mãe lhe contou essa história?"

Engoli um gole de uísque, fazendo uma careta por causa da ardência, depois coloquei a tampa de volta no frasco de bolso e o fechei. "Não. Foi *o Archer* . Quase todas as histórias que conheço sobre meu pai vieram dele. Vamos. Está crescendo cedo. Tem algo que quero te mostrar, pequena Osha."

A cabana do caçador estava azulada pela aurora. O rio lá embaixo murmurava, entoando a mesma canção que carregava desde o alto das montanhas até o encontro com o mar. Saeris voltou o rosto para o amanhecer e se banhou nos primeiros raios de sol que surgiram no cume de Omnamerrin e penetraram o vale abaixo.

"Eu não tinha me dado conta de quanta falta isso me fazia", ela sussurrou. "As coisas têm estado uma loucura."

Saeris não era de derramar lágrimas à toa. Ela chorava quando estava com raiva, não quando estava triste. Mas eu sabia que ela estava triste esta manhã, quando abriu os olhos para ver o sol despontar por trás das montanhas, e uma lágrima solitária escorreu por sua bochecha.

“Você pode vir aqui e aproveitar quando quiser.” Fiquei atrás dela, passando um braço em volta de sua cintura, puxando-a para perto até que suas costas ficassem encostadas no meu peito. “Um sonho é apenas uma invenção. Uma manifestação do que *poderia* ser. Lugares intermediários e sussurros de outros reinos. Eu tinha a sensação de que o sol não te afetaria aqui.”

A fumaça saía alegremente da chaminé da cabana, mas ainda não tínhamos entrado. O ar estava fresco e revigorante, e o céu aberto e límpido acima de nós transmitia uma sensação de liberdade.

Saeris era muito baixa para que eu pudesse apoiar o queixo em seu ombro, então o apoiei ali. Em vez disso, toquei levemente o topo da cabeça dela, cantarolando baixinho.

“O que vamos fazer sobre—” Ela começou a falar, mas eu a interrompi.

“Paz, Osha”, sussurrei em seus cabelos. “A podridão. Ammontraíeth. Everlayne. Nossos problemas não vão desaparecer. Estarão exatamente onde os deixamos, nos esperando quando acordarmos. Por agora, vamos apenas respirar fundo. Nós merecemos.”

Eu sabia que era verdade. Absolutamente verdade. Era fácil dizer isso para outra pessoa, olhar para tudo o que tínhamos passado ultimamente e perceber que alguém que tivesse enfrentado metade dos problemas que nós enfrentamos mereceria um segundo para respirar. Mas eu era tão culpada quanto Saeris nesse aspecto. Minha própria mente não parava de divagar, centenas de pensamentos disputando minha atenção, perguntas exigindo respostas. Foi preciso um esforço monumental para acalmar minhas preocupações.

Saeris se afastou do vale e me abraçou pelos ombros, olhando para mim. Suas bochechas estavam rosadas por causa do frio, seus olhos mais pálidos que o céu e duas vezes mais brilhantes. As pontas de suas orelhas também estavam vermelhas. Toquei a ponta de sua orelha esquerda com a ponta do meu dedo, sorrindo suavemente para mim mesma. "Eu me acostumei tanto com elas sendo redondas", eu disse. "No começo, fiquei horrorizada com a visão delas."

“Nossa, *obrigado* .”

Eu ri. "Desculpe. Não queria ofender." Toquei novamente a ponta de sua orelha inclinada. "Eu estava apenas muito. . *muito* preocupada. Humanos são difíceis de manter vivos em um lugar como este. Eu.. " Mesmo agora, confessar isso fez minha voz falhar. "Eu não queria te perder."

Outras mulheres já haviam me olhado com adoração no passado. Eu permitia, sentindo-me cada vez mais distante à medida que tentavam se aproximar. Quando Saeris voltou seus olhos azuis para mim, não tive escolha. Fui exposto diante dela. Fui reduzido a me ajoelhar, amaldiçoado pelos deuses. "Você tinha um jeito peculiar de demonstrar isso", disse ela. Com um sorriso torto, ela disse:

"E você ainda me deixa treinar com espada, mesmo sendo humano."

Ergui as sobrancelhas para ela. "Quer dizer que eu poderia ter te *impedido* ?"

“Tecnicamente, sim”, disse ela. “Você poderia ter me obrigado a não tocar em uma arma aqui em Yvelia, e eu não teria conseguido.”

“Hum. Sim, bem. .” Dei-lhe um beijo leve, roçando de leve sua têmpora com meus lábios. “Você nunca mais teria falado comigo. E de qualquer forma.. eu te conheço, Saeris Fane. Mesmo sendo uma humana frágil, você era forte. Independente. Teria destruído seu espírito se eu a tivesse protegido deste mundo. Suas escolhas tinham que ser suas. Eu vi isso no fim. Vejo isso agora também. Todos os dias. Você tem o *direito* de trilhar o caminho que se estende à sua frente. Não vou roubar seu caminho insistindo em carregá-la.”

Ela ficou em silêncio por um tempo, refletindo sobre isso. O vento soprou, brincando com seus cabelos, espalhando-os ao redor de seu rosto. Uma camada de nuvens passou em frente ao sol, tirando a cor do vale, e finalmente, Saeris respirou fundo e suspirou. "Obrigada", disse ela simplesmente. "Por não tentar me controlar."

Que coisa estranha para se agradecer, hein? Eu não fazia ideia de como eram os homens em Zilvaren, mas nunca me iludi achando que precisava *controlar* uma amante. Guardei tudo isso para

mim, no entanto. Ela não precisava ouvir. Em vez disso, abaixei-me e sussurrei em seu ouvido:

"Você é um incêndio, Saeris Fane. Não há como *te controlar* ."

Ela riu, inclinando a cabeça para trás até que ela repousasse em meu peito. "Então, vou considerar isso um elogio."

"Você deve."

“E se chegar o dia em que tudo isso se tornar demais, e eu *quiser* ser carregada? Pelo menos por um tempinho?”

“Então seria uma honra e um privilégio fazer isso, Saeris. *Nunca* duvide disso. Sempre que precisar que eu a ampare, estarei aqui.” Aqui estou, pronto e disposto. Enfrentarei o Tribunal de Sangue por você, se quiser. Enfrentarei Belikon, Madra e qualquer um ou qualquer coisa que deseje lhe fazer mal.

Naquele instante, a densa camada de nuvens de neve se dissipou, e Saeris estremeceu instintivamente, seu sangue vampírico lhe dizendo que deveria se esconder dos raios solares. Ela bufou, relaxando ao se lembrar de que a luz não a machucaria ali. "Você também terá que encarar o sol por mim, nesse caso",

ponderou.

“Com prazer.”

“E eu me tornarei *a sua* sombra.”

Eu a abracei um pouco mais forte, precisando senti-la perto. "Você deveria saber, Saeris.. Eu sou filho do meu pai. Minha força *sempre* foram minhas sombras."



36

QUEM DERA EU PUDESSE

SAERIS

“SAERIS! SAERIS! ELE É *acordado* !"

Acordei sobressaltado, tão assustado que não conseguia entender onde estava ou o que estava acontecendo. Por um instante nebuloso, pensei que ainda estivesse em Zilvaren, delirando por tentar dormir durante o julgamento. A realidade voltou aos poucos.. e então lá estava Archer, parado aos pés da cama, olhando por cima da cabeceira com olhos arregalados.

Espera, *o quê* ?

Sentei-me rápido demais, minha visão embaçando. "Archer! Você está aqui! Você acordou!"

O espírito do fogo não tinha sobrancelhas, mas eu ainda conseguia perceber que

ele estava franzindo a testa. "Não *eu* , minha senhora. Seu irmão. *Mestre Hayden* acordou!"

Ao meu lado, Fisher estava esparramado de bruços, os braços tatuados abertos, as duas mãos enfiadas no travesseiro. Quando se levantou, apoiando-se grogue nos cotovelos, o cabelo estava todo arrepiado. No instante em que percebeu quem estava parado aos pés da cama, sentou-se, jogando os cabelos para trás. "Archer. Que diabos você está fazendo aqui?"

O espírito do fogo recuou, uma pequena chama acendendo-se em seu ombro. "Eu, Mestre? Bem, eu vim avisar a senhora que o irmão dela—"

“Não, por que você está aqui em cima, dentro de casa? Por que você está *trabalhando* ?”

“Eu.. eu sinto muito, Mestre. Eu tentei *parar* aquele alimentador.. ”

"Está tudo bem, Archer. Você fez mais do que devia. Só quero dizer que você deveria estar lá embaixo, junto à pira funerária, se recuperando dos seus ferimentos."

“Ah.” O espírito do fogo relaxou. “Está tudo bem, Mestre Fisher. Espíritos do fogo não precisam de tempo de recuperação depois de se ferirem. Ou estamos vivos ou estamos mortos.” Ele soltou uma risada estridente. “O enxofre que meus irmãos me doaram levou a noite toda para esfriar. Assim que meus ferimentos cicatrizaram, acordei como novo.”

Ele se virou, com as mãos para o ar, balançando os quadris de um lado para o outro numa pequena dança que parecia muito mais ousada do que o normal. Quando terminou a dança, pigarreou e disse, bastante sério: "Estou um centímetro mais alto do que costumava ser."

“Ah. Hum. . parabéns? Muito bem”, eu lhe disse.

Ele inclinou a cabeça, aceitando o elogio. "Seu irmão está na sala de estar, minha senhora. Ele está bastante ansioso para vê-la."



Hayden.

Depois de tudo, ele estava aqui, e estava acordado. Por dentro, eu estava transbordando de emoção, mas me forcei a manter a calma enquanto me levantava e me preparava para vê-lo. Muito antes de ela morrer, eu havia prometido à minha mãe que cuidaria dele. Que o manteria longe de problemas e que não acabaria nas celas de Madra. Honrar essa promessa tinha sido um trabalho de tempo integral. Eu o tirei de inúmeras situações em que ele apostou água ou dinheiro que não tinha. Eu o protegi de Carrion mais de uma vez. As coisas que eu sacrifiquei, vendi ou troquei para garantir que meu irmão não morresse de desidratação. . e eu o trouxe para cá. Havia água em abundância em Yvelia. E comida também. Mas depois de tudo que eu fiz para manter Hayden vivo e em segurança em Zilvaren, será que trazê-lo *para cá* seria o que finalmente o mataria?

Com a corrupção e tudo o mais que estava acontecendo em Yvelia, a verdade é que Hayden talvez estivesse mais seguro ficando no deserto.

A ironia disso era amarga demais para engolir.

O que eu o havia trazido aqui para enfrentar?

O que ele ia fazer?

O próprio Fisher havia dito isso enquanto descansávamos: humanos eram difíceis de manter vivos em um lugar como este, e ainda havia tanta coisa sobre as fadas e a política de Yvelia que eu desconhecia. Eu mal havia começado a entender o que significava fazer parte deste reino, e agora eu havia trazido meu irmão para cá. Quando cheguei, eu era o único humano em Yvelia. Agora, o fardo desse título recaía sobre Hayden. . e eu não tinha ideia de como ele lidaria com isso.

Me movi lentamente, vestindo-me, observando Fisher pelo canto do olho enquanto ele fazia o mesmo. Os músculos de suas costas se moveram enquanto ele vestia uma camisa e se virava para mim, os dedos tatuados abotoando-a com destreza. "Sinto que você está preocupada", disse ele baixinho.

Abaixei a cabeça, calçando as botas. "Não adianta me dizer para não me preocupar", respondi. "Ele é meu irmão."

“Eu não ia fazer isso.” Fisher tirou o casaco de couro pela cabeça, ajeitando o protetor de peito. Em um instante, ele prendeu as tiras sobre as costelas. “Há

todos os motivos para se preocupar. O futuro é muito incerto para o seu irmão. É incerto para *todos* nós.” O assoalho rangeu quando ele atravessou o quarto e parou diante de mim. “Mas vamos descobrir juntos, Osha. Vamos superar tudo isso e, com o tempo, teremos uma ideia muito melhor de como as coisas estão.”

Eu sorri tristemente para ele. "Na verdade, eu *queria* que você me dissesse para não me preocupar", admiti. "Você poderia reformular tudo isso para mim, por favor?"

Os olhos de Kingfisher brilhavam de divertimento enquanto ele se inclinava para me beijar. "Quem me dera poder, Osha. Quem me dera poder."

Cahlish era um lugar enorme, cheio de cantos escondidos e secretos. Passei dias explorando quando Fisher me deixou aqui depois de eu ter sido atacado pelo alimentador na sala de jantar, mas ainda havia alas inteiras da propriedade que eu não tinha investigado. Quartos em que eu nunca tinha entrado.

Este era um desses quartos.

A sala de estar sul, como Archer a chamava. Uma fileira de janelas altas dava para um jardim de rosas envolto em branco. Os botões dos arbustos espinhosos estavam todos abertos apesar do frio, e um mar de flores aveludadas balançava do outro lado do vidro, suas pétalas escuras como sangue e polvilhadas de neve.

Uma poltrona estofada estava posicionada diante de uma lareira crepitante. Retratos emoldurados em dourado adornavam as paredes. Uma escrivaninha fora colocada junto à janela, como se quem ali escrevia suas correspondências gostasse de contemplar o jardim enquanto refletia sobre suas palavras. Era ali que Hayden estava, do outro lado da escrivaninha, olhando pela janela com as mãos nos bolsos.

A porta rangeu quando entrei no quarto, assustando-o. Ele se virou, seus cachos loiros tão despenteados como sempre, o rosto profundamente bronzeado, os lábios rachados. Seus olhos se arregalaram ao me ver. Ele não disse nada. Eu havia imaginado essa cena tantas vezes desde que cheguei a Yvelia, mas agora que Hayden estava ali e aquilo estava acontecendo, nenhum dos cenários que eu havia previsto se concretizava. chegando à conclusão. Meu irmão não parecia contente por estar aqui comigo. Ele parecia *assustado* .

“Então é verdade. Ele não te matou — aquele idiota gigantesco com as orelhas

pontudas.”

Abaixei a cabeça, sem saber se devia sorrir ou não. "Não. Ele não fez isso."

“Onde ele está, então?”

“O nome dele é Martim-pescador. E ele foi buscar um dos nossos amigos. Ele deveria tê-lo trazido de volta para Cahlish ontem, mas.. surgiu um imprevisto.”

Archer, no pátio, saltando em minha defesa.

Archer, quase morrendo para me salvar.

Pisquei para afastar as lembranças do enxofre jorrando de sua garganta.

Hayden bufou. Afastando-se da janela, atravessou o quarto e parou na minha frente, olhando-me de cima a baixo. A ponte do seu nariz era salpicada de sardas.

Caminhando lentamente em círculos ao meu redor, ele me inspecionou minuciosamente; seus ombros se tensionaram ao perceber minhas orelhas despontando por entre meus cabelos soltos, mas ele não fez nenhum comentário a respeito. Por fim, parou, ficando de frente para mim com as mãos ainda enfiadas nos bolsos.

“Você parece bem”, disse ele, com rigidez. “Saudável. Carrion me disse que você havia mudado.” Ele franziu a testa, o olhar se tornando distante. “Ele disse que você se tornou algo diferente. Como ele”, disse em voz baixa. “Agora eu entendo.”

" *Você* ?"

Ele assentiu. "Madra, ela anda dizendo a todos que você está morta. Assassinada por rebeldes feéricos. Ela fez um discurso muito convincente."

"Aposto que sim."

Ela está te pintando como um mártir da causa dela. Usando seu nome e sua história. Distorcendo tudo, fazendo você parecer.. como uma espécie de patriota de Zilvaren que amava sua cidade. Ela disse que você trabalhava para ela, um

súdito leal, assassinado violentamente por estranhos que usavam magia proibida.”

“E as pessoas estão *acreditando* nela?”

Hayden deu de ombros. "Não sei. É difícil dizer. Madra sempre disse coisas estranhas sobre as fadas.

Principalmente nesta época do ano, com o Festival da Luz Vespertina bem em cima de nós."

“Não me refiro aos *Fae* , Hayden. Refiro-me a *mim* . Que eu trabalhava para ela. Que eu era uma súdita leal de Zilvaren!” A mera ideia era absurda. Madra já havia contado algumas mentiras, mas essa era a mais revoltante. A vida inteira lutei contra o seu domínio. Fiz tudo o que pude para causar discórdia e caos em sua casa sem ser morta, e agora ela espalhava rumores de que eu trabalhava *para* ela o tempo todo? Trabalhar para ela significava espionar meus vizinhos. Significava sussurrar segredos em seu ouvido que não deveriam ser compartilhados. Significava que eu era uma traidora e uma mentirosa, e que eu havia traído meus amigos.

Hayden não me encarou. "Ela deu à cidade inteira rações extras de comida e triplicou o abastecimento de água em sua homenagem. Pelo seu serviço à coroa."

"O que?"

“O povo do Terceiro não aceitou isso. Eles despejaram o conteúdo de seus cantis na rua. Deram seu pão aos corvos. E te amaldiçoaram enquanto faziam isso.”

Aquela *vadia desgraçada* .

Eu não queria ser um herói para o meu povo. Não me importava se eles nunca soubessem meu nome. Tudo o que eu fiz para ajudar os rebeldes de Zilvaren foi em segredo e silêncio. Eu nunca precisei chamar a atenção para mim. Com certeza, eu não precisava de um tapinha nas costas de ninguém em reconhecimento aos meus "bons feitos". Mas a ideia de que o povo do Terceiro, *meu* povo, estivesse amaldiçoando meu nome e Recusar água extra em *protesto* contra mim? Puta merda.

Eu ia vomitar.

“Preciso voltar. Preciso esclarecer as coisas com eles. Todos os meus contatos pela cidade—”

“Não se preocupe, Saeris.” Hayden olhou para mim e a dura verdade que vi em seu rosto foi um golpe que eu jamais poderia ter esperado. “Eles não te querem.”

“Mas certamente, Elroy—”

“Elroy acredita que você é inocente. Ele te defende sempre que ouve alguém falar mal de você.”

Bem, *isso* foi um alívio. Claro que o velho sabia a verdade. Ele melhor do que ninguém. Mas e os outros? Muitos deles confiaram em mim. Muitos deles negociaram comigo, contaram comigo, e agora pensavam que eu os estava denunciando aos guardiões?

Foi uma jogada inteligente. Desacreditar alguém em quem o povo do Terceiro Império confiava.

Fazer com que questionassem *qualquer um* que afirmasse se opor a Madra. Fazer com que cessassem suas atividades incendiárias, por medo de quem pudesse sussurrar *seus* nomes ao ouvido da rainha.

“Ele está todo roxo.” O tom áspero de Hayden interrompeu meus pensamentos a mil. “Elroy. Toda vez que ele te defende, alguém lhe dá um soco. Ele já levou uma vida inteira de lábios rachados e olhos roxos ultimamente, e não é mais tão durão quanto pensa.”

Minha cabeça ergueu-se bruscamente, algo perturbador de repente se encaixando na minha mente.

Elroy acredita que você é inocente. Foi o que Hayden disse. *Elroy* acredita, e não *nós sabemos* .

Meu irmão não tinha uma única marca. Nenhum corte, nenhum arranhão, nenhum hematoma.

Ninguém *lhe havia dado um soco* ultimamente.

De repente me dei conta de que, desde que entrei na sala, ele não tinha sorrido

para mim. Não tinha me abraçado, porra. Nem sequer parecia aliviado em me ver.

Com a alma dormente, dei um passo cambaleante para trás, inclinando a cabeça para o lado na vã esperança de conseguir decifrar o que se passava em sua mente. "Você acha que fui eu, não é?", sussurrei.

Hayden cerrou os dentes, desviando o olhar.

“Você acha que eu traí meus amigos. *Você* acha que eu realmente trabalhava para ela!”

"Eu não *disse* isso", respondeu ele rispidamente.

“Mas você não está negando! Pelos deuses e pecadores, você realmente acha que eu trabalhava para ela, *não* é?”

"Eu não sei!" ele explodiu. "Como diabos eu ia saber? Você nunca me incluiu em nada do que estava trabalhando. Você nunca me deixou ir a lugar nenhum com você depois do acerto de contas. Você estava sempre em uma reunião secreta ou outra. Você nunca contava para onde ia, não é?"

“Então isso significa que eu estava em conluio com os guardiões, é isso? É *isso* mesmo?”

“Talvez.” Ele cerrou os dentes, olhando para mim com um ar de superioridade. “Você me excluiu.

Me manteve a quilômetros de distância de tudo que era importante. Eu não sei de nada, Saeris, e isso é culpa *sua* . E sempre *parecia* que tínhamos mais água e mais comida do que todo mundo—”

Ele não terminou o pensamento. Não conseguiu, com meu punho atingindo seu queixo. A cabeça de Hayden virou tão rápido que por um instante temi ter batido com muita força e quebrado alguma coisa, mas então a raiva que seu comentário havia provocado explodiu com toda a força, e eu torci para que tivesse *quebrado* alguma coisa. Agarrei-o pela frente da camisa e o empurrei para longe.

foder , Hayden. Mais comida?" Empurrei-o novamente. "Mais água?" De novo. Com mais força. As lágrimas embaçaram minha visão. Espetei o dedo em seu

rosto, tentando falar, mas só saiu um som de pura fúria. Tive que começar de novo. "Se tínhamos *alguma coisa* , se você não morreu de fome na areia, foi porque eu *sangrei* para te manter vivo. Tive que rastejar pelos canos de esgoto para chegar às reservas reais. Uma vez por semana, eu tinha que fazer isso por você. Você tem ideia de como isso era *nojento* ? E você *já* me ouviu reclamar alguma vez?" Empurrei-o com tanta força que



ele caiu desta vez, mas, como sempre, Hayden Fane teve uma aterrissagem suave. A cadeira estofada o amparou, salvando-o da indignidade de cair de bunda no tapete.

Minha boca estava cheia de bile e um gosto metálico. Um calor subiu pela minha garganta, vindo de algum lugar profundo no porão da minha alma. "Eu não te contei o que eu fazia todos os dias porque eu tinha que ir a situações tensas, em lugares horríveis, e fazer coisas desagradáveis", cuspi as palavras. "Eu não te levei comigo para esses lugares porque não queria que a vida fosse difícil para você como foi para mim. Mas agora eu vejo que te fiz um desserviço. Você tem essa.. essa maldita *ilusão* de que a vida deveria ser fácil, que ela te *deve* alguma coisa, e a culpa é minha." Dei um soco no meu próprio peito, cerrando os dentes até doer. "Eu me esgotei para cuidar de você. Invadi todos os outros bairros de Zilvaren, roubei, furtei, negociei e troquei, só para garantir que você estivesse confortável e com a barriga cheia. E aí você tem a *audácia* de me acusar da coisa mais hedionda que eu consigo imaginar, porque eu facilitei demais a sua vida enquanto todos ao nosso redor sofriam."

“Saeris—”

“Cala a boca, Hayden. Simplesmente cala a *boca* .”

“Não. Sua mão”, ele sussurrou. “Há algo errado com a sua *mão* .”

Outra runa em chamas.

Desta vez, a runa para enxofre.

A chama circundava artisticamente a runa de mercúrio sólido, entrelaçando-se com ela, conectada e, ao mesmo tempo, separada. Se possível, doía duas vezes mais do que a própria runa de mercúrio, e as linhas de fogo que subiam pelo meu

braço chegavam até o cotovelo. Por uma hora, apenas segurei o braço, respirando, tentando meditar para aliviar a dor. Só os deuses sabiam se a respiração e a meditação funcionaram, mas, por fim, as brasas fumegantes que a runa havia cortado na minha carne se apagaram e o símbolo brilhou em um vermelho suave.

Foi então que corri para o quarto de Fisher; o lugar que antes me fora uma prisão era agora o lugar onde me sentia mais seguro em todo Cahlish. Envolvido pelo cheiro do meu companheiro, sentei-me no tapete, com as costas apoiadas na lateral da cama, e finalmente peguei o livro.

Não era o livro que Algat me dera.

de Edina .

Querida criança, sei que você talvez não esteja confiando muito em mim agora. Eu a enganei ao pedir que mantivesse este livro em segredo do meu filho, e peço desculpas por qualquer ressentimento que isso possa ter causado. Não sou uma mulher que gosta de jogos cruéis, e não sinto nenhum prazer em enganá-la. Só posso esperar que você me perdoe pela artimanha e que um dia entenda por que isso foi necessário.

Receio que, com essa artimanha ainda fresca em sua memória, eu precise lhe pedir uma promessa solene. Estou infringindo todas as leis do universo com essa manobra, mas para que funcione, você não pode pular nenhuma parte deste livro. Você lerá coisas que o impedirão de enfrentar os desafios à sua frente por medo dos que virão, para a ruína de todos nós.

Eu imploro, por favor. Não faça isso.

Cada entrada neste livro foi escrita a serviço de um momento específico que estava por vir.

Para que tudo isso dê frutos, as peças do dominó precisam cair na ordem certa.

Dito isso, devo reconhecer que existem muitas maneiras de lidar com o que vem a seguir, e quase todas elas vão te matar.

Sua segunda runa despertou. A esta altura, você já deve saber que o enxofre não é um recurso abundante em Yvelia, como já foi um dia. Historicamente, os

alquimistas evitavam o segundo ramo da Tria Prima, não apenas por ser poderoso demais e difícil de controlar, mas também porque seu único propósito parecia estar ligado à morte e à destruição. Mesmo sabendo que você precisa dominar esta runa, dói-me aconselhá-lo a fazê-lo, pois selar esta magia em sua alma terá um preço muito alto.

Você terá que abrir uma porta dentro de si que será difícil de fechar depois. Eu não vou —

não posso — mentir para você. Você mudará se escolher trilhar este caminho. Mas, com a runa de enxofre selada em você, há uma chance de que você consiga usá-la para ajudar a salvar Yvelia do véu que vejo descendo sobre ela. Se você decidir rejeitar esta runa, ainda existem outras opções para repelir a escuridão, mas as chances de sucesso desses planos são mínimas em comparação.

Para ser justo com você, primeiro explicarei como você pode rejeitar sua runa de enxofre...

Continuei a ler, percorrendo com os olhos a caligrafia elegante de Edina, devorando suas palavras.

Ela sabia de tudo, naquela época. Tinha visto tudo. Estava tudo ali: um mapa para sobreviver ao caos e à dor que nos aguardavam. Era quase impossível não folhear o livro e ir até o final, para ver o que poderia inclinar a balança da vitória a nosso favor.. mas o aviso de Edina ressoava silencioso em minha mente.

Você lerá coisas que o impedirão de enfrentar os desafios que estão à sua frente por medo dos que virão, para a ruína de todos nós.

O aviso não me inspirou confiança. Afinal, o livro era *longo* . Mas, ao passar pelas instruções de Edina para rejeitar minha runa de enxofre — eu precisaria mergulhar minha mão em mercúrio e instruí-lo a *remover* a magia de mim —, ela explicou que a primeira metade do livro era um guia para meus poderes. Era a *segunda* metade que continha instruções a respeito da podridão.

O início de suas profecias dizia o seguinte:

Em relação ao Baile da Noite: vire esta página antes de sair dos seus aposentos.

Uma consulta está agendada.

Horas depois, minha cabeça ainda estava mergulhada no livro de Edina. Eu havia aprendido mais com ela em uma noite do que poderia ter aprendido em uma vida inteira vasculhando as bibliotecas de Yvelia em busca de fragmentos de conhecimento. E, honestamente, eu estava com medo. Os Alquimistas eram frequentemente corrompidos por seus poderes. Seus destinos eram regidos por sua força de vontade, mas também pela herança de seu sangue. Se eu nasci Alquimista, então definitivamente tinha um parente Fae em algum lugar da minha ancestralidade. Não saber nada sobre eles significava que eu não tinha ideia se tinha uma predisposição a sucumbir à minha magia ou não, e isso era assustador por si só. Mas havia mais.

Os Alquimistas não apenas canalizaram mercúrio. Em alguns casos, eles se tornaram tão intrinsecamente ligados a ele que se fundiram completamente, transformando-se em arautos dos

deuses de olhos prateados. Esses foram os Alquimistas que incitaram Belikon e seus seguidores a assassinar a linhagem Alquimera e erradicá-la deste reino e de todos os outros — porque eles haviam se tornado poderosos além de qualquer medida e ameaçavam o domínio do Triunvirato.

Enquanto eu lia, a dor na minha mão foi diminuindo aos poucos, até que a nova runa no dorso da minha mão cicatrizou. Era apenas um contorno, não preenchido como a runa de mercúrio que a precedera. Incompleto. Uma porta que não levava a lugar nenhum. Ainda não havia magia nela. Eu podia sentir isso. Mas talvez em breve *houvesse* .

Fisher me encontrou com o olhar perdido, tentando processar tudo o que eu havia lido, enquanto o crepúsculo tingia o céu de preto e anunciava a noite. Ele carregava Onyx nos braços; meu companheiro o levara consigo quando partiu de Cahlish mais cedo, e agora a raposinha estava animada para me ver.

Piando alto, ele deu um ganido, escapando dos braços de Fisher, e então se chocou contra meu peito, caindo de costas, com as patas traseiras erguidas e tufos de penugem branca flutuando no ar.

“Meu Deus. Você é ridículo.” Funguei enquanto bagunçava seu pelo, coçando suas laterais e a base do crânio, atrás das orelhas — seu lugar favorito.

Fisher cheirava a neve fresca, fumaça e um *leve* toque de açúcar de confeiteiro, o que me indicava que ele havia ficado tempo suficiente no Wendy's para tomar

uma xícara de chá e comer um biscoito Bettell com a moça antes de voltar para casa, vindo de Ballard. Estendi a mão para ele, e ele roçou a ponta dos meus dedos com os seus enquanto passava por cima de mim e se sentava no chão ao meu lado, encostando-se na cama. Foi então que percebi o quão abatido ele parecia.

Onyx estava ocupado lambendo minha orelha. Eu o acariciei distraidamente, franzindo a testa para meu companheiro. "O que foi? O que há de errado?"

Ele virou a cabeça para a direita, olhando para mim. "Ren", disse ele. "Ele deveria cavalgar ao longo do Rio Darn e depois subir até as Montanhas Rasas para negociar com os Fae Gilarianos, depois descer pelas florestas até Ballard e, em seguida, ir para Inishtar, onde eu o encontraria. Fui primeiro a Inishtar, mas os sátiros não o viram. Eles não sabiam nada sobre a podridão. Tive que contar a eles pessoalmente. Fui até Ballard para ver se Ren havia ficado lá me esperando, mas Wendy também não o viu. Depois, conversei com Royan, rei dos Fae Gilarianos. Ren os avisou. Eles já começaram a tomar medidas para isolar suas cidades nas montanhas. Royan disse que Ren deixou sua fortaleza há um dia e meio e não foi visto nas Montanhas Rasas desde então."

"O que?"

“Visitei todas as pequenas cidades entre Gilaria e Ballard para ver se ele havia sido emboscado, mas ninguém viu nem sinal dele.”

Um peso de chumbo, gelado como gelo, formou-se na boca do meu estômago. "Você não acha..

Belikon. ."

Fisher balançou a cabeça, ondas escuras roçando seus ombros. "Não. Ren é mais inteligente do que todos os guardas de Belikon juntos. Ele se move como um fantasma por aquela floresta." estradas.

Não tem como alguém ter se deparado com ele e entendido que devia ordenar que ele retornasse ao Palácio de Inverno em nome do rei. Não, isso é outra coisa. Simplesmente não consigo explicar.”

Você acha que ele está em perigo?

Fisher me lançou um olhar de soslaio que respondeu à pergunta sem rodeios. "Estamos todos em perigo, Osha. Mas sim, acho que Ren pode estar em maus lençóis. E não faço ideia de como encontrá-lo para tirá-lo dessa situação."



37

TRÊS MINUTOS

MARTIM-PESCADOR

O LIVRO AZUL estava na mesa de cabeceira de Saeris, em seus aposentos em Ammontraíeth. Eu evitava olhar para ele o máximo possível, mas não era fácil conter minha curiosidade dessa maneira.

Eu não abriria o livro. Eu nem sequer o tocaria. Mas saber que minha mãe o havia escrito por inteiro me causava uma dor lancinante no peito, bem onde deveria estar meu coração.

Antes do labirinto de Malcolm, houve dias em que senti a presença dela tão intensamente que soube que ela estava lá, parada perto da janela ou sentada junto à lareira, lendo um livro. Senti-a ali comigo, caminhando pelos corredores da propriedade durante anos, e me repreendi por me permitir tais fantasias infantis.

Acho que uma parte de mim sabia, de alguma forma, que ela ainda estava ali comigo. Eu falava com ela frequentemente, sempre que estava sozinha e achava que ninguém ouviria. Eu teria pago qualquer coisa, dado qualquer coisa para ouvi-la falar. E agora havia um livro inteiro escrito por ela a menos de cinco metros de distância — uma chance de ouvir sua voz novamente, de certa forma —

e eu nunca seria capaz de ler o que ela havia escrito naquelas páginas, porque elas não foram escritas para mim.

Estava tudo bem. Eu ainda tinha uma infância repleta de lembranças da minha mãe. Elas foram suficientes para amenizar a dor da sua perda. E era justo que Saeris tivesse sua própria conexão particular com Edina das Sete Torres. Minha mãe teria querido assim.

Mas o livro. Será que havia algo ali sobre o paradeiro de Ren? Talvez. Talvez eu estivesse me preocupando à toa, e Ren estivesse perfeitamente seguro, voltando para Cahlish neste exato momento. Saeris explicou o pedido da minha mãe para que ela não lesse o livro adiante, então não poderíamos usá-lo para descobrir onde ele estava. Quando saímos da propriedade uma hora atrás, eu havia incumbido Iseabail de usar a vidência para o general, para ver se conseguíamos localizá-lo dessa forma. A vidência era um método notoriamente impreciso para rastrear uma pessoa, e não teríamos nenhuma resposta sobre isso até que pudéssemos falar com a bruxa. Então, isso significava suportar este baile enquanto tentávamos não nos preocupar até a morte.

“Bem, isto… isto é *ridículo* .” Saeris parecia profundamente desconfortável enquanto passava as mãos pela frente do vestido. A costureira selkie que o fizera para ela o havia costurado *momentos* antes. Ela partira, radiante de orgulho pela obra-prima que criara, e assim que a porta do quarto de Saeris se fechou atrás dela, minha companheira começara a tentar se libertar da vestimenta.

Sentei-me na chaise, com as pernas esticadas à minha frente e os braços estendidos, apoiados no encosto, apreciando a visão da minha companheira com um ar decididamente majestoso. "Você é linda", eu lhe disse. Até eu percebia que o tom da minha voz baixava sempre que estávamos a sós. A parte sombria e predatória de mim se debatia, desejando ser livre e não ser responsabilizada pelos atos de depravação que cometeria sem a mão firme da contenção a segurando pela coleira.

Meu.

Ela era *minha* . E às vezes, a vontade de jogá-la sobre uma mesa e foder com ela sem camisinha na frente de todo mundo, para que *soubessem* que aquilo era demais para suportar, me deixava com o pau duro só de pensar nisso.

Saeris lançou um olhar interrogativo por cima do ombro, um sorriso cúmplice

brincando nos cantos de sua boca. "E o que é *esse* cheiro que estou sentindo?", perguntou ela, num tom inocente e brincalhão.

“O mesmo perfume que eu sentia emanando *de você* a cada segundo que passávamos sozinhos no Palácio de Inverno”, murmurei. Levantei-me lentamente da chaise e caminhei em sua direção.

Queria admirá-la. Queria saborear aquele momento em que suas pupilas se dilataram, sua excitação tingida por um leve pânico.

Seu rosto estava inclinado em minha direção, seus lábios ligeiramente entreabertos na expectativa de um beijo. . mas eu me posicionei atrás dela e coloquei minhas mãos em seus quadris, inclinando-os para a frente.

"Encare o espelho", ordenei.

Saeris bufou, desapontada, pensei, mas fez como eu havia instruído.

Estávamos ali juntas, refletidas no vidro: duas criaturas pálidas, ambas de cabelos negros como azeviche, uma com olhos azuis, a outra verdes. Os braços de Saeris já estavam cobertos por longas luvas de seda, feitas do mesmo material que seu vestido. Negro como assassinato, pecado, tinta e o vazio dos céus em uma noite de inverno. Era o tipo de vestido que eu não via desde que era uma Faeling, esvoaçando nas saias da minha mãe em um dos muitos bailes que meus pais organizaram quando eu era jovem. Eu sempre me maravilhava com a elegância das pessoas presentes — seus casacos de cauda longa; as anquinhas; os espartilhos; os sapatos de bico quadrado com fivelas; o perfume que impregnava o ar.

“Olha para você”, eu disse para minha amiga. O alfaiate queria maquiar o rosto dela, e Saeris se recusou. Elas brigaram feio por causa disso, mas no fim, Saeris cedeu: um toque de blush rosa nas bochechas e um pouco de rímel nos olhos. cílios. Quase não dava para perceber que ela estava usando alguma coisa. Sua pele era impecável, maçãs do rosto altas, olhos brilhantes e claros. E o vestido. .

Sua cintura já era fina, mas o corpete a apertava ainda mais. O decote era devastadoramente profundo, envolvendo seus seios de tal forma que seu colo se expandia a cada respiração. As saias eram mais volumosas do que o costume em outras cortes feéricas, mais tradicionais, mas faziam Saeris parecer majestosa.

Por cima do ombro dela, o traje de noite preto que eu usava complementava o vestido dela, adornado com o mesmo acabamento em veludo nos punhos e na gola.

Preto sobre preto sobre preto.

Minhas sombras se espalharam por seu ombro e subiram pela coluna de seu pescoço, acariciando-a, e a respiração de Saeris falhou, sua pele se arrepiando em reação à minha magia. Eu sabia *exatamente* o que estava fazendo quando me inclinei e sustentei seu contato visual no espelho, sussurrando suavemente em seu ouvido.

“Um macho inferior cravaria os dentes em você aqui e agora e te foderia até você gritar.”

Sua língua deslizou para fora, umedecendo seus lábios. Eu podia ver seu pulso pulsando na cavidade de sua garganta. "Uma mulher menos virtuosa imploraria *a* você", ela respondeu.

Oh, minha pequena Osha. Ela sabia como caminhar em uma linha tênue. "Não seria sábio me provocar, Osha. Não com você desse jeito. Eu adoro estragar uma coisa bonita."

"É assim mesmo?"

Substituí minhas sombras pela minha mão, curvando meus dedos levemente em torno de sua garganta. "Hum-hum."

me desfiguraria ?", ela sussurrou.

Eu pressentia que ela perguntaria. Passando a língua pelos meus caninos, agarrei um punhado da saia dela e a levantei, puxando-a até a cintura. Tive que repetir a ação mais duas vezes antes de conseguir juntar todas as camadas de tule de baixo e prendê-las com alfinetes. minha mão esquerda.

Era uma pena soltar seu pescoço — eu adorava a sensação do seu pulso pulsando contra a minha palma — mas eu precisava desesperadamente da minha outra mão. Saeris me observava deslizar minha mão pelo seu corpo no espelho, suas pupilas quase engolindo as íris enquanto eu acariciava suas coxas expostas, grunhindo em aprovação ao perceber que ela tinha minha adaga presa à coxa

novamente.

“Boa menina, Saeris.”

“Se você só quer.. ver se estou armada, então. . eu poderia ter poupado seu tempo e te dito—Ai, céus!” Sua boca se abriu em espanto. Eu não havia perdido tempo. Sua calcinha de seda preta estava puxada para o lado, e eu deslizava meus dedos por suas dobras úmidas. Ela soltou outro palavrão ofegante enquanto eu acariciava seu clitóris, suas pernas já começando a tremer.

Bom.

Eu ia fazer mais do que simplesmente fazê-la tremer.

Eu ia fazê-la tremer pra caralho.

Eu ia deixá-la *fraca* para mim.

Os sapatos que ela usava eram lindos, pretos brilhantes, com saltos altíssimos e uma fita de seda preta amarrada na frente de cada tornozelo. Enfiei meu pé direito entre os dela e a levantei um pouco, afastando seus pés para que ela ficasse com as pernas um pouco mais afastadas. Eu precisava de mais espaço para isso.

Saeris fechou os olhos, virou a cabeça e encostou a bochecha no meu peito. "O que você está fazendo?", sussurrou ela.

Droga. Eu precisava de outra mão. .

Magia serviria. Eu estava limitado no que podia realizar ali. Minhas pequenas magias estavam à minha disposição, por mais precárias que fossem. Ilusões menores. Outras trivialidades. Mas tentar invocar minhas sombras só me levou à frustração. Minhas mãos estavam atadas, a vastidão da minha magia além do meu alcance. Quando eu chamava, apenas tênues tentáculos de sombra respondiam

— tentáculos que, por ora, pelo menos, seriam perfeitamente suficientes.

Os deuses presentearam meu pai com suas sombras para que ele pudesse usá-las para o bem. Meu pai as transmitiu a mim com o mesmo propósito. Ao longo da

minha vida, usei-as para ajudar e proteger muitas pessoas.. mas agora as usei para prender a saia franzida de Saeris em seu quadril, para que eu pudesse segurá-la pelo queixo e forçar seu olhar de volta para o espelho. Os deuses me puniriam por um abuso de poder tão flagrante? Que se dane. Que o façam. Eu usaria meus dons para coisas muito mais escandalosas ao longo da vida que compartilhei com Saeris, e se isso significasse definhar nas chamas da danação quando eu morresse, então esse seria um preço que eu teria que pagar.

"Uma rainha jamais deveria entrar em um ambiente político se sentindo estressada, Osha", eu ronronei. "Estou ajudando, prometo."

Ela estava escorregadia contra meus dedos. Quente. Molhada. Eu a encarei no espelho, sorrindo boquiaberto diante de sua necessidade. Antes que eu pudesse comentar, Saeris soltou um gemido.

"Não me provoque", implorou ela. "Eu não consigo evitar. Eu.. "

"Porque você me quer?" Minha voz estava rouca.

"Sim." Sua voz era um apelo.

Retirei meus dedos de entre as pernas dela e mostrei meu indicador e dedo médio: molhados, brilhantes, cobertos com a excitação dela. "Nunca vou te provocar por isso, Osha. *Isso* é a coisa mais excitante do mundo para mim. Me deixa louco como nada mais. E eu te quero tanto quanto você me quer. *Sempre.* Ando por esse inferno com a cabeça do meu pau enfiada no cós da calça para que essas sanguessugas não tirem conclusões precipitadas."

“Fisher—”

" Se eu pudesse, *engarrafaria* isso", eu disse. "Agora pare de se preocupar e observe."

"Saeris?" Taladaius estava à porta. Eu o sentira ali há alguns instantes, mas ele tivera a decência de ficar calado. Parecia que não conseguia mais fazer isso.

Segurei o queixo de Saeris no lugar, certificando-me de que ela olhasse para a frente. "Não responda."

"Mas-"

“Seu corpo é meu pelos próximos três minutos. *Renda-se.* ” Ela não queria. A ordem na minha voz a fez querer lutar, lutar contra mim, mas ela precisava disso. “Você me ama?”

“O quê?! Isso. . não é justo.”

" *Você* ?"

“Sim! É claro que eu te amo.”

Dei um sorriso malicioso ao ver seu reflexo. "Parte de me amar é ceder às vezes."

“Você quer minha obediência?”

Deslizei minha mão de volta entre suas coxas, meus dedos fazendo círculos suaves sobre o botão de terminações nervosas sensíveis que encontrei ali. "Não, Osha. Eu quero sua *confiança* ."

“Ah! E eu tenho. . o seu?”

Beijei seu pescoço, mantendo contato visual com ela no espelho. "Tudo o que eu te pedir, darei de bom grado e livremente em troca. Sempre. Eu prometo." Roçar meus caninos na pele logo abaixo do lóbulo da orelha a deixou imóvel por uma fração de segundo. Ela se recostou em mim, perdendo o controle dos músculos, os olhos revirando.

“Saeris! Chegou a hora!”

Seus olhos se abriram de repente. "Preciso de *três minutos* , Tal!"

Dei uma risadinha sombria, entre dentes. "Boa garota, Osha."

Tal sibilou do outro lado da porta. "Vocês sabem que eu consigo ouvir vocês aí dentro. Pecadores, estarei esperando no fim do corredor."

Saeris gemeu, empurrando-se contra mim, esfregando a bunda na minha ereção cada vez mais dolorida. Deixei que ela fizesse isso, ignorando o quanto meu próprio desejo ardia mais forte e como meu pau implorava por atenção. Isso era sobre *ela* , não sobre mim. Haveria muitas outras oportunidades em que os

papéis poderiam se inverter, mas por enquanto. .

Saeris começou a tremer.

Mergulhei meus dedos dentro dela, rosnando de satisfação ao ouvir o gemido baixo que ela soltou.

"Vou te fazer gozar agora. E pelo resto da noite, qualquer um que chegar a menos de um metro e meio de você sentirá o cheiro do orgasmo que estou prestes a te dar."

Sim, era instintivo.

Sim, foi uma bobagem.

não foi muito progressista da minha parte querer marcá-la dessa forma.

Eu não estava nem aí.

Essa mulher, que brilhava mais do que os sóis de sua casa e da minha juntos, era *minha* companheira, e cada membro desta corte se lembraria desse fato.

"Ai, meu Deus!", exclamou Saeris, ofegante.

"Bom?"

Ela assentiu com a cabeça.

Virei-me para ela, pressionando minha boca contra a concha de sua orelha. "Observe minha mão", sussurrei. "Observe-me te fodendo com meus dedos. Veja como sua buceta fica linda assim, aconchegada na minha palma. Está vendo?"

Minha mão cobria a maior parte dela, mas lá estava, a cada poucos segundos: um vislumbre de um delicado rosa coral.

Saeris gemeu, seus dedos cravando-se no tecido farfalhante de suas saias. "Sim", ela ofegou. "Sim!"

O tremor se transformou em abalo. O abalo se transformou em convulsões por todo o corpo.

Ela estava perto.

“Agora olhe para mim”, ordenei. “Não feche os olhos. Escute. Quero sentir você se apertando em volta dos meus dedos, Saeris Fane. Quero sentir aquela explosão de calor doce e úmido na minha mão quando você se desfizer. Faça isso por mim. Isso mesmo. Faça agora.”

Ela cerrou os dentes, o maxilar travou, as narinas dilataram. . e gozou.

Enquanto ela fazia isso, fios pretos rodopiaram pelo meu braço e se espalharam da minha pele para a dela. Não era mágica, era tinta. Outra tatuagem. Lindas rosas desabrocharam na parte superior de suas coxas enquanto ela gemia — um buquê inteiro, sombreado com delicados pontos, mas ainda assim contrastando fortemente com a perfeição pálida e cremosa de suas coxas.

A fera indomável dentro de mim rugiu quando ela soltou um grito desesperado e sem palavras, agarrando-se ao meu braço, esfregando-se na minha mão e rebolando os quadris.

“Isso mesmo. Respire. Respire. Respire.”

Ela soltou outro grito. O som era desinibido e lindo, música para os meus ouvidos, tão gutural e livre, e então ela terminou.

“Puta merda… Eu… Eu…” Ela tentou sustentar o próprio peso, inclinando-se para a frente, mas cambaleou sobre os calcanhares, quase perdendo o equilíbrio.

“Calma, Osha.” Eu a envolvi frouxamente em meus braços, sustentando-a como se estivesse bêbada.

“Uau.” Ela piscou rapidamente, como se estivesse com dificuldade para enxergar direito. “Essas são. .

enormes”, exclamou, olhando para as tatuagens na parte superior das pernas. “Mas.. *lindas* .”

Com um sorriso malicioso por cima do ombro dela, enfiei os dedos lentamente na boca. Chupei-os até ficarem limpos, piscando para ela pelo espelho. "Não diga que eu nunca te dou flores, Osha."

“Meu Deus.. ” Ela balançou a cabeça, tremendo um pouco. “Como vou sair agora? Não consigo nem *ficar de pé* .”

Que exagero! "Você está ótima", brinquei, rindo um pouco enquanto a ajudava a se firmar. Quando percebi que suas pernas não iam mais ceder, ajoelhei-me à sua frente e desfiz cuidadosamente a mágica que eu havia usado para manter suas saias levantadas enquanto a provocava. Movendo-me lentamente, ajeitei suas anáguas camada por camada, certificando-me de que nenhum tule estivesse amassado ou solto. Feito isso, eu Ela ajeitou o tecido mais pesado da saia, alisando-o até que ficasse com a mesma aparência impecável de quando o alfaiate tinha ido embora.

Seus olhos ainda pareciam um pouco desfocados quando olhei para ela e pisquei. "Sentindo-se menos estressada?", perguntei.

Minha amiga inflou as bochechas, balançando a cabeça lentamente de um lado para o outro. "Meus ouvidos estão zumbindo tanto que não vou conseguir ouvir nenhuma dessas petições, Fisher."

Levantei-me e dei-lhe um beijo rápido e casto nos lábios. "De nada. Vamos. Se fizermos o Tal esperar mais um minuto, a cabeça dele pode explodir."

“Certo. Sim, vamos.. Ah, espere, não! Eu preciso. .” Saeris atravessou apressadamente os aposentos dela e pegou o livro que ainda estava sobre o criado-mudo. “Quase me esqueci. Preciso ler a próxima página do diário da sua mãe.”

Ela folheou a primeira metade do livro e parou, seus olhos percorrendo a página de um lado para o outro, rapidamente, como um metrônomo. A névoa pós-orgasmo sumiu de seu rosto enquanto ela absorvia o segredo que se escondia diante dela e tentava compreendê-lo. Quando ergueu os olhos da página, assentiu levemente com a cabeça e pousou o livro na beirada da cama, com uma estranha expressão de determinação no rosto.

“Muito bem, então. *Agora* estou pronto. Vamos lá.”



38

DESCENDENTE DE NINGUÉM

MARTIM-PESCADOR

O Salão das Lágrimas foi transformado.

Os bancos haviam desaparecido. Longas mesas alinhavam-se no vasto espaço à esquerda e à direita, o centro do salão reservado para a dança. Altas colunas de luz tênue balançavam e dançavam ao longo do perímetro do salão, as chamas assombrosas e sem calor quase alcançando o teto abobadado lá no alto. Servos feéricos de olhos vidrados, vestidos com o vermelho carmesim da Corte de Sangue, carregavam jarras de vinho para as centenas de nobres reunidos em suas vestes suntuosas, belos apesar da palidez excessiva de sua pele e do julgamento frio e impiedoso em seus olhares.

Muitas das damas da alta sociedade cochichavam por trás de leques de renda ou das mãos, olhares venenosos lançando-se furtivamente para Saeris. Eu estava sentada, esparramada na cadeira ao lado dela, participando do jogo. Queria arrancar suas línguas de cobra por sequer pronunciarem o nome de Saeris. *Não* o fiz, porque isso causaria um escândalo — o tipo de escândalo que encerraria o baile mais cedo — e, depois do que aconteceu na coroação de Saeris, duvidava que conseguiria arruinar duas cerimônias seguidas. Tal me esfolaria viva por complicar ainda mais as coisas. Então Ali eu ficaria sentado, comportando-me da melhor maneira possível, sem estragar nada para ninguém.

Pela segunda vez desde que chegamos a Ammontraíeth, Saeris presidia a corte em seu trono, um diadema dourado cravejado de diamantes brilhando em sua

cabeça. Agora que todos os ajoelhamentos haviam terminado, seus ombros estavam relaxados, seus olhos suaves enquanto percorriam os nobres reunidos, mas suas mãos apertavam os braços da cadeira com força demais.

Seus nós dos dedos estavam brancos.

Há sangue no ar , ela disse em minha mente. *Tantas pessoas diferentes, sangrando livremente. Eu consigo sentir o cheiro.*

Com um leve movimento de ombros, acenei na direção de um homem feérico aos pés do estrado, servindo vinho para um nobre de sangue nobre. Assim que terminou de encher a taça, ele pousou a jarra e cutucou a parte interna do pulso com um anel metálico pontiagudo que usava na ponta do polegar, fazendo-o sangrar. Segurando o pulso sobre a taça do nobre, deixou cair duas, três, quatro gotas de sangue no vinho. O nobre mostrou os dentes, claramente descontente com a pequena quantidade de sangue que o homem feérico lhe poupara, mas este apenas fechou a manga da camisa, já salpicada de sangue, pegou a jarra e passou para o próximo nobre de sangue nobre com a taça vazia.

Eles passam a noite inteira nessas festas , eu disse a Saeris. *No fim da noite, estarão todos tontos de tanto vinho e selvagens por causa do sangue.*

Você já foi a um desses bailes antes?

Não. Mas todos nós já ouvimos essas histórias.

Os brincos de diamante negro nas orelhas de Saeris brilhavam na penumbra enquanto ela se virava para encarar Tal, que subia os degraus em nossa direção com passos firmes. Ele vestia um terno cinza-pombo naquela noite, feito de tecido fino. A cor teria sido uma escolha imprudente para um homem comum com a pele da cor de alabastro. e cabelos prateados como o luar, mas Tal não era um homem comum. Enquanto o cinza pálido poderia ter apagado a aparência de outro, parecia conferir ao Guardião dos Segredos um ar etéreo, distintamente feérico, que a maioria dos nobres perdia ao fazer a transição.

A camisa branca e folgada de Tal estava desabotoada até o plexo solar; quando ele fez uma profunda reverência diante de Saeris, sua mão, pairando sobre o peito, não fez nada para esconder a extensão de pele que de repente se tornou visível para todos.

Eu já tinha visto Tal sem camisa muitas vezes. Tínhamos nadado juntos nas águas aos pés dos penhascos brancos de Inishtar, na época em que seu coração ainda batia no peito e ele tinha grandes aspirações de envergonhar seus pais tornando-se cartógrafo e desaparecendo em um barco para mapear terras desconhecidas. Ele também já havia me dado a camisa do corpo várias vezes no labirinto. Ressuscitar depois de um encontro com Morthil quase sempre significava que eu acordava congelando e nua sobre uma laje de pedra molhada, bem além do alcance do demônio. Na maioria das vezes, Tal sabia quando Morthil me pegava e já estava me esperando quando eu recobrava a consciência, com um conjunto de roupas limpas na mão. Às vezes, porém, meu traseiro nu e estirado o pegava de surpresa. Ele não hesitou nem uma vez em tirar a própria roupa e me dar. Não tinha motivo para hesitar; *sua* magia o obedecia naquele poço envenenado. Ele era uma criatura da Corte de Sangue e, como tal, não tinha problema algum em invocar *roupas* novas.

Independentemente do cenário, eu já tinha visto o peito dele muitas vezes, inclusive recentemente, o que significava que a extensa tatuagem que eu vislumbrava agora, manchando sua pele, era nova.

Lancei uma sobrancelha interrogativa ao homem, que a percebeu imediatamente, mas apenas me deu um pequeno sorriso discreto como explicação. "Estamos quase prontos para as petições, Saeris", disse ele. "Há cinco candidatos, com cinco caminhos propostos pelos quais eles se consideram úteis para você. Nós vamos. ." Começaremos em cerca de trinta minutos. É melhor terminar antes do jantar.

Saeris assentiu com a cabeça.

“E quanto ao outro assunto?”, perguntou Tal.

"Sim?"

“Se não for incômodo, gostaria de resolver isso agora, antes que eles estejam todos bêbados demais para se lembrarem do que aconteceu.”

A renúncia.

Saeris havia me dito que Tal queria romper o vínculo entre eles, mas não mencionou o fato de ele estar tão ansioso com a questão. Talvez ela não tivesse percebido os sinais: o jeito como a pele entre as sobrancelhas dele repuxava

quando ele falava sobre isso. O jeito como ele estendia a mão, fechava-a em punho, sacudia-a, como se estivesse se preparando para uma briga. Para ser justa, não havia nada de explicitamente ansioso nele. . mas eu o *conhecia* . O conhecia desde sempre. E esses pequenos tiques faziam algo dentro de mim aguçar os ouvidos e despertar a curiosidade.

Minha companheira se remexeu desconfortavelmente no trono, mas assentiu com a cabeça. "Tudo bem. Sim, então vamos acabar logo com isso."

Tal sorriu radiante. "Excelente."

Inclinei-me para perto dela e sussurrei: "Você sabe como isso funciona?"

“Não. Presumi que ele simplesmente. . disse a todos que não quer mais ser meu criador.”

“Quase.”

Fui impedido de explicar quando Tal desceu correndo os degraus até o estrado, pegou um balde de prata de um servo Fae que passava, jogou o gelo de dentro dele no chão e voltou correndo para cima dos degraus. Ele enfiou o balde no colo de Saeris e então girou, erguendo os braços teatralmente.

“Nobres membros da alta linhagem de Sanasroth, atenção, por favor!”

A música suave que estava tocando — algum tipo de instrumento de cordas dedilhadas — parou abruptamente em uma nota dissonante. Levou um instante para.. O burburinho das conversas que ecoavam pelo salão começou a diminuir, mas, eventualmente, um silêncio expectante tomou conta dos vampiros reunidos.

“Sejam todos bem-vindos. Esta noite, reunimo-nos para celebrar a nossa luz vespertina — uma dádiva dos deuses que ilumina a nossa corte onde nada mais consegue. Como todos os anos, haverá cantos, danças e banquetes, mas primeiro, haverá um ligeiro desvio das nossas festividades anuais habituais. Um novo Lorde deve ser nomeado para o quinto ponto da nossa estrela, o que significa que um de vocês deve ascender para servir a sua corte. Devem sempre ser cinco.”

“Sempre tem que haver cinco! Sempre tem que haver cinco!”

A aclamação ecoou entre os nobres, reverberando por todo o salão.

Taladaius assentiu com a cabeça.

Enquanto ele falava, repassando a ordem dos procedimentos, um rapaz franzino de sangue baixo aproximou-se do estrado, avançando hesitante, carregando uma bandeja de doces nas mãos. Ele mal havia completado dezessete anos antes de passar por sua transição; jamais saberia como seria atingir a maturidade e assumir sua magia. Recuando, ofereceu a bandeja a Saeris, nervoso demais até para subir os degraus do estrado.

Saeris fez-lhe um gesto para que se aproximasse.

O sangue fraco era sinal de fraqueza, num lugar onde a fraqueza condenava as chances de sobrevivência. Era por isso que ele servia com os escravos. Ele se encolheu ao subir as escadas, as mãos tremendo, os doces balançando. .

“Não estou com fome”, sussurrou ela. “Venha cá. Preciso que você faça algo por mim.” Não, *por favor*

. Não, *obrigada* . A rainha de Sanasroth não implorava por favores, e aos de sangue baixo não se deviam gentilezas.

O que você está aprontando, Osha? Eu perguntei a ela.

Aparentemente, ela não reagiu ao fato de eu ter falado em sua mente. Ela levou a mão à orelha do rapaz de sangue baixo e sussurrou para ele, respondendo-me ao mesmo tempo com uma notável demonstração de concentração. " *Contarei em breve. Por enquanto, preciso guardar segredo. Sinto muito, gostaria de poder explicar, mas não posso."*

Ah. Então isso estava relacionado ao diário.

Recostei-me na cadeira, concentrando-me novamente na apresentação de Tal no mosaico de cinco pontas abaixo do palanque. *Está tudo bem, Osha. É só isso que você precisa dizer. Não perguntarei novamente.*

O homem de sangue baixo recuou apressadamente de Saeris, encarando-a como se ela tivesse perdido a cabeça. Ela ergueu as sobrancelhas, interrogativa. "Bem? Vá. Faça o que eu pedi e eu me certificarei de que você seja recompensado."

"Recompensado?" O ceticismo brilhou nos olhos do homem.

“Sim. Pagamento. Em sangue”, disse Saeris. “Agora vá.”

O sangue baixo não precisava de mais explicações. Ao ouvir a palavra "sangue", ele saltou do palanque e desapareceu na multidão, que ainda ouvia Tal. Eu o segui, observando sua cabeça surgir em meio à massa de corpos, até que ele passou por uma alcova com cortinas e sumiu.

“Mas antes de tudo isso, há algo mais que eu, pessoalmente, gostaria de abordar. Quando nos reunimos aqui da última vez para dar as boas-vindas à nossa nova rainha, surgiram acusações de que eu esperava *controlá* -la. Acusações caluniosas de que eu desejava manipulá-la para meus próprios fins e vantagens. Não houve tempo para refutar essas alegações na coroação, tendo em vista o que aconteceu. .”

Centenas de olhares furiosos se voltaram para mim.

Lancei um sorriso beatífico para a multidão.

“. .mas agora que chegamos a um ponto *mais calmo* , estou aqui diante de vocês, fazendo essa declaração. Não tenho segundas intenções.” no trono de Sanasroth. Não desejo controlar Saeris Fane, regente desta corte.”

A cabeceira da mesa à minha direita fervilhava de indignação. Nem precisei olhar para saber que Zovena estaria no centro da murmuração raivosa, mas lá estava ela, lançando um olhar furioso para Taladaius. Quase podia ver a fumaça saindo de suas orelhas.

Tal, sempre o orador experiente, ignorou a interrupção e continuou seu discurso. “Eu não quero, nem nunca quis, poder sobre os outros Senhores da Meia-Noite, e terei o prazer de provar isso a todos vocês, aqui e agora. Eu, Taladaius Helyer, outrora o filho mais velho da casa Helyer, Guardião dos Segredos e Senhor da Meia-Noite, renuncio ao dom do meu sangue!” Ele ergueu os braços novamente e se virou para nós, com o semblante tempestuoso e os olhos tão gélidos quanto nuvens de tempestade. Piscou *para* Saeris, elevando ainda mais a voz para que ecoasse pelo salão. “Sem

rancor e com o mais profundo respeito e humildade, eu renuncio ao meu sangue, Saeris Fane, rainha de Sanasroth. Revogo minha linhagem e meu patrocínio,

para que você possa cumprir sua missão sozinha, e eu também. Invoco os deuses e os demônios deste reino. É a minha vontade!”

Preparei-me para o estalo das mãos de Tal, sabendo o que viria a seguir. A onda de choque atravessou o salão, fazendo o chão tremer sob o palácio. A perturbação desapareceu tão rápido quanto surgiu, mas o cheiro de enxofre persistiu no ar, queimando a parte de trás do meu nariz. Ao meu lado, Saeris fez uma careta. Ela olhou para mim, com uma expressão de confusão no rosto.

"Que diabos?", ela sussurrou.

Então ela se inclinou para a frente e vomitou um jato de sangue no balde de gelo vazio que Tal lhe dera antes de seu grande discurso.

Está tudo bem. Vai passar logo. Você não bebeu muito do sangue dele , eu disse a ela.

Era um processo raro e complicado, o de retirar o sangue. Eu nunca tinha visto ser feito. Já tinha ouvido histórias de que acontecia, Contudo, ao longo dos séculos, Malcolm gerou todos os nobres desta corte. Ocasionalmente, algum deles o desagradou, e ele teve motivos para exigir o retorno de sua linhagem.

Ele reunira sua corte ao seu redor e fizera disso um evento, usando o espetáculo para envergonhar publicamente seus filhos, mas também para demonstrar aos seus outros filhos o que aconteceria com *eles* se se desviassem das regras. Um sangue-alto sobreviveria após a revogação do vínculo. No papel, muito pouco mudava. Eles ainda estavam vivos, na medida em que *qualquer* vampiro estivesse realmente *vivo* . . mas eram párias. Cortados do sangue real. Malcolm frequentemente ia além e ostracizava oficialmente um sangue-alto assim que este recuperava seu vínculo, e isso? Bem, isso *era* uma sentença de morte para a maioria.

Tal não podia ignorar Saeris. Ele havia dito muitas coisas bonitas sobre não haver rancor e sobre respeito, mas o que ele fez esta noite *a* envergonhou, de acordo com o precedente que Malcolm havia estabelecido. Foi egoísta — algo tão completamente diferente de Tal que, quando Saeris mencionou isso antes, eu presumi que a sugestão jamais daria em nada. E, no entanto, lá estávamos nós. Mais tarde, eu estaria encurralando o desgraçado contra a parede e exigindo saber o que diabos ele estava tramando, *tão* preocupado em não deixar Saeris parecer fraca diante do tribunal.

Saeris suportou a cena com considerável dignidade, visto que estava vomitando sangue diante de toda uma corte que a detestava. Tudo acabou rapidamente, como eu lhe havia assegurado. Algumas garfadas de sangue eram tudo o que lhe era devido.

Quando ela terminou de cuspir no balde de prata, Tal o pegou dela, curvando-se profundamente.

"Obrigado. Me desculpe." Num instante, ele se virou para a multidão novamente, uma luz verde berrante banhando sua pele enquanto se dirigia à corte. "Contemplem! Saeris Fane, a primeira de seu nome. Descendente de ninguém. Levantem-se por sua rainha!", bradou ele.

Era inegável: ele dava um show incrível quando queria. Com que propósito, eu não conseguia entender, mas mesmo assim. Ele tinha o dom. Todos os membros da Corte Sangrenta estavam de pé, erguendo seus copos no ar com relutância.

“Que ela seja a última monarca que esta corte veja!” gritou Tal, pegando um copo da bandeja de um servo que passava. “Que ela supere tudo, pela glória desta corte sagrada. Que ela inaugure uma nova era e um novo começo para o povo de Sanasroth! À Rainha Saeris!”

O brinde foi confuso. Se algum dos vampiros presentes estivesse minimamente sóbrio, talvez questionasse a homenagem incomum de Tal, mas metade da corte já estava embriagada, e a outra metade estava se juntando ao coro. Um mar de taças se ergueu no ar, a luz refletindo em suas bordas douradas num espetáculo deslumbrante enquanto todos em Ammontraíeth proclamavam o nome do meu companheiro.

“Rainha Saeris!”

Logo após os gritos, seguiu-se o silêncio, enquanto os esnobes esvaziavam seus copos. Não importava que provavelmente estivessem amaldiçoando o nome dela em voz baixa enquanto bebiam vinho — eles continuavam bebendo.

Afinal, sangue e vinho também fazem parte disso.

Sangue e vinho.

Aparentemente satisfeito, Taladaius desceu os degraus do estrado e colocou seu

copo sobre a mesa à direita. "E agora, temos cinco membros leais desta corte que almejam ascender à posição de Lorde, para salvaguardar uma parte de seu poder e se tornarem protetores da corte. Chamo Kavan Dahlish para apresentar seu caso!"

Kavan Dahlish era um bruto. Com mais de dois metros e trinta de altura, ele se destacava entre todos enquanto abria caminho à força pela multidão e parava no centro da estrela de cinco pontas.

No instante em que ele se virou e fez uma reverência em direção ao palanque, eu o reconheci.

Seus grossos cabelos escuros caíam até as costas; em vida, fora um grande guerreiro. Corajoso e valente. Engraçado também. Seu nariz era achatado, pressionado contra o rosto largo por ter sido quebrado. Muitas vezes. *Eu* fui responsável por uma ou duas dessas rupturas, cortesia de algumas sessões de sparring tumultuosas que terminaram em sangue de ambos os lados.

Seus olhos estavam opacos e escuros agora, onde antes eram azuis. Eles se estreitaram imperceptivelmente quando ele acenou com a cabeça, não para Saeris, mas para mim.

"Comandante." Não havia calor na saudação. Menos calor ainda na saudação que ele dirigiu a Saeris.

"Vossa Alteza."

Minha pele formigava toda; minhas tatuagens pulsavam sob as roupas. Que *tolice* a minha. Eu havia cometido um grave erro. Malcolm havia perambulado pelos campos de batalha de tantas de nossas lutas. Os corvos se alimentavam dos caídos, arrancando-lhes os olhos. Malcolm fizera exatamente a mesma coisa. Só que, em vez de deixá-los partir em paz para o além, ele levara suas *almas* .

Os mais altos. Os mais fortes. Os que ainda resistiam. Porque Kavan não teria ido embora sem lutar.

Malcolm o teria *forçado* a tirar seu sangue. .

Quantos dos meus guerreiros ele havia levado dessa maneira, arrancados trêmulos à beira da morte e obrigados a engolir de suas veias imundas antes que

fossem destruídos e submetidos à sua vontade?

A raiva tingiu minha visão de vermelho. Uma emoção fútil e impotente. O que eu deveria fazer com o ódio que fervilhava em meu estômago, por um homem que se tornou cinzas ao vento? Não havia ninguém para quem gritar. Ninguém para culpar. Havia apenas o guerreiro a quem eu chamava de amigo, que morrera sob minha responsabilidade e fora condenado a uma eternidade de degradação e depravação como consequência.

“Servi a esta corte por duzentos e sete anos, Alteza. Durante esse tempo, treinei muitos capitães na arte da guerra de cerco. Comandei vários batalhões da horda em campanhas vitoriosas. Lancei os exércitos de nossos inimigos aos portões do inferno e atirei seus corpos lá dentro.”

Um zumbido baixo abafou a voz de Kavan.

Ele me encarou enquanto enumerava uma série de atrocidades que lhe renderam elogios e condecorações de Malcolm, e meu sangue gelou nas minhas veias.

O treinamento que ele recebeu de *mim* . As habilidades que *eu* lhe ensinei. Tudo isso foi usado contra nós.

Kavan sabia como manejar sua arma. Ele permaneceu nas sombras, observando os monstros que o mataram despedaçarem os amigos que um dia jurou proteger.

Enquanto falava, a acrimônia em seus olhos, a *acusação* , era clara. *Você me deixou aqui para isso. O que você esperava?*

“Talvez eu não seja um dos membros mais antigos desta corte, mas trouxe glória a Sanasroth e cumpri a vontade do meu mestre. Proponho que *eu* seja escolhido como o mais novo Lorde da Meia-Noite de Ammontraíeth, especificamente como Guardião da Guerra.”

Você está bem?

Os olhos de Saeris estavam fixos em Kavan. Ela não demonstrava ter notado meu desconforto, mas estávamos muito sensíveis uma à outra ultimamente. Eu conseguia perceber quando ela estava tensa. Preocupada. Aparentemente, ela também conseguia perceber quando eu estava tão nervosa.

Estou bem. Estou ótima. Ele era apenas.. ele era um dos meus.

Oh, céus, Fisher. Sinto muito.

Ao guerreiro, ela disse: "Obrigada por seu serviço a este tribunal, Kavan. Analisarei sua petição cuidadosamente antes de tomar minha decisão."

O guerreiro fez uma reverência profunda. Seu olhar se deteve em Saeris por um segundo antes de se voltar para mim, sombrio e tenso. Outrora, seus olhos teriam sido cheios de riso e fogo. Agora, estavam frios e repletos de ódio.

Isso me destruiu.

Como pude ser tão *cego* ?

Quando meus guerreiros tombavam em batalha, eu me consolava com a certeza de que eles haviam partido para o descanso eterno, acolhidos nos braços de seus entes queridos e ancestrais que os precederam. Eles. Nem por um segundo imaginei que estariam *aqui* , sofrendo e atormentados, e que passariam a me odiar por tê-los abandonado à própria sorte. Como pude não ter considerado *isso* ?

A voz de Saeris soava como se viesse debaixo d'água. ". .você, Ibanwae. Diga-me, como *você* se vê a serviço desta corte?"

Kavan havia desaparecido.

Uma mulher de sangue nobre o substituira e fazia reverências, com os olhos fixos no chão. Seus cabelos eram uma massa negra e crespa, tão volumosa e selvagem que quase lhe escondia a cabeça inteira. Vestia um vestido preto de gola alta e mangas compridas, cuja saia roçava o chão, ocultando seus pés. Com exceção da cabeça e das mãos, todo o seu corpo estava coberto.

Sua voz ecoou pelo salão num sussurro rouco. “Vossa Alteza. Sou conhecida por todos os membros desta corte. Estive aqui desde o início, quando nossa espécie derramou seu primeiro sangue justo a serviço do nosso rei. Minhas mãos projetaram e supervisionaram a construção do belo palácio que agora vocês chamam de seu. Meu senhor pai me encarregou da engenharia e construção de máquinas de cerco, sistemas de esgoto e toda a infraestrutura e planejamento necessários quando as Engrenagens foram construídas. Ele ficou particularmente

satisfeito com as armas de guerra que criei em seu nome. Armas de ferro, projetadas para infligir dor inimaginável à vil escória feérica que assola nosso lar e tenta nos desviar de nosso glorioso propósito.”

Escória vil das fadas.

Eu só conseguia ver o topo da cabeça dela, mas conseguia imaginar sua expressão enquanto ela cuspia aquelas palavras no chão.

“Eu me apresento como o próximo Senhor da Meia-Noite e solicito que eu seja nomeado Guardião da Dor, para que eu possa renovar meus esforços no projeto de equipamentos que subjugarão os cães feéricos de uma vez por todas—”

Saeris interrompeu a mulher. "Qual é o nosso glorioso propósito, Ibanwae?" Imperturbável. Calma, até. Mas meu companheiro estava *furioso* .

O nome Ibanwae era tão antigo e fora de moda que provavelmente não era pronunciado fora daquela corte há séculos. A mulher a quem pertencia ergueu o olhar, revelando um rosto coberto de tatuagens. Runas, para ser mais preciso. Eram runas mortas, porém. Há muito inativas. Desprovidas de magia e transformadas em cinza-escuro pelo tempo. Era um escudo. Outrora, aquela mulher fora uma alquimista.

Seus olhos eram negros, a pupila se misturando com a íris, que se misturava com o branco. Um desprezo aberto recebeu a pergunta de Saeris enquanto a mulher lentamente se endireitava. “O

mesmo propósito glorioso pelo qual Sanasroth *sempre* se esforçou, Vossa Majestade. Dominação sobre as outras cortes. Supremacia total sobre os Fae. Dízimos de sangue obrigatórios. Fazendas de criação de gado. Fazendas de engorda—”

Saeris ergueu a mão. "Sim, obrigada. Já chega."

Ibanwae bufou, suas runas mortas se movendo enquanto ela fazia uma careta de desagrado. "A realidade de sua corte lhe desagrada, Vossa Majestade?", perguntou ela. "Talvez não tenha estômago para governar um povo como este." Ela abriu os braços, gesticulando para seus companheiros de sangue nobre.

Um silêncio denso pairou sobre a multidão. À direita, Tal encostava-se na parede

aos pés do estrado, com os braços cruzados sobre o peito. Seu rosto estava inexpressivo, os olhos fixos em Saeris, aguardando, como todos os outros, para ver o que ela diria.

Saeris encarou Ibanwae, exalando uma confiança orgulhosa e fria que me fez querer torcer por ela.

Ela parecia exatamente a rainha régia e inabalável que precisava ser naquele momento — tão inalcançável e fria quanto as montanhas distantes. Ela não disse nada em resposta à provocação.

Apenas encarou a mulher. A nobre interpretou o silêncio de Saeris como um sinal de que a havia pegado desprevenida; ela sorriu de forma sedutora, lançando um olhar de soslaio. Ela olhou para os outros vampiros reunidos aos pés do estrado, que claramente vieram para ouvi-la falar e demonstrar seu apoio. Após um longo, longo momento, o sorriso da vampira começou a desaparecer.

Saeris nem pestanejou.

Alguém pigarreou.

Na mesa à esquerda, alguém se mexeu, fazendo com que uma cadeira rangesse sob o seu peso.

E Saeris continuou encarando a mulher.

Ibanwae baixou os olhos para o chão. "Você entende, eu não tenho a intenção de ofender o trono—"

“Eu entendo a violência”, disse Saeris. Ela falou suavemente, sem inflexão ou emoção. Todo o salão ouviu suas palavras. “Eu entendo. . que é uma *ferramenta* .” Ela esperou. Olhando além de Ibanwae, observou os nobres de Sanasroth em seus trajes de renda e cetim, e as taças de vinho com bordas douradas e entalhes, tingidas com sangue feérico, e dirigiu-se a todos eles. “Eu entendo que os nobres de Sanasroth semearam o caos nos últimos mil anos. Eu entendo que Malcolm deixou o caos reinar aqui, enquanto travava uma guerra que não podia vencer. Uma guerra que custou a Sanasroth seus recursos e esgotou sua riqueza a cada passo. Não haverá fazendas de criação de gado. Não haverá fazendas *de engorda* . Nos próximos anos, nos concentraremos na reconstrução desta corte—”

“E enquanto estamos reconstruindo”, perguntou uma voz aguda, “o que vocês sugerem que comamos *?* ”

Maldita Zovena.

Um dia desses eu ia transformá-la em cinzas e usar as presas dela como *brincos* .

A Senhora estava de pé, deslizando ao redor da mesa em direção ao estrado. Seus amigos, rindo sem parar e imbecis, abriram caminho para que ela passasse. Vestia um longo vestido de veludo vermelho-sangue que delineava uma silhueta selvagem, seus cabelos loiros trançados e habilmente enrolados ao redor da cabeça. Rubis brilhavam na cavidade de sua garganta e em suas orelhas. Cada um de seus dedos era adornado com ouro e pedras preciosas. Sobre a cabeça, ela usava um louro com folhas de ouro que parecia suspeitosamente uma coroa.

Saeris ignorou a víbora, mantendo sua atenção fixa em Ibanwae. “Essas aspirações de que você fala..

Não são objetivos finais. Parece-me que os objetivos de todos em Sanasroth são segurança, proteção, legitimidade e comida.”

"Hah!" Zovena bufou. Ela rondava o estrado, com os olhos ardendo de raiva enquanto encarava os nobres. "Não foi isso que eu acabei de dizer? *Comida* , alteza. Precisamos saber o que, ou melhor, *quem* , vamos comer!"

Saeris não se levantou da cadeira. Nem sequer franziu a testa quando moveu a mão para a mesa à direita, e um candelabro — *coroado* com oito pontos trêmulos de luz uniforme — voou da toalha de



mesa branca como a neve e girou no ar. Transformou-se num pedaço de metal de sessenta centímetros de comprimento e atingiu Zovena por trás, contornando a nuca dela. A Senhora das Festas soltou um grito quando o candelabro deformado mergulhou, derrubando-a; chocou-se contra o chão de obsidiana com um estrondo metálico, penetrando na pedra e prendendo Zovena ao chão pelo pescoço.

Tenho quase certeza de que você acabou de quebrar a mandíbula dela , eu disse na cabeça de Saeris.

"Ela vai se recuperar" , foi a resposta ácida do meu amigo.

Enfiei o queixo na gola da camisa, escondendo o sorriso até conseguir apagá-lo do meu rosto.

“Ah! Sua.. *vadia* !” Zovena puxou e empurrou, mas por mais que tentasse, por mais forte que fosse, não conseguiu arrancar o candelabro retorcido do chão de obsidiana. O metal não servia a ninguém além de Saeris. “Me solte *!* ” o Lorde sibilou.

Ibanwae, que iniciara seu pedido com praticamente a mesma energia do desabafo de Zovena, olhou boquiaberta para a outra mulher, presa pelo pescoço ao chão, e engoliu em seco. “Eu iria “Como. .”

Ela parou de falar quando Saeris se levantou lentamente de seu trono e começou a descer os degraus.

Os pelos da minha nuca se eriçaram, todos os meus instintos me dizendo para levantar e me colocar entre minha companheira e o perigo que se apresentava diante dela.

Mas eu não podia fazer isso. Não ia prejudicá-la na frente daqueles sanguessugas. Fiquei onde estava, e a inação quase me matou. O que será que ela estava fazendo? E por que isso me deixava tão puto da vida?

Com os ombros relaxados, a coluna reta e a cabeça erguida, Saeris desceu os degraus e contornou Zovena. Pegou uma cadeira de uma das mesas e a arrastou, com as pernas traseiras raspando ruidosamente no chão, até Zovena, onde a colocou ao lado da mulher deitada, sentou-se, esticou as pernas e apoiou os calcanhares nas costas da mulher.

"Fique quieta", ordenou ela antes que o Lorde enfurecido pudesse derrubá-la.

Zovena gritou: "Sai de cima de mim, seu idiota!"

"Fique quieto."

Calma como o centro de uma tempestade, ela era. Brutal. Cruel. Letal. Nem eu teria me metido com ela naquele momento, com os pés apoiados nas costas de uma mulher de quem a maioria desta corte tinha medo. Mas eu a *teria* fodido. Eu

queria desesperadamente, *desesperadamente* fazer isso. Havia algo profundamente excitante em ver minha companheira dominando seu poder. Virando-se para Ibanwae, Saeris tirou um fiapo da saia dela. "Você estava dizendo?"

"Guardiã da Dor", disse a mulher, com os olhos brilhando e a voz um pouco trêmula. *"Eu* gostaria de ser a Guardiã da Dor."

Mais três petições.

Um aspirante a Guardião das Moedas. Um possível Guardião da Verdade. Um esperançoso Guardião das Antiguidades.

Os minutos se arrastavam enquanto Saeris ouvia as candidatas falarem, e ela não se moveu de sua posição, com os pés apoiados nas costas de Zovena. No meio da sessão, ela retirou uma adaga da bainha presa à sua coxa e começou a limpar as unhas com a lâmina. Zovena não se mexeu. Não disse uma palavra.

Só depois de todas as petições terem sido ouvidas, ela se levantou da cadeira muito lentamente. Sem pressa alguma, passou o dedo mínimo por baixo da faixa de metal que apertava o pescoço de Zovena e deu um puxão bem leve, libertando o candelabro.

“Pode se mexer. Pode falar”, disse ela em tom entediado enquanto se afastava da mulher que tremia e subia os degraus novamente.

Zovena estava furiosa quando se levantou de um salto, mas sua postura hostil não me interessava. Já a expressão atormentada de Tal, enquanto desviava o olhar da mulher, franzindo a testa para um ponto no quadro pendurado na parede ao fundo? Nenhum quadro merecia *tanto* escrutínio.

"Você acha que isso é uma brincadeira?", gritou Zovena.

Saeris ainda tinha três degraus para percorrer até chegar ao seu trono. Ela parou, seus olhos encontrando os meus brevemente antes de se virar, suas saias farfalhando ao seu redor, e finalmente deu a Zovena toda a sua atenção.

“Você parece confundir a dinâmica entre nós, Zovena. Eu sou seu mestre. Eu poderia ordenar que você se sentasse aos meus pés, e você se curvaria, sabendo que a morte espreita na lâmina da minha espada. Você confunde minha paciência

com fraqueza. Com tolerância. Mas me teste mais, e você descobrirá o *limite* dessa paciência.”

Desde o momento em que Saeris pisou no Salão das Lágrimas para sua coroação, ela estava representando um papel. Ela o representou. Bem, também. Mas ela não estava fingindo agora.

Estava tão farta de Zovena quanto eu — impressionante, já que a conhecia há tão pouco tempo. Eu não tinha dúvidas de que, se tivesse a oportunidade, a *humilharia* com um sorriso no rosto. Zovena tremia com o esforço que fazia para conter a resposta. Por incontáveis anos, ela se banhara no calor da aprovação de Malcolm. Sem ser contestada. Sem ser questionada. Amada por seu rei. Deve ter sido realmente doloroso se ver desamparada, à sombra da mulher que o matara.

Taladaius caminhou tranquilamente pela estrela de cinco pontas, um sorriso casual estampado no rosto, mas havia uma tensão em seus olhos que não podia ser confundida com nada além de preocupação. "Venham, nobres de Sanasroth!", exclamou. "Os pedidos foram ouvidos!" Ele ergueu a mão, mostrando o anel de Ereth para todos verem. A grande joia âmbar-alaranjada no centro do anel captava a luz crepuscular, refratando arco-íris pelas paredes. "Chegou a hora de descobrir quem se tornará nosso próximo Lorde e empunhará o quinto Anel da Meia-Noite—"

“Na verdade, Taladaius, creio que ainda há mais uma petição que precisamos analisar”, disse Saeris friamente. Ela sentou-se em seu trono, alisando calmamente as saias.

A compostura de Tal vacilou enquanto ele olhava para o estrado, os músculos da garganta se contraindo. A expressão fugaz que passou por seu rosto pareceu dizer: " *Que diabos você está fazendo,*

Saeris Fane?" Ele não sabia nada sobre um sexto candidato ao anel em sua mão. Eu também não sabia, o que significava que esse anúncio surpresa de Saeris devia ter algo a ver com o diário.

“Nossa rainha nos surpreende”, disse Taladaius com a voz tensa. “Que sorte a nossa.” Ele engoliu em seco, fechou a mão em torno do anel que ainda segurava no ar e a baixou até o lado do corpo. Com uma reverência, disse: “Como Vossa Alteza desejar. A quem devemos dar a palavra?”

A tensão no Salão das Lágrimas já era palpável, mas tornou-se sufocante quando a discórdia irrompeu entre os nobres de sangue puro. Saeris já havia avistado a figura que emergiu do mar de vampiros, mas gritos de indignação irromperam das mesas quando os nobres da Corte de Sangue finalmente viram quem sua rainha havia trazido à sua presença.

Era assim que eu me lembrava dele: vestido com roupas de couro de combate, com uma espada presa às costas e a cabeça erguida.

Ouro brilhou em seus lábios quando ele se aproximou e ajoelhou-se diante do trono, oferecendo um meio sorriso constrangido. Com uma voz que ecoou alta e clara pelo salão, ele disse: "Meu nome é Foley Briarstone, e vim para servir à minha rainha."

Mas sua expressão duvidosa dizia algo completamente diferente.

Espero que você saiba o que está fazendo, mestiço.



39

GUARDIÃO DE SEGREDOS

SAERIS

Considere um sexto. Somente o lobo de dentes de ouro é confiável.

—Anotação do diário de Edina das Sete Torres

“REJEITADOS! REJEITADOS!”

Os gritos eram ensurdecedores.

Taladaius girou nos calcanhares, perplexo demais para falar. Ao meu lado, Fisher cobriu a boca com a mão e riu baixinho. " *Você certamente sabe como acender um fósforo"* , disse ele, divertido. " *Já está se divertindo?"*

Não! Isso não é divertido, Fisher. Isso é extremamente estressante!

Parecia que Foley compartilhava dos meus sentimentos. De joelhos, ele se encolhia a cada golpe que recebia nas costas; os nobres atiravam coisas nele. Pedaços de comida. Talheres. Um sapato. Um prato voou pelos ares, e foi aí que eu impus um limite. "Chega! Sente- *se* !", rosnei. "Eu nomeio Foley Briarstone amigo deste trono!"

Isso era tudo o que precisava ser dito. O édito que eu havia feito na minha coroação cuidava de todo o resto. Nenhum membro da Corte de Sangue poderia ferir qualquer pessoa que eu considerasse amiga. Com oito dias de antecedência.. Com essas palavras, eu me certifiquei de que ninguém em Ammontraíeth *jamais* voltaria a fazer mal a Foley.

“Que farsa é essa?” Algat estava notavelmente ausente do salão até então. Ela abriu caminho à força pelo emaranhado de nobres e empurrou Taladaius para o lado em sua pressa para chegar até Foley.

Ela circulou o homem, seu pequeno gato preto das sombras rondando seus pés enquanto o fazia.

Guru uivou ao ver Foley e se esticou em uma reverência, esfregando a cabeça nas coxas do homem.

Algat testemunhou isso e rosnou. Ela mostrou dentes amarelados, semelhantes aos de um rato, e *chutou* o gato. O golpe certamente teria causado algum dano se Guru não tivesse se desmaterializado em uma faixa de sombras um segundo antes de seu pé fazer contato com a lateral dele; obviamente, a criatura tinha prática em evitar suas botas.

"Ele não pode estar aqui", ela vociferou, apontando o dedo para Foley.

“Esta é a minha vontade.”

As bochechas de Foley ficaram vermelhas como brasa. As pontas das orelhas também. Guru havia reaparecido, pulado em seu colo e implorado por carinho. O homem parecia não saber o que fazer nem para onde olhar. Acariciou a cabeça do gato, evitando o olhar de qualquer pessoa.

A bruxa resmungou, furiosa. Ela me lembrou uma das velhas que costumavam ficar do lado de fora da casa de Kala, cuspindo nas pessoas que saíam do prédio e dizendo que suas almas estavam condenadas ao inferno por fornicação e bebida. "Ele não pode servir a esta corte. Como pode, se recusou a jurar fidelidade a Sanasroth?"

Algat percebeu que seu argumento era falho enquanto o formulava. Seus olhos lacrimejantes se voltaram para o Hazrax, que permanecia na ponta de seu lugar no mosaico estelar abaixo do estrado, imóvel, sem dizer uma palavra, com as longas mãos enfiadas nas mangas bufantes de seu manto. Ela já sabia o que eu ia dizer.

“O Hazrax não é membro desta corte. Não jurou fidelidade a Sanasroth nem a nenhum vampiro aqui presente, e ainda assim tem sido um Senhor da Meia-Noite por muitos séculos.”

“Sim, mas isso é—”

“Diferente? Não consigo ver como.” Senti então: o empurrão opressor contra a parede que protegia minha mente. Era Algat, tentando entrar, mesmo eu tendo proibido que ela vasculhasse minha cabeça. Apesar da ordem, ela ainda tentava.. e minha fúria cresceu como uma onda de vingança invocada pelos próprios deuses. Imaginei facas, dezenas delas, pairando no ar, com as pontas apontadas para a parede. Abaixei a parede, apenas o suficiente para lançar as lâminas para a frente, e a ergui novamente o mais rápido que pude.

Algat cambaleou, as pálpebras tremulando, os olhos revirando para trás, enquanto um rio de sangue jorrava de seu nariz, escorrendo pelo queixo.

Não haveria mais rodeios desta vez. Se ela não se comportasse, eu a obrigaria. Se ela quisesse violência, seria dela.

"O que você fez?" O grito veio de Zovena. A fêmea não tinha nenhum afeto por Algat, mas ali estava uma oportunidade para causar um escândalo. Ela dificilmente deixaria a chance passar. E estava com medo. Eu podia sentir o

cheiro nela, um odor de lençóis sujos e febre. Ela temia *ser* a próxima.

“Hoje é dia de aprendizado”, eu disse. “Algat ficará bem. Mas ela deve ter cuidado onde anda.”

A Guardiã dos Registros cambaleou, mas em um instante recuperou o equilíbrio e voltou a me encarar com raiva. Algat deu um tapa em seu queixo, espalhando sangue pelo rosto dela enquanto ela tentava limpá-lo. "Minhas desculpas", ela disse com a voz rouca. "Eu só tentei fazer você entender *a situação* . O Hazrax não importa neste caso. Não tem nada a ver com política. Nem mesmo. ." Será que alguma vez opta por exercer o seu direito de voto? Este indivíduo faria ambas as coisas, em detrimento deste tribunal. Se ele não jurar fidelidade—”

“ Não juraria lealdade a *Malcolm* ”, disse Foley em voz baixa. “Jurarei lealdade a *ela* .”

Puxa vida.

Eu não esperava por isso.

Tínhamos percorrido um longo caminho desde a tentativa dele de me matar na biblioteca, ao que parecia. Eu jamais imaginaria ouvir aquelas palavras saindo da boca de Foley. Ele estava sério e com o olhar lúcido enquanto gesticulava em direção aos degraus, perguntando silenciosamente se poderia se aproximar do trono.

Assenti com a cabeça, concordando.

O homem ajoelhou-se aos meus pés e sacou uma adaga da bainha que carregava no cinto. Ele a ergueu para me mostrar.

Olhos estranhos e tristes, com pupilas verticais e estreitas, encontraram os meus. "Lembrei-me recentemente de que eu era um lobo", disse ele, sorrindo suavemente. "E lobos não se acovardam em bibliotecas empoeiradas, com medo da própria sombra. Eu juro a *você* , Saeris Fane. Cumprirei suas ordens enquanto houver fôlego em mim. E quando eu partir deste lugar e seguir para o próximo, levarei seus estandartes e invadirei os portões do céu em seu nome, se assim o desejar."

Ele fechou a mão em torno da lâmina e a desembainhou, tingindo-a de um

carmesim profundo e escuro com seu sangue. Aceitei a arma e usei sua ponta para extrair uma gota do meu próprio sangue, que ainda era, de alguma forma, do mesmo vermelho vivo que o dos vivos.

“Eu te aceito como meu servo jurado”, eu lhe disse. “Aceito sua lealdade e seu serviço. Em troca, ofereço-te a proteção da minha casa. Eu te nomeio Lorde da Meia-Noite.”

Inclinando-me para a frente, devolvi-lhe a adaga. Foley aceitou-a e, enquanto o fazia, aproveitei a oportunidade para silenciar o ar. ao nosso redor, de modo que, quando eu sussurrasse para ele, ninguém mais ouviria. "O que te fez mudar de ideia?", perguntei em tom de brincadeira.

Ele soltou um riso trêmulo e inconstante. "Bem, eu imaginei que se *ele está* disposto a te seguir", disse ele, acenando na direção de Fisher, "então *eu* seria um completo idiota se não o fizesse, não é?"

Kingfisher bufou baixinho, mas eu percebi que ele estava satisfeito. Eu estava prestes a dizer a Foley que ele estava errado, que Fisher não me *seguiu* de jeito nenhum, mas o pensamento nunca chegou aos meus lábios. Um grito cortou o ar, e depois outro.

"E *agora* ?" Só um momento de paz. Era pedir demais?

Ao procurar a origem dos gritos, descobri que todos no salão estavam, de repente, olhando *para cima* . Antes, era impossível perceber, mas as seções do teto abobadado eram, na verdade, painéis, e estavam se desprendendo.

"Está aqui!" gritou alguém. "Está aqui!"

"O que é isso?" Me virei na cadeira — meu *trono* — tentando descobrir o que estava causando a comoção, mas Kingfisher pegou minha mão e a apertou.

“A luz do entardecer, Osha. Espírito dos deuses.” Ele apontou para o céu noturno, a oeste, onde uma onda de luz verde brilhante e cintilante percorria os céus a uma velocidade tremenda.

“Eles estão conosco”, murmurou Foley, pressionando o indicador e o dedo médio contra a testa, entre as sobrancelhas. Muitos dos nobres imitaram o gesto. Surpreendente, não é? Quer tivessem escolhido essa vida por si mesmos, quer

lhes tivesse sido imposta — imortal, uma perversão da natureza, sem jamais conhecer o descanso e a paz da vida após a morte —, era lógico que estivessem além da vista dos deuses aqui, neste lugar profano. Mas ainda havia alguns entre eles que adoravam os deuses. Inclinaram a cabeça em reverência enquanto um vento cortante soprava. o salão, e a luz verde pálida rasgava o céu acima, formando um estandarte cintilante que preenchia o céu noturno de horizonte a horizonte.



Foi lindo. Como nada que eu já tivesse visto antes. Nem mesmo a aurora boreal que cruzou o céu depois que Lorreth deu o nome de Avisiéth foi tão espetacular.

A luz tênue das tochas por todo o salão se intensificou, brilhando novamente. As chamas nas lareiras se fortaleceram, crepitando violentamente na parte de trás de várias fogueiras. Era como se, por todo o Palácio Negro, as fontes de luz tênue já existentes estivessem sendo energizadas pela chegada do estandarte verde oscilante no céu noturno.

Os nobres esqueceram as tentativas de Zovena de semear a discórdia.

Eles se esqueceram de Algat e do vampiro com dentes de ouro ajoelhado aos meus pés.

Eles se esqueceram do talento de Tal para o espetáculo e da ameaça constante que meu companheiro representava, sentado ao meu lado. Em uníssono, a Corte de Sangue ergueu os pescoços, maravilhados.

A música preenchia o ar — uma peça frenética, repleta de picos arrebatadores e crescendos estrondosos. Dançarinos de sangue quente giravam pela pista, rodopiando em seus pares como dervixes, com as caudas de seus casacos e saias amplas esvoaçando ao seu redor enquanto rodopiavam. Acima de tudo, o firmamento resplandecia, estrelas cintilando na luz crepuscular como se através de um véu de fina seda de jade.

Os servos enchiam as taças de vinho dos nobres, sacrificando uma gota de seu sangue em cada uma, e os vampiros bebiam. Toda a cena era um espetáculo para se contemplar — e um que eu teria sacrificado de bom grado em troca da paz e tranquilidade de Cahlish e da presença dos meus amigos.

Te Léna e Maynir permaneceram na propriedade, vigiando Everlayne. Danya ainda estava no acampamento de guerra temporário. Iseabail ficou para continuar suas tentativas de adivinhar a localização de Ren. Lorreth insistiu que ele viesse conosco de volta para Ammontraíeth, mas Fisher recusou, dizendo-lhe para verificar como estavam os guerreiros no acampamento improvisado.

Carrion protestou ruidosamente quando lhe disse que não poderia ir ao baile, mas ele era a única pessoa que Hayden realmente conhecia na propriedade, e eu queria alguém lá para ficar de olho nele.

Seria típico do meu irmão fugir de Cahlish num acesso de raiva depois da discussão que tivemos, e eu não ia deixar isso acontecer. Eu estava furiosa com ele, claro, mas não o suficiente para deixá-lo ser devorado por alguma criatura que vive em buracos com dentes afiados como navalhas.

Parecia que *sempre tínhamos mais água e comida do que qualquer outra pessoa.*

Será que ele era mesmo tão cego? Será que ele não me conhecia *de todo* ?

Eu lutei com unhas e dentes para resgatá-lo de Zilvaren, e durante todo esse tempo ele suspeitou que eu era um *traidor* ?

“Dance comigo.”

Respirei fundo, encarando Fisher. Seus olhos estavam ainda mais verdes esta noite, com o céu repleto de luz uniforme. Ele ainda não havia se levantado, mas *estendia* a mão e não parecia que fosse recusar o pedido.

“É aqui que você me diz que não dança, Osha?”, ele murmurou. “A parte em que você diz que não sabe os passos, ou que tem dois pés esquerdos?”

Hah. E ele achava que já me conhecia por completo. Ainda havia coisas sobre mim que o Martim-Pescador do Portão de Ajun precisava descobrir. E embora eu não soubesse os passos de nenhuma das danças graciosas populares aqui em Yvelia, eu aprendia rápido e era ágil. E *não era* alguém para ser subestimada. Sorri enquanto considerava a mão de Martim-Pescador e então a peguei.

"Vou dar um jeito", eu disse a ele.

De repente, nos vimos no meio da elite, e Fisher me girava junto com ele

enquanto deslizava para cima. na pista de dança e para dentro da própria dança. Ele se movia com facilidade, seus movimentos precisos, em sincronia com os vampiros que nos cercavam.

Tentei não sorrir enquanto ele me girava, me levantando de forma que meus pés mal tocassem o chão.

"Isto lhe diverte, Majestade?", murmurou ele, reprimindo um sorriso.

“Ah, não. Estou apenas surpreso com a *sua* confiança na pista de dança.”

Ele se inclinou para mim e falou, em voz baixa, sua respiração quente acariciando meu pescoço.

"Dançar é como lutar, Osha. É como transar também. E eu me orgulho das minhas habilidades nessas duas áreas."

Eu ri. "Ah, é mesmo?"

“Hum. Sim. É isso mesmo.” A covinha em sua bochecha fez uma aparição breve, mas satisfatória.

“Imagino que você tenha bastante prática nessas áreas, não é?” Eu estava brincando com ele, e ele sabia disso. Ele inflou as bochechas, fingindo pensar na pergunta.

“Bem, eu já empalei muita gente na ponta da minha espada”, disse ele em tom conspiratório. “E já perdi a conta de quantas *batalhas* lutei.”

"Ei!" Pensei em dar-lhe uma cutucada nas costelas, mas naquele instante suas mãos encontraram minha cintura e ele me ergueu no ar, girando 180 graus antes de me colocar delicadamente no chão novamente — parte da dança que os outros nobres na pista executavam ao mesmo tempo. Os olhos de Fisher brilhavam, o fio de mercúrio adormecido em sua íris enquanto ele pegava minha mão e partia novamente, girando pelo salão na direção oposta.

"Não acho que queira saber nada sobre essa *história de empalamento* ", eu disse, fingindo desaprovação. "Mas talvez você não seja tão bom nisso quanto pensa. Talvez precise praticar um pouco mais."

O lado esquerdo da boca dele se curvou para cima, e a sobrancelha acompanhou o movimento. "Ah, é? Você tem anotações?"

“Sim. Anotações *extensas* .”

Agora era a vez de Fisher fingir estar machucado. Seus lábios roçaram minha têmpora enquanto ele falava. "E eu aqui, achando que estava fazendo um bom trabalho toda vez que te fazia implorar pelo meu pau."

Deuses e pecadores, ele estava tentando me matar. Em *público* . "Quantos desses nobres podem estar ouvindo você se gabar agora, eu me pergunto."

“Espero que todos eles. Eles já conseguem sentir o seu *cheiro* em mim.”

“Fisher—”

"Eles têm sorte de eu não estar arrancando esse vestido de você e te curvando sobre esse maldito trono agora mesmo, Saeris", ele rosnou.

Meu Deus. Meu sangue pulsava nos meus ouvidos. "Você não *ousaria* ."

Ele olhou para mim, o sorriso se transformando em algo muito mais sério. Suas pálpebras se fecharam, uma fome preguiçosa de repente se escondendo em seus olhos. "Você tem razão", concordou ele. "Eu não gostaria de estragar o vestido."

Eu tinha pensado que, agora que estávamos dormindo juntos, o desejo ardente que eu sentia sempre que estava perto dele diminuiria um pouco. Mas *não* aconteceu. Pelo contrário, meu desejo por ele só aumentava a cada dia. Olhei para ele e me lembrei de como ele era quando penetrava em mim. De como o suor marcava sua testa. De como ele tinha gosto de sal, de menta e, *ao mesmo tempo* , de um doce amaldiçoado sempre que mergulhava a língua na minha boca.

Desviei o olhar, incapaz de suportar o contato visual por mais tempo.

Eu o amava demais.

Nenhuma outra emoção se comparava a essa. Nem o ódio que eu sentia por Madra. Nem a dor que eu sentia por Everlayne, sofrendo sozinha em algum inferno desconhecido. Nem a preocupação que eu sentia pelo desaparecimento

de Ren. Nada disso. O mundo poderia estar acabando e meu O amor por esse homem superava meu medo. Às vezes, eu sentia que ia explodir de tanta intensidade daquele sentimento.

Os olhos de Fisher arderam quando me atrevi a olhar para ele novamente. Ele sabia tudo o que eu acabara de pensar. Eu tinha quase certeza de que ele também estava sentindo o mesmo.

“Você parece estar muito preocupada com vestidos”, eu disse em voz baixa.

"Será?" Sua voz era rouca.

Assenti com a cabeça. "Toda vez que entro nos meus aposentos aqui ou nos seus aposentos em Cahlish—"

“ *Nossos* quartos”, corrigiu ele.

Abaixei a cabeça. "Toda vez que entro nos nossos quartos em Cahlish, há um vestido novo, estendido na cama, à minha espera."

Ele hesitou por um instante antes de responder, mas então disse com muita cautela: "Você não gosta deles?"

“Sim. Eu sinto. Eu só. .” Meu Deus, por que foi tão difícil colocar isso em palavras? Não deveria ter sido. “Me faz sentir como se. . você estivesse tentando me *domesticar* .”

Ele parou de repente, bem no meio da pista de dança. Milagrosamente, ninguém esbarrou em nós; os outros dançarinos corrigiram a trajetória com graça, contornando-nos enquanto Fisher me

encarava com uma expressão de perplexidade. "E como diabos eu faria isso, Osha? Teria mais sorte tentando domesticar uma das suas feras."

“Não sei. Eu só. .” Mesmo assim, as palavras não queriam sair.

Fisher deu um passo em minha direção, segurando meu rosto entre as mãos. “Não quero que você seja nada além do que já é, Saeris. Os vestidos são apenas.. ” Sua testa se franziu. “São um *convite* . A vida que você viveu em Zilvaren foi difícil. Você teve que fazer tudo sozinha. Estou aqui agora, e. .

não, espere. Não, deixe-me terminar. Estou aqui agora, e só porque sou seu companheiro e você é a minha não significa que eu espere que você fique sentada por aí se enfeitando, ou.. ou que largue suas armas e adote um comportamento diferente.” estilo de vida. Eu *jamais* desejaria isso para você.

Mas você não precisa ser *uma* coisa só aqui, Saeris. Você pode ser muitas coisas. Pode usar suas roupas de couro e lutar todos os dias do ano. Eu jamais pediria que você não fizesse isso. Mas às vezes, se você *quisesse* . . você tem permissão para se suavizar, Saeris. Você tem permissão para parar de mostrar os dentes para o mundo e respirar fundo. Porque eu estou aqui para te *proteger* .

As dançarinas giravam, deixando rastros de veludo, seda e damasco atrás delas, e eu deixei aquelas palavras se instalarem em minha alma.

Porque eu tenho você.

Ele me *tinha* , não tinha? Ele era a âncora que me impedia de me afastar. Mesmo aqui, neste lugar horrível, ele não me abandonou.

“Vamos lá.” Fisher assentiu com a cabeça, como se tivesse acabado de tomar uma decisão. “Venha aqui. Quero te mostrar uma coisa. Não vai demorar nada, e depois eu te tiro daqui.”

Eu o segui. Teria ido *a qualquer lugar* com ele naquele momento, mas não fomos muito longe — para fora do fluxo dos dançarinos, para longe das mesas compridas, onde muitos figurões de semblante azedo ainda estavam sentados, resmungando sobre suas taças de vinho. Fisher parou em frente a uma pequena mesa redonda que ficava diante de um quadro particularmente explícito.

Olhei para o quadro pendurado, semicerrando os olhos para a bacanal que ele retratava. "O que o homem está fazendo com aquela cabra?", perguntei.

“Ignore a cabra”, disse Fisher em tom de repreensão. “Olhe aqui.”

Um enorme arranjo floral dominava a pequena mesa. Uma variedade de flores, provavelmente selecionadas por seus tons roxos complementares, havia sido organizada com muita habilidade em um vaso dourado brilhante. Eram deslumbrantes. No centro do arranjo, Fisher apontou para a flor mais bonita de todas. Não era a maior, mas sua cor era a mais vibrante. Quase iridescente. Suas pétalas eram onduladas nas bordas e comprimidas na parte superior. no meio, alargando-se nas extremidades para formar o desenho de corações. Em cada coração, uma minúscula gota de água brilhava como um diamante.

“Não.” A mão de Fisher fechou-se em torno do meu pulso, impedindo-me de tocar na flor. “Não vai te matar, mas vai te deixar muito infeliz, acredite em mim.”

"É venenoso?"

“Para a maioria das pessoas, é mortal.” Lançando-me um sorriso torto, ele disse: “Mas você é mais forte do que a maioria. Aqui, chamam de Veridius. Torre do Santo. Nas cortes das fadas, chamamos de Flagelo da Viúva. Você já ouviu falar.”

Eu tinha. "Lorreth deu um pouco para mim e para Carrion mastigarmos em Gillethrye. Nossas costelas estavam quebradas depois que batemos na superfície do lago. Aliviou nossa dor por um tempo."

Fisher assentiu com a cabeça. “Deixe essa gotinha de orvalho entrar em contato com a sua pele, e ela aliviará sua dor para sempre”, disse ele. “A erva-de-viúva é segura para mastigar depois que o veneno for removido de suas pétalas e suas folhas forem maceradas e secas por alguns dias.

Contanto que você não engula as folhas e apenas as mastigue, você ficará bem. Mas eu não a trouxe aqui para lhe dar uma aula de medicina vegetal. Vim para lhe mostrar que, às vezes, as coisas mais belas são as mais mortais. Um vestido não pode te deixar fraca. Não vai te tornar vulnerável—”

Socorro! O grito trêmulo cortou o som da música.

Num instante, Fisher sacou Nimerelle e começou a examinar a multidão, tentando localizar a origem do grito.

“Deuses! O que. . o que está *acontecendo* ?” Na mesa próxima, um nobre estava curvado sobre o lugar à mesa, tremendo, um grosso jato de sangue negro e fétido escorrendo de sua boca. Também escorria de seus olhos, nariz e orelhas.

"Socorro!" O apelo foi repetido, desta vez do outro lado do corredor.

E novamente, atrás de nós. "Misericórdia! Por favor!"

Uma mulher ruiva, vestida com um vestido azul-real, caiu de joelhos, com sangue jorrando da boca, e se deitou no chão de obsidiana, convulsionando.

Com os olhos arregalados, Fisher observou a cena incrédulo. "O que é isso, em nome de todos os deuses?", sussurrou. "Será que. . será que era isso que estava escrito no diário?"

“Não! Não, estava escrito para eu nomear Foley como Lorde! Não havia nada sobre *isso* !”

Para a esquerda e para a direita, os de sangue alto começaram a vomitar sangue, manchando de vermelho suas roupas finas. Homens e mulheres, todos caíram, tremendo, com os dedos agarrando as partes íntimas, os olhos ensanguentados

revirando para trás.

Logo, a maioria dos vampiros no salão se contorcia no chão. E no meio deles estava Taladaius, imponente como um arauto da morte de cabelos prateados. "Irmãos e irmãs!", bradou ele. "Seu julgamento finalmente chegou!"

"Que *porra é essa* ?" Fisher sibilou.

“Sua gula é sua ruína! Bem-vindos à sua morte definitiva. Mas quem sou *eu* para negar-lhes uma última chance de redenção? Os servos que vocês devoraram com tanta avidez esta noite estão passando pelo corredor com frascos de vidro. Peguem um frasco e engulam o conteúdo, e vocês passarão por uma dolorosa transformação. Não, não uma transformação. Vocês renascerão , voltarão à vida, voltarão aos seus corpos feéricos, onde enfrentarão os horrores daquilo em que se

transformaram! Recusem os frascos e se juntarão aos outros demônios no inferno comigo imediatamente!”

"Que merda ele fez?" Fisher caminhou em direção ao Lorde, passando por cima dos corpos dos nobres caídos. Eu estava logo atrás dele, minha mente girando com a cena que se desenrolava diante de nós.

“Tal! Tal, você está louco?” Fisher agarrou o Senhor e o sacudiu. “O que *é* isso?”

“Era isso que deveria ter sido feito há muito tempo. Eles nunca iriam *mudar* , Fisher”, disse ele. “São incapazes. Malignos até a medula. E eu não ia colocar essa responsabilidade sobre seus ombros. Nem com você, Saeris.” Seus olhos procuraram os meus. “ Tomei a difícil decisão para que nenhum de vocês precisasse tomá-la. Este foi meu último ato como Lorde da Meia-Noite. Agora irei pagar pelos pecados *que* cometi.”

Deveríamos ter reparado na taça de vinho em sua mão. Deveríamos tê-lo impedido de vomitar o sangue vermelho viscoso que estava dentro dela. Observamos horrorizados enquanto Tal engolia —

o que quer que estivesse na taça era uma dose muito maior do que a administrada aos outros sangue-altos. Para ele, não houve demora. O sangue brotou em seus olhos e escorreu pelo nariz assim que fez efeito.

“Diga à Everlayne. . que eu.. sinto muito”, disse ele.

Ele caiu no chão e começou a tremer.



40

JULGAMENTO

SAERIS

PRETO.

Fedorento.

Falta.

O sangue no chão tinha uma camada de quase três centímetros de profundidade e era extremamente escorregadio. Mal consegui manter os pés no chão enquanto corria em direção a um escravo que se abaixava e pressionava algo contra os lábios de uma mulher de sangue alto. Os olhos da mulher brilharam com silenciosa recriminação enquanto ela afastava a mão dele, rejeitando a salvação que ele lhe oferecia, mesmo enquanto se afogava no sangue pútrido que havia roubado.

“Aqui, me dê!” Estendi a mão, esperando que o servo me passasse um frasco da bolsa de couro que carregava, mas ele balançou a cabeça. “Não para ele”, disse. “Ele nos proibiu.”

“Não me interessa *o* que ele te disse.” Peguei a bolsa e me virei para onde Tal

estava no chão, chutando e se debatendo. . mas Foley já estava lá, enfiando os dedos entre os dentes de Taladaius.

“Justo. . dê meia-volta”, ele disse rangendo os dentes. “Eu disse a ele que não queria voltar como vampiro. Bem, agora *ele* não tem escolha. Ele vai voltar como fada, quer queira.. quer *não* !”

Taladaius *não* gostou. Ele se enfureceu e cuspiu, mas no fim, Foley forçou o conteúdo transparente de um dos frascos goela abaixo e massageou sua garganta até que ele engolisse.

O vampiro parou de vomitar, então. . mas o sangue foi substituído por uma espuma branca horrível que jorrava de sua boca, formando uma poça borbulhante no chão. Eu não conseguia decidir o que era pior.

Havia outros estendidos no chão ensanguentado, espumando pela boca. Não tantos quanto eu imaginava. Um em cada oito nobres? Não, menos. Um em cada *dez* havia escolhido viver e enfrentar as consequências de seus anos em Ammontraíeth.

Foley ficou de pé, ofegante, enquanto observava Tal tremer no chão.

“ *Você está* bem?”, perguntei a ele.

"Ele me disse para não beber o vinho. Achei que ele estivesse me alertando sobre o sangue na bebida. Eu já conseguia sentir o cheiro. Eu.. eu não ia beber de qualquer forma."

“Ele garantiu que nenhum dos servos nos desse vinho com sangue”, acrescentei, esfregando a testa.

“Ele. . droga, *é* por isso que ele queria me repudiar!” Fechei os olhos, balançando a cabeça. “Está *tudo* interligado. O sangue, quero dizer. O sangue *de Malcolm* transformou esses nobres. Deve ser algum tipo de magia.”

“Não é mágica. É um feitiço”, disse Fisher. “Algo para afetar a linhagem de Malcolm. Ele separou você do sangue dele para que isso não o afetasse. Ele já tinha feito o mesmo com você há muito tempo, Foley.”

“E.. quanto a *mim* ?”

Virei-me na direção da voz, minha mente lutando para entender o que meus olhos viam: Zovena, não como antes, quando a usei como apoio para os pés. Havia cor em suas bochechas. Seus olhos eram azuis. Eu podia ouvir seu coração batendo de onde eu estava, a três metros dela. Lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto ela dilatava as narinas, encarando Tal. "Ele me arrastou para um nicho enquanto você dançava. Eu não estava. ." “Eu estava me sentindo bem. Estava tonta. Eu.. ”

Ela piscou. “Ele me pegou de surpresa. Eu senti o gosto do que ele colocou na minha boca, azedo e. .

doce, e então meus olhos se encheram de estrelas. Eu acordei e. . e. .” Ela olhou para *mim* , como se eu pudesse explicar o que tinha acontecido com ela.

Eu não tinha nada para lhe dar.

Tal não me disse uma palavra sequer sobre isso. Nem um pio.

"Ele está tendo algum tipo de convulsão", disse Foley.

“Dê a ele algo para morder”, respondeu Fisher. “Certifique-se de que ele não se machuque.” Ele estava ocupado examinando o chão do Salão dos Espelhos, procurando por algo; fosse o que fosse, ele não conseguia encontrar. Virando-se para mim, ele disse: “Você está bem? Você está se sentindo bem?”

“Sim, estou bem.”

“Ótimo. Pode esperar aqui por mim? Por favor? Ajude o Foley com o Tal?”

Assenti com a cabeça. "Sim. Eu—"

Ele se virou bruscamente, agarrando Zovena pelo braço, e correu pelo corredor, eliminando os corpos à medida que avançava.

Tudo estava acontecendo muito rápido. Centenas de vampiros jaziam mortos ou agonizantes no chão. O ar estava denso com um cheiro acobreado e enjoativo, tão pungente que me dava vontade de vomitar. Deitado de lado, o corpo de Tal tremia violentamente; seus olhos estavam revirados.

Sua pele pálida estava salpicada de sangue, seu belo terno cinza-pombo

arruinado.

"Ele vai ficar bem?" Uma pergunta estúpida. Completamente idiota. Não, *é claro que* ele não ia ficar bem. Tal *não* queria beber o conteúdo daquele frasco. Ele havia orquestrado aquele verdadeiro banho de sangue e não queria ficar por perto para ver como tudo terminaria.

A expressão sombria de Foley dizia tudo isso e muito mais. Mas havia também uma determinação implacável em seus olhos. Uma determinação que dizia que ele Ele não ia deixar o Senhor da Meia-Noite escapar sem lutar. "Ele está se acalmando agora", disse ele entre dentes cerrados. "Ele está superando isso."

Era assim no labirinto, depois que Malcolm me atacou? Meu sangue manchando o chão. Tal tomando medidas extremas para me salvar? Sim, deve ter sido algo parecido, de certa forma. Mas. .

Fisher havia agido como meu representante. Ele havia dado consentimento em meu nome. E ali estávamos nós, impondo um resultado ao homem de cabelos grisalhos a meus pés, explicitamente contra a sua vontade.

Eu não me importava.

Eu não ia deixá-lo ir, e nenhum dos amigos dele também.

Tal soltou um suspiro ofegante, arqueando as costas. Seus olhos se abriram de repente, e Foley caiu para trás, sentado, cobrindo o rosto com as mãos. A confiança com que falara até então devia ser apenas fachada, pois o som abafado que emitiu foi puro alívio.

"O que. . vocês fizeram?" Tal sussurrou com a voz rouca. Seus olhos reviraram-se descontroladamente para nós, embora seu corpo finalmente estivesse imóvel. Ele pressionou a mão contra o chão, os dedos anelados pegajosos de sangue, como se o quarto estivesse girando e ele temesse não conseguir se manter de pé por muito mais tempo.

“Você não pode simplesmente fazer *isso* . . e depois *ir embora!* ” Minhas emoções estavam à flor da pele. A qualquer momento, eu ia começar a soluçar. Uma parte de mim viu a carnificina ao meu redor e ficou aliviada. A grande maioria dos nobres de Sanasroth havia desaparecido. Eles aceitaram sua morte definitiva, em vez de retornar ao que eram antes. Mas nós tínhamos um *plano* ,

droga, e Tal tinha ido lá e feito o *próprio* plano sem nos contar nada.

"Por quê?" Eu me agachei ao lado do homem e afastei seus cabelos prateados do rosto. "Por que fazer *isso* ?"

Mas Taladaius apenas fechou os olhos, como se eu já soubesse a resposta para aquela pergunta e ele não suportasse repeti-la. Uma lágrima se formou no canto do seu olho, cristalina como água, brotando antes de rolar pela ponte do seu nariz e se misturar ao sangue. "Você tem que me deixar ir.

Eu não posso ficar", sussurrou ele.

"Hipócrita."

As pálpebras de Tal se abriram novamente, seus olhos com o mesmo cinza escuro de sempre. Ele olhou para Foley, o desespero estampado nas linhas de seu rosto. "Você não entende—"

“Entendo perfeitamente”, cuspiu Foley. Uma raiva repentina e implacável o dominou. Ele se impulsionou para frente para poder segurar o queixo de Tal e obrigá-lo a encará-lo. “Você me disse repetidas vezes que se tornar um vampiro não altera os fundamentos de quem você é, apenas os destaca. Olhe ao seu redor. Esses bastardos estão se desfazendo em cinzas agora porque são maus até a medula. Eles escolhem a morte em vez da vida porque não querem perder seu poder. Não havia nenhum juramento que os obrigasse a cometer as atrocidades que cometeram. Estava em sua *natureza* . Você—” Foley interrompeu-se, balançando a cabeça de Tal, forçando-o a se concentrar quando tentou se virar. “Você é inocente. Quaisquer horrores *que você* tenha cometido lhe foram impostos. Malcolm *sabia* o quanto isso o destruiria por dentro.”

Tal fechou os olhos, mais lágrimas escorrendo por suas bochechas, seu semblante se contorcendo.

"Você tem que me deixar.. " ele sussurrou.



“Você vai se perdoar”, insistiu Foley. “Você *vai* . E, enquanto isso, você pode pegar esse sentimento de culpa equivocado e usá-lo para se redimir. Ajude a consertar o que Malcolm usou você para destruir, Tal. Ainda há *esperança* .”

A cabeça de Taladaius deu um solavanco para trás. Outra convulsão o dominou, duas vezes mais forte que a anterior. Ele tremia, o rosto contorcido numa expressão de dor.

Isso foi pior do que ver meus amigos em Zilvaren morrerem. Havia um inimigo tangível ali, mas parecia que o próprio corpo de Tal era seu inimigo, e não havia nada que eu pudesse fazer para lutar contra isso. "Por que ele não está melhorando? Os outros.. "

Havia outros nobres, *antigos* nobres, abrindo caminho em meio à morte. Eles tinham o olhar atordoado de quem acorda de um pesadelo. Passavam por cima dos corpos de seus amantes e amigos, franzindo a testa em confusão diante da cena. Pareciam bem, exceto pelo fato de que a maioria estava soluçando. Mas Tal começara a espumar pela boca novamente. Ele estremeceu, agarrando o peito como se estivesse em agonia.

“Vamos. Precisamos sair daqui.” Fisher havia retornado, acompanhado de Zovena. Ele empurrou a loira para frente, e ela cambaleou, quase perdendo o equilíbrio. Ela havia perdido os sapatos em algum momento, e seu lindo vestido vermelho estava rasgado e imundo. “Não consigo encontrar Algat em lugar nenhum”, disse Fisher. “Procurei por toda parte. Eu a vi no corredor pouco antes de te tirar da pista de dança, Osha. Ela não teve tempo de sair antes que a pequena artimanha de Tal se concretizasse.”

“O que significa.. ?”

“O que significa que ela provavelmente bebeu de um frasco e não é mais uma bruxa de sangue alto”, disse Fisher. “E acredite em mim, se você achava que ela era má como vampira, *com certeza* não vai querer encontrá-la como bruxa.”

O anel de Tal; o anel de Zovena; uma corrente de ouro com o brasão da família Briarstone: três novas relíquias, feitas num piscar de olhos.

Sem piadas. Sem segredos. Sem lembranças.

O mercúrio se ligou à joia como se fosse a coisa mais natural do mundo. Tal estava inconsciente quando. . Entramos na piscina, então Fisher o carregou. Foley apertou o pulso de Zovena com força e a segurou firme enquanto desapareciam na prata. Eu os segui, lançando um olhar por cima do ombro, permitindo-me um momento para repensar tudo aquilo. Os habitantes de

Ammontraíeth agora eram Fae. Estavam confusos. Mesmo lá embaixo, nas Engrenagens, os nobres estavam todos mortos, e Fae desorientados vagavam pelas ruas, sem saber o que fazer ou para onde ir. Eu ainda era a rainha deles? Este ainda era o lar deles? Eu não conseguia entender nada daquilo. Ir embora agora *não* parecia uma boa ideia, mas o que mais havia para fazer?

O arsenal de Cahlish estava deserto, exceto por algumas galinhas que se dispersaram, cacarejando surpresas, quando emergimos do mercúrio. Minha cabeça girava e o choro incessante de Zovena tornava impossível pensar.

O ar noturno cortava meu rosto enquanto atravessávamos o quintal em direção à casa. A mansão erguia-se imponente como uma sentinela, lançando luz forte na escuridão, e meu pulso acelerou quando a porta da frente surgiu à vista. Uma parte de mim sentia — ingenuamente — que tudo ficaria bem assim que entrássemos. Não era o caso, é claro, mas eu me permiti acreditar nisso.

Mesmo que fosse apenas pelas próximas vinte e quatro horas, eu *precisava* me permitir acreditar nisso, ou desmoronaria sob o peso de tudo o que estava acontecendo naquele momento.

Taladaius ainda estava convulsionando. Acordava por um ou dois minutos e lutava para falar. Ficava ofegante, como se tivesse esquecido como era respirar. Mas, pensando bem, ele realmente *havia* esquecido. Fazia mais de mil anos..

Zovena fungava atrás de Fisher, soltando ocasionalmente um soluço triste, mas fora isso, não disse muita coisa. Ela estava cambaleante, o cansaço a deixando instável.

Fisher abriu a porta e fez um gesto para que eu entrasse primeiro, o que provavelmente foi o melhor

— no momento em que pisei os pés em Cahlish, dei de cara com meu irmão, que brandia um atiçador pesado em uma das lareiras.

Seus olhos se arregalaram ao me observar. "Que merda aconteceu com você?" Ele franziu a testa. "O

que você está *vestindo* ?"

Tínhamos fugido de Ammontraíeth o mais rápido possível. Eu, com certeza, não

me preocupei em trocar de roupa antes de sair, embora tivesse aproveitado para pegar o livro da Edina. "É um *vestido* , Hayden", eu disse, cansada. "Onde está Carrion?"

“Ele está lá em cima. Ele me mandou aqui embaixo buscar uma coisa para ele. Ouvi o barulho na porta e pensei que alguém estivesse tentando invadir. Por que você está *molhada* , Saeris? É *sangue* ?”

Meu irmão parecia cada vez mais perplexo enquanto todos entravam na casa — Fisher primeiro, a quem ele obviamente reconheceu. Mas depois Tal, tremendo em seus braços, e Foley, e finalmente Zovena. Todos nós parecíamos ter levado uma surra. “Bem, isso não parece bom. Achei que vocês fossem para uma *festa* .” Hayden apertou o atiçador de lareira com força, como se não tivesse certeza se precisava dele agora ou não.

“Onde está Te Léna?”, perguntei. “Você a viu?”

“Acho que ela ainda está na sala de jantar. Acabamos de jantar. Eu estava indo para a cama”, respondeu ele.

“Cama? Sim, provavelmente é uma boa ideia.” Meu Deus, ainda nem era meia-noite. Os ponteiros do alto relógio de parede no corredor marcavam pouco mais de onze e meia, mas Hayden provavelmente nem sabia disso. Levei um tempo para me acostumar com os relógios de Yvelia. Os relógios de sol que tínhamos em Zilvaren eram bem menos complicados que um relógio Fae, mas também bem menos precisos. “Por que você não sobe e. . podemos conversar sobre tudo isso



amanhã de manhã?” Por que minha voz estava tão estranha? Tão *rígida* ? Mal reconheci a minha própria voz.

Hayden soltou um som de deboche, finalmente abaixando o atiçador. "Então você está me mandando embora de novo? Escondendo a verdade de mim mais uma vez? Porque isso funcionou tão bem da última vez?"

Eu o amava, amava mesmo. Eu tinha que amar. Mas, misericórdia, como ele dificultava as coisas às vezes. "Tudo bem. Sabe de uma coisa, Hayden?" Eu joguei Levantei as mãos. "Que seja como você quiser. Quer saber de tudo?

Ótimo. Venha e aprenda tudo. Você vai se arrepender amargamente logo, eu te garanto."

MARTIM-PESCADOR

Eu mal estava acordada. Saeris estava sentada pálida como um fantasma ao meu lado na mesa. Não havia tido tempo para banhos, então usei minhas sombras para nos limpar. Tal ainda estava inconsciente e fora colocado para descansar em um dos quartos no andar de cima. Zovena, que não parava de chorar, estava à beira da histeria e nem sequer pareceu notar quando usei minha magia para remover o sangue de seu vestido.

Depois de equipar todos com roupas limpas, Archer mostrou onde cada um poderia dormir, e então Te Léna passou uma hora avaliando os ferimentos de todos. Quando ela terminou, o resto de nós se sentou à mesa, e eu expliquei a Te Léna e Maynir o que havia acontecido em Ammontraíeth. Eu estava mais ou menos na metade da história quando Carrion entrou apressado na sala de jantar, carregando um pequeno pote azul cheio de terra e uma adaga afiada presa entre os dentes. Ele parou abruptamente ao nos ver reunidos em volta da mesa. "Perdi alguma coisa", disse ele cuidadosamente, segurando a lâmina com cuidado. "*Definitivamente* perdi alguma coisa."

“Sente-se e escute”, ordenei. Até bem pouco tempo atrás, eu teria mandado o contrabandista embora e fechado a maldita porta atrás dele. Mas certos pensamentos começaram a se formar na minha cabeça — pensamentos que não podiam ser ignorados para sempre. Um dia, muito em breve, teríamos que pensar no trono de Yvelia, e Swift não seria *menos* idiota se eu. . Continuava a tratá-lo como tal. Não gostei disso, mas o comentário dele em Zilvaren *me* incomodou.

As sobrancelhas de Carrion se ergueram. "Na verdade, eu ia apenas retirar algumas mudas das plantas—"

“Sente-se, Carrion.”

Um sorriso começou a se espalhar lentamente pelo seu rosto. "Você *quer que* eu fique. Você *sentiu* minha falta."

"Se você não tirar essa faca da boca e se sentar, eu mesma vou quebrar esse vaso de plantas na sua cabeça", murmurou Saeris em tom seco.

“Ok. Tudo bem. Estou sentado.” Ele piscou para Saeris enquanto colocava suas coisas sobre a mesa e se sentava. A mesa ainda parecia lamentavelmente vazia, com muitas cadeiras desocupadas. Lorreth

e Danya estavam com os guerreiros no acampamento temporário. Só os deuses sabiam onde Renfis estava. E também faltava mais uma pessoa. Alguém com quem eu *realmente* queria conversar.

Ela apareceu justamente quando eu estava explicando a Te Léna e Maynir como poucos dos nobres haviam aceitado a chance de se tornarem fadas novamente. Um silêncio denso se instalou quando Iseabail entrou na sala.

Ela não fingia. Não negava nem demonstrava arrependimento.

Encarei o seu olhar e o sustentei.

“Iseabail, venha se juntar a nós.” Te Léna era sempre acolhedora, mesmo quando a tensão no ar era gélida. “Fisher estava apenas explicando o que aconteceu em Ammontraíeth.”

“Ela sabe tudo o que aconteceu em Ammontraíeth, não é, Iseabail?”, eu disse.

A bruxa pressionou as mãos contra as saias, enxugando as palmas no tecido — provavelmente encharcadas de suor, como bem deveriam estar. "Sim", respondeu ela com voz clara. "E tenho certeza de que você quer que eu sinta muito por isso, Martim-pescador, mas não sinto. Não posso sentir."

"Você colocou meu companheiro em perigo", rosnei.

À minha esquerda, Saeris se moveu, desviando sua atenção da bruxa ruiva para mim. Ela era mais rápida que a maioria, já havia juntado as peças, mas ainda assim não estava zangada com a mulher parada aos pés da mesa. Colocando a mão sobre a minha, ela soltou um suspiro exausto. "Eu não me machuquei. Essa claramente nunca foi a intenção deles."

Carrion apoiou o cotovelo na mesa, repousou o queixo na mão e disse: "Que *porra* vocês estão falando, afinal?"

“Eles estão zangados comigo pelo que aconteceu esta noite”, disse Iseabail, em tom calmo e sereno.

Te Léna tinha descoberto tudo. Maynir também. Tanto a curandeira quanto o marido trocaram olhares desconfortáveis. "Você não queria voltar aqui para nos ajudar, queria?", disse Te Léna.

Ninguém a teria culpado se estivesse furiosa com o engano da bruxa, mas era pior do que isso. Ela estava magoada. Pensara que tinha feito uma amiga.

A expressão desafiadora de Iseabail desmoronou diante da acusação da curandeira, mas ela manteve a postura rígida, o queixo erguido. "Sinto muito, Te Léna. Gostei de passar um tempo com você e aprender com você, de verdade. Eu também queria te ajudar a encontrar Ren, mas precisava de um motivo para ficar aqui em Cahlish. Eu precisava estar perto para que o feitiço funcionasse."

“Ah. Agora entendi”, disse Carrion. “ *Foi você* quem lançou o feitiço que matou os nobres. Você deu aqueles frascos para Tal curar a Corte de Sangue!”

“Fiz o que tinha que fazer. Você tem ideia de quanto tempo esperamos por uma oportunidade de entrar em Ammontraíeth? Você sabe quanto tempo—”

“Você colocou meu companheiro em *perigo* ”, repeti.

Ela mordeu o lábio inferior, olhando para as mãos. Havia longos cortes em seus pulsos, sangue ainda pingando no chão da sala de jantar.

Fechei os olhos, rindo sem humor. "Assim que aqueles nobres foram afetados pelo sangue naquele vinho, eles se libertaram do controle da Corte de Sangue, não é?"

“Sim”, disse ela.

“Qualquer um deles poderia ter nos atacado.”

"Sim."

“E não foi *o seu* sangue que os escravos deixaram pingar em seus copos?”

“Sim. Tal os trouxe até o rio, e eu os marquei com sigilos. Quando eles se cortaram, meu sangue fluiu através de suas veias. Um feitiço de transferência simples, na verdade. Meu sangue—”

“Seu sangue é uma maldição para todos os vampiros. Ele os mata, a menos que tomem o antídoto criado pelo *seu* clã.”

"Sim."

Sim, ela respondeu, repetidas vezes, sem vergonha ou arrependimento. Sombras começaram a emanar de mim, fluindo como fumaça pelos braços da minha cadeira, rolando pela mesa em direção à bruxa.

“Fisher”, disse Saeris. “Eu não me machuquei. Está tudo bem. Podemos lidar com isso—”

“Você mentiu para Tal”, eu disse.

Iseabail observava a cortina de sombras se aproximando com crescente apreensão. O ar vibrava com seu medo, mas ela assentiu, reconhecendo a verdade. "Eu tive que fazer isso. Se ele soubesse que os sangue-altos poderiam ferir você ou Saeris, ele jamais teria concordado com o plano. E eu me sinto mal por ter mentido para ele. Me sinto mesmo. Eu aceitaria qualquer punição que ele achasse adequada pelos meus crimes, se ele tivesse escolhido renascer, mas—"

"Tal está vivo", respondi bruscamente. " *Você* pode até achar normal deixar morrerem pessoas que considera seus amigos, mas nós não somos iguais."

Nesse momento, Iseabail ficou boquiaberta. Deu um passo em direção à mesa, fazendo sinais com as mãos para afastar minha fumaça. "Ele está *vivo* ?"

“Você não pode reter minha magia por muito tempo, Iseabail. Esta é *a minha* casa—”

“Não me importo, Fisher! Mate-me se quiser! Eu sabia que haveria um preço a pagar por tudo isso.

É um preço que nasci *para* pagar!” Ela falou rapidamente, suas mãos tremendo enquanto minhas sombras se chocavam contra suas proteções. Não demoraria muito. Um empurrão firme meu e eu as romperia. Eu a *mataria* pelo que ela fez. “Escute. Espere!” ela gritou. “Ele está aqui?”

“Ele está descansando lá em cima”, rosnou Foley. Ele havia se mantido em silêncio durante toda a conversa, mas parecia que não conseguia mais se conter.

“Ele ainda está tendo convulsões a cada cinco minutos. Ele pode nunca se recuperar daquela *porcaria* que tivemos que enfiar goela abaixo dele.”

“Não! Você precisa me levar até ele. Agora mesmo *!* ”

“Nem pensar que vamos—”

"Por quê?", perguntei. Claramente, a bruxa estava assustada.

Iseabail respirou fundo, as mãos tremendo ainda mais quando minhas sombras quase romperam sua proteção. Ela encontrou meu olhar e o sustentou, falando com urgência. "Os sigilos com que marquei os servos não eram grandes o suficiente. Não eram fortes o suficiente. Eu não podia arriscar

que os sangue-altos sentissem a magia neles ou vissem marcas grandes. Eu precisava de um conduto muito maior para canalizar o feitiço, um que redirecionasse a energia para os servos e completasse o feitiço."

“Do que você está falando, Iseabail?” Saeris já estava se levantando; ela estava me seguindo. Uma triste constatação me atingiu enquanto a bruxa falava — eu já estava indo em direção à porta.

A maldita tatuagem.

Aquela que eu tinha visto cobrindo o peito de Tal lá no Salão das Lágrimas, por baixo da camisa larga dele. Afinal, não era uma tatuagem. Era uma *marca de bruxa* .

Porra.

Passei correndo pela bruxa, recuando minhas sombras. "Isso vai matá-lo?", perguntei.

Ela largou a criança e correu a toda velocidade atrás dele. "Se eu não chegar até ele imediatamente, isso vai nos matar a *todos* ."

As cortinas já estavam em chamas quando chegamos ao quarto. Os lençóis também. A tinta da paisagem a óleo pendurada acima da cama estava com bolhas e derretendo, escorrendo pela moldura dourada e pela parede. Taladaius jazia imóvel na cama onde o havíamos deixado, na esperança de que se sentisse

melhor depois de descansar um pouco. Seu corpo estava envolto em chamas, embora sua pele não estivesse queimando. Ainda não. Sua camisa havia desaparecido, queimada, revelando seu peito nu e a monstruosa marca de bruxa que se estendia de ombro a ombro, abrangendo seu torso da clavícula aos quadris.

“Zareth, nos salve!”, sibilou Te Léna, entrando na sala atrás de nós e vendo a marca. “Em que diabos você estava pensando? Os nós desse tipo de feitiço não podem ser desfeitos!”

As linhas eram intrincadas, centenas e centenas de feitiços entrelaçados consecutivamente, formando uma tapeçaria de sigilos que levaria um clã inteiro de bruxas um mês inteiro para desvendar. Te Léna tinha razão: estávamos ferrados.

"Eu tenho que *tentar* !", exclamou Iseabail. "Eu dei um nó neles. Eu consigo desfazê-los!"

"Por que você *faria* isso com ele?" Maynir recuou da cama, assustado com o calor das chamas, com a crueldade do feitiço, como se não suportasse presenciar nada daquilo.

As mãos de Iseabail moviam-se rapidamente. A marca brilhou em sua presença, o feitiço respondendo à sua criadora. Ela puxou e desfez os fios do feitiço o mais rápido que pôde. "Ele deveria levá-lo *consigo* ", cuspiu ela entre dentes cerrados. "Ele disse que ia morrer! O feitiço teria morrido *com* ele!"

Era tarde demais.

Tínhamos sobrevivido à queda da Corte de Sangue e a tantas outras situações impossíveis, só para cairmos nas garras da marca da bruxa que acabou com todas as marcas de bruxa. Que piada de mau gosto.

Foley estava parado do lado de fora do quarto, com as chamas ardendo em seus olhos. Ao lado dele, Carrion segurava a faca que carregava entre os dentes, como se estivesse pronto para usá-la, mas

não havia ninguém *contra quem usá-la* . "Que merda está acontecendo?" Ele se afastou bruscamente da onda de calor que emanava da cama onde Tal estava deitado. "Por que Tal está *pegando fogo* ?"

“A marca em seu peito. É magia emprestada. Magia *negra* . Ela concede poder a quem a aprisiona.

Mas, se não for controlada, *rouba* poder. Eventualmente, abrirá um portal que não poderá ser fechado.” Te Léna teve que gritar para se fazer ouvir acima do rugido do fogo e dos cânticos frenéticos de Iseabail.

“Que tipo de portal?” perguntou Saeris. Eu a havia protegido do calor com meu corpo, mas ela me contornou e se dirigiu para a cama. Sua mão direita brilhava intensamente como uma estrela furiosa. “Um portal para onde?” Sua voz era baixa, mas todos a ouviram.

“Para o reino de onde provém toda a magia negra”, respondeu Te Léna. “O reino *dos demônios* . Não direi seu nome!”

Os dedos de Iseabail desataram, desatando os nós, movimentos rápidos e imprecisos. Mas ela não se movia rápido o suficiente. Esse tipo de marca não era para ser *desfeita* . Era uma sentença de morte, e o motivo pelo qual Tal implorou para que o deixássemos morrer. Ele sabia da destruição que carregava na pele e tentou impedi-la. Tentou evitar que isso acontecesse, mas nenhum de nós o ouviu.

"Eu consigo senti-los", murmurou Saeris. "Eles querem passar. Eles estão. . *famintos* ." Seus cabelos, que estavam presos no elaborado penteado que usara no baile, se soltaram e flutuavam de forma sinistra ao seu redor enquanto ela caminhava em direção à cama.

Cuidado, Osha. O fogo é real. Ele vai *te consumir.* Estendi a mão para ela e me arrependi instantaneamente. No segundo em que minha mão tocou a dela, as runas que marcavam minha pele, espelhando as dela, explodiram em luz. Uma dor como nenhuma outra rasgou meu braço e detonou dentro da minha cabeça, me fazendo cair de joelhos. Eu não conseguia pensar direito. Não conseguia respirar. Alguém estava gritando alguma coisa em algum lugar — Hayden, berrando para sua irmã voltar. Foley o segurava, impedindo-o de correr para o quarto em chamas.

Eu precisava chegar a Saeris. Eu tinha que chegar lá.

O fogo consumiu o teto, alastrando-se sobre a representação do céu noturno ali pintada, desafiando a gravidade e engolindo as estrelas.

O inferno estava chegando.

O inferno estava *aqui* .

Mas então Saeris se inclinou sobre o corpo em chamas de Tal e pressionou as mãos contra o peito dele. Todo o seu braço direito estava iluminado por um brilho branco-azulado intenso.

No intervalo entre as batidas do meu coração, onde meus pulmões paralisados tentavam, em vão, respirar, os filamentos brilhantes do feitiço de Iseabail se desfizeram, e as chamas do inferno se extinguiram.



41

PROCESSAMENTO

SAERIS

“ELA NEM SEQUER FEZ ISSO *tente* encontrar Ren.”

A luz do sol salpicava a grama, penetrando a copa das árvores. Através da pequena abertura formada pelos galhos acima, um pássaro circulava, pouco mais que um ponto preto contra o céu azul-celeste.

O ar denso e quente zumbia com o zumbido de algum inseto alado. Fisher caminhava descalço pela grama, arrancando com ferocidade as folhas de um graveto que encontrara no chão e cuspindo uma série de palavrões em Antigo Fae que eu percebia serem *extremamente* ofensivos, embora eu não fizesse a menor ideia do que ele estava dizendo.

Abracei meus joelhos contra o peito, apreciando a sensação do sol em meus braços nus. Estávamos ambos tão cansados quando desmaiamos mais cedo que eu presumi que nenhum de nós sonharia, mas aqui estávamos nós em Ballard. Fisher havia explicado que este era um de seus lugares favoritos quando criança. A clareira era pequena, cercada por floresta em três lados e delimitada por um riacho caudaloso no outro. Peixes prateados brilhavam como facas na água, lutando contra a correnteza.

Enrolei a folha de grama com a qual eu estava brincando em volta do meu dedo indicador, tentando organizar meus pensamentos. Às vezes era difícil me concentrar nos sonhos. Era como se me faltasse alguma informação, e eu *sabia* que me faltava alguma coisa, e por mais que tentasse, não conseguia descobrir o que era.

O cabelo da maioria das pessoas clareava um pouco sob a luz do sol, adquirindo reflexos avermelhados ou castanho-avermelhados, mas não o de Kingfisher. Seu cabelo parecia mais preto do que nunca sob a luz intensa. As ondas na altura dos ombros se arrepiavam ao redor das orelhas, revelando as pontas afiadas. Que criatura estranha ele era. Uma criatura do inverno. Ele mesmo dizia isso. Pele pálida, olhos verde-inverno e sombras. Parecia mais ele mesmo quando flocos de neve cobriam seus ombros e suas bochechas estavam coradas pelo frio. Mas ali ele também era uma versão diferente de si mesmo. Pertencia a este lugar tanto quanto a Cahlish ou às margens do rio Darn. Ballard combinava com ele. Havia algo em vê-lo descalço e com a camisa aberta até o estômago, exibindo suas tatuagens..

Seus olhos brilhavam de raiva enquanto ele se virava e apontava o bastão para mim. "Ela teria levado cinco minutos. Cinco *minutos* !" Ele brandiu o bastão no ar, usando-o para enfatizar suas palavras. "E veja só onde estamos. Ammontraíeth é um maldito cemitério, Tal está quase morto,

tenho uma bruxa *e* Zovena trancadas em quartos separados na propriedade, e *ainda* não sabemos onde Renfis está!"

“Você está abrindo uma nova trilha na grama ali”, eu disse a ele.

“E! *E!* ” Ele girou e atirou o graveto no rio. “Você tem outra runa, e não temos ideia do que seja esta!”

A terceira runa apareceu quando toquei no peito de Tal. Eu não tinha a intenção

de entrar naquele quarto em chamas. Não tinha *a intenção* de tocar no peito marcado do rapaz. Algo me puxou para frente, sem que eu quisesse, com uma urgência que eu não conseguia ignorar. Meu corpo não era meu. Aquela tinha sido uma experiência terrível, e eu certamente não queria que se repetisse, mas acabei ajudando Tal. Mais do que ajudando. Segundo os outros, eu o *salvei* e impedi que um portal para o inferno consumisse Cahlish. Eu não podia ficar bravo com isso, mesmo que nenhum de nós entendesse como aquilo tinha acontecido.

Estendi a mão para Fisher, mexendo os dedos. "Você pode vir aqui, por favor?"

Ele cerrou os dentes, olhando para mim com desconfiança. "Se eu for para lá, não consigo ficar andando de um lado para o outro", disse ele.

"Sério?" Fingi estar chocada. "Ah, *não* ."

“Se eu for para lá, vou parar de ficar bravo com Iseabail.”

Agitei os dedos com ainda mais força. "Ficar com raiva dela vai te levar a algum lugar agora?" Ele me lançou um olhar inexpressivo que teria me feito rir se o dia anterior não tivesse sido um dos piores que já vivi. "Você pode, por favor, vir aqui e me abraçar?"

Foi a gota d'água. Suas mãos caíram inertes ao lado do corpo, seus olhos me encarando por um instante antes de finalmente caminhar em minha direção pela grama. Um segundo depois, ele estava sentado de pernas cruzadas à minha frente, estendendo a mão para mim; puxou-me para o seu colo, de modo que eu ficasse de frente para ele, guiando minhas pernas para que se enrolassem em sua cintura. Suas mãos repousaram na parte interna das minhas coxas, seus polegares desfazendo os nós abaixo dos meus quadris enquanto ele me olhava.

“Você acabou de me pedir para te *abraçar* ”, disse ele suavemente.

"Eu fiz."

Você já pediu para alguém fazer isso?

Balancei a cabeça negativamente, passando meus braços por cima dos ombros dele e enterrando meu rosto na curva do seu pescoço. "Não. E se você contar para alguém que eu pedi , vou negar veementemente."

Ele deu uma risada profunda e grave. "Entre nós dois, só um não consegue mentir, Osha. Acho que as pessoas saberão em quem acreditar."

“Pedra Firinn Amaldiçoada por Deus.”

Seu riso reverberou em seu peito e chegou até mim. Uma sensação tão reconfortante. Ele acariciou meus cabelos, alisando-o nas minhas costas. Ele nunca tinha dito isso, mas gostava de acariciar meu cabelo. Eu não sabia por quê. Nunca tive vontade de perguntar também. Era um toque

reconfortante. Me acalmava mais do que qualquer outra coisa. "Então", ele sussurrou. "Você quer falar de novo sobre o fato de existir uma cura para a maldição de sangue?"

E assim, de repente, minha calma se dissipou como fumaça.

"Na verdade não, não", murmurei contra o peito dele.

Ele teve que se inclinar para trás e se abaixar antes de conseguir encontrar meus olhos. "Por que não? Por que você está se escondendo de mim?"

"Não estou me escondendo. Estou *processando as coisas* ." Resmunguei, me afastando do peito dele e me jogando de volta na grama, levando as mãos à cabeça. Eu ainda estava tecnicamente sentada no colo do Fisher. *Mais ou menos* . Minhas pernas definitivamente ainda estavam enroladas na cintura dele.

Fisher ergueu as sobrancelhas, olhando para mim de cima, com um ar divertido. Minha blusa tinha subido. Seu olhar percorreu minha barriga, a parte da pele que agora estava à mostra, um leve sorriso curvando os cantos de sua boca. Ele se moveu casualmente, deixando as mãos repousarem ali, exatamente onde olhava, as palmas calejadas roçando minha pele, e eu não consegui resistir.

“Que *expressão é essa* no seu rosto, Martim-pescador?”

Suas sobrancelhas se ergueram um pouco. "Olha? Tem um *olhar* ?"

Assenti com a cabeça, sentindo a grama farfalhar ao redor das minhas orelhas. "Que olhar."

“Ah, não sei.” Ele deu de ombros, olhando para o rio. “A bunda da minha amiga

está roçando no meu pau, e ela está esticada na minha frente, com os ossos do quadril à mostra—”

“Você gosta dos meus ossos do quadril?”

Ele deslizou os dedos sobre elas sem olhar, depois moveu-se rapidamente, envolvendo minha cintura com as mãos e cravando os dedos firmemente na minha pele. "Adoro *seus* ossos do quadril", corrigiu. "Adoro como seus seios estão agora, pressionando a blusa desse jeito. Se existe um *olhar* , é porque eu sou terrivelmente. ." Você está me distraindo, e eu estou tentando falar sobre coisas muito sérias.”

Horrivelmente distraída? Gostei da ideia. Lentamente, rebolei o quadril, fazendo com que minha blusa subisse um pouco mais. "Não quero falar de *coisas muito sérias* ", enfatizei as palavras.

Seus olhos se fixaram novamente em meu estômago, movendo-se lentamente como uma geleira enquanto subiam em direção ao meu peito. "Eu teria pensado que você estaria animada com a possibilidade de se tornar uma fada", disse ele.

“Eu seria. Eu *sou* . Mas.. ” Encaixei os polegares nos bolsos e puxei, abaixando um pouco mais as calças até os quadris. Agora estavam escandalosamente baixas, quase inapropriadas.

Fisher me deu um sorriso aberto, mostrando bem os caninos, enquanto balançava a cabeça lentamente. "Você acha que eu não sei o que você está fazendo?"

"Não estou fazendo nada", menti.

Ele zombou disso. "Você acha.. " Ele passou os dedos levemente pela minha lateral. "Que esta é a primeira vez.. " Ele mordeu o lábio inferior quando eu estremeci. "Uma mulher bonita.. " Sua mão

deslizou para cima, por dentro da minha blusa, e percorreu minha caixa torácica. "Tentou me *seduzir*

?" Ele beliscou meu mamilo, rolando-o com força enquanto enfatizava a palavra *seduzir* .

Soltei um sibilo entre os dentes, debatendo-me contra ele com a pontada aguda

de dor que percorreu meu corpo e se instalou entre minhas pernas.

Os olhos de Fisher brilharam, as tatuagens em seu pescoço girando como se ganhassem vida sob sua pele. "Você está tentando me enganar?", perguntou ele.

“Só um pouquinho.”

“Só um pouquinho?”

“Hum.” Arqueei os quadris novamente, inclinando a bunda para baixo, rebolando um pouco, e as pálpebras de Fisher se fecharam.

"Está bem. Só um pouquinho. Vou deixar você me enganar *só um pouquinho,* contanto que responda à pergunta direito."

"Havia alguma pergunta?", provoquei.

“Diga-me”, ele resmungou. “Por que isso não é uma boa notícia? Independentemente de quanto eu desaprove os métodos de Iseabail, não existem mais nobres em Ammontraíeth. *Você* não precisa mais ser um nobre.”

Pelos deuses! Eu não ia conseguir o que queria se não lhe desse o que ele queria primeiro, não é?

Mas esse assunto parecia frágil, delicado demais para abordar agora. Respirei fundo e lhe contei a verdade, mesmo sabendo que parecia dar azar. "Porque e se não funcionar comigo? Eu não sou uma vampira completa, sou? E se me *matar* ?"

“Não vai te matar”, disse Fisher, apertando meu seio. Com a outra mão, ele desabotoou minhas calças.

Fechei os olhos, processando o que ele estava prestes a fazer. "E se. ."

"E se?", ele sussurrou.

"E se eu *não* morrer? E se isso me tornar *humano* novamente? Seja lá o que for que esteja naqueles frascos, fez com que Tal e os sangue-altos voltassem ao seu estado original. Quem garante que eu não voltaria a ser como era?"

A expressão de Fisher permaneceu impassível, como se o que eu tivesse dito não fosse nada assustador. "Então você volta a ser humano", disse ele.

“E o que aconteceria quando eu envelhecesse e morresse?”

Ele deu de ombros. "Aí você envelhece e morre."

“E você simplesmente. . simplesmente. .” Eu nem conseguia dizer. Ele faria o que sempre fazia.

Ajudaria o povo de Yvelia e lutaria contra gente como Belikon e qualquer outro que aparecesse. uma ameaça para aqueles que ele amava, e eu gostaria que ele desistisse. Eu não gostaria que ele simplesmente desistisse porque eu parti, mas —

"Eu iria *com* você, Osha." Ele falou como se eu fosse louca por pensar que ele faria qualquer outra coisa.



Meu coração apertou como um punho no peito. Ele estava falando sério — eu vi em seus olhos — e não parecia nem um pouco perturbado com a perspectiva. "Sou jovem aos olhos deste lugar", disse ele. "E sim, há muitas coisas que ainda quero ver e experimentar neste mundo. Mas não gostaria de ver nada disso sem *você* ."

“Fisher, não é tão *simples assim* .”

Ele inclinou a cabeça para o lado. "Não é?", perguntou suavemente. "Parece-me muito simples. Você não gostaria de vir passar a vida após a morte comigo se *eu* morresse?"

“Claro que sim!”

“Então que o meu amor seja igual ao seu.” Ele falou com uma ternura que me fez lacrimejar.

“Mas e se não houver *vida* após a morte?”

Ele sorriu tristemente, deixando a cabeça cair por um segundo. Quando olhou

para mim novamente, sua expressão era de pura frustração afetuosa. "Então não há nada", respondeu ele. "Só há o nada. E isso *ainda* será melhor do que estar aqui sem você."

“Pare. Pare de falar.” Tapei os olhos com as costas das mãos. “Você vai me fazer chorar.”

“Você já está chorando”, ele sussurrou. “Vamos. Volte aqui. Eu preciso de você.”

Eu preciso de você.

Palavras que eu jamais imaginei ouvir dele. Fisher tinha sido absolutamente vil comigo quando me trouxe através do mercúrio para este reino. Ele fora frio e agressivo, e eu o odiava com noventa e nove por cento do meu coração.

Mas aquele um por cento? Aquilo já era dele. E agora *tudo* era dele, e ele se agarrava a mim como se eu fosse a única coisa que importasse em todo o maldito universo dele.

A necessidade ainda pulsava no fundo do meu estômago, mas agora havia se transformado em algo mais. Algo mais profundo. Eu não queria apenas o corpo dele. Eu precisava da mente e da alma dele.

Eu precisava que o tempo parasse para que pudéssemos ficar aqui, onde nada pudesse perturbar nossa paz, e pudéssemos simplesmente *viver* .

E naquele momento, eu teria sido egoísta. Se tivéssemos podido ficar em Ballard, deitados na grama e abraçados para sempre, eu teria feito isso.

Mas todos os sonhos chegam ao fim.

Senti um enjoo reviravolta no estômago enquanto caminhava em direção à forja. O sol ainda não havia nascido completamente, mas já estava causando estragos no meu corpo. Eu não deveria estar acordado. Por tudo que é mais sagrado, eu deveria ter desmaiado há cerca de uma hora, mas eu tinha acabado de acordar. Meu relógio biológico estava desregulado e eu nem sabia mais onde estava.

“Ei. Aonde *você está* indo com tanta pressa?” Carrion vinha na direção oposta, pelo corredor. Seu cabelo estava todo despenteado e ele carregava uma pilha de livros nas mãos. Sua camisa estava incrivelmente amarrotada.

“Você ainda não foi para a cama, não é?” Continuei andando, o que significava que, obviamente, Carrion deu meia-volta e começou a andar comigo, de volta pelo caminho que tinha vindo.

“Não”, confirmou ele.

“Você não está cansado? Como diabos você consegue funcionar com tão pouco sono?”

Carrion dispensou minha preocupação com um gesto de mão. "Ah, sabe como é. Séculos de devassidão e delinquência em geral. Ei, falando sério, aonde você vai? Eu poderia usar sua ajuda com uma coisa."

A última vez que Carrion me disse isso, ele me coagiu a ajudá-lo a invadir uma das lojas de alimentos de Madra. Pelo menos, foi o que ele me *disse* que iríamos invadir. O prédio no Hub acabou sendo uma loja de armarinhos; Carrion só queria que eu servisse de distração para que ele pudesse roubar um rolo de tecido que o dono se recusara a vender. Fui perseguido pela cidade por dois guardiões e passei nove horas escondido em um sótão abafado, e. . enfim, o ponto é que nada de bom jamais acontecia quando Carrion dizia que precisava da minha ajuda.

"Seja o que for, a resposta é não", eu lhe disse.

“O quê? Ah, qual é! Não precisa ser assim , Fane.”

“Vou falar com Iseabail sobre o que aconteceu ontem. Preciso saber mais sobre o que ela fez e como a cura afeta as pessoas.”

“Isso parece mais coisa do *Fisher* .”

Pelos deuses, ele era exasperante. "É um problema *meu* , Carrion." Apontei para mim mesma. " *Eu sou* a meio-vampira. Foi *a minha* corte que foi afetada."

“Uau! Quando foi que suas *veias* ficaram prateadas?” Ele tentou agarrar meu pulso para ver melhor, quase deixando cair os livros no processo. “Aliás, ainda não falamos dos novos truques que você sabe fazer. Aquele escudo Alquimerano que você iluminou quando estava lutando contra aqueles guardas era muito foda. O que eram todos aqueles ícones em volta dele?”

“Não sei, Carrion. Ainda estou tentando descobrir. Provavelmente existem

outros elementos ou fios de magia que talvez eu consiga controlar um dia.”

“Pecadores.” Ele assobiou. “Isso é um poder em potencial enorme. Vocês acham que conseguirão ficar invisíveis em algum momento?” Qual é o ponto? Se eu pudesse ter acesso à magia, definitivamente *optaria* pela invisibilidade.

"Eu adoraria fingir que não sei por que você escolheu isso, Carrion, mas infelizmente eu te conheço muito bem. Olha, Fisher está conversando com Tal e Foley. Eu tenho um monte de coisas para resolver antes de voltar para Ammontraíeth, e não faço ideia de onde meu irmão esteja. Do que você precisa exatamente?"

Carrion ergueu os livros nas mãos, ajustando a pilha para ter uma melhor pegada. "Bem, se você está ocupado. ."

Parei de andar e me virei para ele. "Você pode, por favor, simplesmente dizer isso?"

“Então você vai me ajudar?”

“Não, vou descobrir o que você está aprontando para poder avaliar se preciso impedir. E *então* decidirei se vou te ajudar.”

"Você é *tão* desconfiada", murmurou ele. "Tanto faz. Preciso que você venha comigo."

"E então?"

“E depois preciso que você me diga se estou ficando louco.”

"Você pretende incendiar alguma coisa?", perguntei, inquisitiva.

"Não."

“Explodir alguma coisa?”

Carrion fez uma careta. "Não explodi *nada* desde que cheguei aqui."

Cruzei os braços sobre o peito.

O contrabandista revirou os olhos. "Tudo bem. Não, eu não vou explodir nada."

Soltando um suspiro profundo, levantei as mãos em sinal de derrota. "Tudo bem. Vocês me têm por dez minutos."

“Cuidado, meu bem”, disse ele, sorrindo. “As coisas que eu poderia fazer com você em dez minutos.

Uau, espera… espera! Ai! Isso doeu! Estou brincando, estou *brincando* ! Vou deixar meus livros caírem!”

Não lhe dei uma segunda cotovelada. Em vez disso, peguei os três livros de cima da pilha que ele carregava e lancei-lhe um olhar meio divertido. "Você adora flertar com o perigo, não é?"

“Ah, você me conhece.” Ele piscou para mim de forma sugestiva. “Eu flerto com *quase* tudo, se tiver a oportunidade.”

Quando chegamos a Cahlish, Carrion e eu acordamos no mesmo quarto — um quarto enorme, é verdade, com quatro camas grandes. Agora só havia uma cama, e Carrion tinha se apropriado completamente do espaço. Havia prateleiras com uma infinidade de livros. Uma chaise perto de uma das janelas. Já havia um guarda-roupa ali. Agora havia *dois* , embora, a julgar pelas roupas amassadas jogadas em pilhas pelo quarto, Carrion não parecesse estar usando nenhum deles. As janelas estavam embaçadas pela condensação, provavelmente devido à quantidade extraordinária de vasos de plantas que ele conseguiu enfiar no quarto. O lugar lembrava.. bem, eu não sabia bem o que lembrava.

Nunca tinha visto nada parecido.

"Que diabos você andou aprontando aqui, Swift? Você roubou tudo isso?"

“O quê? Não! Como posso ter roubado se está tudo sob o mesmo teto? Eu apenas *mudei de lugar* . É

totalmente diferente.”

“Hum-hum.” Me virei, absorvendo tudo. Havia desenhos pregados nas paredes e várias garrafas de uísque pela metade no parapeito da janela. Ele definitivamente *as tinha roubado* . Uma pá de pedreiro enlameada no chão, aos pés da cama. Um rastro de pegadas sujas ia da cama, atravessava o chão e seguia em direção a um dos guarda-roupas.

Ouvi o gemido lamentoso antes de entender o que estava vendo. . mas então me dei conta.

Atravessei o quarto furiosamente, abri a porta do guarda-roupa com um puxão e lá estava Onyx, enroscada em um grosso cobertor verde no fundo do guarda-roupa.

“Carniça! Você o trancou no *guarda-roupa* ?”

“Não. Ele entra lá para dormir às vezes! O vento deve ter fechado a porta na cara dele.”

O vento. Uma história plausível. Mesmo assim, eu sabia quando Carrion estava mentindo na maioria das vezes, e ele não parecia estar mentindo agora. Onyx se espreguiçou, sua língua rosada se enrolando enquanto bocejava, então pulou sonolento do ninho que havia feito para si mesmo e olhou para mim expectante, como se dissesse: " *Certo, o que vamos fazer?"*

Cocei a nuca da raposa, lançando o mesmo olhar para Carrion. "Você queria minha opinião?", lembrei-o. "Vim aqui para lhe dizer se você está ficando louco, lembra?"

“Eu me lembro”, disse ele em tom agudo e defensivo. “Venha ver isso.” Ele foi até a janela mais próxima e apontou para o parapeito.

Com Onyx em meu encalço, mais perto que minha sombra, fui ver o que estava acontecendo. "Por que vocês têm todos esses livros aqui, afinal?", murmurei. "Você *pode* ler na biblioteca."

“Não posso ficar nua.”

“Você não deveria estar lendo isso *nu* . Não é *higiênico* —”

“Relaxa. Estou brincando. Estou lendo aqui porque não quero atrapalhar ninguém. E além disso, é privado. Estou pesquisando.”

“Pesquisar o quê?”

“Ah, coisas. Sabe, coisas da Yvelia. Coisas *da corte* .” Ele deu de ombros sem jeito.

“Como assim, as histórias da Corte de Inverno? E os papéis e responsabilidades de, digamos.. um *rei*

?”

As bochechas de Carrion coraram. "Talvez. Não faça disso um grande problema. E não conte a ninguém. Eu ainda não mudei de ideia nem nada. Eu só estou.. pesquisando."

“Carrion, isto *é* muito sério. Imagine o que teria acontecido se houvesse alguém de sangue real para se opor a Madra. O povo teria.. eles teriam. .” Meu trem Meus pensamentos se dissiparam. Eu estava olhando fixamente para a planta no pequeno vaso azul sobre o parapeito da janela. Suas folhas eram brilhantes e de um verde profundo e intenso. Flores brancas desabrochavam por toda parte, minúsculas e com formato de pequenas flautas, com as pétalas curvadas nas pontas. Observei enquanto mais delas pareciam crescer, suas pétalas se formando e mudando de verde para branco bem diante dos meus olhos.

“Viu? É por isso que eu não te contei. Você está se precipitando. Estou *apenas* pesquisando. Nem sei como tentaria recuperar meu trono. Eu não—” Ele balançou a cabeça violentamente. “Nem me parece certo chamá-lo de meu trono. Estou apenas pensando que. .”

"Carniça", sussurrei.

Quanto mais ele falava, mais a planta ao lado dele, no parapeito da janela, florescia. Novos brotos surgiam enquanto ele divagava, e esses brotos se transformavam em galhos.

“. .e mesmo que eu quisesse retomar a Corte de Inverno, como isso funcionaria? Eu teria que desafiar Belikon para um duelo ou algo assim? Porque *isso* não vai acontecer. E há outros cinco milhões de coisas a considerar—”

"Carniça?"

—Eu não sou um *duelista* , Saeris. Aquele desgraçado me mataria num piscar de olhos—

"Carniça!"

Ele interrompeu seu discurso e ergueu as mãos para o ar. "O quê?"

“Você está *vendo* isso?” Apontei para a planta. Ela tinha o dobro do tamanho de um minuto atrás e estava coberta daquelas minúsculas flores brancas. “A planta.. está crescendo muito rápido.”

“Ah, sim. Era isso que eu estava tentando te mostrar. Elas ficam fazendo isso o tempo todo. Comecei a colecionar essas plantas ontem. Eram só mudinhas, ou sementes que plantei, e agora, bem. .” Ele gesticulou para o verdadeiro jardim em seu quarto. Apressou-se até a cama, pegou um livro aberto na mesa de cabeceira e rapidamente o trouxe de volta para me mostrar. “Olha aqui”, disse ele, batendo com a pata no chão. a página. Essas folhas são iguais, não é?” A ilustração no livro era idêntica às folhas da planta no vaso azul. Examinei ambas atentamente antes de assentir.

“Parece que sim.”

Ele fechou o livro com um estalo. "Esta planta nem deveria *florescer* ", disse ele. "Em vez disso, ela libera esporos uma vez a cada dez anos. Mas aquelas.. aquelas são flores, certo? E elas continuam a florescer toda vez que eu falo, não é? Eu não estou ficando louco?"

Enquanto ele falava, outro grupo das pequenas flores brancas cresceu e desabrochou, passando do verde para o branco. "Não, Carrion. Você não está ficando louco. É *exatamente* isso que está acontecendo."

“Você acha que isso é normal?”

Eu estava prestes a respondê-lo, a perguntar-lhe o que exatamente *era* normal hoje em dia, mas antes que eu pudesse abrir a boca, os alicerces da propriedade começaram a tremer. "Que diabos é isso?", exclamei, sem fôlego.

A expressão de confusão de Carrion era a mesma que a minha, enquanto ele olhava pela janela e apontava. "Ali. Ao longe. Vindo de trás das árvores", disse ele.

E lá estavam eles. Meu coração disparou como um pistão ao avistar as pequenas figuras escuras emergindo da floresta. Não apenas dezenas delas. Nem mesmo centenas, mas *milhares* .

“Puta merda.” Swift assobiou baixinho. “É.. ?”

A horda? Era nisso que ele estava pensando. Era o que eu também tinha medo de perguntar em voz alta. Mas não. Conforme as figuras se reuniam na linha das árvores, formando fileiras, percebi que não se tratava de um exército de alimentadores.

Eram os guerreiros de Irrín.

Eles haviam abandonado seu acampamento temporário e marcharam sobre Cahlish, dez mil homens, e Lorreth da Torre Quebrada cavalgava à frente deles.



42

ALVORADA NEGRA

SAERIS

“EU SABIA ! Eu *sabia* que aquela bruxa estava aprontando alguma coisa. O que eu disse?” O cabelo de Lorreth estava molhado. Começou a chover quando os guerreiros se aproximaram pela última vez da propriedade, e tanto Lorreth quanto Danya estavam encharcados até os ossos. Ambos deixaram poças d'água no chão enquanto rondavam a sala de recepção formal de Cahlish.

Todos os móveis estavam cobertos com lençóis brancos. Partículas de poeira rodopiavam no ar, capturadas pelos raios de luz fria que entravam pelas janelas e delineavam Fisher onde ele estava, encostado em uma mesa. Ele gemeu, pressionando as pontas dos dedos no espaço entre as sobrancelhas. "Acho que ninguém quer ouvir 'eu te avisei' agora, irmão", resmungou.

As narinas de Lorreth dilataram, suas mãos cerradas ao lado do corpo, os nós dos dedos brancos..

mas ele inclinou a cabeça. "Você tem razão. Isso é uma atitude de idiota. Desculpe, eu só. . elas são *bruxas* ", disse ele, como se isso explicasse tudo.

"Eu sei. Eu sei." A voz de Fisher parecia exausta. "Vamos lidar com Iseabail mais tarde. Agora, estou muito mais preocupado com o que você acabou de me contar. Poderia me descrever o que viu de novo?"

“Foi a Danya quem viu”, respondeu Lorreth. “É melhor você ouvir isso dela.”

A guerreira estremeceu um pouco ao dar um passo à frente e começou a relatar com mais detalhes o que Lorreth acabara de nos contar. “Alguns dos guerreiros notaram isso há dois dias. A encosta noroeste de Omnamerrin está marcada por veios negros. A podridão formou canais, cortando a neve. Ela desceu a montanha em um dia e chegou ao acampamento logo depois. Tentamos queimar o solo com antecedência para encurralá-la, mas não funcionou. Quando Lorreth apareceu ontem, tentamos voltar pelo portal das sombras para contar o que estava acontecendo, mas era tarde demais. Ele já havia se fechado. Partimos imediatamente para avisar a todos aqui, mas perdemos mais vinte e três guerreiros para a podridão no caminho. Ela está se movendo rápido agora. Muito mais rápido do que antes.”

"E em quanto tempo chegará a Cahlish?", perguntou Fisher.

Danya balançou a cabeça. "Doze horas? Dezesseis no máximo."

"Os deuses existem, porra!" Fisher sibilou entre os dentes.

Lorreth deu um passo à frente, enfiando os polegares no cinto. Parecia relutante em falar, mas reuniu coragem para fazê-lo. "Sabemos do livro, Saeris. Talvez agora seja um bom momento para ver se Lady Edina tem algum conselho sábio para nos dar, dada a gravidade da situação."

O livro. Claro. Eu o havia trazido comigo para o andar de baixo exatamente por esse motivo, mas a tensão no ar me fez esquecer dele por um instante. Tirei-o de dentro da minha jaqueta de couro—

“Claro, verifique, Osha”, disse Fisher. “Mas certifique-se de que seja uma

decisão sua. Tenho a impressão de que a orientação da minha mãe foi pensada especificamente para você e somente para você.” Meu amigo olhou para Lorreth. “Sei que você não tem más intenções com a sugestão, mas ela não deveria ser obrigada.”

O guerreiro baixou a cabeça. "Claro."

“Está tudo bem. Se há algum momento em que precisamos de um conselho, acho que é agora.”

Prendi a respiração ao abrir o livro, folheando as páginas até chegar onde havia parado.

Considere um sexto. Somente o lobo de dentes de ouro é confiável.

Virei a página e as palavras ali escritas pareciam girar enquanto eu tentava me concentrar.

Leia mais após Evenlight.

Droga! Nem me passou pela cabeça verificar a página seguinte depois do baile. Não havia considerado como Edina poderia ter se comunicado quando eu deveria ter recebido orientações dela no passado. Descobri que havia sinais diretos, e eu já tinha perdido uma anotação. Senti minhas mãos suarem frio enquanto virava a página.

Não desfaça a obra de Zareth. Você é como é por um motivo. Não beba do frasco. Não deixe que seu novo Senhor beba. O tempo chegará, mas ainda não.

Deuses. Uma onda de adrenalina percorreu meu corpo da cabeça aos pés. Eu havia pensado nisso poucas horas antes. Ser uma fada, e *somente* uma fada, era uma perspectiva atraente, mas eu precisava do meu sangue meio vampiro, pelo menos por enquanto. Foley também precisava do dele.

Para quê, eu só podia imaginar, mas Edina havia previsto um motivo para nos dizer para não tomarmos a cura de Iseabail. Quase não ouvi o aviso dela. Era muita coisa para assimilar. Muita coisa, talvez, mas eu não podia me dar ao luxo de perder tempo processando tudo. Novamente, o papel farfalhou quando virei a página rapidamente.

Continue a leitura nos penhascos brancos.

Encarei a caligrafia de Edina, tentando desesperadamente fazer com que aquela letra elegante e inclinada dissesse algo diferente. Algo que nos fosse útil *naquele momento* .

"O que é isso?" perguntou Lorreth. "O que está escrito?"

Frustrado, fechei o livro com um estalo. "Diz que só posso continuar a leitura nos penhascos brancos, seja lá onde for. Não há nada lá sobre como lidar com a podridão."

A atenção de Lorreth voltou-se imediatamente para Fisher. "Pronto, então", disse ele.

O que temos aqui ?”

“Os penhascos brancos, Osha”, disse Kingfisher. “Isso por si só já nos diz o que fazer. Precisamos evacuar Cahlish e nos reunir em Inishtar. Devemos agir rápido. Preciso abrir o maior portão de

sombra que já construí e começar a deslocar as tropas. Precisamos levar todos para um lugar seguro.”

"Esse é o plano?", disse Danya, com voz gélida. " *Recuar?* Baseado em um único rabisco em um livro?

Eu sei que sua mãe era uma poderosa oráculo, mas isso é ridículo."

“O que mais podemos fazer, Danya? Este não é um exército que podemos enfrentar e combater.

Nossas armas não conseguem matá-lo. Nossa magia o *alimenta* , droga. Cada pessoa infectada se torna nossa inimiga em questão de segundos. Precisamos nos reagrupar e descobrir como—”

“Precisamos *de enxofre* .” O silêncio mortal tomou conta da sala por um instante. O peito de Danya subiu e desceu quando ela continuou. “Lorreth me contou o que aconteceu com Archer. Ele disse que aquele alimentador infectado morreu instantaneamente ao entrar em contato com o enxofre.

Com enxofre suficiente, poderíamos estancar a podridão aqui, antes que ela infecte o resto do maldito reino—”

“Muito bem.” Fisher se afastou da mesa coberta e atravessou a sala furioso. Ele pegou uma adaga da bainha em sua cintura e a cravou no peito de Danya. “Então vá. Desça até a pira e comece a matar nossos amigos. Ou "Espere. Não." Ele pegou a faca de volta. "Eu farei isso, certo? Descerei lá e drenarei as criaturas que juraram servir e proteger minha família—"

Você está sendo dramático(a)—

Eles gritavam um com o outro, as palavras se perdendo em meio à raiva. Lorreth os interrompeu.

"PAREM DE GRITAR, OS DOIS!"

Os dois ficaram em silêncio. . mas apenas por um segundo. "Você se esqueceu de como liderar", acusou Danya. "Se você se considera incapaz da tarefa, então dê um passo para trás. Às vezes, *sacrifícios* precisam ser feitos."

A risada que escapou do meu companheiro foi mordaz e efêmera. "Eu sei", disse ele lentamente, "que qualquer um disposto a sacrificar a vida de seu povo e contabilizar suas perdas como danos colaterais não é um líder. Certamente não o tipo de líder que eu *jamais* serei—"

"Então talvez você simplesmente não tenha o perfil para o papel", disparou Danya.

Desamparado: Era assim que eu me sentia, vendo-os brigar daquele jeito. Mas se Danya falasse com Fisher mais uma vez daquele jeito, eu ia enfiar a lança nela na parede.

Lorreth ergueu as mãos num gesto conciliador, tentando mais uma vez ser a voz da razão. "Vocês dois têm razão. Devemos evacuar Cahlish sem hesitar. E sim, o enxofre é nossa melhor chance de destruir essa infecção. Mas *não* precisamos exterminar os espíritos para coletar enxofre suficiente para isso, precisamos? Há *outra* maneira."

Fisher já estava balançando a cabeça negativamente. Eu nunca o tinha visto com tanta veemência.

"Não. De jeito nenhum."

Havia um tom de histeria na risada de Danya. "Você está completamente maluco , bardo."

"O que você quer dizer?", perguntei. "Qual é o outro caminho?"

“Não”, repetiu Fisher. “Lorreth está errado. Não há outra maneira.” Seu tom não admitia contestação.



"Então é isso? Você quer abandonar o lugar pelo qual lutou tanto para voltar, sem nenhum plano e sem ideia de como vamos superar tudo isso?", perguntou Danya, indignada.

"Vamos dar um jeito." A voz de Fisher era firme, mas Danya não pareceu impressionada. Até mesmo Lorreth parecia um pouco incerto.

“Vamos lá. Não estamos ajudando ninguém ficando aqui brigando entre nós”, disse o guerreiro.

"Todas furiosas", Danya sibilou entre dentes enquanto saía pisando duro da sala.

Fisher apontou a lâmina afiada para ela enquanto ela se aproximava. "Por Deus, Danya, eu mesmo te matarei se você tocar em um único *daqueles* espíritos."

“Fisher—”

Ele se virou para mim rapidamente, sua palidez fantasmagórica e assombrada. Deu um beijo em minha testa e se afastou. "Eu sei o que você vai perguntar. Sei que você quer entender. E eu *vou* explicar", disse ele. "Prometo que vou. Só. . agora, preciso de um momento. E seu *irmão* precisa de você, Osha." Ele acenou com a cabeça na direção da janela. A chuva batia forte no vidro, mas eu ainda conseguia distinguir a figura solitária, parada lá fora, sozinha no gramado nevado. Quanto tempo ele estava ali, parado sob o aguaceiro? Como eu não o tinha notado? "Vá até ele", disse Fisher.

"Eu vou te encontrar logo, eu juro."

Ele não estava usando sapatos.

Seus cabelos estavam encharcados e grudados no couro cabeludo, os cachos alisados pela chuva torrencial. Hayden encarava o céu, uma profunda carranca estampada em sua testa. Ele não olhou para mim quando cheguei ao seu lado, mas sabia que eu estava ali. Segurei a jaqueta sobre a cabeça, principalmente para me proteger do dilúvio, mas também para afastar a fraca luz solar que penetra a densa camada de nuvens acima.

"O que está acontecendo, Hay?" Nossa mãe o chamava assim. Depois da morte dela, eu me recusei a usar o nome por medo de evocar sua memória. Isso me destruiu quando aconteceu, e eu não conseguia mantê-lo à tona se nós *dois estivéssemos* nos afogando. Que fraqueza a minha. Eu deveria tê-lo deixado manter o nome que ela lhe dava. Deveria tê-lo deixado manter aquele pedaço dela.

“Eu.. eu não sei quem eu deveria ser aqui, Saeris. Tudo está tão. . *diferente* ”, disse ele.

“Eu sei. *É* diferente. Tem muita coisa para se acostumar. Mas diferente não precisa ser *ruim* , precisa?”

Ele piscou, a chuva escorrendo pelos seus olhos. Parecia perplexo. "Eu não sei. Eu realmente não sei.

Quer dizer.. isto?" Ele enxugou a chuva do rosto, balançando a cabeça. Gotas de água escorreram pela sua palma, pingando na neve. "Eu não fazia ideia de que um lugar como este pudesse existir."

Ele engoliu em seco. Finalmente olhou para mim. "Quem eu deveria ser *aqui* , Saeris?"

“Quem era você em Zilvaren?”, retruquei.

“Eu não sei. Eu só. . sempre achei que você me diria o que eu precisava fazer. Quem eu precisava ser.

Você sempre esteve lá, tão forte. Você sempre teve um plano.”



Oh, céus. Quase ri disso. Se ele soubesse. . Com tristeza, peguei sua mão na minha e a apertei. "Eu nunca tive um plano, Hay. E você sempre teria que descobrir quem queria ser por conta própria.

Essa nunca foi uma decisão minha. Eu sei que isso é muito difícil. Sei que provavelmente parece que estou te dando uma mão pior do que a que você recebeu em Zilvaren. Com a podridão, os comedouros e tudo o mais acontecendo aqui, eu entendo. Yvelia pode não parecer um lugar tão seguro. Eu entenderei se você quiser voltar."

O maxilar de Hayden se contraiu, os músculos da garganta se contraindo enquanto ele pensava nisso. Mas ele balançou a cabeça. "Não. Não importa." O quê? Você é a única família que eu tenho.

Se você ficar, eu também fico. Me desculpe por ter duvidado de você. E me desculpe por nunca ter valorizado tudo o que você fez por mim na Terceira Guerra Mundial. Eu vou dar um jeito nisso.

Vou me esforçar mais. Quero ser útil aqui, Saeris. Não quero ser um fardo.

“Haverá tempo para tudo isso. Não se preocupe agora. Devemos levá-lo para dentro. Você vai pegar um resfriado aqui fora na chuva, Hayden. Está congelando.”

Meu irmão fungou, limpando o nariz com as costas da mão enquanto assentia, voltando-se para casa. Eu não tinha conseguido perceber por causa da chuva, mas ele estava chorando.

Quase tínhamos chegado ao calor da casa quando a mesma estranheza que me puxara para o quarto em chamas de Tal apertou meu estômago novamente. Eu queria entrar com ele, mas algo me impedia. Como uma mão que me apertava por dentro, uma força avassaladora me puxou de volta para a chuva.

“Vá em frente. Eu vou logo atrás de você”, eu disse para Hayden.

Você está bem? Parece preocupado(a).

“Estou bem, prometo. Eu.. eu só vou pegar uma coisa na forja. É mais rápido atravessar o pátio por aqui.”

Hayden não tinha a mínima ideia de onde ficava a forja. Nem tinha uma compreensão real da planta de Cahlish. Se tivesse, saberia com certeza que eu estava mentindo. Como não tinha, apenas suspeitava.. então acenou com a cabeça e entrou.

Foi bom que ele tivesse ido embora.

Foi apenas alguns instantes depois que virei a esquina e descobri a causa daquela sensação desagradável no estômago. . e Hayden provavelmente teria desmaiado se *tivesse* dado de cara com o Hazrax.

"Você perdoará a chuva", disse a mensagem. "Mas eu não gosto muito do frio. A chuva é pelo menos um pouco mais quente que a neve."

“Por que você está aqui?”

A cabeça da estranha criatura pendeu para um lado, seus lábios se retraindo para revelar fileiras de dentes afiados como agulhas — uma demonstração de desagrado como poucas que já vi. "Você é uma

criatura sem modos, não é? Bem selvagem. Creio que da última vez que conversamos, observamos o ritual da conversa fiada, não é?"

“Não tenho tempo para conversa fiada. Há quinze mil guerreiros esperando do outro lado da propriedade. A podridão que infecta esta terra está quase sobre nós. Há pessoas doentes aqui. Meus amigos precisam ser levados para um lugar seguro, e você acabou de me arrastar para longe de dez coisas que preciso resolver com urgência, então me perdoe se não estou inclinado a observar a etiqueta social.”

A chuva caía com mais força, batendo com força na lateral da casa e ressoando como um trovão no telhado de zinco sob o qual estávamos. O Hazrax sibilou, suas narinas fendidas se dilatando. "Seria prudente reconsiderar."

“Por que você está aqui?”

“Admito que não esperava a cena que ocorreu ontem em Ammontraíeth. Foi uma cena e tanto.” A voz do interlocutor estava em tom acusatório.

"Não teve nada a ver comigo", murmurei.

“Estou ciente *disso* ”, respondeu Hazrax. “Agora sei do acordo com a bruxa. Uma jogada arriscada por parte do clã Balquhidder, empregar uma magia tão sombria e fétida para ter a oportunidade de exterminar os vampiros. Talvez a jogada funcione a favor deles. Talvez não. Só o tempo dirá. Mas sou obrigado a admitir que essa pequena manobra deles acabou arruinando as coisas para mim.”

O Hazrax emitiu um estalo bizarro — nenhum humano ou Fae jamais conseguiria replicá-lo — e balançou lentamente a cabeça sem pelos. "Sabe, você é apenas a terceira pessoa para quem quebrei o silêncio em mais de um milênio? Devo dizer que você não é um parceiro de conversa muito estimulante."

Encarei a situação com um olhar furioso, recusando-me a morder a isca.

Os olhos da criatura se fecharam novamente, estreitando-se ligeiramente no que presumi ser irritação. "Como desejar. Vim para lhe prestar auxílio, jovem rainha."

“Que tipo *de ajuda* ?”

O Hazrax emitiu um som estridente e sibilante. Estaria *rindo* ? "Um presente em duas partes", disse ele. "Eu lhe dei a primeira parte ontem à noite."

"O que você está falando?"

Seus olhos, assustadoramente negros e profundos, percorreram meu corpo e pousaram em minha mão.

amor de Deus . . "Isto?" Levantei a mão, mostrando minhas runas. " *Isto* foi seu?"

“De fato. Você terá que trabalhar para conseguir a maioria das suas runas, mas algumas delas podem vir como presentes. E esta foi um presente bem na hora certa, não concorda?”

“O que isso faz? O que significa? Não consigo encontrar uma tradução em lugar nenhum.”

“E você não vai. É uma blasfêmia registrar tais coisas no papel, Matador de Reis. A runa é o meu nome. Ela não lhe concede magia, da mesma forma que outras runas. A *habilidade* que minha runa

lhe concede é complexa. Ela permite que você. . *desfaça* . . Ou talvez.. ” Fez uma careta estranha que eu não consegui decifrar. *“Quebrar?”* , sugeriu.

Eu tinha sangue gelado. Quase vomitei. "E se eu não quiser essa runa? Se eu não quiser seu *nome* tatuado na minha pele? O que acontece então?"

O Hazrax puxou as próprias vestes e enfiou suas mãos absurdamente longas nas mangas. "Você retribuiria um presente? E um tão poderoso ainda por cima? Você vai me agradecer em breve, acredite. Você *já deveria* estar agradecido. Salvou a vida do seu amigo ontem à noite."

O que era que aquilo queria, um maldito cartão de agradecimento? "Não quero *te dever* nada", eu disse.

“A habilidade foi concedida livremente”, disse o Hazrax. “Nenhuma dívida foi contraída. É uma runa silenciosa, já selada em sua alma. Ela servirá como um ponto de ancoragem para as runas que você já possui e para as que ainda virão. Pelo menos por um tempo. Isso lhe dará tempo enquanto você trabalha para selar aquela marca de enxofre.”

"Por quê? Por que você me daria isso?" Se a runa fosse tudo o que a criatura afirmava ser, então era de fato uma dádiva valiosa. Mas eu havia aprendido da pior maneira que nada era de graça em Yvelia. Sempre havia um preço, e geralmente um preço bem alto. Não fazia sentido que essa coisa, seja lá o que fosse, simplesmente me desse acesso a uma magia poderosa. Não fazia sentido que ela pudesse me presentear com isso, para começo de conversa.

“Considere isso um pedido de desculpas”, dizia a mensagem. “Pelo que está por vir. Vi através dos olhos do seu oráculo, e seu futuro não será fácil. Há quem me considere parcialmente culpado por isso.”

“O que você viu? Pelo amor dos deuses, o que *mais* está por vir?” O Hazrax pareceu se desfocar por um segundo, seu contorno borrado em preto e cinza contra o mundo nublado atrás dele. Pisquei, e a criatura estava sólida novamente.

“Chega de perguntas”, disse. “Preciso lhe entregar a segunda parte do meu presente e então partir.”

O Hazrax flutuou para a frente, estendendo a mão para mim. Ouro brilhava em sua palma cerosa.

Quando ele virou a mão, um anel caiu aos meus pés: o anel de ofício que o identificava como um Lorde. À meia-noite. Um grande rubi polido brilhava no centro do anel, cintilando na luz crepuscular.

“Entreguem ao apóstata com o sorriso dourado”, ordenou o Hazrax. “Ele vai precisar.”

Primeiro, encarei o anel, depois a coisa de aparência horrenda que pairava sobre mim, minha mente a mil por hora, incapaz de formular um pensamento coerente. "As pessoas te chamam de Hazrax.

Mas esse não é o nome tatuado na minha pele agora, é?"

“Criança esperta. Não é.”

“Você nunca vai me dizer o que você é, não é?”

O Hazrax esboçou seu sorriso afiado. "Por que eu faria isso, se você está tão perto de desvendar tudo, Matador de Reis? Você *quase* conseguiu."



43

MANCHAS ESCURAS

MARTIM-PESCADOR

"Sinto muito. Fiz o meu melhor, mas não o vejo em lugar nenhum. Vasculhei todo o reino e ele não está em lugar nenhum. Mas você sabe tão bem quanto eu, Fisher, que este reino está cheio de lugares sombrios. Só porque não consigo

encontrá-lo não significa que ele não esteja lá. Significa apenas que seu sangue está sendo protegido de mim de alguma forma."

Então você está dizendo que isso é intencional? Que alguém o sequestrou e o está escondendo?

Iseabail havia saído do quarto.

Eu não queria deixá-la sair, mas que outra escolha eu tinha?

Ela se recusou a ser interrogada enquanto estava trancada como uma prisioneira.. embora fosse *exatamente* isso que ela era. Eu não poderia mantê-la lá para sempre, de qualquer forma, já que metade da propriedade já havia desaparecido pelo monstruoso portão sombrio que eu abrira na encosta que levava à floresta. A outra metade esperava pacientemente sua vez de passar e evacuar Cahlish. Em breve, eu teria que mandá- *la* passar, junto com todos os outros. . exceto Ren, *porque Ren ainda estava desaparecido* .

Por ora, estávamos na sala de estar. Meu pai a havia usado como escritório outrora, embora eu não me lembrasse disso.

“Piscinas de mercúrio. Colônias de duendes. Os mercados negros em Dow e em Tarran Ross.

Existem tantos lugares que são protegidos contra magia externa ou que contêm tanta magia poderosa que encobrem toda a outra energia. Adivinhação não é—”

“Sim, eu *sei que* a adivinhação não é perfeita.” O assoalho rangeu enquanto eu caminhava de um lado para o outro em frente à janela, passando as mãos pelos cabelos. “Tente de novo”, eu pedi. Então, por puro hábito, misturado com uma pitada de desespero, acrescentei: *“Por favor.”*

Lorreth, que estava parado junto à porta encarando a bruxa com um olhar sombrio havia meia hora, lançou-me um olhar fulminante que insinuava que eu o havia traído pessoalmente. "Deveríamos simplesmente jogá-la na cela lá no porão e deixar que a podridão a consuma", disse ele.

Iseabail havia colocado Saeris em perigo. Ela também usou Tal da maneira mais horrível, e quase *todos nós* morremos por causa disso. Ela provavelmente era a pessoa de quem eu menos gostava num raio de trezentos quilômetros, mas

mesmo assim eu não ia trancá-la numa cela e deixar a podridão infectá-la. Esse seria um destino pior que a morte, e eu simplesmente não tinha forças para isso.

Iseabail se irritou com o comentário de Lorreth, mas não lhe disse nada diretamente. Nem sequer olhou para o guerreiro. Para mim, ela disse: "Tudo bem. Vou tentar de novo para você, mas não espere um resultado diferente. Estou encarando este mapa há tanto tempo que meus olhos parecem que vão se encolher e cair das órbitas. Se isso fosse funcionar, já teria funcionado há cinco horas."

O que ela achava que eu ia fazer? Simplesmente dizer: " *Tudo bem, então, acho que é isso. Não vamos mais procurá-lo, então?* " Lancei-lhe um olhar de reprovação. "Só. . tente de novo, Iseabail."

Notei, quando ela retornou de Nevercross, que havia sido promovida a priora. Apenas os anciãos ascendidos do clã Balquhidder tinham permissão para usar o cabelo trançado e preso como Iseabail fazia agora. Normalmente, uma bruxa tinha centenas de anos antes mesmo de ser considerada para o priorado. Iseabail ainda não havia completado um século. Os líderes de seu clã a recompensaram prematuramente pelo trabalho mágico que ela realizara em Ammontraíeth. Fazia todo o sentido.

Iseabail havia erradicado sozinha milhares de sangue-alto em uma única noite — algo que o clã Balquhidder não conseguira realizar em todos os anos que se passaram desde que descobriram a cura para a maldição de sangue que assolava as fadas.

Mas as bruxas eram rigorosas com a honra e a tradição. Elas *criavam as regras* , não as quebravam. E

não toleravam magia negra. "Vou mandar você de volta para Nevercross assim que terminar aqui", eu disse a ela, encostando-me na parede. Iseabail ergueu a cabeça bruscamente. Os ombros de Lorreth se tensionaram ao mesmo tempo, com total descrença em seus olhos escuros. "Vou visitar a alta sacerdotisa também. Estou pensando em trazer Tal comigo", continuei.

O pêndulo de vidência que Iseabail segurava oscilava descontroladamente — não porque ela finalmente tivesse localizado Ren, mas porque suas mãos estavam tremendo. Ela se endireitou lentamente, erguendo os olhos do mapa detalhado das cortes que estava examinando com atenção.

"Por que você faria isso?", perguntou ela, com rigidez. "Eu imaginaria que você já tivesse muita coisa acontecendo, com sua irmã, Ren e a evacuação."

Observei-a por um instante. Deixei-a refletir um pouco antes de decidir que ela já havia se esforçado o suficiente. "Bem, as bruxas nos prestaram um grande serviço, purificando a Corte de Sangue.

Preciso *agradecê* -las. Seria negligente da minha parte deixar seu sacrifício passar despercebido."

“Isso é realmente desnecessário. Não agimos em nome das fadas, Kingfisher. Fizemos isso para o bem do nosso clã. Nenhum sacrifício foi feito.”

“Claro que sim”, eu disse com ar despreocupado. “O Alto Conselho proibiu a magia negra há milênios. Foi assim que Algat acabou expulsa do clã Kinross, não foi? Se eles autorizaram a purificação forçada e o uso de feitiços *de portal infernal negro* para livrar Sanasroth dos nobres vampiros, então fizeram um sacrifício realmente grave. Sacrificaram sua ética. Sua moral. Seus—”

"Pare." A palavra ecoou pela sala de estar.

Eu a tinha.

Era apenas uma suspeita, mas agora eu sabia que era fato: as matriarcas da casa de Iseabail não faziam ideia do que ela tinha feito. Um sorriso letal começou a se espalhar pelo meu rosto, lento

como mel. "O que você disse a eles?", perguntei, estreitando os olhos para ela. "Você disse que convenceria *os* nobres de que seria melhor para eles retornarem aos seus estados naturais?"

Iseabail fixou os olhos em mim, a rebeldia emanando de cada poro do seu corpo enquanto sua expressão se tornava cuidadosamente inexpressiva. "Sim", disse ela. "Foi isso que eu lhes disse."

Lorreth soltou um som cortante na garganta, suas vestes de couro rangendo enquanto ele desviava o olhar para fora da janela, balançando a cabeça, como se tal coisa pudesse ter acontecido. Mais de uma vez, as bruxas tentaram convencer os nobres que rejeitaram a cura a reconsiderarem suas decisões.

Os reis feéricos também tentaram. Rurik Daianthus, de Yvelia. Royan, de Gilaria. Shara, de Lissia.

Ninguém conseguiu persuadir os nobres de que seria melhor para eles voltarem a ser membros das cortes feéricas. Como eles acreditaram que Iseabail os persuadiria agora era um mistério.

Estalei a língua, balançando a cabeça de um lado para o outro em fingida desaprovação. "Ai, ai. Eles vão ficar muito desapontados." Quando eles descobrirem o maldito *banho de sangue* que você orquestrou, não é mesmo?

“Você não pode contar para eles.” Iseabail contornou a antiga escrivaninha do meu pai, erguendo as mãos. Minhas sombras estavam a postos, mas Lorreth chegou primeiro. Ele raramente usava sua própria magia inata. Certa vez, ele me contou que seu povo jurou não usar a magia com a qual nasceram. Vindo do Norte, seu povo vivia nas regiões selvagens e construía uma vida miserável para si na tundra. Eram um povo estranho, com crenças ainda mais estranhas. Consideravam sua magia sagrada, roubada acidentalmente da natureza durante o processo de nascimento. Usar seus dons era afrontar esse roubo diante dos deuses. Para a família de Lorreth, usar magia era um pecado pior que assassinato — herdada, pequena ou qualquer outra.

Embora ele fosse completamente diferente da família e não compartilhasse de suas crenças, ainda assim havia sido criado sob o mesmo teto, e algumas coisas ficam gravadas na memória, independentemente de se acreditar nelas ou não. Eu só tinha visto meu amigo usar seu poder duas vezes antes, e ambas as vezes foram para salvar alguém. Mais tarde, se eu lhe perguntasse por que ele fez aquilo, ele provavelmente diria que liberou seu poder porque achou que Iseabail ia me atacar, e ele diria isso porque acreditava *nisso* . Mas eu vi a expressão em seu rosto quando ele estendeu as mãos; ele também fez isso porque estava com raiva.

Iseabail foi erguida do chão. Num instante, voou para trás, chocando-se contra a velha estante empoeirada atrás da escrivaninha. Livros caíram no chão. Um vaso cheio de flores secas caiu e se estilhaçou. Uma luz branca estalou ao redor dos pulsos e tornozelos de Iseabail, prendendo-a à estante. A faixa de energia que chicoteava a garganta da bruxa cravou-se em sua pele e apertou-a com força.

“Eu.. estava.. ” Iseabail engasgou. “Não estava.. ”

" *Cale* a boca", disparou Lorreth.

Os olhos de Iseabail encontraram os meus, suplicantes. "Você. . vai.. simplesmente. . ficar aí parado?

Você não é o. . herói ético, nobre e. . poderoso que você finge ser perto. . do seu amigo . "

Herói? Eu queria rir. Meu Deus, como eu queria. Nunca tinha ouvido nada mais ridículo em toda a minha vida. " *Não* finjo ser nada", eu disse a ela. "Saeris me torna mais bondoso do que deveria. Não me julgue mal. Eu faria todo tipo de coisa inescrupulosa para protegê-la. Levaria meus amigos e minha companheira para outro reino e deixaria este queimar se eu pensasse por um segundo que era isso que ela queria. Dei tudo o que tinha para proteger o povo de Yvelia, e eles me desprezam e querem minha cabeça por causa disso. Estou prestes a perder meu lar para esta podridão amaldiçoada pelos deuses. Não tenho mais amor por este lugar, e me resta muito pouco de bom .

Receio que, se você espera encontrar um herói, terá que procurar em outro lugar."

Iseabail piscou, a acusação em seus olhos marejados me atingindo em cheio. "Você não. . quer dizer isso. Eu vejo você. ." Ela sussurrou. "Sua *alma* . . Você lutaria e sangraria.. por este. . reino—"

“Lorreth!” A porta da sala de estar estava aberta. Lá estava Saeris, com os cabelos e as roupas pingando água, a boca aberta em espanto. “O que você está *fazendo* ?”

Lorreth reagiu como se tivesse sido escaldado. Seu poder crepitou e desapareceu, deixando para trás um odor fétido de ozônio. Iseabail deslizou pela estante, tossindo enquanto desabava em meio aos livros caídos. As bochechas e orelhas do guerreiro ficaram vermelhas como brasa enquanto ele se afastava da bruxa e fixava o olhar na janela, incapaz de encarar Saeris.

"Que diabos está acontecendo?" Saeris trouxe consigo o cheiro de chuva ao entrar na sala. Ela olhou de Iseabail para Lorreth e depois para mim. "Estamos torturando pessoas agora?" perguntou ela em voz baixa.

"Está tudo bem", disse Iseabail com a voz rouca. "Lorreth não ia me machucar."

“Eu *estava* , sim”, argumentou o guerreiro.

Existiam bruxas entre os clãs que *conseguiam* ver a alma de uma pessoa. Dizia-se que elas podiam avaliar um homem apenas com um olhar. Bom. Mau. Gentil. Frio. Estava tudo ali, aparentemente: os projetos de nossas almas, expostos para que certas bruxas os lessem com a mesma facilidade com que leem as linhas de um livro. Iseabail nunca havia mencionado ser uma dessas bruxas, mas a certeza com que falava dava a impressão de que talvez fosse.

Independentemente de suas habilidades, ela estava certa sobre Lorreth. Ele não a teria machucado. A maldita bruxa o fez agir como um tolo — dizer que seu povo tinha um passado com o clã Balquhidder seria um eufemismo — mas ele não lhe teria causado nenhum mal, mesmo que *não* acreditasse nisso agora.

Saeris lançou um olhar fulminante para a guerreira enquanto atravessava a sala e ofereceu a mão à bruxa, ajudando-a a se levantar. "Vocês encontraram Ren?", perguntou ela a nós três como se fôssemos uma só.

"Não", respondeu Iseabail. "Tentei de todas as maneiras que consigo imaginar, mas ele está em algum lugar onde *meus* feitiços possam detectá-lo."

“Muito bem, então. Se você tem certeza de que ele não está a caminho, teremos que nos reagrupar e continuar isso mais tarde. Acabei de encontrar a Danya quando estava voltando para casa. Ela disse que a podridão está aqui.”



Trepadeiras negras serpenteavam sobre o manto de neve que cobria os gramados. Onde a podridão tocava, a neve derretia, já amolecida pela chuva, e o solo ficava momentaneamente exposto — fios de grama, ainda verdes graças às proteções de meu pai, viam a luz. Pela primeira vez em séculos, a luz do dia a atingiu, apenas para murchar, tornar-se quebradiça e partir segundos depois. A necrose se alastrou diante dos meus olhos, avançando com uma eficiência surpreendente em direção à casa.

A última unidade de guerreiros avançou rapidamente pelo portal das sombras. Apenas duzentos combatentes aguardavam em fila para serem transportados. Os guerreiros que já haviam passado carregavam grandes baús, repletos de anéis de família e outras joias que eu havia incumbido Saeris de transformar em relíquias. O último dos guerreiros carregava a prata que havíamos trazido de Zilvaren. Sua

respiração embaçava o ar, seu riso nervoso enquanto observavam a maré infernal se aproximar. Espadas, adagas, cajados, arcos e flechas: estavam armados até os dentes, e a magia dançava na ponta de seus dedos, mas ainda assim, não estavam preparados para enfrentar esse inimigo.

"O mais rápido que puderem!" gritei. "Quando terminarem, esperem no acampamento! Não desçam até a vila. Os sátiros não estão nos esperando. Da última vez que tantos feéricos guerreiros apareceram à porta deles, houve uma batalha sangrenta. Não vamos dar a eles uma impressão errada!"

Fui recebido com curiosidade e incerteza enquanto as tropas marchavam em fila indiana pela fumaça translúcida e pelas sombras. Até o último deles, todos me conheciam. Eu os havia liderado uma vez.

Fui seu comandante. Eu os havia liderado na subida íngreme da vitória e recuado com eles na retirada. Cada horror que eu lhes pedi para enfrentar, eu me certifiquei de *enfrentá* -lo primeiro. . e então os *abandonei* . Nenhum deles sabia o porquê. Nenhum sabia para onde eu tinha ido. Graças a Tal, Renfis sabia. Everlayne também. Mas eles estavam sob juramento de não contar a ninguém onde eu estava. Eles não puderam explicar a esses combatentes que eu *não* os havia abandonado por vontade própria. Eles sabiam a verdade agora — os detalhes de Gillethrye e do que havia acontecido lá se espalharam por Irrín rapidamente depois que nos encontramos. Malcolm no labirinto. Mas cem anos era muito tempo, e a confiança se perdia muito mais rápido do que isso.

Renfis era o líder deles agora. *Ren* deveria ter sido quem os guiava através do portal das sombras em direção à segurança, mas ele estava desaparecido, e eu era um substituto pouco confiável.

A chuva havia parado há pouco tempo. Era quase crepúsculo, e as nuvens estavam baixas e densas o suficiente para que Saeris pudesse ficar do lado de fora. Ela usava uma pesada capa de lã com o capuz levantado para se proteger dos últimos raios de sol. Enquanto ela atravessava a encosta nevada em minha direção, com Onyx trotando logo atrás, fui mais uma vez surpreendido por como era estranho, mas ao mesmo *tempo normal* , tê-la ali, tê-la como minha companheira. Ela não era o que eu esperava. Ela era muito mais. Ela realmente havia surgido em minha vida como um cometa, e agora estava mudando tudo.

Ela também estava diferente. As últimas semanas a haviam transformado. Havia

uma confiança graciosa nela enquanto se aproximava, suas botas rangendo na neve. Ela sempre ficava bem em suas roupas de couro de combate, mas agora elas *combinavam* com ela. Meu peito se apertou com um orgulho indescritível ao ver seus cabelos negros agora trançados em penteados de guerra sob o capuz. Tranças de guerra *feéricas* . Ela havia se tornado parte deste mundo — parte de *mim* — e eu não a teria de outra forma.

Seus olhos me fuzilaram quando ela parou ao meu lado, e eu me preparei para a surra que estava prestes a levar. "Nós *não* torturamos pessoas", disse ela, com um tom gélido.

"Carniça me tortura diariamente", murmurei.

“Se torturarmos as pessoas, seremos como *elas* ”, disse ela, ignorando-me.

"E se capturarmos um guerreiro inimigo e ele tiver informações de que precisamos?", perguntei.

Ela me lançou um olhar seco, desagradado e de soslaio, do fundo do seu capuz.

Levantei as mãos. "Tudo bem. Ok. Nós não torturamos pessoas."

"Acho que devemos mandar Iseabail de volta para Nevercross. Talvez precisemos invocar as bruxas novamente. Não poderemos fazer isso se mantivermos uma delas como refém."

Decisiva. Estratégica. Eu sabia que Saeris podia ser as duas coisas, mas gostei de ver esse lado dela agora. Ela estava fazendo planos, trabalhando para se manter um passo à frente, e isso me animou demais. Assenti, fixando o olhar no horizonte que se desvanecia, tentando não olhar para a infecção negra que rastejava cada vez mais perto da casa da minha família. "Você tem razão. Assim que todos passarem pelo portal, vou garantir que ela encontre o caminho de volta para as terras do clã."

“E de manhã, eu gostaria de voltar para Ammontraíeth. Todas aquelas pessoas __”

“Não é sua responsabilidade”, eu disse a ela gentilmente. “Não se você não quiser que seja. Não existe mais Tribunal de Sangue, Saeris.”

“Mas ainda há Ammontraíeth. Ainda há *Sanasroth* . E não temos ideia se a horda está onde eu ordenei que ficassem. E se eles se libertaram e estão devastando o palácio agora mesmo, drenando a energia de todas as pessoas que escolheram voltar?”

Travei a mandíbula, sem querer responder. Esse cenário também havia me ocorrido, e minha resposta inicial não tinha sido muito generosa.

Será que o seu renovado status de Fae desfez todos os crimes terríveis que cometeram ao longo dos séculos? Graças a Deus que não cabia a mim decidir isso.

“A maioria dessas pessoas não *escolheu* se tornar nobre”, disse Saeris. Ela não tinha como saber o que eu estava pensando. Nem mesmo com a conexão que compartilhávamos como companheiros.

Imaginei que fazia sentido que ela também estivesse refletindo sobre a questão da culpa deles.

“Malcolm assassinou a maioria deles. Talvez tenham sido pessoas boas antes. Ótimo. E apesar da sua carranca, eu não acho Você os deixaria lá para serem comidos por quem os alimenta. Só por precaução, caso eles não sejam uns idiotas.

“Na remota hipótese de não serem uns idiotas. *Deuses.* ” Dei uma risada sem graça, que logo se transformou em um suspiro. Uma constatação incômoda me atingiu enquanto ela falava. E se

fossem as pessoas de Gillethrye? Aquelas que eu não consegui salvar. Aquelas que eu ordenei que fossem queimadas quando os seguidores de Malcolm escalaram os muros da cidade e devastaram suas ruas, deixando um rastro de morte e destruição.

E se eu *tivesse* conseguido salvá-los? Saeris queria a mesma oportunidade, e eu não ia negar isso a ela.

Eu não a condenaria a suportar o mesmo tipo de arrependimento que corroía minha alma todos os dias. "Não levaremos Tal conosco", eu disse abruptamente. "Duvido que ele esteja em condições. E, de qualquer forma, depois de tudo o que ele passou lá, acho melhor que ele nunca mais pise em Ammontraíeth."

Os olhos de Saeris se arregalaram. "Espere. Então você concorda? Podemos voltar?" Sua surpresa foi encantadora. Envolvi-a com meu braço e depositei um beijo em sua têmpora por cima do capuz.

“Eu não deveria te dizer isso, já que você parece completamente alheia ao poder que exerce sobre mim, mas.. eu te darei tudo o que você quiser, Saeris Fane. Sempre. Não importa *o* preço.”

Não era uma promessa, mas era a verdade, e eu a honraria. De alguma forma, mesmo com a podridão prestes a consumir Cahlish e meu último elo com a minha família, consegui sorrir.

Suspeitava que o sorriso fosse torto, mas ainda assim. . "Estou às suas ordens, Rainha Saeris", sussurrei em seus cabelos.

Desta vez, não houve revirar de olhos ao ler o título. Antes, ela governava uma corte de monstros.

Havia uma pequena chance de que os remanescentes de sua corte pudessem ser redimidos após os eventos do Baile do Crepúsculo, e a atitude de Saeris em relação ao seu povo havia mudado drasticamente como resultado. Não porque ela desejasse. . Não foi por poder ou riqueza, mas sim porque ela viu *esperança* na situação e quis ajudar.

As probabilidades nunca estiveram a seu favor em Zilvaren. Madra era um monstro. Seus oficiais eram corruptos. O povo do distrito de Saeris era miserável e mal conseguia sobreviver de um dia para o outro, mas Saeris nunca *os abandonou* . Talvez a maneira como ela se agarrava à esperança a fizesse parecer tola aos olhos de alguns, mas era apenas uma das coisas que a tornavam extraordinária aos meus olhos.

O jeito como ela me olhava me fazia querer ser melhor. *Melhor* . Todos os dias da minha vida, eu teria que me esforçar ao máximo para merecer o amor e o respeito dela. Eu não tinha medo do desafio.

O sorriso de Saeris fez algo profundo vibrar dentro de mim . Os ecos do destino e de todo o universo ressoaram atrás do meu peito, prometendo. . *o quê?* Eu não era como minha mãe. Não tinha sido agraciada com visões do futuro. Eu teria que viver minha vida e descobrir.

Os olhos de Saeris vagaram por cima do meu ombro, focando na propriedade, e o momento se perdeu. "Eles estão vindo", disse ela.

O último de nós.

Eles desceram a encosta juntos, vindos da casa: Te Léna e seu companheiro, Maynir, que carregava Everlayne, agasalhada, nos braços; Iseabail, caminhando à frente do grupo, com as saias presas com uma das mãos, os cabelos carmesins contrastando fortemente com o branco da neve; Lorreth,

ajudando um Tal de aparência cansada, que já estava de pé, vestido e caminhando (embora com alguma dificuldade) sobre os próprios pés. Carrion, Foley e Hayden fechavam o grupo, cada um carregando uma pilha imponente de livros.

Um alívio me invadiu ao ver aquilo. Em uma propriedade repleta de objetos de valor e riquezas, eram os *livros* que estavam sendo guardados. As informações contidas em alguns daqueles tomos não podiam ser encontradas em nenhum outro lugar de Yvelia. A primeira prioridade de Belikon, ao assumir o trono do Palácio de Inverno, fora encontrar e. . Destruir tudo que pudesse ameaçar seu reinado. Pois, por mais malvado que fosse, ele também era inteligente.

Ele sabia que, para controlar seu povo, precisava controlar as informações às quais eles tinham acesso. Esconder a verdade das pessoas as mantinha na ignorância. Queimar os livros permitia reescrever a história *e* o futuro.

Esses livros seriam reproduzidos. Seriam compartilhados entre as massas. Se eu tivesse que copiar cada um deles à mão, eu mesmo faria.

Os últimos guerreiros haviam partido. Nosso pequeno grupo era tudo o que restava, à beira de algo que nenhum de nós entendia ou sabia como resolver.

Everlayne parecia tão pequena nos braços de Maynir. Ela sempre fora pequena. Mas *forte* também.

Cheia de fogo e paixão. Eu sempre me perguntava como um ser tão pequeno podia conter tanta energia. Ela estava diminuída assim — um eco de seu verdadeiro eu. Sombras roxas contornavam seus olhos, sua pele pálida e sem brilho. Seu cabelo havia perdido o brilho, os fios loiros normalmente vibrantes opacos e sem vida em sua grossa trança única. Seus olhos se moviam

rapidamente para a esquerda, para a direita, para a esquerda, para a direita, sob pálpebras tão finas que eram quase translúcidas.

“Ela está com febre alta”, disse Te Léna. “Precisamos levá-la para dentro o mais rápido possível.

Tenho um amigo em Inishtar. Alguém em quem confio. Vou levá-la até ele e deixá-la confortável, Fisher. Enviarei Maynir para avisá-lo se houver alguma novidade.”

“Obrigada.” Everlayne só tinha tido Belikon como pai, e mesmo assim se mostrou tão gentil e doce quanto a mãe. O sangue que compartilhávamos nos unia, mesmo quando o rei decidiu nos separar.

Ela era minha irmã, e eu *sabia que* ela estava lá dentro em algum lugar, lutando para voltar para nós.

Eu podia *senti* -la.

Te Léna e Maynir desapareceram pelo portal das sombras, levando-a consigo. Iseabail foi a próxima a partir. A bruxa abraçou Saeris brevemente, acenou-me com a cabeça de forma rígida e depois sumiu.

“Se esses sátiros não tiverem nada mais forte que cerveja, eu os responsabilizarei pessoalmente”, disse Lorreth ao passar por nós. “Só porque eles não aguentam beber não significa que o resto de nós também não aguente.”

"Então te encontro numa taverna?", perguntei, arqueando uma sobrancelha para ele.

"Acho que todos nós precisamos de uma bebida depois disso. Estou com uma dor de cabeça infernal, graças a esses refrigerantes Sprite."

Ele se referia especificamente aos espíritos *do fogo* . As outras criaturas domésticas já haviam atravessado o portal das sombras, mas os espíritos do fogo ainda estavam no subsolo. Lorreth havia descido às entranhas de Cahlish, tão fundo na pira quanto conseguia suportar, e tentara convencer Archer e seus amigos a irem conosco, mas eles se recusaram. Não sobreviveriam muito tempo sem o calor da pira para sustentá-los — um ou dois dias, no máximo — e, de qualquer forma, acreditavam que seu enxofre os protegeria da decomposição.

Eles provavelmente estavam certos, mas mesmo assim não foi uma sensação boa deixar os amigos para trás.

Tal estava ainda mais pálido que o normal quando inclinou a cabeça na minha direção. "Não serei um peso para o acampamento", disse ele com a voz rouca. "Assim que você terminar, quero que me mande de volta para Bayland's End."

Fim de Bayland. Eu não ouvia esse nome em voz alta há séculos. Ouvir agora trouxe uma onda de nostalgia me invadindo. A sede ancestral de Taladaius tinha sido um dos meus lugares favoritos, embora um pouco decadente, na minha juventude. Nós aprontávamos todo tipo de travessura lá juntos — dois jovens Faelings descobrindo sua magia e aprendendo as lições de seu reino. Tive que ensiná-los da maneira mais difícil. Taladaius queria voltar. Se sua mãe o *aceitaria* de volta era outra questão.

“Bayland's End fica a menos de cem léguas de Cahlish”, eu disse. “A corrupção não vai parar quando terminar com Cahlish. Ela continuará se espalhando em todas as direções e estará à sua porta novamente em questão de dias.”

Tal deu de ombros, sem muita convicção. "Só se vocês não impedirem isso primeiro." Ele esboçou um sorriso divertido. "Tenho a impressão de que vocês dois vão dar um jeito de acabar com tudo isso até amanhã à noite. Vocês dois são teimosos como sempre quando se trata de conseguir o que querem."

Ele não estava errado. Os contornos de um plano *estavam* se formando na minha mente. Era uma aposta arriscada, e por todos os deuses, era perigosa, mas se funcionasse. .

Saeris estaria *segura* .

O reino estaria seguro, pelo menos por um tempo.

A confusão que eu teria que criar seria catastrófica. Às vezes, a cura era mais perigosa que a doença, mas pelo menos nos daria algum tempo. .

“Vocês se importam se eu passar na frente na fila? Esses livros são muito pesados.” Carrion fez uma careta sem jeito enquanto se inclinava sobre o ombro de Tal. O contrabandista usava três casacos sobrepostos. Suas mãos estavam envoltas em luvas.

"Por que você está vestida assim?", perguntou Saeris.

"Porque eu sempre acabo sentada num monte de neve, esperando por horas enquanto todo mundo some para fazer alguma coisa perigosa. Eu não *gosto* de sentir frio, Saeris."

“Por que você está falando isso como se o tempo fosse culpa *minha* ?”, ela perguntou.

“A culpa *é* sua. Você poderia ter se apaixonado por uma guerreira renegada de Gilaria ou, melhor ainda, de Lissia, mas não. Você se apaixonou por alguém daquela terra congelada que é Yvelia.”

“Você tem noção de que está falando da *sua* terra?”, lembrei-o.

Mas Carrion já caminhava penosamente em direção ao portão das sombras. Um instante depois, ele havia desaparecido, livros e tudo.

“O Randy Swine”, disse Lorreth.

" *Com licença* ?" As sobrancelhas de Saeris se ergueram.

“Esse é o nome da taverna onde estaremos.”

“Ah, certo.”

Lorreth piscou para nós e saiu, carregando Tal debaixo do braço. Isso deixou apenas nós quatro: Hayden, Foley, Saeris e eu.

O irmão de Saeris olhou preocupado por cima da pilha de livros para o portal sombrio, aparentemente sem saber o que pensar daquilo. "Eu vou com você", disse Saeris. "Você vai se sentir péssimo do outro lado, mas isso só acontece na primeira vez. Depois disso, atravessar os portais não vai te afetar mais."

“Ótimo.” Ele parecia sem fôlego. Se não tivesse visto com os próprios olhos a podridão escurecendo a encosta e corrompendo o solo, provavelmente teria insistido em ficar em Cahlish. Do jeito que estava, a podridão se aproximava a cada segundo e estávamos ficando sem tempo. “Você pode trazer Onyx para mim?”, perguntou Saeris. “Não consigo carregá-lo, preciso levar alguns desses livros *e* alcançar Hayden do outro lado.”

"Não vou *desmaiar* de novo", protestou Hayden.

“Sim, você é”, respondeu Saeris prontamente.

“Provavelmente sim”, disse Foley ao mesmo tempo.

“Claro. Eu cuido da raposa. Não se preocupe com ela”, eu disse. “Vai. Estou logo atrás de você.” Dei-lhe outro beijo na testa. “Vai.” E então, para que só ela pudesse ouvir: *Eu te amo, pequena Osha.*

Eu também te amo.

Senti o instante em que ela atravessou as sombras e se afastou do meu alcance. Foi como se eu tivesse sido isolado. da própria vida, restando apenas o vazio frio e oprico da morte. Estremeci com a sensação, algo desagradável se contorcendo em meu estômago, mas o sentimento foi instantaneamente esquecido quando precisei me lançar para frente e agarrar Onyx, que estava prestes a saltar pelo portal das sombras atrás de Saeris, sozinho.

“Pelos deuses”, disse Foley. “Você me contou lá no telhado, e eu acreditei, acreditei mesmo. Mas ver você suspirando por uma mulher *de carne e osso* ?” Ele balançou a cabeça, suas presas douradas brilhando na luz fraca enquanto ria de mim. “Quer dizer, é algo que eu nunca pensei que veria com meus próprios olhos.”

Fiz uma cara *bem* fechada para ele enquanto o conduzia em direção ao portão. "Cala a boca, Foley.

Eu não consigo evitar, tá bom?"

Ele grunhiu, mas depois me deu uma cotovelada de brincadeira. "Você está bem com isso? Ir embora de Cahlish? Eu sei o quanto este lugar significa para você."

Antes que eu pudesse me conter, me virei para olhar a propriedade. Havia outras casas maiores.

Mais belas. Mais impressionantes. Mas Cahlish era a casa dos meus pais. E por muito tempo, tinha sido a única coisa que me pertencia. Deixá-la era como abandonar um familiar moribundo, mas tínhamos esgotado todas as opções. "Preciso deixar para lá", murmurei. "Se houver um jeito de salvar o lugar, eu o

encontrarei. E se não houver.. " Dei de ombros. "Então não adianta olhar para trás. Haverá tempo para construirmos novas casas para nós mesmos quando tudo isso terminar."

“Hum. Muito pragmático”, disse Foley em tom de brincadeira. “Você acha que vamos conseguir, então? Encontrar uma saída para tudo isso?”

Encarei o portão sombrio novamente, me preparando para o pior. "Sim, eu acredito. Eu preciso acreditar nisso."

“Para *ela* ?”, concluiu ele.

Lancei-lhe mais um olhar seco. Mas não neguei.

“Pelos deuses, você está mesmo numa situação difícil.” Foley me deu um tapa no ombro, sorrindo. O

som da sua risada ecoou nos meus ouvidos. Enquanto meu amigo desaparecia pelo portal das sombras, eu ainda conseguia ouvi-lo enquanto entrava atrás dele, com ônix pressionado contra minha placa peitoral. O vento uivava em meus ouvidos enquanto o mundo escurecia.. e então a risada se transformou em algo mais.

Uma voz, clamando do espaço entre os mundos.

“Olá, cachorro.”



INISHTAR

SAERIS

Primeiro veio a fumaça.

Então veio o grito.

O grito arrepiante espalhou o terror pelo ar.

"Cortem-lhe a cabeça fora!"

Este foi o momento — *esta* foi a fração de segundo em que a realidade mudou drasticamente, onde tudo o que o precedeu passou a ser *o antes* e tudo o que o seguiu tornou -se *o depois* .

Eu ainda estava sorrindo por ter provocado Hayden. Senti aquela estranha sensação no estômago que vem com a saída de um portal sombrio. . e então estávamos no inferno.

O céu estava denso de fumaça negra, o ar impregnado dela. Estávamos no topo de uma colina com vista para uma pequena vila — pequenas e arrumadas construções com telhados de terracota abaixo de nós, estendendo-se em direção a penhascos de giz luminescentes que mergulhavam na vasta escuridão além. Guerreiros feéricos cruzavam meu campo de visão, espadas em punho, sangue manchando a pele. O brilho das fogueiras, derrubadas e queimando descontroladamente em meio à grama alta e seca, banhava seus rostos e os fazia parecer fantasmagóricos.

Na base da colina, um dos prédios explodiu, lançando uma coluna de luz e chamas a vinte metros de altura. O chão tremeu sob meus pés. Cobri a cabeça com os braços, tentando entender o que diabos estava acontecendo. E então meus sentidos voltaram a funcionar.

Hayden.

Onde *diabos* estava Hayden?

Minhas palmas encontraram os punhos das minhas espadas curtas. O peso das espadas gêmeas divinas era reconfortante enquanto eu as girava, o poder

irradiando pelos meus braços.

O escudo em minha mão direita iluminava o caos como um sinalizador.

Lá estava ele, de joelhos na grama, engasgando. Livros estavam espalhados pelo chão ao seu redor.

"Hayden!"

Três metros. Apenas três metros. Eu conseguiria alcançá-lo. Meus pulmões ardiam enquanto eu corria em sua direção. Ele estava bem. Sem ferimentos. Sem sangue. Ele tentou me olhar enquanto eu me agachava à sua frente, mas seus olhos reviraram. Dei-lhe um tapa com toda a minha força.

"Não! Fique acordado, Hay! Não há tempo para isso agora." Ele recuperou um pouco do controle, a atenção voltando, as pupilas se focando.

"Que porra está acontecendo?", ele exclamou, ofegante.

“Eu não sei. Eu—” Outra torre de chamas jorrou em direção ao céu, iluminando brevemente a encosta. Ouvi o rosnado antes de ouvir o som da criatura se alimentando. Era uma mulher. *Tinha* sido uma um dia. Estava nua, com os seios caídos e flácidos, os longos cabelos emaranhados em nós.

Suas costelas estavam visíveis, como se pudessem rasgar a pele do monstro a qualquer segundo.

Seus dentes brilhavam com um líquido negro, vermelho de sangue.

Ele havia se alimentado.

A fumaça se dissipou, e então surgiu outro, enorme, vestido com uma armadura dourada, os raios de um sol incrustados na placa peitoral salpicada de sangue. Ele imobilizou um guerreiro feérico no chão, com a cabeça inclinada em direção à garganta do guerreiro. Seu corpo ondulava. enquanto bebia, drenando completamente o guerreiro. As mãos do guerreiro tateavam, arrancando punhados de grama do chão enquanto ele tentava *fazer* alguma coisa.. e então ele ficou imóvel.

"Saeris! Deuses, Saeris! Para a esquerda!"

O grito de Hayden me despertou do meu torpor.

A criatura nua se aproximava. Consegui erguer minhas lâminas a tempo de atravessá-la com as pontas de ambas antes que caísse sobre mim. Uma luz floresceu em minha mão direita, fluindo pela lâmina de Erromar e inundando a criatura. Ela se iluminou por dentro, suas costelas nítidas e negras como carvão sob o branco ceroso e antinatural da pele do monstro. Tremeu, vibrando, soltando um grito profano e, então, explodiu em chamas.

Sai da frente, Saeris. Sai da frente, porra.

Minhas botas batiam com força no chão enquanto eu corria. Minha mão se fechou em torno do braço de Hayden. Eu o puxei para que ficasse de pé. "Você precisa correr!", gritei.

Ele se virou bruscamente, com os olhos arregalados. *"Onde?"* Ren tinha me carregado até uma cama na minha primeira vez através de um portal sombrio, e eu estava dizendo para Hayden que ele tinha que correr? Droga. Eu não sabia para onde apontá-lo de qualquer maneira. A encosta estava tomada por fumaça e morte. Não havia abrigo ali. Nenhum lugar para onde ele pudesse ir. Olhei ao redor, procurando por Fisher, mas nada.. ele não estava ali. Ele—

Algo me atingiu por trás. Caí rolando, com gravetos e detritos me perfurando as roupas. Um gemido ininteligível ecoou em meus ouvidos, e então senti dedos me agarrando, tentando abrir meu couro e encontrar pele.

Cravei o cabo da lâmina no rosto do alimentador. Estava fresco, sua pele ainda rosada. Um macho, talvez uns vinte anos. Humano. Soltou um lamento agudo e estridente. “Por favoooor. *Por favor!* ”

Mais do que fresco. Ainda não tinha se alimentado. Queria que eu fosse o primeiro. Passei a perna por cima do seu ombro e o virei, gemendo com o esforço. Era pesado. *Tão* pesado. Usava armadura

—

Os dentes se fecharam com tanta força que me incomodou. Observei, horrorizado, enquanto aqueles dentes caíam da boca do predador e novas presas afiadas como navalhas, semelhantes a agulhas, brotavam de suas gengivas para substituí-los. Ele avançou para cima de mim novamente, cerrando as mandíbulas

como um cão raivoso, e eu, com minhas espadas curtas, separei sua cabeça do corpo.

Eu estava de pé, correndo de volta pela encosta até o lugar onde havia deixado Hayden.

“Virada à direita! Direita, direita, direita!” gritou alguém. Reconheci a voz. Não tive tempo de processar quem era. De repente, havia alimentadores por toda parte. Os guerreiros que haviam sido evacuados de Cahlish lutavam contra eles ao meu redor, mas eram mais numerosos do que nós. Um clarão de luz branca e incandescente cruzou a encosta, atingindo vários alvos, e o cheiro de carvão e cinzas invadiu meu nariz.

Bloqueei e aparei, repelindo cada predador que vinha em minha direção. Peguei em seus braços e abri seus estômagos. Recolhi suas cabeças o mais rápido que pude, na minha pressa de voltar para o topo daquela maldita colina.

Carnificina e gritos por todos os lados.

Hayden não foi encontrado.

Quase não prestei atenção enquanto mais comedouros vinham na minha direção e acabavam atingidos pelas minhas lâminas.

O Sopro do Anjo crepitou no ar à minha direita. Ao menos eu sabia que Lorreth estava em algum lugar no meio da confusão. Mas onde diabos estava Fisher? Por que eu não conseguia senti-lo em lugar nenhum?

Onde você está? Vamos, Fisher, diga-me onde você está!

Um silêncio ensurdecedor ecoou em meus ouvidos.

Teria ele atravessado o portão sombrio e dado de cara com um comedouro? Estaria ele já entre os caídos, sem sangue e mortos? Não, não tinha como. Eu saberia. Eu *saberia* .

"Hayden!" Girei, abrindo um comedouro desengonçado, quase escorregando em suas entranhas apodrecidas que se espalharam como cobras úmidas e brilhantes por um rasgo em seu estômago. Ele avançou para cima de mim, tentando me arranhar com suas garras, mas eu golpeei com ambas as espadas, partindo o

monstro ao meio e fazendo sua cabeça rolar de volta pela encosta.

“Saeris!” Quase eviscerei a figura ensanguentada que saiu correndo da fumaça; vi o brilho dourado em sua boca e contive minha mão. “Graças aos deuses”, ofegou Foley. “Você está bem. Onde está Fisher? Precisamos de uma abordagem abrangente para isso, e precisamos dela agora.”

“Ele estava com você! Vocês não saíram juntos?” Meu coração não conseguia bater mais rápido, então parei completamente. O zumbido nos meus ouvidos não ajudava.

Foley praguejou em Velho Fae, girando e observando a confusão. "Achei que ele pudesse estar com vocês. Ele estava *bem* atrás de mim. Acabei de passar e me deparei com isso. Levei um segundo para me recompor. Ele—"

Não ouvi o que ele disse em seguida. Um vampiro passou por ele apressadamente, quase o derrubando no chão em sua pressa para chegar até mim. Não lhe dirigiu um segundo olhar. Afinal, Foley era um vampiro — não tinha nada que um vampiro pudesse desejar. Eu, por outro lado? Eu era meio fada, e aparentemente o cheiro de sangue meio fada ainda era suficiente para enlouquecer um vampiro.

Instintivamente, levantei as mãos, projetando meu escudo, a luz branco-azulada brilhando intensamente. O ícone de mercúrio *quase havia* se formado no ar quando o alimentador passou direto por ele.

A criatura me atingiu em cheio no peito, tirando-me o fôlego. Eu não precisava mais dele, mas o impacto ainda me chocou.

Meu traseiro bateu com força no chão. Meus pés se ergueram num instante, impedindo que a criatura cravasse os dentes em mim, empurrando-a para trás. "Pare!" A autoridade que me fora concedida quando eu estava A rainha coroada da Corte de Sangue surgiu dentro de mim — eu a senti ali, algo tangível que eu poderia ter conseguido controlar. *"PARE!"* , repeti, imbuindo as palavras com o máximo de autoridade que pude. . mas a criatura nem sequer se mexeu. Minha ordem não tinha poder algum sobre ela.

Porra!

Eu estava prestes a cravar a espada que segurava na mão esquerda, atravessando

sua mandíbula e penetrando seu crânio, quando de repente a cabeça do predador desapareceu. Uma névoa vermelha caiu sobre mim, respingando na frente de minhas calças de couro, enquanto Foley surgia por cima dos ombros decapitados do predador. Ele empunhava uma arma como eu jamais vira: um pedaço de corrente grossa com um cabo de madeira em uma das extremidades e uma pesada esfera de metal cravejada de espinhos afiados na outra.

Os espinhos pingavam vermelho.

“Eu jurei lealdade a você ontem e já estou salvando sua vida?”, disse ele. Se não fosse pelo horror que se desenrolava ao nosso redor e pelo fato de nenhum de nós saber onde meu amigo estava, eu teria pensado que ele estava tentando ser engraçado. O alimentador decapitado caiu de lado na grama.

Foley tentou me ajudar a levantar, mas então viu as espadas divinas que eu ainda segurava em ambas as mãos e desistiu. De pé novamente, limpei o rosto e o encarei. “ *Diga* -me que ele veio com você.”

“Pensei que ele tivesse ido. Mas quando me virei, ele não estava lá. O portão das sombras se fechou e. .”

Eu já sabia disso antes mesmo dele confirmar. Independentemente das circunstâncias, Fisher teria respondido através da nossa ligação se eu o tivesse chamado. Ele não passou pelo portão.

Meu sangue gelou nas veias. Foley ainda estava falando. Balancei a cabeça, interrompendo-o enquanto o contornava. *Hayden!*

Renfis.

Agora *Fisher* tinha ido embora?

Eu não ia perder meu irmão também.

“Hayden! Onde diabos você *está* ?”

Ele não respondeu. Não chamou.

E então eu o vi, deitado no chão, protegido pela grama alta. Seu rosto estava pálido, seus olhos fechados.

Não. Não, não, não, isso não estava acontecendo. Ele *não estava* morto. Eu não o arrastei até aqui para que ele fosse atacado por um maldito predador numa encosta no meio do nada. Ele estava vivo.

Ele estava—

Ele *estava* vivo. Pelos deuses e mártires, eu podia ouvir seu coração batendo — seu pulso era fraco, mas estava lá. Caí de joelhos, apalpando-o, grato por minhas mãos não terem ficado ensanguentadas.

“Ele está bem”, disse Foley. “Ele só está inconsciente. Desmaiou. Sabíamos que isso ia acontecer.

Aqui, pegue isto por um segundo.” Ele me entregou sua arma incomum. Era ainda mais pesada do que parecia. E também difícil de manusear.

"O que *é* isso?"

“Um mangual.” Foley pegou Hayden e o jogou sobre o ombro. “Foi a primeira coisa que encontrei quando passei pelo portal das sombras. Muito eficaz para esmagar a cabeça dos seus atacantes.”

Agora que meu irmão estava seguro sobre o ombro, ele estendeu a mão, pedindo o mangual de volta. “Talvez não seja tão eficaz quanto uma espada divina, mas ainda é útil. Vamos. A luta está diminuindo. Há menos inimigos agora. Devemos encontrar os outros.”

Lorreth foi o mais fácil de encontrar graças ao Sopro do Anjo que emanava de Avisiéth enquanto ele lutava. Carrion estava com ele, Simon erguido no ar, seus cabelos cor de cobre espetados em três direções diferentes. Observei, meio impressionado, enquanto ele se defendia de um predador, girando a espada divina que eu havia forjado para ele com um nível razoável de perícia que ele *não* possuía quando chegou a Yvelia.

O comedouro caiu no chão, sem vida, a cabeça separada do corpo, e Carrion olhou para cima e nos viu.

Foi estranho fazer contato visual com o contrabandista mais arrogante de Zilvaren e não encontrar nenhum sorriso em seu rosto. *Um alívio* passou por suas feições quando ele percebeu quem éramos.

Então o sorriso surgiu, mas não chegou aos seus olhos. "Ah, *aqui* está ela", disse ele, com o peito arfando. "Muito acostumada com regalias de rainha ultimamente, não é? Deixando todo o trabalho pesado para nós?"

Olhei para mim mesma. Estava encharcada de sangue. Podia *sentir* o cheiro, secando no meu rosto.

Era evidente que eu havia aberto caminho através do próprio inferno para estar diante dele, e ele sabia disso.

De repente, eu estava nos braços de Lorreth. "Deuses misericordiosos. Obrigado. Obrigado", ele murmurou. Ele me abraçou com tanta força que eu não conseguia respirar. Quando ele se afastou, vi o estado em que ele estava e quase chorei. Seu cabelo estava grudado no rosto de suor. Havia dois rasgos enormes em sua roupa de couro. Seu braço sangrava profusamente. Era raro alguém além de Fisher usar uma gola de proteção, mas Lorreth estava usando uma agora, e parecia que tinha salvado sua vida. Sulcos profundos estavam gravados no metal que protegia seu pescoço, dando a impressão de que algo havia tentado — e, por misericórdia, falhado — arrancar sua garganta.

“Enviei Te Léna e Maynir para Inishtar com Everlayne, Zovena e Iseabail”, disse ele. “Espero que tenham conseguido chegar lá.”

"E o Tal?" perguntou Foley.

Lorreth soltou um suspiro profundo. Avisiéth estava com a ponta da espada fincada no chão a seus pés; ele devia ter cravado a espada divina ali quando me envolveu naquele abraço esmagador. Ele pegou a espada agora, manuseando-a com reverência, deslizando-a de volta para a bainha sobre o ombro. "Eu disse para ele ir com os outros, mas ele se recusou. Ele começou a queimar o sangue dos alimentadores para todos os lados. A última vez que o vi, ele tinha uma espada na mão e estava abatendo os desgraçados como um fazendeiro." ceifando trigo. Eu não conseguia acompanhá-lo. Ele se jogou em um monte de comedouros lá atrás, em algum lugar. Não o vi desde então. Mas nós o encontraremos. Vamos. Precisamos descer até a cidade. O lugar está começando a pegar fogo.”

Foley e Lorreth começaram a fazer planos. Foi só quando começaram a descer a colina a passos largos que perceberam que eu não os estava seguindo. Minhas mãos tremiam enquanto eu abria o livro. Não era um dos que tínhamos trazido

da biblioteca. Era aquele que eu carregava no bolso da minha jaqueta de couro. Meu bem mais precioso, junto com minhas espadas curtas: o livro de Edina.

"O que você está fazendo, Saeris? Precisamos ir!" gritou Foley.

Carrion não havia saído do meu lado. "O que está escrito?"

Demorei um pouco para folhear a primeira metade do livro. *Vamos lá, vamos lá, vamos lá.* Estava aqui. Tinha que estar. Não havia como o livro não ter a informação que eu precisava. Uma eternidade se passou enquanto eu examinava as linhas de texto relacionadas à Alquimia e ao meu poder. Prendi a respiração quando encontrei a página que eu havia lido com os outros em Cahlish.

Continue a leitura nos penhascos brancos.

Edina ia me dizer para onde ir, onde encontrá-lo, e tudo ficaria bem. A esperança se encheu de esperança quando virei a página pela terceira vez, e. .

Pisquei, tentando entender o que estava lendo.

Leia mais após a negociação.

O quê? A *troca* ? Que diabos *isso* significa? Onde estava a mensagem? Isso era mais uma deixa para prosseguir para a *próxima* mensagem. Mas a que eu procurava não estava lá. Voltei para a página anterior e vi apenas "Continue lendo nos penhascos brancos".

As páginas estavam coladas. Tinha que estar. Meus dedos puxavam o papel, tentando fazer com que duas folhas estivessem fundidas onde havia apenas uma. Nenhuma página havia sido arrancada. A mensagem simplesmente não estava lá.

“Saeris?”

Levantei os olhos e vi Lorreth me encarando com preocupação. "Há muita coisa para descobrir, mas não podemos fazer isso aqui", disse ele. "Tenho certeza de que existe um bom motivo para Fisher não ter entrado pelo portão. Aposto que ele estará conosco amanhã de manhã. Enquanto isso, preciso te levar para dentro. Ele vai me matar se eu deixar alguma coisa acontecer com você aqui fora."

Deixei que ele me guiasse para longe. Guardei o livro de volta dentro da minha roupa de couro, tentando acreditar nas palavras de Lorreth, mas era impossível me convencer. No fundo, eu sentia.

Algo estava *muito* errado.



Em um dia claro, era possível avistar o arquipélago que defendia a corte insular de Lissia a partir dos penhascos de giz de Inishtar. As ilhas eram conhecidas como o Escudo. Eu havia lido isso em um livro recentemente. Havia uma ilustração da pequena cidade, construída na encosta do penhasco pela orgulhosa população de sátiros que chamava Inishtar de lar. Os sátiros eram arquitetos, engenheiros e matemáticos. Amavam música e arte, e ensinavam seus filhos a vencer o medo, desafiando-os a escalar os penhascos verticais de sua terra natal e mergulhar no mar.

Aquela não era a Inishtar que encontramos ao entrar na cidade. Era uma Inishtar em chamas. Uma Inishtar coberta de sangue. Esposas choravam nas ruas de paralelepípedos, abraçando seus maridos.

Crianças choravam, vagando pela confusão, tentando encontrar seus pais. Quase todas as janelas estavam quebradas. Um tapete espesso de vidro estilhaçado. sob nossos pés enquanto passávamos por inúmeras casas com as portas quase arrancadas das dobradiças. As casas ainda estavam de pé, pelo menos. Tinham sido construídas em granito e calcário para resistir aos rigores do ar costeiro carregado de sal. As portas podiam ser substituídas. As janelas também. Mas as vidas que haviam sido ceifadas. .

Lorreth e Foley lideravam o caminho. Sabiam como se mover pelas ruínas fumegantes da cidade sem se deixarem esmagar pelos horrores. Isso era novidade para mim. Carrion tinha uma expressão sombria no rosto enquanto caminhava ao meu lado. Hayden havia acordado e insistido em continuar a caminhada, mas estava completamente desligado. Estava em algum lugar muito, muito distante, fingindo que nada daquilo estava acontecendo, e por um breve instante, senti inveja. Como seria bom me refugiar dentro da minha própria mente e bloquear o mundo, sabendo que outra pessoa estava tomando as decisões e lidando com as consequências.

A proximidade do oceano inundou meus sentidos. Seu aroma penetrava a fumaça. O som estrondoso *de* suas ondas quebrava contra as rochas na base dos penhascos. Eu sabia que ele estava lá, vasto além da minha imaginação — uma massa de água tão imensa que engolia o horizonte. Eu estava ansioso para vir e testemunhá-lo com meus próprios olhos, mas não nessas circunstâncias.

Não assim.

Seguimos por uma passarela pavimentada até a beira dos penhascos, onde saímos *da* passarela e Lorreth abriu um caminho para nós entre a vegetação rasteira e as pedras soltas. Ele estava seguindo um rastro, disso não havia dúvidas. Devia ser um cheiro forte para ele conseguir distingui-lo em meio à fumaça e ao sal. Eu não sentia cheiro de nada ao redor dos dois.

Por fim, chegamos a uma pequena casa de dois andares, empoleirada em uma saliência que se debruçava sobre o penhasco. Os vidros das janelas também estavam quebrados ali. No térreo, várias cortinas grossas, em camadas, haviam sido arrancadas pelas janelas abertas e batiam violentamente com a brisa.

“Eles estão lá dentro”, disse Lorreth com voz cansada, apontando para a porta da frente.

Carrion e Foley carregavam o que restava dos livros que havíamos trazido de Cahlish. Mais da metade dos títulos havia sido destruída ou perdida na luta. Bati na porta da frente, sibilando ao descobrir, da pior maneira possível, que meus nós dos dedos estavam em carne viva e sangrando.

Ouvi um arrastar de pés e, em seguida, o som de algo pesado raspando no chão. Um instante depois, a porta se abriu e uma sátiro alta, com a pele da cor de mogno quente, estava diante de nós. Seus olhos eram dourados com reflexos prateados. Seus cabelos cacheados pareciam ter sido presos rapidamente em um coque desarrumado no alto da cabeça, do qual mechas soltas caíam em espiral, emoldurando seu rosto. Ela vestia uma blusa preta sem mangas que deixava à mostra as extensas tatuagens em seus braços e calças pretas largas que se apertavam até três quartos do comprimento das pernas, revelando uma pelagem hirsuta, manchada de cinza e preto, e cascos pretos fendidos.

Ela colocou as mãos na cintura, olhando para nós com um ar de grande desagrado. "Esqueçam.

Podem voltar para o centro da cidade com as outras tropas. Não há mais lugar aqui." Sua voz era amável. Seu tom, não.

“Orellis, está tudo bem! Eles são amigos.” Te Léna apareceu atrás da mulher. Fuligem manchava a bochecha esquerda da curandeira. Seu lábio inferior estava cortado, embora o sangue tivesse coagulado e secado. Ela estava viva. Empurrei o sátiro e a abracei com força, tão apertado quanto Lorreth havia me abraçado. Ela retribuiu o abraço, seu coração batendo forte em meus ouvidos, seu corpo tremendo. “Estávamos tão preocupados com vocês”, sussurrou ela. “Com todos vocês.”

“Igualmente. E os outros?”

Te Léna recuou, fungando, dominada pelas emoções, e gesticulou para trás. Iseabail estava lá, encostada na lareira de granito que dominava a aconchegante cozinha. além. A bruxa sorriu brevemente para mim, o leve sorriso em seus lábios vacilando ao ver Lorreth. Maynir estava sentado a uma mesa no centro da cozinha, com os cotovelos apoiados na mesa, os dedos entrelaçados sustentando o queixo como se não conseguisse manter a cabeça erguida de outra forma.

“Layne está lá em cima”, disse Te Léna. “Ainda inconsciente.”

Examinei a sala com o olhar, procurando a única pessoa que não via. "Zovena?"

Maynir balançou a cabeça. "Ela disparou para o meio da multidão assim que percebemos que estávamos saindo do campo de batalha. Não havia como convencê-la, e eu não ia abandonar minha companheira para ir atrás dela."

Zovena tinha ido embora. E Tal também tinha se lançado na confusão. Metade de mim esperava que ele estivesse aqui, com os outros. A outra metade sabia que não estaria. Talvez mais tarde houvesse tempo para analisar o que isso significava. Por enquanto, eu só conseguia me concentrar no que estava bem à minha frente.

“Fisher não conseguiu atravessar o portão das sombras.”

Maynir endireitou-se na cadeira. Te Léna levou a mão nervosamente à base da garganta. "Como assim, *ele não conseguiu passar* ?"

“Sei que minha casa não está exatamente à prova de intempéries agora, mas

prefiro não ficar aqui com a porta da frente escancarada, se não for incômodo para vocês", disse a sátiro Orellis. Ela



parecia menos irritada e mais resignada ao fato de ter mais convidados do que gostaria. Dando um passo para o lado, fez um gesto para que todos entrássemos.

Bang! Bang! Bang!

Foley pregou pregos nas tábuas de madeira à deriva que ele e Carrion haviam recolhido do lado de fora, bloqueando as janelas. A noite pairava pesada sobre Inishtar, um peso melancólico oprimindo a todos nós.

Uma xícara de chá terroso estava sobre a mesa à minha frente, fria há muito tempo. Lanny, a fauno de Orellis — com apenas dois anos de idade — se remexia no meu colo, seus minúsculos cascos deixando marcas roxas nas minhas coxas enquanto ela puxava minhas tranças e chupava seus punhos rechonchudos.

"A forja foi destruída pela explosão. Nosso ferreiro, Jaymes, também morreu. Mas ainda tem a antiga forja nos arredores da cidade. Não é grande coisa, mas você poderia montar uma oficina lá", disse Orellis.

"Tenho certeza de que tudo ficará bem", eu disse a ela, "mas sem acesso a uma grande quantidade de mercúrio, não consigo fazer as relíquias de qualquer maneira. Eu deveria tê-las feito em Cahlish.

Dessa forma, eu poderia ter usado um pouco da reserva de lá para imbuir os anéis, mas agora.. "

Agora estávamos *muito* longe de Cahlish, e a única pessoa que poderia ter me transportado de volta para lá havia desaparecido. Como se esse ponto tivesse sido dito em voz alta, todos os olhares se voltaram para Iseabail. Ela estava debruçada sobre o mapa estendido do outro lado da mesa, franzindo profundamente a testa para o pêndulo de vidência que pendia, teimosamente imóvel, de sua mão. "Sinto muito. De verdade. Não há sinal de Ren *ou* Kingfisher agora. Não é como se eles estivessem apenas muito longe, também. Eu ainda conseguiria algum tipo de leitura se fosse esse o caso, mas não há nada."

Junto à fogueira, Lorreth esfregou o rosto com as mãos. “Precisamos encontrá-los. E precisamos *fabricar* essas relíquias. Precisamos delas agora mais do que nunca. Os infectados estão se espalhando como fogo em palha seca. Algo me diz que o ataque da noite passada foi apenas o primeiro de muitos. Se mais infectados atingirem as pequenas cidades entre aqui e as colinas de Gilarian, elas serão dizimadas. Com as relíquias, poderíamos evacuar as pequenas propriedades, pelo menos.” O

guerreiro vinha afiando a lâmina de Avisiéth havia mais de uma hora quando Orellis implorou para que ele parasse com o incessante som metálico. Ela não queria que ele acordasse o bebê. Lanny havia acordado. Logo depois, de qualquer forma, mas Lorreth se conteve e não retomou a afiação. Seu maxilar se contraiu enquanto ele olhava para Iseabail. "Tem certeza de que não está se *esforçando* para encontrá-los?", perguntou ele, com a pergunta calculada e direta.

A bruxa pousou cuidadosamente o pêndulo de bronze sobre o mapa e encarou o guerreiro. "Quantas léguas separam Inishtar de Nevercross, Lorreth da Torre Quebrada?"

Lorreth deu de ombros. "Não sei. Dois, três mil?"

“E quanto tempo levaria para percorrer essa distância?”

“Uma ou duas semanas a cavalo, se o animal estivesse saudável.”

As palavras de Iseabail poderiam ter congelado o ar se não fosse pela multidão de pessoas que se aglomeravam na cozinha. "Eu não *tenho* um cavalo, Lorreth", ela disparou. "Nem tenho duas semanas para voltar a Nevercross. Preciso voltar para o meu clã *agora* , e Kingfisher é a única pessoa que conheço que pode me ajudar. Preciso encontrá-lo o mais rápido possível, e—"

"Isso lhe *convém* , não é?" O guerreiro lançou-lhe um olhar furioso.

A bruxa corou. Virou-se e lançou Carrion contra a poltrona onde ele estava sentado, com os olhos cheios de fúria brilhante. Apontou para Lorreth. "Algum desses livros que você trouxe aqui era de dicionários Cahlish? Este *homem* parece não entender o significado de palavras simples."

“Ei, não me envolva nisso. Eu também não sei o que significa *'behooves* '.”

"Eu sei o que isso *significa* ", respondeu Lorreth rispidamente. "Só não *acredito* em você. Há uma diferença."

“Chega!” Esses dois malditos. Iseabail demorou um pouco para começar a revidar, mas finalmente chegou ao seu limite. Eu não a culpava. Os dois precisavam *parar* . “Guarde o mapa, Iseabail. Se a vidência não funcionar, então acabou. Encontraremos outra maneira de rastrear Fisher.” Eu *tinha* que acreditar nisso. Não havia outra opção. “Fisher gostaria que ajudássemos os feridos.” e garantir a segurança de Inishtar antes de partirmos em missão para encontrá-lo. Precisamos prestar auxílio onde for possível. Enquanto isso, *podemos* pensar em maneiras de rastreá-lo. Entretanto, devemos discutir a situação em que nos metemos.

“A horda deve ter se soltado”, disse Te Léna.

Na cozinha, Foley, Lorreth e eu balançamos a cabeça em sinal de reprovação.

“Aqueles alimentadores eram humanos antes de se transformarem”, disse Lorreth.

Foley estalou o polegar, encarando o fogo. "Eles não responderam aos comandos de Saeris."

“Eles eram *Zilvarens* ”, acrescentei.

Orellis olhou ao redor da sala, sua confusão evidente. "Um exército de alimentadores acabou de atacar minha casa. Mataram dezenas do meu povo. Não importa de onde vieram."

"Sim, faz sentido." Sorri para Lanny. A pequena fauno estava com os olhos arregalados, os cachos macios iluminados pela luz do fogo, olhando para mim atentamente enquanto tentava morder meu lábio inferior. "Isso importa muito. Inishtar tem uma piscina de mercúrio?"

“Pff!” Orellis revirou os olhos. “Claro que não. Somos apenas uma cidadezinha isolada à beira-mar.

Por que teríamos *um* portal interdimensional?”

Portal do reino. Nunca tinha ouvido esse nome antes, mas *era* apropriado. A

resposta de Orellis não me surpreendeu. Eu estava hipersensível ao mercúrio agora. Conseguia senti-lo a quilômetros de distância e já tinha estendido a mão, ativando a runa de mercúrio no dorso da minha mão para ver se conseguia sentir algum por perto. Não ouvi nem o sussurro mais fraco em resposta, mas tive que perguntar. "Onde *fica* a poça mais próxima, então?" Fiz a pergunta para toda a sala.

Lorreth respondeu: “Lissia tem uma. Gilaria também. Ambas provavelmente estão equidistantes de Inishtar, mas as Montanhas Rasas Um escudo e um oceano se interpõem entre nós e os Gilarianos.

“Levaria *muito* tempo para viajar para qualquer um desses lugares sem um portal secreto”, disse Iseabail.

“Não quero usar as piscinas deles para viajar. Pelo menos não ainda”, expliquei. “Estou tentando descobrir como esses alimentadores *chegaram* aqui. A maioria estava morta recentemente. Alguns nem sequer tinham se alimentado ainda. Podemos descartar a piscina de Lìssia. A maioria dos alimentadores em Darn tinha pavor de água corrente. Não há como os alimentadores que atacaram hoje terem atravessado um canal inteiro para chegar à terra. Eles *poderiam* ter vindo de Gilaria, mas levariam dias para descer pelas montanhas. Estariam em condições muito piores quando chegassem a Inishtar.”

“O que significa que Madra encontrou outra maneira de viajar entre este reino e Zilvaren”, disse Carrion.

Todos os ocupantes da cozinha se viraram para olhá-lo. Ele arqueou uma sobrancelha em resposta.

“O quê, *não* posso teorizar? Faz sentido, não é? Os alimentadores infectados que atacaram Irrín também eram de Zilvaren, e eles não vieram pela piscina em Cahlish ou Ammontraíeth. Eles devem ter chegado às margens do rio de alguma forma. E Madra controla a magia em Zilvaren há séculos.

Quem garante que ela não acumulou poder suficiente para encontrar uma maneira de viajar de lá para cá?”

Fazia *sentido* . Era, na verdade, a *única* explicação plausível para o que havia acontecido. "É

possível?", perguntei a Foley. Ele havia passado os últimos mil anos lendo livros e pesquisando na biblioteca de Ammontraíeth. Se alguém de nós soubesse a resposta para essa pergunta, seria ele.

O vampiro se remexeu desconfortavelmente, lançando um olhar para o teto manchado de fuligem.

"Nunca encontrei nenhum texto que falasse de viagens inter-reais que não dependesse de mercúrio.

Certamente li.. " sobre indivíduos absorvendo os poderes de outros para fortalecer sua própria magia, mas.. o tipo de magia necessária para abrir um portal entre reinos? Bem, isso exigiria uma quantidade desmedida de poder."

“O tipo de energia que levaria mil anos para roubar?”, perguntei. “O tipo de energia que exigiria o abastecimento de uma *cidade inteira* ?”

Carrion olhou para mim, com os olhos arregalados. Eu vi acontecer: estávamos desvendando tudo isso ao mesmo tempo. Foley ainda não tinha chegado à mesma conclusão que eu. "Suponho que sim.

Provavelmente seria energia suficiente. Sim. Onde você quer chegar, Saeris?"

“Você mesmo disse isso, não foi? Lá na biblioteca, na segunda vez que nos encontramos. Você disse. .” Tentei me lembrar das suas palavras exatas. Elas voltaram à minha mente, ecoando como um sino. “'Você não pode erradicar a magia de uma cidade. Uma vez que ela cria raízes em uma comunidade, ela nunca vai embora. Ela encontrará um jeito de prosperar, de um jeito ou de outro.

Você simplesmente não se importou em procurá-la.'” Outra coisa *também* me veio à mente. Meu coração começou a acelerar. “E o que você disse sobre os sigilos naquele livro! 'A magia mais forte é

circular. Como uma roda. É o símbolo da eternidade, do começo e do fim de tudo. Ela carrega a magia em um ciclo, amplificando-a, dando-lhe força.'”

Foley assentiu com a cabeça, embora parecesse um tanto confuso. "Eu me lembro."

“Zilvaren”, eu disse sem fôlego. “A cidade, moldada no formato de uma roda.

As muralhas formam as proteções, mas não são raios. Tudo. .” Minha cabeça girava. “É um *sigilo* . Durante todo esse tempo, Madra usou a própria cidade para drenar a magia de seus habitantes. *Zilvaren* é a maior obra de magia já criada.”

A revelação permaneceu ali, como uma pedra. Talvez nunca tivesse importado ao povo de Yvelia que minha terra natal fosse governada por por um déspota maníaco — afinal, eles tinham os seus próprios para enfrentar — mas a notícia de que Madra poderia agora possuir *esse* tipo de poder deixou todos em silêncio, atônitos. Se fosse verdade, então nenhum lugar estaria seguro. Ela poderia abrir um portal e enviar mais alimentadores quando e onde quisesse. E *isso* a tornava ainda mais perigosa do que Belikon para o povo deste reino.

"Se quiséssemos criar uma barreira contra a magia dela, seria possível?", perguntou Te Léna por fim.

Iseabail pareceu surpresa com o fato de todos os olhares terem se voltado para ela. "Não. Esse tipo de magia.. " Ela hesitou, depois olhou ansiosamente ao redor da cozinha, como se não soubesse o que dizer em seguida. "Vocês estão falando de proteger um *reino* . Esse tipo de feitiço exigiria magia feérica *e* de bruxa, trabalhando lado a lado. Precisaríamos de um clã inteiro de bruxas poderosas e pelo menos dez usuários de magia feérica fortes para construir algo tão monumental. Também precisaríamos de algo que pertencesse a Madra. E não apenas algo que ela tocou uma vez.

Precisaríamos de algo muito mais pessoal se quiséssemos bloquear a magia dela."

Eu já estava devolvendo Lanny para Orellis e me levantando. "Bem, aparentemente, você é membro de um dos clãs de bruxas mais poderosos que já existiram", eu disse à bruxa. "Tenho certeza de que, se suas irmãs entendessem o que está em jogo aqui, concordariam em trabalhar conosco em algo que poderia salvar o reino. E eu não conheço dez dos membros mais poderosos das fadas, mas conheço *um* deles, e pessoalmente vou descobrir onde diabos ele está e trazê-lo de volta para nós. Quanto a algo pessoal que pertence a Madra? Acho que também posso te ajudar com isso."



45

REDENÇÃO

SAERIS

Total de mortos conhecidos: 4.769

Total de infectados: Desconhecido

Área estimada infectada: 289 léguas e aumentando

O sol tingiu o horizonte de vermelho.

Dezenas de lanternas votivas subiram ao encontro do amanhecer, lançadas pelos moradores de Inishtar, privados de sono, na esperança de elevar as almas de seus entes queridos falecidos aos céus.

Junto aos penhascos, as gaivotas grasnavam, atacando em mergulho os sátiros que ali se reuniram para trabalhar, irritadas com a comoção que perturbava seus ninhos. Quase não chegamos a tempo.

“Esperem! Esperem, *parem* !” gritei. Dois dos sátiros — machos com pelos castanhos espessos e desgrenhados cobrindo as pernas e chifres orgulhosos curvando-se para longe das testas —

cambalearam perigosamente, quase caindo do penhasco enquanto se agarravam ao corpo que estavam prestes a atirar.

"Que diabos você está *fazendo* ?" rosnou o da direita.

"Precisamos desse corpo", eu disse ofegante.

“É uma coisa impura. Nem sequer tem cabeça. O que você poderia querer com isso?”

“Aqueles. . com armadura”, disse Carrion, ofegante. “Há mais algum. . assim?”

— Sim — respondeu o sátiro à esquerda, não mais amigável que seu companheiro. — Mas estão todos lá embaixo. — Ele apontou com a cabeça para o precipício. — Você terá que descer pela trilha das crianças se quiser encontrá-las.

Espiei a borda do penhasco, meu estômago revirando ao ver o abismo que se estendia à minha frente. . e depois novamente ao contemplar todos os corpos contorcidos em formas antinaturais sobre as rochas negras lá embaixo. A luz da aurora brilhava nas armaduras douradas polidas — as mesmas armaduras douradas que deram início a tudo isso. Uma espuma branca invadiu a água, submergindo os corpos por um instante, para depois recuar novamente, revelando a cena macabra mais uma vez.

Carrion também espiou por cima da borda. "Você realmente *desce* por esse caminho?", disse ele, observando a face do penhasco com nervosismo.

“ *Nós* sim”, disse o sátiro à esquerda. “ *Vocês* não. Este lugar não foi construído para pés desajeitados de fadas.”

Um paradoxo, se é que já vi algum. Os seres feéricos estavam longe de serem desajeitados. Na minha experiência, eles tinham uma leveza sobrenatural nos pés, mas parecia que os sátiros eram ainda mais ágeis. Eu nem conseguia ver uma linha clara que levasse até as rochas lá embaixo. Os penhascos eram *verticais pra caramba* .

“Nem *pense* em nos pedir para descer lá por você”, disse o sátiro com os chifres mais encaracolados.

“Não compactuamos com o saque de cadáveres. Os caídos devem manter seus pertences. Eles foram tocados pela morte.”

“Não queremos saqueá-los”, disse Carrion, com nojo. “Precisamos *de* algo de um deles. No seu lugar, eu entendo como, bem, não, espere, sátiros não usam sapatos, usa? Deixe-nos examinar esse corpo e iremos embora. Quer dizer, vamos buscar a pele. Quer dizer—”

“Carrion, pare de falar.”

Carrion parou de falar.

Dei um passo à frente, tomando cuidado para manter o capuz sobre a cabeça. Felizmente, havia poucos sinais externos de que eu não era totalmente Fae, mas minha pele tendia a fumegar um pouco sob a luz direta do dia. Os nobres raramente deixavam a Corte de Sangue — o povo de Inishtar provavelmente não via um há séculos — mas eu não queria correr o risco de alguém me ver e tirar conclusões precipitadas sobre minhas intenções. “Não somos corvos. Não queremos levar nada de valor. Não. . pelo menos não de valor *tradicional* . Podemos apenas observar esse corpo por um instante, e então a deixaremos em paz?”

“Malditas fadas”, sibilou o sátiro à esquerda. Ambos os machos nos encararam com malícia enquanto deixavam cair o corpo que carregavam; ele atingiu o chão com um *estrondo* .

“Faça como quiser”, disse Curled Horns. “Mas não se esqueça de jogar o papel para fora quando terminar. Não queremos que ele nos assombre por causa de algo que *você* pegou.”

Os sátiros tinham crenças estranhas. Acontece que eles também não gostavam muito das fadas.

Inclinei a cabeça, concordando com os termos deles, e os dois saíram correndo, escalando habilmente a parede rochosa à esquerda.

"Que maldade", refletiu Carrion. "Como você pode estar tão zangado quando tem uma vista *dessas* para contemplar o dia todo?" Ele acenou com a cabeça em direção à visão estonteante do oceano, mas eu mantive o olhar fixo no cadáver do guardião aos meus pés, recusando-me a olhar para a paisagem. Eu não conseguia. Não com Fisher desaparecido. Nada tinha permissão para ser belo no mundo sem ele.

O sorriso de Carrion se desfez quando viramos o corpo. Como se soubesse exatamente o que eu estava pensando, ele disse: "Nós o *encontraremos* , Saeris". E então soltou um grito de excitação que assustou as gaivotas.

“Deus, Carrion, você quase me matou do coração!”

“Não seja ridículo. Seu coração nem precisa bater. E, aliás, você não está feliz? Veja só!”

Tivemos sorte. *Muita* sorte. O objeto que tínhamos corrido até aqui na esperança de encontrar estava bem ali, ainda preso ao cinto do guardião. O hipócrita piedoso tinha sido estúpido o



suficiente para carregar um daqueles ridículos sacos de peste da Madra no quadril. Mas era *ela* a arrogante o suficiente para se achar uma deusa. Os sacos de peste estavam cheios de cinzas dos sacrifícios que foram queimados em homenagem a Madra.. mas também continham um *fio de cabelo dela* .

Jogamos o corpo decapitado do guardião pela beira do penhasco, como havíamos combinado.

Observamos o cadáver vestido de ouro despencar pelo ar e aterrissar sobre as rochas sem dizer uma palavra. Havia aqueles que talvez merecessem uma prece aos deuses enquanto seus corpos eram sepultados, mas não ele. Quem quer que ele fosse, quem quer que tivesse sido, ele servira a um monstro, o que o tornava um monstro também.

Estávamos subindo os degraus, nos afastando do penhasco, quando notei a figura sentada sozinha junto a um grande bloco de giz que se projetava sobre o precipício à nossa direita. Reconheci-o imediatamente.

Era *Tal* .

Entreguei o saco com a peste na mão de Carrion. "Vá sem mim", eu disse. "Leve isto para Iseabail e Te Léna o mais rápido possível. Avise-os que voltarei em breve. Preciso resolver uma coisa."

Eu estava errado.

Ele não estava sozinho.

Um corpo jazia ao lado dele sobre o giz, o vestido vermelho rasgado e sujo, os cabelos loiros emaranhados em uma poça ao redor da cabeça. Zovena parecia estar dormindo, mas eu já tinha visto morte o suficiente para reconhecer seu tom sutil se insinuando nas bochechas pálidas da mulher. Tal estava sentado na beira do penhasco, com as pernas penduradas para fora. Ele não estava tocando em Zovena, embora certamente a tivesse carregado até ali e a deitado. O vento soprava seus cabelos prateados ao redor do rosto, os fios brilhando em tons de laranja e vermelho, refletindo o nascer do sol sangrento.

Uma espada repousava no chão ao seu lado. Suas mãos estavam cobertas de cortes e arranhões; distraidamente, ele girava o anel grosso que usava no polegar, girando, girando, enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Ele não olhou para mim quando me sentei ao seu lado, deixando minhas pernas penduradas na beirada também. "O destino me despreza", sussurrou ele, displicentemente. "Toda vez que tento morrer, ele me rouba a paz."

“O que estamos fazendo, Tal?”

Os músculos do pescoço se contraíram enquanto ele engolia. Eu só o vira na penumbra, seus traços esculpidos em monocromático ou talvez tingidos de verde pela luz tênue. A manhã o pintara de tons de pêssego, roxo e rosa, tão suaves quanto seda. Ele havia sido recriado. Seu coração bombeava sangue quente pelo corpo pela primeira vez em séculos. Por um segundo, ele pareceu tão *jovem* .

Mas então ele se virou para me olhar, e havia aquela tristeza ancestral em seus olhos.

“Eu ia pedir para o Fisher me mandar para casa para que eu morresse lá. Em Bayland's End. O

incômodo daquela *situação* desagradável teria sido bem merecido para minha mãe. Mas aí estávamos no meio de uma batalha, cercados por alimentadores, e pela primeira vez.. ” Ele engasgou com a palavra, reprimindo um soluço sufocado. “Pela *primeira vez* , eu pude lutar do lado certo.” Balançou a cabeça, enxugando as lágrimas antes que pudessem cair. “Encontrei esta espada na grama e a peguei.

Corri direto para a Morte. Eu *sabia* que ela me levaria. Mas matei todos os alimentadores que enfrentei. E então não havia mais nenhum, e. . eu *a encontrei* na terra."

Seu olhar voltou-se para o sol nascente, que espalhava luz pela superfície ondulante do oceano. Ele *não* olhou para Zovena. "Ela era uma pessoa horrível", disse ele, soltando uma risada rouca e rouca.

"Eu me pegava rindo da insanidade daquilo o tempo todo. Eu *sei* que era insano", disse ele, assentindo. "Tudo aquilo. Imagine. ." Ele apertou os olhos, por um momento vendo algo que eu não conseguia ver. "Imagine amar o Kingfisher. Imagine não conseguir se controlar. E então imagine que ele não se importava nem um pouco com você e sentia prazer em te machucar sempre que tinha oportunidade. E *então* imagine vender sua alma ao diabo para poder segui-lo até o inferno." Eu não conseguia dizer se ele estava rindo ou chorando agora. "De livre e espontânea vontade! *Hah!* "

"Tal—"

"Ela já estava morta quando a encontrei. Completamente exausta." Ele fungou ruidosamente. "E

quando olhei para ela, fiquei ali parado, esperando a dor me atingir, me *destruir completamente* , e sabe o que aconteceu?" Ele jogou a cabeça para trás, fechou os olhos e suspirou profundamente. "Eu não senti.. porra.. *nada* . Para ela, sempre foi um jogo. Não sei como ela fazia. Se era mágica, ou..

ou.. " Ele deu de ombros, impotente. "Não era real. Era um jogo, e agora sinto como se tivesse acordado, e todos os sacrifícios que fiz foram em vão. Como eu fui *estúpido* ."

"Você *não é* estúpido, Tal."

"Mil anos.. " Ele olhou fixamente para o horizonte, os lábios entreabertos, como se a gravidade da situação o tivesse deixado mudo. "Então eu vim aqui para entregá-la ao mar. Vim aqui para morrer..

e mais uma vez o destino me roubou a paz."

"O que você quer dizer?"

Taladaius ergueu a mão, com a palma para cima, e apontou para o amanhecer. Fechou os olhos novamente, e a luz do sol banhou os traços angulares de seu rosto. “Mil.. sessenta e três anos, cinco meses.. três dias.. ” Sua voz foi diminuindo até virar um sussurro. “Faz tanto tempo que não sinto o sol no meu rosto, Saeris. Se eu tivesse chegado aqui uma hora antes, eu teria feito isso. Eu teria pulado.” Ele abriu os olhos, uma quietude. caindo sobre ele enquanto olhava para a água. "Mas agora?" Um sorriso torto e desolado pairou nos cantos de sua boca. "Como posso me condenar a outra escuridão sem fim quando a luz me foi devolvida?"

Eu não disse nada. O que eu deveria dizer? A única coisa que eu podia fazer era pegar a mão do meu amigo. Ficamos sentados em silêncio por um longo tempo. Finalmente, peguei a espada que ele havia encontrado e trazido até ali, girando-a nas mãos. Era uma bela peça, de lâmina estreita e elegante como um florete. Seu fio afiado como uma navalha era letal. Algo nela me lembrava Tal.

Eu sabia o que tinha que fazer — sabia que seria o certo. Com mãos firmes, desembainhei Erromar e ergui a espada divina sobre a espada estreita.

Não havia mais necessidade de prata. Nem de piadas, jogos ou barganhas. A runa de mercúrio no dorso da minha mão brilhou num azul-esbranquiçado intenso por um segundo, e então uma gota de metal reluzente se formou na ponta da minha espada curta. Ela rolou até se acumular e escorrer pela outra lâmina, afundando imediatamente no metal.

Tal observava, com uma expressão um tanto atônita. "O que você está fazendo?"

Do nada, uma dor aguda subiu pelo meu braço, cravando-se no meu ombro. Deixei cair a espada entre nós, sacudindo a mão.

"O que é que foi *isso* ?"

“Isso”, eu disse, um pouco contrariado, “foi um aviso. Segurei-a por tempo demais. E você sabe tão bem quanto eu que uma espada divina só pode ser empunhada pelo guerreiro que ela escolhe.”

Tentei não rir da surpresa que passou pelo rosto de Tal. Ele apontou para a espada. "Você não está..

falando sério? Essa é uma *espada divina* agora? Foi só isso que precisou?"

Dei de ombros. "Um pouco de mercúrio emprestado da minha lâmina. Um pouco de magia. E

muitas boas intenções."

O ex-vampiro parecia sem palavras. "E é para mim?"

“Sim, é para você.”

“O que devo *fazer* com isso?”

“Recomendo que você comece *pegando-o* .”

“Mas e se não me escolher? E se não me achar digno?”

“Você é, Tal.”

"Mas-"

"Você *é* ."

Ele me encarou por um longo tempo, os músculos da mandíbula tremendo. Então, pegou a espada.

Ofegante, passou o dedo pela lâmina, doando uma pequena quantidade do próprio sangue para que a espada o julgasse. Vi o instante em que o mercúrio começou a sussurrar para ele: ele se assustou um pouco, os ombros tensos, e os olhos se voltaram para mim enquanto ouvia.

O que quer que tenha sido dito a ele, não me cabia ouvir.

Os dedos de Tal se fecharam em torno do cabo da espada, segurando-a com firmeza. Uma reivindicação, então. Ele e a espada divina eram um só.

“Qual é o nome?”, perguntei. Aquilo estava se tornando uma espécie de ritual — um ritual que eu apreciava mais do que conseguia explicar.

Tal soltou um longo suspiro trêmulo, contemplando a espada. "Tarsarinn", disse ele. "Significa. .

redenção."

Dei um sorriso. Não consegui me conter, apesar de tudo. "Combina. Gostei."

Tal então fez a mesma pergunta que Carrion fizera depois de ter criado um laço com Simon. "E..

terá magia? Como Avisiéth e suas espadas curtas?"



Dei-lhe uma cotovelada. "Não posso te dizer isso, receio. *Isso* é entre você e os deuses. Quanto ao resto, não sou arrogante o suficiente para declarar que estamos lutando pelo lado certo. *Espero* que sim, mas seus preciosos destinos terão que decidir. De qualquer forma, certo ou errado, de agora em diante, Tal, você *sempre* lutará conosco . "

O antigo Guardião dos Segredos da Corte de Sangue de Sanasroth sorriu.

"Diga-me o que você quis dizer." Não era um pedido. Cravei as unhas nas palmas das mãos, os nós dos dedos ficando brancos atrás das minhas costas enquanto eu lutava para parecer relaxada.

Tínhamos saído da casa de Orellis. Ela tinha outros amigos que precisavam do abrigo muito mais do que nós. Vizinhos que haviam perdido suas casas. Apesar de seu temperamento cáustico, Danya era uma excelente líder. Os guerreiros a respeitavam. Ela havia liderado a logística necessária para montar o acampamento nos arredores de Inishtar e já havia colocado todos para trabalhar, buscando suprimentos para ajudar a reparar ou reconstruir a cidade danificada da melhor maneira possível.

Everlayne estava segura lá, agasalhada em uma tenda, com Te Léna cuidando dela. O resto de nós estava ocupado com várias tarefas pela cidade, ajudando onde podíamos.

As explosões que sacudiram a encosta durante a batalha causaram danos incalculáveis. O centro de cura e a prefeitura de Inishtar foram alvejados. A causa das explosões ainda era um mistério, mas os locais onde ocorreram? Bem, o motivo da escolha *desses* edifícios era óbvio. Sem a prefeitura, era mais difícil para o povo de Inishtar se reunir e se reagrupar. Sem o centro de cura, a população ferida não tinha para onde ir em busca de ajuda que pudesse salvar suas vidas.

Junto com os funcionários da cidade, Foley e Maynir estavam vasculhando os escombros na prefeitura, ajudando a recuperar qualquer documento importante que conseguissem encontrar.

Lorreth, Carrion, Iseabail, Hayden e eu estávamos fazendo o mesmo no centro de cura, na esperança de salvar suprimentos, mas a estrutura do prédio estava drasticamente comprometida. Tínhamos fugido do centro no último instante, apenas segundos antes do teto desabar.

Desde então, Carrion, Hayden e Iseabail vinham jogando algum tipo de jogo com um grupo de faunos adolescentes na praça da cidade, chutando uma bola e tentando marcar pontos uns contra os outros. Pelo que parecia, os faunos estavam ganhando deles com folga. Lorreth e eu estávamos juntos nos degraus de pedra desgastados que antes levavam à prefeitura, observando o jogo, embora nenhum de nós estivesse realmente vendo.

Lorreth atirou o pedaço de pedra com o qual estava brincando, profundas rugas de preocupação marcadas entre as sobrancelhas. "Falei sem pensar, Saeris. Não devia ter falado. Fisher tinha razão. A sugestão que eu ia fazer na sala de estar era uma loucura. Não teria funcionado. Você devia fingir que eu nunca disse nada."

Eu ia gritar, caralho. A qualquer segundo, minha fúria e frustração explodiriam de mim, e eu não conseguiria impedir. Um ciclone de pânico, medo e desespero me envolvia, invisível para todos os outros. Eu estava no olho do furacão, lutando para manter a calma, mas estava perdendo o controle.

Talvez eu conseguisse aguentar por mais uma hora. Eu ia tentar, com todas as minhas forças, mas do jeito que as coisas estavam, eu só tinha alguns minutos antes que o pânico me derrubasse e eu perdesse *a cabeça* .

“Fisher ia me explicar. Ele prometeu que ia. Você o *ouviu* fazer essa promessa. Então agora eu preciso que você cumpra essa promessa por ele, Lorreth.”

“Ele não partiu para uma missão suicida insensata sem você, se é isso que você está pensando.”

“É *exatamente* isso que estou pensando. Foi o que ele fez em Gillethrye. Ele me deixou em Ballard e foi sozinho para salvar Everlayne. Lembra disso?”

A expressão de desagrado de Lorreth se intensificou. "Você está tornando isso muito difícil, sabia?"

“Ótimo. É isso que eu quero alcançar.”

O guerreiro sentou-se pesadamente nos degraus, recolhendo mais um punhado de entulho.

Começou a jogá-los um a um escada abaixo. "Ele não pode ter ido executar esse plano, Saeris. Ele precisaria de você. Não há como ele ter feito isso *sem* você."

“Perfeito. Então, se ele realmente não saiu para executar esse plano impossível, você não terá problema nenhum em me dizer qual era.”

Lá embaixo, na praça, Carrion soltou um grito, dando uma volta olímpica com os braços erguidos após marcar um ponto contra os faunos.

Eu conseguia ouvir o ranger de dentes de Lorreth a três metros de distância. "O problema, Saeris, é que *você* poderia executar o plano impossível sem *ele* , e estou muito preocupado que você possa achar que é uma boa ideia—"

“Eu prometo que não vou.”

O guerreiro me lançou um olhar complexo. "Você vai me perdoar, irmã, mas você não está exatamente ligada por um juramento."

Antes mesmo que ele terminasse a frase, Selanir estava em minhas mãos — a espada chamada Honra.

Fui até o guerreiro e a estendi para que ele a visse, enquanto me abaixava e fechava a mão em torno da lâmina. Meu sangue escorreu pelas bordas de Selanir e pingou da ponta da espada sobre a pedra ao lado de Lorreth. "Eu *prometo* ", eu disse. "Juro que não agirei de acordo com o que você me disser agora, a menos que seja com o conhecimento e a ajuda explícitos de Fisher."

Lorreth olhou fixamente para o sangue que eu havia derramado.

“Você está satisfeito?”, perguntei.

Ele respirou fundo e começou a falar.

Quando ele terminou, eu entendi. *Era* um plano impossível. Um plano aterrorizante. Mas eu precisava ouvir aquilo. Sem saber o que sei agora, eu jamais teria conseguido tirar aquilo da cabeça.

Teria presumido que meu amigo tinha ido embora. Sem mim novamente, com a intenção de me salvar e ao resto do reino sozinho. Só de pensar nisso, eu estaria arrasada. Agora que eu sabia que não era o caso. . não me sentia melhor. Se Fisher tivesse partido em alguma missão absurda, eu poderia ter ido atrás dele. Agora eu não fazia ideia de onde ele estava ou o que estava fazendo, o que me deixava *furiosa* .

Lá em cima, as gaivotas gritavam. Centenas delas circulavam em uma grande coluna sobre os penhascos. De vez em quando, uma se desprendia da massa giratória e mergulhava, despencando do ar como uma pedra. Lorreth tinha me dito que era assim que elas pegavam os peixes que comiam.

“Eles são sempre assim?”, perguntei. “Tão barulhentos. Tantos *deles* ?”

Lorreth assentiu. "Sim. Sempre. Os pássaros não se importam com a guerra, Saeris. Não faz diferença para eles que metade de Inishtar tenha sido dizimada ontem à noite. Este é o lar deles. Eles só se importam em proteger seus ninhos e seus filhotes."

Mordisquei a parte interna da minha bochecha, pensando nisso. Não conseguia parar de olhar para todas aquelas asas batendo. Eram centenas. Talvez milhares. A visão delas despertou algo dentro de mim, embora eu não conseguisse nomear a sensação. Era como uma lembrança, flutuando sob a superfície de um rio congelado, tentando encontrar uma fenda no gelo espesso para poder subir à superfície e encontrar o ar livre. Se eu me esforçasse um pouco mais, talvez..

Lorreth praguejou, deixando cair o punhado de pedras. " *Sheascar.* O que é *isso* agora?" Ele olhava para a esquerda, para a rua que desembocava na praça da cidade. . e para as hordas de sátiros que marchavam por ela brandindo todo tipo de arma. Espadas. Adagas. Mais mangais como aquele que Foley encontrara na grama na noite anterior. Eles carregavam até forcados e vassouras. Suas vozes abafavam o grito das gaivotas enquanto invadiam a praça.

O jogo que acontecia na praça parou. Cada vez mais sátiros se aglomeravam na praça em vez de passar por ela. E, ao descermos em direção aos penhascos, ficou evidente que eles tinham vindo até aqui por *nossa causa* .

Uma mulher robusta, de cabelos negros como azeviche, chifres curtos cobertos de veludo e uma pelagem negra e espessa que lhe cobria as pernas, aproximou-se do último degrau da escada. Sua mão repousava no punho da espada que pendia de um cinto em sua cintura — a lâmina era tão longa que sua ponta quase raspava o chão enquanto ela caminhava. "Onde ele está?", perguntou ela, exigindo uma resposta.

“Sinto muito, Galwynnian. O Kingfisher não está conosco. E mesmo que estivesse, ele não é responsável por nada disso”, disse Lorreth, erguendo as mãos e apontando para a destruição que nos cercava.

“Não é o Martim-pescador”, disse a mulher. “É o Rei Esquecido.”

“Os Esquecidos *quem* ?” Meu olhar percorreu a multidão, tentando discernir seu humor. Era difícil decifrar os sátiros. Eram criaturas orgulhosas e sérias. Seus temperamentos pareciam tender para a raiva. Lorreth praguejou baixinho novamente, remexendo-se desconfortavelmente em sua armadura enquanto se levantava e se endireitava.

“Agora não é hora para conflitos, Gal. Não temos reis coroados em nosso partido __”

“Ah, chega de rodeios feéricos, Lorreth da Torre Quebrada. Não me deixarei enganar por palavras cuidadosas. Sei que você não tem nenhum rei coroado com você. O rapaz ainda não foi coroado.

Mas ele *está* com você, eu sei. Toda a Terra do Sul está repercutindo a notícia. O filho de Rurik retornou e viaja com a Ruína.”

Ah, certo.

Merda.

eu sabia *perfeitamente a quem ela se referia* . Do outro lado da praça, Carrion estava de pé com as mãos apoiadas nos ombros de um dos faunos machos com quem estava brincando, com uma expressão de angústia no rosto. Pela primeira vez, notei que ali Não havia sátiros ruivos. Com exceção de Iseabail, Carrion era o único ruivo na praça, e por isso se destacava como um ponto fora da curva. Mesmo de longe, eu conseguia ver suas bochechas corando. Ele tirou as mãos dos ombros do fauno e começou a recuar lentamente em direção à esquina da

praça, onde uma pequena rua lateral oferecia a promessa de fuga.

Lorreth teria sido um excelente jogador de pôquer. Em nenhum momento seu olhar se desviou para Carrion. Eu, por outro lado, o encarava abertamente. Me arrependi amargamente e desviei o olhar, concentrando-me nas minhas botas, mas era tarde demais. O estrago estava feito. Lentamente, a multidão começou a se virar e a encarar o fundo da praça.

“Deuses e mártires”, murmurei. Isso ia dar ruim. Havia centenas de sátiros na praça agora. Eles eram fortes, estavam furiosos e *armados* . Se planejassem ferir Carrion, não havia literalmente nada que pudéssemos fazer. Dei um passo à frente, com a bota pairando sobre o degrau de pedra à minha frente, mas Lorreth agarrou meu pulso e me puxou para trás, balançando a cabeça.

"Está feito", resmungou ele. "Não tem volta. Algumas coisas ele vai ter que enfrentar sozinho, Saeris.

Deixe que ele resolva por si mesmo."

Carrion nos lançou um olhar suplicante por cima da multidão. Chifres — retorcidos, retos, curvos —

eriçados no ar, todos pontiagudos e mortais. Eu sabia o que ele estava pensando. Ele imaginava um par daqueles chifres cravando-se em seu estômago e o eviscerando. Seria uma morte horrível.

Sangrenta, dolorosa, lenta. Mas quando os sátiros presentes abaixaram a cabeça, não atacaram Carrion. Ajoelharam-se ao mesmo tempo e depositaram suas armas em oferenda, curvando-se diante do herdeiro de Daianthus. Tudo estava em silêncio, exceto pelo arrastar de cascos e o tilintar de metal contra pedra.

"Ah, céus. Ele vai ficar *insuportável* depois disso", resmunguei.

Os sátiros começaram a cantar. O som grave e profundo era tão intenso que fazia os pequenos pedaços de entulho aos nossos pés saltarem e dançarem. Eu nunca tinha ouvido um som tão ressonante. Até onde eu sabia, nenhum humano ou membro das fadas seria capaz de reproduzir o grave daquela melodia sombria. Era tão poderoso que fazia o ar dentro dos meus pulmões vibrar.

"O que é isso?", perguntei a Lorreth. "O que eles estão cantando?"

“Um lamento de boas-vindas”, respondeu ele. “Uma canção tradicional dos sátiros. Cheia de nuances. É a canção que se canta para um familiar de um querido amigo que se foi. É.. como uma promessa. Que você demonstrará o amor e o respeito que não pode mais dar ao seu amigo aos vivos que ainda compartilham o mesmo sangue. É complicado. Os sátiros têm uma canção para tudo. São dramáticas e rebuscadas demais para o meu gosto.”

As vozes dos sátiros eram estrondosas, o tom tão monótono, que eu não conseguia distinguir uma palavra da outra. Apesar da crítica pouco favorável de Lorreth, a música ainda me arrepiava. A canção era emocionante.

"O que devo *fazer* ?", Carrion murmurou por cima das cabeças dos sátiros.

Dei de ombros, sem conseguir responder àquela pergunta por ele.

Carrion franziu a testa e então partiu em nossa direção, abrindo caminho com cautela ao redor dos sátiros ajoelhados, que a princípio não pareceram notar sua presença. Quando perceberam, rapidamente se viraram de joelhos para não lhe dar as costas.

Carrion parecia um pouco desequilibrado quando apareceu no topo da escadaria. "Aposto que você está adorando isso, Fane."

"Eu estava justamente pensando em como isso é inconveniente. Sem falar na decepção que todos vão sentir quando você disser que não vai desafiar Belikon pelo trono."

Carrion ia falar, prestes a dar uma resposta ácida, sem dúvida, mas então o canto dos sátiros cessou.

A mulher A mulher que se dirigira a Lorreth ergueu a cabeça, fixando um olhar

penetrante em Carrion. "Damos-lhe as boas-vindas a Inishtar, senhor", disse ela. "Normalmente, teríamos organizado um festival para celebrar a sua chegada, mas, dadas as circunstâncias atuais, esperamos que compreenda.. "

Lorreth inclinou o corpo ligeiramente para poder falar sem que a mulher, Galwynnian, o visse.

"Tenha cuidado", advertiu. "Se você disser algo que reconheça que *é* o herdeiro do trono de Yvelia, isso se tornará público. Não poderá voltar atrás. Será o mesmo que declarar guerra a Belikon."

Um sorriso tenso e infeliz contorceu as feições de Carrion. "Bem, que se dane ″ , sussurrou ele entre dentes cerrados.

"Gostaria de se dirigir a nós?", perguntou Galwynnian. "Seria uma honra ouvir o filho e herdeiro de Rurik Daianthus falar."

Carrion saltitava na ponta dos pés, o olhar percorrendo a multidão. Acima de nós, o grito dos pássaros cortava o ar, assombroso e solitário. Havia ainda mais deles agora, dançando graciosamente nas correntes térmicas acima dos penhascos.

Passaram-se trinta segundos.

Um minuto.

"Bem, é melhor você dizer *alguma coisa* ", murmurou Lorreth.

“Tudo bem, tudo bem. Só me dê um momento. Estou tentando pensar em algo conciso.”

Pelos deuses! "Esqueça *a concisão* ", resmunguei entre os dentes. Ele ia causar algum tipo de incidente político nesse ritmo. "Seja breve e direto."

“Ótima ideia. Sim. Simples e direto”, concordou Lorreth.

Os sátiros prenderam a respiração quando Carrion abriu a boca. Ele balançou para a esquerda, depois para a direita, as sobrancelhas subindo cada vez mais em direção à linha do cabelo. "Meu nome é Carrion", disse ele. "Prazer em conhecê-los. Gostei muito dos seus chifres."

Havia historiadores entre a multidão. *Alguém* registraria este momento — o dia em que a comunidade sátira recebeu o Herdeiro de Daianthus — e quando documentassem a primeira coisa que seu Rei Esquecido lhes dissera, seria isto:

Eu gosto muito dos seus chifres.

Lorreth gemeu. Consegui conter meu próprio gemido, mas por pouco. Levantei o olhar, incapaz de encarar as expressões confusas que os sátiros trocavam enquanto mantinha a compostura. Meus olhos se fixaram em um pássaro, girando em direção ao oceano. . e no instante em que o vi, me ocorreu: a lembrança que me escapara antes.

Estava ali, a um milímetro da ponta dos meus dedos. Era tão *óbvio* ! Pelos deuses e mártires, como fui estúpido.

Eu havia perdido alguma coisa.

E agora eu sabia o que era.

Recuei do lado de Carrion, com o pulso acelerado como um raio. Lorreth virou a cabeça bruscamente, as narinas dilatando, as pupilas se contraindo ao perceber a mudança repentina em mim. "O que foi? O que há de errado?"

“É… é *alguma coisa* .” Uma resposta horrível, mas eu não sabia como — ou não tinha tempo — para explicar o que acabara de me ocorrer. “ *Talvez eu* saiba como encontrar Fisher.”

“Espere! Deixe-me ir com você, então!”

“Não, me desculpe, Lorreth!” gritei, descendo as escadas correndo. “Por favor, preciso que você fique de olho no Hayden. Para onde eu vou, você não pode me seguir de qualquer forma! Tenho que ir sozinha! Eu volto e faço aquelas relíquias, eu juro!”



46

QUEBRAR

SAERIS

O acampamento de guerra fervilhava. Guerreiros feéricos circulavam ao redor das fogueiras, comendo em panelas de lata. Eles lutavam na lama. Sátiros percorriam as tendas salpicadas de lama, vendendo carne grelhada em espetos e milho assado. O cheiro da comida — e de todo o sangue — era enlouquecedor, mas eu não tinha tempo para isso. Já havia vasculhado metade do acampamento quando encontrei o que, ou melhor , *quem* eu procurava. Ela estava no meio de um grupo de homens, debruçada sobre um pedaço de papel amassado. Quando ergueu os olhos do que quer que a estivesse ocupando, *não* parecia feliz.

“Saeris”, disse ela, dobrando o pedaço de papel e entregando-o a uma de suas amigas. “A que devemos o prazer?”

“Preciso da sua ajuda, Danya.”

O cabelo que ela perdera durante o ataque a Irrín cresceria novamente, mas levaria tempo. O lado raspado do couro cabeludo estava agora marcado por uma barba por fazer, de um loiro mais escuro que o resto do cabelo. A guerreira arqueou uma sobrancelha para mim, sua surpresa em conflito com seu aborrecimento. “Ajuda? De *mim* ?” Ela bufou. “Impossível. Nossa preciosa Alquimista não admitiria que algo está além de sua capacidade. Meus ouvidos devem estar me enganando.”

Eu não tinha tempo para isso. "Danya, desde que cheguei aqui, não fiz nada além

de dizer a quem quiser ouvir que *não estou* preparada para lidar com as tarefas que me foram atribuídas. Nunca fingi o contrário."

Ela cuspiu no chão, com o rosto impassível.

“Preciso falar com você.” Olhei para as amigas dela. *A sós.*

“Se isso tem a ver com Carrion Swift, pode relaxar, *Oshazinha* . Não tenho segundas intenções com seu amigo. Pelo menos não a longo prazo.” Ela usou o nome de Fisher para mim de um jeito frio.

Fez parecer insignificante e patético. As amigas dela morderam os lábios, rindo baixinho.

Então era assim que ela queria jogar?

Multar.

Ela estava mexendo com a pessoa errada se pensava que eu não a humilharia na frente dos amigos dela. Saquei Erromar e Selanir e girei as lâminas na minha mão, avançando contra ela. Ela tentou alcançar a própria espada. E ela era uma guerreira experiente. Tinha matado mais vampiros do que eu conseguia contar, mas *eu* não era um vampiro. Também não era um guerreiro feérico. Eu tinha

sido *humano* primeiro, e agora havia uma boa dose de sangue vampírico nas minhas veias. Eu era mais rápido do que deveria ser, e mais forte que Danya, para completar. Com as lâminas das minhas espadas curtas roçando seu queixo, Danya não teve outra opção a não ser se render.

Mas ela era estúpida.

Tão *arrogante do caralho* .

Ela ergueu as mãos, mas o gesto era um disfarce. Tentou agarrar meu pulso direito, para que minha própria espada atingisse meu rosto com um soco, mas pensamentos surgiam e desapareciam em minha mente no tempo que ela levava para fechar os dedos em torno do meu pulso.

Meu pé direito deslizou para trás do esquerdo dela. Minha perna se prendeu na dela, e eu acertei um golpe com a palma da mão esquerda no peito dela, bem

entre os seios. Ela saiu do chão e voou pelo ar, e uma parte de mim vibrou de satisfação quando ela Ela caiu de bunda na lama a três metros de distância. Mantive essa parte de mim escondida. Um bom líder jamais demonstraria prazer com o constrangimento de um aliado. Não que eu fosse o líder de Danya.. e não que eu tivesse cem por cento de certeza de que poderia chamá-la de *aliada* , mas ainda assim seria de muito mau gosto me vangloriar.

As amigas dela não riam mais. Desviavam o olhar, olhando para qualquer lugar, menos para Danya, enquanto eu caminhava com dificuldade pela lama e estendia a mão para a garota. Mantive a expressão neutra e a voz calma enquanto repetia: "Preciso da sua ajuda."

Ela me encarou com um olhar fulminante, repleto de veneno e suspeita. "E por que eu te *ajudaria* , Alquimista? Você não passou de um espinho no meu pé desde que chegou a este reino." Ela zombou da minha mão como se fosse uma víbora das dunas, erguida e pronta para atacar.

“Você vai me ajudar porque estamos no mesmo time”, eu disse a ela. “Porque, apesar de quantas brigas você arruma com ele e de quanta raiva você sente dele, Fisher ainda é seu comandante, e você ainda o ama.”

Sua objeção foi instantânea. "Eu não o amo—"

Eu a interrompi. “Sim. Você *ama* . Não me refiro a um sentimento romântico, e você sabe disso.

Você ama Fisher por tudo o que ele fez por este reino. Porque ele sempre esteve lá para você—”

“Até que ele *deixou de ser* ”, ela disparou. Eu conhecia muito bem a raiva que ardia em seus olhos. Ela estava furiosa com Fisher, mas não pelos motivos que fingia alegar.

“Sim, até que ele deixou de estar”, concordei. “Mas você não está com raiva *dele* por ter te abandonado, está, Danya? Você está com raiva de si mesma por não ter acreditado nele o suficiente desde o início. Você sabia que ele jamais abandonaria seus guerreiros, e mesmo assim escolheu se esconder atrás da mentira que Belikon contou. Isso foi mais fácil do que perder seu amigo, não foi?

Mais fácil do que não saber onde ele estava e não poder encontrá-lo, não poder ajudá-lo. Ele não te *culpa* , Danya.”

"Cala a boca, porra!", ela sibilou.

“Ele sabe que você teria vindo buscá-lo se pudesse.”

“Você não sabe do que está falando, porra!”



“Eu conheço o Martim-Pescador”, eu disse lentamente. “Mas não o conheço há tanto tempo quanto você. Ele era seu irmão — seu *sangue* — por séculos antes de eu nascer. E sei que não há como vocês terem lutado ao lado dele todos esses anos sem que um laço inabalável se formasse. Essa raiva dentro de você é um escudo. Ela te protege das emoções que você não consegue encarar. Da culpa e da consciência de que você o deixou em Gillethrye. Você estava com ele nas muralhas, não estava?

Você o ajudou a defender aquela cidade. Quando ela caiu, você o ajudou a queimá-la. E então você ouviu as mentiras cruéis de um homem que você sabia ser mau, e deixou seu amigo lá, para sofrer naquele labirinto eterno—”

"Parar."

Seu tom de voz havia perdido a acidez de antes. A palavra foi curta, um soluço, rompendo o ar entre nós. Danya me encarou, apoiando-se nos cotovelos na lama, os olhos reflexivos como poços profundos. Ela era teimosa como ninguém. Não admitiria que eu estava certo. Mas também *não podia* negar que eu estava errado. "O que você *quer* de mim, Alquimista?", murmurou.

"Quer? *Hah!* " Uma gargalhada subiu pela minha garganta. Fechei os lábios com força e a segurei antes que escapasse da minha boca e me fizesse parecer louca. *Me sentir* louca já era o suficiente, muito obrigada. "É muito simples, Danya. Você provavelmente vai até gostar. Quero que você me dê um soco na cara com toda a sua força."

Os olhos de Danya se arregalaram. "O quê?"

“Preciso que você me nocauteie.”

Ela recuou, afundando ainda mais na lama. "Você é louco", disse ela.

“Provavelmente. Mas isso ajudará a salvar Fisher. Agora, você quer abandoná-lo ao seu destino pela segunda vez, ou quer ajudá-lo, Danya? Porque há pelo menos três outras pessoas a quem posso pedir ajuda—”

"Eu topo", ela disparou. "Quer dizer, eu tenho vontade de te nocautear desde que te conheci. Seria uma tola se recusasse essa oportunidade, não é?"

“É isso aí. Você deveria me acertar bem aqui, embaixo do—”

A mulher saltou de pé. Ela balançou o corpo, e eu vi o golpe chegando. Não fiz nada para impedi-la.

Eu havia provocado aquilo de qualquer maneira. Qual teria sido o golpe—

Partículas de poeira pairavam no ar gélido. Captavam a luz sinistra que entrava pelas janelas, mas não se moviam, como se estivessem congeladas no lugar. A mesa de jantar estava posta para oito pessoas. No centro da mesa, uma terrina de cobre tremia, sua tampa chacoalhando. Os pratos estavam repletos de iguarias: aves assadas, legumes na manteiga, tortinhas em miniatura e travessas cheias de molho. Tudo estava podre. Larvas rastejavam entre a carne. Moscas sobrevoavam os talheres e se banqueteavam com a decomposição. Em cada lugar à mesa, taças de cristal transbordavam com um líquido negro e viscoso, movendo-se. . céus, havia algo *se movendo* dentro dos copos.

Meus arredores se fecharam quando percebi onde estava. Não era a cabana do caçador. Eu me concentrei intensamente, pouco antes do punho de Danya atingir meu queixo, para garantir que *não* acordaria lá. Eu estava exatamente onde precisava estar — em *Cahlish* .

As janelas da sala de jantar estavam todas quebradas, exatamente como da primeira vez que me deparei com os alimentadores. Uma fogueira crepitava na lareira, mas as chamas não eram amarelas.

Nem mesmo o estranho verde da luz crepuscular. Eram cinzentas e pretas, da cor da fumaça e da sombra, embora não houvesse nada. Não havia nada de brilhante ou mágico nisso. Era apenas uma fogueira sem vida, toda a vivacidade drenada e desaparecida.

A podridão cobria as paredes e se espalhava pelos rodapés. Tentáculos negros de poder maligno, buscando algo biológico para devorar. Já havia drenado a casa. A tinta descascava das paredes rachadas. Os tapetes estavam reduzidos a cinzas, o assoalho por baixo, quebradiço e seco como ossos antigos.

Até mesmo aqui, em meu sonho, Cahlish havia sido reivindicada. Era uma casca vazia do que fora apenas ontem, e vê-la assim, tão desbotada e morta, dilacerou algo na raiz da minha alma. Os rostos dos homens e mulheres nas pinturas nas paredes, todos ancestrais de Fisher, olhavam para mim com consternação, como se me culpassem pelo estado de sua casa e esperassem que eu fizesse *algo* a respeito. Mas não havia nada a fazer. Cahlish havia desaparecido.

“Fisher!”

Meu grito ecoou pela propriedade infectada. Prendi a respiração e esperei.

Esperei..

“Martim-pescador! Onde você está *?”*

Apenas o meu próprio grito de pânico voltou à minha mente.

Onde você está *?*

. . . você é *?*

Deuses. Isso *não era* bom. Eu tinha tantas perguntas lá na cabana do caçador. Perguntas pertinentes que eu deveria ter feito, como: "Ei, como tudo isso funciona? Como viemos parar aqui? Como controlamos para onde vamos ou o que fazemos neste lugar?" E, mais importante: "Você sempre estará aqui se *eu estiver* aqui?" Mas eu não fiz nenhuma dessas perguntas, porque Fisher parecia tão perplexo com tudo quanto eu. Ele não tinha a mínima ideia de por que tínhamos ido parar naquela cabana, mesmo estando em reinos completamente diferentes. E agora, aqui Eu estava inconsciente na versão onírica de Cahlish, e não fazia ideia se Fisher estava ali.

Eu tentei dormir, mas meus pensamentos estavam girando tão rápido que eu sabia que não conseguiria pegar no sono naturalmente. Daí, encontrar Danya no acampamento. Daí o olho roxo que eu certamente teria ao acordar..

“Fisher!”

Nenhum grito me veio à mente. Nada. Apenas o eco triste e desolado de uma casa que, até ontem, fervilhava de vida. Seria assim na realidade? Estaria a podridão sufocando a alvenaria e se alastrando pelos alicerces do edifício?

Foi de partir o coração ver a propriedade daquele jeito, sob ataque e definhando, mas eu não tinha tempo para lamentar a perda. Eu esperava que Fisher estivesse aqui, para que eu pudesse falar com ele e descobrir onde diabos ele estava na realidade, mas se ele não estivesse aqui neste mundo onírico, então eu não podia me dar ao luxo de ficar. Eu tinha outra tarefa a cumprir e rezava para não ser tarde demais.

A porta se soltou das dobradiças quando a puxei para abrir. Desmoronou no chão, seca como uma casca. A podridão serpenteava pelo chão, filamentos de corrupção negra e brilhante erguendo-se no ar, procurando por.. *mim* ? Eu era real ali? A podridão podia me sentir enquanto eu corria pelo corredor? Podia me infectar ali? Não valia a pena descobrir.

Meus passos ecoavam alto enquanto eu me apressava pelo corredor, passando por salas de estar, a biblioteca e uma dúzia de outras portas fechadas até chegar à escada. A sola da minha bota direita mal havia tocado o primeiro degrau quando ouvi um estrondo ensurdecedor acima de mim; olhei para cima a tempo de ver o lustre de cristal cair do teto rachado.

"Porra!"

Dei um salto para trás sem perder tempo, e os prismas e festões de cristal se estilhaçaram contra os degraus. Meu pulso batia em um ritmo errático enquanto eu olhava para o ponto na escada onde eu havia. . Fiquei ali parado, olhando para o buraco enorme que agora se abria como uma boca feroz no teto. A podridão pingava do gesso arruinado, *batendo, batendo, batendo* no chão ao meu lado.

Pelos deuses, aquele lugar *não era* seguro.

Eu precisava sair dali, e rápido.

Os alicerces da casa estremeceram quando contornei o lustre e subi as escadas correndo, de dois em dois degraus. A podridão ainda não tinha conseguido quebrar as janelas aqui em cima. As trepadeiras negras e brilhantes, porém,

formavam teias de aranha pelas paredes e quase cobriam completamente os vidros das janelas, bloqueando a luz que se esvaía.

No fim do longo corredor, a porta do quarto de Fisher estava fechada. Fui abri-la e puxei a mão com força, praguejando entre os dentes. A maçaneta estava gelada como gelo. Mais gelada ainda. O metal parecia ter sido forjado no próprio quinto círculo do inferno. Uma marca vermelha ficou na minha palma, tão dolorida e irritada como se eu tivesse acabado de fechar a mão em volta de um atiçador de lareira que ficou tempo demais no fogo. Doía fechar a mão. Doía pra caralho manter a mão aberta também.

Mais um acesso de palavrões baixinho.

“Você não quer que eu entre aí, quer?” A acusação era pela madeira apodrecida. Pela própria casa.

Claramente, nenhum dos dois me queria ali. Parei um instante para examinar a porta — por que não estava lascada e ressecada como o resto da madeira da casa? — e rapidamente avaliei qual seria o melhor lugar para chutá-la com a sola da minha bota. Decisão tomada, chutei a porta bem perto da maçaneta com toda a força que tinha..

. .e nada aconteceu.

A porta resistiu bravamente.

Tentei novamente.

E de novo.

E *de novo* .

A madeira nem sequer arranhou, e eu desferi chutes com toda a minha força. Minha força de fada e de vampiro combinadas deveriam ter arrancado aquela coisa maldita das dobradiças com facilidade, mas ela não se moveu. Um grito se formou na minha garganta, ganhando força, mas eu cerrei os dentes e me concentrei.

Eu não precisava de força bruta para isso. Eu tinha algo melhor. Eu tinha aberto um buraco de seis metros de largura na parede da biblioteca de Ammontraíeth

com meu poder, não tinha? Eu podia derrubar uma *porta , porra* .

Com a mão estendida, invoquei meu poder, tentando me lembrar da sensação na biblioteca, momentos antes de abrir aquele buraco na parede de pedra. A sensação de formigamento, a vibração, a poderosa descarga de energia e, em seguida, a onda de adrenalina que me percorreu quando a magia jorrou de mim.

A energia cresceu dentro de mim. Fechei minha mente em torno daquela sensação avassaladora, tentando conter um pouco o fluxo, controlar o quanto dela escaparia de mim. . e funcionou. Mais ou menos. O raio de energia branco-azulada que irrompeu da minha mão não foi tão astronômico quanto no Palácio Negro, mas chegou bem perto. A surpresa me atingiu quando a magia se chocou contra a parede. Eu nem sequer acreditava que minha magia funcionaria; afinal, *era um sonho.*

No exato *instante em que* a magia entrou em contato com a porta — e com sua moldura e um metro de parede de cada lado — eu soube que tinha cometido um erro. Os filamentos de podridão que cobriam a madeira pulsaram, flamejando em branco, e então dobraram de tamanho bem diante dos meus olhos.

Os fios do poder sombrio se expandiram, emaranhando-se em nós, formando uma casca dura sobre a porta—

“Ah, qual é! Você só pode estar *brincando* comigo!” A podridão havia *absorvido* meu poder.

Minúsculas esferas branco-azuladas brilhavam dentro de seus cipós, viajando pela rede entrelaçada de fios que agora bloqueava a porta. Eu tinha piorado tudo, infinitamente, e a culpa era toda minha.

Fisher e Ren usaram seus poderes nos alimentadores infectados, e isso só os tornou mais..

Poderoso. Eu deveria ter imaginado que minha magia faria o mesmo aqui.

Idiota.

Certo. Então eu não conseguia usar meus poderes. Não conseguia arrombar a porta. Então, o que eu *podia* fazer? O que estava faltando? Tinha que haver algum jeito de entrar naquele quarto. Isso era um sonho. Não deveria ter sido tão

difícil. Isso era—

Fiquei imóvel, mordendo o lábio inferior enquanto encarava a porta amaldiçoada.

Este era *o meu* sonho.

Eu estava aqui agora porque *eu havia* desejado isso. Lá em Zilvaren, eu tinha feito um jogo de mudar a face dos meus sonhos quando criança. Eu desejei que o céu ficasse rosa. Eu desejei que o deserto se tornasse um oceano. Mais tarde, quando fiquei mais velha, eu desejei que minha mãe não estivesse morta.

Eu *faria* com que esta porta amaldiçoada pelos deuses se abrisse.

Fechei os olhos e me concentrei. Visualizei a porta. Imaginei-a livre da podridão. Em minha mente, ela se abriu facilmente, abrindo-se de par em par. Abri os olhos novamente. .

. .e a porta *ainda estava* fechada.

Que os deuses e os quatro ventos levem este lugar maldito. Roí a ponta da minha unha, pensando freneticamente. Como eu ia fazer isso? Podia correr de volta para a forja e pegar um pé de cabra.

Não, isso não ia funcionar. Eu já tinha usado força suficiente para derrubar aquilo com um chute e nem sequer rachou. Um pé de cabra não serviria, e eu não podia arriscar tocar na podridão. A porta estava obviamente protegida por feitiços. Magia estava me impedindo de entrar, o que significava que eu precisaria de magia para entrar. Um tipo diferente de magia, então. Algo. .

Parei de roer a unha do polegar e fiquei olhando para o dorso da minha mão.

Nossa. Eu não estava pensando com clareza *de jeito nenhum* .

A runa de mercúrio estava selada ali em um tom azul-escuro metálico. A runa de enxofre estava delineada, pedindo para ser selada. Eu tinha trabalho a fazer antes de conseguir *isso.* Havia pesquisas a serem feitas e desafios a serem enfrentados. Edina havia dito que selar a runa — e ser capaz de acessar sua magia como resultado — me custaria caro. Eu ainda nem havia sentido um vislumbre de poder vindo da runa de enxofre, então isso não ajudava em nada. Mas então

havia a terceira runa.

Deuses, a *terceira* runa, que o Hazrax havia me dado! Estava bem ali. E como ele a chamava? Uma runa para desfazer? Para quebrar? Ele disse que não me dava magia. Me dava uma habilidade. Se eu a usasse na porta..

Fechei minha mente e a procurei. Havia *uma* energia ali. Eu a sentira na outra noite, silenciosa, mas poderosa, quando fui ao leito de Tal e interrompi o feitiço que ele permitira que Iseabail gravasse em seu peito. Naquela época, eu tivera medo. Eu não estava no controle, não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Mas agora..

Peguei a runa de Hazrax e a segurei com toda a força que pude. Ela despertou e respondeu no mesmo instante. A tinta não brilhou no dorso da minha mão. Nenhuma energia me percorreu. Eu sabia que ela estava ouvindo graças à vibração fraca, quase imperceptível, que zumbia na ponta dos meus dedos.

"Quebrem", disse o Hazrax.

Procurei pelo feitiço de proteção que guardava a porta. Encontrei-o ali, tênue e intangível, os fios vaporosos de magia escorregando por entre meus dedos como se fosse senciente e determinado a me iludir. Lancei-me sobre ele em minha mente, agarrando-o com toda a minha concentração, e antes que pudesse escapar novamente, *quebrei* -o.

A runa de Hazrax vibrou brevemente, e a podridão que envolvia a porta se desfez. Um segundo atrás, ela pulsava com poder — admito, muito desse poder *era meu* — e agora seus cipós eram cascas ressecadas. Eles murcharam e se quebraram quando a porta finalmente se abriu.. e revelou Kingfisher sentado na cadeira de encosto alto em frente à lareira.



“Que diabos você está *fazendo* ? Não me ouviu tentando arrombar a porta?”

Fisher encarava o fogo. Seu cabelo estava molhado, as pontas espetadas, encaracoladas em todas as direções. A água pingava em suas calças de couro e no chão de madeira, onde formava uma grande poça. Ele estava sentado ali havia algum tempo.

O quarto estava frio.

O fogo na lareira estava sem cor, totalmente preto como sombra, cinza como nevasca.

“Fisher? Fisher, olhe para mim!”

Ele não se mexeu.

Entrei no quarto e senti um som áspero e crocante sob meus pés. *Areia.* A areia de Yvelia que Fisher havia despejado de suas botas dias atrás. Ainda havia dois montes dela, ali, no meio do chão. A visão me fez chorar. Ele me abraçou naquele dia. Riu comigo. Me mostrou o que significava ser amada e venerada por alguém de corpo, mente e alma. Ele me disse aqui, na cama do outro lado do quarto, que sacrificaria o sol e entregaria as estrelas se isso significasse me manter segura.

E agora ele estava desaparecido e perdido para mim. . porque eu já podia perceber que ele *não estava* mais aqui comigo.

Eu não queria atravessar a sala e ficar em frente à cadeira dele. Eu não queria me virar e encará-lo. .

mas eu tive que fazer isso.

Tapei a boca com as mãos, abafando um soluço ao vê-lo. Seus olhos estavam turvos, o verde vívido transformado em escuridão e sombra. Sua palidez era mortal, sua pele cadavérica. Seu lábio inferior estava escancarado, e um fio fino e constante de sangue escorria pelo queixo, pingando na gola de prata com cabeça de lobo que ele ainda usava no pescoço.

“Fisher?”

Ele não respondeu. Pior, não demonstrou nenhum sinal de ter me ouvido. O que quer que seus olhos estivessem vendo, não era a lareira, nem seu quarto em Cahlish. Nem a mim. Para onde quer que ele tivesse ido, era um lugar que eu não podia seguir.

“Fisher, por favor.” Sua mão estava gelada, seus dedos rígidos. Normalmente, ele poderia dominar o reino inteiro com essas mãos, mas quando levantei sua

mão esquerda e a peguei na minha, estava tão mole e sem vida que, por um momento terrível, pensei que ele estivesse morto.

Sua respiração ofegante desmentia isso, mas era difícil confiar no movimento superficial de seu peito quando seus lábios estavam tão azuis.

Apertei a mão dele, implorando que ele respondesse tanto em voz alta quanto em pensamento.

“Fisher. Fisher, você *prometeu* .”

havia prometido? Eu não conseguia me lembrar. Os Fae relutavam em fazer promessas que não tivessem cem por cento de certeza de que poderiam cumprir. Ele não teria sido capaz de prometer que nunca me deixaria. A morte acabaria por levar um de nós..

"Acorda", sussurrei. "Acorda.. porra.. Você vai mesmo fazer isso comigo? Vai me deixar aqui sozinha, para resolver isso sem você? Isso—" Bufei, meu desespero aumentando. "Este é o seu *maldito* reino, Fisher. Seus amigos. Seu povo. E você simplesmente vai desaparecer e deixar que os outros os defendam?"

Seu olho direito se contraiu — um movimento mínimo —, mas logo ele ficou imóvel novamente.

Será que ele conseguia me ouvir? Será que ele sabia, onde quer que estivesse, que eu estava ali? Não havia como saber.

“Fisher, se você me ama.. Se você se importa comigo, ou.. ou com qualquer um de nós, você vai entender isso e acordar agora mesmo. Precisamos de você. *Eu* preciso de você—”

“Poupe seu fôlego, Matador de Reis.”

A voz me pegou de surpresa. Eu estava tão concentrado em Fisher que não a tinha ouvido entrar no quarto. O Hazrax pairava ao lado da cama, com as mãos formalmente enfiadas nas mangas bufantes de suas vestes. Sua pele pálida era atravessada por veias negras — o mesmo tipo de veias negras que marcavam os alimentadores infectados. O antigo Guardião do Silêncio deslizava pelo assoalho, emitindo aquele som arrepiante de tique-taque na garganta.

“Espere. Fique aí. Este não é o seu sonho, entendeu? Você não é *bem-vindo* aqui.”

O Hazrax bufou. "Sou bem-vindo em qualquer lugar, Saeris. Você se esquece tão rápido de que temos um acordo?"

“O acordo era que você observasse a Corte de Sangue. Lamento informar, mas a Corte de Sangue não existe mais, então você terá que encontrar outra pessoa para observar.”

O Hazrax fez uma careta, mostrando seus dentes afiados como agulhas. Eu já o conhecia há tempo suficiente para saber que ele estava sorrindo. "Você é realmente péssimo nisso, não é, criança? Quase sinto pena de você."

“O que isso quer dizer?”

“Isso significa que, quando você me perguntou na forja se eu queria fazer o mesmo acordo que fiz com Malcolm e eu disse que sim, os detalhes do meu acordo com o antigo rei vampiro também se tornaram os detalhes do nosso acordo. As letras miúdas do acordo que fiz com Malcolm estipulavam que eu poderia observá-lo, não a sua corte. *Ele.* É irrelevante se a Corte de Sangue existe, Saeris. É

você quem eu observo. Para onde quer que você vá, o que quer que você faça, você me deu permissão para segui-la e testemunhar ao seu lado.”

Puta que pariu!

Mais uma vez caí numa baita enrascada ! Se eu conseguisse sair desse pesadelo e a vida voltasse a um pouco de normalidade, eu ia garantir que tivesse alguém por perto o tempo todo para verificar os acordos que eu fizesse. A pessoa ardilosa, Seu verme desprezível e desprezível! "Por quê? Por que você se importa com o que eu estou fazendo? Isso não tem *nada* a ver com você!"

As narinas fendidas de Hazrax se dilataram. "Criança ingênua", disse ele em tom lastimoso. "Claro que sim. Eu tenho participação em tudo, mas você vai aprender isso em breve, eu suspeito."

“Espere! O. . o favor! Você disse que eu podia ligar a qualquer momento.”

O Hazrax fez um som de soluço, mas assentiu com a cabeça. "Sim. É verdade."

“Então, quero usar meu favor agora. Você pode trazer Fisher de volta para mim?”

O Hazrax balançou a cabeça. "Receio que isso não esteja ao meu alcance. Existem acordos que o impedem."

“Então me diga onde ele está!”

“Sinto muito. Também não posso fazer isso.” O Hazrax não parecia se desculpar. Parecia divertido com a situação em que eu me encontrava e satisfeito por não poder ajudar. Eu já estava farto. “Tudo bem”, rosnei. “Usarei meu favor para isso, então. Quero que você vá embora e *não* me observe pelo resto do nosso acordo de um ano. E quando você voltar para renegociar o acordo por mais um ano, como *estipulei* , saiba de antemão que não terei interesse em renová-lo.”

“Tenha *cuidado* , Saeris”, alertou o Hazrax.

“O quê? Não minta para mim dizendo que você não pode fazer isso. Estou literalmente pedindo para você me deixar em paz. Isso *definitivamente está* ao seu alcance.”

"É sim", disse o Hazrax, soltando sua risada estranha e forçada.

“Então não se dê ao trabalho de me ameaçar—”

"Não estou te *ameaçando* , criança boba", disse a voz, perdendo subitamente o humor. "Estou sugerindo que você seja cautelosa, porque, conforme nosso acordo, você só pode me pedir *um* favor.

E você precisa desesperadamente desse favor agora, Saeris Fane."

“Claro que você diria isso! Apenas atenda ao pedido!”

O Hazrax estremeceu, como se a magia que selava nosso acordo tentasse forçá-lo a cumpri-lo. Eu nunca tinha visto nada igual: um ser capaz de negar um pacto, mesmo que por um instante.

"Primeiro, responda-me isto. Por que você veio aqui, criança?", exigiu o Hazrax.

“Vim aqui por causa *dele* !”

Balançou a cabeça. "Não."

“Eu vim. .” Lembrei-me, então. Da percepção que tive nos degraus de Inishtar. Da informação que me veio à mente quando Carrion se dirigiu aos sátiros.

“Vou permitir que você mude de ideia”, disse o Hazrax. “Você tem um minuto para concluir a tarefa para a qual veio aqui e solicitar um favor *diferente* . Sugiro que se *mova* .”

Um minuto. Em exatamente sessenta segundos, o Hazrax desapareceria, e eu não o veria novamente por um ano. E isso seria perfeito. Mas.. e se estivesse certo? E se eu precisasse do meu favor para outra coisa?

Outro tremor percorreu o corpo do Hazrax. "Você está perdendo tempo!", sibilou ele.

Soltei a mão de Fisher e corri pelo quarto. O criado-mudo ao lado da cama estava abarrotado de livros. Muitos livros. Havia lápis e um copo d'água vazio que derrubei. Ele se estilhaçou no chão, mas ignorei os cacos de vidro. Um barbante. Um pedaço de cordão de couro. . *Onde diabos está?*

Eu coloquei isso aqui, eu sei *que coloquei.*

“Quarenta segundos.. ”

“Cala *a boca* ! Isso não ajuda em nada!” Saltei por cima da cama e vasculhei os poucos objetos na mesinha de cabeceira de Fisher. Eu não tinha colocado aquilo ali, mas talvez tivesse sido mudado de lugar? Fisher era mais organizado do que eu. Um único livro. Um pente de dentes de marfim. . não, não, não estava aqui.

Droga! Onde mais poderia estar? Onde mais? Onde *mais* ! A escrivaninha de Fisher estava vazia. O

parapeito da janela, obstruído por veios negros de podridão, estava vazio. As prateleiras..

“Vinte e cinco segundos.”

Dessa vez, não perdi tempo repreendendo o idiota. Não havia para onde olhar! Havia..

Não. Espera. Ali! Na estante.

Eu já tinha visto isso antes. Quando encontrei Archer aqui, preparando um banho para mim. Os amigos dele estavam ajudando. Um deles estava olhando os objetos na prateleira em frente aos livros. A coisa favorita de Lady Edina no mundo. .

Atravessei a sala correndo e peguei a pequena estatueta de cerâmica do martim-pescador.

Sua asa esquerda estava lascada. Seu esmalte azul e laranja estava um pouco desbotado, devido aos muitos anos em que havia permanecido naquela prateleira, mas, fora isso, estava perfeita. Vi imediatamente o que havia sido colocado embaixo da estatueta: um pequeno pedaço de papel amassado.

O mesmo pedaço de papel amassado que eu tinha jogado na minha mesa de cabeceira uma semana atrás, junto com todas as outras coisinhas que eu estava carregando nos bolsos.

Mas não era um pedaço de papel amassado.

Era um pedaço de papel *dobrado* . . habilmente trabalhado no formato de um observador de estrelas.

Era o *primeiro* passarinho. Aquele que perdera sua magia e caira no chão ao sair da biblioteca.

A página que faltava do diário de Edina, não arrancada, porque nunca tinha sido encadernada . Eu a tinha aqui o tempo todo!

“Dez segundos, Saeris!” avisou o Hazrax.

Minhas mãos tremiam enquanto eu desdobrava o pássaro e começava a ler freneticamente.

As palavras se misturavam, a caligrafia impecável de Edina deslizava pelo papel enquanto eu tentava processar as informações que ela havia escrito ali.

“Cinco segundos!” Havia genuína preocupação na voz de Hazrax.

Levantei os olhos do jornal, subitamente coberta por um suor nervoso, e falei o mais rápido que pude: "Mudei de ideia, observador! Imploro seu favor. Preciso que me transporte para a Floresta de Vime!"



47

A MENOS QUE . . .

SAERIS

Eu não tinha escolha.

A mensagem de Edina me disse exatamente onde eu poderia encontrar meu companheiro e me deu as ferramentas para salvá-lo também. O que ela *não* me deu foram os meios para chegar até ele a tempo. Essa parte, ela disse, dependia de mim. Então eu fiz o que tinha que fazer. Um ano inteiro com os Hazrax me vigiando, em troca de uma passagem só de ida para a Floresta de Vime.

Eu segurava a página com as instruções de Edina com toda a força que tinha quando o Hazrax me disse para me preparar, mas três segundos depois, quando acordei de costas na neve, ela não estava mais lá. Não importava. A informação de que eu precisava estava gravada na minha memória. As chances de esquecer o que eu tinha lido eram absolutamente nulas.

A névoa se acumulava em minha respiração. Acima, os galhos nus das árvores arranhavam o céu noturno como dedos retorcidos. O céu estava limpo pela primeira vez, e as estrelas pontilhavam o firmamento em um espetáculo de tirar

o fôlego. A figura encapuzada do Hazrax apareceu de repente em meu campo de visão, fazendo-me sobressaltar. Seus olhos brilhavam intensamente na escuridão, como se tivessem sido banhados em prata.

Esperei que fizesse algum comentário enigmático, ou pelo menos me dissesse para me apressar, mas não disse nada. Levantei-me. "Bem, já que você parece saber tanto sobre tudo isso, para onde devo ir?"

O Hazrax não emitiu um pio.

Tremi de frio ao me levantar e me sacudir. "Sério? *Agora?* Depois de toda essa interferência, você vai voltar a *assistir* ?"

A criatura apenas olhou para mim. Interpretei seu silêncio como um "sim" bastante irritante. "Tudo bem. Ótimo. Não preciso de você mesmo."

Não senti. Agora eu conseguia sentir Fisher. De uma forma indireta. O que eu realmente conseguia sentir era o *minúsculo* fio de mercúrio que ainda estava preso em seu olho. Era uma quantidade insignificante — mal o suficiente para valer a pena mencionar. Antes de eu selar minha runa de mercúrio, provavelmente não teria conseguido senti-lo. Agora, aquele minúsculo fragmento de metal se destacava como uma chama bruxuleante em um mar de escuridão.

Ele estava aqui, e eu *ia* encontrá-lo.

O Hazrax flutuava a poucos centímetros do chão, deslizando atrás de mim enquanto eu me embrenhava na floresta. Sua figura era fantasmagórica enquanto corríamos entre as árvores.. mas não mais fantasmagórica do que as próprias sombras. Fisher havia me falado delas da última vez que me encontrei nesta floresta maldita: as almas dos condenados, fadadas a assombrar estas matas, revivendo constantemente suas mortes horríveis como punição por seus crimes. Fisher se ofereceu para me dar a Visão, para que eu pudesse ver as sombras por mim mesma. Eu recusei, não muito educadamente. Mas agora eu era uma Fada. Eu tinha a Visão, quer quisesse ou não, e as visões que me perseguiam enquanto eu corria entre as árvores eram absolutamente horríveis.

Uma mulher com um vestido esfarrapado arrasta um bebê morto pela neve.

Um homem mutilado, gritando e em chamas, atravessava correndo o caminho à

frente.

Outro homem, com correntes enroladas em seu corpo e presas a uma grande pedra transparente, se debatia e se contorcia, com a cabeça inclinada para trás enquanto aparentemente se afogava, e se afogava, e se afogava. .

Para onde quer que eu olhasse, as almas dos mortos suportavam seu tormento em um ciclo repetitivo. Elas uivavam e choravam, e o som provocava convulsões de pavor que percorriam minha espinha.

Fisher esteve *aqui* . Desde sua aparição no mundo onírico de Cahlish, ele vinha sofrendo junto com os mortos. Vivo por enquanto, pelo menos, mas *por quê* ? E como?

Eu só havia corrido pela floresta por cinco minutos quando tropecei em um acampamento. Sem fogueira. Sem fumaça. Nada *me* alertou sobre o grupo de guerreiros que espreitava na escuridão à frente. Só os vi quando já era tarde demais.

Cinco? Oito? Apressei-me a contar, mas eles já estavam se movendo, desembainhando arcos e pegando espadas.

Pelo menos dez guerreiros.

Nenhuma palavra foi trocada.

O massacre começou.

Eu tinha minhas espadas curtas no acampamento com Danya. Não as tinha no mundo dos sonhos.

Felizmente, agora *estavam* na minha cintura. Eu não sabia como o Hazrax tinha feito isso, mas ele havia transportado meu corpo físico de Inishtar, armas e tudo.

Agradecendo aos deuses e aos quatro ventos, saquei minhas armas e me preparei para lutar com todas as minhas forças.

O primeiro homem à minha esquerda veio em minha direção. Sua lâmina cortou o ar, assobiando perto do meu ouvido, mas não atingiu o alvo. Abaixei-me, desviando o metal da lâmina com a mente, e encontrei resistência imediata.

Lâmina *nula* do caralho.

Todos eles as tinham. As armas sobrenaturais pareciam pontos cegos na minha visão — buracos negros, sugando minha energia e a própria magia da floresta. Eu não conseguia manipulá-las. Não conseguia. Empurrá-los para longe, como talvez eu pudesse ter feito com uma espada ou adaga

normal. Assim como fiz no sepulcro de Ammontraíeth, eu teria que lutar contra esses desgraçados do jeito normal, sem usar minha magia para desarmá-los.. mas eu estava preparado para isso.

Esses filhos da puta tinham levado meu amigo. Eles o mantinham preso aqui, eu sabia. Eles tinham feito merda de vez, e *agora* iam pagar caro por isso.

Um dos guerreiros com arco disparou uma flecha. Eles haviam aprendido com os erros cometidos na tumba: as pontas de suas flechas não eram de ferro desta vez. Eram feitas do mesmo material das lâminas nulas. A flecha manteve sua trajetória, vindo direto para mim. .

Eu me abaixei, aproveitando a oportunidade para desviar a lâmina nula de outro atacante que vinha para me atacar na lateral. Aparando o ataque, girei Erromar, arrancando a lâmina nula da mão do guarda. A lâmina nula voou para a escuridão. Virei Erromar de cabeça para baixo e cravei a espada divina entre as costelas do desgraçado, incendiando-o por dentro.

Fogo sagrado irrompeu dos olhos e da boca do homem enquanto ele morria.

A flecha atingiu uma árvore à minha direita. Arranquei-a do tronco e corri em direção a outro guarda, cravando a arma que havia tomado em seu pescoço. Ao me esquivar, acertei outra guerreira nas costas com Selanir, e a mulher caiu com um grito abafado. Ela se levantaria em um segundo, mas eu só precisei de um segundo para passar por cima dela e entrar na guarda de outro atacante. Este era enorme. Uma cicatriz cruel retorcia sua pele, da têmpora, descendo pela bochecha esquerda, atravessando os lábios e chegando até o queixo. Ele rosnou, mostrando os dentes enquanto me agarrava pela garganta e apertava.

Porra. Oh, porra. Oh, porra..

Minha visão dançou.

A voz de Lorreth gritou comigo do passado, incitando-me à ação. *"Mova-se, Saeris! Mova-se, porra!*

Você quer morrer?"

Eu não ia morrer aqui. Não esta noite. De jeito nenhum.

Nenhum desses idiotas ia me impedir de encontrar minha alma gêmea.

O homem estremeceu, os olhos arregalados. A incredulidade deixou suas feições inexpressivas enquanto olhava para baixo e via as duas espadas curtas brilhantes cravadas em seu peito. Assim que ele me soltou, saquei Erromar e Selanir, e as cravei em seu torso maciço mais uma vez, mais uma vez, mais uma vez—

"Pelo amor dos deuses, *contenham* -na!", exigiu um bramido retumbante. "Ela é apenas uma fêmea!

Derrubem-na!"

Aquela voz assombrava meus pesadelos. Em Gillethrye, o dono daquela voz havia zombado do meu companheiro. Ele se vangloriou de satisfação ao encorajar Fisher a explicar o pacto que usara para enganá-lo e condená-lo a cento e dez anos de sofrimento. Eu não conseguia vê-lo, mas ele *estava* aqui: Belikon De Barra, rei de um trono usurpado, opressor de toda uma corte.

Uma chuva de flechas cortou o ar. Caí no chão e rolei, rangendo os dentes para conter a dor que explodiu na minha boca. Eu tinha mordido a língua. *Droga* , isso doeu. Afastei a pulsação, me libertando dela.

“Agora! Ela fez o trabalho pesado para você! *Imobilize-a!* ” Belikon rugiu. Um dos arqueiros se atirou sobre mim, obedecendo à ordem de seu rei. Cravei Erromar em sua axila, e a ponta da espada branca flamejante do deus irrompeu do lado de seu pescoço. Fumaça saiu da boca do guarda, e então ele estava morto.

Outra veio, e depois outra, e outra. Deixei que se amontoassem sobre mim. Uma pontada nauseante de dor percorreu minha perna — impossível de ignorar desta vez — mas me forcei a suportá-la, esperando o momento certo.

Um quarto par de mãos tentou me agarrar, os dedos cravando-se novamente em

minha garganta, e eu soltei.

Minha runa de mercúrio não era útil apenas para manipular metais e criar relíquias. Ela também era ótima para expelir *grandes* quantidades de poder em rajadas *muito* curtas.

Nenhum dos guardas havia notado a runa no dorso da minha mão direita brilhando cada vez mais forte, iluminando os troncos grossos e de formato estranho das árvores que nos cercavam. Belikon aparentemente percebeu, mas tarde demais para salvar seus homens. “Recuem! Recuem! Ela vai—”

Meu escudo ganhou vida, e as runas Alquimeras entrelaçadas projetadas no ar brilharam como uma estrela cadente. O ícone de mercúrio ardia com mais intensidade, pulsando. Quando movi meu pulso, o escudo girou, o ícone aumentando de tamanho. .

A magia rugia dentro de mim, crescendo, aumentando, aumentando. .

Belikon ficou boquiaberto ao ver meu escudo detonar, e a força do pulso de energia resultante lançou os guardas para o ar, obliterando-os. Uma fina névoa de sangue e carne pulverizada caiu, salpicando a neve de vermelho.

Seis deles já estavam mortos? Sete? Eu havia perdido a conta. Levantei-me novamente, pronto para o próximo ataque. . mas ninguém veio.

Belikon De Barra olhou maravilhado para o escudo que ainda pairava no ar, de uma forma que fez o pânico percorrer meus nervos. "Espetacular", ele sussurrou. "Nunca antes vi um poder tão complexo. Não podemos permitir que ele exista neste mundo, a menos que esteja ligado a *mim* ."

"Bem, acho que você deveria ter pensado nisso antes de matar todos os outros alquimistas, não é?"

Fechei as mãos com força e o escudo desapareceu. Eu não deveria ter deixado ele ver. A loucura em seus olhos declarava que ele não pararia até encontrar uma maneira de me acorrentar a ele, e essa perspectiva era aterrorizante.

“Foi isso que te disseram? Que *eu* exterminei a sua espécie? Deveria pesquisar mais antes de—”

“Não quero ouvir isso. Antes que você comece a inventar mentiras—”

“Mulher insolente! Você gosta demais de interromper seus superiores! Cale a boca. Você não sairá desta floresta sem a minha permissão”, ele latiu.

Com o peito arfando, abaixei Erromar e Selanir até meus lados e cuspi no chão, atravessando-o com o olhar mais desdenhoso que consegui. " *Não vou* ?"

“Não. Você não vai. E sabe *por quê* . Vai ficar aí parado e se comportar, porque quer que sua companheira viva. Orious, por que você não mostra à pequena Alquimista onde seu precioso cãozinho tem passado os últimos dias?”

Orious.

Aquele pedaço de merda nojento e repugnante.

Ele também estava aqui?

Sim. O homem magro como um palito saiu de trás de uma árvore, queixo erguido enquanto me encarava. "Eu te avisei, garota. Você teve sua chance. Tudo isso poderia ter sido muito mais fácil.

Muito menos.. *doloroso* para você."

“ Vai se *foder* , Orious. Me diga onde está o Fisher.”

À esquerda de Orious, o Hazrax pairava na escuridão, estranhamente luminescente ao luar, *observando* . .

"Ah, mas ele está bem na sua frente, garota", ronronou Orious. "Você não vê?"

O senescal de Belikon deu um passo casual para o lado, saindo do caminho, e de repente eu *vi* . A floresta se inclinou, as árvores balançaram, e um grito brutal cortou o ar da noite. A princípio, pensei que o grito arrepiante viesse de uma das sombras torturadas da Floresta de Vime, mas então senti o gosto de sangue e percebi que vinha de mim. Eu gritei tão alto que rasguei minha garganta.

Uma árvore monstruosa erguia-se diante de mim, com quinze metros de altura, sua casca negra como o pecado. Uma enorme fenda percorria o centro do tronco — uma rachadura na madeira tão podre e fétida que parecia uma *ferida* . Era ali

que Fisher estava, no centro daquela ferida. A parte inferior da árvore parecia ter cicatrizado ao redor de seu corpo. Na verdade, até seus ombros, a madeira havia crescido ao redor do meu companheiro, aprisionando seu corpo lá dentro. Quase o engolira por inteiro.

Os olhos de Fisher estavam fechados, seus cílios um preto intenso contrastando com suas bochechas.

Seu cabelo estava grudado na cabeça. Ele parecia muito pior do que no sonho — a segundos da morte. Na base da árvore, Nimerelle repousava sobre um pedaço plano de pedra, expelindo nuvens de sombras densas de sua lâmina. A espada divina de Fisher não estava nem um pouco satisfeita. "O

que você está *fazendo* com ele?", sussurrei.

Belikon esboçou um sorriso lupino e virou-me as costas, confiante de que agora tinha minha atenção. "Você deve se lembrar, Saeris, de quando nos encontramos pela primeira vez, que eu disse que este homem, este. . *cão* , seria julgado por sua participação na morte e destruição que ocorreram em minha amada cidade de Gillethrye. Ele fugiu do meu palácio sem meu conhecimento e buscou refúgio em um esconderijo ilegalmente protegido. Já que ele se recusou a comparecer perante o tribunal que serve e dar seu relato do que aconteceu em Gillethrye—"

"Seu monstro desgraçado. Ele não teve nada a ver com a morte daquelas pessoas", cuspi as palavras.

— O julgamento foi conduzido sem ele e a sentença proferida em sua ausência. O sorriso de Belikon se alargou a um nível assustador e antinatural. — Como você deve ter imaginado, ele foi considerado culpado de genocídio em massa. Por que ele teria matado tantos de seu próprio povo permanece um

mistério — disse ele, com uma falsa leveza na voz. — Mas, como um rei justo e imparcial que se preocupa com o bem-estar de seus súditos, só havia uma coisa a fazer. Ele me encarou fixamente, sua expressão ficando vazia, e eu vi.. Uma coisa fria e maligna dentro dele, espreitando por trás de seus olhos lacrimejantes. "Condenei-o à prisão perpétua, é claro. Aqui, em uma masmorra."

“O que isso está fazendo com ele? Por que o está prendendo assim?” Eu *odiava* o pânico na minha voz. *Odiava* o jeito como ela tremia.

“Diga a ela, Orious”, disse Belikon com voz entediada. “A Alquimista acabará aprendendo. E é melhor para nós que ela entenda sua situação o quanto antes.”

Orious, bajulador que era, curvou-se até ficar com a cintura dobrada. "Certamente, Vossa Majestade." Levantou-se e começou a explicar. “Você pode pensar que está cercado por árvores agora, mas estaria enganado. Estas não são árvores comuns. Elas já foram um clã de dríades.

Arrogantes e presunçosas como eram, decidiram enfrentar um dos clãs de bruxas do norte.

Ninguém se lembra ao certo por quê. Isso não importa. O que importa é que elas perderam a disputa e sofreram as consequências imediatamente. As bruxas amaldiçoaram as dríades e as transformaram nessas prisões. Elas foram condenadas a não encontrar consolo ou conforto na luz do dia que tanto veneravam e, em vez disso, foram condenadas a se alimentar apenas do sofrimento e da miséria alheios. As bruxas transformaram as dríades em tudo o que abominavam. . e aqui estão elas, ainda hoje, alimentadas pelo medo e pela dor incessante daqueles que abrigam em seu interior. Elas mantêm seus prisioneiros vivos, sabe? A relação entre elas se torna simbiótica. É fascinante, na verdade. Eu tenho—”

“Chega, Orious. Acho que ela entendeu agora”, disse Belikon em tom solene.

Seu senescal parou de falar, fazendo uma reverência ainda mais profunda do que a primeira.

O rei me disse: “Essas dríades estão em *minhas* terras. Elas existem por minha vontade. Obedecem-me em tudo e, em troca, eu as alimento. Tente derrubar esta ou libertar sua companheira.” E isso o matará num instante. Eles se tornaram criaturas cruéis ao longo dos anos.” Ele riu. “Tenho que admitir, admiro a capacidade deles de inspirar tanto medo em seus cativos. Às vezes, se você encostar a mão em suas trombas, eles revelam a sinfonia de terror que regem dentro das mentes daqueles que abrigam.”

"Deixe-o *ir* ", eu vociferei. "Você sabe que a horda de Malcolm matou o povo de Gillethrye. Fisher não teve nada a ver com isso!"

“Fisher não tem sido nada além de problema desde que nasceu, e a única maneira de eu permitir que ele viva é assim , onde ele não pode incitar meu povo

e causar mais problemas. Ele permanecerá aqui até que eu esteja convencido de que ele não representa mais uma ameaça à minha coroa. Ele ficará aqui", repetiu ele, "até que eu veja você se curvar perante a Pedra Firinn e você tenha jurado fidelidade ao meu serviço. Você aceitará isso sem reclamar, e depois de provar seu valor para mim. .

tornar-se minha ferramenta, eventualmente, daqui a alguns milhares de anos, eu poderei libertá-lo.

Esta é a única maneira de ele viver, garota", zombou Belikon. "Aceite-se."

Eu não me conformaria com isso. Nem em um milhão de anos. Mas Belikon não sabia disso. Ele pensava que me tinha encurralado, sem ter para onde fugir. Acenei com a cabeça para a espada divina que ainda expelindo fumaça negra sobre a pedra aos pés da prisão de Fisher. "E Nimerelle?", perguntei. "O que acontece com a espada divina de Fisher enquanto ele estiver preso nesta prisão por milhares de anos?"

O olhar de Belikon estava febril ao se fixar na espada em questão. "Já que Kingfisher roubou o que era meu por direito e levou Solace quando fugiu do palácio, é justo que eu tome *sua* espada divina .

Em breve, a masmorra consumirá seu *companheiro* . Quando a dríade o encapsular completamente, não o matará, mas ele entrará em um estado muito semelhante à morte. O vínculo entre a espada divina e o macho será quebrado, e Nimerelle será minha. Uma justiça gratificante, eu acho. Com uma espada divina tão lendária em minhas mãos.. " Com minha mão, farei com que aqueles que se recusam a se curvar diante de mim se ajoelhem à força. Pelo bem de Yvelia—" Suas palavras morreram em seus lábios. "Espere. O que você está fazendo?"

Aproveitei o tempo em que ele falava para juntar Erromar e Selanir. As espadas curtas se fundiram novamente, reformando Solace. A espada única *era* muito maior do que eu gostaria, mas eu conseguia manejá-la sem problemas. E eu precisaria *das duas* mãos para o que viria a seguir.

"Ele não vai ficar nessa coisa." Era uma afirmação. Um fato simples.

Orious soltou uma gargalhada estridente, embora arrastasse os pés. "Teimosa até o fim, Majestade.

O que eu lhe disse? Não se pode dialogar com ela."

Mas Belikon não estava ouvindo seu senescal. Ele me encarava, com os olhos semicerrados. "O que você está escondendo, garota? O que você sabe?"

Dei um passo à frente. "Conheço a história daquela espada divina ali. E *você* ?"

A carranca do bastardo se aprofundou. Ele puxou a capa para cima, ajeitando o tecido para que ficasse corretamente aos seus pés. "É uma espada, mestiço. Balance e ela corta. O que mais eu preciso saber?"

“Foi um presente dos próprios deuses para Fisher. Você sabia que é feito de ferro?”

O rei riu com desdém. “Não seja estúpido. Nenhum membro das fadas consegue manejar ferro. Um segundo segurando aquilo com as mãos nuas e o cachorro estaria morto. Ele carrega isso desde Ajun

__”

“Desde Ajun. Sim. Ajun, quando fechou o portão de ferro que protege a cidade, novamente com as próprias mãos. Ele sabia *que isso* o mataria. E deveria ter matado. Mas Bal e Mithin escolheram ter pena de seu favorito, não é? Eles o salvaram. Deram-lhe uma espada de ferro, porque ele havia demonstrado força suficiente para empunhe-o. E lá, nos campos de batalha, seu amigo foi morto pelo dragão contra o qual lutaram. O mesmo cujo crânio você exibe atrás do seu trono como se fosse *você* quem o tivesse matado.

“Você me repreende por reivindicar o que é meu por direito? Os despojos de guerra *sempre* pertencem à coroa, seu tolo.”

Mais um passo. Eu estava quase lá. Quase, agora..

“O nome dela era Merelle, irmã gêmea de Renfis, o homem que mais tarde se tornou general do seu exército.”

Franzindo o nariz, Belikon balançou a cabeça. "Devo sentir alguma coisa? Como vou me lembrar de todos que caem a serviço de seu rei? Eu nem sabia que o homem *tinha* uma irmã."

Engoli a bile que subiu pela minha garganta. "Ela morreu gritando. Fisher e os outros membros da Lupo Proelia abateram aquela besta odiosa, e Fisher se viu preso em suas mandíbulas. Merelle veio até ele ali. Seu espírito, quero dizer. Ela ligou sua alma àquela lâmina, para que estivesse sempre com seus amigos. É por isso que ele deu esse nome à espada. Ni' Merelle. Para Merelle, em Fae Antigo."

Orious zombou, o lábio superior se curvando em desdém. "Não nos dê lições sobre a etimologia de palavras formadas em uma língua *que você* não fala."

Mais um passo. Só mais um, e estarei perto o suficiente.

Fiz questão de ignorar a provocação de Orious. "A lâmina, então, como você pode deduzir pela história, não é uma simples espada divina. É feita de ferro. Ela abriga o eco de uma alma que morreu por *sua causa* . Não importa se Kingfisher vive ou morre. Você *nunca* será capaz de empunhar Nimerelle. Se o metal não te matar, então o guerreiro que vive dentro dele o fará."

Ele claramente não sabia sobre o ferro. Espadas divinas sempre deixavam desconfortáveis aqueles a quem não estavam ligadas. Era da natureza delas. Ele atribuiu seu desconforto com a espada a isso.

Ele ainda não a havia tocado sem luvas. Isso teria sido uma sentença de morte, dado quem ele era e o fato de a lâmina ainda estar ligada a Fisher. A ficha caiu para o rei como um furacão — uma falha em seu plano. Uma interrupção, que azedou o gosto da vitória em sua boca.

Ele tentou se esquivar da questão. "Que assim seja. Ótimo. Se nenhum outro membro das Fadas puder tocar no maldito ferro, então ele será descartado. Enterrado em um local sem nome. Jogado em um abismo. Será esquecido, e você fará para mim uma *nova* espada divina—"

"Há *um* ", interrompi.

A boca de Orious se abriu, sua raiva por eu ter interrompido seu precioso rei evidente. Belikon apenas suspirou. "Um *o quê* ?"

“Outra pessoa que não é afetada pelo ferro.”

“Por favor, esclareça-me. Quem—”

"Meu."

Eu invoquei a espada, e a espada veio.

Fiz uma oração fervorosa quando Nimerelle surgiu da pedra ao pé da árvore e voou pelo ar..

Por favor, não me mate. Por favor, não me mate. Por favor, *não me mate, porra* —

A espada atingiu a palma da minha mão nua, e a Madeira de Vime ficou imóvel enquanto eu fechava a mão em torno do cabo da poderosa Nimerelle. Uma breve e desagradável onda de choque percorreu meu braço, mas então. . *desapareceu* .

Não havia voz na minha cabeça. Nenhuma repreensão do pequeno fio de mercúrio que continha, nem dos deuses que o haviam forjado, nem do guerreiro que o possuía. Um leve aroma de zimbro acariciava o fundo do meu nariz. Ouvi risadas distantes e brincalhonas numa brisa inexistente. E

então, simultaneamente, a espada divina na minha mão esquerda formou uma coluna de branco flamejante. . e a espada divina na minha mão direita irrompeu numa parede de sombras e fumaça.

Pela primeira vez na história de Yvelia, uma espada divina se entregou nas mãos de alguém a quem não estava ligada. Porque Kingfisher me amava. Eu vim aqui para *salvá* -lo. . e isso era o suficiente para a espada dele.

"Impossível", sussurrou Belikon. Mas, é claro, *pareceria* impossível para ele. Um coração governado pelo ódio e pelo medo não podia presenciar milagres. Era preciso conhecer o amor, a alegria e a confiança para isso, e esses conceitos lhe eram tão estranhos quanto a ideia de Yvelia tinha sido para *mim* não muito tempo atrás.

"Ele está morto. No instante em que você tocar na dríade com qualquer uma dessas espadas, ele estará *morto* !", gritou Belikon.

“As espadas não são para a dríade, Belikon.” Girei-as uma após a outra, deixando um rastro de luz e sombra. “Elas são para *você* .”

Eu já havia sentido o poder do macho na sala do trono do Palácio de Inverno.

Senti como se quisesse sair da minha própria pele. Novamente, testemunhei isso em Gillethrye, quando Fisher o atravessou com Nimerelle e o macho não *morreu* . Seu poder se chocou contra minha pele mais uma vez, enquanto eu me aproximava furtivamente dele. Tentou me deter, mas eu não era mais a mesma garota que ficara parada observando-o atormentar seu companheiro. Eu tinha meu próprio poder agora, e era tão formidável quanto o deste pretendente ao rei.

A cada passo que eu dava em sua direção, superando o escudo que ele havia erguido ao seu redor, os olhos de Belikon se arregalavam. "O que você espera conseguir? Você não pode me *matar* , garota."

Matá-lo seria uma vitória para Yvelia, mas eu *sabia* que não alcançaria esse objetivo esta noite. Isso ficaria para outro dia, outra hora, e outra mão para cravar a faca. Tudo o que eu precisava fazer era mantê-lo ocupado tempo suficiente para que ele dissesse as palavras..

“Orious, chega dessa palhaçada”, cuspiu Belikon. “Diga à dríade para levá-lo.”

Droga. Assim que aquela árvore se fechou em torno de Fisher, tudo acabou. Eu tinha que agir.

Agora.

O senescal de Belikon disparou em direção à árvore. Ele pôs a mão no tronco, e a árvore inteira estremeceu com o contato.

Arremessei Solace, lançando a espada como uma lança. Ela atingiu Orious em cheio na lateral, cortando-o ao meio no peito. Mas o estrago já estava feito. Um som de gemido, estalo e rangido encheu o ar, e o tronco aberto e purulento ao redor dos ombros e da cabeça de Fisher começou a se fechar.

Belikon estava à minha frente.

Ele se moveu muito rápido. Rápido *demais* . Deixei minha atenção se dispersar por uma fração de segundo, e agora ia pagar o preço.

O ar escapou dos meus pulmões quando ele me acertou um soco no plexo solar. Eu deveria ter voado para trás e me chocado contra a árvore — a *dríade* — atrás de mim, mas não o fiz. Estava presa no lugar. Belikon me segurava *por dentro* . Ele não apenas me socou. Ele perfurou meu esterno,

minha cavidade torácica.. e agora me segurava pelo coração. "Parece que este é o cerne dos nossos problemas. Um pedaço de carne tão problemático. Será que você conseguiria sobreviver sem ele?

Meio-elfo que você é, ainda acho que precisa do seu *coração* , Saeris. Vai me obrigar a arrancá-lo? Ou vai começar a se comportar de forma que eu deixe você ficar com ele?"

Eu não conseguia responder. Eu podia parar meu coração de bater, mas definitivamente ainda precisava que ele permanecesse dentro do meu peito. O pânico apertou meu peito, tomando conta..

"Ajoelhe-se, Saeris", trovejou Belikon. Seu hálito roçou meu rosto, fétido e com cheiro de morte.

Monstro.

Assassino.

Vilão.

Preferiria morrer a me acorrentar a um demônio como ele. Sangue jorrou da minha boca. Escorreu pelo meu queixo como um rio e cobriu minha língua de metal. "Tenho. . uma mensagem. . para você", sussurrei com dificuldade. "Da.. sua.. falecida esposa."

Aconteceu tão rápido que qualquer um poderia ter perdido, mas não eu. *Vi* o desgraçado estremecer.

Engasguei com mais um bocado de sangue. "Ela me disse. . para te dizer.. *nunca* ." Rápido como um raio, chamei Solace de volta. Ao mesmo tempo, lancei Nimerelle no estômago de Belikon e para cima, pelas costas, replicando o golpe que Fisher lhe desferira em Gillethrye.

O rei me soltou, cambaleando para trás, os olhos fixos na espada cravada em seu estômago e na ponta incandescente da outra que se projetava de seu peito. Funis de sombra chicoteavam ao redor do homem, girando cada vez mais rápido, envolvendo-o em um manto letal. Cortes começaram a se formar por toda a sua pele, entrecruzados e sangrando, mas cicatrizaram antes que pudessem se completar. Empalado pelas enormes espadas divinas e envolto em fumaça, ele

caiu de joelhos, mas ainda assim jogou a cabeça para trás e riu. "Não é o suficiente", bradou. " *Nunca será* o suficiente!"

Havia um buraco *enorme no meu peito* , mas mesmo enquanto eu dava um passo cambaleante em direção à dríade, a ferida estava cicatrizando. Provavelmente deveria ter me matado. Se eu fosse *apenas* uma fada, ou *apenas* uma vampira, talvez fosse esse o caso, mas parecia que meus poderes feéricos, aliados aos meus altos poderes sanguíneos, haviam aumentado minha capacidade de cura exponencialmente. Eu não entendia, mas aceitaria. Eu viveria o suficiente para terminar o que havia começado ali, pelo menos, e por enquanto, era só isso que importava.

“Um macho feérico vinculado por juramento não pode se esquivar das promessas que faz”, eu disse.

“Sob pena de morte, ele deve obedecer.”

“Acabou *de* aprender essa lição, mestiço? O Martim-pescador já está sob meu comando. Pode muito bem se juntar a ele.” O rei tentou puxar Nimerelle de seu estômago, mas não tinha nada com que segurar o cabo da espada.

Deixei-o onde estava ajoelhado e fui em direção à dríade. Apenas o rosto de Fisher era visível agora.

Logo, desapareceria. "A menos que. ." murmurei. A escolha das palavras era importante. Eu precisava pronunciá-las corretamente.

“O que você quer dizer com ‘ *a menos que* ’?”

“Os nomes têm significado neste lugar. Não há poder neste reino, nem em nenhum outro, que possa se sobrepor a uma ordem dada usando o nome verdadeiro de alguém. Um nome verdadeiro pode desfazer juramentos. Pode abrir portas.” Pressionei minha mão contra o tronco da dríade e o senti pela primeira vez. Fisher *estava* lá dentro. E ele podia me ouvir.

Saeris . . .

O som da sua voz dentro da minha cabeça, por mais fraco que fosse, me encheu de coragem. Me preparei e falei em voz alta e firme, para que todo o reino ouvisse. Essa era uma manobra arriscada.

Uma que *precisava* dar certo. Cruzei os dedos e orei. “Martim-pescador do Portão Ajun, eu te invoco pelo teu verdadeiro nome. Declaro nulos e sem efeito todos os juramentos que fizeste. Levanta-te, *Khydan Graystar Finvarra* , em honra ao nome que te foi dado ao nascer! Levanta-te e *luta* !”



48

LOUCURA

MARTIM-PESCADOR (Khydan Graystar Finvarra)

A ESCURIDÃO INFINITA se estilhaçou.

Enquanto isso acontecia, o bloco de gelo em meu peito derreteu e explodiu como uma estrela recém-formada tomando seu lugar na esfera celeste. O tempo se contraiu e, ao abrir os olhos, a madeira ao meu redor ganhou um foco brilhante.

Muitas informações novas se enraizaram na minha mente de uma só vez.

Eu estava *dentro* do portão das sombras.

Eu tinha ouvido a voz de Belikon. Eu tinha registrado sua ordem para ir até ele. . e eu não tinha forças para recusar. Depois disso, tudo ficou confuso.

Eu sabia exatamente onde estava agora, e o grito do meu camarada ainda ecoava nos meus ouvidos como um chamado desesperado às armas.

Levante-se, Khydan Graystar Finvarra, em honra ao nome que lhe foi dado ao nascer! Levante-se e lute!

O nome ressoou em meu peito, despertando algo fundamental, nas profundezas da minha alma. Eu *conhecia* o nome. Conhecia-o como se soubesse que o céu era azul e qual era o caminho para cima.

Era parte de mim — *sempre* fora parte de mim — e agora me envolvia como um manto perfeitamente ajustado.

A ordem que acompanhava meu nome incendiou minha alma, mas foi a escuridão e a vingança que jorraram de mim enquanto eu a obedecia. Minha magia vibrou, emanando da fonte de poder mais rápido do que nunca. Brilhante e furiosa, irrompeu de mim em todas as direções, obliterando a gaiola que me aprisionava.

Não uma gaiola. Uma *masmorra* .

Estilhaços de madeira em decomposição voavam pelo ar como estilhaços. O ar se encheu de fumaça..

. .e quando tudo se dissipou, a primeira coisa a emergir da destruição foi minha companheira. Será que eu estava mesmo vendo aquilo? Ela tinha vindo me buscar? *Sozinha?*

Seus cabelos estavam desgrenhados, seus olhos azuis arregalados, cheios de desafio e choque. Sua boca e mandíbula estavam pintadas de vermelho com sangue. A frente de seu traje de couro de luta também. Quando ela viu meu pânico crescente, balançou a cabeça, correndo para diminuir a distância que nos separava. “Está tudo bem. Não é nada. Estou bem. Belikon—”

Ah , eu já o tinha visto .

O desgraçado estava ajoelhado na neve revolvida, com não uma, mas duas espadas divinas atravessando seu peito. Não foram suficientes para matá-lo, mas o ferro em Nimerelle estava drenando seu poder. Só isso o mantinha de joelhos. Ele estava vestido como se fosse para uma grande celebração. Seu grosso manto de arminho marrom-chocolate era da mais alta qualidade, embora obviamente arruinado agora graças às espadas divinas. Em sua cabeça, ele usava uma coroa elaborada que eu nunca tinha visto antes, muito mais ostentosa do que o humilde louro de inverno que ele havia roubado de Rurik Daianthus. Sangue escorria de sua boca e descia por seu queixo estreito. Ele riu quando me viu caminhando furtivamente em sua direção pela neve.

“Se você quiser sua espada de volta, vai ter que arrancá-la de mim. E acredite em mim quando digo que você não vai querer fazer isso.”

Dei-lhe um chute bem no rosto com toda a força que tinha, e o rei caiu sentado na neve. A coroa cravejada de joias, de gosto duvidoso, caiu da sua testa e rolou para dentro da floresta.

"Esperei muito tempo para fazer *isso* ." Minha voz estava rouca. Eu havia gritado bastante na paisagem infernal que a dríade criara para mim, e parecia que eu tinha gritado tudo aquilo em voz alta.

O rei jazia de lado, incapaz de se virar de costas graças às espadas que o atravessavam. Eu tinha dúvidas sobre como Nimerelle havia ficado presa entre as costelas daquele idiota, mas eu era um homem paciente. Eles podiam esperar.

“Meus guardas estão posicionados por toda esta floresta. Você nunca conseguirá passar por todos eles”, disse Belikon.

Inclinei a cabeça, observando-o. "Não vamos?"

Outra gargalhada escapou do rei. Ele suspirou, recostando-se na neve. "Sabe", disse ele, semicerrando os olhos para o céu, "você prestou um desserviço lamentável à sua companheira. Ela não sabe nada sobre como este reino funciona. Nada sobre os nossos costumes. Nada sobre as regras que governam a nossa existência aqui."

Avancei furtivamente em sua direção, pensando em onde deveria atingi-lo primeiro. "É mesmo?"

Uma tosse profunda e rouca acometeu o rei. Por um instante, ele não conseguiu respirar. Quando se recuperou, falou. “Ela veio aqui e usou seu verdadeiro nome para libertá-lo. E funcionou. Mas é uma *vitória vazia* ”, disse ele, enfatizando as palavras como se eu fosse estúpido. “Ela usou seu verdadeiro nome. . na *minha frente* . Ela me armou com a ferramenta mais poderosa que eu poderia ter desejado.

Você está *ferrado* , Kingfisher. Ou devo dizer *Khydan* ? Vamos ver se me lembro corretamente, certo? Khydan Graystar Finvarra, eu ordeno que você retire esta espada do meu peito e a use para matar sua linda amiguinha!”

O ar ao meu redor estremeceu. Sua vontade me atingiu em cheio, impulsionando-me para a frente, incitando minha mão a alcançar Nimerelle. Eu Peguei a lâmina. Retirei-a dele. Levei-a até onde Saeris estava, ensanguentada e cambaleando, e a ergui, apontando a ponta da lâmina negra fumegante para a garganta da minha companheira.

Agora que estava livre de Nimerelle, Belikon estava lentamente se levantando. "Faça isso! Já chega dessa farsa!", ele rosnou.

Olhando para minha companheira, esbocei um sorriso triste para ela. "Sinto muito, Osha."

Ela não piscou. Não se mexeu. Retribuiu meu sorriso triste com um sorriso próprio. "Está tudo bem.

Nada disso é culpa sua."

Girei a lâmina, girando-a ao mesmo tempo, e a cravei *novamente* no peito de Belikon. Atravessei-o com a espada usando ambas as mãos, golpeando Nimerelle com tanta força que ela o atravessou, derrubando-o de joelhos e prendendo-o ao chão congelado.

“Mas—o que—eu—ordenei— *ordenei*— ” Belikon insistiu, ofegando enquanto pronunciava as palavras.

Foi Saeris quem deu um passo à frente para dar a notícia. "Está vendo isto?", disse ela, estendendo a mão direita para que ele pudesse ver o dorso. A runa simples, entrelaçada, que ela traçou com o indicador esquerdo não brilhava, mas o rosto de Belikon empalideceu ao vê-la. "Uma runa para desfazer. Para quebrar." Ela o feriu com um sorriso sangrento. "Você realmente achou que eu seria estúpida o suficiente para pronunciar o verdadeiro nome do meu companheiro na *sua frente* sem protegê-lo primeiro? Você está completamente louco. Eu não podia *simplesmente anular* o juramento que ele lhe fez. Mas com isto, eu poderia *desfazê* -lo. E depois de eu ter pronunciado o nome dele e lhe dito para ser livre, o que você acha que eu fiz *então* , Belikon?"

“O nome dele. Você. . você. .”

Ela assentiu. "Sim. Desfiz a magia que o prendia. Ninguém pode usá-lo contra ele agora. Ninguém *jamais* o controlará novamente."

“Pobre criatura.. iludida.” O rei mostrou os dentes manchados de sangue. “Você é ingênuo se acredita nisso. Enquanto. . você ou seus amigos existirem, sempre haverá como controlá -*lo* .”

Não dê ouvidos a ele, Osha. Ele vai dizer qualquer coisa para te irritar. Vamos sair daqui antes que os outros guardas apareçam.

Eu sabia que não devia ficar por ali. Tínhamos tido sorte. Eu não tinha ficado presa permanentemente dentro da dríade, e isso era algo pelo qual eu devia ser *muito* grata. Uma vez que você entrava, normalmente não saía mais. Saeris dilatou as narinas, seu ódio transbordando por cada poro enquanto ela se afastava lentamente do rei caído. Ela agarrou o cabo de Solace e começou a desembainhar sua espada das costas do rei — e uma onda de movimento surgiu do nada à nossa direita. Vestes negras e rodopiantes. Uma adaga de lâmina áspera cortando em direção ao pescoço de Saeris. E então, pelos brancos e dentes arreganhados, e olhos da cor de azeviche polido.

Orious estivera a um passo de cortar a garganta de Saeris.. mas então surgiu *Onyx* . A pequena raposa saiu das sombras e lançou-se contra o rosto do senescal. Rosnou e arranhou, cravando os dentes na mandíbula e na bochecha do magro homem.

“Cão demoníaco!” rosnou o senescal. Ele arranhou o pelo de Ônix, tentando agarrá-lo. “Pensei que você estivesse *morto* !”

“Ônix, *não* !” Saeris sumiu antes que eu pudesse impedi-la. Ela deixou Solace cravada no peito de Belikon. Ela tinha a adaga que eu lhe dera semanas atrás — estava em sua mão quando alcançou o homem, que praguejava inconsolavelmente enquanto tentava se livrar da raposa. Caninos afiados como agulhas cravaram-se no pulso de Orious. O homem soltou um uivo de dor..

A raposa salvara Saeris. Já tinha feito o suficiente. Saeris cravou a adaga que eu lhe dera na lateral de Orious, enterrando o aço feérico profundamente. Ao mesmo tempo, lancei tentáculos de fumaça, amarrando aquele verme aos seus tornozelos. Minha magia girou. A espada envolvia seu torso, prestes a apertar e esmagar suas costelas, quando o senescal girou, rosnando como uma fera raivosa, e atacou Saeris novamente. A arma — uma lâmina nula — traçou um arco no ar, sua lâmina cruel buscando carne.

E encontrou. Só que não pertencia a Saeris.

Onyx soltou um grito de agonia, caindo no chão, e Orious soltou um grito vitorioso. A raposa havia se atirado na frente da lâmina, arruinando sua oportunidade de acabar com Saeris, mas pelo sorriso de alegria em seu rosto, o senescal não se importou. Ele cambaleou, tropeçando para o lado, uma risada insana fervilhando dentro dele. "Finalmente!" ele sibilou. "Eu te peguei— ″ A resposta de Saeris foi instantânea e implacável. Ela enterrou o rosto no pescoço do senescal e arrancou sua garganta. Sangue e vísceras espirraram na neve. Minha magia atingiu o homem um segundo depois.

Em , eu ordenei. *Destruir.*

Minhas sombras saíram à caça. Eu nunca havia comandado minha magia com a intenção de causar dor, mas agora, com certeza, eu o fazia. Fumaça e sombra rasgaram a garganta dilacerada do homem, eviscerando-o de dentro para fora. Ele morreu em agonia, privado da capacidade de gritar.

“Não, não, não.” Saeris foi até o pequeno embrulho que jazia sobre a neve. O flanco de Onyx estava rasgado, seus olhos revirados e a língua para fora enquanto ele ofegava, tentando recuperar o fôlego.

Seu pelo estava manchado de um vermelho vivo.

Minha companheira se virou e me agarrou pelo braço, me arrastando para o lado da raposa. "Ajude-o!" Ela soluçava. "Como você fez em Ammontraíeth. Faça aquela coisa em que você. . sabe, quando você o segurou, o tocou e. . o curou. Por favor. Por favor *!* "

Com cuidado, tirei a mão dela do meu braço — ela estava agarrando *desesperadamente minha braçadeira* com os dedos — e a forcei a soltar, puxando-a para perto do meu peito. "Eu não consigo, Osha. Me desculpe", sussurrei.

“Mas.. você ainda deve ter um pouco de magia de cura. Sua pequena magia. Só um pouquinho. *Ele é* pequeno, você mesma disse. Só. . só *tente! ”*

Acariciei seus cabelos, abraçando-a forte enquanto balançava a cabeça lentamente. "Me desculpe."

Minha voz falhou. "Eu *tentaria* , eu prometo que tentaria. Mas é tarde demais, Osha. Ele já se foi."

Onyx respirou fundo pela última vez enquanto ela chorava. Ele estremeceu, soltou um suspiro trêmulo e então se foi.

Saeris me empurrou com força no peito, afastando-me. Ela balançou a cabeça como se negar a verdade a tornasse falsa. "Não. Não, ele não se foi. Ele *não se foi* !" Mas então ela o viu, viu como ele estava imóvel e como parecia em paz, e a verdade a envolveu como um torno. Ela caiu de joelhos e soluçou. "Eu não o estava segurando. Eu não estava.. ele se foi e eu.. não estava. ."

Meu Deus. Eu precisava confortá-la, mas que consolo eu poderia oferecer, com minhas próprias lágrimas escorrendo pelo rosto? Mesmo assim, fui até ela, me agachei atrás dela e a abracei.

Risadas gélidas ecoaram pelo Bosque de Vime enquanto lamentávamos.

“Aquela raposa maldita. Ela nos atormentou dia e noite enquanto esperávamos por você, Alquimista”, grasnou Belikon. “Pensávamos que não era nada mais.. do que uma fera selvagem, tentando roubar comida. Ela mordeu três dos meus homens. Ela arrancou o dedo de Orious.. ontem à noite. Ela assombrava o acampamento a todas as horas, uivando. . e. . arranhando. . a árvore.”

A árvore.

A *dríade* que me aprisionara. Eu carregava Onyx nos braços quando entrei pelo portal das sombras para deixar Cahlish. Sem querer, eu o trouxe comigo. . e ele nunca mais me deixou.

Saeris pegou Onyx nos braços, embalando-o delicadamente.

Orelhas aveludadas com pontas pretas.

Cílios brancos minúsculos.

Almofadas dos dedos, rachadas e sangrando, de novo. .

Ele parecia tão pequeno, encolhido daquele jeito.

Mas ele *não era* pequeno.

Em todos os meus anos de vida e viagens por este reino, *jamais* encontrei nada

tão poderoso e corajoso quanto esta pequena raposa com coração de lobo.

Minha companheira estava prestes a se quebrar, mas não podia se quebrar ali. O sol nasceria em breve e a floresta não era segura. *Osha, temos que ir.* Falei por Saeris e somente por Saeris; aquele desgraçado preso ao chão lá atrás não merecia ouvir mais uma palavra de nenhuma de nós. *Tragam-no. Nós o honraremos.*

Sempre há um preço a pagar por esse tipo de loucura", disse Belikon. "Deixe a fraqueza entrar em seu coração, e ela o *destruirá* ."

Minha raiva se cristalizou com aquelas palavras. Eu precisava me manter firme por Saeris, mas, céus, esse desgraçado estava dificultando as coisas. Peguei a mão da minha companheira e a ajudei a se levantar. Eu a carregaria se ela não conseguisse andar. Mas primeiro. .

Eu estava diante do homem que causou a morte do meu pai.

Aquele que me atormentava desde a minha juventude.

Quem assassinou minha mãe?

Quem havia roubado uma quadra inteira e sacrificado seus habitantes em nome do esporte?

Um homem com quem eu não estava mais ligada por juramento.

Ele me encarou com olhos impassíveis, como se estivesse entediado com a minha presença. "Você sabe que, no momento em que sacar este ferro, estará condenado, não sabe? Assim que eu tiver acesso à minha magia novamente, chamarei meus guardas. Você só pode ir até certo ponto. Eu o seguirei aonde quer que você vá e *acabarei* com vocês dois."

"Acho que é melhor eu fazer alguma coisa para melhorar nossas chances de fuga, não é?" Invoquei um portal das sombras, criando-o. atrás de mim, sem olhar. O portal pulsou ao se abrir de repente, e minhas sombras começaram a girar.

Vamos lá, Osha. Busque consolo. Eu deveria ter me expressado de outra forma. Não haveria consolo para ela, dado o que carregava nos braços, mas ela

precisava de sua espada divina. Ela chorou ao

arrancá-la das mãos do rei, sem sequer se dar ao trabalho de olhá-lo enquanto ele sorria com sua perda.

"Espero que você esteja pronto", rosnou Belikon.

" *Você é* ?"

Eu tinha medo dele como uma Faeling. Eu me escondia dele no palácio sempre que podia. Mas com o passar dos anos, especialmente depois que saí do mercúrio com os olhos contornados de prata, comecei a entender a verdade. Que, embora eu fosse apenas uma criança e ele um homem que reivindicara um reino inteiro, Belikon na verdade tinha medo de *mim* . E eu estava prestes a provar a ele que ele tinha razão para ter medo. Ainda havia um lugar onde ele não poderia me seguir, e por acaso tínhamos que ir para lá de qualquer maneira. Era o único jeito, se quiséssemos acabar com essa decadência. Eu havia recusado o plano de imediato a princípio, mas não tínhamos mais esse luxo.

Peguei Nimerelle no colo e contei de três para baixo.

Dois . . .

Um . . .

A lâmina cortou o osso enquanto eu a arrancava. Belikon se moveu, instantaneamente livre do ferro que anulava sua magia, mas *eu* também não parei de me mover. Ergui Nimerelle, girando a espada ao redor da minha cabeça, e então achatei a lâmina, brandindo-a com toda a minha força. Ela cortou o pescoço de Belikon De Barra e decepou sua cabeça de um só golpe. A força do impacto fez sua cabeça girar em direção às árvores, onde atingiu o chão e ricocheteou na escuridão.

Ele não estava morto. Qualquer magia negra que corresse em suas veias o salvaria desse fim. Eu sabia disso, mas ser decapitado. . Isso com certeza tornaria mais difícil para ele chamar seus homens e vir atrás de nós.



49

QUANDO MAIS PRECISAMOS DELES

SAERIS

Um portal sombrio se transformou em outro, e depois em outro, e outro. Minha cabeça girava enquanto saltávamos entre eles, mal dando três passos após sair de um portal giratório, antes que Fisher invocasse outro e me puxasse através dele.

Quinhentas léguas. Era até onde podíamos viajar sem que Belikon sentisse a magia de Fisher e nos seguisse. Mas, ao chegar ao décimo segundo portal das sombras, eu já não aguentava mais. Precisava de um momento. Precisava respirar. Precisava sentar e *chorar* pra caralho. Quando meus pés encontraram chão firme, as solas das minhas botas afundando na neve branca e fofa, puxei a mão de Fisher e balancei a cabeça. "Chega", implorei. "Por favor. Eu.. "

Ele me puxou para perto e me abraçou com força, o coração batendo forte por trás da placa peitoral.

"Está tudo bem, Osha. Estamos aqui", disse ele.

Eu não me importava onde *estávamos* . Afundei na neve e passei os dedos pela pelagem espessa de Ônix, odiando a forma como ele estava ficando com frio. "Eu deveria ter te escutado", sussurrei. "Lá no Palácio de Inverno, quando você disse que ele seria um péssimo animal de estimação. Ele não deveria estar perto de nada disso. Ele " Era para ser *gratuito* ." Funguei, limpando o nariz com as costas da mão.

Fisher sentou-se pesadamente na neve ao meu lado. Delicadamente, colocou a mão na cabeça de Onyx e a deixou ali. “Nós acreditamos”, começou ele. Mas então parou. Olhou para as estrelas —

mais estrelas do que eu *jamais* vira — inspirando profundamente e lentamente. A noite estava tão fria que era quase imperceptível. Duas nuvens de vapor se formaram quando ele exalou pelo nariz.

“Acreditamos que os animais são puros demais para esta vida. São todos seres ascendidos que vivem no além. Lá, tudo é perfeito. Sem dor, infortúnio ou sofrimento. Mas às vezes, eles olham além do véu entre esta vida e a próxima, e nos veem aqui, no auge do nosso sofrimento, e escolhem alguém.

Uma alma que eles querem ajudar acima de qualquer outra. Eles vêm até nós como. . queridos amigos” — pigarreou — “quando mais precisamos deles. Você *precisou* de Onyx quando chegou aqui, Saeris. Talvez ele tenha percebido isso e veio. Mas agora—”

Balancei a cabeça, cega pelas lágrimas, recusando-me a ouvi-lo. "Não. Eu *ainda* preciso dele. Eu ainda—" Tentei continuar falando. Falhei. A perda era grande demais.

Fisher se encostou em mim e compartilhou da minha dor. Sua mão, muito maior que a minha, permaneceu sobre a cabeça de Onyx enquanto estrelas cadentes traçavam faixas de luz no céu. A

visão teria sido espetacular em qualquer outra noite, mas era *aquela* noite, e tudo estava terrível no mundo.

Segurei a pata de Onyx até que o gelo se espalhasse pelos meus ossos e a geada se formasse nos meus cabelos ensanguentados. "Pensei que ele estivesse em Ballard", sussurrei. "Eu esperava.. "

“Sinto muito, Saeris.”

Rejeitei seu pedido de desculpas, lutando para engolir o nó na garganta para poder falar novamente.

“Não foi sua culpa. Foi ele. *Belikon* . Foi. .”

Má sorte?

Uma cruel ironia do destino?

Que momento horrível?

Nada disso me fez sentir melhor.

Acariciei o pequeno corpo despedaçado em meu colo, desejando com mais intensidade do que qualquer coisa desde a morte da minha mãe. Eu afundava cada vez mais no abismo do desespero, na esperança de chegar ao fundo em breve, quando parei, encarando a mão que eu havia enterrado na pelagem de Ônix.

Uma das runas no dorso da minha mão estava brilhando. Ela nunca havia brilhado antes. Nem quando a usei em Taladaius. Nem quando a usei para desfazer a magia que deu poder ao nome de Fisher. Mas.. eu estava imaginando coisas? Havia uma tênue linha azul brilhante, traçando lentamente o contorno da runa de Hazrax? Levantei a mão, com o coração disparado.

"Você viu aquilo?" Eu exclamei, boquiaberta.

“Ver o quê?”

É claro que a luz ia se apagar bem na hora que eu tentei mostrar para o Fisher. Mordi o lábio inferior, encarando minha mão, desejando que ela reaparecesse. Nada aconteceu. Eu sabia o que tinha visto, no entanto. Estava *lá* . Minha mente não ia me pregar peças só porque eu queria muito alguma coisa. *Simplesmente não ia.* "Aqui. Leve-o um instante." Entreguei Onyx para Fisher com o máximo cuidado possível, tentando acalmar a respiração enquanto me levantava e me virava.

“Eu.. *ah* .” Droga. Estávamos na encosta de uma montanha. Uma montanha íngreme, aliás. No topo da encosta onde estávamos sentados, uma cidade inteira iluminava a noite, suas duas torres brancas tão altas que eu tive que esticar o pescoço para trás para encontrar o topo delas. Era lindo. Era..

“Ajun”, disse Fisher em voz baixa, virando-se para olhar por cima do ombro. “Deveríamos ir até o portão. Tão ao norte assim, o sol nasce mais tarde, mas logo estará aqui.”

Ajun.

Céu de Ajun .

Agora eu entendia por que a chamavam assim: esta cidade luminescente havia sido construída entre as nuvens. Eu queria vê-la com meus próprios olhos, mas agora que estava à sua porta, não estava pronto para entrar. Me virei bruscamente, sentindo-me completamente impotente enquanto examinava a escuridão que nos cercava. "Onde você *está* ?", gritei.

Onde você está?

. . . Você é?

Onde você está?

A pergunta ecoou de volta para mim, ora distante, ora próxima, ora distante novamente.

“Vamos lá! Eu sei que você está aqui. Você conseguiu o que queria, não é? Eu disse que você podia assistir!”

Assistir.

Assistir . . .

ASSISTIR!

“Osha, o que você está fazendo?”

"Vamos!" gritei. *"Apareça!"*

Toda a esperança que ainda me restava se dissipou enquanto eu esperava que a figura surgisse flutuando na escuridão. Eu quase havia perdido completamente a esperança quando, de repente, ela apareceu na encosta nevada da montanha à nossa frente.

O Hazrax.

Fisher estendeu a mão para Nimerelle, mas eu me coloquei na frente dele, balançando a cabeça.

"Não. Não faça isso. Está tudo bem."

"O que isso está fazendo aqui?", ele sibilou.

Eu não havia mantido o acordo que fiz com o Hazrax em segredo de propósito. Fisher já tinha ido embora quando ele me visitou na forja, e não houve tempo para explicar o que tinha acabado de acontecer com ele no cenário onírico que eu conjurara em Cahlish.

Eu vou explicar tudo, prometo , eu disse em sua mente. Para o Hazrax, eu disse: "Preciso te fazer uma pergunta."

A criatura parecia ainda mais doentia e antinatural sob o céu estrelado. Como sempre, seus olhos negros como carvão estavam abismos sem fundo. Com seu nariz fendido, as guelras no pescoço e sua pele cerosa e sem pelos, parecia o tipo de criatura que vivia nas águas profundas e escuras do fundo do oceano. Eu tinha visto algo muito parecido em um dos livros de Foley. Era impossível decifrar seu humor normalmente, mas agora eu podia sentir a raiva irradiando dele como calor.

“Nosso acordo me dá permissão para observá-lo à vontade, Saeris Fane. Não lhe dá permissão para me *convocar* e fazer perguntas.”

“Então por que você está aqui?”, perguntei. “Por que você veio, afinal?”

“Não voltarei. Estou aqui agora para deixar isso bem claro para você. Eu não sou seu súdito. Você não me dá ordens—”

“Por favor. Só uma pergunta! Eu juro que nunca mais vou te chamar.” Eu me ajoelharia e imploraria.

Eu não era capaz disso. Faria outro acordo. Deixaria que me observasse pelos próximos *dez* anos em troca. Eu só precisava saber uma coisa.

“Por que eu te ajudaria, criança? Não tenho nenhum interesse em te ajudar com suas perguntas.”

Precisei me conter. Simplesmente não consegui. "Você está mentindo."

Calma, Saeris , avisou Fisher. *É mais poderoso do que nós dois juntos. Você não*

consegue sentir?

Ah, eu senti. O poder do Hazrax inundou o ar com eletricidade e o aroma inconfundível de ozônio.

A criatura era apenas um pouco mais alta que um Fae macho comum, é verdade, mas o cheiro de

magia estranha que emanava dela era tão forte que me deu náuseas. Mas o que mais eu poderia fazer? Eu tinha que tentar. "Se você não se importasse, não teria invadido meu sonho de Cahlish.

Você não teria me dito que eu precisava mudar meu favor."

O Hazrax ponderou sobre isso em silêncio.

“Diga-me, *por favor.* Você consegue ver os espíritos dos mortos?”

O luar projetava sombras selvagens sobre o rosto do Hazrax. Ele fez uma careta, exibindo fileiras e mais fileiras de dentes curvos e afiados. "Seria uma blasfêmia admitir tal coisa", sibilou.

“Não me importo com blasfêmia. Eu me importo com a minha raposa. Ela ainda está aqui? Agora mesmo. Preciso saber se ela já.. ” Às vezes, as palavras eram como montanhas íngremes, tão difíceis de escalar. “Se ela já foi embora, então a deixarei em paz. Mas se ela ainda estiver aqui.. ”

O Hazrax bateu os dentes num gesto estranho que parecia desdenhoso. "Que diferença faz, criança?

A raposa está morta. Ela vai embora eventualmente."

A tênue esperança que eu havia perdido ressurgiu das cinzas da minha dor e reacendeu-se imediatamente. "Então você *consegue* vê-lo? Ele ainda *está* aqui?"

“Não vou falar sobre isso—”

“Por favor.” O pedido foi feito em voz baixa. Não partiu de mim. Fisher já estava de pé, ainda segurando o corpo inerte de Onyx nos braços. Deu um passo à frente, encostando o queixo no peito e curvando-se respeitosamente ao se

aproximar do Hazrax. “Você não me conhece”, disse ele. “Não me deve nada. Não farei promessas nem barganhas, mas se estiver ao seu alcance dar à minha companheira as informações que ela busca, serei eternamente grato. Tenho certeza de que isso significa pouco para você, mas—”

“Tudo bem.” O antigo Lorde da Meia-Noite não olhou para Fisher. Continuou me encarando. “Se isso significa *tanto* para você, então responderei à sua pergunta. Mas em troca, eu farei uma pergunta também.”

“Qualquer coisa. Pergunte!”

O Hazrax emitiu aquele estalo perturbador no fundo da garganta. "Como é a *sensação* . . de perder algo que você ama tanto?"

A pergunta mais estranha. Será que nunca tinha conhecido a perda? Teria vivido tão protegida durante toda a sua existência que *nunca* perdera ninguém de quem gostasse? As probabilidades pareciam impossíveis, especialmente considerando a idade da criatura. *Eu* estava bem preparado para respondê-la, no entanto. Eu já havia experimentado mais do que a minha cota de perdas na vida. Minha mãe. Meu pai. Os poucos amigos que fui tolo o suficiente para fazer quando era mais jovem, lá no Terceiro. Havia corpos empilhados no mausoléu da *minha* memória. "É como tentar fazer a areia fluir para trás em uma ampulheta. É como estar cercado de pessoas e ser o único que não consegue encontrar o ar na sala. É se afogar em terra firme. É a dor oca de algo que você sabe, a partir daquele momento, que sempre estará faltando. É uma dor tão aguda e incurável que poetas, piratas e políticos morrem dela. E nunca acaba."

As vestes do Hazrax esvoaçavam ao sabor da brisa suave e gélida. Havia silêncio. Por um longo tempo, permaneceu assim. E então: “A alma da raposa ainda está com você. Ela está sentada aos seus pés. Parece que a besta ainda não percebeu que está morta. Ela te segue como uma pequena sombra perdida. Isso te faz sentir melhor?”

Onyx não tinha ido embora. Ele ainda estava aqui comigo. Olhei para as minhas botas, sabendo como ele estaria se eu pudesse vê-lo — olhos vidrados, negros como lascas de azeviche, olhando para mim com tanta confiança, tão cheios de amor — e balancei a cabeça. "Não. Isso não me faz sentir melhor. Mas espero que torne o que estou prestes a fazer mais fácil."

Me dê ele, Fisher. Por favor. Eu preciso dele.

O que você vai fazer? perguntou Fisher, com cautela na voz, mas ele fez o que eu pedi. Peguei Onyx dele e me ajoelhei na neve.

“Belikon e Madra tinham medo dos Alquimistas. Tinham medo porque as pessoas que me precederam eram capazes de coisas que eles jamais seriam capazes de fazer. Os Alquimistas buscavam o conhecimento perfeito e possuíam um controle notável sobre a magia elemental. Mas também buscavam a imortalidade. Eu não quero tornar ninguém imortal. Mas se sou capaz de me curar de queimaduras terríveis e de um buraco no peito, então posso curar uma raposinha.”

O Hazrax já estava bastante imóvel, mas agora congelou, todo o seu ser travado no lugar como se estivesse esculpido em mármore.

Fisher colocou a mão no meu ombro e sentou-se ao meu lado na neve. "Saeris, isso não é. ." No instante em que nossos olhares se encontraram, ele abandonou o que ia dizer. "Deixa pra lá. Se você acha que consegue, então eu acredito em você", disse ele.

“Tal coisa é impossível”, disse o Hazrax. “Os Alquimistas tentaram e falharam durante séculos em trazer seus entes queridos feéricos de volta dos mortos.”

“E tenho certeza de que eles se esforçaram muito”, eu disse, já concentrando minha magia em mim.

“Mas eles estavam tentando trazer pessoas de volta. Ônix é minúsculo. Eu *sei* que consigo.” A reserva de energia dentro de mim transbordou. Continuei concentrando minha magia, impensadamente, as palavras que Taladaius me dissera certa vez em seu escritório no Paraíso dos Tolos ecoando em minha mente. *O fato de suas mãos estarem curadas agora, depois do dano que acabei de presenciar, implica que você também possui magia regenerativa. Magia física. Poder sobre o corpo. Em algum momento, você poderá curar outros com suas habilidades.*.

"Nenhuma magia, por mais poderosa que seja, pode enganar a morte", disse o Hazrax, em tom de piedade.

“É verdade.” Levantei a mão para que o Hazrax visse — os tênues lampejos de luz que haviam retornado e contornavam o desenho da runa que ele me dera. “Mas com o dom que você me deu, aposto que consigo *desfazer* isso por um

instante.”

"Você quer *desfazer* a morte?", disse, incrédula.

"Sim, eu aceito." Minha magia estava me deixando tonta. Uma onda dela me invadiu, ganhando força, saturando todo o meu ser. Deixei que viesse, acolhendo-a, permitindo que me preenchesse até que a onda parecesse quase imparável.

“Tudo isso por uma *raposa* ?” zombou o Hazrax. “Fale com ela, Criança das Sombras. Faça-a enxergar a realidade. Ela se matará antes de reviver o animal.”

Eu queria dizer a Fisher para não me impedir, mas a energia que percorria meu corpo era muito forte agora. Eu não conseguia encontrar clareza para falar, nem mesmo em sua mente. A mão de Fisher pressionava a minha lombar — forte, quente, reconfortante. Eu esperei que as palavras de bom senso viessem. .

Fisher falou com convicção. "Ele não é apenas uma raposa. Ele é da família. E se Saeris diz que vai salvá-lo, então ela vai."

“Tanta fé cega?”

“Na *dela* ? Sim”, respondeu Fisher.

“E se ela morrer tentando cumprir essa missão insensata?”

Senti o encolher de ombros do meu amigo. "É a vida dela, e ela que a viva. É a decisão *dela* . Vou respeitar."

A quantidade descomunal de poder começava a doer. Ela me dilacerava por dentro como se meu corpo fosse uma gaiola e quisesse escapar. Eu não conseguiria suportá-la por muito mais tempo.

Concentrei-me em dividi-la ao meio. Invoquei uma parte de mim que nunca havia usado antes —

uma runa que eu nem sequer possuía ainda — e torci com todas as minhas forças para que isso desse certo.

“Olhe para mim, criança”, ordenou o Hazrax. “Toda magia tem seus limites. Se

você prosseguir, destruirá a runa que lhe dei. Não poderá usá-la para salvar mais ninguém. Não poderá usá-la para libertar seus outros amigos de *seus* juramentos, como libertou seu companheiro.”

Eu não me importava.

Haveria outra maneira de libertar os outros. Eu a encontraria. *Criaria* uma, se fosse preciso. Agora, eu estava salvando Onyx. Eu podia sentir o lampejo de seu espírito ali, sentado ao meu lado na neve, observando-me enquanto eu segurava suas mãos sobre seu corpo gelado.

"Faça isso, Osha", sussurrou Fisher.

A runa de Hazrax brilhou intensamente, iluminando a noite. A criatura a chamara de runa silenciosa, dissera que ela não possuía magia como as minhas outras, mas com certeza respondeu quando forcei o fluxo da minha magia *para dentro* dela.

E doeu.

A dor persistia enquanto minhas palmas se enchiam de luz e se derramavam sobre o corpo dilacerado e ensanguentado de Onyx.

Quanta magia. Uma onda monumental me invadiu e continuou.. e então me deparei com a escuridão. Um vazio tão vasto que tentar preenchê-lo parecia uma tarefa ridícula.

O frio penetrou na ponta dos meus dedos e nas minhas mãos. Subiu pelos meus braços, rastejando lentamente em direção aos meus cotovelos. A agonia me despedaçou — meu corpo, minha mente, minha esperança — deixando intacta apenas a minha vontade. Eu não desistiria ali. Mesmo que quisesse, suspeitava que não conseguiria.

Eu abri uma porta, e a morte estava do outro lado. Se eu não a repelisse e alcançasse meu objetivo, ela entraria e *me reivindicaria* .

Mais alto.

Mais alto.

O frio da escuridão eterna subiu até minhas axilas.

Vamos lá, Osha. Você consegue.

O vento chicoteava meus cabelos. Meus olhos estavam fechados ou sem visão — eu não conseguia distinguir. Eu estava presa em um cabo de guerra, canalizando minha magia para um recipiente sem fundo que não queria ser preenchido.

Continue! Fisher insistia em minha mente.

O frio apertou minha garganta, fechando minhas vias respiratórias. Ele me chamava, prometendo um sono tão tranquilo. .

Forcei a barra, lançando minha magia contra a runa de Hazrax. Bolhas se formaram no dorso das minhas mãos, estourando em segundos, a pele por baixo em carne viva e chamuscada.

Sim. Isso mesmo, Saeris. Vai! Vai!

Um último esforço. Um empurrão enorme. . e a porta entre esta vida e a próxima se fechou com força.

O frio no meu peito desapareceu.

Eu—Eu—

Os olhos de Onyx estavam fechados. Ele estava tão imóvel. Ele—

Ele se mexeu. A pata dele. Ali! Eu vi! Se mexeu!

Mas seu corpo ainda estava destroçado. Seu lado estava completamente aberto e sangrava abundantemente. Ele não tinha muito tempo. Eu o havia trazido de volta para seu corpo, e este não podia sustentá-lo. Ele tinha um minuto, talvez. Segundos. Busquei a magia na qual havia apostado tudo e não encontrei.. *nada* .

Eu tinha usado tudo. Não sobrou nada. Eu havia atraído tanto poder para mim, e tudo se esvaiu.

Tentei alcançar novamente, mas não encontrei nada. Eu estava caindo no ar, com

o estômago embrulhado, sem peso, tentando encontrar um ponto de apoio, *algo* para parar a queda, mas não havia nada.

Pânico-

Não. Não havia tempo para isso.

Fui além da minha magia. Além das minhas runas. Além do laço que me conectava ao meu companheiro. Fui além, lutando milímetro por milímetro, até finalmente encontrar o que procurava.

Eu não conhecia a letra.

Será que eu sequer deveria ter *dito* alguma coisa?

Existia algum tipo de pacto, ou.. ah, dane-se, minhas intenções teriam que ser boas o suficiente. A Morte bateu na maçaneta da porta. Eu podia sentir. Ele estava vindo atrás de Ônix pela segunda vez.

Agi rapidamente, reunindo uma pequena porção da energia que havia descoberto e a empurrei para

cima, além da minha ligação com Fisher, além da reserva vazia onde minha magia deveria estar, para dentro do meu corpo, para dentro do escudo Alquimerano bruto que fumegava no dorso da minha mão. . e então para dentro da pequena raposa branca.

O mundo estremeceu em resposta, uma onda de choque sacudindo a encosta nevada, e do nada uma aurora branca e sombria surgiu sobre a cordilheira recortada de Ajun, dissipando a escuridão.



50

CAVALEIRO

SAERIS

Os observadores de estrelas, também conhecidos como martins-pescadores, podem ser encontrados em abundância desde as Montanhas Gilarian até as cidades costeiras de Marinth, Bodish e Inishtar. Muitos indivíduos entre as fadas, selkies, espíritos elementais e sátiros consideram o observador de estrelas um símbolo de esperança.

—Trecho de *Criaturas Feéricas das Montanhas Gilarian* , um tomo desaparecido das bibliotecas reais do Palácio de Inverno.

“POR FAVOR! *POR FAVOR!* ”

O grito queimou enquanto subia pela minha garganta. Minha pele também.

Tudo doía.

Eu estava sendo empurrado.

Carregou.

O martim-pescador estava correndo.

“Aguenta firme, pequena Osha. Quase lá”, ele resmungou. O céu estava espremido, listrado de rosa, como se alguém tivesse pegado um pincel e

rabiscado uma tela deformada. Inclinei a cabeça para trás, tentando me lembrar onde diabos estávamos — o que diabos estávamos *fazendo* — e os detalhes das últimas vinte e quatro horas de repente voltaram com uma clareza impressionante. Um tom solene, Uma figura escura permanecia imóvel, a trinta metros da encosta da montanha. O Hazrax nos observava fugir, sua forma borrada nas bordas, como se estivesse incompleta.

Minha cabeça estava me matando.

Olhei para a neve enquanto ela chicoteava sob mim. As botas de Fisher deixaram marcas profundas no tapete branco brilhante, e. . e havia outras impressões na neve também. Não tão profundas. Bem menores, e certamente não de fadas.

Eram *pegadas* .

Um relâmpago me atravessou, dissipando a névoa em minha mente. "Me ponha no chão, Fisher!"

“Não. Você estava inconsciente”, ele rosnou.

“Por favor! Estou bem agora, eu juro!”

Ele não gostou nada disso, mas diminuiu o ritmo da corrida. Mal tinha conseguido me colocar no chão quando ouvi um guincho estridente e uma pequena raposa branca pulou nos meus braços.

Ele estava vivo.

Vivo!

Onyx se contorceu tanto que quase o deixei cair. Ele *gritou* de excitação, seu corpo inteiro se agitando enquanto lambia meu queixo e minhas bochechas. Seu pequeno coração batia forte contra suas costelas recém-cicatrizadas, pura alegria irradiando dele enquanto se virava e cobria Fisher de beijos também.

“Eu sei, meu bem. Eu sei. Nós também estamos felizes em te ver”, disse ele, com a voz rouca.

Olhei para meu companheiro com espanto. "Funcionou?" Será que eu podia confiar nisso? Será que era real?

Fisher assentiu com a cabeça. "Funcionou. Você conseguiu." Sua expressão era de tirar o fôlego —

orgulho e uma pitada de admiração para completar. "Você realizou algo que nunca foi feito antes."

“E isso nunca mais acontecerá”, acrescentei, olhando para o meu escudo. A runa de Hazrax não apenas havia desaparecido. Ela *sumiu* . Meu Outras runas estavam cruas, sangue escorrendo da minha pele dilacerada. Até mesmo as Ligaduras Divinas que espiralavam em meu pulso e subiam pelo meu braço pulsavam de dor, mas a dor poderia ter sido mil vezes pior e ainda assim teria valido a pena.

Onyx estava vivo. Ele choramingou, esfregando freneticamente o focinho nas minhas bochechas e dando cabeçadas no meu queixo. Eu o salvei. Eu consegui. Mas o preço. .

"Você deve me achar louco." Eu nem queria olhar para o meu companheiro. . mas quando olhei, não encontrei nenhuma consternação ou raiva no verde infinito de seus impressionantes olhos.

Ele riu um pouco sem fôlego. "Sim", concordou. "Você *é* louca. Veio me procurar. Enfrentou Belikon sozinha *e* o enganou. E fez um sacrifício caro para salvar um amigo", acrescentou. "Só um louco faria tudo isso. Mas *eu* teria feito as mesmas escolhas, Saeris. Então, acho que nos damos bem."

“Eis os visitantes na montanha!”

O grito ecoou pelo ar. Ressonou nas faces das outras montanhas que se aglomeravam ao redor daquela em que estávamos. Fisher e eu nos viramos ao mesmo tempo, olhando para a encosta.

Eu não tinha reparado nisso antes: o monstruoso palácio de ossos que se projetava da neve e do gelo à nossa direita na encosta.

Costelas arqueadas, elevando-se para encontrar o céu que clareia.

Vértebras com entalhes, do tamanho de pequenas casas.

Fazia sentido que os restos do dragão ainda estivessem ali. Fisher e seus amigos

o haviam abatido e posto fim à sua tirania. Belikon se deu ao trabalho de reivindicar sua cabeça como troféu. Mas o resto era grande demais para ser removido da encosta da montanha. Os Fae de Ajun deixaram os ossos da besta repousarem onde caíram, e agora eles formavam uma estrutura megalítica quase tão impressionante quanto a própria cidade de Ajun Sky.

As pessoas se reuniam ao longo das muralhas da cidade. Alguém gritou para nós novamente, acenando freneticamente. *"Eis! Depressa!"*, gritavam. *"Uma maré negra está chegando!"*

Fisher se virou automaticamente, olhando para baixo na montanha, e praguejou. Levei um segundo para entender o que ele estava vendo. O Hazrax havia sumido. Mas mais abaixo na encosta, a silhueta escura de guardas com arcos e espadas em punho podia ser vista, correndo em nossa direção com uma velocidade surpreendente.



"Droga", sibilou Fisher. " *Belikon.* Ele não devia ter nos encontrado. Não *tão* rápido, pelo menos.

Vamos. Temos que ir embora."

Não precisei que me dissessem duas vezes. Tinha energia suficiente para correr em direção ao imponente portão de metal negro que circundava a cidade. *Não* tinha energia suficiente para encarar Belikon uma segunda vez no mesmo dia. E com certeza não ia perder Onyx de novo. Corri como o vento. Se a raposa sabia que estávamos em perigo, não pareceu se importar; ela chilreava e lambia meu rosto sem parar, e continuava *fazendo* isso quando paramos diante dos sinistros portões negros que bloqueavam nossa entrada em Ajun.

Estavam fechados.

"Ei!" gritou Fisher. "Deixem a gente entrar!" Seu grito ecoou pelo pátio abandonado do outro lado das altas grades de metal.

Os guardas de Belikon estavam ganhando terreno, ainda a mais de sessenta metros abaixo, mas estavam vindo. Eles acabariam nos alcançando. *"Alô?"*, gritou Fisher.

Olá . . .

Olá?

Olá!

De repente, o portão negro deu um solavanco. Soltou um gemido metálico estrondoso. . e, muito lentamente, começou a deslizar. O som de uma corrente grossa passando por um sistema de guincho fez meus ossos vibrarem por um instante, e então o antigo portão começou a se abrir.

Quantas almas chamavam Ajun Sky de lar? Do lado de fora, com seu enorme recesso que se estende profundamente na encosta da montanha e suas torres cintilantes de quartzo e calcita, parecia que poderia abrigar milhares. Dezenas de milhares.

Mas apenas *uma* pessoa desceu calmamente as escadas que davam para o pátio e atravessou o calçamento de pedra para nos cumprimentar. Ele ostentava um sorriso cínico que faria o de Carrion parecer insignificante quando parou diante de nós.

“Você deveria ter nos avisado que viria”, disse ele, com aquele seu sotaque caloroso e melodioso. “É

motivo de orgulho para o povo de Ajun que estes portões estejam *sempre* abertos para *você* , irmão.”

Renfis.

Quando os soldados de Belikon chegaram a Ajun, nós já estávamos em movimento.

Gritos furiosos ecoavam para além das muralhas, ricocheteando nas pedras. O som viajava estranhamente pelo ar gélido. Salvas de magia, azuis e verdes, explodiam inofensivamente contra proteções invisíveis que impediam ataques na cidade. Até mesmo as flechas e lanças arremessadas colidiam com a magia de barreira e eram desviadas, disparando em outras direções ou se estilhaçando em fragmentos ao impacto.

A montanha tremeu quando eles atacaram as muralhas. As altas estruturas de

ferro, porém, permaneceram intactas. Afinal, os guardas de Belikon ainda eram Fae. Eles não tocariam no *portão* .

“Quão certos estamos de que eles não vão conseguir passar?” O vento levou minhas palavras embora. Eu nem tinha certeza se meu amigo tinha me ouvido até que ele respondeu.

“Absoluta certeza”, respondeu ele. “Esta cidade nunca foi invadida. E há apenas cerca de mil guardas lá fora. Forças muito maiores tentaram, sem sucesso, invadir a cidade à força.” Ajun Sky. Só há uma entrada ou uma saída, e Belikon não tem amigos por aqui. Ninguém em sã consciência *o deixaria entrar assim* .

“No entanto, devemos nos apressar”, disse Renfis. “O tempo urge.”

Lorreth explicou mais sobre o que havia acontecido em Ajun, particularmente com Merelle, a irmã gêmea de Ren, mas ainda havia mais. .

A cidade de Ajun era feita de pedra. Suas fundações eram robustas e profundas. As altas casas em terraços que ladeavam suas ruas eram belas, suas fachadas adornadas de gelo brilhando em um rosa suave na luz da manhã. Ren apressou o passo à nossa frente, embora ainda parasse para bagunçar os cabelos dos Faelings de bochechas rosadas que corriam até ele e puxavam brincalhonamente o manto branco imaculado que lhe envolvia os ombros, identificando-o como um cavaleiro de Orrithia.

Eu já o tinha ouvido ser chamado por esse nome muitas vezes: Renfis de Orrithia. Tolamente, nunca questionei o significado do título. Agora, enquanto nos guiava pela fortaleza montanhosa, ele explicou tudo o que lhe acontecera depois de deixar Cahlish, e tudo começou a fazer sentido.

“Graças aos deuses, os Gilarianos me ouviram. Já estavam se preparando quando os deixei. Eu estava quase na fronteira da floresta. Teria chegado a Ballard em um dia, no ritmo em que estava viajando, mas assim que alcancei as encostas das Montanhas Rasas, senti uma sensação lancinante e ardente no peito. Me faltou o ar e caí do cavalo. Pensei que estava sendo atacado. Imaginei que tivesse ativado algum tipo de proteção, mas.. ” Ele balançou a cabeça. “Arranquei minha placa peitoral e rasguei minha camisa, e lá estava.”

Kingfisher vinha resmungando e demonstrando frustração desde que Ren parou de abraçá-lo e dar tapinhas nas suas costas — houve muitos *abraços* e tapinhas

nas costas depois que entramos pelas muralhas da cidade e o portão se fechou. atrás de nós. Nesse momento, meu amigo se repreendia em voz alta por não ter resolvido o mistério do desaparecimento do general antes.

“Sua marca de juramento”, suspirou ele, balançando a cabeça.

Renfis assentiu com a cabeça. "Minha marca de juramento. Fui chamado para servir. Não tive escolha a não ser ir."

Segui Renfis por uma estreita escadaria de pedra talhada na encosta da montanha, fazendo o possível para não olhar para baixo e escorregar no gelo traiçoeiro. Onyx subiu os degraus à frente do general de cabelos castanhos, com a língua para fora da boca e cheio de energia, como se *não tivesse* morrido há menos de uma hora.

Sorri para a raposa, aliviada.. mas ainda consegui fingir irritação quando disse: "Não me excluam, vocês dois. Que juramento? O que você jurou, Ren?"

O general baixou a cabeça, aparentemente envergonhado. Sua capa rodopiava ao seu redor enquanto ele continuava subindo os degraus de pedra. "Explique você, irmão", disse ele, passando a tarefa para Fisher. "Nunca gostei de contar essa história."

Kingfisher insistiu em subir os degraus atrás de mim. Ele sussurrou algo obsceno na minha cabeça —

algo sobre ficar olhando para a minha bunda e planejando todas as coisas escandalosas que faria com ela — mas eu sabia que ele só estava atrás para garantir que eu não caísse dos degraus estreitos e morresse. Eu estava exausta e genuinamente preocupada que isso pudesse acontecer, então não resisti.

Ele resmungou baixinho. O vento assobiava em meus ouvidos, mas ele não elevou a voz acima do normal; minha audição estava tão aguçada quanto a dele ultimamente. “Depois que matamos o Velho 'Shacry, a horda deixou Ajun, descendo a montanha, e as pessoas da cidade saíram para enterrar seus mortos. A irmã de Renfis estava entre eles. Merelle sempre amou Ajun, então Ren perguntou aos anciãos da cidade se ela poderia ser enterrada aqui. Eles lhe deram um local de sepultamento no topo da montanha.” montanha—uma grande honra, em agradecimento pelo sacrifício que ela fez para proteger as fadas Ajun.

“Assim que terminamos de sepultar Merelle, Renfis sentiu uma dor lancinante no peito, muito parecida com a que descreveu agora há pouco. Estávamos voltando para a cidade quando ele caiu de joelhos e soltou um rugido terrível.”

“Não foi tão ruim assim”, interrompeu Renfis.

“Foi tão alto que causou uma *avalanche* ”, disse Fisher, com um tom de voz carregado de emoção. “Os outros enlutados que estavam enterrando seus entes queridos no topo da montanha se ajoelharam com Ren e começaram a rezar. Nenhum de nós fazia ideia do que estava acontecendo. Mas os Ajun Fae nos disseram que, assim que seu sangue se torna um com a montanha, você pertence a ela de certa forma. Que, como Ren havia enterrado sua parente de sangue ali, e ela era sua gêmea, nada menos, ele agora era um membro dos Ajun Fae.”

“E somente os Ajun podem ser chamados para se juntar à ordem dos cavaleiros que guardam seu portão”, disse Ren em voz baixa.

“Então. . você foi chamado de volta aqui para vigiar o portão?”

“Não o portão que protege a cidade, Osha. O *outro* portão.”

Uma onda de pânico e adrenalina percorreu minha espinha naquele instante. Lorreth havia me falado do outro portão na praça de Inishtar. Eu havia prometido que não partiria em nenhuma missão insensata para obter o enxofre necessário para estancar a corrupção sem Fisher, e em troca Lorreth me contou de onde *vinha o enxofre* .

“Sempre houve uma cidade aqui”, disse Fisher. “Porque sempre houve um portão. Um portal entre este mundo e outro.”

"Como mercúrio, mas não é", sussurrei. Percebi a irritação de Fisher com isso, o fato de Lorreth obviamente ter me contado o que tinha contado, mas ele se conteve e não expressou esses sentimentos em voz alta.

“Sim. Em muitos aspectos, igual. Mas em outros, não. Os alquimistas originais nunca conseguiram controlá-lo. Nem mesmo o mais poderoso deles.” Eles. Isso enlouqueceu a maioria deles. O portal se abria sozinho e não fechava. Criaturas malignas o usavam como porta de entrada para este reino.

Elas causaram caos e terror por toda Yvelia. Como ninguém conseguia fechar o

portal, os Cavaleiros de Orrithia foram criados. Eles foram imbuídos de uma antiga linhagem de magia. Poderosa. Seis deles vigiam o portal o tempo todo, canalizando sua magia em proteções que impedem que todo tipo de mal se espalhe por este mundo. Eles se revezam para proteger não apenas Ajun, mas *toda* Yvelia.

“Quando o mercúrio parou aqui, isolando-nos dos outros reinos”, disse Renfis, participando da explicação apesar de si mesmo, “o portão de Ajun permaneceu aberto. Belikon declarou que era um sinal. Disse que, por ser o único portão que restava aberto, nos levaria à riqueza e à glória. Trouxe um Faeling até Ajun para visitar o portão. Ele era pouco mais que um menino. Belikon colocou uma espada em sua mão e declarou que ele deveria ser o primeiro a atravessar o portão e contemplar o paraíso que nos aguardava do outro lado.”

"Como essa piscina era diferente de todas as outras, ele disse que eu não precisaria da relíquia que minha mãe me deu", sussurrou Fisher.

Espere.

Lorreth não tinha dito nada sobre *isso* .

A escadaria era íngreme e o ar estava gelado como gelo, mas nada disso tinha a ver com a minha repentina falta de ar. "Do que você está falando, Fisher?"

Ele prosseguiu, falando devagar, com cuidado, desprovido de qualquer emoção em suas palavras. “Eu estava ligado a ele por juramento. Tinha onze anos. Ele disse que eu já era um homem adulto aos seus olhos, que eu estava pronto para me tornar um guerreiro aclamado de Yvelia, tido em alta estima em sua corte. Minha mãe havia morrido uma semana antes, e ele me colocou de joelhos diante daquela pedra e me fez prometer. Depois disso, foi fácil para ele. Ele me ordenou que lhe entregasse a relíquia e, em seguida, me mandou para a piscina.”

O vento uivava enquanto subíamos. Ficava cada vez mais frio, cravando dentes cruéis nas pontas sensíveis das minhas orelhas. Eu tentava acompanhar, entender o que me diziam, mas a crueldade de tudo tornava isso quase impossível. *Foi* ali que o Martim-Pescador entrou em contato com o mercúrio. *Foi* ali que ele o infectou de dentro para fora e quase o enlouqueceu.

“Fiz como meu rei ordenou. Entrei na piscina. Assim que meus pés descalços tocaram o minério contaminado, soube que ia morrer. Fui transportado para

outro reino. Um lugar. .” Fisher parou de falar, como se tivesse chegado à metade da frase e, de repente, as palavras tivessem desaparecido.

“O rei e seus homens esperaram duas horas pelo retorno do Faeling”, disse Ren. “E quando ele não voltou, o rei fingiu a perda de seu enteado, o único elo restante com sua preciosa Edina. Ele já havia legado Cahlish, juntamente com o título que acompanhava as terras, ao seu senescal quando a piscina irrompeu e cuspiu o Faeling para fora. Seus olhos estavam contornados de prata como as estrelas.”

“Eu mesmo não me reconhecia”, sussurrou Fisher. “Levei muito tempo para me recuperar..

mentalmente . Belikon ficou desapontado. Ele achou que seria uma boa maneira de se livrar de mim.

Um dos Cavaleiros de Orrithia me devolveu minha relíquia, e Belikon me mandou para aprender a arte de matar em seus acampamentos de guerra.”

Ren havia chegado ao topo da escadaria e nos esperava, com semblante sombrio.

"Inexplicavelmente, a piscina de Ajun fechou naquele dia", disse ele. "Ela abriu e fechou três vezes desde então, sem aviso prévio. Os cavaleiros sempre permaneceram para guardá-la, por precaução.

Ninguém foi chamado para substituí-los em séculos. Até agora."

Aquelas palavras. Onde eu as tinha ouvido antes? Voltou-me à memória rapidamente. Lá em Cahlish, no quarto de Everlayne. A irmã de Fisher se debatia e tremia na cama, e aquela voz horrível e morta se ergueu e saiu de sua boca. *O portão está aberto. Não pode ser fechado. O portão está aberto. O*

portão está aberto. .

"Abriu de novo, não foi?" sussurrei.

Ren assentiu com a cabeça, pousando a mão no punho da espada que pendia em seu quadril. "Sim, aconteceu. E a besta que rastejou por ali matou todos os seis cavaleiros de guarda e arrastou seus corpos de volta quando partiu. Fui invocado por causa disso. Desde então, a passagem se abre todos os dias, por um período

de três horas de cada vez. Temos registrado os horários. Temos esperado."

"Esperando?" Eu já me arrependi de ter perguntado.

"Para que as proteções se quebrem de uma vez por todas", disse Ren, olhando para as próprias botas.

"Para que os monstros do passado retornem e causem estragos novamente em Yvelia. É só uma questão de tempo."

Eu não havia perguntado para onde Ren nos levava enquanto nos guiava por Ajun e subia os degraus em direção às nuvens. Mas agora eu sabia. Eu podia sentir, fervilhando, perto. Perto demais.

Estava atrás da porta de madeira ornamentada e esculpida diante da qual Renfis estava parado.

Era algo frio — amargo e distante.

Um portão preto.

Ela havia sido corrompida há muito, muito tempo. Queria que Yvelia queimasse , e era exatamente isso que aconteceria se as forças malévolas que se reuniam do outro lado daquele portão conseguissem o que queriam.

Onyx choramingou, pulando em mim e implorando para ser pego no colo. Eu o abracei forte, tremendo quando Ren colocou a palma da mão na maçaneta da porta e começou a girá-la lentamente.

“Espere. Nós vamos *agora* ? Fisher, o que estamos fazendo?”

“O portão vai fechar em breve”, explicou Ren. “Você pode esperar até que ele abra amanhã. Mas.. ”

Ele fez uma careta sem jeito.

“Esperar um dia pode ser catastrófico”, disse Fisher. “Estamos perdendo terreno para a podridão muito rapidamente. Pessoas estão morrendo, e só os deuses sabem quando mais alimentadores infectados podem aparecer. Precisamos que você sele aquela runa de enxofre. E o enxofre só tem *uma* fonte.”

Eu já sabia. Mesmo quando Lorreth me contou na praça o que teríamos que fazer se quiséssemos garantir *uma* quantidade de enxofre que não matasse nossos amigos duendes, eu *sabia* que acabaríamos aqui eventualmente. O destino ainda estava em jogo. Renfis fora atraído por Ajun por um motivo, e nós também.

O medo apertou meu peito com força, sufocando-me. O olhar de Fisher suavizou um pouco, como se ele pudesse sentir o medo se cristalizando em minhas veias. Ele colocou uma mão reconfortante na minha lombar. "Mas se você não estiver pronto—"

"Eu *preciso* ser." Não disse mais nada. Não precisava. Ren não teve escolha. Nem Fisher. Eles tinham um dever. Tinham honra. Fizeram o que precisavam fazer, porque era a coisa certa a fazer. Eu faria o mesmo.

"E você?" perguntou Ren, virando-se para o amigo. "Tem certeza disso? Haverá consequências. Mais sacrifícios a serem feitos."

Com solenidade, Kingfisher curvou a cabeça. Mas.. não. Mesmo enquanto o observava, algo mudou em minha mente. Ele não era mais Kingfisher. Era *Khydan* . Inegavelmente, o nome combinava com ele. Era como descobrir a peça perdida de um quebra-cabeça. Como encaixá-la no lugar para completar a imagem e, finalmente, vê-la e compreendê-la por completo.

ele *só poderia* ser Khydan. E ele *estava* pronto para enfrentar o que quer que nos aguardasse do outro lado desta porta.

“Muito bem, então. Prenda a respiração.” Ren girou a maçaneta e abriu a porta. “O *cheiro* pode ser um pouco forte.”

Lá dentro, meus olhos levaram um instante para se acostumarem à escuridão. Outro instante para que eu compreendesse o que estava vendo e desejasse poder voltar atrás. Onyx soltou um latido de pânico e escondeu o rosto na minha axila. A poça não era como as outras. Não havia lintel de pedra ao redor. Nem bacia de pedra para contê-la. Era orgânica, como. . algum tipo de ferida purulenta. E

o líquido fervilhante dentro dela era *preto* .

“Para onde vai?” perguntei. “Qual é o nome desse reino?”

Só Fisher sabia a resposta para essa pergunta. Ele tinha ido lá quando era

menino. A expressão preocupada no rosto do meu amigo não inspirava confiança quando ele admitiu: “Nunca recebeu um nome oficial aqui. O panteão dos underreads e os dragões que eles criam lá o chamam de Diaxis.

Mas, pessoalmente. . eu sempre o chamei de *inferno* .”



51

O ÓBVIO...

KHYDAN GRAYSTAR FINVARRA

Eu *ODEIO* dragões.



52

PROMESSAS E ESPERANÇA

SAERIS

ESPESSO. AGRESSIVO. PÚTRIDO.

Normalmente, o mercúrio escorria, formando gotas nas roupas, no cabelo e na pele sempre que saíamos de uma de suas poças. Mas não dessa vez. Seja lá o que fosse aquela substância repugnante que preenchia a poça em Ajun, não se parecia em nada com mercúrio. Ela penetrou meu nariz e cobriu minha língua, enchendo minha boca com o gosto de podridão. Atravessá-la foi como me afogar. Um pânico desenfreado tomou conta do meu peito enquanto meus pulmões se esforçavam, desesperados por ar, implorando: *Respire! Respire! Respire!*

Minha cabeça emergiu da piscina e eu imediatamente aspirei um gole generoso de—

DOR.

Eu havia inalado lâminas de barbear.

EU-

Eu não consegui—

Calma, Osha. Não entre em pânico. Khydan estava perto.

Não emergi da piscina, mas sim fui cuspida por ela. De quatro, rastejei para a frente, ofegante e sufocando enquanto tentava compreender as sensações que assolavam meu corpo.

O cheiro fétido de enxofre e uma onda de calor intensa me atingiram em cheio. Até muito recentemente, eu havia passado a vida em um deserto. Nunca imaginei que algo pudesse ser mais quente que o Terceiro durante o ajuste de contas.. mas isso? Isso era inimaginável.

Eu estava em choque. O pânico percorria minha espinha enquanto ondas de adrenalina me alertavam para me mover, para sair *do* fogo, para recuar em segurança. Mas não havia como recuar.

Não havia segurança. Havia apenas uma escuridão opressiva e um ar tão

superaquecido que parecia estar dilacerando meus pulmões.

Meus olhos ardiam — não sabia se era por causa do enxofre ou do calor. Parecia que deveriam estar lacrimejando. Talvez estivessem, e a umidade que escorria da superfície dos meus olhos fosse a causa da ardência insuportável.

“Osha? Você consegue ficar de pé?” A voz de Khydan era baixa e suave, mas a preocupação em suas palavras as tornava tão altas quanto um grito. Senti sua mão nas minhas costas, depois no meu braço. Ele me ajudou a levantar enquanto eu tentava expelir aquela sujeira nojenta, parecida com piche, da minha garganta. “Isso mesmo. Cuspa. Faça o que fizer, não engula.”

Oh, céus. "O que *foi* ?" perguntei com a voz rouca.

Khy demorou mais do que eu gostaria para responder. "É melhor você não perguntar", disse ele. Sua voz estava muito baixa, como se estivesse sendo levada por um vento invisível. "Você está bem?"

Sua mão encontrou a minha novamente na escuridão; o aperto que ele me deu acalmou meus nervos o suficiente para que minha voz apenas tremesse um pouco quando falei. "Estou bem. Pelo menos acho que *estou* . Não consigo ver nada. E sinto como se estivesse sendo cozida."

Uma luz verde pálida brilhou ao meu lado, quase branca, mas não completamente. Khydan segurava um tubo fino na outra mão, cuja metade superior emitia uma luz uniforme. Ele o estendeu para mim. Assim que o aceitei, ele tirou outro daqueles tubos estranhos do bolso e o sacudiu com força, ativando-o e ficando com um em mãos.

Os olhos do meu camarada estavam escuros como poças de água, o verde brilhante quase preto. Seu cabelo pingava um líquido fétido que ainda se agitava na poça atrás de nós. Manchava sua pele, viscoso e espesso, e seu uniforme de couro estava pegajoso. Meu próprio cabelo estava grudado no couro, o líquido encharcando completamente meu uniforme.

Eu teria preferido cair no lago perto de Gillethrye de novo, com costelas quebradas e tudo, se isso significasse poder lavar essa sujeira do meu corpo. Não estava *certo* .

Khydan me lançou um sorriso torto que provavelmente pretendia ser

tranquilizador e disse: "Duas horas. É tudo o que podemos passar aqui, senão você *vai* acabar frita. Seu corpo não foi feito para este lugar."

“Então é melhor irmos. Mas.. para onde precisamos ir?” Será que eu tinha sido tão tolo? *“Vocês precisarão passar pelo portão em Ajun”*, Lorreth havia dito. *“Precisarão negociar com as criaturas de lá para ter acesso ao enxofre delas.”* Eu havia aceitado que fazer isso seria extremamente perigoso, mas não me ocorreu perguntar como encontrar essas criaturas. Não sabia onde elas estariam. . ou onde *estaríamos* quando saíssemos da piscina, aliás. Nossas tochas de luz tênue estavam longe de iluminar completamente nossos arredores. Uma esfera de luz de quase dois metros de diâmetro nos envolvia, mas do outro lado dela nos aguardava a escuridão implacável.

Agitando-se além dos limites da penumbra, parecia ter vida própria. Frio e cruel. Khydan passou a mão pelo rosto, espalhando a lama negra numa tentativa fútil de limpá-la. Seus olhos vagavam, penetrantes, fitando a escuridão. No instante em que abriu a boca para falar novamente, um estrondo trovejante rasgou o ar fétido, e dois pontos brilhantes em tons de laranja-avermelhado ganharam vida nas proximidades, perfurando o véu da escuridão.

Eram bolas de fogo vivas, aqueles dois pontos laranja e vermelho. Só que não eram, porque eram *olhos* , e eles Queimou-se de ódio. O chão tremeu sob nossos pés quando uma voz estrondosa proferiu: *"Ousado!"*

A escuridão recuou, revelando um salão cavernoso de pedra envolto em sombras e repleto de ossos.

Quando a besta à frente abriu suas mandíbulas gigantes, revelando as glândulas brilhantes no fundo de sua garganta crua e sangrenta, o ar ficou tão impregnado de enxofre que o fedor quase me fez revirar o estômago.

Eu sabia o que era.

O nome do monstro ecoava na minha cabeça.

Não me atrevi a dizer isso em voz alta.

Tinha setenta pés de altura, desde seus enormes pés com garras até a cernelha. Seu longo pescoço articulado estava curvado devido ao teto rochoso e áspero. Só os deuses sabiam — ou talvez *temiam*

— quão alto poderia ter sido se fosse capaz de se erguer em toda a sua altura. Prendi a respiração ao contemplá-lo.

Escamas douradas reluzentes? Não, pretas. Era difícil dizer, visto que a própria besta era a única fonte de luz. Uma crista com chifres se projetava de sua cabeça larga e ossuda como uma coroa.

Enormes asas volumosas estavam dobradas firmemente contra seus flancos. E seus *dentes* . . Tinham quase um metro de comprimento e eram serrilhados, como a lâmina de uma das serras de Elroy.

Eu havia ficado maravilhado com a visão do crânio enorme que se erguia atrás do trono de Belikon no Palácio de Inverno, mas essa sensação não se traduzia, não completamente: o quão grande o resto da criatura teria que ser para justificar uma cabeça tão monstruosa. Agora eu entendia.. e estava com medo.

A temperatura subiu, novas ondas de suor brotaram na minha testa e evaporaram enquanto o dragão se erguia lentamente sobre os cotovelos com garras e, em seguida, se impulsionava para cima, saindo do chão. "Que ousadia *!* ", resmungou.

Não. . corra. O aviso de Khydan veio em boa hora. Eu estava pensando nisso. A poça tóxica estava logo atrás de nós. ainda aberto. Quantos segundos levaria para virar e mergulhar de volta abaixo da superfície agitada? Dois? Três, no máximo? Pela voz rouca do meu companheiro, *nenhum* tempo seria suficiente. Pelo canto do olho, vi Khy lentamente estender a mão por cima do ombro e desembainhar a lâmina.

Devo—

Ele balançou a cabeça uma vez, firmemente. *Não toquem em suas espadas. Se alguma delas se ofender com alguém, que seja comigo. Não se mexa, Osha. Apenas.. fique* exatamente *onde está.*

Uma fumaça densa e furiosa emanava de Nimerelle. Se o dragão se importava, era impossível dizer.

Como um cão despertando de um longo cochilo, ele sacudiu sua cabeça gigantesca, faíscas voando de suas narinas dilatadas. Os chifres em seu topo se chocaram desajeitadamente contra a rocha bruta, e uma grande seção do teto se

desprendeu e desabou ao redor da besta, transformando-se em estilhaços de pedra onde atingia o solo.

Corra, meu coração implorava. *Que diabos você está fazendo, Fane? Corra,* porra.

Mantive minha posição, com as botas firmemente plantadas no chão, obedecendo à ordem de Khydan.

“Vivi por dois mil anos. Jamais uma refeição caiu direto na minha boca”, rosnou o dragão. Sua boca não se moveu. As palavras *foram* ditas em voz alta — as paredes não teriam tremido tanto se não fosse assim — mas ele devia ter formulado as palavras de maneira diferente dos feéricos e dos humanos. Sua língua, bifurcada e enegrecida, deslizava entre os dentes, como se estivesse provando o ar. Eu já tinha visto muitas víboras das dunas fazerem isso em Zilvaren. Mas nunca tinha visto uma cobra lamber uma boca cheia de dentes amarelados de quase um metro de comprimento.

“Você não é *deste* lugar.”

“Não somos.” O salão ecoou com a voz de Khydan. Clara e firme, ele não parecia com medo. Eu, porém, pressenti seu medo. Ele não tentou *me proteger* dele. “Somos de—”

“Eu sei o nome da sua casa”, interrompeu o dragão. “Não o diga em voz alta.” Ele pareceu se recompor, recuando, arqueando o pescoço e recolhendo-o em seu peito largo e brilhante. A temperatura no antigo salão subiu um ou dois graus. “Por que você veio?”, exigiu.

"Nós-"

“O *outro* precisa falar!”

Eu. *Eu* era o outro. Por algum motivo, queria que eu respondesse. Mas eu não era um ator tão experiente quanto meu companheiro. A mão de Khydan apertou o cabo de Nimerelle. A lâmina soltava tanta fumaça que quase ofuscava a luz de nossas tochas. Seria a preocupação de Khydan, infiltrando-se em sua espada divina? Ou seria a centelha da irmã de Ren que ainda residia na lâmina, preocupada comigo? *Não dê muita atenção a ela* , advertiu Khydan. *Diga que precisamos falar com—*

"Eu te entendo, garoto", rosnou o dragão. "Não há canto escuro onde você possa esconder seus sussurros de *mim* ."

Menino? Qual era a idade dessa coisa para considerar Khydan um *menino* ? E, de forma perturbadora, ela conseguia nos ouvir falando diretamente na mente um do outro? Será que ela também conseguia ouvir nossos *pensamentos* ? Nossos—

“Eu ouço o ranger das engrenagens que impulsionam o universo rumo à destruição. Eu ouço tudo.

Eu sei.. ” Sua língua sondou entre os dentes quebrados, oscilando para frente e para trás no ar. “. .

tudo.”

O chão de pedra era formado por lajes hexagonais cobertas de cascas, folhas secas e todo tipo de detritos. Quando o dragão falou, o chão tremeu com tanta força que a laje à minha frente se partiu em três pedaços.

A besta exalava fumaça rançosa enquanto avançava lentamente. " *Você* não sabe de nada, destruidor de nomes. Sua mente é jovem demais até para *se conhecer* ."

“Você tem razão.” Senti meu pulso em todos os lugares. Nas pontas dos dedos. No céu da boca. Nas têmporas. Eu ia vomitar. Puta merda. Meu primeiro encontro com uma besta mítica, e eu ia vomitar tudo que tinha no estômago, igual um covarde. Eu *não ia* me mijar. Só. . *não* . "Sou jovem. Mas pelo menos não estou me escondendo no escuro, esperando para fazer o que meu mestre manda."

“Saeris.” Desta vez, o aviso foi imediato. Em voz alta. O tom de Khydan sugeria que ele achava que eu tinha perdido a cabeça. E talvez eu tivesse. Talvez um pouco de loucura fosse o que eu precisaria para sair viva dessa situação. Quem sabe. Mas tentar abordar isso da perspectiva de uma pessoa sã estava além da minha capacidade. Uma pessoa sã jamais teria entrado naquela piscina.

"Que mestre você diz que *me governa* , menina?", sibilou o dragão.

Lorreth não me dissera quem governava Diaxis quando conversamos sobre este lugar. Ren também não, enquanto nos guiava pelas escadas sinuosas rumo à nossa morte. Talvez eles não soubessem o nome do deus que governava estes

salões escuros e mortos. Ou talvez não o pronunciassem porque,

como eu bem sabia, pronunciar um nome lhe conferia poder. Mas Khydan o pronunciou agora, com a voz fria e monótona.

“Estige. Senhor do ninho carbonizado. Rei dos dragões. *Ele* é o seu mestre. *É* a ele que você deve obedecer.”

O dragão vinha se aproximando sorrateiramente, ágil e sinuoso. Era grande demais para disfarçar sua aproximação. Parou abruptamente, rosnando diante da declaração de Khydan.

“Quem é você para pronunciar o nome *dele* ?”

“Eu sou Kingf—” Khydan se interrompeu. Velhos hábitos são difíceis de abandonar. Era verdade —

eu havia me adaptado e o chamava pelo seu verdadeiro nome com bastante facilidade, mas algo dentro de mim sabia que era o certo. Durante toda a sua vida, Khydan só se conhecera como Kingfisher. Quanta da identidade de uma pessoa reside em seu nome? Quanta de sua alma? Um pensamento estranho. A alma de Khydan era a mesma de sempre. Sua personalidade também. Mas..

algo fundamental *havia* mudado dentro dele. Era sutil. Era porque ele estava *livre* .

“Eu sou Khydan Graystar Finvarra. Já percorri estes corredores antes, muitos anos atrás—”

“Você era pouco mais que um Faeling naquela época. Lembro-me de que você foi torturado aqui.

Então, você veio para se vingar deste lugar? Para destruir minha espécie e todos que chamam este lugar de lar?”

“Não. Venho como embaixador do meu reino, assim como meu companheiro. Solicitamos uma audiência com Styx, conforme as regras de convivência entre nossos reinos. Etiqueta—”

Um jato de ar fétido e superaquecido jorrou repentinamente da boca do dragão,

seguido por uma coluna de fogo e rocha derretida. Não havia tempo para reagir. Não havia tempo para nada. Só havia o fogo, o calor e nossa morte iminente. Tarde demais, saquei meu escudo, maior e mais brilhante do que jamais fora. Ele tremeluziu e vacilou enquanto o enxofre o atravessava.

Estávamos mortos.

Estávamos completamente mortos!

Nós estávamos..

. .encurvados, agarrados uns aos outros, ofegantes, mas de alguma forma ainda vivos. As chamas rasgavam nossas cabeças, atingindo a parede atrás de nós, lampejando em azul e verde ao atingirem a pedra. A besta havia errado o alvo. De propósito, ao que parecia. Poderia ter nos engolido facilmente se quisesse; o fato de não estar nos reduzindo a cinzas e ossos devia ser intencional.

O coração de Khydan pulsava em meus ouvidos. Ele aconchegava a minha nuca, pressionando meu rosto contra a frente de suas calças de couro, o sangue fervendo de adrenalina e pânico. Eu podia sentir o cheiro pulsando em suas veias, na cavidade de sua garganta; mesmo agora, com a morte compartilhando o mesmo ar que nós, o cheiro de seu sangue era suficiente para me levar à loucura.

Eu devia ter bebido dele. Pelo menos assim ambos partiríamos em êxtase. Mas isso era um pensamento ridículo. Egoísta. Não tínhamos *permissão* para morrer. Havia muita coisa em jogo.

Khydan e eu tínhamos o futuro de Yvelia em nossas mãos. Mais do que isso. Se Zareth estivesse certo, tínhamos o futuro de milhões de reinos em nossas mãos. Bilhões de *vidas* .

Estávamos num ponto crucial dos fios do destino. Se morrêssemos, tudo o mais também morreria.

Por um instante, acreditei que o dragão tivesse percebido *isso* em nossas mentes, e que por isso redirecionara seu fogo. Afinal, se nos matasse, provavelmente morreria em breve também.

Eu me agarrei a Khydan com tanta força que minhas mãos ficaram dormentes. Então começaram a formigar. Não. . hum. Estranho. Só minha mão direita estava

formigando. A sensação não era agradável nem dolorosa. Foi aumentando até que a sensação perturbadora percorreu todo o meu braço e se instalou no meu ombro, subindo pelo meu pescoço e causando uma sensação de formigamento na mandíbula.

O ar estava vivo, como se mil moscas zumbissem ao redor de um cadáver. O enxofre continuava a jorrar. Ao atingir a parede, espirrava, lançando gotas incandescentes de rocha e metal derretidos em todas as direções.

Khydan enrijeceu, seus dedos cravando-se em minhas costas, mas ele não me soltou.

Um zumbido oco ressoava dentro de mim. Uma batida forte na porta. Uma segunda pulsação sem propósito. Mágica. Desconhecida. Incompreendida.

O enxofre. Meu corpo reagia a ele. Ele me atraía, mas eu não sabia o que fazer. Eu não conseguia *alcançá* -lo. E mesmo que tivesse conseguido, não saberia o que fazer com ele depois de alcançá-lo.

Morreríamos em breve. O que mais havia para fazer? Meu poder sobre o mercúrio não me ajudaria aqui. Khydan era mais poderoso que a maioria dos Fae, mas suas sombras não seriam Suficiente para derrubar essa fera. O ar queimava, abrasando minhas vias respiratórias, mas tudo o que podíamos fazer era suportar.

Por fim, o fluxo de fogo cessou.

Misericórdia. Só o alívio do calor já era uma misericórdia..

“Eu sou Arissan, guardião deste portão”, trovejou o dragão. “E não *os* poupei por misericórdia. Essa palavra não existe neste lugar. Suas vidas são temporárias. Eu os poupei por um único motivo, e apenas um.”

"Por quê?" Minha voz ecoou pela toca do dragão.

Khydan estendeu a mão e apertou a minha. Os músculos de sua mandíbula se contraíram enquanto ele encarava o monstro megalítico. Chamas e fumaça envolviam seus dentes enquanto a criatura abaixava a cabeça e rosnava. "Sua companheira sabe a resposta para esta pergunta. Não sabe, Khydan Finvarra?"

Lentamente, Khydan assentiu. "Você nos poupou para que *eu* possa ser levado perante seu mestre para ser julgado."

“E o seu criiiiime?” A língua de Arissan gotejava chamas azuladas enquanto se movia para frente e para trás no ar como um interruptor.

“Não cometi nenhum crime. Não fiz nada além de defender meu povo e minhas terras. Mas vocês viram meus pensamentos.. e meu passado. Vocês me viram na encosta da montanha em Ajun. Os seguidores de Diaxis me acusarão de assassinato—”



“O assassinato da minha cria!” rugiu o dragão. Havia fúria no som ensurdecedor, mas também angústia. Uma coluna de chamas irrompeu da garganta de Arissan novamente — embora totalmente diferente do enxofre espesso e derretido que havia cuspido em nós há pouco. Este era fogo infernal branco e incandescente. Ele se alastrou contra o teto da caverna e se espalhou, rolando sobre a rocha manchada de fuligem como se desafiasse a gravidade.

O calor era insuportável. Demais. Quente demais. Eu estava fisicamente muito mais forte do que jamais estivera, mas ainda havia limites para o que meu novo corpo podia suportar.

À medida que minha visão se estreitava, a voz de Khydan ecoava dentro da minha cabeça.

Não fale. Quando você acordar, pelo amor de todos os deuses, não diga *uma única palavra.*

Metal.

quente .

Eu conhecia bem aquele cheiro. Tão bem, aliás, que conseguia identificá-lo até dormindo. Estava de volta à forja. Elroy estava me repreendendo por ter derramado limalha de metal por todo o chão. Eu estava—

Porra!

Eu estava de cabeça para baixo! Estava pendurado sobre um salão dez vezes maior que o de Ammontraíeth. Eu estava balançando pra *caralho* . .

O sangue fervia nos meus ouvidos. Um estrondo ensurdecedor, tão alto que me dava vertigem. Mas não era meu sangue. Era a *multidão* .

Lá embaixo, uma multidão vibrante se agitava e gritava. Milhares de pessoas estavam reunidas sob minha cabeça, e pelas vozes exaltadas e pela maneira como erguiam os punhos no ar, estavam celebrando algo monumental.

Khydan.

Onde diabos estava meu amigo?

Eu não conseguia girar. Não conseguia me virar. O espaço aberto se estendia ao meu redor, eventualmente dando lugar à escuridão. Meus braços pendiam frouxamente sobre minha cabeça. A dor pulsava em cada nervo do meu corpo enquanto eu tentava alcançar meus quadris. Minhas espadas curtas. Minhas facas. Será que ainda estavam lá?

Um alívio imenso invadiu meu peito quando minha mão encontrou o metal quente. Os cabos das minhas espadas divinas estavam quase insuportáveis ao toque, mas *estavam* lá. E Khydan também.

Quando movi meus braços, girei um pouco — o suficiente para vê-lo pendurado de cabeça para baixo no ar ao meu lado. Sua placa peitoral ainda estava bem presa, Nimerelle ainda estava em sua bainha. O rosto de Khy estava pálido e encharcado de suor. Seus olhos estavam fechados, os cílios rente à pele, de um preto profundo como a noite. Mesmo desmaiado, ele parecia perturbado, uma leve carranca franzindo suas sobrancelhas como se estivesse batendo à porta de sua consciência, exigindo retornar ao seu corpo.

Uma corrente grossa, alaranjada e com manchas de ferrugem, dava a volta em seus tornozelos, suspendendo-o. O mesmo tipo de corrente apertava meus pés, cortando minha circulação. Acima, uma enorme estátua de uma figura vestida com um manto segurava as pontas das correntes em sua enorme mão de pedra. Havia outros pedaços de corrente pendurados na mão da estátua, alguns mais compridos do que aqueles de onde estávamos suspensos. Outros mais curtos. Todos estavam vazios, exceto um.

Um cadáver pendia de uma corrente presa à outra mão da estátua. O corpo — ou o que restava dele

— estava em decomposição, a pele inchada e arroxeada, a língua inchada e protuberante entre os dentes. Os restos de uma capa branca esfarrapada pendiam de seus ombros, ocultando parcialmente sua cabeça. Uma enorme lança negra com uma lâmina serrilhada e afiada atravessava o torso do corpo — uma causa de morte bastante evidente.

Os aplausos lá embaixo aumentaram, atingindo um ápice de entusiasmo.

Khydan? Por que diabos eu estava sussurrando? Eu não estava falando em voz alta. *Khy!*

Nada. Ele não conseguia me ouvir. Não conseguia responder.

Um turbilhão de energia chicoteava e rodopiava atrás da minha placa peitoral, implorando para ser libertado. A magia ligada à minha runa de mercúrio estava desperta ali. Alerta. Responderia se eu a chamasse, disso eu não tinha dúvida. Mas quem diabos eu deveria atacar? Havia milhares de pessoas

—

"Silêncio."

O barulho parou. Minha respiração irregular era tudo o que eu conseguia ouvir.

Lá embaixo, a massa de corpos estava tão silenciosa que parecia ter desaparecido de repente. Mas não. Permaneciam imóveis, com os braços ao lado do corpo, olhando fixamente para a frente, nenhum deles encarando seus novos prisioneiros.

A voz que ordenara o silêncio falou novamente, o som reverberando e desumano. Nenhuma criatura — humana, feérica ou qualquer outra — possuía uma voz *tão* grave. "Tragam-nos para baixo", entoou.

Ninguém no corredor se mexeu. Devia haver outros à espreita nas sombras, porque um instante se passou e então as grossas correntes tilintaram, estalaram e nos soltaram. Caímos apenas trinta centímetros antes que a tensão retornasse à corrente, mas o terror ainda me gelou o sangue. Eu não gritei. Era quase

impossível conter o grito, mas de alguma forma, eu consegui.

Com mais ruídos metálicos e solavancos, as correntes começaram a descer lentamente em direção ao chão do corredor.

Visão feérica amaldiçoada. Eu já conseguia ver perfeitamente o que estava acontecendo lá embaixo, mas a cada centímetro que descíamos, mais detalhes surgiam.

A palidez doentia nos rostos das pessoas.

Seus olhos frios, que brilhavam de maneira estranha.

Suas roupas esfarrapadas e couros gastos, e as armas presas ao peito, aos quadris e às costas.

Pelo que pude perceber, a multidão era composta igualmente por homens e mulheres. Alguns tinham orelhas pontudas, outros arredondadas — tanto humanos quanto fadas.

"Khydan?" Falei alto agora. *"Khy!"* Falar em sua mente não tinha funcionado. Talvez o som da minha voz o ajudasse a acordar. "As coisas estão ficando estranhas por aqui. Eu *realmente* preciso de você agora."

Ele não se mexeu. Ondas úmidas de cabelo caíam sobre seu rosto. Ele podia estar inconsciente, mas a tinta no dorso de suas mãos não estava; ela girava descontroladamente, formando figuras e padrões geométricos que eu não reconheci.

Já tínhamos percorrido quase dois terços do caminho até o chão.

“Khydan!” Deixei o medo me dominar dessa vez. Eu não conseguiria lidar sozinha com o que estava prestes a acontecer. Eu *precisava* dele. “Por favor, Khy. *Acorde.* ”

Num instante, olhos da cor da grama alta que crescia ao redor de Ballard encontraram os meus. Uma borda prateada contornava a pupila do seu olho direito, estreitando a poça negra com uma faixa de mercúrio sólido. Não se moveu. Não se mexeu. Eu podia senti-lo eriçado, a atenção aguçada, analisando a situação. "Saeris", Khy sussurrou. Estávamos pendurados de cabeça para baixo

em um lugar estranho e novo. O perigo nos aguardava lá embaixo, mas o olhar do meu companheiro não se desviou do meu. "Respire", disse ele. "Vai ficar tudo bem. Não vou deixar nada acontecer com você."

Só depois de dizer isso, ele desviou o olhar para avaliar o que nos rodeava. Sua boca se comprimiu numa linha tensa enquanto assimilava tudo.

Não havia estrado ali. Um círculo se formara no meio da multidão, no centro do qual se erguia uma dupla de figuras. Ao me aproximar do chão, me preparei, encolhendo os ombros o máximo que pude para proteger a cabeça e o pescoço. Não adiantou muito. O topo da minha cabeça bateu com força na pedra quando me choquei contra o chão, e então tombei, caindo de lado com violência.

Botas e pés descalços e imundos: foi tudo o que consegui ver por uma fração de segundo. Tentei me sentar, chutar para libertar meus pés das correntes, mas assim que toquei o chão, senti mãos sob meus braços, me arrastando. . me levantando.

Uma trilha de fumaça negra cortou o ar à minha esquerda. Um homem estava ali. Agora, ele era três pedaços de carne úmida, fumegando no chão. A mulher à minha direita deu um passo à frente, rangendo os dentes, a mão ainda agarrada ao meu ombro, mas um segundo depois seu braço inteiro caiu no chão com um baque. Khydan varreu Nimerelle pelo ar, tanto o homem quanto a espada fluindo como fumaça líquida. Ele se moveu rápido demais para que eu pudesse ver, mas eu sabia o que viria a seguir. A mulher que perdera o braço estava prestes a ficar sem cabeça. Mas..

“Basta.” Desta vez, uma voz diferente. Um tom ligeiramente mais agudo, mas não menos imponente.

Meus joelhos cederam.

Eu caí, uma agonia explodindo nos meus joelhos quando eles bateram na pedra. Khydan sibilou enquanto também caía de joelhos ao meu lado. Eu não conseguia me mexer. Uma pressão invisível envolvia meu corpo, me imobilizando. Minhas mãos não respondiam. Meus braços estavam presos ao corpo. Meu peito estava tão apertado que eu só conseguia expandir minhas costelas alguns centímetros, mal me permitindo respirar.

Eu não *precisei* me mexer para falar com o Khy. *Que merda está acontecendo?*

Está tudo bem. Não entre em pânico. Apenas tente manter a calma.

Você *está calmo? Você acabou* de matar *alguém e desarmar outra pessoa!*

Apesar de tudo, a boca de Khydan se contraiu. *Desarmada? Você tem passado muito tempo com Swift, Osha. Agora está fazendo piadas?*

Estou falando sério! Você acabou de atacar duas pessoas.

Lentamente, o leve sorriso se desfez, dando lugar a uma fúria fria e implacável enquanto ele encarava os estranhos que nos cercavam. *Bem. Eles não deveriam ter te tocado se quisessem viver, não é?*

O macho não emitiu um pio ao morrer. A fêmea, que ainda estava de pé ao meu lado, também não emitiu um som quando Khydan lhe tirou o braço. Pelo canto do olho, pude ver que ela estava sofrendo. Enquanto segurava o toco sangrando, ela tremia violentamente, lágrimas escorrendo pelo rosto, mas seu maxilar estava cerrado como se não *ousasse* gritar.

Pernas apareceram à vista. Um torso. Um homem alto e magro com órbitas oculares negras e profundas. Um instante depois, outro homem alto, quase idêntico em feições e estatura, surgiu em seguida, exceto por seu torso. Os olhos brilhavam como brasas vermelhas. Longos cabelos negros caíam pelas costas, trançados nas mais elaboradas tranças de guerra que eu já vira. Estavam vestidos para a batalha.

À direita, o homem de olhos negros falou primeiro, revelando ser o dono da voz mais grave. “Olha, Githrand. O velho nos trouxe alguns brinquedinhos novos. Sangue-quente. *Yvelianos.* ”

O homem de olhos vermelhos fungou, o lábio superior se curvando em desgosto. "Aquele não é Yvelian."

— Ah, é mesmo? — O homem me encarou com uma curiosidade que contrastava com a aversão de Githrand. Pelos deuses, seus traços eram surpreendentemente semelhantes. Certamente deviam *ser* irmãos. — E o que ela poderia ser, então? — ponderou ele.

“Não sei, Crave. Mas tem um cheiro nela que eu não gosto.”

“Chama-se sabão. Talvez você devesse experimentar.” Khydan tinha me avisado para não dizer nada, e aí ele solta *essa* ? Ele não era tão estúpido. Isso era outra coisa. Uma tática para.. o quê?

Os homens não olharam para nenhum de nós, nem sequer reconheceram que Khydan tinha falado, mas o olhar que trocaram sugeria que ele tinha acabado de piorar significativamente a nossa situação. Um pensamento risível, na verdade, considerando o quão ruim já estava a nossa situação.

Ao meu lado, Khydan se enrijeceu, as costas se contraindo enquanto se endireitava. Nimerelle ainda estava em sua mão, a ponta da lâmina apoiada no chão. A espada divina tilintou, como se o fragmento da alma de Mirelle que ali habitava estivesse fazendo o possível para quebrar a magia que nos prendia e voltar à sua missão de matar.

Olhos vermelhos e ardentes desviaram-se lentamente para a espada. "Onde você conseguiu *isso* , meu bem?" Crave poderia ter perguntado de forma desinteressada, mas , *caramba* , como ele estava interessado. Ele inclinou a cabeça para o lado, estreitando o olhar enquanto estudava a espada, chegando até a dar um passo em direção à espada divina. Enquanto ele A mulher com o coto sangrando se aproximou e soltou um pequeno gemido. Deu um passo para trás, afastando-se de Crave, e dezenas de olhares se arregalaram quando a multidão percebeu o que ela tinha feito. Alguns

dos estranhos reunidos ao nosso redor chegaram a olhar para o chão, como se não tivessem estômago para ver o que aconteceria a seguir.

Crave apenas sorriu friamente para a mulher, depois, muito lentamente, agachou-se e virou a cabeça para ficar cara a cara com Khydan. "Repito", disse ele, gélido. *"Onde você conseguiu a espada, querida?"*

A raiva fervilhava nos olhos do meu companheiro, evidente como o dia. Um músculo se contraiu em sua mandíbula enquanto ele falava com os dentes cerrados. "Foi um presente dos deuses." Ele ainda não conseguia mentir, nem mesmo ali. Não lhe restava outra escolha senão dizer a verdade.

“Hum.” Crave arqueou uma sobrancelha para Nimerelle, revelando por um segundo a fome que tentava esconder com tanto cuidado. “Está vendo isso, irmão?” Falou em voz alta para que todos pudessem ouvir. “Uma arma de uma das casas mortas. Mais antiga que os salões deste reino e os deles juntos, e ele

espera que acreditemos que os deuses traidores a *deram* a ele.”

"É só uma espada", rosnou Khydan.

Crave bufou, olhando para Khydan com um sorriso amargo nos lábios. "Essa espada poderia destruir mundos nas mãos certas. Se for o que eu penso que é, trata-se de uma das lâminas esquecidas de nossos ancestrais.. e *você* não tem o direito de empunhá-la."

"É mesmo?" Khydan respondeu ao sorriso irônico de Crave com um sorriso semelhante. "Então talvez você devesse aceitar."

“Hum. Sim.” Crave assentiu com entusiasmo. “Você gostaria disso, não é?”

“Eu realmente *faria isso* .”

Crave fez um som de sucção, levantando-se num salto. Havia fechos dourados nas tiras de seu couro.

Eles brilhavam como se alguém tivesse passado horas polindo-os. Crave soltou um suspiro. Soltou uma gargalhada estridente e desembainhou a espada que carregava na cintura. Do meu ponto de vista, onde eu estava ajoelhado, parecia muito semelhante à Nimerelle. Um pouco menor, talvez.

Menos bem-feita. Em suma, a espada na mão de Crave era uma imitação muito pobre da Nimerelle.

O homem ergueu a arma e apontou-a para a espada divina de Khydan. "Consigo sentir o cheiro da magia nessa coisa", disse ele. "Cheira a morte."

"Então você está com medo de tirar isso de mim?" Khy sugeriu. Assim que proferiu a acusação, Githrand partiu para a ação. Soltou um grito rouco, contornando o irmão para alcançar Khydan, mas Crave calmamente agarrou Githrand pelo braço e o segurou firme.

“Está tudo bem. Ele não sabe como me insulta. Ele não sabe qual é o seu lugar. Ainda não.”

“Ah, eu sei qual é o meu lugar aqui”, disse Khydan. “E *sei* o que está prestes a acontecer.”

Githrand soltou uma risada rígida e incrédula. “Duvido que você consiga imaginar o tipo de tormento que está prestes a sofrer. Se quisesse sobreviver a este lugar, deveria ter protegido melhor sua mente. Arissan viu o que você fez com o filho dela. 'Shacry era seu único descendente sobrevivente. Você profanou o corpo dele e deixou seu rei levar sua cabeça. Só por isso, sua penitência será a morte. Mas você também matou o emissário de nosso pai. Você cortou o único fio de poder que ele tinha em Yvelia. Você o *enfraqueceu*— ”

Que emissário? Do que ele estava falando? Khydan não matou um emissário. Ele—

Oh.

Oh não.

Ele não poderia estar falando sério—

“Ereth era um traidor do seu povo”, disse Khy. “Suas próprias ações contra Yvelia selaram sua sentença de morte. Mas ele tentou atacar minha companheira. É claro que eu o matei. Ninguém *jamais* a machucará enquanto eu respirar.”

Ereth. O Senhor da Meia-Noite que me atacou na coroação. Ele era uma espécie de líder religioso.

Ele havia dito a Khydan que adorava deuses diferentes. *Deuses* . .

“Seu tolo petulante”, repreendeu Githrand. “Você derrama sangue em defesa de sua preciosa companheira, mas depois a traz *para cá* ? Você a condenou ao inferno, Khydan Finvarra. Você será desmembrado pedaço por pedaço. Ela assistirá, e quando terminarmos com você, faremos dela uma de nossas concubinas. Vamos procriar com ela até que isso a mate ou até que nos cansemos dela. Ela não conhecerá nada além de humilhação e vergonha neste lugar. Ela nunca mais verá o céu—”

Sombras e fumaça irromperam de Khydan — uma explosão de magia tão poderosa que, por um instante, uma escuridão cintilante roubou a luz das tochas bruxuleantes. Tudo aconteceu muito rápido. Quando as sombras se dissiparam, uma parede alta e semitransparente se erguia entre nós e a multidão de Diaxianos que se reunira para observar. Mesmo que Githrand ou Crave ordenassem um ataque, eles não conseguiriam. Pelo menos não por um curto período.

Khydan girou os ombros e sacudiu os braços, livrando-se casualmente da magia que ainda me prendia ao chão. Como? *Como* ele estava fazendo isso?

Desculpe, Osha. Arissan sempre protegeu a Diaxis. Passei séculos praticando esconder informações atrás de portas trancadas na minha mente. Ela viu o que eu queria que ela visse. Mas você? Eu sabia que ela vasculharia sua *mente. Você não teria conseguido esconder nada dela. Simplesmente não houve tempo para te preparar.* As palavras de Khydan estavam carregadas de arrependimento.

Meu coração já estava acelerado, mas agora eu não conseguia ouvir meus próprios pensamentos por causa do zumbido do meu sangue nos ouvidos. Parei-o completamente e então disse: *Preparar-me para quê?*

A mandíbula de Khydan se moveu. " *Eu vou te contar tudo. Prometo. Assim que estivermos em segurança, eu explico."* Ele não estava olhando para mim. Estava concentrado em Githrand e Crave.

"Impossível", sussurrou Crave. "Você não pode. . Você não é. ." O homem balançou a cabeça, claramente lutando para entender o que estava vendo. "Magia das sombras não pertence ao seu reino. De onde você tirou esse poder?"

“No mesmo lugar onde consegui a espada”, rosnou Khydan. Tentáculos de sombra chicotearam suas mãos. Ao mesmo tempo, sombras emanaram de Crave e Githrand, mas a magia deles não se comparava à de Khydan. Mais pálida. Mais fraca, de alguma forma. Menos.. corpórea. As sombras de Khydan cortaram a magia que lançavam contra ele como uma lâmina cortando a água.

Os dois homens foram arremessados para trás pelo ar e aterrissaram no chão com um baque estrondoso. Ainda segurando Nimerelle frouxamente ao lado do corpo, Khydan avançou em direção aos dois. Ele apontou a ponta da espada para a garganta de Githrand. "Soltem-na", ordenou. *"Agora."*

A pressão que me prendia ao chão desapareceu num instante. Inclinei-me para a frente, mas consegui me equilibrar, evitando cair de cara no chão. Khydan estava lá imediatamente, ajudando-me a levantar. Suas mãos acariciaram meu cabelo, depois, seu rosto, seus belos olhos cheios de preocupação, percorrendo minhas feições em busca de qualquer ferimento.

"Estou bem", eu disse. "Não se preocupe comigo. Apenas.. me diga o que está *acontecendo* ."

Meu coração apertou quando ele pegou minha mão direita na sua e pressionou minha palma contra o centro do seu peito, mantendo-a ali por um segundo. "Você confia em mim?", perguntou ele.

“Sim. *Sempre.* Sim.”

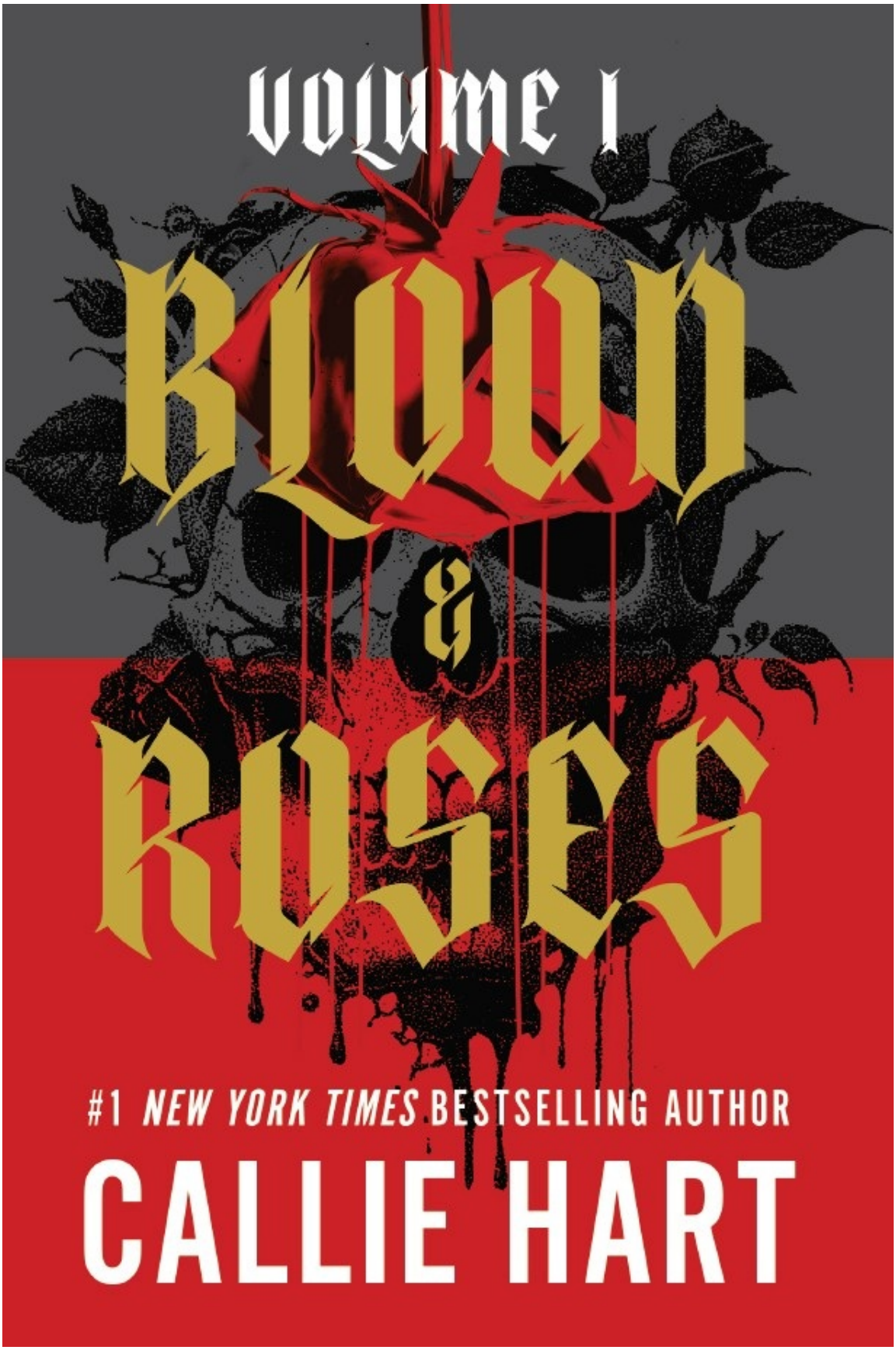
E por uma fração de segundo, ele sorriu com o sorriso mais comovente e lindo que já vi. "Eu te *amo* , Saeris Fane." Ele me beijou com força. E tantas coisas não ditas se passaram entre nós enquanto ele fazia isso. Promessas e esperanças. Juramentos e arrependimentos.

Ele se desvencilhou de mim e desapareceu.

Em quatro passos largos, ele se ergueu sobre aquele chamado Crave, agarrando-o pela frente da armadura e puxando-o do chão.

“Quem. . *é* você?” Crave engasgou. “Apenas.. semideuses podem manipular sombras.”

Khydan respirou fundo, ignorando a pergunta do homem. "Vim em busca de um dragão, como é meu direito. Chame nosso pai. *Diga-lhe que vim fazer uma troca.* "


VOLUME I
BLOOD & ROSES
#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
CALLIE HART

Sangue e Rosas Volume 1

O que acontece no escuro nunca permanece no escuro…

já a pré-encomenda do Volume 1 de Blood & Roses !

BookDrop

Pronto para sua próxima leitura?

Assine o BookDrop e receba as melhores ofertas de e-books, disponíveis por tempo limitado, de autores que você vai adorar, diretamente na sua caixa de entrada. Descubra novos favoritos e ofertas imperdíveis selecionadas a dedo em diversos gêneros, feitas sob medida para você pela nossa equipe de editores especialistas. Seja qual for o seu gosto, nós temos o que você procura.

Inscreva-se hoje em bookdropdeals.com

Ou siga-nos nas redes sociais:

/BookDropDeals

@BookDropDeals

Document Outline

- Índice
- Enxofre
  - PRÓLOGO
  - 1
    - SAERIS
  - 2
    - SAERIS
  - 3
    - MARTIM-PESCADOR
  - 4
    - MARTIM-PESCADOR
  - 5
    - SAERIS
  - 6
    - SAERIS
  - 7
    - SAERIS
  - 8
    - MARTIM-PESCADOR
  - 9
    - SAERIS
  - 10
    - SAERIS
  - 11
    - SAERIS
  - 12
    - SAERIS
  - 13
    - MARTIM-PESCADOR
  - 14
  - 15
    - MARTIM-PESCADOR
  - 16
    - SAERIS

- 17
  - MARTIM-PESCADOR
- 18
  - SAERIS
- 19
  - MARTIM-PESCADOR
- 20
  - SAERIS
- 21
  - MARTIM-PESCADOR
- 22
  - SAERIS
- 23
  - MARTIM-PESCADOR
- 24
- 25
  - MARTIM-PESCADOR
- 26
  - SAERIS
- 27
  - MARTIM-PESCADOR
- 28
  - SAERIS
- 29
  - SAERIS
- 30
  - SAERIS
- 31
  - MARTIM-PESCADOR
- 32
  - SAERIS
- 34
  - SAERIS
- 35
  - MARTIM-PESCADOR
- 36
  - SAERIS
- 37
  - MARTIM-PESCADOR

- 38
  - MARTIM-PESCADOR
- 39
- 40
  - SAERIS
- 41
  - SAERIS
- 42
  - SAERIS
- 43
  - MARTIM-PESCADOR
- 44
  - SAERIS
- 45
- 46
  - SAERIS
- 47
  - SAERIS
- 48
  - MARTIM-PESCADOR (Khydan Graystar Finvarra)
- 49
  - SAERIS
- 50
- 52
  - SAERIS